



Último Sacrificio

Richelle Mead

Academia de Vampiros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

RICHELLE MEAD

Último
Sacrifício

Série Academia de Vampiros -
Livro 6

Tradução de Ana Lu, Jackie, Luh, Kakyo, Lu, Ise, Stelinha, Ana
Laura, Alana, Bru, Ju, Anne, Nah, Finti & Mandy

Revisão de Poiesis (Marília)

Formatação de Leytor

Rose está sendo julgada por alta traição pela morte da Rainha Tatiana. Alguém a está tentando incriminar, e ainda parece que Dimitri pode não ser capaz de salvá-la agora.

UM

Eu não gosto de jaulas.

Eu nem mesmo gosto de ir ao zoo. A primeira vez em que eu fui em um, eu quase tive um ataque claustrofóbico olhando para aqueles pobres animais. Eu não conseguia imaginar qualquer criatura vivendo daquele jeito. Algumas vezes eu até mesmo me sentia mal pelos criminosos, condenados a viver numa cela. Eu certamente nunca tinha imaginado passar a minha vida em uma.

Mas ultimamente, a vida parecia estar me colocando em situações que eu nunca esperara, porque cá estava eu, trancafiada.

— Hey! — eu gritei, agarrando as barras de aço que me isolavam do mundo. — Por quanto tempo eu terei que ficar aqui? Quando é o meu julgamento? Você não pode me manter nesse calabouço pra sempre!

Tá, isso não era exatamente um calabouço, não no sentido escuro, cheio de correntes. Eu estava dentro de uma pequena cela com paredes planas, um piso plano, e bem... tudo plano. Imaculado. Estéril. Frio. Na verdade, era mais depressivo do que qualquer calabouço mofado que eu podia imaginar. As barras na entrada eram frias contra minha pele, duras e inflexíveis. Luzes fluorescentes faziam o metal brilhar num jeito que pareceu desagradável e irritante para os meus olhos. Eu podia ver o ombro de um homem parado rigidamente no lado da entrada da cela e sabia que provavelmente havia mais quatro guardiões no corredor fora da minha vista. Eu também sabia que nenhum deles ia me responder, mas aquilo não me impediu de continuar exigindo respostas deles constantemente pelos últimos dois dias.

Quando o silêncio usual veio, eu suspirei e afundei novamente na cama estreita no canto da cela. Como qualquer outra coisa na minha nova casa, a pequena cama era sem cor e rígida. É. Eu realmente

estava começando a desejar que eu estivesse num calabouço de verdade. Ratos e teias de aranha teriam, ao menos, me dado algo para assistir. Eu encarei o teto e imediatamente tive o desorientador sentimento que sempre tinha aqui: que o teto e as paredes iam se fechar contra mim. Como se eu não pudesse respirar. Como se as laterais da cela fossem continuar vindo até mim até que não sobrasse mais espaço, sugando todo o ar...

Eu sentei abruptamente, arfando. Não olhe para o teto e as paredes, Rose, briguei comigo mesma. Ao invés, eu olhei para minhas mãos entrelaçadas e tentei imaginar como foi que eu me meti nessa bagunça.

A resposta inicial era óbvia: alguém me enquadrou por um crime que eu não cometi. E não era um crime pequeno. Era assassinato. Eles tiveram a audácia de me acusar do maior crime que um Moroi ou dhampir poderiam cometer. Agora, isso não é dizer que eu nunca havia matado antes. Eu já matei. Eu também já cumpri minha cota de quebra de regras (e até mesmo da lei). Assassinato a sangue frio, porém, não estava no meu repertório. Especialmente não o assassinato de uma rainha.

Era verdade que a Rainha Tatiana não era uma amiga minha. Ela foi a fria e calculista governante dos Moroi — uma raça de vampiros vivos e usuários de magia que não matavam vítimas por sangue. Tatiana e eu tivemos uma relação dura por um número de razões. Uma era eu namorando seu sobrinho-neto, Adrian. O outro era minha desaprovação de suas políticas para combater os Strigoi — os maus, vampiros mortos vivos que perseguiram a todos nós. Tatiana me enganou muitas vezes, mas eu nunca a quis morta. Porém, aparentemente, alguém quis, e eles deixaram uma trilha de evidências ligadas diretamente a mim, a pior eram minhas digitais por toda a estaca que matou Tatiana. É claro, eram minhas digitais, então naturalmente teria minhas digitais. Ninguém pareceu achar que isso era relevante.

Eu suspirei novamente e tirei do meu bolso um pequeno e amassado pedaço de papel. Meu único material de leitura. Eu o

apertei na minha mão, sem a necessidade de olhar para as palavras. Faz tempo que eu as memorizei. O conteúdo da nota me fez questionar o que eu sabia sobre a Tatiana. Fez-me questionar muitas coisas.

Frustrada com meus arredores, eu escorreguei deles para os de outra pessoa: minha melhor amiga Lissa. Lissa era uma Moroi, e nós dividimos um laço psíquico, um que me permite ir até sua mente e ver o mundo através de seus olhos. Todos os Moroi dominavam um tipo de elemento mágico. O da Lissa era o Espírito, um elemento ligado à psique e poderes de cura. Era raro entre os Moroi, que normalmente usavam elementos físicos, e nós mal entendemos suas habilidades — que eram incríveis. Ela usou o espírito para me trazer de volta dos mortos alguns anos atrás, e foi isso que formou nosso laço.

Estar em sua mente me libertava da minha jaula, mas oferecia pouca ajuda para meu problema. Lissa tem trabalhado duro para provar minha inocência, desde que ouviu que todas as evidências estavam contra mim. Minha estaca ter sido usada no assassinado foi apenas o começo. Meus oponentes foram rápidos em lembrar a todos sobre meu antagonismo para com a rainha e até mesmo encontraram uma testemunha para testemunhar sobre meu paradeiro durante o assassinato. O testemunho me deixou sem um alibi. O Conselho decidiu que havia evidências o bastante para me mandar para um julgamento completo — onde eu receberia meu veredicto.

Lissa tem tentado desesperadamente conseguir a atenção das pessoas e as convencer de que foi um engano. Ela estava tendo problemas em encontrar alguém que ouvisse porque toda a Corte Real Moroi estava consumida com os preparativos para o elaborado funeral de Tatiana. A morte de um monarca era uma coisa grande. Moroi e dhampirs — meio vampiros como eu — viriam de todo o mundo para ver o espetáculo. Comida, flores, decorações, até mesmo músicos... tudo o que for possível. Se a Tatiana tivesse se casado, eu duvidava que o evento teria sido tão elaborado. Com tamanha atividade e barulho, ninguém se importava sobre mim

agora. Até onde as pessoas sabiam, eu estava seguramente encarcerada e incapacitada de matar novamente. O assassino da Tatiana foi encontrado. A justiça foi feita. Caso encerrado.

Antes que eu pudesse ter uma visão clara dos arredores da Lissa, um barulho na cadeia me puxou de volta para minha própria cabeça. Alguém havia entrado na área e estava falando com os guardas, pedindo para me ver. Era meu primeiro visitante em dias. Meu coração disparou, e eu voltei para as grades, esperando que fosse alguém que me diria que isso tinha sido um terrível engano.

Meu visitante não era exatamente quem eu esperava.

— Abe, — eu disse cansada. — O que você está fazendo aqui?

Abe Mazur estava em pé diante de mim. Como sempre, ele era um espetáculo para os olhos. Estávamos no meio do verão — quente e úmido, vendo que estávamos no meio da Pensilvânia rural — mas isso não o impediu de usar um terno completo. Era um terno chamativo, perfeitamente costurado e adornado com uma gravata de seda roxa brilhante, combinando com um cachecol que apenas parecia ser exagero. Jóias douradas brilhavam contra o arroxeadado de sua pele, e ele parecia ter aparado recente sua barba preta curta. Abe era um Moroi, e mesmo que ele não fosse da realeza, ele tinha influencia o bastante para ser.

Ele também era meu pai.

— Eu sou o seu advogado, — ele disse alegremente. — Estou aqui pra te dar assessoria jurídica, é claro.

— Você não é um advogado, — eu o lembrei. — E o seu ultimo conselho não funcionou tão bem. — Isso era maldade da minha parte. Abe — mesmo não tendo treinamento legal — me defendeu na minha audição. Obviamente, desde que eu estou trancafiada e seguindo para um julgamento, o êxito disso não tem sido muito bom. Mas, em toda a minha solidão, eu acabei percebendo que ele estava certo sobre uma coisa. Nenhum advogado, não importa quão bom, poderia ter me salvado na audição. Eu tinha que lhe dar crédito por ter investido numa causa perdida, considerando nossa

relação rudimentar, eu ainda não estava certa do motivo pelo qual ele o fizera. Minhas maiores teorias eram de que ele não confiava na realza e que ele sentiu uma obrigação paternal. Nessa ordem.

— Minha performance foi perfeita, — ele argumentou. — Só que no seu discurso convincente, quando você disse 'se eu fosse a assassina', não nos fez favor algum. Colocar aquela imagem na cabeça do juiz não foi a coisa mais inteligente que você poderia ter feito.

Eu ignorei a alfinetada e cruzei meus braços. — Então o que você está fazendo aqui? Eu sei que não é uma visita puramente paternal. Você nunca faz algo sem um propósito.

— Mas é claro que não. Para que fazer algo sem uma razão?

— Não comece com a sua lógica circular.

Ele piscou. — Não precisa ficar com ciúmes. Se você trabalhar duro e colocar sua mente nisso, você pode acabar herdando minhas brilhantes habilidades de lógica algum dia.

— Abe, — eu avisei. — Vá em frente.

— Tá, tá, — ele disse. — Eu vim lhe dizer que seu julgamento talvez seja reagendado.

— O-o que? Estas são ótimas notícias! — ao menos, eu achei que eram. A expressão dele dizia o contrario. A ultima vez que eu ouvi, meu julgamento poderia estar a meses a frente. O mero pensar nisso — ficar nessa cela por tanto tempo — me fez sentir claustrofóbica de novo.

— Rose, você consegue perceber que seu julgamento será quase como sua audição? Mesma evidencia e veredicto de culpada.

— Sim, mas tem que ter algo que possamos fazer antes disso, certo? Encontrar a prova pra me deixar limpa? — De repente, eu tive uma boa ideia de qual era o problema. — Quando você diz 'reagendado', a quanto tempo você se refere?

— Idealmente, eles gostariam de faze-lo depois que um novo rei ou rainha seja coroado. Você sabe, parte das festividades pós-

coroação.

Seu tom era desvolto, mas eu encarei seu olhar escuro, eu entendi o significado completo. Números crepitaram na minha mente. — O funeral é nessa semana, e as eleições são logo depois... Você está dizendo que eu poderia ir a julgamento e ser condenada em, o que, praticamente duas semanas?

Abe assentiu.

Eu voei contra as barras novamente, meu coração pulsando no meu peito. — Duas semanas? Sério?

Quando ele disse que o julgamento tinha sido reagendado, eu havia pensado que talvez estivesse há um mês. Tempo o bastante pra encontrar novas evidencias. Como é que eu poderia ter pensado nisso? Claro. Agora, o tempo estava correndo mais rápido. Duas semanas não era o bastante, especialmente com tanta atividade na Corte. Momentos atrás, eu estava ressentido o alongamento de tempo que eu poderia enfrentar. Agora, eu tinha muito pouco disso, e a resposta para minha próxima pergunta poderia piorar as coisas.

— Quanto tempo? — eu perguntei, tentando controlar o tremor na minha voz. — Quanto tempo após o veredicto para que eles... cumpram a sentença?

Eu ainda não sabia inteiramente o que eu havia herdado do Abe, mas nós claramente parecíamos compartilhar um traço: uma inabalável habilidade para entregar más notícias.

— Provavelmente imediatamente.

— Imediatamente. — Eu fui para trás, mal me sentando na cama, e então senti uma nova descarga de adrenalina. — Imediatamente? Então. Em duas semanas. Em duas semanas, eu posso estar... morta.

Porque era isso — a coisa que estava circulando minha mente no momento em que ficou claro que alguém havia implantado evidencias o bastante para me culpar. Pessoas que matavam rainhas não eram mandadas para a prisão. Elas eram executadas. Poucos crimes entre os Moroi e dhampirs tinham esse tipo de punição. Nós

tentávamos ser civilizados na nossa justiça, mostrando que somos melhores do que os Strigoi sedentos por sangue. Mas certos crimes, perante a lei, mereciam a morte. Certas pessoas mereciam isso, também — tipo assassinas traidoras. Enquanto o impacto total do futuro me atingia, eu me senti tremendo e lágrimas estavam perigosamente perto de escorrer de meus olhos.

— Isso não é justo! — eu disse a Abe. — Isso não é justo e você sabe disso!

— O que eu penso não importa, — ele disse calmamente. — Estou simplesmente entregando os fatos.

— Duas semanas, — eu repeti. — O que nós podemos fazer em duas semanas? Digo... você tem alguma pista, né? Ou... ou... você pode encontrar algo até lá? Essa é sua especialidade. — Eu estava gaguejando e sabia que soava histérica e desesperada. Claro, porque eu estava histérica e desesperada.

— Será difícil conquistar tanto, — ele explicou. — A Corte está preocupada com o funeral e com as eleições. As coisas estão desorganizadas — o que é bom e ruim.

Eu sabia tudo sobre os preparativos pela Lissa. Eu podia ver o caos crescente. Encontrar qualquer tipo de evidencia nessa bagunça não seria simplesmente difícil. Poderia muito bem ser impossível.

Duas semanas. Duas semanas e eu posso estar morta.

— Eu não posso, — disse a Abe, minha voz falhando. — Eu não... deveria morrer dessa forma.

— Oh? — ele arqueou uma sobrancelha. — Você sabe como você deveria morrer?

— Em batalha. — Uma lágrima pôde escapar, e eu rudemente a afastei. Eu vivi a minha vida com uma imagem de dureza. Eu não queria isso despedaçando, não agora quando isso era o mais importante. — Em batalha. Defendendo aqueles que amo. Não... não através de alguma execução planejada.

— Isso é uma batalha de sortes, — ele meditou. — Não apenas uma física. Duas semanas ainda são duas semanas. Isso é ruim? Sim. Mas é melhor do que uma semana. E nada é impossível. Talvez alguma nova evidencia apareça. Você simplesmente precisa esperar e ver.

— Eu odeio esperar. Essa sala... é tão pequena. Eu não consigo respirar. Vai me matar antes que os carrascos o façam.

— Eu duvido muito disso. — A expressão de Abe ainda era fria, com sinal algum de simpatia. Amor duro. — Você lutou contra grupos de Strigoi sem medo, ainda assim não pode ligar com uma sala pequena?

— É mais do que isso! Agora eu tenho que esperar cada dia nesse buraco, sabendo que tem um relógio contando minha morte e quase não há possibilidades de pará-lo.

— Às vezes os maiores testes da nossa força são situações que não são obviamente perigosas. Às vezes sobreviver é a coisa mais difícil.

— Oh. Não.Não. — Eu lancei, andando em pequenos círculos. — Não comece com toda essa droga de nobreza. Você soa como o Dimitri quando ele costumava me dar suas profundas lições de vida.

— Ele sobreviveu a essa mesma situação. Ele está sobrevivendo a outras coisas também.

Dimitri.

Eu inspirei profundamente, acalmando-me antes de responder. Até essa bagunça de assassinato, Dimitri era a maior complicação da minha vida. Um ano atrás — embora pareça uma eternidade — ele foi meu instrutor no colegial, treinando-me para ser um dos dhampir guardiões que protegem Moroi. Ele conseguiu isso — e muito mais. Nós nos apaixonamos, algo que não era permitido. Nós lidamos com isso o melhor que pudemos, até mesmo bolamos um jeito de ficarmos juntos. Essa esperança desapareceu quando ele foi mordido e transformado em Strigoi. Foi um pesadelo pra mim. Então, através de um milagre que ninguém acreditava ser possível, Lissa usou

espírito para transforma-lo de volta em um dhampir. Mas, infelizmente, as coisas não tornaram a ser exatamente como eram antes do ataque Strigoi.

Eu olhei para Abe. — Dimitri sobreviveu a isso, mas ficou horrivelmente deprimido! Ele ainda está. Sobre tudo... — Todo o peso das atrocidades que ele cometeu enquanto Strigoi assombravam Dimitri. Ele não conseguia se perdoar e jurava que nunca poderia amar alguém agora. O fato de eu ter começado a namorar com o Adrian não ajudava. Depois de um numero de esforços futeis, eu aceitei que o Dimitri e eu era passado. Eu segui em frente, esperando ter algo real com o Adrian agora.

— Certo, — Abe disse secamente. — Ele está deprimido, mas você é a imagem de felicidade e diversão.

Suspirei.

— Às vezes conversar com você é como conversar comigo mesma: muito irritante. Existe outra razão para você estar aqui? Outra além de me entregar as terríveis novidades? Eu estaria mais feliz vivendo na ignorancia. — Eu não deveria morrer desse jeito. Eu não deveria ver isso chegando. Minha morte não é algum compromisso marcado num calendário.

Ele deu de ombros.

— Eu só queria te ver. E suas acomodações.

Sim, ele queria mesmo, percebi. Os olhos de Abe sempre voltavam para mim enquanto falavamos; não houve uma pergunta sequer em que prendi sua atenção. Não havia nada em nossa ironia para preocupar os guardas. Mas de quando em quando, eu via o olhar do Abe passear ao redor, olhando o corredor, minha cela, a quaisquer outros detalhes que ele achasse interessante. Abe não ganhou sua reputação comozmey— a serpente — por nada. Ele estava sempre calculando, sempre procurando por uma vantagem. Parecia que minha tendência para planos loucos veio de familia.

— Eu também queria te ajudar a passar o tempo. — Ele sorriu e por debaixo de seu braço, ele me entregou duas revistas e um livro

através das barras. — Talvez isso vá melhorar as coisas.

Eu duvidava que qualquer entretenimento iria tornar a contagem de duas semanas para minha morte mais aturável. As revistas eram de moda e cabelo. O livro era O Conde de Monte Cristo. Eu o ergui, precisando fazer uma piada, precisando fazer qualquer coisa para tornar isso menos real.

— Eu vi o filme. Sua mensagem subliminar não é realmente tão subliminar. A não ser que tenha escondido algo aqui.

— O livro sempre é melhor do que o filme. — Ele começou a se virar. — Talvez nós tenhamos uma discussão literária na próxima vez.

— Espera. — Eu joguei o material de leitura na cama. — Antes de você ir... em toda essa bagunça, ninguém realmente descobriu quem a matou na verdade. — Quando Abe não respondeu diretamente, eu lancei-lhe um olhar afiado. — Você acredita que eu não fiz isso, né? — Até onde eu sabia, ele acreditava que eu era culpada e estava apenas tentando ajudar, mesmo assim.

— Eu acredito que minha doce filha é capaz de assassinato, — ele finalmente disse. — Mas não esse.

— Então quem fez isso?

— Isso, — ele disse antes de andar para longe, — é algo em que eu estou trabalhando.

— Mas você disse que estamos ficando sem tempo! Abe! — Eu não queria que ele fosse embora. Eu não queria ficar sozinha com meu medo. — Não há como consertar isso!

— Só se lembre do que eu te disse na sala do tribunal, — ele respondeu.

Ele saiu do meu campo de visão, e eu sentei na cama, lembrando-me daquele dia na corte. No final da audição, ele me disse — inflexivelmente — que eu não seria executada. Ou ir para um julgamento. Abe Mazur não era do tipo que fazia promessas vazias,

mas eu estava começando a pensar que mesmo ele tinha seus limites, especialmente desde que nosso tempo tinha sido reajustado.

Eu novamente peguei o amassado pedaço de papel e o abri. Também veio da sala do tribunal, foi-me entregue por Ambrose — Servo e brinquedinho da Tatiana.

Rose, se você está lendo isso, então algo terrível aconteceu. Você provavelmente me odeia, e eu não te culpo. Eu apenas posso pedir que você confie que o que eu fiz com o decreto da idade foi melhor para o seu povo do que os outros tinham planejado. Existem alguns Moroi que querem forçar todos os dhampirs a servirem, queiram eles ou não, usando compulsão. O decreto da idade desacelerou essa facção.

No entanto, eu lhe escrevo com um segredo que você deve resolver, e é um segredo que você deve partilhar com o menor número de pessoas possível. Vasilisa precisa de seu lugar no Conselho, e isso pode ser feito. Ela não é a última Dragomir. Outro vive, o filho ilegítimo de Eric Dragomir. Eu não sei de mais nada, mas se você puder encontrar esse filho ou filha, você dará a Vasilisa o poder que ela merece. Não importam suas faltas e seu temperamento perigoso, você é a única que eu sinto que pode cumprir essa tarefa. Não perca tempo.

Tatiana Ivashkov

As palavras não haviam mudado desde as últimas cem vezes que eu as havia lido, nem as perguntas a que elas sempre levavam. O bilhete era verdadeiro? Tatiana realmente o escreveu? Teria ela — em contraponto com sua atitude hostil — confiado em mim com esse conhecimento perigoso? Existiam doze famílias reais que decidiam pelos Moroi, mas por todas as intenções e propósitos, poderia muito bem existir apenas onze. Lissa era a última de sua linha, e sem outro membro da família Dragomir, a lei Moroi dizia que ela não tinha poder para se sentar e votar com o Conselho que faziam nossas decisões. Algumas leis bem ruins já foram feitas, e se o bilhete era verdadeiro, mais viriam. Lissa poderia lutar contra

essas leis — e algumas pessoas não gostariam disso, pessoas que já haviam mostrado suas boas intenções em matar.

Outro Dragomir.

Outro Dragomir queria dizer que Lissa poderia votar. Um voto a mais no Conselho poderia mudar muita coisa. Poderia mudar o mundo Moroi. Poderia mudar meu mundo — digamos, se eu seria considerada culpada ou não. E certamente, poderia mudar a vida de Lissa. Todo esse tempo ela acreditou estar sozinha. Ainda... eu me perguntava se ela acolheria um meio irmão. Eu aceitei que meu pai era um canalha, mas Lissa sempre teve seu pai sobre um pedestal, acreditando no melhor dele. Essa novidade viria como um choque, e mesmo que eu tenha treinado a minha vida toda para mantê-la a salvo de perigos físicos, eu estava começando a pensar que existiam outras coisas das quais ela precisava ser protegida.

Mas primeiramente, eu precisava da verdade. Precisava saber se o bilhete tinha realmente vindo da Tatiana. Eu estava certa de que poderia descobrir, mas envolvia algo que eu odiava fazer.

Bem, por que não? Não era como se eu tivesse outra coisa pra fazer no momento.

Levantando-me da cama, eu me virei de costas para as barras e encarei a parede vazia, usando-a como ponto de foco. Preparando-me, lembrando que eu era forte o bastante para manter o controle, libertei as barreiras mentais que eu subconsciente sempre deixei em minha mente. Uma grande pressão foi tirada de mim, como ar escapando de um balão.

E de repente, eu estava cercada por fantasmas.

DOIS

COMO SEMPRE, ERA DESORIENTADOR. Rostos e crânios, translúcidos e luminescentes, todos pairando ao meu redor. Eles se atraíam a mim, pairando em uma nuvem como se desesperadamente precisassem de algo. E na verdade, eles provavelmente precisavam. Os fantasmas que permaneciam nesse mundo não tinham descanso, almas que tinham motivos

para voltar. Quando Lissa me trouxe dos mortos, eu permaneci conectada ao mundo deles.

Tinha sido preciso muito trabalho e auto controle para aprender a bloquear os fantasmas que me seguiam. As wards mágicas que protegiam a Corte Moroi na verdade mantinham a maior parte dos fantasmas longe de mim, mas dessa vez, eu queria eles aqui. Dar a eles acesso, atraí-los... bem, era algo perigoso.

Algo que me disse que se havia algum espírito sem paz, seria a rainha que tinha sido assassinada em sua própria cama. Eu não vi nenhum rosto familiar neste grupo, mas não perdi a esperança.

— Tatiana, — eu murmurei, focando meus pensamentos no rosto da rainha morta. — Tatiana, venha até mim.

Uma vez fui capaz de convocar um fantasma facilmente: meu amigo Mason, que foi morto por um Strigoi. Embora Tatiana e eu não éramos tão próximas quando Mason e eu tínhamos sido, certamente tínhamos uma conexão. Por um tempo, nada aconteceu. O mesmo borrão de rostos estava diante de mim, na cela, e eu comecei a me desesperar. Então, de repente, ela estava ali.

Ela estava com as roupas que havia sido assassinada, uma camisola e um roupão cobertos de sangue. Suas cores estavam fracas, piscando como a tela de uma TV funcionando mal. Mesmo assim, a coroa em sua cabeça dava a ela o mesmo ar de realeza que eu lembrava. Assim que ela materializou, ela não disse ou fez nada.

Ela simplesmente me encarou, seu olhar negro praticamente perfurando minha alma. Várias emoções passaram pelo meu peito. Aquela reação que eu sempre tinha quando estava perto de Tatiana — raiva e ressentimento — aumentaram. Então, foi silenciada pela surpreendente onda de simpatia. A vida de ninguém deveria terminar como a dela.

Eu hesitei, temendo que os guardas me ouvissem. De alguma forma, eu tinha a sensação que o volume da minha voz não importava, e nenhum dele podia ver o que eu vi. Eu ergui o bilhete.

— Você escreveu isso? — eu suspirei. — Isso é verdade?

Ela continuou a encarar. O fantasma de Mason tinha se comportado de forma similar.

Convocar os mortos era uma coisa; se comunicar com eles era outra bem diferente.

— Eu preciso saber. Se tem outro Dragomir, eu vou encontrá-lo. — Não tinha porque dizer que eu não estava em posição para encontrar ninguém. — Mas você tem que me dizer. Você escreveu essa carta? É verdade?

Apenas aquele olhar louco me respondeu. Minha frustração cresceu, e a pressão de todos aqueles espíritos começou a me dar dor de cabeça. Aparentemente, Tatiana era tão irritante morta quanto tinha sido viva.

Eu estava prestes a trazer minhas proteções de volta e afastar os fantasmas quando Tatiana fez o menos dos movimentos. Foi um pequeno aceno, quase indetectável. Seus olhos duros então foram do bilhete em minha mão, e, do nada — ela desapareceu.

Eu coloquei de volta minhas proteções, usando toda minha vontade para me fechar aos mortos. A dor de cabeça não desapareceu, mas os rostos sim. Eu afundei de volta na cama e encarei o bilhete sem vê-lo. Ali estava minha resposta. O bilhete era real. Tatiana o tinha escrito. De alguma forma, eu duvidava eu o fantasma dela tivesse motivos pra mentir.

Me esticando, eu descansei minha cabeça no travesseiro e esperei aquela terrível sensação passar. Eu fechei meus olhos e usei o laço de espírito para retornar e ver o que Lissa estava fazendo. Desde minha prisão, ela esteve ocupando implorando e discutindo em meu nome, então esperei encontrar mais do mesmo. Ao invés disso... ela estava comprando um vestido.

Eu quase fiquei ofendida pela frivolidade da minha melhor amiga, até que percebi que ela estava procurando por um vestido para o funeral. Ela estava em uma das lojas da Corte, uma que servia as famílias reais. Para minha surpresa, Adrian estava com ela. Ver seu rosto familiar e bonito, acalmou um pouco do medo dentro de mim. Uma rápida vasculhada em sua mente, me disse porque ele estava lá: ela o convenceu a ir, porque não queria que ele ficasse sozinho.

Eu podia entender porquê. Ele estava completamente bêbado. Era surpreendente que ele conseguisse ficar de pé, na verdade, eu suspeitava que a parede em que ele estava inclina era tudo que o mantinha erguido. O cabelo castanho dele estava uma confusão — e não da forma proposital que ele geralmente arrumava. Seus olhos verdes profundos estavam vermelhos.

Como Lissa, Adrian era um usuário de espírito. Ele tinha uma habilidade que ela ainda não tinha: ele podia visitar os sonhos das pessoas. Eu esperei que ele me visitasse desde que fui presa, e agora fazia sentido o porque dele não ter feito. Alcool atordoava espírito. De certa forma, isso era algo bom. O espírito em excesso cria uma escuridão que leva os seus usuários a insanidade. Mas passar a vida eternamente bêbado também não é muito saudável.

Ver ele através dos olhos de Lissa disparou uma confusão emocional quase tão intensa quanto a que eu tinha experimentado com Tatiana. Eu me sentia mal por ele. Ele estava obviamente preocupado e chateado por mim., e os eventos da ultima semana o tinham ocupado tanto quanto o resto de nós. Ele também perdeu sua tia a quem, apesar de sua atitude brusca, ele gostava.

Ainda sim, apesar de tudo isso, eu me senti... . desprezada. Isso era injusto, talvez, mas não conseguia evitar. Eu gostava tanto dele

e entendia o porque dele estar chateada, mas havia formas melhores de lidar com sua perda. Seu comportamento era quase covarde. Ele estava se escondendo de seus problemas com uma garrafa, algo que ia contra toda minha natureza. Eu?

Eu não podia deixar meus problemas ganharem sem lutar.

— Veludo, — a lojista disse a Lissa com certeza. A mulher Moroi ergueu um volumoso vestido de gala. — Veludo é uma tradição entra a corte real.

Junto com o resto da fanfarra, o funeral de Tatiana ia ter uma escolta cerimonial andando junto com o caixão, com um representante de cada família. Aparentemente, ninguém se importava que Lissa cumprisse aquele papel pela sua família. Mas votar? Esse era outro assunto.

Lissa olhou o vestido. Parecia mais uma fantasia de Halloween do que um vestido de funeral.

— Está 32 graus lá fora, — disse Lissa. — E úmido.

— Tradição exige sacrifícios, — a mulher disse de forma dramática. — Assim como a tragédia.

Adrian abriu sua boca, sem dúvidas para dizer algum comentário desapropriado de gozação.

Lissa deu a ele um olhar afiado que o manteve quieto. — Não tem, eu não sei, alguma opção sem mangas?

Os olhos da vendedora se alargaram. — Ninguém nunca usou manca curta para um funeral real. Não seria certo.

— Que tal shorts? — perguntou Adrian. — Tem algum problema se usarmos com uma gravata? Porque é com isso que eu vou.

A mulher parecia horrorizada. Lissa deu a Adrian um olhar de desdém, não por causa do comentário — que ela achou divertido — mas porque ela também estava enojada com seu constante estado de intoxicação.

— Bem, ninguém me trata como alguém realmente da realeza, — disse Lissa, se voltando para o vestido. — Não tem porque agir como

uma agora. Me mostre o que você tem de manga cavada e manga curta.

A vendedora fez uma careta, mas obedeceu. Ela não tinha problemas em aconselhar a realeza sobre moda mas não se atreveria a ordenar que fizessem ou usassem qualquer coisa. Isso era parte das classes do nosso mundo. A mulher andou pela loja e encontrou os vestidos requisitados, assim que o namorado de Lissa e sua tia entraram na loja.

Christian Ozero, eu pensei, era como Adrian deveria estar agindo. O fato de que eu sequer podia pensar assim era surpreendente. As coisas realmente mudaram, já que estou vendo Christian como um modelo a se seguir. Mas era verdade. Eu observei ele com Lissa a última semana, e Christian esteve determinado e firme, fazendo o que podia para ajudar ela a lidar com a morte de Tatiana e minha prisão. Pela sua cara agora, era obvio que ele tinha algo importante a dizer.

Sua tia, Tasha Ozero, era outra que permanecia forte e com graça sobre pressão. Ela o criou depois que seus pais se tornaram Strigoi — e atacaram ela, deixando Tasha com cicatrizes em um lado de seu rosto. Moroi sempre confiaram em guardiões para defendê-los, mas depois desse ataque, Tasha decidiu tomar providencias com as próprias mãos. Ela aprendeu a lutar, treinou com todo tipo de corpo a corpo e armas. Ela era bem fodona e constantemente insistia que outros Moroi deveriam aprender combate também.

Lissa soltou o vestido que estava examinando e foi até Christian ansioso. Depois de mim, ela não confiava em mais ninguém no mundo, tanto quanto ele. Ele tinha sido sua pedra durante tudo isso.

Ele olhou ao redor, não parecendo muito alegre por estar cercado de vestidos. — Vocês estão fazendo compras? — ele perguntou, olhando de Lissa para Adrian. — Tirando um pouco de tempo para garotas?

— Hey, você tem benefícios em mudar seu guarda-roupa, — disse Adrian. — Além do mais, eu aposto que você ficaria ótimo em uma bata.

Lissa ignorou a conversa de homem e se focou nos Ozeras. — O que você descobriu?

— Eles decidiram não agir, — disse Christian. Seus lábios curvados em desdém. — Bem, nenhum tipo de punimento.

Tasha acenou. — Estamos tentando forçar a ideia de que ele apenas pensou que Rose estava em perigo e pulou antes de perceber o que estava acontecendo.

Meu coração parou. Dimitri. Eles estavam falando de Dimitri.

Por um momento, eu não estava mais com Lissa. Eu não estava mais na minha cela. Ao invés disso, eu estava de volta ao dia da minha prisão. Eu estava discutindo com Dimitri na cafeteria, xingando ele por sua recusa continua de conversar comigo, muito menos continuar nossa antiga relação. Naquele instante eu decidi que tinha terminado tudo, que as coisas realmente tinham acabado e que eu não ia permitir que ele continuasse a partir meu coração. Foi quando os guardiões vieram atrás de mim, e não importava o que Dimitri dizia sobre seu tempo como Strigoi tornar impossível ele me amar, ele reagiu como um raio para me defender. Ele estava em menor número, mas não se importou. O olhar em seu rosto — e meu próprio entendimento dele — me disseram tudo que eu precisava saber. Eu estava enfrentando uma ameaça. Ele tinha que me proteger.

E ele o tinha feito. Ele lutou como o deus que ele foi em na Academia St. Vladimir, quando me ensinou como lutar com Strigoi. Ele incapacitou mais guardiões naquela cafeteria do que um homem deveria ser capaz. A única coisa que terminou tudo — e eu realmente acredito que ele teria lutado até seu último suspiro — tinha sido minha intervenção. Eu não sabia, naquela hora, o que estava acontecendo e porque uma legião de guardiões queria me prender. Mas eu percebi que Dimitri corria sério risco de prejudicar seu já frágil status na corte. Um Strigoi restaurado não era algo conhecido, e muitos ainda não confiavam nele. Pouco eu sabia do que estava guardado para mim.

Ele foi a minha audiência — escoltado — mas nem Lissa nem eu o tínhamos visto desde então.

Lissa esteve trabalhando duro para inocentar ele de qualquer coisa, temendo que eles o prendessem de novo. E eu? Eu estive tentando dizer a mim mesma para não pensar demais no que ele tinha feito. Minha prisão e potencial execução tinham precedente. Ainda sim... eu ainda me preocupava. Porque ele tinha feito isso? Porque ele tinha arriscado sua vida pela minha? Foi uma reação instintiva a ameaça? Ele o tinha feito como um favor a Lissa, a quem ele jurou ajudar por tê-lo libertado? Ou ele tinha o feito porque ainda tinha sentimentos por mim?

Eu ainda não tinha a resposta, mas ver ele assim, como o poderoso Dimitri do meu passado, tinha remexido sentimentos que eu estava desesperadamente tentando superar. Eu continuei tentando assegurar a mim mesma que se recuperar de uma relação leva tempo. Sentimentos que demoram a sumir são naturais. Infelizmente, levava mais tempo superar um cara quando ele se joga no perigo por você.

Independentemente, as palavras de Christian e Tasha me deram esperança sobre o destino de Dimitri. Afinal de contas, eu não era a única andando por uma linha tênua entra a vida e a morte. Aqueles convencidos que Dimitri ainda era um Strigoi queriam empalar seu coração.

— Eles estão mantendo ele confinado de novo, — disse Christian.
— Mas não numa cela. Só em seu quarto, com alguns guardas. Eles não querem ele solto pela Corte até tudo se acalmar.

— Isso é melhor que prisão, admitiu Lissa.

— Ainda é um absurdo, — respondeu Tasha, mais para ela mesma do que para os outros. Ela e Dimitri foram amigos por anos, e uma vez ela quis levar a relação a outro nível. Ela se conformou com amizade, e seu ultraje pela injustiça feita com ele era quase tão grande quanto o nosso. — Eles deveriam ter deixado ele ir assim que se tornou um dhampir novamente. Assim que as eleições forem feitas, vou me certificar que ele seja liberto.

— E é isso que é estranho... — os olhos azuis de Christian se estreitaram pensativos. — Nós ouvimos que Tatiana disse a outros antes dela — antes dela... — Christian hesitou e olhou agitado para Adrian. A pausa não era característica de Christian, que geralmente falava o que pensava sem pestanejar.

— Antes dela ser assassinada, — disse Adrian, sem olhar para nenhum deles. — Continue.

Christian engoliu. — Hum, yeah. Eu acho — não em publico — ela anunciou que ela acreditava que Dimitri era realmente um dhampir novamente. O plano dela era ajudar ele a ser aceito assim que as outras coisas se acalmassem. — *As outras coisas* eram a lei de idade mencionada no bilhete de Tatiana, aquela que dizia que dhampirs que fizessem 16 anos seriam forçados a se formar e defender os Moroi. Isso tinha me enfurecido, mas como tantas outras coisas agora... bem, isso estava meio que deixado em espera.

Adrian fez um estranho som, como se estivesse limpando sua garganta. — Ela não fez isso. — Christian deu de ombros. — Muitos dos conselheiros dela disseram que ela fez. Esse é o rumor.

— Eu tenho dificuldades em acreditar também, — Tasha disse a Adrian. Ela nunca aprovou a política de Tatiana e veementemente falou contra eles mais de uma ocasião. Mas a descrença de Adrian não era política. A dele simplesmente vinha das ideias que ele sempre ouviu de sua tia. Ela nunca deu qualquer indicio de que queria ajudar Dimitri recuperar seu antigo status.

Adrian não fez mais nenhum comentário, mas eu sabia que o assunto estava acendendo faíscas de ciúmes dentro dele. Eu disse a ele que Dimitri estava no passado e que eu estava pronta para seguir em frente, mas Adrian — como eu — deve ter sem duvidas imaginado quais as motivações por trás da defesa galante de Dimitri.

Lissa começou a especular como eles poderiam tirar Dimitri de sua prisão domiciliar quando a vendedora voltou com um vestido sem mangas que ela claramente não aprovava. Mordendo os lábios, Lissa ficou em silencio. Ela pensou na situação de Dimitri como algo

para lidar depois. Ao invés disso, ela se preparou para experimentar roupas e seguir seu papel como uma boa garota da realeza.

Adrian se animou ao ver o vestido. — Tem algum cabresto aí?

Eu voltei a minha própria cela, revolvendo os problemas que pareciam se acumular. Eu estava preocupada tanto com Adrian como Dimitri. Estava preocupada comigo mesma. Eu também estava preocupada com o tal Dragomir perdido. Eu estava começando a acreditar que a história poderia ser real, mas não podia fazer nada sobre isso, o que me frustrava. Eu precisava fazer algo quando se tratava de ajudar Lissa. Tatiana tinha me dito na sua carta para ter cuidado com quem eu falava sobre o assunto. Eu deveria passar essa missão para outra pessoa? Eu queria cuidar disso, mas as grades e as paredes sufocantes ao meu redor diziam que eu talvez não fosse capaz de cuidar de nada por um tempo, nem mesmo da minha própria vida.

Duas semanas. Sem precisar de mais nenhuma distração, eu desisti e comecei a ler o livro de Abe, que era o conto de uma prisão injusta, como eu esperava que fosse. Era muito bom e me ensinou que fingir minha própria morte aparentemente não funcionaria como um método para escapar. O livro inesperadamente revivia as antigas memórias. Um calafrio passou pela minha espinha quando me lembrei da leitura de Tarot que uma Moroí chamada Rhonda tinha feito. Ela era tia de Ambrose, e uma das cartas que ela tirou para mim mostravam uma mulher amarrada a espadas.

Um aprisionamento errado. Acusações. Calúnia. Merda. Eu estava realmente começando a odiar aquelas cartas. Eu sempre insisti que eram uma fraude, ainda sim, elas tinham a irritante tendência a se tornarem realidade. O fim de sua leitura tinha me mostrado uma jornada, mas onde? Uma prisão de verdade? Minha execução?

Perguntas sem respostas. Bem vindo ao meu mundo. Sem opções por agora, eu achei que seria melhor descansar. Me esticando na cama, eu tentei afastar aquelas constantes preocupações. Não era fácil. Toda vez que eu fechava meus olhos, eu via um juiz, segurando um martelo, me condenando a morte. Eu

via meu nome nos livros de história, não como uma heroína, mas como uma traidora.

Deitada ali, sufocando meus próprios medos, eu pensei em Dimitri. Eu imaginei sua olhar firme e praticamente podia ouvir ele me dando sermão. *Não se preocupe agora com o que você não pode mudar. Descanse quando puder para estar pronta para as batalhas de amanhã.*

Esse conselho imaginado me acalmou. O sono veio, finalmente, pesado e profundo. Eu me revirei muitas vezes essa semana, então um verdadeiro descanso foi bem vindo.

Então eu acordei.

Eu sentei na cama, meu coração batendo. Olhando ao redor, eu procurei perigo — qualquer ameaça que poderia ter me arrancado do meu sono. Não havia nada. Escuridão. Silêncio. O fraco barulho de cadeiras pelo corredor me disseram que os guardas ainda estavam por perto.

O laço, eu percebi. O laço tinha me acordado. Eu senti uma afiada, intensa sensação de... o que? Intensidade. Ansiedade. Uma onda de adrenalina. Pânico passou por mim, e eu me afundei dentro de Lissa, tentando encontrar o que tinha causado essa emoção dentro dela.

O que eu encontrei foi... nada.

O laço se fora..

TRÊS

BEM, NÃO SE FORA EXATAMENTE. Ficou mudo. Meio como eu tinha me sentido imediatamente depois dela restaurar Dimitri de volta a um dhampir. A mágica tinha sido tão forte ali que tinha — queimado — nossa ligação. Não havia uma onda de magia agora. Era quase como se a escuridão fosse intencional por parte dela. Como sempre, eu ainda sentia Lissa: ela estava viva, ela estava bem. Então o que me impedia de senti-la mais? Ela não estava dormindo, porque eu podia sentir uma sensação de alerta consciência do outro lado da parede. Espírito estava ali, escondendo ela de mim... e ela estava fazendo isso acontecer.

O que diabos? Era um fato de que nosso laço só funcionava de um lado. Eu podia sentir ela; ela não podia me sentir. Do mesmo jeito, eu podia controlar quando ia na mente dela. Geralmente, eu tentava me manter longe (excluindo-se o tempo de cativo na prisão), numa tentativa de proteger sua privacidade. Lissa não tinha tanto controle, e sua vulnerabilidade a enfurecia as vezes. De vez em quando, ela podia usar seu poder para se proteger de mim, mas era raro, difícil, e requeria um considerável esforço de sua parte. Hoje, ela estava conseguindo, e conforme a condição persistia, eu podia sentir a força dela. Me manter de fora não era fácil, mas ela estava conseguindo. É claro, eu não me importava como. Eu queria saber porque.

Era provavelmente meu pior dia de aprisionamento. Medo por mim mesma era uma coisa. Mas por ela? Isso era agonizante. Se fosse minha vida ou a dela, eu teria andando até a execução sem hesitar. Eu precisava saber o que estava acontecendo. Ela tinha sabido de algo?

O Conselho decidiu pular o julgamento e me executar? Lissa estava tentando me proteger daquela notícia? Quanto mais espírito

ela usava, mais ela colocava em perigo sua vida. Essa parede mental exigia muita magia. Mas porque? Porque ela estava se arriscando?

Eu fiquei surpresa, naquele momento, por perceber o quanto eu dependia do laço para saber dela. Verdade: eu nem sempre dava boas vindas ao pensamento de outro pessoa em minha mente. Apesar do controle que aprendi, sua mente as vezes ainda entrava na minha em momentos que eu preferia não experimentar. Nada disso era uma preocupação agora — apenas sua segurança era. Ser bloqueada era como ter um membro removido.

O dia todo eu tentei entrar na sua mente. Toda vez, eu ficava de fora. Era enlouquecedor.

Nenhuma visita apareceu, e o livro e as revistas a muito tinham perdido seu objetivo. A sensação de um animal enjaulado estava me preenchendo de novo, e eu passei uma enorme quantidade de tempo gritando com meus guardas — sem resultado. O funeral de Tatiana era amanhã, e o relógio para o meu julgamento estava batendo alto.

A hora de dormir veio, e a parede no nosso laço finalmente caiu — porque Lissa foi dormir. O link entre nós era firme, mas sua mente estava fechada inconsciente. Eu não encontraria respostas ali. Deixada sem mais nada, eu também fui dormir, me perguntando se seria cortada novamente pela manha.

Não fui. Eu e ela estávamos ligadas de novo, e eu fui capaz de ver o mundo pelos olhos dela mais uma vez. Lissa acordou cedo, preparando-se para o funeral. Eu não vi nem senti nenhum sinal do porque fui bloqueada um dia antes. Ela estava permitindo que eu voltasse a sua mente, como normalmente. Eu quase me perguntei se tinha imaginado ser cortada da mente dela.

Não... ali estava. Fraco. Dentro da sua mente, eu senti os pensamentos que ela escondia de mim. Eles eram escorregadios. Cada vez que eu tentava alcançar um, eles caíam de minhas mãos. Eu fiquei surpresa dela ainda conseguir usar mágica para isso, e também era uma clara indicação que ela me bloqueou intencionalmente ontem. O que estava acontecendo? Porque diabo

ela precisaria esconder algo de mim? O que eu poderia fazer, presa nesse buraco dos infernos? De novo, minha agitação cresceu. Que coisa terrível eu não sabia?

Eu observei Lissa se aprontar, sem ver qualquer sinal de qualquer coisa anormal. O vestido que ela escolher tinha mangas curtas e ia até seus joelhos. Preto, é claro. Não era um vestido inapropriado, mas ela sabia que ia chamar atenção de alguém. Em circunstâncias diferentes, isso teria me deixado maravilhada. Ela escolheu usar seu cabelo solto, seu loiro palido brilhando contra o preto do vestido quando ela se olhou no espelho.

Christian encontrou Lissa lá fora. Ele também se arrumou, eu tinha que admitir, usando uma camisa e grava. Ele desenhou a linha de uma jaqueta, e sua expressão era uma estranha mistura de nervosismo, segredo, e uma típica arrogância. Quando ele viu Lissa, no entanto, seu rosto momentaneamente se transformou, ficando radiante e focado totalmente no olhar dela. Ele deu a ela um pequeno sorriso e a pegou nos braços para um breve abraço. O toque dele trouxe a ela contentamento e conforto, acalmando sua ansiedade. Eles voltaram recentemente, depois de terminarem, e aquele tempo separados foi agonizante para ambos.

— Vai ficar tudo bem, — ele murmurou, seu olhar de preocupação retornando. — Isso vai funcionar. Podemos fazer isso.

Ela não disse nada mas apertou seus braços nele antes de se afastar. Nenhum deles falou enquanto entravam no início do procedimento do funeral. Eu decidi que isso era muito suspeito. Ela pegou a mão dele e se sentiu fortalecida.

Os procedimentos do funeral para monarcas Moroi era o mesmo a séculos, não importa se a Corte era na Romênia ou nessa nova casa na Pensilvânia. Esse era o jeito Moroi. Eles misturam tradição com o modernismo, magia com tecnologia.

O caixão da rainha seria carregado por portadores de fora do palácio e levado com grande cerimônia através da Corte, até alcançar a Catedral. Lá, um grupo selecionado entraria para a missa. Depois, Tatiana seria enterrada no cemitério da igreja, tomando seu

lugar ao lado de outros monarcas e importantes membros da realeza.

A rota do caixão era fácil de ver. Postes vermelhos e pretos marcavam cada lado. Pétalas de rosa foram colocadas no chão por onde o caixão passaria. Nas laterais, as pessoas se amontoavam juntas, esperando ver a antiga rainha. Muitos Moroi tinham vindo de todas as partes, alguns para ver o funeral e alguns para ver a eleição do monarca que aconteceria na próxima semana.

A família real — a maioria usando o vestido preto de veludo — já estava tomando seu lugar no prédio. Lissa parou do lado de fora para se separar de Christian, já que ele nunca esteve na disputa para representar sua família num evento tão honrado. Ela deu a ele outro abraço apertado e um leve beijo. Assim que se afastaram, houve um brilho de sabedoria naqueles olhos azuis — aquele segredo que estava escondido de mim.

Lissa passou pela multidão, tentando chegar na entrada e encontrar o ponto de partida da procissão. O prédio não parecia com o antigo palácio ou castelo da Europa. Suas grandes pedras e janelas combinavam com a estrutura da Corte, mas algumas características — seus grandes e largos degraus de mármore — se distinguiram de outros prédios. Um puxão no braço de Lissa impediu o progresso, quase fazendo ela dar um encontrão num senhor Moroi.

— Vasilisa? — Era Daniella Ivashkov, a mãe de Adrian. Daniella não era tão ruim, e ela não se importava que eu e Adrian estivéssemos saindo — ou pelo menos, ela não se importava antes de ser acusada de assassinato. A maior parte da aceitação de Daniella se baseava no fato de que ela acreditava que Adrian e eu nos separaríamos de qualquer forma assim que eu recebesse minha missão de guardiã. Daniella também tinha convencido um de seus primos, Damaon Tatus, a ser meu advogado — uma oferta que rejeitei quando escolhi Abe a me representar no lugar dele. Eu ainda não tinha certeza se tomei a melhor decisão, mas provavelmente queimou a forma como Daniella me via, do que eu me arrependia.

Lissa deu um nervoso sorriso. Ela estava ansiosa para se juntar a procissão e acabar com tudo isso. — Oi, — ela disse.

Daniella estava vestida de veludo preto e até tinha pequenos diamantes colocados em seu cabelo negro. Preocupação e agitação marcavam seu rosto bonito. — Você viu Adrian? Não encontrei ele em lugar algum. Nós checamos seu quarto.

— Oh, — Lissa desviou o olhar.

— O que? — Daniella quase sufocou ela. — O que você sabe?

Lissa suspirou.

— Eu não tenho certeza de onde ele está, mas vi ele ontem a noite quando estava voltando de uma festa. — Lissa hesitou, como se estivesse muito envergonhada para contar o resto. — Ele estava... muito bêbado. Mais do que já vi. Ele estava saindo com algumas garotas, e eu não sei onde. Desculpe, Lady Ivashkov. Ele provavelmente... bem, desmaiou em algum lugar.

Daniella soltou suas mãos, e demonstrou sua descrença. — Eu espero que ninguém note. Talvez possamos dizer... que ele estava sobrecarregado de dor. Tem tanta coisa acontecendo. Certamente ninguém vai notar. Você vai dizer a eles, certo? Você vai dizer o quão chateado ele estava?

Eu gosto de Daniella, mas essa obsessão com a imagem realmente esta começando a me incomodar. Eu sabia que ela ama o filho, mas sua principal preocupação parecia ser menos sobre o ultimo descanso de Tatiana e mais sobre o que os outros vão pensar sobre a quebra de protocolo.

— É claro, — disse Lissa. — Eu não iria querer que alguém... bem, eu odiaria que isso se espalhasse.

— Obrigada. Agora vá. — Daniella gesticulou para as portas, ainda parecendo ansiosa. — Você precisa tomar seu lugar. — Para surpresa de Lissa, Daniella deu um gentil tapinha em seu braço.

— E não fique nervosa. Você vai se sair bem. Só mantenha sua cabeça erguida.

Guardiões que estavam parados na porta reconheceram Lissa como alguém com acesso e a deixaram entrar. Lá, no foyer, estava o caixão de Tatiana. Lissa franziu, de repente sobrepujada, e quase esqueceu o que estava fazendo ali.

Só o caixão já era uma obra de arte. Ele era feito de madeira preta, polido até brilhar. Elaborados jardins foram pintados em cores metálicas de cada lado. Ouro brilhava em toda parte, incluindo as haste que os portadores iriam segurar. Aquelas hastes estavam decoradas com rosas cor da malva. Parecia que os espinhos e folhas iriam dificultar o aperto firme dos portadores, mas isso era problema deles.

Lá dentro, descoberta e deitada numa cama de mais rosas cor da malva, estava Tatiana. Era estranho. Eu vejo corpos o tempo todo. Diabos, eu os crio. Mas ver um corpo que foi preservado, deitado pacificamente e ornamentado... bem, era arrepiante. Era estranho para Lissa também, particularmente já que ela não tinha que lidar com a morte tanto quanto eu.

Tatiana usava um vestido de seda que era de um tom púrpura — a cor tradicional para um enterro real. O vestido tinha mangas longas que eram decoradas com um elaborado design de pequenas pérolas. Eu geralmente via Tatiana de vermelho — uma cor associada a família Ivashkov — e eu estava feliz com o púrpura tradicional. Um vestido vermelho seria um lembrete muito forte das fotos ensanguentadas dela que eu vi na audiência, fotos que eu tentava bloquear. Fios de gemas e mais pérolas estavam em seu pescoço, e uma coroa de ouro cheia de diamantes e ametistas estava em seu cabelo. Alguém tinha feito um bom trabalho com a maquiagem de Tatiana, mas nem eles puderam esconder a brancura de sua pele. Moroi já são naturalmente brancos. Mortos, eles são como carvão — como Strigoi. A imagem atingiu Lissa tão vividamente que ela se balançou e teve que desviar o olhar. O cheiro de rosas enchia o ar, mas havia um cheiro de apodrecimento misturado em toda aquela doçura.

O coordenador do funeral viu Lissa e mandou que ela fosse a sua posição — depois de fazer uma careta pela escolha do vestido de Lissa. As palavras afiadas fizeram Lissa voltar a realidade, e ela foi para linha com 5 outros membros da realeza do lado direito do caixão. Ela tentou não olhar muito para o corpo da rainha, e direcionar seu olhar para o outro lado. Os portadores logo apareceram e ergueram o caixão usando as hastes de rosas para colocar o caixão em seus ombros e devagar o carregaram para multidão. Todos os portadores eram dhampirs. Eles usavam ternos formais, o que me confundiu a princípio, mas então percebi que todos eram guardiões da Corte — a não ser Ambrose. Ele parecia tão lindo como sempre e encarava a frente enquanto fazia seu trabalho, o rosto em branco e sem qualquer expressão.

Eu me perguntei se Ambrose estava em luto por Tatiana. Eu estive tão fixada em meus próprios problemas que fico esquecendo que uma vida foi perdida, uma vida que muitos amaram. Ambrose defendeu Tatiana quando eu fiquei com raiva por causa da lei da idade.

Observando ele pelos olhos de Lissa, eu desejei estar lá para falar com ele pessoalmente. Ele deveria saber algo mais sobre a carta que ele me deu no dia da audiência. Certamente ele não era apenas o entregador.

A procissão seguiu em frente, interrompendo meus pensamentos sobre Ambrose. Antes e a frente do caixão haviam outras pessoas. Pessoas da realeza com roupas elaboradas, fazendo uma demonstração. Guardiões uniformizados carregavam bandeiras. Músicos com flautas andavam atrás, tocando um tom fúnebre. Por sua parte, Lissa era muito boa em aparecer em público e conseguiu seguir o passo lento e firme com elegância e graça, seu olhar firme e confiante. Eu não podia ver seu corpo, é claro, mas era fácil imaginar o que os espectadores viam. Ela era linda e própria da realeza, digna de herdar o legado Dragomir, e com sorte mais e mais pessoas iam perceber isso. Nos pouparia muitos problemas se alguém mudasse a lei pelo procedimento normal, para não termos que depender de uma busca por um irmão perdido.

Andar pela rota do funeral levou muito tempo. Mesmo quando o sol estava começando a afundar no horizonte, o calor do dia ainda estava no ar. Lissa começou a suar mas sabia que seu desconforto não era nada comparado ao dos portadores. Se a multidão que observava sentia o calor, eles não demonstraram. Eles erguiam seus pescoços para ter um último deslumbre do espetáculo passando diante deles.

Lissa não prestou muita atenção nas pessoas ao redor, mas em seus rostos, eu vi que aquele caixão não era seu único foco.

Eles também observavam Lissa. O rumor do que ela tinha feito por Dimitri tinha passado pelo mundo Moroi, e embora muitos aqui ainda estivessem sépticos sobre sua habilidade de curar, haviam muitos que acreditavam. Eu vi expressões de maravilha e temor na multidão, e por um segundo, eu me perguntei quem eles realmente vieram ver: Lissa ou Tatiana?

Finalmente, a catedral apareceu a vista, o que era uma boa notícia para Lissa. O sol não matava Moroi como Strigoj, mas o calor e a luz do sol ainda era um desconforto para muitos vampiros. A procissão estava quase no fim, e ela, sendo uma daquelas que tinha permissão para entrar na igreja, logo iria aproveitar o ar condicionado.

Enquanto eu estava nos arredores, eu não conseguia parar de pensar que círculo de ironia minha vida era. Dos lados da igreja haviam duas gigantes estátuas de monarcas Moroi, um rei e uma rainha que tinham ajudado os Moroi a prosperar. Embora eles estivessem a uma distância considerável da igreja, as estátuas brilhavam luminosas, como se estivessem examinando tudo. Perto da estátua da rainha, havia um jardim que eu conhecia bem. Eu fui forçada a limpá-la em punição por fugir para Las Vegas. Meu verdadeiro propósito naquela viagem — que ninguém sabia — tinha sido libertar Victor Ivaskov da prisão. Victor era um inimigo antigo, mas ele e seu irmão Robert, um usuário de espírito, sabiam o que precisávamos para curar Dimitri.

Se algum guardião descobrisse que eu libertei Victor — e depois o perdi — meu castigo seria muito pior do que cortar grama e limpar estatuas. Pelo menos fiz um bom trabalho com o jardim, eu pensei amargamente. Se eu fosse executada, eu deixaria uma marca duradoura na Corte.

Os olhos de Lissa pairaram em uma das estátuas por um bom tempo antes de voltar sua atenção a igreja. Ela estava suando muito agora, e eu percebi que uma parte disso não era apenas calor. Ela também estava ansiosa. Mas porque? Porque ela estava tão nervosa? Isso era apenas uma cerimônia. Tudo que ela tinha que fazer era seguir a onda. Ainda sim... ali estava de novo. Outra coisa estava incomodando ela. Ela ainda estava mantendo alguns pensamentos longe de mim, mas alguns vazaram em sua preocupação.

Muito perto, muito perto. Estamos nos movendo muito rápido.

Rápido? Não pela minha estimativa. Eu nunca teria conseguido lidar com esse passo lerda e firme. Eu me sentia especialmente mal pelo portadores. Se eu fosse um, eu teria dito para o inferno com a propriedade e tinha começado a correr até meu destino final. É claro, isso poderia ter remexido o corpo. Se o coordenador do funeral estava chateado com o vestido de Lissa, não tinha como saber como ela reagiria se Tatiana caísse do caixão.

Nossa vista da catedral estava ficando clara, seus domos brilhando em âmbar e laranja com o sol que se punha. Lissa ainda estava muitos metros de distância, mas o padre parado na frente estava claramente visível. Suas vestes eram quase cegantes. Elas eram feitas de fios de ouros, longas e cheias. Um chapéu com uma cruz, também de ouro, estava em sua cabeça.

Eu achava que era de mal gosto para ele brilhar mais que as roupas da rainha, mas talvez essa fosse a roupa normal dos padres em ocasiões formais. Talvez chamasse a atenção de Deus. Ele ergueu seus braços dando boas vindas, mostrando mais daquele rico tecido. O resto da multidão e eu não podíamos nos impedir de ficar deslumbrados com aquela linda visão.

Então, você consegue imaginar minha surpresa quando as estatuas explodiram.

QUATRO

E QUANDO EU DIGO QUE ELAS explodiram, eu quero dizer que chamas e fumaça se desdobraram como pétalas de uma flor recém brochada enquanto aqueles pobres monarcas explodiam em pedaços de rocha. Por um momento, eu fiquei atordoada. Era como ver um filme de ação, a explosão passando pelo ar e fazendo o chão tremer. Então, o treino dos guardiões tomou conta. Observação crítica e calculismo tomou conta. Eu imediatamente notei que a carga explodiu em direção ao outro lado do jardim. Pequenos pedaços de pedra e pó choviam na procissão funerária, mas nenhum grande pedaço de rocha atingiu Lissa nem ninguém parado por perto. Assumindo que as estatuas não tinha entrado em combustão espontânea, quem quer que fosse que as tinha explodido o fez de uma forma precisa.

Deixando de lado a logística, enormes pedaços de pilares de fogo ainda eram bem assustadores. Caos tomou conta enquanto todos tentavam se afastar. Só que, todos tomaram rotas diferentes, então colisões e embaraços ocorreram. Até os portadores soltaram sua preciosa carga e se mandaram. Ambrose foi o último a fazer isso, sua boca aberta e olhos esbugalhados enquanto ele encarava Tatiana, mas outro olhar nas estatuas fez ele sair correndo. Alguns guardiões tentaram manter a ordem, fazendo as pessoas voltarem pelo caminho, mas não deu muito resultado. Cada um estava por si, muito aterrorizados e em pânico para pensar razoavelmente.

Bem, todos exceto Lissa.

Para minha surpresa, ela não estava surpresa.

Ela estava esperando a explosão.

Ela não correu, apesar das pessoas a empurrando para o lado. Ela ficou parada onde estava quando as estatuas explodiram, as estudando e a confusão que elas causaram. Em particular, ela

parecia preocupada com qualquer um na multidão que poderia ter se machucado com a explosão. Mas, não. Como eu já tinha observado, não parecia haver feridos. E se havia, ia ser por causa da correria.

Satisfeita, Lissa virou e começou a andar para longe com os outros (bem, ela estava andando, eles corriam). Ela só se afastou um pouco quando ela viu um enorme grupo de guardiões irem em direção a igreja, os rostos preocupados. Alguns pararam para ajudar os que fugiam da destruição, mas a maioria estava indo ver o que tinha acontecido.

Lissa parou de novo, fazendo o cara atrás dela bater em suas costas, mas ela mal sentiu o impacto. Ela observou os guardiões, contando quantos eram, e então mais uma vez voltou a andar. Seus pensamentos escondidos estavam começando a se revelar. Finalmente, eu comecei a ver partes do plano que ela escondeu de mim. Ela estava contente. Nervosa também. Mas no geral, ela se sentia...

Uma comoção na cadeia me fez voltar a minha própria mente. O silêncio usual na área de prisão foi interrompido e agora estava cheio de grunhidos e exclamações. Eu pulei de onde estava sentada e me pressionei contra as grades, tentando ver o que estava acontecendo. Esse prédio estava prestes a explodir também? Minha cela só tinha vista a uma parede no corredor, sem vista para a entrada. Eu, no entanto, vi os guardiões que normalmente ficavam no final do corredor passando rapidamente por mim, em direção ao que quer que fosse que estava ocorrendo.

Eu não sabia o que isso significa para mim e me preparei para tudo, amigo ou inimigo. Até onde eu sabia, poderia ser um grupo político lançando um ataque na Corte para deixar claro seu desprezo contra o governo Moroi. Olhando ao redor, eu xinguei silenciosamente, desejando ter algo para me defender. O mais próximo que eu tinha era o livro de Abe, que não servia pra nada.

Se ele era o fodão que ele fingia ser, ele realmente teria me entregado o livro com algum documento dentro. Ou me entregue

algo maior, como Guerra e Paz.

A briga morreu e passos trovejaram na minha direção. Cerrando os punhos, dei alguns passos para trás, pronta para me defender contra qualquer um. Qualquer um, que acabou por ser Eddie Castille e Mikhail Tanner. Rostos amigáveis não eram o que eu esperava. Eddie era um velho amigo de St. Vladimir, outro guardião novo como eu e alguém preso por mim através de uma série de desventuras, incluindo a fuga da prisão de Victor Dashkov. Mikhail era mais velho do que nós, tinha vinte e poucos anos, e ajudou-nos a restabelecer Dimitri na esperança de que Sonya Karp — a mulher que Mikhail tinha amado que tinha virado Strigoi — pudesse ser salva também. Olhei para a frente e para trás entre os dois caras.

— O que está acontecendo? — Eu exigi.

— É bom ver você também. — Disse Eddie.

Ele estava suando e tenso com o fervor de batalha, algumas marcas roxas em seu rosto mostrando o punho de alguém. Em sua mão vi uma arma do arsenal dos guardiões: uma coisa parecida com um bastão usado para incapacitar pessoas sem as matar. Mas Mikhail tinha algo muito mais valioso: o cartão e a chave mecânica para abrir minha cela. Meus amigos estavam encenando uma fuga da prisão. Inacreditável. Loucura normalmente era a minha especialidade.

— Vocês... — Eu fiz uma careta. O pensamento de fugir me encheu de alegria, mas a logística foi decepcionante. Claramente, eles foram os responsáveis pela luta com os meus guardas que eu acabara de ouvir. Estar aqui, em primeiro lugar, não era fácil. — Só vocês dois incapacitaram todos os guardas neste prédio?

Mikhail terminou de destrancar a porta, e eu não perdi tempo correndo para fora. Depois de me sentir tão oprimida e sufocada por dias, era como pisar em um vento da borda de uma montanha, e todo o espaço à minha volta.

— Rose, não há responsáveis neste edifício. Bem, talvez um. E esses caras. — Eddie fez um gesto na direção da luta anterior, onde

eu assumi que meus guardas estavam inconscientes. Certamente, meus amigos não haviam matado ninguém. O resto dos guardiões estavam todos verificando a explosão, eu percebi. As peças começaram a se encaixar na minha cabeça, inclusive a falta de surpresa de Lissa sobre o tumulto.

— Ah, não. Vocês explodiram aqueles artefatos antigos Moroi.

— Claro que não, — disse Eddie. Ele pareceu chocado que eu teria sugerido tal atrocidade. Outros usuários de fogo seriam capaz de dizer se ele tinha.

— Bem, isso é uma coisa — eu disse. — Eu deveria ter tido mais fé em sua sanidade. — Ou talvez não.

— Usamos C4 ([Nota 1](#)), — explicou Mikhail.

— Onde diabos você... — Minha língua travou quando vi quem estava de pé no final do corredor.

Dimitri.

Não saber como ele estava durante a minha prisão tinha sido frustrante. O relatório de Christian e Tasha tinha sido apenas uma provocação. Bem, aqui está a resposta. Dimitri estava perto da entrada das salas com seus 1,80 de glória, tão arrogante e intimidador quanto qualquer deus.

Seus penetrantes olhos castanhos avaliaram tudo em um instante, e seu corpo forte, magro estava tenso e pronto para qualquer ameaça. O olhar em seu rosto estava tão focado, tão cheio de paixão, que eu não podia acreditar que alguém jamais poderia ter pensado que ele era um Strigoi. Dimitri exalava vida e energia.

Na verdade, olhando para ele agora, eu estava novamente lembrada de como ele tinha lutado por mim. Ele usava a mesma expressão. Realmente, era a mesma que eu tinha visto inúmeras vezes. Era uma expressão que fazia todos o temerem e o admirarem.

Foi o que eu tinha amado.

— Você está aqui também? — Eu tentei lembrar-me que não era minha história confusa romântica a coisa mais importante do mundo

para um guardião. — Eles não o estavam mantendo sob prisão domiciliar?

— Ele escapou — disse Eddie maliciosamente. Eu peguei o real significado: ele e Mikhail tinham ajudado Dimitri a escapar. É o que as pessoas esperam que um cara violento, provavelmente, ainda um Strigoi, faça, certo?

— Você também espera que ele venha te soltar, — Mikhail acrescentou, jogando junto com o jogo. — Especialmente considerando como ele lutou por você na semana passada. Realmente, todo mundo vai pensar que ele a soltou sozinho, sem nenhuma ajuda. Dimitri não disse nada. Seus olhos, ainda observando atentamente o nosso meio, também foram me avaliar. Ele queria ter certeza que eu estava bem e sem ferimentos. Ele pareceu aliviado que eu estava.

— Vamos lá, — Dimitri disse finalmente. — Nós não temos muito tempo. — Esse foi um eufemismo, mas havia uma coisa que estava me atazanando sobre o plano brilhante dos meus amigos.

— Não há nenhuma maneira deles acharem que ele fez isso sozinho! — Eu exclamei, percebendo que Mikhail estava chegando. Eles estavam culpando Dimitri sobre essa fuga. Fiz um gesto para os guardas inconscientes aos nossos pés. — Eles viram seus rostos.

— Nah. — uma nova voz disse. — Não depois de um pouco de espírito induzido. No momento em que acordarem, eles só vão se lembrar do cara instável Russo. Sem ofensa.

— Não ofendeu. — disse Dimitri, quando Adrian entrou pela porta. Fiquei olhando, tentando não ficar boquiaberta. Lá, estavam eles juntos, os dois homens na minha vida.

Adrian mal parecia que ele poderia pular em uma briga, mas ele estava tão alerta e sério como os outros lutadores aqui. Seus belos olhos estavam claros e cheios de astúcia. Eu sabia que ele poderia usar compulsão em alguém se ele realmente tentasse. Foi aí que me bateu: ele não mostrava nenhum sinal de intoxicação. Será que tudo o que vi no outro dia foi uma farsa? Ou será que ele se obrigou a

assumir o controle? De qualquer maneira, eu senti um sorriso lento rastejando sobre meu rosto.

— Lissa mentiu para sua mãe mais cedo — eu disse. — Você é suposto a ter desmaiado bêbado em algum lugar. Ele me retribuiu com um de seus sorrisos cínicos.

— Bem, sim, seria provavelmente o mais inteligente e uma coisa mais agradável, para o que estou fazendo agora. E espero, que isso é o que todo mundo acha que estou fazendo.

— Precisamos ir, — disse Dimitri, ficando agitado. Nós viramos em direção a ele. Nossos gracejos desapareceram. Essa atitude que observei sobre Dimitri, o único que disse que ele poderia fazer qualquer coisa e que sempre conduzi-lo à vitória, as pessoas que queriam segui-lo incondicionalmente. As expressões de Mikhail e Eddie lentamente ficaram sérias, mostrando que era exatamente como se sentiam.

Pareceu natural para mim também. Mesmo Adrian parecia que ele acreditava em Dimitri, e naquele momento, eu admirava Adrian para deixar de lado qualquer ciúme e também para arriscar-se assim. Especialmente desde que Adrian tinha deixado claro em mais de uma ocasião, que ele não queria se envolver com qualquer aventuras perigosas ou utilizar o seu espírito de forma dissimulada. Em Las Vegas, por exemplo, ele tinha simplesmente nos acompanhado em um papel de observador.

Claro, ele também tinha bebido na maioria das vezes, mas, provavelmente, não fazia diferença. Eu dei alguns passos à frente, mas Adrian de repente estendeu a mão para me impedir.

— Espera. Antes de ir conosco, você precisa saber de uma coisa — Dimitri começou a protestar, os olhos brilhando com impaciência. — Ela merece. — argumentou Adrian, olhando para Dimitri.

— Rose, se você escapar você está mais ou menos na confirmação de culpa. Você será uma fugitiva. Se os guardiões te encontrarem, eles não terão a necessidade de um julgamento ou sentença para matá-la à vista.

Quatro pares de olhos pousaram em mim e o sentido pleno tomou conta de mim. Se eu fugisse agora e fosse pega, eu iria morrer, com certeza. Se eu ficasse, eu tinha uma mínima chance de que no meu curto período de tempo antes do julgamento, poderíamos encontrar provas para me salvar. Não era impossível. Mas se nada aparecesse, eu também estaria certamente morta. Cada opção era uma aposta. Qualquer uma tinha a forte possibilidade de eu não sobreviver.

Adrian parecia tão conflituoso quanto eu. Nós dois sabíamos que eu não tinha nenhuma escolha boa. Ele estava simplesmente preocupado e queria que eu soubesse o que eu estava arriscando. Dimitri, no entanto... para ele, não houve debate. Eu podia vê-lo por todo o rosto. Ele era um defensor das regras e fazia a coisa correta.

Mas neste caso?

Com essas péssimas probabilidades?

Era melhor correr o risco de vida como um fugitivo, e se a morte viesse, melhor para enfrentar do que lutar. Minha morte não seria um lápis sobre o calendário de alguém.

— Vamos lá, — eu disse. Corremos para fora do prédio, ansiosos para seguir adiante com o plano. Eu não pude deixar de comentar com Adrian: — Você tem que estar usando muito espírito para colocar todas as ilusões sobre os guardas.

— Eu estou — ele concordou.

— E eu realmente não tenho o poder de fazê-lo por muito tempo. Lissa provavelmente poderia fazer uma dúzia de guardiões acharem ter visto fantasmas. Eu? Eu mal consigo fazer alguns esquecerem de Eddie e Mikhail. É por isso que tinha que haver alguém que se lembrasse de atrair atenção, e Dimitri era ideal para o trabalho.

— Bem, obrigado. — Eu dei a mão em um aperto suave. Como o calor fluíu entre nós, eu não incomodei dizendo-lhe que eu ainda estava muito longe de ser livre ainda. Isso diminuiria o seu heroísmo. Teríamos muitos obstáculos pela frente, mas eu ainda apreciava o reforço deste tipo e respeitava a minha decisão de ir

junto com o plano de fuga. Adrian me lançou um olhar de soslaio. Sim, bem, eu deveria estar louco, certo? — Um lampejo de afeto brilhou em seus olhos. — E não há muito que eu não faria por você. Ou idiota, melhor. — Saímos para o piso principal, e vi que Eddie estava certo sobre a segurança dos guardiões. Os salões e salas estavam virtualmente desertas. Sem um segundo olhar, corremos ar livre, e o ar fresco parecia renovar a minha energia.

— E agora? — Eu perguntei ao meu resgate.

— Agora vamos levá-la para o carro de fuga — disse Eddie. As garagens não estavam longe, mas elas não estavam nem perto.

— Isso é um monte de terreno aberto para cobrir — eu disse. — Eu serei morta se alguém me vir.

— Estou usando o espírito para nos manter vagos e indefinidos — disse Adrian. Mais testes de sua magia. Ele não conseguia segurar muito mais. — As pessoas não nos reconhecem a menos que eles parem e olhem diretamente para nós.

— O que eles provavelmente não vão fazer. — disse Mikhail. — Ninguém vai nos perceber. Todos estão muito preocupados para olhar com atenção aos outros, em todo esse caos.

Olhando do lado de fora, pude ver que ele estava certo. O edifício da cadeia estava longe da igreja, mas por agora, as pessoas que tinham estado perto da explosão tinha feito seu caminho para essa parte do Tribunal. Alguns estavam correndo para suas residências. Alguns buscavam responsáveis, na esperança de proteção. E alguns... alguns estavam indo na mesma direção que nós, em direção à garagem. As pessoas estavam assustados o suficiente para realmente tentar deixar o Corte, eu percebi. Nosso grupo estava se movendo tão rápido quanto podíamos com Adrian, que não estava tão em forma quanto os dhampirs. — As garagens estarão lotadas. Ambos os veículos oficiais do Tribunal e os hóspedes que visitam estacionam na mesma área.

— Isso pode nos ajudar — disse Mikhail. — Mais caos. — Com tantas distrações na minha própria realidade, eu não poderia

mergulhar completamente em Lissa. Um pincel de luz do vínculo encontrou seu cofre, ao longo de o palácio. — O que Lissa está fazendo durante todo este processo? — Eu perguntei. Acredite em mim, eu fiquei feliz que ela não está envolvida com essa maluquice de-tirar-Rose-da-prisão. Mas, como Adrian tinha notado, sua habilidade com o espírito poderia ter ido muito mais longe do que o seu aqui. E agora, olhando para trás de tudo, era óbvio que ela tinha sabido sobre este plano. Esse era o seu segredo.

— Lissa precisa ficar inocente. Ela não pode ser relacionada a qualquer parte do escape ou explosão — respondeu Dimitri, os olhos fixos à frente em seu objetivo. Seu tom era firme. Ele ainda a considerou como sua salvadora. — Ela tem que manter-se visível com outros da realeza. Então, nem Christian.

Ele quase sorriu. Quase. Esses dois com certeza seriam a minha primeira suspeita se algo explodisse. Mas os responsáveis não vão suspeitar deles, uma vez que não era perceber a explosão causada por magia, eu pensei. As palavras de Mikhail voltaram para mim. — Hey, como é que vocês conseguiram uma C4? Explosivos militares são uma espécie de extremos, até mesmo para vocês. Ninguém me respondeu porque três guardiões de repente, saltaram em nosso caminho. Aparentemente, eles não estavam todos fora da igreja. Dimitri e eu passamos à frente do nosso grupo, movendo-se como um, como se nós sempre estivéssemos na batalha juntos.

Adrian tinha dito que a ilusão sobre o nosso grupo não ia durar muito, se alguém olhasse diretamente para nós. Dimitri e eu fomos para a primeira linha de contacto com estes responsáveis, na esperança de que não iam reconhecer os outros atrás de nós. Atirei-me para a luta sem hesitação defensiva, chutando instintivamente em milésimos de segundo, mas nisso a realidade do que eu estava fazendo realmente se aprofundou em mim. Antes eu sempre me sentia culpada por isso. Os guardas como os da prisão de Tarasov, bem como os guardas da rainhas durante a minha detenção. Eu realmente não havia conhecido nenhum deles, no entanto. Bastaria perceber que eles eram meus colegas tinha sido ruim o suficiente... mas agora?

Agora eu estava diante de um dos desafios mais difíceis da minha vida, tão pequeno quanto parecia. Afinal, três responsáveis eram um jogo fácil para mim e Dimitri. O problema era que eu conhecia esses guardiões. Dois deles eu conheci um pouco depois da formatura. Eles trabalhavam no tribunal e sempre foram gentis comigo.

A terceira não era apenas alguém que eu conhecia, ela era uma amiga. Meredith, uma das poucas meninas na minha turma em São Vladimirs. Vi o flash de desconforto nos olhos, um espelho de meu próprio sentimento. Isso parecia errado para ela também. Mas, ela era a guardiã agora, e como eu, ela teve direito perfurado por toda a sua vida. Ela acreditava que eu era uma criminosa. Ela podia ver que eu estava livre e em modo de ataque.

O procedimento dizia que ela deveria me aniquilar, e honestamente, eu não teria esperado nada menos. É o que eu teria feito se o nosso papel fosse revertido. Isso era entre a vida e a morte.

Dimitri foi sobre os outros dois rapazes, mais rápido e durão que nunca. Meredith e eu fomos uma para a outra. No início, ela tentou bater-me por baixo em virtude de seu peso, provavelmente na esperança de me prender até que alguém pudesse ajudá-la. Só que, eu era mais forte. Ela deveria saber disso. Quantas vezes nós lutamos no ginásio da escola? Eu quase sempre venci. E isso não era um jogo, não era prática de perfuração. Eu empurrei para trás em seu ataque, perfurando-a ao lado de sua mandíbula e rezando desesperadamente que eu não tivesse quebrado nada. Ela continuou movendo-se através da dor, mas de novo, eu era superior. Eu a peguei sobre os ombros e a taquei no chão. Sua cabeça bateu forte, mas ela permaneceu consciente. Eu não sei se fiquei grata ou não. Mantendo o meu controle, eu a coloquei em um estrangulamento, esperando até que seus olhos se fechassem. Eu a soltei logo que tive certeza de sua inconsciência, meu coração se torcendo em meu peito.

Olhando por cima, eu vi Dimitri também havia retirado seus oponentes. Nosso grupo se movia como se nada tivesse acontecido, mas eu olhei para Eddie, sabendo que havia tristeza em meu rosto. Ele parecia muito triste, mas tentou tranquilizar-me como se apressado.

— Você fez o que devia — ele disse. — Ela vai ficar bem. Se machucou, mas tudo bem.

— Eu bati com força.

— Os médicos podem lidar com abalos. Lembra de quando começamos a praticar?

Eu esperava que ele estava certo. As linhas entre o certo e o errado estavam ficando confusas. A única coisa boa, eu supus, era que Meredith tinha estado tão ocupada comigo que ela provavelmente não tinha notado Eddie e os outros. Eles tinham ficado para trás, e eu espero que Adrian ainda tinha o espírito sob controle, enquanto Dimitri e eu levamos a atenção.

Finalmente chegamos a garagens, que estavam realmente mais cheias do que o habitual. Alguns Moroí já haviam fugido. Um da realeza estava histérico porque seu motorista tinha as chaves do carro, e ele não sabia onde ele estava. Ele estava gritando para os transeuntes para ver se alguém poderia emprestar o carro para ele.

Dimitri levou-nos propositadamente para a frente, nunca vacilando. Ele sabia exatamente onde estávamos indo. Havia um monte de planejamento, eu percebi. A maioria do qual provavelmente aconteceu ontem. Por que Lissa obscureceu isso de mim? Será que não teria sido melhor eu ter ouvido algo sobre o plano?

Nós corremos através das pessoas, indo em direção a garagem, no lado mais afastado. Ali, aparentemente pronto, estava um monótono Honda Civic cinza. Um homem estava perto dele, os braços cruzados, enquanto ele examinava o pára-brisa. Ao nos ouvir, ele se virou.

— Abe! — Exclamei.

Meu ilustre pai virou e me deu um daqueles sorrisos encantadores que poderiam atrair os incautos para a sua destruição.

— O que você está fazendo aqui? — Exigiu Dimitri. — Você está na lista dos suspeitos também! Você deveria ficar aqui com os outros.

Abe deu de ombros. Ele parecia notavelmente indiferente a expressão irritada de Dimitri. Eu não gostaria que essa fúria fosse direcionada para mim.

— Vasilisa fará com que algumas pessoas no palácio jurem que me viram lá em tempos suspeitos. — Ele virou seus olhos escuros para mim. — Além disso, eu não poderia sair sem dizer adeus, eu poderia?

Eu balancei minha cabeça, exasperada. — Esteve presente toda a parte do seu plano como meu advogado? Eu não lembro do escape explosivo sendo parte da formação jurídica.

— Bem, Abe, tenho certeza que isso não era parte da formação jurídica de Damon Tarus. — Seu sorriso nunca vacilou.

— Eu disse a você, Rose. Você nunca irá enfrentar a execução ou mesmo um julgamento, se eu puder ajudá-lo. — Fez uma pausa. — Que, claro, eu posso.

Eu hesitei, olhando para o carro. Dimitri estava junto com um conjunto de chaves, olhando impaciente. As palavras de Adrian ecoaram em minha memória.

— Se eu correr, só vou parecer muito mais culpada.

— Eles já pensam que você é culpada. — disse Abe. — Você definhando na sua cela não vai mudar isso. Só garante que agora temos mais tempo para fazer o que precisamos sem a sua execução se aproximando de nós.

— E o que você vai fazer exatamente?

— Provar que você é inocente, — disse Adrian. — Ou, também, que você não matou minha tia. Sabemos de tudo o que prova que você é culpada.

— O que, vocês vão destruir as provas? — Eu perguntei, ignorando os outros.

— Não. — disse Eddie. — Temos de descobrir quem realmente a matou.

— Vocês não devem estar envolvidos com isso, agora que estou livre. Isso é problema meu. Não é isso porque você me tirou de lá?

— É um problema que você não pode resolver enquanto você está na Corte — disse Abe. — Nós precisamos que você fuja e esteja segura.

— Sim, mas eu...

— Estamos perdendo tempo discutindo — disse Dimitri. Seu olhar caiu sobre as outras garagens. As multidões ainda caóticas, muito ocupadas com seus próprios temores, não nos observavam ainda. Isso não afetou a preocupação de Dimitri. Ele me entregou uma estaca de prata, e eu não questionei as razões. Era uma arma, e eu não poderia recusar.

— Eu sei que tudo parece desorganizado, mas você será surpreendida com a rapidez de que eles restauram a ordem. E quando o fizerem, eles estão indo para bloquear este lugar.

— Eles não precisam — eu disse devagar, minha mente girando. Já estavam a ter problemas de sair da Corte. Bem estar parado, se podemos até chegar ao portão. Não vão ser os carros alinharam por milhas!

— Ah, bem, — disse Abe, despreocupado, estudando as pontas dos dedos. — Eu tenho autoridade para dizer para abrirem uma nova porta ao lado sul da parede.

A verdade me ocorreu. — Oh senhor. Você é aquele que está distribuindo o C4.

— Você faz parecer tão fácil, — ele disse com uma careta. Foram difíceis de obter. — A paciência de Dimitri estava no fim.

— Todos vocês: Rose deve sair agora. Ela está em perigo. Eu vou arrastá-la para fora se for necessário.

— Você não tem que ir comigo — eu atirei para trás, ofendida com a presunção. Memórias dos nossos argumentos recentes surgiram, de Dimitri dizendo que ele não podia me amar e não queria nem mesmo ser meu amigo. — Eu sei cuidar de mim. Ninguém mais precisa ficar em apuros. — Dê-me as chaves.

Em vez disso, Dimitri me deu aquele olhar triste que dizia que ele pensou que eu estava sendo ridícula. Poderíamos ter ficado para trás nas aulas da St. Vladimir.

— Rose, eu realmente não posso entrar em mais problemas. Alguém tem que ser responsável por ajudar você, e eu sou a melhor escolha.

Eu não tinha certeza disso. Se Tatiana realmente tinha feito progressos em convencer as pessoas que Dimitri não era uma ameaça, essa aventura ia estragar tudo.

— Vai, — disse Eddie, surpreendendo-me com um abraço rápido. — Bem, entre em contato com Lissa.

Percebi então que eu estava lutando uma batalha perdida com este grupo. Era realmente a hora de sair.

Abracei Mikhail, murmurando em seu ouvido: — Obrigada. Muito obrigada pela sua ajuda. Eu juro, vou encontrá-la. Vou encontrar Sonya.

Ele me deu aquele sorriso triste de resposta.

Adrian foi o mais difícil de deixar para trás. Eu poderia dizer que era difícil para ele também, não importa o quanto seu sorriso parecia relaxado. Ele não poderia estar feliz me vendo sair com Dimitri. Nosso abraço durou um pouco mais do que os outros, e ele me deu um pano macio e um breve beijo nos lábios. Eu quase senti vontade de chorar depois de como ele tinha sido valente esta noite. Eu desejava que ele poderia ir comigo, mas sabia que ele seria mais seguro aqui.

— Adrian, obrigado por...

Ele levantou a mão. — Não é um adeus, pequena dhampir. Vou te ver em seus sonhos.

— Se você ficar sóbrio o suficiente.

Ele piscou. — Por você eu posso.

Um barulho crescendo nos interrompeu, e vimos um clarão de luz para o meu lado direito. Pessoas perto das garagens e outros gritavam.

— Lá, você vê? — Perguntou Abe, bastante satisfeito consigo mesmo. Um portão novo. Timing perfeito.

Eu dei-lhe um abraço muito relutante e fiquei surpresa quando ele não recuou imediatamente. Ele sorriu para mim... com carinho.

— Ah, minha filha, — disse ele. — Com dezoito, e você já foi acusada de assassinato, ajudou criminosos, e adquiriu um número de mortos maior do que a maioria dos responsáveis nunca vai ver. — Fez uma pausa. — Eu não poderia estar mais orgulhoso.

Revirei os olhos. — Adeus, velhote. — E obrigada. Eu não ia me incomodar perguntando a ele sobre a parte dos criminosos. Abe não era estúpido. Depois de que eu lhe perguntei sobre uma prisão de onde mais tarde um criminoso fugiu, ele tinha, provavelmente, descoberto quem estava por trás da fuga de Victor Dashkov.

E assim, Dimitri e eu estávamos no carro, acelerando em direção do novo portão de Abe. Lamentei não ser capaz de dizer adeus a Lissa.

Nós nunca fomos verdadeiramente além do vínculo, mas ele não poderia tomar o lugar da comunicação face-a-face. Ainda assim, valeu a pena saber que ela estaria segura e livre de qualquer conexão com a minha fuga. Eu esperava.

Como sempre, Dimitri dirigiu, o que eu ainda achava que era totalmente injusto. Tinha sido uma coisa quando eu era seu aluno, mas agora? Será que ele nunca desistiria? Isso não parecia como o tempo para discuti-lo, embora, particularmente desde que eu não planejo ficar juntos nos muito mais tempo.

Algumas pessoas saíram para ver onde a parede tinha explodido, mas nenhum funcionário tinha chegado ainda. Dimitri percorreu uma distância impressionante como o Eddie tinha quando ele tinha conduzido através dos portões de Tarasov, apenas lidando com o terreno, de gramínea acidentada, bem como o SUV no Alasca. O problema em fazer a sua própria saída era que não vinha com uma estrada real. Mesmo que fosse além de Abe.

— Por que o nosso carro de fuga é um Civic, — perguntei. — Não é realmente muito bom.

Dimitri não olhou para mim, mas continuou navegando sobre o terreno acidentado em direção a uma área mais transitável. — Porque Civics são um dos carros mais comuns lá fora e não atraem a atenção. E este deve ser o na única pista acidentada que nós vamos. Depois pegamos uma rodovia, e colocaremos o máximo de distância entre nós, como colocamos no tribunal, antes de abandonar o carro, claro.

— Abandone. — Eu balancei minha cabeça, deixá-lo ir. Chegamos a uma estrada de terra que parecia a superfície mais lisa na terra depois que começam os choques.

— Olha, agora que fugi, eu quero que você saiba que, e eu quero dizer: você não tem que vir comigo. Eu aprecio sua ajuda para escapar. Realmente. Mas sair comigo não vai fazer nenhum favor. Eles vão me caçar. Se você me largar, você pode viver entre os seres humanos e não ser tratado como um animal de laboratório. Você pode até mesmo ser capaz de ser aceito de volta na Corte. Tasha seria uma que lutaria por você.

Dimitri não respondeu um longo tempo. Ele me deixou louca. Eu não era o tipo de pessoa que lidava com o silêncio também. Isso me fez querer tagarelar e preencher o vazio. Além disso, quanto mais eu me sentei lá, mais me batia que eu estava sozinha com Dimitri. Como, realmente e verdadeiramente sozinha desde a primeira vez desde que ele voltou a ser dhampir. Eu me senti como uma tola, mas, apesar dos perigos que ele arriscou... bem, eu ainda era dominada por ele. Havia algo tão poderoso sobre a sua presença.

Mesmo quando ele me deixou com raiva, eu ainda o encontrei atraente. Talvez a adrenalina tinha pifado o meu cérebro.

Fosse o que fosse, eu era consumida por mais do que apenas seus aspectos físicos, embora eles certamente eram impressionantes. O cabelo, o rosto, a sua proximidade a mim, seu cheiro... Senti tudo isso, e isso fez o meu sangue queimar. Mas o interior do Dimitri, o Dimitri que conduziu um pequeno exército através de uma prisão para me soltar me cativou muito. Levei um momento para perceber por que isso era tão poderoso: eu estava vendo o velho Dimitri, novamente, o que se preocupava comigo.

Ele estava de volta.

Finalmente, Dimitri respondeu, — Eu não vou deixar você. Nenhum dos argumentos e a sua lógica, Rose, estão indo para o trabalho. E se você tentar fugir de mim, eu vou só te encontrar.

Eu não duvido que ele pudesse, o que só torna a situação mais confusa.

— Mas por quê? Eu não quero você comigo. — Eu ainda sentia uma persistente atração por ele, sim, mas essa mudança não mudava o fato de que ele tinha me machucado ao terminar comigo. Ele tinha me rejeitado, e eu precisava endurecer meu coração, principalmente se eu quisesse seguir em frente com Adrian. Limpar meu nome e levar uma vida normal parecia muito distante agora, mas se isso acontecesse, eu queria ser capaz de retornar ao Adrian, com os braços abertos.

— Não importa o que você quer, — disse ele. — Ou o que eu quero. — Ouch. — Lissa me pediu para protegê-la.

— Ei, eu não preciso de ninguém, e...

— E, — continuou ele, — eu quis dizer o que eu disse a ela. Eu jurei servi-la e ajudá-la para o resto da minha vida, com qualquer coisa que ela pedir. Se ela quer que eu seja seu guarda-costas, então é isso que eu vou ser. — Ele me deu um olhar perigoso. — E de nenhuma maneira você vai se livrar de mim em breve.

CINCO

ESCAPAR DE DIMITRI não era apenas sobre o nosso duro passado romântico. Eu disse isso quando eu disse, porque eu não quero que ele fique em apuros por causa de mim. Se os guardiões me encontrassem, meu destino não iria ser muito diferente do que eu já vinha enfrentando. Mas Dimitri? Ele tem dado pequenos passos rumo à aceitação. Claro, que isso estava muito mais destruído agora, mas sua chance para uma vida não tinha acabado. Se ele não quizer viver na Corte ou com seres humanos, ele poderia voltar para a Sibéria e voltar para sua família. Lá fora, no meio do nada, ele iria ser difícil de encontrar. E com a união que a comunidade tinha, eles enfrentariam a um monte de problemas para escondê-lo se alguém tentou caçá-lo. Ficar comigo era definitivamente a opção errada. Eu só precisava convencê-lo.

— Eu sei o que você está pensando — , disse Dimitri, depois de nós estarmos na estrada durante cerca de uma hora.

Nós não tínhamos falado muito, nós dois perdidos em nossos próprios pensamentos. Depois de mais campos e algumas estradas, nós finalmente chegamos a uma interestadual e estávamos fazendo bom tempo para... bem, eu não tinha ideia. Eu só tinha estado olhando pela janela, ponderando todos os desastres em torno de mim e como eu poderia apenas corrigi-los.

— Hein? — Olhei para ele.

Eu pensei que poderia haver o menor indício de um sorriso nos lábios, que parecia um absurdo considerando que esta era provavelmente a pior situação que ele tinha estado desde de ser restaurado a partir de seu estado Strigoi.

— E isso não vai funcionar, — acrescentou. — Você está planejando como ficar longe de mim, provavelmente quando nós

finalmente pararmos para abastecer. Você está pensando que talvez você tenha a chance de fugir em seguida.

Que coisa louca, eu tinha pensado muito nesse sentido. O velho Dimitri foi um bom parceiro na estrada, mas não eu não tinha tanta certeza que eu gostava de ter a sua velha capacidade para adivinhar meus pensamentos para trás também.

— Isso é um desperdício de tempo, — eu disse, gesticulando em volta do carro.

- Ah. Você tem coisas melhores a fazer do que fugir das pessoas que querem trancá-la e executá-la? Por favor, não me diga novamente que isso é muito perigoso para mim.

Eu olhei. — É muito mais do que você. Fugir não deveria ser a minha única preocupação. Eu deveria estar ajudando meu nome a ficar limpo, não me escondendo em qualquer lugar remoto que você está, sem dúvida, me levando para. As respostas estão na Corte.

— E você tem muitos amigos na Corte que estarão trabalhando sobre isso. Vai ser mais fácil para eles se souberem que você está segura.

— O que eu quero saber é porque ninguém me falou sobre isso, ou, quero dizer, porque Lissa não falou. Por que ela escondeu? Você não acha que eu teria sido mais útil se eu estivesse pronta?

— Nós fizemos a luta, não você, — disse Dimitri. — Estávamos com medo que se você soubesse, você poderia dar de que algo estava acontecendo.

— Eu nunca teria dito!

— Não intencionalmente, não. Mas se estivesse tensa ou ansiosa... assim, seus guardas poderiam pegar esses tipos de coisas.

— Bem, agora que estamos fora, você pode me dizer onde vamos? Eu estava certa? É algum maluco remoto lugar?

Nenhuma resposta.

Eu estreitei os olhos para ele. — Eu odeio não estar no circuito.

Aquele pequeno sorriso nos lábios cresceu um pouco maior. — Bem, eu tenho minha própria teoria pessoal de que quanto mais você não sabe, mais a sua curiosidade provavelmente vai para se certificar de que você fica comigo.

— Isso é ridículo — , eu respondi, embora realmente, que não fosse de todo de uma teoria irracional. Eu suspirei. — Quando o inferno que as coisas ficaram tão fora de controle? Quando é que vocês passam a ser os mandantes? Eu sou aquela que vem com os planos malucos, e impossíveis. Eu sou a suposta ser o general aqui. Agora eu mal sou tenente.

Ele começou a dizer outra coisa, mas depois ficou imóvel por alguns segundos, seu rosto instantaneamente assumiu esse olhar cuidadoso de guardião, letal. Ele praguejou em russo.

— O que está acontecendo? — eu perguntei. A atitude dele era contagiante, e eu imediatamente esqueci todos os pensamentos de planos loucos.

No flash irregular dos faróis de tráfego próximo, eu podia ver seus olhos dardejar até o espelho retrovisor. — Nós temos uma cauda. Eu não achei que isso iria acontecer tão cedo.

— Tem certeza? — Já estava escuro, e o número de carros na estrada aumentou. Eu não sabia como é que alguém poderia ver um carro suspeito entre muitos, mas bem... ele era Dimitri.

Ele praguejou de novo e de repente, em uma manobra que me fez pegar o painel, ele cortou drasticamente em duas vias, apenas pouco falhando uma minivan que manifestou a sua contrariedade com um monte de buzinas. Havia uma saída ali, e ele quase não conseguiu sair sem cortes dos ferros da rampa. Eu ouvi mais buzinas, e quando eu olhei para trás, vi os faróis de um carro que tinha feito o mesmo louco movimento para nos acompanhar até a saída.

— A Corte deve ter dado a palavra para fora muito rápido — , disse ele. — Eles tinham alguém vigiando as interestaduais — .

— Talvez devêssemos ter tomado as estradas secundárias.

Ele balançou a cabeça. — Muito devagar. Nada disso teria sido um problema uma vez que mudamos de carros, mas encontraram-nos muito cedo. Nós vamos ter que tomar um novo aqui. Esta é a maior cidade que nós vamos chegar antes da fronteira de Maryland.

Um sinal disse que estávamos em Harrisburg, Pensilvânia, e como Dimitri habilmente nos levou por uma estrada ocupada, cheia de comércio, eu podia ver tudo no espelho que a cauda seguia tudo que fizemos. — Qual é exatamente o seu plano para adquirir um carro novo? — Eu perguntei cautelosamente.

— Ouça com atenção — , disse ele, ignorando a minha pergunta. — É muito, muito importante que você faça exatamente o que eu digo. Sem improvisar. Sem discussão.

Existem guardiões no carro, e agora, eles terão alertado cada outro guardião por aqui ... talvez até humanos e a polícia.

— 'Não iria a polícia pegar-nos criar alguns problemas?

— Os Alquimistas iriam resolver isso e ter certeza de que acabamos de volta com os Moroi.

Os Alquimistas. Eu deveria ter sabido que eles iriam se envolver. Eles eram uma sociedade secreta de seres humanos que ajudavam a proteger os Moroi e interesses dhampir, mantendo-nos para fora da corrente principal do ser humano público. Claro, os Alquimistas não o faziam por pura bondade. Eles achavam que éramos o mal e não naturais e, sobretudo, queriam ter certeza de que ficávamos à margem da sociedade. Uma fugitiva criminosa como eu certamente seria um problema, e gostariam de ajudar com os Moroi.

A voz de Dmitri era dura e dominante quando ele falou de novo, embora os seus olhos não estavam em mim. Eles estavam ocupados digitalizando os lados da estrada. — Não importa o que você acha das escolhas que toda a gente tem feito para você, não importa o quão infeliz você é com esta situação, você sabe, — eu sei que você faz — que nunca falhei quando nossas vidas estavam em jogo. Você confiou em mim no passado. Confie em mim agora.

Eu queria dizer-lhe que o que ele disse não era inteiramente verdade. Ele havia falhado comigo. Quando ele sido tomado por Strigoi, quando ele me mostrara que ele não estava perfeito, ele não me tinha quebrando a divina, impossível imagem que eu tinha dele. Mas a minha vida? Não, ele sempre me mantivera segura. Mesmo como Strigoi, ele nunca me tinha inteiramente convencido de que ele poderia me matar. Na noite, em que a Academia tinha sido atacada, quando ele foi transformado, ele também me disse para lhe obedecer sem questionar. Ele tinha a intenção de deixar ele para lutar com os Strigoi, mas eu não tinha feito isso.

— Ok, — eu disse calmamente. — Eu vou fazer tudo o que você diz. Basta lembrar de não falar de cima para mim. Eu não sou mais sua aluna. Agora sou sua igual.

Ele olhou para longe da beira da estrada apenas o suficiente para dar-me um olhar surpreso. — Você sempre foi minha igual, Roza.

A utilização do carinhoso apelido russo me fez muito estúpida para responder, mas não me importei. Momentos depois, ele estava todo o negócio de novo. — Pronto. Você vê o sinal do cinema?

Olhei para baixo da estrada. Havia tantos restaurantes e lojas que os seus sinais faziam uma névoa brilhante na noite. Finalmente, eu vi o que ele quis dizer. WESTLAND CINEMA.

— Sim.

— Isso é onde vamos nos encontrar.

Estávamos nos dividindo? Eu queria me separar, mas não assim. Em face do perigo, separar, de repente parecia uma péssima ideia.

Eu prometi porém, não argumentar, e continuei a ouvir.

— Se eu não estiver lá em meia hora, chame esse número e vá sem mim. — Dimitri me entregou um pequeno pedaço de papel de seu bolso de lenço. Nele tinha um número de telefone rabiscado, um que eu não reconheci.

Se eu não estiver lá em meia hora. As palavras foram tão chocantes que não podiam ajudar a evitar o meu protesto neste

momento. — O que quer dizer, se não estiver... ah!

Dimitri fez outra volta abrupta, que fez com que ele passasse uma luz vermelha e só por pouco falhar alguns carros. Seguiram-se mais buzinas, mas o movimento foi muito brusco para o nosso perseguidor nos acompanhar. Eu o vi ficar para trás na estrada principal, a piscar as luzes de freio, enquanto procuravam um lugar para virarem.

Dimitri tinha nos levado a um estacionamento de shopping. Ele estava cheia de carros, e eu olhei para o relógio para ter uma ideia do tempo humano. Quase oito da noite. No início do dia Moroi, momentos de entretenimento eram primordiais para os seres humanos. Ele dirigia passando algumas entradas para o shopping e finalmente escolheu um lado, estacionando em um lugar de desvantagem. ([Nota 2](#)) Ele estava fora do carro em um movimento fluido, comigo a seguir na mesma rapidez.

— Aqui é onde nós nos separamos, — disse ele correndo em direção a um conjunto de portas. — Mova-se rapidamente, mas não corra novamente quando estiver dentro. — Não chame a atenção. Misture-se. Mova-se dentro por um pouco, depois saia através de qualquer saída, menos esta. Caminhe para fora perto de um grupo de seres humanos e, em seguida encaminhe-se para o cinema. — Entramos no shopping. — Vá!

Como se receoso que eu não me mexesse, ele me deu um pequeno empurrão em direção a uma escada rolante, enquanto ele decolou no piso principal. Houve uma parte de mim que só queria congelar e ficar lá, que se sentiu aturdida pelo ataque repentino de pessoas, luz e actividade. Eu logo empurrei essa parte assustada de lado e comecei a subir a escada rolante. Reflexos rápidos e reações instintivas foram parte da minha formação. Eu as tinha afiado na escola, nas minhas viagens, e com ele.

Tudo o que me foi ensinado a respeito de alguém escapando voltou correndo para a minha cabeça. O que eu mais queria fazer, do que qualquer coisa era olhar em volta e ver se eu tinha um seguidor, mas isso definitivamente chamaria a atenção. Eu tive que imaginar

que, no máximo, tivemos alguns minutos de avanço sobre nossos perseguidores. Eles teriam que se virar para voltar para o shopping e depois circular até encontrar o nosso carro, presumindo que descobriam que tínhamos ido para o shopping. Eu acho que Harrisburg não tinha uma presença Moroi para convocar muitos guardiões em curto prazo. O que eles tinham provavelmente se separou, alguns buscando no shopping e alguns guardando as entradas. Este lugar tinha muitas portas também para os guardiões verificarem todas, a minha escolha de fuga seria pura sorte.

Eu andei tão rápido como eu poderia razoavelmente, passando através de casais, famílias com carrinhos de criança e adolescentes rindo. Invejei esse último grupo.

Sua vida parecia tão fácil, em comparação a minha. Também passei as lojas habituais, registrando seus nomes, mas não muito mais: Ann Taylor, Abercrombie, Forever 21... Diante de mim, eu podia ver o centro do shopping, onde vários corredores se ramificavam. Eu tinha uma escolha a fazer em breve.

Passando uma loja de acessórios, me esquivei dentro e fingi olhar bandas de cabelo. Como eu fiz, eu disfarçadamente olhei de volta para o shopping até ao ponto principal. Eu não vi nada óbvio. Ninguém tinha parado, ninguém tinha me seguido para a loja. Ao lado da seção das bandas era um escaninho afastado preenchido com os itens, que obviamente, não mereciam estar na ribalta. Um item era um — boné de beisebol feminino, — rosa quente com uma estrela feita em strass na parte frontal do arco-íris. Era horrível.

Comprei-o, grata aos guardiões por não terem levado o dinheiro escasso que tinha em mim quando fui presa. Eles provavelmente acharam que não era suficiente para subornar alguém. Eu também comprei um elástico para rabo de cavalo, ao mesmo tempo mantendo um olho na loja e na porta de entrada. Antes de sair, eu atei meu cabelo tanto quanto eu poderia com o elástico e, em seguida, coloquei o chapéu. Houve alguma bobagem sobre estar reduzida a usar disfarces, mas meu cabelo era uma maneira fácil de me identificar. Era de uma profunda cor, quase marrom, e minha

falta de qualquer corte de cabelo recente o tinha pendurado até ao meio das costas. De fato, entre isso e a altura de Dimitri, teríamos feito um muito notável par ao andar por aqui.

Eu me misturei de volta para os compradores e logo cheguei ao centro do shopping. Não querendo mostrar qualquer hesitação, tomei a esquerda em direção ao Macy's.

Enquanto eu andava, eu me senti um pouco constrangida com o chapéu e desejei que pelo menos tivesse tido tempo de encontrar um com mais estilo. Minutos depois, quando vi um guardião, eu estava feliz de feito essa escolha de forma rápida.

Ele estava perto de um desses carros que você sempre vê no centro de shoppings, fingindo estar interessado em uma capa de telefone celular. Reconheci-o primeiro por causa de sua postura e a forma como ele estava administrando, o agir interessado em uma capa de telefone com estampa de zebra e simultaneamente, procurando em torno dele. Além disso, dhampirs podem sempre distinguir-se dos seres humanos com um análise bastante estreita. Para a maior parte, as nossas duas raças parecem bastante idênticas, mas eu poderia distinguir um dos meus próprios.

Eu certifiquei-me de não olhar diretamente para ele e senti seus olhos passarem por cima de mim. Eu não o conhecia, o que significava que ele provavelmente não me conhecia também. Era provável que me procurasse por uma foto que ele viu uma vez e esperar pelo meu cabelo para ser uma grande dádiva. Mantendo como um ar casual tanto quanto eu pude, passei por ele num ritmo calmo, olhando em montras que me mantinham de costas para ele, mas não enviando mensagem óbvia de que eu estava em fuga. Todo o tempo, meu coração batia forte em meu peito. Guardiões poderiam matar-me à vista. Sabia que se isso se aplica no meio de um shopping? Eu não quero descobrir.

Quando eu me afastei do carrinho, acelerei um pouco meu ritmo. O Macy's teria sua própria porta para fora, e agora era apenas uma aposta para ver se era ou não uma boa aposta vindo nesta direção. Entrei na loja, desci a sua escada rolante, e fui em direção ao piso

principal de saída de passagem por uma bela seleção muito bonita de boinas e fedoras. [\(Nota 3\)](#) Parei perto, não porque eu planeava atualizar o meu chapéu, mas porque me permitiu cair no passo logo atrás um grupo de meninas que também estavam saindo.

Saímos juntas da loja, e meus olhos rapidamente se ajustaram às mudanças na luz. Havia muita gente em volta, mas novamente não vi nada ameaçador. Minhas meninas pararam para conversar, me dando uma oportunidade para me orientar sem parecer totalmente perdida. À minha direita, avistei a movimentada estrada em que Dimitri e eu tínhamos vindo, e de lá, eu sabia como chegar ao cinema. Eu suspirei em alívio e cortei em frente através do estacionamento, ainda olhando em minha volta.

Quanto mais eu caminhava para longe do shopping, menor era a multidão no estacionamento. Postes impediam de estar totalmente escuro, mas ainda havia uma sensação estranha como se a coisa crescesse mais silenciosa. Meu primeiro impulso foi o de virar para a direita da estrada e tomar a calçada diretamente para o teatro. Era bem iluminado e tinha gente. Mas logo depois, eu decidi que era demasiado evidente. Eu tinha certeza que eu poderia cortar no estacionamentos muito mais rapidamente para chegar ao teatro.

Provou-se ser uma espécie de verdade. Eu tinha o teatro à vista, quando eu percebi que tinha sido seguida depois de tudo. Não muito longe de mim, a sombra de um poste do estacionamento que não iluminava corretamente. A sombra era muito ampla. Alguém estava atrás do pólo. Eu duvidei que um guardião tinha coincidentemente escolhido este local esperando que Dimitri ou eu passaríamos por aqui. O mais provável era que um escuteiro me viu e circulou em frente para uma emboscada.

Eu continuei andando, tentando não, obviamente, abrandar, embora todos os músculos do meu corpo estavam tenso para o ataque. Eu tinha que ser aquele que atacava primeiro. Eu tinha que estar no controle.

O meu momento chegou, segundos antes de que, suspeitava meu emboscador teria feito a sua jogada. Eu pulei para fora,

jogando-o — o que acabou por ser um dhampir que eu não reconheci — contra um carro nas proximidades. Yup. Eu o surpreendi. É claro, a surpresa foi mútua quando o alarme do carro disparou, tocando na noite. Eu estremei, tentando ignorar os gritos enquanto eu soquei meu cativo no lado esquerdo de sua mandíbula. Eu tive que tirar o máximo partido de tê-lo preso.

Com a força do meu punho ele bateu a cabeça contra o carro, mas ele tomou admiravelmente, prontamente empurrando para trás em um esforço para libertar-se. Ele era mais forte, e eu o fiz tropeçar um pouco, mas não o suficiente para perder o equilíbrio. O que me faltava em força, que eu fiz em velocidade. Desviei cada tentativa de mim, mas me trouxe pouca satisfação. O estúpido alarme do carro estava indo ainda forte, e iria eventualmente atrair a atenção dos responsáveis ou outras autoridades humanas.

Corri em todo o lado do carro, e ele deu a perseguição, parando quando estávamos em lados opostos. Éramos como duas crianças brincando de manter-longe. Nos espelhando um ao outro enquanto ele tentava antecipar qual direção eu iria. Na pouca luz, eu vi algo surpreendente dobrado em seu cinto: uma arma. Meu sangue gelou. Guardiões eram treinados para usar armas, mas raramente as carregavam consigo. As estacas eram a nossa arma de escolha. Nós estávamos no negócio de matar Strigoi, afinal de contas, e as armas eram ineficazes. Mas contra mim? É isso aí. Uma arma simplificava o seu trabalho, mas eu tive uma sensação de que ele hesitava em usá-la. Um alarme de carro pode ser atribuído a alguém que acidentalmente chegou muito perto, mas uma bala? Isso iria provocar uma chamada para a polícia. Este cara não iria disparar se ele poderia evitar, mas ele o faria se ficasse sem opções. Era preciso acabar isto em breve.

Finalmente, fiz um movimento para a frente do carro. Ele tentou interceptar-me, mas depois surpreendi-o saltando sobre o capô do carro (porque sinceramente, neste momento, não era como se o alarme poderia ficar mais sonoro). No meu segundo de vantagem, lancei-me fora do carro e em cima dele, derrubando-o para o chão. Caí em cima de sua barriga e segurei-o com todo o meu peso,

enquanto as minhas mãos foram em torno de seu pescoço. Ele se esforçou, tentando me jogar para fora, e quase conseguiu. Por último, a falta de ar venceu. Ele parou de se mover e caiu inconsciente. Eu deixei-o.

Por um breve momento, eu tive um flashback da nossa fuga da Corte, quando eu usei a mesma técnica em Meredith. Eu vi-a deitada no chão mais uma vez e senti a mesma pontada de culpa. Então, eu sacudi a ideia. Meredith estava bem. Meredith até nem estava aqui. Nenhum dos que me importavam. Tudo o que importava era que esse cara estava fora da comissão, e eu tinha que sair daqui. Agora.

Sem olhar para ver se outros estavam vindo, eu arranquei pelo estacionamento em direção ao cinema. Parei de uma vez assim que tive uma certa distância entre mim e o carro gemendo, usando um outro carro como cobertura. Eu não vi ninguém perto do cara ainda, mas mais pelo estacionamento, e muito à frente, perto do shopping, parecia haver alguma atividade. Eu não fiquei ao redor para olhar mais de perto. Fosse o que fosse, isso não poderia ser bom para mim.

Cheguei ao cinema alguns minutos mais tarde, sem fôlego, mais de medo do que exaustão. Corrida dura foi algo que eu tinha construído bastante, graças ao Dimitri. Mas onde estava Dimitri? Espectadores do cinema se misturavam em volta, alguns dando ao meu estado descabelado um olhar estranho, enquanto esperavam por bilhetes ou discutiam o filme que acabaram de ver. Eu não vi nenhum sinal de Dimitri em qualquer lugar.

Eu não tinha relógio. Quanto tempo passou desde que nos separamos? Certamente não uma meia hora. Eu andei em torno do cinema, ficando obscurecida na multidão, em busca de qualquer indício de Dimitri ou mais alguns perseguidores. Nada. Minutos passavam. Inquieta, eu alcancei no meu bolso e toquei o pedaço de papel com o número de telefone. Saia, ele me disse. Sair e chamar o número. Claro, eu não tinha telefone celular, mas isso era o menor dos meus problemas agora...

— Rose!

Um carro parou junto à calçada onde outros foram largando as pessoas. Dimitri estava inclinado para fora da janela, do lado do condutor e eu quase caí mais em alívio. Bem, ok, quase não. Na realidade, eu não desperdicei um momento em apressar-me para ele e pulando para o banco do passageiro.

Sem uma palavra, ele bateu o gás e levou-nos se afastando do cinema, e de volta à estrada principal.

Nós não dissemos nada ao princípio. Ele estava tão enrolado e em extremo, que parecia que a menor provocação faria pressão no meio. Ele dirigiu o mais rápido que podia sem atrair a atenção da polícia, o tempo todo olhando para o espelho retrovisor.

— Há alguém atrás de nós? — Perguntei, por fim, enquanto dirigia de volta para a estrada.

— Não parece que estejam. Eles levarão um tempo para descobrir dentro de que carro estamos.

Eu não prestei muita atenção quando entrei, mas nós estávamos em um Honda Accord, de aparência comum — como o outro carro. Também notei que não havia chave na ignição.

— Você fez hotwire ([Nota 4](#)) neste carro? — Então, reformulei a minha pergunta. — Você roubou o carro?

— Você tem um interessante conjunto de moral, — observou ele. — Fugir da prisão está bem. Mas roubar um carro, e você soa totalmente indignada.

— Apenas estou mais surpresa do que indignada, — eu disse, recostando-me contra o assento. Eu suspirei. — Eu estava com medo... bem, por um momento, eu estava com medo você não viesse. Que eles tivessem apanhado você, ou algo assim.

— Não. A maioria do meu tempo foi gasto esgueirando-me e em encontrar um carro adequado.

Alguns minutos de silêncio caíram. — Você não perguntou o que aconteceu comigo, — eu indiquei, um pouco irritada.

— Não tenho necessidade. Você está aqui. Isso é o que conta.

— Eu entrei em uma briga.

Eu posso dizer. — Sua manga está rasgada.

Olhei para baixo. Sim, rasgada. E também perdi o chapéu na minha corrida louca. Não se perdeu nada. — Você não quer saber nada sobre a luta?

Seus olhos ficaram na estrada à nossa frente. — Eu já sei. Você tomou o seu inimigo. Você fez isso rápido, e você fez bem. Porque você é assim tão boa.

Eu ponderei suas palavras por um momento. Eles eram matéria-de-verdade, todos negócios... e ainda, sua declaração trouxe um sorrisinho nos meus lábios.

— Tudo bem. Então e agora, general? — Não que você ache que eles vão ler relatórios de verificação de veículos roubados e buscar o nosso número de placa?

— Provavelmente. Mas até lá, vamos ter um carro novo e um que não terão qualquer pista sobre.

Eu fiz uma careta. — De onde você está puxando isso fora?

— Nós estamos encontrando alguém, em poucas horas.

Porra. Eu realmente odeio ser a última a saber de tudo.

— Poucas horas nos colocarão em Roanoke, Virginia .A maioria da nossa condução passou sem ocorrências até aquele ponto. Mas quando a cidade entrou em vista, notei Dimitri olhando os sinais de saída até que ele encontrou o que queria. Saindo da interestadual, ele continuou a verificação de uma perseguição e não encontrou nada. Chegamos a uma outra estrada cheia de comércio, e ele dirigiu a um McDonald's que se destacava claramente do resto das lojas.

— Eu não acho, — eu disse, — que se trata de uma pausa para comida?

— Isto, — ele respondeu, — é onde pegamos nossa próxima viagem.

Dirigiu ao redor do estacionamento do restaurante, com os olhos na verificação de alguma coisa, embora inicialmente eu não sabia o que. Avistei numa fração de segundo antes que ele o fez. No canto do parque, vi uma mulher encostada a um SUV bronze, de costas para nós. Eu não conseguia ver muito dela, exceto que ela usava uma camisa escura e tinha cabelos loiros despenteados que quase tocavam seus ombros.

Dimitri puxou para o terceiro lugar ao lado de seu veículo, e eu estava fora do nosso no segundo que ele pisou no freio. Eu a reconheci antes mesmo de ela se virar.

— Sydney? — O nome surgiu como uma pergunta, eu tinha certeza que era ela.

Sua cabeça virou-se e eu vi um rosto familiar, um rosto humano com olhos castanhos que poderiam acender uma luz amarela no sol e uma tatuagem de ouro desmaiada em sua bochecha.

— Ei, Rose, — ela disse, um sorriso triste tocando em seus lábios. Ela ergueu um saco do McDonald's. — Pensei que você estaria com fome.

SEIS

SÉRIO, QUANDO VOCÊ PENSA SOBRE ISSO, Sydney aparecendo não é mais estranho do que outras coisas que parecem acontecer comigo regularmente. Sydney é uma Alquemista, uma que eu conheci na Rússia quando estava tentando achar e matar Dimitri. Ela tem minha idade e tinha odiado ser mandada para lá, apesar de eu certamente ter apreciado isso. Como Dimitri notou mais cedo, os Alquimistas iriam querer ajudar os Moroi a me achar e capturar. Ainda assim, julgando pela tensão irradiando dela e de Dimitri no carro, se tornou óbvio que ela estava ajudando nessa fuga.

Com muito esforço, eu pus minhas questões de lado para outra hora. Nós ainda éramos fugitivos, sem dúvida ainda sendo perseguidos. O carro da Sydney era um Honda CR-V novo, com uma placa da Louisiana e um ticket de aluguel.

— Que diabos? — eu perguntei. — Essa fuga ousada ta sendo patrocinada pela Honda? — quando isso não teve resposta, eu fui para a próxima questão óbvia. — Estamos indo para New Orleans? — Este era o novo posto da Sydney. Uma excursão era a ultima coisa na minha cabeça no momento, mas se você tem que fugir, você pode muito bem fugir para um lugar bom.

— Não —,ela disse, saindo do lugar, — Estamos indo para West Virginia — .

Olhei de jeito agudo para Dimitri, que sentou no banco de trás, esperando que ele negasse isso. Ele não negou.

— Presumo que por West Virginia, — vocês digam — Havai, — eu disse, — Ou outro lugar igualmente excitante.

— Honestamente, eu acho que é melhor você evitar excitação agora, — Sydney assinalou. O GPS do carro a direcionou a fazer a próxima curva, nos levando direto para a I-81. Ela franziu o cenho. — E West Virginia é bem bonita. —

Eu me lembrei que ela era de Utah e provavelmente não sabia nada melhor. Tendo muito que desisti de qualquer parcela de controle dessa fuga, eu passei para as próximas questões óbvias.

— Porque você está nos ajudando?

Eu tive um pressentimento de que ela estava acenando no escuro.

— Porque você acha?

— Abe.

Ela acenou. — Estou começando a pensar se New Orleans vale a pena.

Eu recentemente aprendi que Abe — com aquela inexplicável, muito grande influência dele — foi responsável por tira-la da Rússia. Como ele fez isso, eu não sei. O que eu sabia era que isso deixou Sydney num débito aberto com ele, um que ele continuava usando para conseguir favores. Algumas vezes, eu imaginava se existia mais nesse trato do que só uma transferência de posto, como se ele tivesse feito algo a mais que nenhum dos dois tenham me falado. Independentemente, eu comecei a dizer que era isso que ela devia ter esperado por ter feito um acordo com o diabo, mas reconsiderarei. Com um bando de guardiões em nossa busca, provavelmente não é uma boa ideia importunar uma pessoa que está me ajudando. Fiz uma pergunta diferente.

— Okay. Então porque estamos indo para West Virginia?

Sydney abriu sua boca para responder, mas Dimitri a interrompeu.

— Ainda não.

Eu me virei de novo e lancei a ele um olhar penetrante. — Eu estou tão cansada disso! Nós estamos fugindo por umas 6 horas agora, e eu ainda não sei todos os detalhes. Entendi que estamos ficando longe dos guardiões, mas estamos seriamente indo para West Virginia? Estamos indo fazer uma cabana como nossa base de

operações? Tipo, uma no lado de uma montanha que não tem encanamento?

Sydney me deu um dos seus suspiros exasperados. — Você realmente sabe algo sobre West Virginia?

Eu não gostava de ela e Dimitri conspirando para me deixar no escuro. É claro, com Sydney, seu silêncio podia significar muitas coisas. Ainda podia ser ordens de Abe. Ou talvez ela só não queria falar comigo. Desde que a maioria dos Alquimistas achavam os Damphirs e vampiros a prole do inferno, eles não eram muito amigáveis conosco. Ter passado um tempo comigo na Sibéria tinha mudado seu ponto de vista um pouco. Eu espero. Algumas vezes eu sentia que ela somente não era uma pessoa muito social.

— Você sabe que armaram para nós, certo? — eu perguntei. — Nós realmente não fizemos nada. Eles disseram que eu matei a rainha, mas...

— Eu sei —, Sydney interrompeu, — Eu ouvi tudo sobre isso. Todos os Alquimistas sabem sobre isso. Vocês dois estão no topo da lista de procurados. — Ela usou um tom de toda negócios mas não pode totalmente esconder sua preocupação. Tive a impressão que Dimitri a deixava mais nervosa do que eu, o que era compreensível desde que ele também deixava nosso próprio povo.

— Eu não fiz isso, — eu insisti. De alguma forma, era importante que ela saiba disso.

Sydney não reconheceu meu comentário. Em vez disso, ela disse, — Você devia comer. Sua comida está ficando gelada. Nós temos um pouco mais de três horas pela frente e não iremos parar a não ser para abastecer.

Eu reconheci o termino na voz dela, assim como a lógica. Ela não queria falar mais. Dentro da sacola, eu encontrei dois sacos grandes de batatas fritas, e três x-burgers. Ela aparentemente ainda me conhecia bem. Em vez disso, eu ofereci um x-burguer para o Dimitri.

Ele hesitou vários segundos antes de pegar. Ele pareceu considerar isso com um tipo de maravilha, e me atingiu que comer

comida ainda era uma coisa nova para ele depois desses últimos meses. Strigoi sobreviviam somente com sangue. Eu dei para ele algumas fritas também e me virei para devorar o resto. Não me incomodei em oferecer nada para Sydney. Ela era conhecida por sua falta de apetite, e além disso, eu imaginei que ela já devia ter comido se quisesse enquanto nos esperava.

— Eu acho que isso é para você, — Dimitri disse, me dando uma pequena mochila. Eu a abri e vi algumas mudas de roupas, assim como alguns itens de higiene básica. Eu olhei duas vezes aquilo.

— Shorts, camisas, e um vestido. Eu não posso lutar nisso. Eu preciso de jeans. — O vestido era fofo, reconhecidamente: um longo vestido transparente numa aquarela de branco, preto e cinza. Mas muito pouco pratico.

— Isso é um reconhecimento para você — disse Sydney, — Isso aconteceu muito rápido. Só tinha algumas coisas que eu podia colocar juntas.

Olhando para tras, eu vi Dimitri desfazendo sua própria mala. Tinha roupas básicas que nem as minhas e também... — Um sobretudo? — eu exclamei, vendo ele tirar o longo casaco de couro. Como aquilo cabia ali desafiava a física. — Você pegou para ele um sobretudo, mas não pode achar para mim um par de jeans?

Sydney pareceu não ligar para meu ultraje.

— Abe disse que isso era essencial. Além disso, se tudo der certo do jeito que tem que ser, você não ira lutar. — Eu não gostei do som daquilo. Em segurança e remota.

Visto que eu tinha aqueles que pareciam ser potencialmente os companheiros de carro mais quietos do mundo, eu sabia melhor do que esperar qualquer conversação pelas próximas três horas. Imaginei que isso também estava bom, porque me deixava checar Lissa. Eu ainda estava muito agitada por causa da minha própria fuga para passar muito tempo em sua mente, então foi só uma checada rápida na vida da Corte.

Conforme Dimitri previra, os guardiões restauraram a ordem bem rápido. A Corte estava fechada, e qualquer um que tivesse qualquer conexão comigo estava sendo extensivamente questionado. O negócio era que todos tinham álibis. Todos tinham visto meus aliados no funeral — ou, no caso de Abe, pensavam que tinham visto. Um par de garotas jurou que estiveram com Adrian, o que eu só podia imaginar que fosse o resultado de mais compulsão. Eu podia sentir a satisfação da Lissa através do elo a medida que a frustração dos guardiões crescia mais e mais.

Embora ela não tivesse uma forma de saber quando eu estaria na mente dela, ela me mandou uma mensagem através da nossa ligação. Não se preocupe, Rose. Eu vou tomar conta de tudo. Vamos limpar seu nome.

Eu afundei de volta, sem saber como me sentir nessa situação. Durante toda a minha vida, eu tomei conta dela. Eu protegi ela do perigo e sai do meu caminho para mantê-la longe de ameaças. Agora, os papéis estavam trocados. Ela interceptou por mim para salvar Dimitri, e eu — e, aparentemente, todo o mundo — estava nas mãos dela nessa fuga. Isso ia contra todos os meus instintos e me incomodava. Eu não estava acostumada a ser protegida pelos outros, muito menos por ela.

Os interrogatórios continuavam, e Lissa ainda não passara pelo dela, mas algo me dizia que meus amigos iam sair livres dessa. Eles não seriam punidos pela minha fuga e no momento, eu era a única em perigo — o que eu preferia.

West Virginia podia ser bonita como Sidney afirmava, mas eu não podia saber já que chegamos no meio da noite. Na maior parte do tempo, eu tinha a sensação de estarmos andando de carro através das montanhas, sentindo as subidas e descidas enquanto íamos por retornos e túneis após quase exatamente três horas, entramos num pequeno buraco de uma cidade que tinha um semáforo e um restaurante marcado simplesmente como almoço. Não havia tráfego na estrada por mais de uma hora, entretanto, o que era a coisa mais importante. Não havíamos sido seguidos.

Sidney nos levou ate um prédio com uma placa dizendo MOTEL. Aparentemente, essa cidade gostava de se manter básica no que se referia a nomes. Eu não ficaria surpresa se ela se chamasse simplesmente Cidadezinha. Enquanto caminhamos pelo estacionamento do motel, me surpreendi em sentir como minhas pernas estavam doloridas, cada parte de mim ardia, e dormir parecia fantástico. Já havia se passando mais de metade de um dia desde que essa aventura começou.

Sidney nos registou sob nomes falsos e o secretário sonolento não fez perguntas. Passamos por um corredor que não era exactamente sujo, mas também não era nada que um membro da realza passaria perto. Um carrinho de limpeza estava encostado contra uma parede, como se alguém tivesse desistido e o abandonado ali. Sydney parou de repente diante de uma porta e nos deu a chave. Eu percebi que ela estava indo para um quarto diferente.

— Não vamos ficar todos juntos?

— Ei, se vocês forem pegos, eu não quero estar em nenhum lugar perto de vocês. — Ela disse sorrindo. Eu também suspeitava que ela não quisesse dormir no mesmo quarto que 'criaturas malignas da noite'. — eu estarei perto na mesmo assim. Nós conversaremos pela manhã.

Isso me fez perceber outra coisa. Eu olhei Dimitri. — Vamos dividir um quarto?

Sydney deu de ombros. — É melhor para vocês se defenderem.

Ela nos deixou daquela maneira abrupta dela. E eu e Dimitri olhamos brevemente um para o outro antes de entrarmos no quarto. Como o resto do motel, não era chique, mas ia servir. O tapete estava gasto porem intacto, e eu apreciava a fraca tentativa de decorar com uma péssima pintura de peras. Uma pequena janela parecia triste. Havia uma cama.

Dimitri passou o ferrolho e a corrente na porta e então se sentou na única cadeira do quarto. Era de madeira com um encosto recto,

mas ele parecia considera-la a coisa mais confortável do mundo. Ele ainda tinha seu olhar perpetuamente vigilante, mas eu podia ver a exaustão. Também foi uma longa noite para ele.

Eu sentei na beira da cama. — E agora?

— Agora esperamos — ele respondeu.

— Pelo quê?

— Por Lissa e os outros limparem seu nome e nós descobrirmos quem matou a rainha.

Eu esperava mais explicações, mas tudo que recebi foi silêncio. Descrença começou a nascer dentro de mim. Eu fiquei tão paciente quanto pude esta noite, sempre assumindo que Dimitri estivesse me levando para uma missão misteriosa para ajudar a solucionar o assassinato. Quando ele dizia que íamos esperar, certamente ele não queria dizer que iríamos simplesmente... bem esperar?

— O que nós vamos fazer? — eu exigi. — Como vamos ajudá-los?

— Eu já disse isso antes: você dificilmente poderia sair para procurar por pistas na Corte. Você precisa ficar longe. Ficar a salvo.

Meu queixo caiu enquanto eu indicava o quarto enfadonho com um gesto. — O quê, e é isso? É aqui que vamos nos esconder? Eu achei... achei que íamos fazer outra coisa. Algo para ajudar.

— Estamos ajudando, — ele disse, naquele jeito cretinamente calmo dele. — Sydney e Abe pesquisaram esse lugar e decidiram que era fora do caminho o bastante para evitar chamar a atenção.

Eu pulei da cama. — Ok, camarada. Tem um problema sério com a sua lógica. Vocês caras agem como se ficar fora do caminho fosse ajudar.

— O que tem um problema sério somos nós repetindo essa conversa de novo e de novo. A resposta de quem matou Tatiana está na Corte, e é lá que os seus amigos estão. Eles vão descobrir isso.

— Eu não entrei em uma perseguição em alta velocidade e passei por fronteiras estaduais para me enfiar num motel de merda! Por quanto tempo você pretende ficar — fora de caminho — aqui?

Dimitri cruzou os braços na frente do peito. — O quanto nós precisaremos. Temos fundos para ficar aqui indefinidamente.

— Eu devo ter troco no meu bolso para ficar aqui indefinidamente! Mas não vai acontecer. Nos não vamos fazer do jeito mais fácil e ficar sentados esperando.

— Sobreviver não é tão fácil quanto você pensa.

— Ah Deus, — eu rugi. — Você andou com Abe, não é? Sabe, quando você era um Strigoi, me falou para ficar longe dele. Talvez, você devesse seguir seus próprios conselhos.

Eu me arrependi daquelas palavras assim que elas saíram da minha boca e vi nos olhos dele que eu havia causado um sério dano.

Ele podia estar a agir como o velho Dimitri, mas seu tempo como um Strigoi ainda o atormentava.

— Desculpa, — eu disse.

— Não estamos a discutir isso, — ele disse duramente. Lissa diz para ficarmos hospedados aqui, por isso ficamos aqui.

A raiva empurrou de lado a minha culpa. — É por isso que você está fazendo isso? Porque Lissa disse para você?

— Claro que sim. Eu jurei servir e ajudá-la.

Foi aí que eu estourei. Foi ruim o bastante que, quando Lissa o transformou de volta em um damphir, Dimitri pensou que estava tudo bem em ficar junto com ela e me desprezar ao mesmo tempo. Apesar do facto que fui eu quem foi até a Sibéria e eu descobri que Robert, o irmão de Victor, sabia como curar Strigoi... bem, aparentemente, essas coisas não importavam. Só Lissa que havia fincado a estaca parecia importar, e Dimitri agora a considerava como uma espécie de deusa angelical, uma a quem ele fez um voto arcaico de servir como um cavaleiro

— Esqueça, — eu disse. — Eu não vou ficar aqui.

Eu cheguei a porta em três passos e consegui tirar a corrente mas, dentro de segundos, Dimitri havia saído de sua cadeira e me jogou contra a parede. Na verdade, aquela era uma reação bem lenta. Eu esperaria que ele me impedisse antes que eu desse dois passos.

— Você vai ficar aqui, — ele disse calmamente, as mãos apertando meus pulsos. — Quer você queira ou não.

Agora, eu tinha poucas opções. Eu podia ficar, é claro. Eu podia passar dias — meses até — nesse motel até que Lissa limpasse meu nome. Isso, é claro, presumindo que Lissa pudesse limpar o meu nome e que eu não morresse de envenenamento alimentar ao almoço. Essa era a opção mais segura. Também era a mais chata para mim.

Outra opção era lutar contra Dimitri para escapar. Isso não seria seguro nem fácil. Seria particularmente difícil porque eu ia precisar lutar de um jeito que me permitisse fugir sem mata-lo ou causar a qualquer um de nós ferimentos sérios. Ou, poderia simplesmente jogar a precaução para o alto e não me segurar. Diabos, o cara enfrentou Strigoi e metade dos Guardiões da Corte. Ele podia suportar eu dando tudo de mim. Nós certamente tivemos uns encontros bem duros em St.Vladimir. Será que o meu melhor seria o bastante para escapar? Hora de descobrir.

Eu dei uma joelhada no estômago dele, o que ele claramente não esperava. Seus olhos se arregalaram em choque — e um pouco de dor — me dando a oportunidade de me libertar do seu aperto. Essa abertura foi o bastante apenas para que eu pudesse tirar o ferrolho da porta. Antes que eu pegasse na maçaneta, Dimitri me segurava de novo. Ele me agarrou com força e me atirou na cama de barriga, me prendendo sob seu peso e prevenindo meus membros de dar mais chute surpresa. Esse era o meu maior problema em lutas: oponentes — geralmente homens — com mais força e peso. Minha velocidade costumava ser meu maior trunfo nessas situações, mas estar presa não fazia das esquivas e evasão uma opção. Ainda

assim, cada parte de mim brigava, fazendo difícil me manter em baixo.

— Pare, — ele disse no meu ouvido, seus lábios quase tocando ali. — Seja razoável ao menos uma vez. Você não pode passar por mim.

Seu corpo era quente e forte contra o meu, e eu prometi ao meu quarto uma bela bronca mais tarde. Desista, eu pensei. Foque em sair daqui, e não em como ele a faz sentir.

— Não sou eu quem esta sendo irracional, — eu grunhi, tentando virar meu rosto na direcção do dele. — É você quem está preso em uma promessa nobre que não faz sentido. E eu sei que você não gosta de ficar sentado fora da acção mais do que eu. Me ajude. Me ajude a achar o assassino e fazer alguma coisa de útil. — Eu parei de brigar e fingi que nossa discussão havia me distraído.

— Eu não gosto de ficar sentado, mas também não gosto de me meter em uma situação impossível.

— Situações impossíveis são a nossa especialidade, — eu apontei. Enquanto isso, tentei analisar a forma como ele me segurava. Ele não havia relaxado seu aperto, mas eu tinha esperança de que a conversa o estivesse distraindo. Normalmente, Dimitri era bom demais para perder o foco. Mas eu sabia que ele estava cansado. E talvez, só talvez, ele estivesse um pouco descuidado já que eu não era um Strigoi.

— Não.

Eu açoitiei abruptamente, tentando em soltar e escapar de debaixo dele. O máximo que consegui foi rolar na cama antes que ele me agarrasse de novo. Estar tão perto dele...seu rosto, seus lábios... o calor de sua pele na minha. Bem, parecia que tudo o que eu havia conseguido foi me colocar em uma desvantagem maior ainda. Ele certamente não parecia afectado pela nossa proximidade de nossos corpos. Ele tinha aquela típica resolução de acção dele, e mesmo que fosse estupidez minha, mesmo que eu soubesse que

não devia me importar, que ele tinha me superado... bem, eu me importava.

- Um dia, — ele disse. — Você não consegue esperar um dia?
- Talvez se fossemos para um hotel melhor. Com TV a cabo.
- Isso não é hora para brincadeiras, Rose.
- Então, me deixa fazer alguma coisa. Qualquer coisa.
- Eu. Não. Posso.

Dizer aquelas palavras obviamente lhe doía, e eu percebi uma coisa. Eu estava tão irritada com ele, tão furiosa por ele tentar me fazer ficar parada e agir de forma segura. Mas ele também não gostava disso. Como eu pude me esquecer de como éramos parecidos? Nós dois queríamos acção. Nós dois queríamos ser úteis, ajudar aqueles com quem nós nos importávamos. Só sua resolução em ajudar Lissa o mantinha ali com esse trabalho de babá. Ele afirmava que eu correr de volta para a Corte era descuidado, mas eu sentia que, se ele não estivesse mandado em mim — ou, ao menos ele pensava que estava — ele também iria voltar correndo.

Eu estudei, os seus olhos escuros determinados e a expressão amaciada pelo cabelo castanho que escapava do laço de seu rabo-de-cavalo. Estava dependurado ao lado do seu rosto agora, por pouco não tocando o meu. Eu podia tentar me soltar também, mas estava perdendo a esperanças de que isso funcionasse. Ele era muito durão e muito decidido em me manter segura. Eu imaginei que declarar minhas suspeitas de que ele também queria voltar para a Corte não ajudaria. Verdadeiro ou não, ele estaria esperando que eu argumentasse com lógica-de-Rose. Ele era o Dimitri afinal de contas. Ele estaria esperando qualquer coisa.

Bem, quase.

Uma ideia me atingiu tão rápido que eu não tive tempo de analisar, eu só agi. Meu corpo podia estar restringido, mas meu pescoço e cabeça tinham liberdade o bastante para se erguer — e beijar ele.

Meus lábios encontraram os dele, e eu aprendi algumas coisas. Uma que era possível pega-lo totalmente de surpresa. Seu corpo congelou e se fechou, chocado com a mudança súbita dos eventos. Eu também percebi que ele beijava tão bem quanto eu me lembrava. Da última vez que os beijamos, ele era um Strigoi. Tinha havido sensualidade sinistra naquilo, mas não se comparava no calor e energia de estar vivo. Seus lábios eram exactamente como eu me lembrava da nossa época em St. Vladmir, macios e famintos ao mesmo tempo. Electricidade cruzou o resto de meu corpo quando ele beijou de volta. Era ao mesmo tempo confortante e emocionante.

E essa foi a terceira coisa que eu descobri. Ele estava retribuindo o beijo. Talvez, só talvez, Dimitri não estava tão decidido como ele afirmava. Talvez, sob toda aquela culpa e certeza que não podia amar de novo, ele ainda me quisesse. Eu teria gostado de descobrir. Mas eu não tinha tempo.

Ao invés disso, eu soquei ele.

É verdade eu soquei vários caras que estavam me beijando, mas nunca um que eu quisesse continuar beijando. Dimitri ainda me segurava com firmeza, mas o choque do beijo havia abaixado a sua guarda. Meu punho saltou e atingiu lado de seu rosto. Sem perder um instante, eu o empurrei de cima de mim tão rápido quanto pude e saltei para fora da cama e em direcção a porta. Eu o ouvi ficar de pé enquanto eu abria a porta. Saltei para fora do quarto e bati a porta atrás de mim antes que pudesse ver o que ele faria a seguir. Não que precisasse. Ele estava vindo atrás de mim.

Sem hesitar um segundo, eu coloquei o carrinho de limpeza abandonado diante da porta e corri pelo corredor. Alguns segundos depois, a porta se abriu, e eu ouvi um grito irritado — uma palavra muito, muito feia em russo — enquanto ele dava um encontrão contra o carrinho. Só levaria alguns segundos para ele se livrar do mesmo, mas eu era tudo o que eu precisava. Eu havia descido as escadas em um piscar de olhos e então no lobby vagabundo onde o

atendente entediado lia um livro. Ele quase pulou da cadeira quando eu vim correndo.

— Aquele cara está me perseguindo! — eu disse enquanto ia para a porta.

O atendente não se parecia com alguém que realmente tentaria parar Dimitri, e eu sentia que ele não pararia de qualquer maneira se o cara pedisse. No caso mais extremo, o homem chamaria a polícia. Nessa cidadezinha, polícia provavelmente consistia de um cara e um cachorro.

Independente disso, não era mais a minha conta. Eu havia escapado do motel e estava agora no meio de uma cidade sonolenta da montanha, as ruas escurecidas pelas sombras. Dimitri podia estar logo atrás de mim, mas enquanto eu entrava no bosque próximo, eu sabia que seria fácil para mim escapar dele na escuridão.

SETE

O PROBLEMA FOI, É CLARO, que eu logo me perdi na escuridão. Após morar nos confins de Montana, eu estava acostumada como a noite pode te engolir completamente, uma vez que você se afastou até mesmo do menor indício de civilização. Eu ainda estava acostumada a vagar pelos arredores de florestas escuras. Mas o terreno de St. Vladimir tinha sido familiar. Os bosques da Virgínia Ocidental eram novos e estrangeiros, e eu tinha perdido completamente o rumo. Uma vez que eu estava certa de que coloquei uma distância suficiente entre o motel e eu, eu parei e olhei em volta.

Insetos da noite zumbiam e zumbiam e a umidade opressiva do verão se pendurava a minha volta. Espreitando-me através da copa frondosa das árvores, eu pude ver um céu de estrelas brilhantes, totalmente intocado pela luz da cidade. Me sentindo como uma verdadeira sobrevivente do deserto, estudei as estrelas até que eu encontrei a Ursa Maior e descobri que lado era o norte. As montanhas de Sydney tinham nos levado através do que seria o leste, então eu definitivamente não queria ir nesta direção. Parecia razoável que se eu caminhasse ao norte, eu pegaria uma carona interestadual, ou andava meu caminho de volta até a civilização. Não era um plano hermético, mas não era o pior que eu já tive, não por um tiro longo.

Eu não estava realmente vestida para caminhar, mas como meus olhos se ajustaram a escuridão, consegui evitar a maioria das árvores e outros obstáculos. Seguir o caminho para sair da minúscula cidade teria sido mais fácil — mas também era o que Dimitri esperaria que eu fizesse. Eu cai em um constante, subconsciente ritmo enquanto eu fazia meu caminho ao norte. Eu decidi que era uma boa hora para checar Lissa, agora que eu tinha o tempo em minhas mãos e nenhum guardião tentando me prender.

Eu escorreguei em sua mente e a encontrei nas profundezas da sede dos guardiões, sentada em um corredor com cadeiras alinhadas. Outros Moroi se sentaram, incluindo Christian e Thasha.

— Eles farão perguntas duras. — Tasha murmurou. — Especialmente a você — Isso foi para Christian. — Você seria minha primeira opção se algo ilícito explodisse.

Essa parecia a opinião de todos. Pelo olhar perturbado em sua cara, eu pude ver que Tasha tinha sido surpreendida pela minha fuga — como eu tinha. — Mesmo se meus amigos ainda não tivessem contado a ela toda a história, ela provavelmente tinha juntado os pedaços — No mínimo, quem estava por trás disso. Christian deu a ela um sorriso tão encantador quanto podia, como uma criança tentando se esquivar de ser aterrada.

— Eles saberão agora que não foi causado por magia. — Ele disse. — Os guardiões vão ter que vasculhar cada centímetro daquelas estátuas. — Ele não elaborou, não em público. Mas a mente de Lissa estava trabalhando na mesma linha que a dele. Os guardiões saberiam agora que a explosão não foi elemental. E mesmo que meus amigos sejam suspeitos primários, as autoridades teriam que se perguntar — Assim como eu — como um adolescente tinha a posse de C4.

Lissa acenou em concordância e colocou sua mão sobre a de Christian.

— Nós vamos ficar bem. — Os pensamentos dela se voltaram para Dimitri e eu, se perguntando se nós conseguimos nos sair bem de acordo com o plano. Ela não conseguiria manter o foco em achar o assassino de Tatiana até que ela soubesse que nós estávamos a salvo. Como eu, a fuga tinha sido uma escolha difícil: Me libertar me colocava em perigo mais do que me manter presa.

Suas emoções estavam tensas, espinhosas, e um pouco mais selvagens do que eu teria gostado. Muito espírito, eu percebi. Ela está usando muito. Voltando para a escola, ela amenizou com medicação prescrita e depois através do seu auto controle. Mas em algum lugar, como nossa situação ficava cada vez mais complicada,

ela se permitiu exercer mais e mais. Recentemente, ela fez uso de uma quantidade surpreendente, e nós viemos para ter isso para o certo. Cedo ou tarde, as dependências de Lissa com o espírito iriam alcança-la. Nos alcançar.

— Princesa? — Uma porta em frente a Lissa abriu, e um guardião olhou para fora. — Estamos esperando por você. — O guardião se afastou e no interior da sala, Lissa ouviu uma voz conhecida dizer:

— Sempre um prazer falar com você, Hans. Devemos fazer isso novamente, um dia.

Abe então apareceu, pavoneando-se com sua arrogancia habitual. Ele passou pelo guardião na porta e deu a Lissa e Christian um grande sorriso está-tudo-bem-no-mundo. Sem uma palavra, ele passou por eles em direção ao hall de saída. Lissa quase sorriu mas refreou, colocando um olhar sóbrio enquanto ela e seus companheiros entravam.

A porta se fechou atrás deles e ela se viu diante de três guardiões sentados em uma mesa. Um deles eu havia visto por aí, mas nunca conheci. Eu acho que seu sobrenome era Steele. Os outros dois eu conhecia bem. Um era Hans Croft, que dirigia as operações dos guardiões na Corte. Ao lado dele — para o meu espanto — estava Alberta, que era encarregada dos guardiões e novatos de St. Vladimir.

— Adorável — Rosnou Hans. — Uma comitiva inteira.

Christian fez questão de estar presente quando Lissa foi questionada, e Tasha insistiu em estar presente com Christian. Se Abe soubesse a hora do interrogatório, ele provavelmente teria se juntado ao grupo também, sem dúvida seguido por minha mãe... Hans não percebeu que ele tinha evitado uma festa em casa. Lissa, Christian e Tasha sentaram-se em frente aos guardiões.

— Guardiã Petrov. — disse Lissa, ignorando a desaprovação de Hans. — O que você está fazendo aqui?

Alberta deu um pequeno sorriso mas por outro lado se manteve em um modo de guardiã profissional. — Ela veio para o funeral, e

Guardião Croft decidiu que seria bom uma opinião de fora para a investigação.

— Assim como alguém familiarizado com Hathaway e ela e, hum associados. — Adicionou Hans. Ele era do tipo de cara que vai direto ao ponto. Normalmente essa atitude me entediava. — essa era minha reação normal para a maioria das autoridades. — mas eu respeitei o jeito que ele conduziu o trabalho aqui.

— Este encontro foi destinado apenas para você, princesa.

— Nós não vamos dizer uma palavra. — Disse Christian.

Lissa assentiu e manteve sua face suave e educada, mesmo que houvesse um tremor em sua voz. — Eu quero ajudar... Eu tenho estado tão, eu não sei. Eu estou tão chocada com isso tudo que aconteceu.

— Tenho certeza. — disse Hans, a voz seca. — Onde você estava quando as estátuas explodiram?

— Com o cortejo fúnebre. — ela disse — Eu fazia parte da escolta.

Steele tinha uma pilha de papel em frente a ele. — Isso é verdade. Há uma abundancia de testemunhas.

— Muito conveniente. E que tal depois? Onde você foi quando a multidão entrou em pânico?

— Voltei para o edifício do Concelho. Lá era onde todos os outros estavam se encontrando, e eu pensei que estaria segura. — Eu não pude ver seu rosto mas pude sentir ela tentando parecer intimidada. — Eu estava assustada quando as coisas começaram a ficar loucas.

— Nós também temos testemunhas que apoiam isso. — Disse Steele.

Hans bateu seus dedos na mesa. — Você tinha algum conhecimento prévio sobre isso? A explosão? A fuga de Hathaway?

Lissa sacudiu a cabeça. — Não! Eu não fazia ideia! Eu nem mesmo sabia da possibilidade de escapar das celas. Eu pensei que a segurança era demasiada. — Hans ignorou a ironia em sua eficácia.

— Você tem essa coisa da ligação, certo? Você não pegou nenhuma coisa através disso?

— Eu não leio ela — explicou Lissa. — Ela vê meus pensamentos mas não o contrário.

— Isso. — disse Alberta, falando afinal. — É verdade.

Hans não a contrariou, mas ainda não estava comprando a inocência dos meus amigos.

— Você percebe, se você for pega sonhando informações - ou ajudando ela - você vai ter que encarar consequências tão graves quanto as dela. Todos vocês. Realeza não isenta você de traição. — Lissa abaixou o olhar, como se a ameaça tivesse a assustado.

— Eu só não consigo acreditar... Eu não posso acreditar que ela fez isso. Ela era minha amiga. Eu pensei que a conhecia. E eu não achava que ela poderia fazer nenhuma dessas coisas... Eu nunca pensei que ela mataria alguém.

Se não fosse pelo sentimentos na ligação, eu teria pego isso como uma ofensa. Eu sabia a verdade, no entanto. Ela estava atuando, tentando distanciar ela mesma de mim. Isso foi esperto.

— Sério? Porque não tem muito tempo atrás, você jurava para cima e para baixo que ela era inocente. — salientou Hans. Lissa olhou para cima e arregalou os olhos.

— Eu pensei que ela era! Mas então... eu ouvi sobre o que ela fez aos guardiões para escapar...

Sua angustia não era totalmente falsa neste momento. Ela ainda precisava atuar como se ela pensasse que eu era culpada. Mas a notícia sobre a condição de Meredith tinha realmente a chocado. Isso fazia duas de nós, mas pelo menos agora eu sabia que Meredith estava bem. Hans ainda parecia cético sobre a mudança de afeto de Lissa, mas deixou passar.

— E sobre Belikov? Você jurou que ele não era mais um Strigoi, mas obviamente alguma coisa deu errado lá também.

Christian se agitou ao lado de Lissa. Como um defensor de Dimitri, Christian ficou mais irritado, tanto quanto pelas suspeitas e acusações. Lissa falou antes que Christian pudesse dizer algo.

— Ele não é um Strigoi! — O remorso de Lissa sobre mim desapareceu, sua feroz defesa de Dimitri fluindo dela. Ela não tinha esperado essa linha de questionamento sobre ele. Ela tinha estado preparada para defender a mim e ao seu álibi. Hans pareceu satisfeito com a reação, e assistiu de perto.

— Então como você explica o envolvimento dele?

— Não foi porque ele era um Strigoi. — disse Lissa, forçando o seu controle a voltar. Seu coração batia rapidamente.

— Ele mudou de volta. Não há nenhum Strigoi.

— Mas ele atacou um número de guardiões — em mais de uma ocasião.

Parecia que Tasha queria interromper agora e defender Dimitri, mas visivelmente mordeu o lábio. Foi notável. Os Ozera gostavam de falar o que pensam, nem sempre com muita finura.

— Não foi porque ele era Strigoi. — Lissa repetiu. — E ele não matou nenhum desses guardiões. Nenhum. Rose fez o que ela fez... Bem, eu não sei porque. Ela odiava Tatiana, eu acho. Todos sabiam disso. Mas Dimitri... Eu estou te dizendo, sendo Strigoi não tinha nada a ver com isso. Ele a ajudou porque ele estava acostumado a ser o professor dela. Ele pensou que ela estava em apuros.

— Isso é muito extremo para um professor, especialmente para aquele que — antes de se tornar Strigoi — era conhecido por ser sangue frio e racional.

— Sim, mas ele não estava pensando racionalmente porque... — Lissa se interrompeu, de repente presa em uma situação ruim.

Hans parecia ter percebido rapidamente nesta conversa que se Lissa estivesse envolvida nos recente eventos — e eu não acho que ele estava certo ainda — ela ainda teria um álibi incontestável. Falar com ela, no entanto, tinha dado a ele a chance de obter outro

quebra cabeça em minha fuga: O envolvimento de Dimitri. Dimitri se sacrificou para aguentar a queda. Mesmo que isso significasse que os outros não poderiam confiar nele novamente. Lissa fez as pessoas pensarem que as ações dele era apenas um instinto protetor de ex-professor, mas aparentemente, nem todos tinham aceitado isso.

— Ele não estava pensando racionalmente porque... ? — Solicitou Hans, os olhos penetrantes.

Antes do assassinato, Hans tinha acreditado que Dimitri realmente tinha se tornado Damphir novamente. Alguma coisa me dizia que ele ainda acreditava nisso, mas sentia que tinha algo grande pendurado diante dele. Lissa permaneceu em silêncio. Ela não queria que as pessoas pensassem que Dimitri era Strigoi. Ela queria que as pessoas acreditassem em seus poderes de restaurar os mortos-vivos. Mas se Dimitri ajudar uma aluna não parecia convincente o suficiente para os outros, toda essa desconfiança pode surgir novamente.

Olhando para seus interrogadores, Lissa de repente encontrou o olhar de Alberta. A velha guardiã não dizia nada. Ela usava aquela expressão neutra e avaliadora que os guardiões tinham. Ela também tinha um ar de sabedoria sobre ela, e Lissa permitiu brevemente o espírito para mostrar a aura de Alberta. Tinha bondade, cores firmes e energia. E nos olhos de Alberta, Lissa jurou que podia ver uma mensagem, um brilho de conhecimento.

Diga-lhes, a mensagem parecia dizer. Vai criar problemas — mas não serão tão ruins quanto os atuais. Lissa segurou esse olhar, se perguntando se ela só estava projetando seus pensamentos em Alberta. Não importava de onde veio essa ideia. Lissa sabia que estava certo.

— Dimitri ajudou Rose porque... porque eles estavam envolvidos

Como pensei, Alberta não estava surpresa, e ela pareceu aliviada de ter a verdade de fora. Hans e Steele, no entanto, estavam muito surpresos. Eu só tinha visto Hans chocado algumas vezes.

— Quando você diz 'envolvidos' você quer dizer... — Ele parou para estruturar as palavras. — Você quer dizer romanticamente envolvidos?

Lissa assentiu, se sentindo horrível. Ela tinha revelado um grande segredo ali, um que ela jurou guardar para mim, mas eu não a culpava. Não nesta situação. Amor — eu esperava — ia defender as ações de Dimitri.

— Ele a amava. — disse Lissa. — Ela amava ele. Se ele a ajudou a escapar...

— Ele a ajudou a escapar. — Interrompeu Hans. — Ele atacou guardiões e explodiu estátuas inestimáveis e centenárias trazidas da Europa!

Lissa encolheu os ombros. — Bem, como eu disse. Ele não estava agindo de forma racional. Ele queria ajuda-la e provavelmente pensou que ela era inocente. Ele faria qualquer coisa por ela — e isso não tem nada a ver com Strigoi.

— Amor não justifica tanto. — Hans claramente não era um romantico.

— Ela é menor de idade! — Exclamou Steele. Essa parte não tinha escapado dele.

— Ela tem dezoito. — Corrigiu Lissa.

Hans cortou-lhe um olhar. — Eu posso fazer a matemática, princesa. A menos que eles conseguissem algum romance bonito tocando nas ultimas semanas — enquanto ele estava na maior parte em isolamento - então havia coisas acontecendo na sua escola que alguém deveria ter comunicado.

Lissa não disse nada, mas pelo canto do olho, ela pode ver Tasha e Christian. Eles tentavam manter a expressão neutra mas era obvio que essa notícia não era nenhuma surpresa para eles, sem duvida, confirmando as suspeitas de Hans de que coisas ilícitas tinham acontecido. Eu realmente não havia percebido que Tasha sabia sobre Dimitri e eu e me senti um pouco mal. Ela sabia que parte da rejeição dele foi por minha causa? E se ela sabia, quantos outros

sabiam? Christian provavelmente tinha deixado escapar, mas alguma coisa me dizia que provavelmente mais pessoas estavam começando a descobrir. Depois do ataque da escola, minha reação tinha sido uma grande pista sobre os meus sentimentos por Dimitri. Talvez contar a Hans agora, não tinha sido grande coisa, afinal. O segredo não seria um segredo por muito tempo.

Alberta limpou a garganta falando por fim. — Eu acho que temos coisas mais importantes com que se preocupar agora do que algum romance que pode ou não ter acontecido. — Steele deu-lhe um olhar incrédulo e bateu a mão contra a mesa.

— Isso é muito grave. Será que você sabe sobre isso?

— Tudo o que sei é que estávamos nos distraíndo do ponto aqui — Ela respondeu, esquivando-se perfeitamente da questão. Alberta era cerca de 20 anos mais velha que Steele, e o olhar duro que ela deu a ele, dizia que ele era uma criança fazendo-a perder seu tempo. — Achei que estávamos aqui para descobrir se a Srt^a Hathaway teve algum cúmplice, não para desenterrar o passado. Até agora, a única pessoa que podemos dizer com certeza que a ajudou, é Belikov, e ele o fez fora de afeto irracional. Isso faz dele um tolo e fugitivo, não um Strigoi.

Eu nunca pensei no meu relacionamento com Dimitri como afeto irracional, mas o ponto de Alberta foi tirado. Algo nas caras de Hans e Steele me fez pensar que em breve o mundo inteiro iria saber sobre nós, mas que não era nada comparado ao homicídio. E se ele removeu Dimitri de ser um Strigoi, então isso significava que ele ia ser preso, se fosse capturado. Pequenas bênçãos.

O interrogatório de Lissa continuou um pouco mais, até que os guardas decidiram que ela era livre e limpa de qualquer parte da minha fuga (que eles poderiam provar). Ela fez um bom trabalho jogando surpresa e confusa o tempo todo, mesmo reunindo algumas lágrimas sobre como ela poderia ter me interpretado tão mal. Ela colocou um pouco de compulsão em seu ato também — não o suficiente para fazer lavagem cerebral em ninguém, mas o suficiente para que o ultraje anterior de Steele fosse transformado em

compaixão. Hans foi mais difícil de ler, mas assim como o meu grupo de esquerda, ele lembrou Tasha e Christian que ele estaria falando com cada um deles mais tarde, de preferência sem uma comitiva.

Por agora, a próxima pessoa na berlinda estava esperando no hall: Eddie. Lissa deu a ele o mesmo sorriso que dava a qualquer amigo, não houve indicação de que ambos eram parte de uma conspiração. Eddie balançou a cabeça em retorno enquanto ele era chamado para seu interrogatório na sala. Lissa estava ansiosa por ele, mas eu sabia que seu auto controle de guardião deveria garantir que ele se prendesse na história. Ele provavelmente não choraria, como Lissa, mas ele possivelmente atuaria chocado com a minha — traição — como ela tinha. Tasha deixou Lissa e Christian uma vez que eles estavam fora, primeiro avisando para serem cuidadosos.

— Vocês se safaram até agora, mas eu não acho que os guardiões inocentaram vocês. Principalmente Hans.

— Hey, eu posso tomar conta de mim mesmo. — disse Christian.

Tasha virou os olhos. — Sim. Eu vejo o que acontece quando você é deixado com seus próprios meios.

— Hey, não fique irritada porque nós não te contamos. — ele exclamou. — Nós não tivemos tempo, e havia tantas pessoas que nós tínhamos que envolver. Além disso, você fez sua parte nos planos loucos antes.

— Verdade. — Tasha admitiu. Ela dificilmente era um modelo que jogava pelas regras. — Isto apenas está ficando muito mais complicado. Rose está na fuga. E agora Dimitri... — Ela suspirou, e eu não precisei que ela terminasse para adivinhar seus pensamentos. Houve um olhar profundo de tristeza em seus olhos, que me fez sentir culpada. Assim como o resto de nós, Tasha queria que a reputação de Dimitri fosse restaurada. Ao libertar a acusada de assassinar a rainha, ele danificou seriamente qualquer chance de aceitação. Eu verdadeiramente desejei que ele não estivesse envolvido e esperava que esse meu plano atual de fuga valesse a pena.

— Vai dar tudo certo. — disse Christian. — Você vai ver. — Ele não pareceu tão confiante quanto ele falou, e Tasha deu a ele um pequeno, divertido sorriso.

— Apenas seja cuidadoso, por favor. Eu não quero ver você em uma cela também. Eu não tenho tempo para visitas na prisão com tudo que está acontecendo. — Sua diversão desapareceu e seu modo ativista franco apareceu. — Nossa família é ridicularizada, você sabe. Você consegue acreditar que eles estão atualmente falando sobre direcionar Esmond para nós? Bom Deus. Nós já temos uma tragédia após a outra aqui. No mínimo nós deveríamos tentar salvar alguma coisa para fora dessa bagunça.

— Eu acho que não conheço Esmond. — Disse Christian.

— Idiota — ela disse com naturalidade. — Ele, eu digo. Não você. Alguém tem que falar com senso da nossa família antes que eles envergonhem a si mesmos.

Christian riu.

— E me deixe adivinhar: você é a única a fazer isso?

— É claro. — ela disse, um brilho malicioso em seus olhos. — Eu já elaborei uma lista de candidatos ideais. Nossa família só precisa de alguma persuasão para ver como eles são ideais.

— Eu me sinto mal por eles se eles ainda não são babacas para nós.

Christian ressaltou, assistindo sua tia se afastar. A marca infame de seus pais se tornando Strigoi ainda persistia por todos esses anos. Tasha aceitou mais graciosamente — apesar de sua queixa — apenas para ser capaz de participar nas grandes decisões da família Ozera. Christian não fez tais tentativas de civilidade. Era horrível ser tratado como Moroi inferior do que os outros, ser negado por guardiões e outras coisas que membros da família real podiam. Mas de sua própria família? Isso era especialmente desagradável. Ele se recusou a fingir que isso era aceitável.

— Eles virão eventualmente. — disse Lissa, soando mais otimista do que ela sentia.

Qualquer resposta de Christian foi engolida quando uma nova companhia se juntou a eles: meu pai. Sua aparição repentina assustou os meus amigos, mas eu não estava surpresa. Ele provavelmente sabia sobre o interrogatório de Lissa e tinha se escondido fora do prédio, esperando para falar com ela.

— É agradável aqui fora. — disse Abe amigavelmente, olhando em volta das árvores e flores como se os três estivessem em uma caminhada natural pela Corte.

— Mas vai ficar escaldante quando o sol sair.

A escuridão que estava me dando tantos problemas na floresta da Virginia Ocidental feita para agradar, condições de — meio-dia — para aqueles numa programação vampírica. Lissa deu a Abe um olhar de lado. Com os olhos bem sintonizados na luz baixa, ela não tinha dificuldade em pegar o brilhante de sua camisa azul petróleo por baixo de sua jaqueta esporte bege. Uma pessoa cega poderia ter provavelmente visto ele nesta cor. Lissa zombou da falsa descontração de Abe. Não era um hábito de Abe, começar com conversa fiada antes de passar para o papo mais sinistro.

— Nós não estamos aqui para falar sobre o tempo.

— Tentando ser civilizado, é isto. — Ele caiu em um silêncio enquanto duas garotas morois passaram por ele. Uma vez que estava bem fora do lance de ouvidos, ele perguntou em uma voz baixa. — Eu presumo que tudo correu bem em sua pequena reunião?

— Bem. — Ela disse, sem se preocupar em deixa-lo a par sobre — afeto irracional. — Ela sabia de toda a preocupação dele de que nenhum de seus associados tinham sido implicados.

— Os guardiões estão com Eddie agora. — disse Christian. — E querem a mim mais tarde, mas acho que será isso para todos nós.

Lissa suspirou.

— Honestamente, eu sinto que o interrogatório foi a parte fácil, comparado ao que está por vir. — Ela quis dizer descobrir quem era o verdadeiro assassino de Tatiana.

— Um passo de cada vez — murmurou Abe. — Nenhuma razão em deixar a imagem maior nos esmagar. Nós vamos apenas começar do início.

— Ai está o problema. — disse Lissa, chutando um galho que cruzava o caminho de paralelepípedos em frente a ela. — Eu não tenho ideia de onde começar. Seja quem for que matou Tatiana fez um bom trabalho escondendo suas pistas e jogando tudo para Rose.

— Um passo de cada vez. — repetiu Abe. Ele falou nesse tom manhoso dele que me irritava as vezes, mas para Lissa hoje, foi dissonante. Até agora, toda a energia dela tinha sido focada em me tirar da prisão e me ter em um lugar seguro. Foi esse marco o que me levou até ela e manteve no resultado da minha fuga. Agora, depois que algo da intensidade tinha desvanecido, a pressão de tudo isso estava começando a desabar sobre ela. Christian colocou seus braços em volta dos ombros dela, sentindo seu desânimo. Ele se virou para Abe, incomumente sério.

— Você tem alguma ideia? — Christian perguntou a Abe. — Nós certamente não temos nenhuma evidência de verdade.

— Temos suposições razoáveis. — Abe respondeu. — Como quem matou Tatiana, deveria ter acesso aos seus aposentos privados. Esta não é uma lista grande.

— E nem é curta. — Lissa contou as pessoas em seus dedos. — Os guardas reais, seus amigos e família... e isto presumindo que ninguém alterou o registo de visitantes dos guardiões. E pelo que nos sabemos, algumas visitas nem eram registadas, de qualquer modo. Ela provavelmente tinha reuniões secretas de negócios todo o tempo.

— É pouco provável que ela tivesse reuniões de negócios em seu quarto, de camisola — devaneou Abe. — É claro, isso depende do tipo de negócio, eu suponho.

Lissa cambaleou. Realização deslumbrando dela.

— Ambrose.

— Quem?

— Ele é um damhphir... Muito bonito... Ele e Tatiana eram... Hum...

— Envolvidos? — Disse Christian com um sorriso, ecoando o interrogatório.

Agora Abe chegou a parar. Lissa fez o mesmo, e seus olhos escuros encontraram os dela. — Eu o vi. Um tipo de *rapaz da piscina*.

— Ele tinha acesso ao quarto dela, — disse Lissa. — Mas eu só não consigo... eu não sei. Eu não consigo vê-lo fazendo isso.

— Aparências enganam — Disse Abe. — Ele estava terrivelmente interessado que Rose voltasse a Corte.

Mais surpresa de Lissa. — Do que você está falando?

Abe coçou o queixo tipo vilão do mal.

— Ele falou com ela... ou deu algum sinal. Eu não tenho certeza, mas havia um tipo de interação entre eles. — Inteligente, observador Abe. Ele notou que Ambrose me deu o bilhete, mas não percebeu totalmente o que tinha acontecido.

— Nós deveríamos falar com ele. — Disse Christian.

Lissa assentiu. Sentimentos conflitantes se agitando dentro dela. Ela estava agitada pela liderança — mas chateada que isso significava que o doce e gentil Ambrose pode ser um suspeito.

— Eu cuidarei disso. — disse Abe jovialmente. Eu senti o olhar dela cair pesadamente sobre ele. Eu não pude ver sua expressão, mas eu vi Abe involuntariamente dar um passo para trás, o menor lampejo de surpresa nos olhos dele. Mesmo Christian se encolheu.

— E eu vou estar lá quando isso acontecer. — ela disse, aço em sua voz. — Não tente alguns interrogatórios loucos estilo-tortura sem mim

— Você quer estar lá para a tortura? — Perguntou Abe, se recuperando.

— Não haverá nenhuma. Nós vamos falar com Ambrose, como pessoas civilizadas, entendeu?

Ela olhou fixamente para ele novamente, e finalmente Abe encolheu em aquiescência, como se estar sendo dominado por uma mulher com metade de sua idade não era grande coisa.

— Bem. Nós vamos fazer isso juntos. — Lissa estava um pouco desconfiada da vontade dele, e ele deve ter percebido isso.

— Vamos — Disse ele, continuando a andar. — Este é um bom tempo — bem, tão bom quanto qualquer tempo — para uma investigação. A Corte vai ficar caótica quando as eleições monarca começarem. Todo mundo aqui vai estar ocupado, e novas pessoas vão começar a aparecer.

Uma brisa, pesada com a umidade, bagunçou o cabelo Lissa. A promessa de calor caiu sobre ela, e ela sabia que Abe estava certo sobre o nascer do sol. Valeria a pena ir para a cama cedo.

— Quando as eleições vão acontecer? — Perguntou ela.

— Logo que eles colocarem a querida Tatiana para descansar. Essas coisas se movem rápido. Precisamos do nosso governo restaurado. Ela será enterrada amanhã, na igreja com uma cerimônia e sessão, mas não devem repetir a procissão. Eles estão ainda muito inquietos.

Eu me senti meio mal que ela não tinha recebido todo um funeral de rainha, no final, mas então, se isso significar que o seu verdadeiro assassino será encontrado, talvez ela teria preferido assim.

— Uma vez que o enterro acontece e as eleições começam. — Abe continuou. — Qualquer família que queira colocar um candidato para a coroa irá fazê-lo. — E é claro que eles querem. Você nunca viu uma eleição monárquica, não é? É um espetáculo. Claro que, antes que a votação comece, todos os candidatos terão de ser testados.

Havia algo de sinistro no modo como ele disse — testados — mas o pensamento de Lissa estava em outro lugar. Tatiana foi a única

rainha que ela já conheceu, e todo o impacto de uma mudança de regime foi surpreendente.

— Um novo rei ou rainha pode afetar tudo — para melhor ou pior. Espero que seja uma pessoa boa. Um dos Ozeras, talvez. Uma das pessoas de Tasha. — Ela olhou esperançosamente para Christian, que apenas deu de ombros.

— Ou Ariana Szelsky. Eu gosto dela. Não que isso importe, quem eu quero. — Ela acrescentou com amargura. — Vendo como eu não posso votar. — Os votos do Concelho determinavam o vencedor das eleições, portanto, novamente, ela estava trancada fora do processo legal Moroi.

— Um monte de trabalho vai para as candidaturas. — Abe explicou, evitando o último comentário dela. — Cada família vai querer alguém mais favorecido ao seus interesses, mas quem também tem a chance de conseguir votos de...

— Oomph

Fui duramente empurrada para fora do mundo político calculado dos Moroi e voltei para a floresta da Virginia Ocidental — muito dolorosamente. Alguma coisa sólida me jogou contra a terra batida, folhas e galhos cortando meu rosto e mãos. Mãos fortes me seguravam, e a voz de Dimitri falou em meu ouvido.

— Você deveria ter apenas se escondido na cidade. — Disse ele um pouco divertido. Seu peso e posição me deixaram sem espaço para me movimentar.

— Teria sido o último lugar que eu procuraria. Em vez disso, eu sabia exatamente aonde você tinha ido.

— Tanto faz. Não agi de forma inteligente. — Eu disse entre dentes, tentando sair do seu poder. Porra. Ele era esperto. E mais uma vez, a proximidade dele estava me desorientando. Anteriormente, isso pareceu afetá-lo também, mas aparentemente ele tinha aprendido a lição. — Você fez um palpite de sorte, foi isso.

— Eu não preciso de sorte, Roza. Eu vou sempre te encontrar. Então, realmente cabe a você o qual difícil você quer que essa

situação seja. — Havia um tom quase de conversa em sua voz, fazendo tudo mais ridículo pela situação em que estávamos.

— Podemos fazer isso mais e mais, ou você pode fazer a coisa razoável e apenas ficar quieta com Sydney e eu.

— Isso não é razoável! É desperdício!

Ele estava suando, do calor e, sem dúvida, porque ele ainda teve que correr muito para me alcançar. Adrian usava um perfume que sempre me fez inebriante, mas o cheiro natural da pele quente de Dimitri foi muito intoxicante. Foi surpreendente para mim que eu podia ficar observando essas pequenas coisas e ser atraída por elas, mesmo quando eu estava legitimamente com raiva dele por me manter em cativeiro. Talvez a raiva era um tesão pra mim.

— Quantas vezes eu vou ter que explicar a lógica por trás do que eu estava fazendo? — Ele perguntou, exasperado.

— Até você desistir.

Eu me empurrei contra ele, tentando novamente ficar livre, mas tudo o que eu fiz foi nos aproximar mais. Tive a sensação de que o truque do beijo não ia funcionar desta vez. Ele me empurrou para ficar de pé, mantendo meus braços e mãos presos em minhas costas. Eu tinha um pouco mais de espaço para manobrar do que eu tinha no chão, mas não o suficiente para me libertar. Devagar ele tentou me fazer andar para trás, indo na direção que eu vim.

— Eu não vou deixar você e Sydney se arriscarem ficar em apuros comigo. Eu posso cuidar de mim mesma. Apenas me deixe ir! — Eu disse, literalmente arrastando os pés. Vendo uma alta e magra árvore, eu coloquei uma perna para fora me enganchando no tronco, nos levando a parar completamente. Dimitri gemeu e moveu seu aperto para me puxar para longe da árvore. Isso quase me deu a oportunidade de escapar, mas eu nem sequer consegui dar dois passos antes que ele estivesse me segurando novamente.

— Rose — ele disse cansadamente. — Você não pode ganhar.

— Como está sentindo seu rosto? — Eu não pude ver as marcas na luz fraca mas sabia que o soco que eu dei nele, iria deixar uma

marca amanhã. Foi uma pena danificar um rosto como aquele, mas ele tinha cura, e talvez isso lhe ensinasse uma lição sobre mexer com Rose Hathaway.

Ou não. Ele começou a me arrastar novamente.

— Eu estou a segundos de te jogar sobre meu ombro.

— Eu gostaria de te ver tentar.

— Como você acha que Lissa se sentiria se você fosse morta? — Ele me apertou mais um pouco, e enquanto eu tive a sensação de que ele fez bem em sua ameaça *sobre-meu-ombro*, eu também suspeitei que ele queria me sacudir. Ele estava descontrolado. — Você pode imaginar o que você faria a ela se ela te perdesse?

Por um momento, eu estava fora das réplicas mal-humoradas. Eu não queria morrer, mas arriscar minha vida era exatamente isso: arriscar a minha vida. De mais ninguém. Ainda assim, eu sabia que ele estava certo. Lissa ficaria devastada se alguma coisa acontecesse comigo. E ainda... era um risco que eu tinha que correr.

— Tenha um pouco de fé, camarada. Eu não vou ser morta. — disse teimosamente. — Eu vou ficar viva.

Não era a resposta que ele queria. Ele me moveu com sua força.

— Há outras maneiras de ajuda-la de qualquer coisa insana que você esteja pensando.

De repente eu fiquei mole. Dimitri tropeçou, pego de surpresa em minha súbita falta de resistência.

— O que está errado? — ele perguntou, um tanto intrigado e suspeito.

Eu encarei a noite, meus olhos estavam focados em nada. Ao invés disso, eu estava vendo Lissa e Abe voltando para a Corte, lembrando o sentimento de impotência de Lissa e anseio por seu voto.

O bilhete de Tatiana voltou para mim, e por um momento eu pude ouvir sua voz em minha cabeça. Ela não é a última Dragomir. Outro vive.

— Você está certo. — Eu disse afinal.

— Certo sobre... ?

Dimitri estava totalmente perdido. Era uma reação comum das pessoas quando eu concordava em algo razoável.

— Correr de volta para a Corte não vai ajudar Lissa.

Silêncio. Eu não podia fazer totalmente a sua expressão, mas era de completo choque.

— Eu vou voltar para o motel com você, e não vou sair correndo para a Corte.

Outro Dragomir. Outro Dragomir precisando ser encontrado. Eu respirei fundo.

— Mas eu não vou ficar sentada sem fazer nada. Eu vou fazer algo para Lissa — e você e Sydney vão me ajudar.

OITO

Acontece que eu estava errada sobre o departamento de polícia local, abrangia um homem e um cão. Quando Dimitri e eu caminhávamos de volta para o motel, vimos luzes vermelhas e azuis no estacionamento e algumas pessoas curiosas tentando ver o que estava a acontecer.

— A cidade inteira saiu. — eu disse.

Dimitri suspirou — Você simplesmente tinha que dizer alguma coisa para o recepcionista, não tinha?

Paramos a alguma distância, escondidos na sombra de um decrepito edifício. — Eu pensei que ele te ia atrasar.

— O teu comentário vai nos atrasar agora. — Seus olhos fizeram uma varredura no local, à luz bruxuleante, de todo o arredor.

— O carro da Sydney se foi. Alguma coisa, pelo menos. — Minha ousadia anterior desapareceu. — Sério? Nós perdemos nossa carona!

— Ela não ia nos deixar, mas ela é inteligente o suficiente para sair antes que a polícia venha bater à sua porta. — Virou-se e examinou a estrada principal da cidade.

— Vem. Ela tem que estar perto, e há uma boa hipótese de que a polícia pôde realmente começar a procurar por aqui se eles acharem que alguma garota indefesa estava sendo perseguida. — O tom que ele usou para 'indefesa' travava legiões.

Dimitri tomou uma decisão rápida e caminhou em direcção à estrada que nos levaria à cidade, assumindo que Sydney iria querer sair dali, agora que o nosso disfarce estava descoberto. Tendo os policiais envolvidos criando complicações, mas eu senti um pequeno ressentimento daquilo que tinha feito. Eu estava animada com o plano que tinha me ocorrido nos bosques e quis, como sempre,

conseguir avançar de imediato. Se eu conseguisse tirar-nos deste buraco de cidade, tanto melhor.

O instinto de Dimitri sobre Sydney estava certo. Cerca de uma meia milha fora da cidade, vimos uma CR-V encostado na berma da estrada.

O motor estava desligado, as luzes apagadas, mas eu podia ver bem o suficiente para identificar as placas de Louisiana. Fui até a janela do lado do condutor e bati no vidro. No interior, Sydney hesitou. Ela abriu a janela, o rosto incrédulo.

— O que você fez? Não importa. Não se rale. Entrem

Dimitri e eu entramos. Eu me senti como uma criança travessa sob seu olhar de desaprovação. Ela ligou o carro sem dizer uma palavra e começou a dirigir na direção de onde nós vimos originalmente, eventualmente fundimos com a rodovia estadual de pequeno porte que levou de volta para o interestadual. Isso foi promissor. Só que, uma vez conduzidos alguns quilômetros, ela encostou de novo, desta vez em uma saída escura que não parecia ter nada para além daquilo.

Ela desligou o carro e se virou para ver-me no banco traseiro.

— Você correu, não foi?

— Sim, mas eu tenho este...

Sydney levantou a mão para me calar. — Não, não diga. Ainda não. Eu espero que você tenha se retirado da sua fuga ousada, sem atrair as autoridades.

— Eu também, — disse Dimitri.

Eu fiz uma carranca para os dois. — Ei, eu voltei, não foi? — Dimitri arqueou uma sobrancelha que, aparentemente, questionando apenas como voluntária tinha sido. — E agora eu sei que nós temos que fazer para ajudar a Lissa.

— O que temos que fazer, — disse Sidney, — é encontrar um lugar seguro para ficar.

— Basta voltar à civilização e pegar um hotel. Um com serviço de quarto. Nós podemos fazer a nossa base de operações enquanto nós trabalhamos no próximo plano.

— Nós pesquisamos especificamente naquela cidade! — Disse ela. — Nós não podemos ir para algum lugar aleatório, pelo menos não nas proximidades. Duvido que eles retirem as minhas placas, mas eles poderiam fazer uma chamada para procurar este tipo de carro. Se eles tiverem as nossas descrições, e ficar na estação da polícia, até chegar aos Alquimistas, então isto...

— Calma, — disse Dimitri, tocando seu braço. Não havia nada de íntimo sobre isso, mas eu ainda senti uma faísca de inveja, principalmente após o derradeiro amor em que eu apenas estive muito perto de ser quase arrastada pela floresta — Nós não sabemos que qualquer uma destas coisas ia acontecer. Por que você não chama o Abe?

— Sim, — ela disse sombriamente. — Isso é exactamente o que eu quero. Para dizer a ele que o plano furou em menos de 24 horas.

— Bem, — eu disse, — se isso te faz sentir melhor, os planos podem mudar de qualquer maneira...

— Silêncio — ela retrucou. — Vocês dois. Eu preciso pensar.

Dimitri e eu trocamos olhares, mas permanecemos em silêncio. Quando eu disse-lhe que conhecia um caminho sério para ajudar a Lissa, ele tinha ficado intrigado. Eu sabia que ele queria detalhes agora, mas ambos esperamos por Sydney.

Ela acendeu a luz do tejadilho e pegou num mapa em papel do Estado. Depois de estudar por um minuto, ela dobrou-o de volta e simplesmente olhou para a frente. Eu não pude ver seu rosto, mas suspeitei que ela tinha a testa franzida. Por fim, ela suspirou, dessa forma lamentável dela, apagou a luz, e ligou o carro. Eu vi como ela picou em Altswood, West Virginia em seu GPS.

— O que está em Altswood? — perguntei, desapontada por ela não ter procurado algo como Atlantic City.

— Nada — disse ela, indo de novo para a estrada. — Mas é o lugar mais próximo de onde estávamos indo que o GPS pode encontrar.

As breves luzes dos carros a passar, iluminavam o perfil do Dimitri, e eu vi a curiosidade em seu rosto também. Por isso. Eu não era mais a única fora do plano. A leitura do GPS demorou quase uma hora e meia para o nosso destino. Ele não questionou a sua escolha, pensei, e voltou-se para mim.

— Então o que está acontecendo com a Lissa? Qual é o grande plano de vocês? — Ele olhou para Sydney. — Rose disse que há algo importante que temos que fazer.

— Então eu recolho, — disse secamente Sydney. Dimitri olhou para mim com expectativa.

Eu tomei uma respiração profunda. Era hora de revelar o segredo que estava segurando desde a minha audiência. — Então, ele, hum, anda á volta de um irmão ou irmã da Lissa e eu acho que devemos encontrá-lo.

Eu agi de forma casual e normal tal como soei. Dentro de mim, meu coração balançou. Mesmo tendo muito tempo para processar a nota da Tatiana, dizer as palavras em voz alta fez aquilo parecer real de uma maneira que não haviam sido antes. Isso chocou-me, essa informação bateu-me com um pleno impacto do que realmente aquilo significava e como mudou tudo aquilo que acreditávamos..

É claro, meu choque não foi nada comparado com os outros. Ponto para Rose e do elemento surpresa. Sidney não fez tentativa de esconder seu espanto e engasgou-se. Mesmo Dimitri parecia um pouco surpreso.

Assim que recuperou, eu podia vê-los a preparar os seus protestos. Eles nem exigiram provas ou simplesmente rejeitar a ideia como ridículo. Eu imediatamente entrei em acção antes de os argumentos pudessem começar. Eu mostrei a nota de Tatiana, lendo em voz alta e em seguida deixei Dimitri olhar para ela. Eu disse a eles sobre o meu encontro fantasmagórico, onde a rainha em

espírito perturbado me fez acreditar que era verdade aquela nota. No entanto, os meus companheiros estavam cépticos.

— Você não tem nenhuma prova de que Tatiana escreveu a nota — disse Dimitri.

— Os alquimistas não têm nenhum registo de outro Dragomir, — disse Sidney.

Cada um deles disse exactamente o que eu pensava que diriam. Dimitri foi o tipo de cara sempre pronto para um truque ou uma armadilha. Ele desconfia de qualquer coisa sem prova. Sydney vivia em um mundo de fatos e dados e tinha fé total nos Alquimistas e suas informações. Se os alquimistas não acreditassem nisto, ela também não. Provas através de fantasmas não convenceu qualquer um deles.

— Eu realmente não vejo porque o espírito da Tatiana iria querer me enganar, — eu argumentei. — E os Alquimistas não são omniscientes. A nota diz que este é um segredo muito bem guardado dos Moroi, faz sentido que seria segredo para os Alquimistas também.

Sydney zombou, não gostou do meu comentário *omnisciente*, mas de resto ficou em silêncio. Foi Dimitri, que se chegou para a frente, recusando-se a ter fé, sem mais provas.

— Você disse antes que não é sempre claro o que os fantasmas estão tentando dizer, — ressaltou. — Talvez você interpretou ela mal.

— Eu não sei... — Pensei de novo sobre o seu rosto solene e translúcido. — Acho que ela escreveu esta nota. Meu instinto diz que sim. — Eu estreitei meus olhos. — Você sabe que deu certo antes. Você pode confiar em mim?

Ele olhou sério para mim por vários momentos, e eu tinha que olhar constantemente. De uma forma estranha da nossa é claro, eu podia adivinhar o que estava acontecendo. A situação toda foi muito forçada, mas ele sabia que eu estava certa sobre os meus instintos. Eles provaram serem verdadeiros no passado. Não importa o que ele

tinha passado, não importa o antagonismo existente entre nós, ele ainda me conhecia o suficiente para confiar nisto.

Lentamente, quase com relutância, ele assentiu. — Mas, se decidimos procurar por esse irmão alegado, estamos indo contra as instruções Lissa de ficar quietos.

— Você acredita na nota? — Sydney exclamou. — Você está considerando escutá-la?

Um lampejo de raiva acendeu dentro de mim, um que eu trabalhava para esconder. Claro. É claro que este seria o próximo obstáculo: a incapacidade do Dimitri de desobedecer a Lissa. Sydney temia Abe, eu poderia tipo entender, mas a preocupação do Dimitri ainda era o voto nobre da cavalaria que ele tinha feito para Lissa. Eu tomei uma respiração profunda. Dizendo-lhe quão ridículo eu pensei que ele estava se comportando não ia conseguir o que eu precisava.

— Tecnicamente, sim. Mas se pudéssemos realmente provar que não era a última de sua família, iria ajudar muito ela. Nós não podemos ignorar a possibilidade, e se você conseguir me manter fora de problemas, enquanto fazemos isso, — eu tentei não fazer uma careta para isso, — então não deve mais ser um problema.

Dimitri considerou. Ele me conhecia. Ele também sabia que eu iria usar a lógica para dar a volta se necessário para fazer do meu jeito.

— Ok, — ele disse finalmente. Eu vi a mudança de suas características. A decisão foi tomada, e ele iria manter aquilo agora. — Mas por onde começar? Você não têm outras pistas, além de uma nota misteriosa.

Foi um déjà vu e lembrei-me de Lissa e Christian conversarem anteriormente com Abe, quando foram descobrir por onde começar sua investigação. Ela e eu vivemos vidas paralelas, ao que parece, ambas buscando um enigma impossível com um trilho esboçado. Como eu revivi a discussão, eu tentei o mesmo raciocínio que Abe tinha usado: sem pistas, começar a trabalhar em conclusões óbvias.

— Obviamente, isto é um segredo, — eu disse. — Um dos grandes. Um povo que, aparentemente, quis encobrir - suficientemente para que ninguém pudesse roubar os registros sobre o assunto e manter os Dragomirs fora do poder — . Alguém tinha invadido um prédio Alquimista e levado documentos indicando que Eric Dragomir tinha realmente financiado uma mulher misteriosa. Eu indiquei a meus companheiros que parecia muito provável que esta mulher era a mãe de seu filho. — Você poderia olhar para isso caso um pouco mais. — Essas últimas palavras foram ditas por Sydney. Talvez ela não se preocupasse com outro Dragomir, mas os alquimistas ainda queria saber quem tinha roubado eles.

— Whoa, ei. Como eu não faço parte deste processo de decisão? — Ela ainda não havia recuperado a partir de nossa conversa, de repente executamos sem ela. Depois da forma como a nossa noite tinha sido tão longa, ela não parece muito satisfeita em ser sugada para outro dos meus regimes desonestos. — Talvez quebrar ordens da Lissa não é grande coisa para vocês dois, mas eu irei contra Abe. Ele pode não ser tão brando.

Foi um ponto justo. — Eu coloco como um favor de filha, — eu assegurei-lhe. — Além disso, o velho homem ama segredos. Ele entra nisto, acredite em mim. E tu já encontraste a maior pista de todos. Quer dizer, se Eric estava dando dinheiro a uma mulher anónima, então porque não ia ser para a sua amante secreta e filho?

— Anónimo é a palavra-chave, — Sidney disse, ainda bem céptica em relação a *clemência* do Zmey. — se a sua teoria esta certa — e isto é um estilo de salto - ainda não temos ideia de quem é esta senhora. Os documentos roubados não dizem.

— Existem outros registros que tentaram roubar? Ou você poderia investigar o banco que ele estava enviando dinheiro? — A principal preocupação dos Alquimistas foi simplesmente que alguém tinha roubado cópias de seus discos. Seus colegas tinham descoberto que os itens foram tomados, mas não haviam dado muita atenção ao conteúdo. Eu estava disposta a apostar que não haviam procurado quaisquer outros documentos relacionados com o mesmo tema. Ela

afirmou mesmo. — Você realmente não tem ideia de como trabalha a *pesquisa de registros*, pois não? Não é assim tão fácil, — disse ela. — Pode demorar um pouco.

— Bem...eu acho que é por isso que é bom estares indo para algum lugar, hum, seguro, certo? — Eu perguntei. Impressionado com a percepção de que poderíamos precisar de tempo para colocar o nosso próximo passo juntos, eu poderia tipo ver a desvantagem de ter perdido o nosso remoto esconderijo.

— Seguro... — Sacudiu a cabeça. — Bem, vamos ver. Espero que eu não esteja a fazer algo estúpido.

Com estas palavras sinistras, fez-se silêncio. Eu queria saber mais sobre para onde estávamos indo, mas senti que não devia empurrar a pequena vitória que tinha feito. A vitória que eu pensei ter identificado como feita, pelo menos. Eu não estava inteiramente certa de que Sydney aprovava a 100 por cento, mas senti que certamente tinha convencido Dimitri. Melhor não agitar ela agora. Olhei para o GPS. Quase uma hora. Tempo suficiente para verificar novamente Lissa.

Levei um minuto para reconhecer onde Lissa estava, provavelmente porque eu estava esperando que ela voltasse para seu quarto. Mas não, ela foi para uma localização onde eu só fui uma vez: a casa dos pais do Adrian. Surpresa. Em alguns momentos, porém, eu li o raciocínio de sua mente. Sua suite habitacional actual foi invadida no pânico que se seguiu sobre a minha fuga, o seu edifício estava cheio de visitantes tentando agora sair. A moradia Ivashkov, situado numa zona residencial, foi um pouco mais quieto, não que lá não estivessem alguns vizinhos a fugirem também.

Adrian sentou-se em uma poltrona, os pés descansando descuidadamente sobre uma mesa de café caro que alguns designer de interiores provavelmente tinha ajudado a mãe a escolher. Lissa e Christian tinha acabado de chegar, e ela pegou uma baforada de fumaça no ar que a fez pensar que Adrian tinha sido covarde em algum mau comportamento com antecedência.

— Se fôssemos sortudos, — ele estava dizendo para Lissa e Christian, — as unidades parentais serão amarradas por um tempo e nos darão alguma paz e tranquilidade. — Como áspero foi o seu questionamento?

Lissa e Christian sentaram em um sofá que era mais bonito do que confortável. Ela se inclinou para ele e suspirou. — Não tão mal . Eu não sei se eles estão totalmente convencidos de que não tivemos nada com a fuga de Rose... mas eles definitivamente não têm nenhuma prova — .

— Eu acho que temos um problema maior com Tia Tasha — disse Christian — Ela estava meio puta porque não dissemos para ela o que estava acontecendo. Eu acho que provavelmente ela queria explodir as estátuas pessoalmente — Isso

— Eu acho que ela está mais chateada porque envolvemos o Dimitri — assinalou Lissa — Ela acha que estragamos as chances dele de ser aceito novamente — .

— Ela está certa — disse Adrian. Ele pegou um controle remoto e ligou uma enorme TV de plasma. Ele colocou o som no mudo e ficou apertando os botões passando os canais. — Mas ninguém forçou ele.

Lissa assentiu, mas secretamente se perguntou se ela forçou Dimitri inadvertidamente. A promessa dele de protegê-la não era segredo. Christian pareceu entrar em sua preocupação.

— Hey, pelo que nós sabemos, ele nunca teria

— Uma batida os interrompeu.

— Maldição — disse Adrian levantando — Demais por paz e tranquilidade

— Seus pais não bateriam — disse Christian.

— Verdade, mas provavelmente é um dos amigos deles querendo saborear os mexericos e fofocar sobre o terrível estado da juventude assassina. — Adrian respondeu.

Lissa escutou a porta se abrir e uma conversa abafada . Poucos momentos depois, Adrian retornou com um jovem cara Moroí que

Lissa não reconheceu.

— Olhe — o garoto estava dizendo, olhando ao redor inquieto, — Eu posso voltar — Avistou Lissa e Christian e congelou.

— Não, não, — disse Adrian — A transformação dele de mal-humorado para cordial aconteceu tão rápido como se fosse um interruptor de luz sendo ligado. — Eu tenho certeza que ela vai voltar em um minuto. Vocês garotos, já se conhecem?

O cara assentiu com a cabeça, olhos correndo rosto por rosto. — Claro — .

Lissa franziu o cenho — Eu não te conheço — .

O sorriso nunca deixou o rosto de Adrian, mas Lissa percebeu logo que alguma coisa importante estava acontecendo. — Este é Joe. Joe o zelador que me ajudou testemunhando que eu não estava com Rose quando tia Tatiana foi assassinada. Aquele que estava trabalhando no prédio da Rose.

Os dois, Lissa e Christian se endireitaram. — Foi uma sorte seu turno ser antes da audiência — disse Christian cuidadosamente. Por um momento, houve um pânico de que Adrian poderia estar implicado comigo. Mas Joe se apresentou justamente na hora para testemunhar sobre quando ele tinha visto Adrian e eu no prédio.

Joe deu alguns passos em direção ao Hall de entrada — Eu realmente tenho que ir. Apenas diga á Lady Ivashokv que eu vim — e que vou deixar a Corte. Mas tudo está acertado.

— O que está acertado — Lissa perguntou, devagar levantando.

— Ela — ela vai saber. — Lissa, eu sabia, não parecia intimidadora. Ela era meiga, elegante e bonita, mas pelo medo no rosto de Joe — Estava.

Ela devia estar dando a ele um olhar aterrorizante. Isso me lembrou o recente encontro com Abe. — Verdade — ele adicionou — Eu preciso ir.

Ele começou a se mover novamente, mas de repente, eu senti uma onda de espírito queimando através de Lissa. Joe chegou em

um impasse e Lissa caminhou em sua direcção.

— Sobre o que você precisava falar com Lady Ivashkov? — Lissa perguntou.

— Fácil, prima — Adrian murmurou — Você não precisa de muito espírito para conseguir respostas — .

Lissa estava usando compulsão em Joe, tanto que ele parecia um marionete de cordas

— O dinheiro — Disse Joe ofegante, olhos arregalados — O dinheiro acordado — .

— Que dinheiro? — ela perguntou

Joe hesitou, como se tentasse resistir, mas acabou se deixando levar . Ele não podia lutar contra toda aquela compulsão, não a de uma usuária de espírito. — O dinheiro... o dinheiro para testemunhar... . sobre onde ele estava. — Joe sacudiu a cabeça em direcção a Adrian.

A expressão calma de Adrian vacilou um pouco — O que você quer dizer com onde eu estava? A noite em que minha tia morreu? Você está dizendo...

Christian chegou onde Adrian não pôde — A Lady Ivashokv está pagando você que você viu Adrian?

— Eu o vi — Joe choramingou. Ele estava suando visivelmente. Adrian estava certo. Lissa estava usando muito espírito nele, isso estava fisicamente machucando Joe — Eu só... eu só... eu não me lembro a hora... eu não lembro de nenhuma das horas. Isso foi o que eu disse para o outro cara também. Ela me pagou para colocar uma hora em quando você estava lá.

Adrian não gostou disso, não mesmo. Para crédito dele, continuou calmo. — O que você quer dizer com disse para — o outro cara — ?

— Quem mais? — repetiu Lissa — Quem mais estava com ela? —

.

— Ninguém! Lady Ivashokv só queria ter certeza de que seu filho estivesse limpo. Eu falsifiquei os detalhes pra ela. Era o cara... o outro cara que veio depois... o que queria saber quando Hathaway estava nas redondezas. — .

Houve um clique no hall de entrada, som da abertura da porta da frente. Lissa se inclinou para frente, accionando a compulsão. — Quem? Quem era ele? O que ele queria?

Joe parecia estar sentindo muita dor agora. Ele engoliu — Eu não sei quem era ele. Ninguém que eu já tenha visto. Um Moroi. Só queria que eu testemunhasse sobre quando eu tinha visto Hathaway. Me pagou mais do que Lady Ivashkov. Sem problemas... — Ele olhou para Lissa desesperadamente — Sem problemas em ajudar eles dois... especialmente quando Hathaway fez isso...

— Adrian? — A voz de Daniella soou baixo no hall — Você está aqui?

— Cai fora — Adrian avisou Lissa em voz baixa. Não tinha nenhuma piada nisso.

A voz dela estava apenas suave, sua atenção continuava em Joe — Como ele era? Descreva-o para mim?

O som dos saltos altos clicaram no chão de madeira

— Com ninguém — disse Joe — Eu juro! Pano, Comum. Excepto a mão... por favor, deixe-me ir...

Adrian empurrou Lissa para o lado, quebrando o contacto entre ela e Joe. Joe quase caiu no chão e depois ficou rígido quando seu olhar ficou preso ao de Adrian. Mais compulsão mas muito menos do que Lissa usou.

— Esqueça isso — ordenou Adrian — Nós nunca tivemos essa conversa

— Adrian, o que estás... — Daniella parou na porta da sala, colocando uma expressão estranha. Christian ainda estava no sofá, mas Adrian e Lissa estavam a centímetros de Joe, cuja camisa estava ensopada de suor.

— O que está acontecendo? — Daniella exclamou.

Adrian recuou e deu a sua mãe um daqueles sorrisos encantadores que cativou tantas mulheres. — Esse cara veio para ver você, mamãe. Dissemos a ele para esperar até que você voltasse. Estamos indo para fora agora.

Daniella olhou entre seu filho e Joe. Ela estava claramente desconfortável com a situação e também confusa. Lissa ficou surpresa com o comentário de sair, mas seguiram a liderança do Adrian. Christian também o fez.

— Foi bom vê-lo, — disse Lissa, tentando um sorriso para corresponder Adrian. Joe parecia totalmente atordoado. Após um último comando do Adrian, o pobre zelador tinham provavelmente também esquecido de como ele tinha acabado na casa Ivashkov.

Lissa e Christian seguiram Adrian às pressas para fora antes que Daniella pudesse dizer muito mais. — Que diabos foi isso? — Perguntou Christian uma vez que eles estavam fora. Eu não tinha certeza se ele queria dizer a compulsão assustadora de Lissa ou que Joe tinha revelado.

— Não tenho certeza, — disse Adrian, com a expressão escura. Nenhum sorriso mais alegre. — Mas devemos falar com Mikhail.

— Rose. — A voz suave do Dimitri, trouxe-me de volta para ele, Sydney, e do carro. Ele tinha, sem dúvida, reconhecido a expressão no meu rosto e sabia onde eu tinha ido.

— Tudo bem lá para trás, — perguntou ele.

Eu sabia que *lá* significava Corte e não no banco de trás. Concordei, mas não era bem a palavra certa para o que eu tinha apenas testemunhado. O que eu tinha acabado de testemunhar? A admissão de falsos testemunhos. Uma admissão de que contradiz algumas das evidências contra mim. Eu não importo tanto que Joe tenha mentido para manter Adrian seguro. Adrian não haviam se envolvido com o assassinato da Tatiana. Eu queria ele livre é claro. Mas e quanto à outra parte? Alguns 'normais' Moroi pagavam a Joe

para mentir sobre quando eu tinha estado ao redor, deixando-me sem um álibi durante a janela de assassinato?

Antes que eu pudesse processar completamente as implicações, notei que o carro tinha parado. Forçando a informação do Joe para o fundo da minha mente, eu tentei fazer um balanço da nossa situação nova. O laptop da Sydney brilhava no banco da frente enquanto ela procurava por algo.

— Onde estamos? — Eu olhei para fora da janela. Pelos faróis, vi um triste, posto de gasolina fechado.

— Altswood, — disse Dimitri.

Ao meu entender, não havia mais nada, para além do posto de gasolina. — Faz a nossa última cidade parecer Nova York.

Sydney fechou seu laptop. Ela guardou-o, e colocou-o sobre o assento ao meu lado, perto das mochilas que ela pegou milagrosamente ao sair do motel. Ela trocou o carro no drive e puxou para fora do estacionamento. Não muito longe, eu podia ver a estrada e esperava que ela vira-se em direcção a ela. Em vez disso, ela dirigiu passado o posto de gasolina, na mais profunda escuridão.

Como era o último lugar, estávamos rodeados por montanhas e florestas. Nós arrastávamos a um ritmo de caracóis até que Sydney viu uma pequena estrada de cascalho desaparecer na floresta. Foi grande o suficiente para um carro a descer, mas de alguma forma, eu não esperava correr em muito tráfego aqui. Um caminho semelhante apareceu-nos mais e mais, e embora eu não pude ver seu rosto, a ansiedade de Sidney era palpável no carro.

Minutos pareceram horas até que o nosso caminho estreito abriu-se em um grande pacote de sujeira. Outros veículos - bonitos carros antigos - foram estacionado lá. Era um lugar estranho para um parque de estacionamento, considerando tudo o que eu podia ver à nossa volta era floresta escura. Sydney desligou o carro.

— Será que estamos em um acampamento, — perguntei.

Ela não respondeu. Em vez disso, ela olhou para Dimitri. — Você é tão bom como eles dizem que você é?

— O quê? — Ele perguntou, assustado.

— Combate. Todo mundo fica falando sobre quão perigoso é. É verdade? Você é tão bom assim?

Dimitri considerou. — Muito bom — .

Eu zombei. — MUITÍSSIMO bom.

— Espero que seja o suficiente, — disse Sidney, alcançando os punhos das portas.

Abri a porta também. — Você não vai perguntar sobre mim?

— Eu já sei que você é perigosa, — ela disse. — Eu vi isso.

Seu elogio ofereceu pouco conforto quando saímos em frente ao estacionamento rural. — Porque paramos?

— Porque temos que ir a pé agora. — Acendeu uma lanterna e ele brilhou ao longo do perímetro. Por fim, ele piscou através de uma

trilha que serpenteava por entre as árvores. O caminho era pequeno e fácil de se perder porque as ervas daninhas e outras plantas foram invadindo-o.

— Ali. — Ela começou a se mover em direção a ela.

— Espere, — disse Dimitri. Moveu-se na frente dela, abrindo o caminho, e eu imediatamente assumi a posição de volta em nosso grupo. Foi uma

formação de guardião padrão. Estávamos acompanhados da maneira que teríamos com um Moroi. Todos os pensamentos anteriores da Lissa desapareceram da minha mente. Minha atenção foi totalmente sobre a situação em mãos, todos os meus sentidos alerta para o perigo potencial. Eu podia ver que Dimitri estava na mesma modalidade,

tanto que nós, estávamos a segurando nossas estacas.

— Para onde estamos indo? — Perguntei evitando cuidadosamente as raízes e os buracos ao longo do caminho. Ramos raspavam junto meus braços.

— Para as pessoas eu garanto não vai transformá-lo, — ela disse, a voz sombria.

Mais perguntas estavam nos meus lábios quando a luz brilhante de repente me cegou. Meus olhos tinham crescido em sintonia com as trevas, e o brilho inesperado foi também uma mudança abrupta. Houve um sussurro nas árvores, um sentimento de muitos corpos que nos rodeia, e quando eu recuperei a visão, eu vi rostos de vampiros em todos os lugares.

NOVE

FELIZMENTE, ERAM ROSTOS DE MOROI. Aquilo não me impediu de erguer minha estaca e me mover para mais perto de Sydney. Ninguém estava nos atacando, então me mantive na minha posição — não que isso provavelmente importasse. Enquanto eu observava mais e mais o cenário, eu vi que nós estávamos completamente rodeados por dez pessoas. Nós dissemos a Sydney que éramos bons, e isso era verdade: Dimitri e eu provavelmente poderíamos vencer um grupo como esse, embora as instalações pobres fossem dificultar. Eu também percebi que o grupo não era só de Moroi. Os mais próximos de nós eram, mas aqueles ao redor deles eram dhampirs. E a luz que eu pensei que vinha de tochas ou lanternas, na verdade vinha de uma bola de fogo nas mãos de um Moroi.

Um homem Moroi se aproximou um passo, quase da idade de Abe, com uma longa barba marrom e uma estaca de prata em sua mão. Uma parte de mim notou que a estaca foi rudemente feita se comparada à minha, mas representava a mesma ameaça.

O olhar do homem passou por mim e pelo Dimitri, e a estaca foi abaixada. Sydney se tornou o objeto de minucioso exame do cara, e ele de repente aproximou-se dela. Dimitri e eu nos movemos para pará-lo, mas outras mãos nos pararam. Eu poderia ter lutado contra elas, mas congelei quando a Sydney soltou um estrangulado, — Esperem.

O Moroi barbudo agarrou seu queixo e virou sua cabeça de forma que a luz alcançasse sua bochecha, iluminando a tatuagem dourada. Ele a soltou e deu passos para trás.

— Garota Imaculada. — ele grunhiu.

Os outros relaxaram um pouco, embora mantivessem as estacas posicionadas e ainda parecessem prontos para atacar se provocados. O líder Moroi voltou sua atenção de Sydney para Dimitri e eu.

— Vocês estão aqui para se juntar a nós? — ele perguntou cautelosamente.

— Nós precisamos de abrigo, — disse Sydney, tocando levemente sua garganta. — Eles estão sendo perseguidos pelos... pelos Impuros.

A mulher segurando o fogo parecia cética. — Mais como espões do que Impuros.

— A Rainha Impura está morta, — disse Sydney. Ela acenou com a cabeça na minha direção. — Eles acham que ela fez isso.

A parte indiscreta de mim começou a falar, mas imediatamente se calou, sábia o bastante para saber que essa bizarra virada de eventos deveria ser deixada por conta da Sydney. Eu não entendia o que ela estava dizendo. Quando ela disse que os Impuros estavam nos perseguindo, eu achei que ela estava querendo fazer com que o grupo pensasse que os Strigoi estavam atrás de nós. Agora, depois que ela mencionou a rainha, eu não estava tão certa. Eu também não estava tão certa de que me identificar como uma assassina em potencial fosse inteligente. Até onde eu sabia, Barba Marrom me entregaria em troca de uma recompensa. Pela aparência de suas roupas, ele poderia usar alguma.

Para minha surpresa, isso o fez sorrir. — E então, outro usurpador passou. Já existe outro?

— Não, — disse Sydney. — Eles logo terão as eleições para escolher.

Os sorrisos do grupo foram substituídos por expressões de desdém e desaprovação mudos sobre as eleições. Eu não pude evitar. — De que outra forma eles escolheriam um novo rei ou rainha?

— No jeito verdadeiro, — disse um dhampir próximo. — No jeito que costumava ser, há muito tempo atrás. Numa batalha até a morte.

Eu esperei pelo fim da piada, mas o cara estava claramente falando sério. Eu quis perguntar a Sydney no que ela nos meteu,

mas nesse ponto, nós tínhamos aparentemente passado na inspeção. Seu líder virou e começou a andar para o pátio. O grupo o seguiu, movendo-nos com eles enquanto o faziam.

Ouvindo a conversa deles, eu não pude evitar franzir um pouco o cenho — e não apenas porque nossas vidas poderiam correr risco. Eu estava intrigada com o sotaque deles. O recepcionista do Motel tinha um pesado acento sulista, exatamente como você esperaria nessa parte do país. Esses caras, enquanto soando similares, tinham algumas outras pronúncias misturadas. Quase me lembrou do sotaque do Dimitri.

Eu estava tão tensa e ansiosa que eu dificilmente consegui me concentrar em quanto nós caminhamos. Eventualmente, o pátio nos levou para o que parecia como uma área de acampamento bem escondida. Uma enorme fogueira brilhava numa clareira com pessoas sentadas ao redor.

Ainda, havia estruturas dispersas de um lado, alcançando as árvores ao redor do pátio. Ainda não era uma estrada, mas me deu a ilusão de uma cidade, ou ao menos de um vilarejo. As construções eram pequenas e esfarrapadas, mas aparentavam ser permanentes. Do outro lado do fogo, a terra aumentou acentuadamente nos Apalaches, bloqueando as estrelas. Na luz tremulante, eu pude ver que a superfície da montanha estava misturada com pedras rústicas e árvores cortadas, com pontos aqui ou lá como buracos negros.

Minha atenção voltou para os vivos. A multidão junta ao redor do fogo — duas dúzias mais ou menos — ficou quieta enquanto nossa escolta nos levava. No começo, tudo o que eu vi eram números. Esse era o guerreiro em mim, contanto oponentes e planejando o ataque. Então, assim como mais cedo, eu realmente olhei para os rostos. Mais Moroi misturados com dhampirs. E — o que eu fiquei chocada em descobrir — humanos.

Eles também não eram alimentadores. Bem, não no sentido em que eu conhecia alimentadores.

Mesmo no escuro, eu podia ver marcas de mordidas nos pescoços de alguns humanos, mas julgando por suas expressões

curiosas, eu poderia dizer que essas pessoas não davam sangue regularmente. Eles não estavam drogados. Eles estavam misturados entre os Moroi e dhampirs, sentados, em pé, conversando, atraindo — o grupo todo claramente estava unido em algum tipo de comunidade. Eu me perguntava se esses humanos eram como os Alquimistas. Talvez eles tenham algum tipo de relação de negócios.

A formação firme ao nosso redor começou a se dispersar, e eu fui para perto da Sydney. — O que, em nome de Deus, é tudo isso?

— Os Protetores, [\(Nota 5\)](#) — ela disse baixo.

— Protetores? O que isso significa?

— Significa, — disse o Moroi barbudo, — que ao contrário de seu povo, nós ainda mantemos os dias antigos, do jeito que realmente deveria ser.

Eu encarei esses — Protetores — em suas roupas gastas e as crianças sujas e descalças. Refletindo sobre quão longe estávamos da civilização — e baseado em quão escuro estava longe do fogo — eu estava apostando que eles não tinham eletricidade. Eu estava a ponto de dizer que não achava que era assim que alguém deveria realmente viver. Então, lembrando-me do jeito casual que essas pessoas tinham falado de lutas até a morte, eu decidi manter meus pontos de vista para mim.

— Por que eles estão aqui, Raymond? — perguntou uma mulher sentada ao redor do fogo. Ela era humana, mas falava com o Moroi barbudo num jeito perfeitamente comum e familiar. Não era a forma sonhadora que um alimentador normalmente usava com um Moroi. Não era nem mesmo como as conversas afetadas que minha raça tinha com os Alquimistas. — Eles vão se juntar à nós?

Raymond negou com a cabeça. — Não. Os Impuros estão atrás dela por matar a rainha deles.

Sydney me deu uma cotovelada antes que eu pudesse negar. Eu rangi meus dentes, esperando para ser maltratada. Ao invés disso, fiquei surpresa ao encontrar a multidão me olhando com uma

mistura de respeito e admiração, assim como havia sido em nossa facção de boas vindas.

— Nós estamos dando refúgio a eles, — explicou Raymond. Ele sorriu para nós, embora eu não soubesse se sua aprovação vinha de nós sermos assassinos ou simplesmente porque ele gostava da atenção que estava ganhando. — Embora, vocês sejam bem vindos a se juntar a nós e viver aqui. Nós temos espaço nas cavernas.

Cavernas? Eu olhei em direção aos penhascos além do fogo, percebendo agora o que eram os buracos negros. Mesmo enquanto eu assistia, algumas pessoas se retiraram para a noite e escalaram até desaparecerem nos pedaços escuros da montanha.

Sydney respondeu enquanto eu mantinha a expressão horrorizada no rosto. — Nós apenas precisamos ficar aqui... — ela vacilou, considerando quão incompletos nossos planos se tornaram. — Uns dois dias, provavelmente.

— Você pode ficar com a minha família, — disse Raymond. — Mesmo você. — Isso foi direcionado para Sydney, e ele faz isso soar como um favor.

— Obrigada, — ela disse. — Somos gratos em passar a noite em sua casa. — A ênfase na última palavra era para mim, percebi. As estruturas de madeira ao longo do pátio árido não pareciam luxuosas em nenhum grau de imaginação, mas eu aguentaria uma caverna qualquer dia.

O vilarejo, ou comunidade, ou qualquer coisa, estava se tornando crescentemente excitante enquanto nossa novidade corria. Bombardearam-nos com perguntas, começando com coisas comuns como nossos nomes, mas se movendo rapidamente para detalhes específicos sobre como exatamente eu havia matado Tatiana.

Eu fui salva de ter que responder quando a mulher humana que havia conversado com Raymond mais cedo pulou e guiou nosso triu para longe. — Já chega, — ela disse, espantando os outros. — Está ficando tarde, e eu estou certa de que nossos hóspedes estão com fome.

Eu estava morrendo de fome, na verdade, mas não sabia se eu estava em grandes dificuldades o suficiente para comer ensopado de gambá ou o que passou como alimento por aqui. As palavras da mulher foram recebidas com desapontamento, mas ela os assegurou que poderiam falar conosco amanhã. Olhando ao redor, eu vi um fraco púrpura do que deve ter sido o céu oriental. Nascer do sol. Um grupo de Moroi desejando os jeitos — tradicionais — provavelmente teriam uma rotina noturna, significando que essas pessoas provavelmente só teriam mais algumas horas antes da hora de dormir.

A mulher disse que seu nome era Sarah e nos guiou pelo pátio árido. Raymond disse que nos veria em breve. Enquanto andávamos, nós vimos outras pessoas caminhando para as dispersas, casas em ruínas, indo para a cama ou possivelmente ficar acordados devido à comoção. Sarah olhou para Sydney.

— Você nos trouxe algo?

— Não, — disse Sydney. — Estou aqui apenas para escoltá-los.

Sarah parecia desapontada, mas assentiu. — Uma tarefa importante.

Sydney franziu o cenho e aparentou estar mais desconfortável. — Faz quanto tempo desde que meu povo trouxe algo para vocês?

— Alguns meses, — disse Sarah depois de um momento pensando.

A expressão da Sydney ficou obscura diante das palavras, mas ela não falou novamente.

Sarah finalmente nos levou para o interior da mais larga e de melhor aparência casa, mesmo que ainda fosse comum e feita de tábuas madeira não pintadas. O interior era de um preto escuro, e nós esperamos enquanto Sarah acendia lanternas antigas. Eu estava certa. Nada de eletricidade. Isso de repente me fez me questionar sobre o encanamento.

O chão era de madeira rígida assim como as paredes e cobertos por grandes e brilhantes tapetes. Aconteceu de estarmos em alguma

híbrida cozinha-sala-de-estar-e-jantar. Havia uma grande lareira no centro, uma mesa de madeira e cadeiras de um lado, e grandes almofadas no outro, que eu presumi que servissem como sofás. Prateleiras de ervas de secagem estavam penduradas acima da lareira, enchendo a sala com um cheiro picante que se misturava com o cheiro de madeira queimada. Existiam três portas na parede do fundo, e Sarah assentiu para uma.

— Vocês podem dormir no quarto das meninas, — ela disse.

— Obrigada, — eu disse, incerta sobre eu querer ver como nossas acomodações de hóspedes eram. Eu já estava sentindo falta do MOTEL. Eu estudei Sarah curiosamente. Ela parecia estar na idade de Raymond e vestia um vestido comum que ia até seus joelhos. Seu cabelo loiro estava preso, e ela parecia pequena para mim, assim como todos os humanos. — Você é a governanta do Raymond? — era o único papel que eu atribuiria a ela. Ela tinha algumas marcas de mordida, mas obviamente não era uma alimentadora. Pelo menos não em tempo integral. Talvez por aqui, alimentadores também ajudavam com os cuidados da casa.

Ela sorriu. — Sou esposa dele.

Era uma marca do meu auto-controle eu ter conseguido soltar qualquer tipo de resposta. — Oh.

O olhar afiado de Sydney caiu sobre mim, um alerta neles: Deixe para lá. E novamente eu apertei meu queixo e lhe dei um leve aceno de cabeça para deixá-la saber que eu havia entendido.

Só que eu não entendia. Dhampirs e Moroi transavam o tempo todo. Dhampirs precisavam disso. Ligações mais duradouras eram um escândalo — mas não completamente fora do leque de possibilidades.

Mas Moroi e humanos? Isso estava além da compreensão. Essas raças não ficavam juntas há anos. Eles produziram dhampirs há muito tempo, mas enquanto o mundo moderno progredia, os Moroi se afastaram completamente de se ligar (intimamente falando) com os humanos. Nós vivemos entre eles, é claro. Moroi e dhampirs

trabalhavam entre os humanos pelo mundo, compravam casas em suas vizinhanças, e aparentemente tinham um regime com sociedades secretas como Alquimistas. E, é claro, Moroi se alimentavam de humanos — e isso era a coisa. Se você mantivesse uma humano perto de você, é porque ele era um alimentador. Esse era o nível de intimidade. Alimentadores eram comida, puro e simples. Comida bem tratada, sim, mas não comida com que você faz amizade. Moroi fazendo sexo com um dhampir? Picante. Um Moroi fazendo sexo com um dhampir e bebendo sangue? Sujo e humilhante. Um Moroi fazendo sexo com um humano — com ou sem sangue envolvido? Incompreensível.

Existiam poucas coisas que me chocavam ou ofendiam. Eu era bem liberal em meus pontos de vista quando se tratava de romance, mas a ideia de um casamento entre um humano e um Moroi me surpreendeu. Não importava se o humano era do tipo alimentador — como Sarah aparentava ser — ou alguém — acima — disso, como Sydney. Humanos e Moroi não ficavam juntos. Era primitivo e errado, e era por isso que já não era mais feito. Bem, pelo menos não de onde eu vim.

Ao contrário de seu povo, nós ainda seguimos os velhos costumes.

A coisa engraçada era que não importava o quão errado eu achasse que isso era, Sydney sentia muito mais forte sobre isso com sua aversão à vampiros. Eu supus que ela já estava preparada, no entanto, por isso é que ela conseguiu manter a expressão fria dela. Ela não havia sido mantida no escuro como eu e Dimitri, porque eu senti com alguma certeza que ele compartilhava meus sentimentos. Ele só era melhor em esconder a surpresa.

Uma comoção na porta me tirou do meu choque. Raymond chegou e não estava sozinho. Um garoto dhampir de mais ou menos oito anos sentado em seus ombros, e uma garota Moroi mais ou menos da mesma idade perto deles. Uma bonita mulher Moroi que parecia ter seus vinte anos os seguiu, e atrás dela estava um

atraente dhampir que não deveria ser mais do que dois anos mais velhos do que eu, se não tivesse exatamente a minha idade.

Apresentações se seguiram. As crianças era Phil e Molly, e a mulher Moroi se chamava Paulette. Todos eles pareciam morar aqui, mas eu não conseguia distinguir exatamente o relacionamento deles, exceto pelo garoto da minha idade. Ele era o filho de Raymond e Sarah, Joshua. Ele tinha um sorriso pronto para todos nós — especialmente para mim e Sydney — e os olhos que me lembravam dos olhos azuis cristalinos e penetrantes dos Ozeras. Só que, enquanto a família dos Ozeras tendiam a ter cabelo escuro, Joshua tinha um cabelo loiro cor de areia com luzes mais claras num tom de dourado. Eu tinha que admitir, era uma combinação atrativa, mas aquela parte chocada do meu cérebro me lembrou novamente que ele foi o resultado de uma transa entre humano e Moroi, não um dhampir e Moroi como eu. O produto final era o mesmo, mas o significado era bizarro.

— Estou colocando-os em seu quarto, — Sarah disse a Paulette.
— O resto de vocês podem dividir o sótão.

Demorou um momento preu perceber que — o resto de vocês — significava Paulette, Joshua, Molly e Phil. Olhando para cima, eu vi que realmente havia o que parecia ser um espaço de sótão cobrindo metade da vastidão da casa. Não parecia ser espaço o bastante para quatro pessoas.

— Nós não queremos ser inconvenientes, — disse Dimitri, dividindo meus pensamentos. Ele esteve quieto por quase toda a aventura nessa terra de madeira, guardando suas energias para ações, não palavras. — Nós ficaremos bem por aqui.

— Não se preocupe com isso, — disse Joshua, novamente me dando aquele bonito sorriso. — Não nos importamos. Angeline também não se preocupará.

— Quem? — perguntei.

— Minha irmã.

Eu reprimi uma careta. Cinco deles encolhidos para que pudéssemos ter um quarto. — Obrigada, — disse Sydney. — Nós agradecemos. E nós realmente não vamos ficar muito tempo. — Mesmo com seu desgosto pelo mudo dos vampiros, Alquimistas podiam ser educados e charmosos quando queriam.

— Que pena, — disse Joshua.

— Pare de flertar, Josh, — disse Sarah. — Vocês três querem comer algo antes de dormir? Eu poderia aquecer um pouco de guisado. Nós comemos mais cedo com um pouco do pão da Paulette.

Ao ouvir a palavra guisado, meus temores sobre gambás retornaram. — Não precisam, — eu disse rapidamente. — Eu fico bem só com o pão.

— Eu também, — disse Dimitri. Perguntava-me se ele estava tentando diminuir o trabalho deles ou se compartilhava meus medos de comida. Provavelmente não é o segundo. Dimitri parecia ser o tipo de cara que você poderia jogar na selva e ele sobreviveria a qualquer coisa.

Paulette aparentemente tinha assado muito pão, e eles nos deixaram fazer um pic-nic na nossa pequena sala com muito pão e uma tigela de manteiga que provavelmente Sarah tinha feito sozinha. A sala tinha mais ou menos o tamanho do meu dormitório na St. Vladimir, com dois colchões cheios do não. Colchas ordenadamente os cobriam, colchas que provavelmente não eram usadas a meses com essas temperaturas. Mastigando um pedaço de pão, que era surpreendentemente bom, eu deslizei minha mão sobre uma das colchas.

— Lembra alguns designs que vi na Rússia, — disse.

Dimitri estudou a estampa também. — Parecido. Mas não é exatamente o mesmo.

— É a evolução da cultura, — disse Sydney. Ela estava cansada, mas não o bastante para abandonar o modo enciclopédia. — As

estampas Tradicionais Russas foram trazidas e eventualmente se fundiram com a colcha de estampa típica Americana.

Uau. — Hum, bom saber. — A família nos deixou sozinhos enquanto se preparavam para dormir, e eu olhei para nossa porta quebrada cautelosamente. Com o barulho e atividade por aqui, parecia improvável sermos ouvidos, mas mesmo assim eu abaixei minha voz. — Está pronta para explicar que diabos são essas pessoas?

Ela deu de ombros. — Os Protetores.

— É, eu já entendi isso. E nós somos os Impuros. Soa como um nome melhor para Strigoi.

— Não. — Sydney se encostou contra a parede de madeira. — Strigoi são Perdidos. Vocês são Impuros porque se juntaram ao mundo moderno e deixaram para trás o jeito primitivo deles pelos seus próprios costumes bagunçados.

— Hey, — eu repliquei. — Não somos nós usando macacões e tocando banjos.

— Rose, — brigou Dimitri, com um olhar que indicava a porta. — Seja cuidadosa. E além do mais, só vimos uma pessoa usando macacão.

— Se te faz se sentir melhor, — disse Sydney, — Eu prefiro o jeito de você. Ver humanos misturados como tudo isso... — a expressão simpática e profissional que ela havia mostrado aos Protetores se fora. Sua natureza brusca estava de volta. — É nojento. Sem ofensa.

— Não ofendeu, — eu disse com um arrepio. — Confie em mim, sinto-me da mesma forma. Não posso acreditar... Não posso acreditar que eles vivem dessa forma.

Ela assentiu, parecendo grata por eu dividir a mesma opinião que ela. — Eu gosto de vocês estando com a própria espécie. Exceto...

— Exceto que? — eu incitei.

Ela parecia tímida. — Mesmo que do povo de onde vocês vêm não se casem com humanos, vocês ainda interagem com eles e

vivem em suas cidades. Esses caras não.

— O que os Alquimistas preferem, — adivinhou Dimitri. — Você não aprova os costumes desse grupo, mas você gosta de tê-los convenientemente fora da sociedade principal.

Sydney assentiu. — Quanto mais vampiros ficam na sua na mata, melhor — mesmo que o estilo de vida seja louco. Esses caras guardam pra eles mesmos — e deixam os outros de fora.

— Através de meios hostis? — eu perguntei. Nós fomos encontrados através de uma festa de guerra, e ela tinha esperado por isso. Todos eles estavam prontos para lutar: Moroi, dhampir e humanos.

— Esperançosamente não tão hostil, — ela disse evasivamente.

— Eles te deixaram passar, — disse Dimitri. — Eles conhecem os Alquimistas. Por que a Sarah te perguntou sobre trazer novas coisas?

— Porque é o que fazemos, — ela disse. — De vez em quando, para grupos como esse, nós deixamos suprimentos — comida para todos, medicamentos para os humanos. — Novamente, eu ouvi aquele escárnio em sua voz, mas então ela se ficou desconfortável. — A coisa é, se Sarah está certa, eles estão esperando a visita de um Alquimista. Seria muita sorte nossa estar aqui quando acontecesse.

Eu ia assegurá-la que nós só precisávamos ficar aqui por alguns dias quando uma frase impensada escapou. — Espera. Você disse 'grupos como esse'. Quantas dessas comunidades existem por aí? — eu me virei para o Dimitri. — Isso não é como os Alquimista, né? Algo que só alguns de vocês sabem sobre e que vão guardar do resto de nós?

Ele negou com a cabeça. — Estou tão abismado com tudo isso quanto você.

— Alguns de seus líderes provavelmente sabem sobre os Protetores de uma forma vaga. — Disse Sydney. — Mas nada de detalhes. Nem localizações. Esses caras se escondem muito bem e

podem se mudar numa fração de segundo. Eles ficam longe do seu povo. Eles não gostam do seu povo.

Suspirei. — Motivo pelo qual não vão nos entregar. E é por isso que eles estavam tão animados que eu possa ter matado a rainha Tatiana. Obrigada por isso, aliás.

Sydney não estava arrependida, no mínimo. — Nos deu proteção. Como isso. — Ela abafou um bocejo. — Mas por enquanto? Estou exausta. Não serei capaz de seguir os planos loucos de pessoa alguma — seus ou do Abe — se eu não dormir um pouco.

Eu sabia que ela estava cansada, mas só agora a extensão disso me atingiu. Sydney não era como nós. Nós precisávamos dormir, mas tínhamos resistência para deixarmos isso de lado se precisássemos. Ela esteve acordada a noite toda e forçada a enfrentar situações que definitivamente estavam fora de sua zona de conforto. Ela parecia que estava a ponto de dormir encostada na parede aqui e ali. Virei-me para Dimitri. Ele já estava olhando para mim.

— Turnos? — perguntei. Sabia que nenhum de nós permitiria que nosso grupo ficasse sem guarda nesse lugar, mesmo que fossemos alegadamente heróis assassinos de rainha.

Ele assentiu. — Você vai primeiro, e eu vou

A porta foi aberta bruscamente e eu e Dimitri quase partimos pro ataque. Uma garota dhampir estava em pé ali, encarando-nos. Ela era uns dois anos mais nova do que, quase da idade de minha amiga Jill Mastrano, uma estudante da St. Vladimir que queria ser uma Moroi lutadora. Essa garota parecia querer ser uma também, começando por sua postura. Ela tinha o físico forte e esguio que a maioria dos dhampirs tinha, seu corpo todo preparado como se ela pudesse lidar com qualquer um de nós. Seu cabelo era liso até a cintura, um castanho-escuro que tinha luzes douradas e cobre do sol. Ela tinha os mesmos olhos azuis do Joshua.

— Então, — ela disse. — Vocês são os grandes heróis pegando meu quarto.

— Angeline? — adivinhei, lembrando-me de Joshua mencionando sua irmã.

Ela estreitou os olhos, não gostando de saber que ela era. — Sim. — Ela me estudou e não pareceu aprovar o que encontrou. O olhar afiado foi para o Dimitri em seguida. Eu esperei um suavizar, esperava que ela caísse por sua boa aparência como a maioria das mulheres faziam. Mas, não. Ele recebeu desconfiança também. Sua atenção se voltou para mim.

— Eu não acredito nisso, — ela declarou. — Vocês são suaves demais. Muito arrumados.

Arrumados? Sério? Eu não me sentia dessa forma, não nos meus jeans surrados e camisetas de batalha. Olhando para seu vestuário, no entendo, eu talvez pudesse entender a atitude. Suas roupas eram limpas, mas seus jeans já eram bem usados, os dois joelhos desgastados. A blusa era comum, branca que parecia ter sido feita em casa. Eu não sabia se era originalmente branca. Talvez eu fosse arrumada em comparação. Claro, se alguém merecia o título de arrumada, seria a Sydney. Suas roupas teriam passado numa reunião de negócios, e ela não esteve em nenhuma luta ou fuga de prisão recentemente.

Angeline não a deu, porém, nem um segundo olhar. Eu estava começando a sentir que os Alquimistas eram uma categoria estranha por aqui, um tipo diferente de humanos daqueles casados com os Protetores. Alquimistas traziam suprimentos e iam embora. Eles eram quase um tipo de Alimentador para essas pessoas, sério, o que confundia minha cabeça. Os Protetores tinham mais respeito pelos tipos de humanos que minha cultura nem reparava.

Independentemente, eu não sabia o que dizer para Angeline. Eu não gostava de ser chamada de suave ou ter minha capacidade de luta colocada em dúvida. Uma faísca do meu temperamento foi acesa, mas eu me recusei a causar problemas por arranjar briga com a filha de nosso anfitrião, nem ia começar a inventar detalhes sobre o assassinato de Tatiana. Eu simplesmente dei de ombros.

— Aparências enganam, — disse.

— Sim, — Angeline disse friamente. — Enganam mesmo.

Ela seguiu até um cofre no canto e tirou o que parecia como uma camisola. — É melhor você não bagunçar minha cama, — ela me alertou. Olhou para Sydney, sentada no outro colchão. — Não ligo para o que você fizer com o da Paulette.

— A Paulette é sua irmã? — perguntei, tentando entender essa família.

Não parecia haver uma coisa sequer que eu pudesse dizer que não ofendesse a garota. — Claro que não, — Angelina disse, batendo a porta quando saiu. Eu encarei, atônita.

Sydney bocejou e se esticou em sua cama. — Paulette provavelmente é a... ahn, não sei. Amante. Concubina do Raymond.

— O que? — exclamei. Um Moroi casado com uma humana, tendo um caso com uma Moroi. Eu não sabia quanto mais eu aguentaria. — Vivendo com essa família?

— Não me peça para te explicar. Eu não quero saber mais sobre seus costumes perversos do que eu preciso.

— Não são meus, — retorqui.

Sarah veio um pouco depois para se desculpar por Angeline e ver se precisávamos de mais alguma coisa. Nós a asseguramos que estávamos bem e agradecemos por sua hospitalidade. Quando ela se foi, Dimitri e eu ajeitamos os turnos. Eu preferia que nós nos ficassemos alertas, particularmente desde que eu estava certa de que Angeline ia torcer a garganta de alguém em seu sono. Mas, precisávamos descansar e sabíamos que os dois iam reagir prontamente se alguém derrubasse a porta.

Então, eu deixei o Dimitri pegar o primeiro turno enquanto me encolhi na cama da Angeline, tentando não bagunçar. Era surpreendentemente confortável. Ou, talvez eu só estivesse cansada. Era capaz de deixar de lado minhas preocupações com execuções, irmãos perdidos e vampiros caipiras. Um sono profundo se apossou de mim, e eu comecei a sonhar... mas não qualquer sonhos. Era o meu mundo interior, o sentimento de estar dentro e

fora da realidade. Eu estava sendo levada para um sonho induzido por espírito.

Adrian!

O pensamento me animou. Eu sentia falta dele e estava ansiosa para conversar com alguém diretamente depois de tudo o que aconteceu na Corte. Não houve muita conversa durante minha fuga, e depois de toda essa bizarrice de mundo escondido em que eu tropecei, eu realmente precisava de um pedaço de normalidade e civilização ao meu redor.

O mundo do sonho começou a se formar ao meu redor, ficando mais e mais claro. Era um lugar que eu nunca havia visto, uma sala de estar formal com cadeiras e sofás cobertos por almofadas com paisley cor de lavanda. Pinturas a óleo decoravam as paredes, e havia uma grande harpa no canto. Eu havia aprendido fazia tempo que não havia como prever para onde o Adrian ia me levar — ou o que ele me faria vestir. Felizmente, eu estava usando jeans e uma camiseta, meu nazar azul pendurado no meu pescoço.

Eu me virei ansiosamente, procurando por ele para dar um abraço gigante. Ainda assim, enquanto meus olhos procuravam pela sala, não foi o rosto de Adrian que eu de repente me vi olhando.

Era o de Robert Doru.

E Victor Dashkov estava com ele.

DEZ

QUANDO SEU NAMORADO pode entrar nos seus sonhos, você tira algumas lições. Uma das mais importantes é que fazer coisas físicas em sonhos se sente exatamente como fazê-las no mundo real. Digo, como beijar alguém. Adrian e eu tínhamos compartilhado uma série de beijos durante o sonho suficientemente intensos para fazer com que meu corpo quisesse muito mais. Embora eu nunca tenha realmente atacado alguém em um sonho, eu estava disposta a apostar que um soco no sonho seria tão doloroso quanto um real.

Sem hesitar, corri em direção a Victor, incerta se eu devia socá-lo ou sufocá-lo. Ambos pareciam boas ideias.

Acabou, que eu não fiz nenhum dos dois. Antes que eu pudesse alcançá-lo, eu bati em uma rígida parede invisível. Ela tanto me bloqueou dele quanto me jogou para trás com o impacto. Eu tropecei, tentou recuperar o meu equilíbrio, mas aterrissei dolorosamente no chão. Sim, nos sonhos se sente como na vida real.

Eu olhei para Robert, sentindo uma mistura de raiva e desconforto. Eu tentei esconder a emoção passada. — Você é um usuário de espírito com telecinese?

Eu sabia que era possível, mas era uma habilidade que nem Lissa nem Adrian tinham dominado ainda. Eu realmente não gostei da ideia de que Robert pudesse ter o poder de lançar objetos ao seu redor e criar barreiras invisíveis. Era uma desvantagem que nós não precisávamos. Robert permaneceu

enigmático. — Eu controlo o sonho.

Victor olhou para mim presunçoso, que era sua melhor expressão. Percebendo que eu estava em uma posição indigna,

eu ajeitei os meus pés. Eu mantive uma postura dura, meu corpo tenso e pronto, como eu queria saber se Robert iria manter a parede continuamente.

— Você é feita com petulância? — Perguntou Victor. — Comportando-se como uma pessoa civilizada fará com que a nossa conversa seja muito mais agradável.

— Não tenho nenhum interesse em falar com você, — eu rebati. — A única coisa que eu vou fazer é te caçar no mundo real e te arrastar de volta às autoridades.

— Fascinante —, disse Victor. — Nós podemos dividir uma cela. Eu estremei.

— Sim, — ele continuou. — Eu sei tudo o que aconteceu. Pobre Tatiana. Uma tragédia. Essa perda.

Sua zombaria e seu tom melodramático me alarmaram. — Você... você não tem nada a ver com isso, tem? — Victor escapar

da prisão tinha provocado medo e paranóia entre os Moroi. Eles acreditavam que ele estava indo atacá-los. Sabendo a verdade sobre a fuga, eu interrompi a conversa, percebendo que ele simplesmente tinha que ficar quieto. Agora, lembrando que ele queria começar uma revolução entre os Moroi, eu me perguntava se o assassino da rainha realmente era o maior vilão que nós conhecíamos.

Victor bufou. — Dificilmente. — Ele colocou as mãos atrás das costas enquanto andava no quarto e fingiu estudar a arte. Eu novamente me perguntei quanto tempo mais Robert prorrogaria o escudo. — Eu tenho métodos muito mais sofisticados para realizar meus objetivos. Eu não ia me inclinar para algo assim e nem você.

Eu estava prestes a assinalar que mexer com a mente de Lissa não era sofisticado, mas as últimas palavras dele me chamaram a atenção. — Você não acho que eu fiz isso?

Ele olhou para trás, de onde ele estava estudando um homem com uma cartola e uma bengala. — Claro que não. Você nunca faria nada que precisasse de muito planejamento. E, se o que eu ouviu

falar sobre a cena do crime é verdade, você nunca deixaria a prova do crime para trás.

Havia um tanto de insulto e elogio naquilo. — Bem, obrigada pelo voto de confiança. Eu me preocupei com o que você pensaria. — Isso me rendeu um sorriso, e eu cruzei os braços sobre o peito. — Como você sabe o que está acontecendo na Corte? Você tem espiões?

— Esse tipo de coisa se espalha por todo o mundo Moroi rapidamente, — disse Victor. — Eu não fiquei de fora. Eu soube sobre o assassinato quase assim que aconteceu. E sobre a sua fuga impressionante.

A minha atenção na maior parte ficou em Victor, mas eu lancei uns olhares rápidos em Robert. Ele permaneceu em silêncio, com um olhar em branco e distraído em seus olhos, e eu me perguntava se ele estava ciente do que estava sendo dito ao redor dele. Vê-lo sempre me provocou arrepios na espinha. Ele era um exemplo notável do pior do espírito.

— Por que você se importa? — Eu exigi. — E por que diabos você está me incomodando nos meus sonhos?

Victor continuou seu ritmo, parando para executar as pontas dos dedos ao longo da harpa de superfície lisa de madeira. — Porque eu tenho um grande interesse

na política Moroi. E eu gostaria de saber quem está responsável pelo assassinato e qual o seu jogo.

Eu sorri. — Parece que você está apenas com inveja que alguém mais está puxando as cordas além de você para uma mudança. Sem trocadilhos.

Sua mão caiu da harpa, de volta ao seu lado, e ele fixou seu olhar penetrante em mim, aqueles olhos verdes, o mesmo verde pálido de Lissa. — Você não chegará a lugar nenhum com esse comentário espirituoso. Você pode deixar-nos ajudar você ou não.

— Você é a última pessoa que eu quero a ajuda. Eu não preciso da sua ajuda.

— Sim. As coisas parecem estar indo muito bem para você, agora que você é uma fugitiva caçada e na corrida com um homem que muitos ainda acreditam que é um Strigoi. — Victor deu uma pausa calculada. — Claro, tenho certeza que você não leva em conta a última parte. Você sabe, se eu encontrei vocês dois, eu poderia provavelmente atirar em você e ser recebido de volta como um herói.

— Não aposte nisso. — Raiva queimou em mim tanto em sua insinuação como nos muitos problemas que ele causou entre Dimitri e eu no passado. Com muita força de vontade, eu respondi em uma voz baixa mortal: — E você provavelmente não viverá para ver as autoridades.

— Nós já estabelecemos que assassinato não está em seu conjunto de habilidades. — Victor se sentou numa das cadeiras almofadadas, ficando confortável. Robert continuou de pé, sem expressão ainda em seu rosto. — Agora, a primeira coisa que precisamos fazer é determinar por que alguém gostaria de matar nossa velha rainha. Sua personalidade abrasiva é uma difícil motivação, mas tenho certeza de que isso não machuca. As pessoas fazem coisas como esta para conseguir poder e vantagem, para empurrar sua agenda completamente. Pelo que ouvi, as ações de Tatiana são mais polêmicas do que a idade de direito - sim, esse é o único motivo. É lógico que seu assassino é contra isso.

Eu não queria concordar com Victor em tudo. Eu não queria uma discussão razoável com ele. O que eu queria era alguma indicação de onde

ele estava na vida real e, em seguida, eu queria ter uma chance de bater no muro invisível novamente. Ia fazer valer a pena o risco, se eu pudesse infligir

algum dano. Então, eu fiquei um pouco surpresa quando me vi dizendo, — ou, quem fez isso queria empurrar algo pior — algo mais severo para os dhampirs. Eles acharam que seu decreto estava flexível demais.

Eu admito, pegar Victor Dashkov desprevenido foi uma das maiores alegrias da minha vida. Eu tive satisfação, agora, vendo as sobrancelhas dele arqueando de espanto. Não era fácil propor algo a um mestre como ele, algo que não haviam considerado. — Interessante, — ele disse finalmente. — Talvez eu tenha subestimado você, Rose. Isso é uma dedução brilhante de sua parte.

— Bem, hum... não era exatamente a minha dedução.

Victor esperou com expectativa. Mesmo Robert saiu do seu torpor e olhou para mim. Foi assustador.

— Foi Tatiana. Quero dizer, não sua dedução. Ela disse diretamente — bem, isto é, o bilhete que ela deixou para mim sim. — Por que eu estava divagando na frente desses caras? Pelo menos eu surpreendi Victor novamente.

— Tatiana Ivashkov deixou-lhe uma nota com informações clandestinas? Para quê?

Mordi o lábio e voltei minha atenção ao longo de uma das pinturas. Ele mostrava uma mulher elegante Moroi com os mesmos olhos verde jade que os Dashkovs e Dragomirs compartilhavam. De repente eu me perguntei se, talvez, Robert formou este sonho em alguma mansão Dashkov de sua infância. Movimentar minha visão periférica me fez voltar instantaneamente aos irmãos.

Victor se levantou e deu alguns passos em direção a mim, a curiosidade e a astúcia o dominavam. — Existe mais. O que mais ela te disse?

Ela sabia que estava em perigo. Ela sabia que essa lei era parte disso... mas não era a única coisa, era?

Eu permaneci em silêncio, mas uma ideia maluca começou a se formar na minha mente. Eu estava realmente considerando ver se Victor poderia me ajudar. Claro que, lembrando, não era uma ideia tão louca, considerando que eu já o tirei da prisão para obter sua ajuda.

— Tatiana disse... — Eu devia dizer isso? Devo contar o segredo que nem mesmo Lissa sabia? Se Victor soubesse que havia outra

Dragomir, ele poderia usar esse conhecimento para um de seus regimes. Como? Eu não estava certa, mas há muito tempo aprendi a esperar o inesperado dele. Ainda mais que... Victor sabia muitos segredos dos Moroi. Eu teria gostado de ver sua inteligência em jogo com Abe. E eu não duvido que há muitos vencedores dentro de conhecimentos envolvidos nos Dragomirs e Dashkovs. Engoli em seco.

— Tatiana disse que havia outra Dragomir. O pai de Lissa teve um caso e se eu pudesse descobrir quem é esta pessoa, ia dar a Lissa o poder de voltar no Conselho.

Quando Victor e Robert trocaram olhares chocados, eu sabia que meu plano tinha saído pela culatra. Victor não estava me entendendo. Em vez disso,

eu era a única a apenas fornecer informações valiosas. Droga, droga, droga.

Ele voltou sua atenção para mim, sua expressão especulativa. Então. Eric Dragomir não era o santo que tantas vezes fingiu ser.

Eu embalei meus punhos. — Não fale do pai dela.

Não poderia nem sonhar com isso. Gostava imensamente de Eric. Mas sim... Se isso for verdade, então Tatiana está certa. Vasilisa tecnicamente tem o apoio da família, e seu ponto de vista liberal iria certamente causar atrito com um Conselho que parece nunca mudar seus hábitos. — - Ele riu. Sim, eu posso definitivamente ver que estou perturbando muitas pessoas, incluindo um assassino que quer oprimir dhampirs. Eu imagino que ele ou ela não quereria que este conhecimento vazasse.

— Alguém já tentou se livrar dos registros que ligam o pai de Lissa de uma amante. — Voltei a falar sem pensar e me odiei por isso. Eu não queria dar mais informações para os irmãos. Eu não queria jogar como se estivéssemos trabalhando todos juntos nisso.

— E deixe-me adivinhar, — disse Victor. — Isso é o que você está tentando fazer, não é? Encontrar este bastardo Dragomir.

— Hey,não...

— Isso é apenas modo de dizer, — ele me interrompeu. — Se eu conheço bem vocês duas — e me sinto confiante de que conheço — Vasilisa está desesperadamente tentando limpar o seu

nome na Corte, enquanto você e Belikov estão fora em uma aventura sexual encarregados de encontrar seu irmão ou irmã.

— Você não sabe nada sobre nós, — eu rosnei. Sexualmente carregada de fato.

Ele deu de ombros. — Seu rosto diz tudo. E realmente, não é uma má ideia. Não é uma ótima também, mas não é ruim. Dando à família Dragomir um quórum, [\(Nota 6\)](#) você terá uma voz falando em seu nome no Conselho. Eu não suponho que você tem alguma pista?

— Estávamos trabalhando nisso, — eu respondi evasivamente.

Victor olhou para Robert. Eu sabia que os dois não têm comunicação psíquica(ou lêem pensamentos), mas como eles trocaram olhares, eu tive uma sensação de que ambos pensaram a mesma coisa, e concordaram entre si. Por fim, Victor assentiu e se virou para mim.

— Muito bem, então. Vamos ajudá-la. — Ele fez parecer que ele estava relutante, concordando em me fazer um grande favor.

— Nós não precisamos da sua ajuda!

— Claro que sim. Você está fora do seu território, Rose. Você está em um ninho complexo e horrível depolítica, algo com que você não tem experiência. Não há nenhuma vergonha em admitir, assim como eu não estou com vergonha de admitir que em uma briga irracional, mal planejada, você seria, certamente, excepcional.

Outro elogio indireto. — Estamos indo muito bem. Temos uma alquimista nos ajudando. — Isso iria lhe mostrar que estava fora dessa liga. E, para o meu crédito, ele parecia um pouco impressionado. Só um pouco. — Melhor do que eu esperava. O seu Alquimista chegou a algum local ou nenhuma ligação ainda?

— Ela está trabalhando nisso, — eu repeti.

Ele suspirou de frustração. — Nós vamos precisar de tempo, então, não iremos? Tanto para Vasilisa no investigar no tribunal quanto para você para começar a controlar esta criança.

— Você é aquele que age como se soubesse de tudo, — eu apontei. — Achei que você soubesse algo sobre isso.

— Para meu desgosto, não. — Victor não soa realmente tudo que posta. — Mas assim que chegarmos a uma discussão, eu lhe garanto, vou ser essencial para desvendá-lo. — Caminhou até seu irmão e bateu no braço de Robert confortavelmente. Robert olhou para trás com adoração. — Bem, nós visitaremos você novamente.

Deixe-nos saber quando você tiver algo de útil e, em seguida encontraremos com você.

Meus olhos se arregalaram. — Você não vai fazer nenhuma dessas, — eu hesitei. Eu deixei Victor escapar em Las Vegas. E agora, ele estava se oferecendo para vir até mim. Talvez eu poderia reparar esse erro e fazer jus a minha ameaça anterior. Rapidamente, eu tentei cobrir meu lapso de expressão. — Como eu sei que posso confiar em você?

— Você não pode, — ele disse sem rodeios. — Você tem que levar na fé que o inimigo do seu inimigo é seu amigo.

— Eu sempre odiei ditados. Você sempre será meu inimigo.

Fiquei um pouco surpresa quando Robert de repente veio à vida. Ele olhou e deu um passo adiante. — Meu irmão é um homem bom, menina tocada pelas sombras! Se você machucá-lo... se você magoá-lo, você pagará. E da próxima vez você não vai voltar. O mundo dos mortos não vai desistir de você uma segunda vez.

Eu sabia que não devia levar as ameaças de um homem louco a sério, mas suas últimas palavras me arrepiaram. — Seu irmão é um psico...

— Chega, chega. — Victor novamente deu um tapinha tranquilizador no braço de Robert. Ainda com uma carranca para mim, o irmão mais novo dos Dashkov saiu, mas eu estava disposta a apostar que a parede invisível estava de volta no lugar. — Isso não

nos faz bem. É uma perda de tempo, e tempo é algo que não temos o suficiente. Precisamos de mais. As eleições monarcas vão começar a qualquer dia e o assassino de Tatiana poderia se beneficiar se realmente havia alguma coisa acontecendo. Precisamos desacelerar as eleições e não apenas para impedir o assassino, mas também para dar a todos

nós tempo para realizar nossas tarefas.

Eu estava ficando cansada de tudo isso. — Sim? E como é que se propõe fazer isso?

Victor sorriu. — Fazendo com que Vasilisa seja candidata a rainha.

Vendo como estamos lidando com Victor Dashkov, eu realmente não deveria ter ficado surpreendida por alguma coisa que ele dissesse. Era uma prova do seu nível de loucura que ele novamente me pegou desprevenida.

— Isso, — eu declarei, — é impossível.

— Nem por isso, — ele respondeu.

Você está prestando atenção no que está falando? A questão toda é para conseguir completamente os direitos da família Lissa com os Moroi. Ela não pode nem votar! Como ela poderia se candidatar para ser rainha?

— Na verdade, a lei diz que ela pode. De acordo com a forma como a política de nomeação está escrita, uma pessoa de cada linhagem real pode concorrer para a posição de monarca. Isso é tudo o que diz. Uma pessoa de cada linha pode ser executada. Não há menção de quantas pessoas precisam estar em sua família, como é preciso para votar no conselho. Ela precisa apenas de três indicações e a lei não especifica quem tem que ser da família. — Victor falava de tal maneira, precisa e nítida que ele poderia muito bem está recitando de um livro legal. Eu me perguntei se ele tinha todas as leis memorizadas. Eu suponho que se você estava tentando quebrar leis, você precisa conhecê-las.

— Quem escreveu essa lei parece supor que os candidatos teriam membros da família. Eles apenas não se incomodaram de dizer. Isso é o que as pessoas vão dizer se Lissa se candidatar. Eles irão combatê-la.

— Eles podem lutar contra isso com tudo que eles quiserem. Aqueles que estão negando a ela uma base local do Conselho como uma única linha nos livros de lei que mencionam outro membro da família. Se isso é o seu argumento, que deve contar todos os detalhes, então eles terão que fazer o mesmo para as leis eleitorais, que, como eu já disse, não mencionam o apoio da família. Isso é a beleza desta lacuna. Seus adversários não podem ter as duas coisas. — Um sorriso vitorioso apareceu nos lábios de Victor, extremamente confiante. Eu lhe asseguro, não há absolutamente nada no texto que a impeça de fazer isso.

— E sobre sua idade? — Eu apontei. — Os príncipes e princesas que concorrem são sempre velhos. — O título de príncipe ou princesa era sempre do mais velho da família e, tradicionalmente, essa era a pessoa que se candidatava para ser rei ou rainha. A família poderia decidir nomear

alguém mais adequado, mas mesmo assim para o meu conhecimento era sempre alguém mais velho e experiente.

— A restrição de idade só é plena idade adulta, — disse Victor. — Ela tem dezoito anos. Ela está qualificada. As outras famílias têm muito mais membros para escolher, de forma natural, eles irão escolher alguém que pareça mais experiente. No caso dos Dragomir? Bem, isso não é uma opção. Além disso, os monarcas jovens não estão sem prioridade. Houve uma rainha muito famosa — Alexandra - que não era muito mais velha que Vasilisa. Muito querida, extraordinária. Sua estátua está perto da igreja da Corte. — Eu me mexi desconfortavelmente. Na verdade... sua estátua, hum, não existe mais. Foi explodida.

Victor só olhava. Ele aparentemente ouviu sobre a minha fuga, mas não todos os detalhes.

— Isso não é importante, — eu disse apressadamente, sentindo-me culpado por ser indiretamente responsável por explodir uma rainha de renome. — Toda essa ideia sobre o uso de Lissa é ridículo.

— Você vai ser a única que pensa assim, — disse Victor. — Eles irão discutir. Eles irão lutar. No final, a lei vai prevalecer. Eles terão que permitir

que ela se candidate. Ela passará por testes e, provavelmente, passará em todos. Então, quando chegar a hora de votar, as leis que regem esses procedimentos de uma referência a membros da família assistirá à votação.

Minha cabeça estava girando até agora. Senti-me mentalmente exausta de ouvir todas essas brechas legais e técnicas.

— Seria bom se você falasse em uma linguagem bem simples, — eu pedi.

— Na contagem de votos, ela não será eleita. Ela não tem família para desempenhar o papel necessário na eleição real. Em outras palavras, a lei diz que ela pode concorrer e fazer os testes. No entanto, as pessoas realmente não podem votar nela porque ela não tem família.

— Que... idiota.

— Concordo. — Ele fez uma pausa. Eu não achava que nenhum de nós esperava concorrer em alguma coisa.

— Lissa odiaria isso. Ela nunca, nunca iria querer ser rainha.

— Você não está me acompanhando, — Exclamou Victor. — Ela não vai ser rainha. Ela não pode. Essa é uma lei mal escrita para uma situação que ninguém previu. É uma bagunça. E vai atolar as eleições e assim teremos mais tempo para encontrar o irmão de Vasilisa e descobrir quem realmente matou

Tatiana.

— Hey! Eu lhe disse: Não há *nós* aqui. Eu não irei...

Victor e Robert trocaram olhares.

— Conseguir que Lissa seja nomeada, — disse Victor abruptamente. — Nós estaremos em contato em breve sobre onde encontrá-la para a busca do Dragomir.

— Isso não é, — Eu acordei.

Minha reação imediata foi a de conjurar, mas depois, lembrando-me de onde eu estava, mantive meus palavrões dentro da minha própria cabeça.

Eu não poderia fazer isso com a silhueta de Dimitri no canto, alerta e vigilante, e eu não queria que ele soubesse que eu estava acordada. Fechando os olhos, eu mudei para uma posição mais confortável, esperando para dormir. Isso iria bloquear os irmãos Dashkov e seus esquemas ridículos. Lissa concorrendo para a rainha? Era uma loucura. E ainda... isso realmente não era muito mais louco do que a maioria das coisas que eu fiz.

Pondo isso de lado, deixei meu corpo relaxar e sentir o puxão do sono verdadeiro começar a me levar. Ênfase no começar. Porque de repente, eu senti outro sonho induzido por espírito se materializando em torno de mim.

Aparentemente, esta ia ser uma noite movimentada.

ONZE

EU ME PREPAREI, esperando ver os irmãos Dashkov aparecer novamente com alguns 'conselhos' de última hora. Invés disso eu vi...

— Adrian!

Eu corri pelo jardim onde eu tinha aparecido e joguei meus braços em torno dele. Ele abraçou-me também e me levantou do chão.

— Pequena Damphir, — disse ele, uma vez que ele me colocava no chão novamente. Seus braços ficaram ao redor da minha cintura. — Eu tive saudades.

— Eu também tive saudades suas. — E eu quis dizer isso. Os últimos dois dias e seus acontecimentos bizarros estavam completamente desequilibrado minha vida, e estar com ele - mesmo em um sonho - foi reconfortante. Eu fiquei na ponta dos pés e beijei-o, apreciando um momento de calor e paz, quando os nossos lábios se encontraram.

— Você está bem? — Ele perguntou quando eu quebrei o beijo. — Ninguém me diz muito sobre você. Seu velho diz que você está segura e que a Alquimista iria deixá-lo saber se alguma coisa desse errado.

Eu não me incomodei dizendo a Adrian, que provavelmente nem tudo era verdade, visto que nem Abe sabia que nós nos tínhamos enfiados em algum sertão de vampiros.

— Estou bem, — eu assegurei a Adrian. — Maior parte entediada. Estamos escondidos neste buraco de mergulho de cidade. Eu não acho que alguém venha nos procurar. Eu não acho que eles queiram.

Um olhar de alívio no rosto bonito, e ocorreu-me o quão preocupado ele estava.

— Fico feliz. Rose, você não consegue imaginar o quanto. Eles não estão apenas a questionar as pessoas que poderiam estar envolvidas. Os guardiões estão fazendo todos os tipos de planos para caçar você. Eles falam de toda essa conversa sobre *força bruta*.

— Bem, eles não vão me encontrar. Eu estou em algum lugar muito remoto. — Muito remota.

— Eu gostaria de ter ido com você.

Ele ainda parecia preocupado, e eu apertei o dedo em seus lábios. — Não. Não diga isso. É melhor você estar onde está — e melhor, não estar associado a mim mais do que já está. Você já foi interrogado?

— Sim, eles não tiraram nada de útil em mim. Alibi muito apertado. Trouxeram-me quando eu fui para encontrar Mikhail, porque nós conversamos sobre...

— Eu sei. Joe.

A surpresa de Adrian foi breve. — Pequena dhampir, você esteve espionando.

— É difícil não estar.

— Você sabe, o quanto gosto da ideia de ter alguém sempre a saber quando você está em apuros, eu me sinto agradecido por não ter alguém ligado a mim. Não tenho certeza se eu gostaria de ter alguém á procura na minha cabeça.

— Eu não acho que alguém iria querer olhar na sua cabeça também. Uma pessoa que vive a vida de Adrian Ivashkov já é difícil.

Diversão cintilou em seus olhos, mas desapareceu quando voltei para o negócio.

— De qualquer forma, sim. Eu através da Lissa... hum, o interrogatório de Joe. Isso é coisa séria. O que Mikhail disse? Se Joe mentiu, isso apura meia prova contra mim.

Teoricamente, mataria também o álibi de Adrian.

— Bem, nem bem a metade. Teria sido melhor se o Joe dissesse que você estava no seu quarto durante o assassinato, alegando que teve um flash, em vez de dizer que não se lembra de nada. Ele também teria sido melhor se ele não tivesse dito tudo isso sob compulsão da Lissa. Mikhail não pode relatar isso.

Eu suspirei. Sair com usuários de espírito, eu tinha começado por ter compulsão ao certo. Era fácil esquecer que entre os Moroi, era tabu, este tipo de coisa que tu fazias podias entrar em sérios problemas. Na verdade, Lissa nunca ficou em apuros por usá-lo ilegalmente. Ela também poderia ser acusada de simplesmente fazer Joe dizer o que ela queria. Qualquer coisa que se ele dissesse em meu favor seria suspeita. Ninguém acreditaria.

— Além disso, — acrescentou Adrian, olhando desanimado, — se o que Joe disse sai para fora, o mundo iria aprender sobre os actos equivocados de amor da minha mãe.

— Desculpa, — eu disse, colocando meus braços em torno dele. Queixava-se de seus pais o tempo todo, mas realmente se preocupava com sua mãe.

descobrir sobre a corrupção que ela fez deveria ser duro para ele, e eu sabia que a morte de Tatiana ainda lhe doía. Parecia que eu recentemente, estava em torno de um monte de homens em angústia. — Embora, eu realmente esteja feliz, por ela limpar-te de qualquer conexão.

— Foi estúpido da parte dela. Se alguém souber, ela pode estar em sérios problemas.

— Qual é o conselho do Mikhail então?

— Ele vai encontrar Joe e pergunta-lhe em particular. De lá ir. Por agora, não há muito mais que podemos fazer com a informação. É útil para nós...mas não para o sistema jurídico.

— Sim, — eu disse, tentando não sentir-me desanimada. — Eu acho que é melhor que nada.

Adrian balançou a cabeça e, em seguida, afastou o seu humor negro de uma maneira mais fácil dele. Ainda mantendo os braços em volta de mim, recuou um pouco, sorrindo quando ele olhou para mim. — Bonito vestido, já agora.

A mudança de tema me pegou de surpresa, embora eu deveria ter usado isso para ele, já agora. Seguindo seu olhar, eu percebi que estava vestindo um velho vestido meu, o sexy vestido preto que usei quando Victor desencadeou uma luxúria sensual em mim e em Dimitri. Uma vez que Adrian não me consegue vestir num sonho, o meu subconsciente tinha ditado a minha aparência. Eu estava do tipo surpreendida por ter escolhido isto.

— Oh... — de repente me senti envergonhada, mas não sabia porquê. — Minha própria roupa é uma espécie a abater. Eu acho que eu queria algo para neutralizar isso.

— Bem, isso fica bem em você. — Os dedos de Adrian deslizaram ao longo da alça. — Muito bem.

Mesmo em um sonho, o toque de seu dedo fez minha pele formigar. — Cuidado, Ivashkov. Nós não temos tempo para isso.

— Estamos dormindo. O que mais a gente vai fazer?

Meus protestos foram abafados em um beijo. Eu me afundei nele. Uma das mãos deslizou para o lado da minha coxa, perto da borda do vestido, e levou muita energia mental para me convencer de que ele a puxando o meu vestido, provavelmente não vai limpar o meu nome. Eu relutantemente movi-me de volta.

— Nós vamos descobrir quem matou Tatiana, — eu disse, tentando recuperar o fôlego.

— Não há nenhuma nós,— disse ele, ecoando a mesma linha que eu usei com Victor.

— Existe eu. E Lissa. E Christian. E o resto dos nossos desajustados amigos.

Acariciou meus cabelos e, em seguida, puxou-me de novo, roçando um beijo na minha bochecha.

— Não se preocupe, pequena dhampir. Toma conta de ti mesma. Apenas fique onde você está.

— Eu não posso, — eu disse. — Você não entendeu? Eu não posso simplesmente não fazer nada. — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse detê-las. Uma coisa era protestar contra a minha inactividade com Dimitri, mas com Adrian, eu precisava fazer ver a ele e aos outros na Corte, que eu estava fazendo a coisa certa.

— Você tem. Nós cuidamos disso por ti. — Ele não entendeu, eu percebi. Ele não entende o quanto eu precisava fazer algo para ajudar. Para seu crédito, suas intenções eram boas. Ele pensou que cuidar de mim era um grande negócio. Ele queria me manter segura. Mas ele realmente não conhecia como era agonizante eu não ter nenhuma actividade. — Nós vamos encontrar essa pessoa e impedi-los de fazer o que quer que seja...que eles querem fazer. Pode demorar um tempo, mas nós vamos corrigir isso.

— Tempo... — Murmurei contra o meu peito, deixando o argumento ir. Eu não chegaria a lugar algum se o convencesse de que precisava para ajudar meus amigos, e de qualquer forma, eu tinha minha própria busca agora. Tanta coisa para fazer, tão pouco tempo. Olhei para dentro da paisagem que ele tinha criado. Eu tinha notado árvores e flores mais cedo, mas só agora percebi que estávamos no pátio da Igreja — isto é, que tinha sido antes do assalto de Abe. A estátua da rainha Alexandra estava intacta, os cabelos longos e olhos tipo imortalizado em pedra. A investigação do assassinato realmente estava nas mãos dos meus amigos, mas Adrian estava certo: pode demorar um pouco. Eu suspirei.

— Tempo. Precisamos de mais tempo.

Adrian afastou-se ligeiramente.

— Humm? O que você disse?

Eu olhei para ele, mordendo meu lábio inferior com um milhão de pensamentos girando em minha mente. Olhei novamente para Alexandra e fiz a minha decisão, perguntando se eu estava a ponto

de estabelecer novos recordes na loucura. Voltei-me para Adrian e apertei a mão dele.

— Eu disse: precisamos de mais tempo. E eu sei como é que podemos obtê-lo... mas... bem, há algo que você tem que fazer por mim. E você, uh, provavelmente não deve mencionar isso a Lissa...

Tive tempo suficiente para entregar as minhas instruções para Adrian, que ficou tão chocado como eu tinha esperado antes de Dimitri me despertar para o meu turno. Nós ficamos com pouca conversa. Ele tinha seu rosto sempre difícil, mas eu podia ver as linhas de fadiga gravadas em cima do seu aspecto. Eu não queria incomodá-lo — ainda — com o meu encontro com Victor e Robert. Sem mencionar o que eu tinha pedido Adrian fazer. Haveria tempo de sobra para uma repescagem depois. Dimitri adormeceu dessa maneira fácil dele, e Sydney nunca se mexeu o tempo todo. Invejei-a por uma noite cheia de sono, mas não conseguia evitar um sorriso como a sala ficou mais leve. Ela estava inadvertidamente colocada num horário de vampiros depois de nossas aventuras durante toda a noite.

Claro que Lissa estava no mesmo horário, o que significava que eu não poderia visitá-la durante o meu horário. Ainda bem. Eu precisava ficar de olho sobre este assustadora colectiva onde tínhamos tropeçado. Estes Protectores não podem querer transformar-nos, porém não que quer torná-los inofensivos. Eu também não esqueci dos receios de Sidney sobre uma visita surpresa de Alquimistas.

Quando o final da tarde veio para o resto do mundo, ouvi mexendo dentro da casa. Eu gentilmente toquei no ombro de Dimitri, e ele ficou acordado instantaneamente.

— Calma, — eu disse, incapaz de esconder um sorriso. — Apenas um alerta. Parece que nossos amigos caipiras estão se levantando.

Desta vez, a nossa voz acordou Sydney. Ela rolou para nós, seus olhos olharam de soslaio para a luz que vinha através de uma janela mal tapada.

— Que horas são? — Ela perguntou, esticando suas pernas.

— Não tenho certeza. — Eu não tinha relógio. — Provavelmente passa do meio-dia. Três? Quatro?

Ela sentou-se quase tão rapidamente como Dimitri.

— Da parte da tarde? — A luz do sol deu-lhe a resposta. — Porra para vocês e os vossos horríveis horários.

— Você acabou de dizer porra? Isso não vai contra as regras da Alquimia? — Eu provoquei.

— Às vezes é necessário. — Esfregou os olhos e olhou para a porta. O fraco barulho que eu tinha ouvido no resto da casa estava mais alto agora, audível até mesmo para seus ouvidos.

— Eu acho que precisamos de um plano.

— Temos um, — eu disse. — Encontrar o irmão da Lissa.

— Eu nunca concordei inteiramente com isso, — ela me lembrou. — E vocês vão, indo pensando eu apenas posso estar fora magicamente como um filme hacker para encontrar todas as respostas.

— Bem, pelo menos é um lugar... — Um pensamento me ocorreu, que poderia baralhar as coisas a sério.

— Merda. Seu laptop não vai trabalhar mesmo fora daqui.

— Tem um modem via satélite, mas a bateria é o que temos que nos preocupar. — Sydney suspirou, levantou-se alisando a roupa amarrotada com desânimo.

— Eu preciso de um café ou algo assim.

— Eu acho que vi um em uma caverna abaixo da estrada, — eu disse.

Aquilo quase teve um sorriso dela. — Deverá haver alguma cidade aqui perto onde eu possa usar meu laptop.

— Mas provavelmente não é uma boa ideia levar o carro a qualquer lugar neste Estado, — disse Dimitri. — Apenas no caso de alguém no motel ter teu número de matrícula.

— Eu sei, — ela disse severamente. — Eu estava pensando sobre isso também.

Nossos brilhantes planos foram interrompidos por uma batida na porta. Sem esperar por uma resposta, Sarah enfiou a cabeça dentro e sorriu.

— Ah, bom. Vocês estão acordados. Nós estamos indo buscar o café da manhã, se vocês quiserem se juntar a nós.

Através da porta, surgiram uns perfumes soltos do que parecia um pequeno-almoço normal: bacon, ovos...O pão que tinha comido á noite me satisfez, mas eu estava pronta para comida de verdade e disposta a rolar os dados que qualquer família de Raymond tinha para oferecer.

Na secção principal da casa, encontramos uma enxurrada de actividades domésticas. Raymond parecia estar cozinhando algo sobre a lareira enquanto Paulette estava a por a longa mesa. Já tinha um prato de ovos mexidos perfeitamente normal e mais fatias de pão de ontem.

Raymond levantou-se da lareira, segurando uma folha de metal coberto de bacon crocante. Um sorriso rasgou seu rosto barbudo, quando nos avistou. Quanto mais destes Protectores eu via, mais eu continuava a perceber algumas coisas. Eles não faziam nenhuma tentativa de esconder as suas presas. Desde a infância, os Moroi eram ensinados a sorrir e falar de uma maneira que minimizasse a exposição das presas, no caso de estarem em cidades humanas. Não havia nada disso aqui.

— Bom dia, — disse Raymond, empurrando com cuidado o bacon em outro prato sobre a mesa. — Eu espero que vocês tenham muita fome.

— Você acha que isto é, bacon mesmo? — Sussurrei para Sydney e Dimitri. — E não um esquilo ou algo assim?

— Parece real para mim, — disse Dimitri.

— Eu ia dizer isso também, — disse Sidney. — Embora, eu garanto que são seus próprios porcos e não uma mercearia.

Dimitri riu de qualquer expressão que passou pela minha face.

— Eu sempre gosto de ver o que te preocupa. Strigoi? Não. Alimentos questionáveis? Sim.

— Que tal Strigoi?

Joshua e Angeline entraram na casa. Ele tinha um prato de amoras, e ela estava empurrando ao mesmo tempo os pequenos miúdos. Pelos seus rostos sujos contorcidos, eles claramente queria voltar lá para fora. Foi Angeline que tinha feito a pergunta.

Dimitri cobriu o meu enjoo.

— Apenas a falar sobre alguns Strigoi que Rose matou.

Joshua chegou a um impasse e olhou para mim espantado, com aqueles lindos largos olhos azuis.

— Tu já mataste Perdidos? Ahh... Strigoi?

Eu admirei a sua tentativa de usar o 'nosso' termo.

— Quantos?

Eu encolhi os ombros. — Eu realmente não sei mais.

— Não usas as marcas? — Raymond repreendeu. — Eu não sabia que os Impuros os tinham deixado

— As marcas...oh. Yeah. Nossas tatuagens? Nós temos.

Virei-me e levantei o meu cabelo. Eu ouvi um barulho de pés e, então, senti um dedo tocando minha pele. Eu vacilei e voltei-me depressa, apenas a tempo de ver Joshua abaixando a mão timidamente.

— Desculpe, — disse ele. — Eu nunca vi nada parecido com essas. Apenas as marcas molnija. Isso é como nós contamos as nossas mortes de Strigoi. Você tem... muitas.

— A marca em forma de S é exclusivo para eles, — disse Raymond com desaprovação. Aquele olhar foi rapidamente substituído por admiração. — O outro zvezda.

Isso rendeu suspiros de Joshua e Angeline e um — O quê? — de mim.

— A marca de batalha, — disse Dimitri. — Não há muitas mais pessoas que chamam zvezda. Isso significa 'estrela'.

— Huh. Faz sentido, — eu disse. A tatuagem era, na verdade, uma espécie de uma forma de estrela e é dado quando alguém tinha lutado em uma grande batalha, o suficiente para perder a conta do número de Strigoi mortos. Afinal, só havia marcas molnija, quantas você pode enfiar no seu pescoço.

Joshua sorriu para mim de uma forma que fez o meu estômago agitar um pouco. Talvez ele fizesse parte de uma seita pseudo-Amish, ([Nota 7](#)) mas não muda o facto de que ele ainda era bem parecido.

— Agora eu entendo como você conseguiu matar a rainha Impura.

— É provavelmente falsa, — disse Angeline.

Eu tinha ido para protestar contra a parte de matar a rainha, mas seu comentário me descarrilou.

— Mas não é! Eu ganhei quando Strigoi atacaram a nossa escola. E muito depois disso eu apanhei mais.

— A marca não pode ser tão incomum, — disse Dimitri. — Seu povo deve ter tido grandes lutas Strigoi de vez em quando.

— Nem por isso, — disse Joshua, os olhos ainda em mim. — A maioria de nós nunca lutou ou mesmo viu os Perdidos. Eles realmente não nos incomodam.

Isso foi surpreendente. Se alguma vez existisse um alvo Strigoi, um grupo de Moroi, dhampirs, e seres humanos no meio do nada, seria perfeito.

— Por que não? — perguntei.

Raymond piscou para mim. — Porque nós lutaríamos.

Ponderei sua declaração enigmática quando a família se sentou para comer. Novamente, eu pensei sobre a vontade de lutar da comunidade inteira quando nós chegamos. Era realmente o suficiente para assustar os Strigois? Não muito deles, mas talvez algumas coisas eram muito inconvenientes de se lidar. Gostava de saber qual a opinião de Dimitri sobre aquilo. Sua própria família tinha vindo de uma comunidade que se separou um pouco da vida idealista dos Moroi, mas não era nada assim.

Tudo isto girou em minha mente enquanto nós comíamos e conversávamos. Os Protectores ainda tinham muitas perguntas sobre nós e Tatiana. A única que não participou foi Angeline. Ela comeu tão pouco como Sydney e ficava observando-me com uma carranca.

— Precisamos de algumas fontes, — disse Sydney abruptamente, interrompendo-me no meio de uma história horrível. Eu não me importei, mas os outros pareciam desapontados.

— Onde fica a cidade mais próxima e que teria um café... ou qualquer restaurante?

— Bem, — disse Paulette. — Rubysville é um pouco mais de uma hora ao norte. Mas nós temos abundância de comida aqui para vocês.

— Não se trata de comida, — eu disse rapidamente. — A vossa tem sido maravilhosa. — Olhei para Sidney. — Uma hora não é tão ruim, certo?

Ela assentiu com a cabeça e depois olhou hesitante para Raymond. — Existe alguma maneira... existe alguma maneira de nos emprestar um carro? Eu vou... — A próxima frase claramente lhe causou dor. — Eu vou deixar as chaves do meu até voltarmos.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você tem um bom carro.

Sydney deu de ombros.

— Quanto menos conduzi-lo por aqui, melhor.

Ele nos disse que poderíamos tomar seu caminhão e que ele provavelmente não ia mesmo *necessariamente* usar o CR-V. Sydney deu-lhe um sorriso tenso de agradecimento, mas eu sabia que imagens de vampiros usufruírem de seu carro estava dançando na sua cabeça.

Partimos logo depois, esperando estar de volta antes que o sol se pusesse. As pessoas foram saindo e aproximarem-se do município, fazendo suas tarefas ou qualquer outra coisa que eles faziam com suas vidas. Um grupo de crianças sentaram-se á volta de uma damphir que estava a ler um livro para eles, fazendo-me pensar que tipo de processo de educação que eles tinham aqui.

Todos os Protectores pararam o que estavam fazendo quando nós passamos, nos dando tanto olhares curiosos ou simplesmente sorrisos. Eu sorri de volta ocasionalmente, mas a maioria manteve os olhos em frente. Joshua estava escoltando-nos de volta para o estacionamento e conseguiu caminhar ao meu lado quando chegamos a um caminho estreito.

— Eu espero que você não demore muito, — disse ele. — Eu quero conversar mais com você.

— Claro, — eu disse. — Isso vai ser divertido.

Ele brilhou e cavalheiramente afastou um galho para o lado.

— Talvez eu possa mostrar minha caverna.

— Sua...espera. O quê? Não vive com seu pai?

— Por agora. Mas estou a começar a ter o meu próprio lugar.

Havia orgulho na sua voz.

— Não é tão grande quanto a dele, claro, mas é um bom começo. Está quase limpa.

— Isso é realmente, hum, grande. Definitivamente, me mostre quando voltarmos.

As palavras vieram facilmente para os meus lábios, mas minha mente estava ponderando o facto da casa de Raymond ser aparentemente grande.

Joshua se separou de nós quando chegamos ao camião de Raymond, uma pickup vermelha com um grande banco que mal conseguia caber nós três. Considerando que os Protectores não deixavam muito o mato, o carro parecia que tinha visto um monte de milhas. Ou talvez apenas um monte de anos de desuso.

— Você não deveria lidar com ele desse jeito, — disse Dimitri, quando estávamos na estrada á uns dez minutos. Surpreendentemente, Sydney deixou ele conduzir. Imaginei que ela pensasse que um camião forte merecia um motorista másculo.

Agora que nós estávamos nos movendo, minha mente tinha se focado de novo na tarefa que tinha em mãos: achar o outro Dragomir.

— Huh?

— Joshua. Você estava flertando com ele.

— Eu não estava! Estávamos só conversando.

— Você não está com o Adrian?

— Sim! — eu exclamei, olhando para Dimitri. Seus olhos estavam fixos na estrada. — E é por isso que eu não estava flertando. Como você pode ler tanto naquilo? Joshua nem gosta de mim desse jeito.

— Na verdade, — disse Sydney, sentando entre nós, — ele gosta.

Joguei minha incredulidade para ela, — Como você sabe? Ele trocou blinetinhos com você ou coisa parecida?

Ela rolou os olhos. — Não. Mas você e Dimitri são como deuses lá no campo.

— Nós somos forasteiros. — eu a lembrei. — Infectados.

— Não. Você são ex-Strigoi — e assassinos de Rainhas. Pode ter tido encanto do sul e hospitalidade lá, mas aquelas pessoas podem ser selvagens. Eles põem um grande premio por poderem bater nas pessoas. E considerando quão mal vestidos a maioria deles são, vocês são... bom... vamos só dizer que vocês são a coisa mais quente para se falar por lá por um tempo.

— Você não é quente? — eu perguntei.

— Isso é irrelevante, — ela disse, afobada pelo comentário. — Alquimistas não estão nem no radar deles. Nós não lutamos. Eles acham que nós somos fracos.

Eu pensei nas caras emburradas e tive que admitir que muitas pessoas lá tinham um intemperado, olhar desgastado. Quase.

— A família do Raymond era muito bem apessoada. — eu apontei. Ouvi um grunhido do Dimitri que sem dúvida viu isso como uma evidencia de eu estar flertando com o Joshua.

— Sim, — ela disse. — Porque eles provavelmente são a familia mais importante da cidade. Eles comem melhor, provavelmente não tem que trabalhar no sol também. Esse tipo de coisa faz diferença.

Não teve mais conversa sobre flerte enquanto continuamos dirigindo. Fizemos um otimo tempo até Rubysvile, que parecia assustadoramente similar a primeira cidade que ficamos. Quando nós paramos no que parecia ser o único posto de gasolina de Rubysvile, Sydney foi para dentro para fazer algumas perguntas. Ela voltou, dizendo que havia mesmo um tipo de café onde ela poderia plugar seu laptop e tentar achar o que precisávamos.

Ela pediu café, e nós sentamos lá com ela, muito cheios do café da manhã para pedir qualquer coisa. Depois de alguns olhares maldosos da garçõnete por achar que nós éramos bandidos, Dimitri e eu decidimos dar uma volta pela cidade. Sydney pareceu tão contente quanto a garçõnete por isso. Eu não acho que ela gostava de nos ter rondando.

Eu tinha feito alguns comentários para Sydney sobre West Virginia, mas eu tinha que admitir que o cenário era lindo. Altas árvores, cheias de folhas no verão, cercavam a cidade como um abraço. Depois delas, montanhas despontavam, muito diferentes daquelas perto de St. Vladimir que eu cresci vendo. Essas eram ondeadas e verdes, cobertas por mais árvores. A maioria das montanhas em volta da St. Vladimir eram rochosas e entalhadas, com picos com neve. Um estranho senso de nostalgia me pegou,

pensando em Montana. Havia uma grande chance de nunca mais a ver de novo. Se eu passar o resto da minha vida fugindo, St. Vladimir é o último lugar que eu poderia ir. Se eu fosse pega, bem... então eu definitivamente nunca mais veria Montana de novo.

— Ou qualquer lugar, — eu murmurei, colocando para fora antes que pudesse me parar.

— Hmm? — perguntou Dimitri.

— Eu estava pensando se os guardiões nos pegarem. Eu nunca pensei no quanto eu quero fazer e ver. De repente, está tudo em jogo, sabe? — Nos movemos para um lado da estrada assim que uma pickup laranja veio passando. Crianças nas férias de verão guinchavam e gritavam. — Okay, suponho que meu nome não seja inocentado e nunca encontremos o real assassino. Qual é o próximo melhor cenário? Eu: sempre fugindo, me escondendo. Essa será minha vida. Por tudo o que sei, Eu vou ter que viver com os Protetores.

— Não acho que chegará a tanto. — disse Dimitri, — Abe e Sydney ajudarão você a achar um lugar seguro.

— E há um lugar seguro? De verdade? O Adrian disse que os guardiões estão dando tudo para nos achar. Eles tem os Alquimistas e provavelmente autoridades humanas procurando por nós também. Não importa onde nós formos, correremos o risco de ser pegos. Então teremos que nos mudar. Será assim para sempre.

— Você estará viva, — ele apontou, — É isso que importa. Aproveite o que você tem, cada pequeno detalhe de onde você estiver. Não se foque onde você não está.

— Yeah, — eu admiti, tentando seguir seu conselho. O céu pareceu mais azul, os passarinhos mais cantantes. — Eu acho que não deveria choramingar sobre os lugares dos meus sonhos que não conhecerei. Eu deveria estar agradecida por ver qualquer coisa. E que não estou vivendo numa caverna.

Ele me olhou e sorriu, algo ilegível em seus olhos. — Onde você quer ir?

— O que, agora? — eu olhei em volta, pesando nossas opções. Tinha um pet shop, [\(Nota 8\)](#) uma drogaria, e uma sorveteria. Tive um pressentimento de que teríamos que visitar a última antes de sair da cidade.

— Não, no mundo todo.

Olhei para ele cautelosamente.

— A Sydney vai ficar muito nervosa se formos para Istambul ou algo parecido. — Isso me fez dar uma gargalhada.

— Não é o que eu tinha em mente. Vamos.

Eu o segui pelo que parecia ser o pet shop e então eu percebi um pequeno edifício atrás dele. Naturalmente, seus olhos de aguia tinham visto o que eu perdi - provavelmente porque eu estava focada no sorvete. BIBLIOTECA PUBLICA DE RUBYSVILE.

— Whoa, hey, — eu disse. — Uma das poucas vantagens de se graduar foi evitar lugares como esse.

— Provavelmente tem ar condicionado. — eu apontei. Olhei para a parte de cima suada do meu top e percebi um tom rosado na minha pele. Com a minha tez bronzeada, eu raramente me queimava, mas estava um sol quente — mesmo tão tarde. — Vai na frente, — eu disse para ele.

A biblioteca estava misericordiosamente gelada, apesar de que era bem menor do que a de St Vladimir.

Com algum sentido estranho (ou talvez apenas um conhecimento da Classificação Decimal de Dewey [\(Nota 9\)](#)), Dimitri nos levou para a seção de Viagens — que consistia em uns dez livros, três dos quais eram sobre West Virginia.

Ele parou.

— Não exatamente o que eu esperava — ele procurou na prateleira duas vezes e então tirou um grande, super colorido intitulado Os 100 Melhores Lugares para se Visitar pelo Mundo.

Ele sentou de pernas cruzadas no chão, e me entregou o livro. — De jeito nenhum, camarada, — eu disse. — Eu sei que os livros são uma viagem pela imaginação, mas não acho que esteja no clima para isso hoje.

— Apenas pegue, — ele disse. — Feche seus olhos, e abra numa página qualquer.

Parecia bobo, considerando tudo o que estava acontecendo na nossa vida, mas seu rosto disse que ele estava falando sério. Fazendo o que ele pediu, eu fechei meus olhos e escolhi uma página do meio. Eu o abri.

— Mitchel, Dakota do Sul? — eu exclamei.

Me lembrando que eu estava numa biblioteca, eu baixei minha voz. — De todos os lugares do mundo, isso faz parte do top 100?

Ele estava sorrindo denovo, e eu tinha me esquecido do quanto eu sentia falta disso.

— Leia.

— Localizada há 90 minutos de Sioux Falls, Mitchel é o lar do Palácio de Milho. — Eu olhei para ele desacritando. — Palácio de Milho?

Ele veio para mais perto de mim, para poder ver as fotos. — Eu pensei que fosse feito de palha de milho. — ele observou. As fotos na verdade mostravam um prédio que parecia ter um estilo do Oriente Médio - ou mesmo Russo, com torres e cúpulas.

— Eu também. — Relutantemente, eu adicionei. — Eu visitaria. Aposto que eles tem umas camisetas bem legais.

— É, — ele disse, com um olhar astuto em seus olhos, — Aposto que nenhum guardião nos procuraria lá.

Eu não tentei segurar uma risada, nos imaginando como fugitivos vivendo no Palácio de Milho pelo resto de nossas vidas.

Nosso divertimento trouxe uma censura de uma bibliotecária, e nos aquietamos quando foi a vez de Dimitri. São Paulo, Brasil. Então minha vez: Honolulu, Hawaii. Indo e voltando pelo livro, e depois de

um tempo, estávamos os dois no chão, um ao lado do outro, dividindo reações diferentes enquanto continuávamos nossa — viagem global pela imaginação. — Nossos braços e pernas mal se tocavam.

Se alguém tivesse me dito 24 horas atrás que estaria numa biblioteca com Dimitri, lendo um livro de viagem, eu teria dito que a pessoa estava louca. Quase tão louco quanto a percepção de que eu estava fazendo algo tão perfeitamente normal e casual com ele. Desde o momento em que nos conhecemos, nossas vidas tem sido sobre segredos e perigo. E realmente, essas ainda eram as coisas dominantes nas nossas vidas. Mas naquelas poucas horas calmas, o tempo pareceu parar. Estávamos em paz. Éramos amigos.

— Florença, Itália — . Eu li. Fotos de elaboradas igrejas e galerias enchiam a página. — A Sydney quer ir para lá. Ela queria estudar lá, na verdade. Se Abe pudesse conseguir isso, eu acho que ela serviria ele pelo resto da vida.

— Ela ainda é muito obediente, — Dimitri comentou. — Eu não a conheço bem, mas tenho quase certeza de que ele tem alguma coisa sobre ela.

— Ele a tirou da Rússia, a trazendo de volta para os EUA.

Ele balançou a cabeça. — Tem que ser mais do que isso. Os Alquimistas são fiéis uns aos outros. Eles não gostam de nós. Ela esconde isso — eles são treinados para esconder — mas cada minuto com os Protetores é uma agonia. Para ela nos ajudar e trair seus superiores, ela deve a ele, por algum motivo bem sério.

Nós paramos por um momento, imaginando que acordo misterioso que meu pai tinha com ela. — É irrelevante, no entanto. Ela está nos ajudando, que é o que importa... e nós deveríamos provavelmente voltar para ela.

Eu sabia que ele estava certo mas odiava ter que ir. Eu queria ficar aqui, nessa ilusão de tranquilidade e segurança, me deixando acreditar que eu poderia ir para o Parthenon ou até mesmo o Palácio

de Milho algum dia. Eu entreguei o livro de volta para ele. — Só mais um.

Ele abriu numa página qualquer. O sorriso dele se foi. — São Petersburgo.

Uma estranha mistura de sentimentos se agitaram no meu peito. Nostalgia — porque a cidade era linda. Tristeza — porque a minha visita tinha sido contaminada pela horrível tarefa que eu tinha ido completar.

Dimitri olhou para a página por um bom tempo, melancolia em seu rosto. Me ocorreu então que, tirando sua conversa de mais cedo, ele devia estar experimentando o que eu senti por Montana: nossos velhos, lugares favoritos, estavam perdidos para nós agora.

Eu o cutuquei gentilmente. — Hey, aproveite onde você esta, lembra? Não onde você não pode ir.

Ele relutantemente fechou o livro e tirou seus olhos dele. — Como você ficou tão esperta? — ele brincou.

— Eu tive um ótimo professor. — Nós sorrimos um para o outro. Algo me ocorreu. Todo esse tempo, eu pensei que ele tinha ajudado a me resgatar por ordens da Lissa. Talvez fosse masi que isso. — Foi por isso que você fugiu comigo? — eu perguntei. — Para ver todas as partes do mundo que você poderia?

A surpresa dele foi breve. — Você não precisa de mim para ser sábia, Rose. Você se saindo bem sozinha. Sim, isso é parte do porque. Talvez eu fosse recebido bem eventualmente, mas havia o risco de não ser. Depois... depois de ser Strigoi... — ele tropeçou nas palavras um pouco. — Eu ganhei um novo apreço pela vida. Demorou um pouco. Ainda não estou lá. Nós estamos falando em nos manter focados no presente, não no futuro — mas é meu passado que me assombra. Rostos. Pesadelos. Mas quanto mais longe eu fico daquele mundo de morte, mais eu quero abraçar a vida. O cheiro desses livros e o perfume que você usa. O jeito que a luz entra pela janela. Mesmo o gosto do café da manhã com os Protetores.

— Você é um poeta agora.

— Não, apenas começando a perceber a verdade. Eu respeito a lei e o jeito que nossa sociedade vive, mas não tem jeito nenhum de eu perder minha vida numa cela logo depois de a ganhar de volta. Eu queria fugir também. Foi por isso que eu ajudei você. Isso e...

— O que? — eu o estudei, desesperadamente desejando que ele não fosse tão bom em esconder seus sentimentos de seu rosto. Eu o conhecia bem; Eu o entendia. Mas ele ainda podia esconder coisas de mim.

Ele levantou, não encontrando meus olhos. — Não importa. Vamos encontrar a Sydney e ver se ela descobriu algo... apesar de que, eu odeie ter que dizer isso, eu acho que é pouco provável.

— Eu sei. — Fiquei com ele, ainda pensando no que ele teria falado. — Ela provavelmente desistiu e começou a jogar Campo Minado.

Nós nos dirigimos de volta para o café, parando rapidamente para um sorvete. Comer enquanto andávamos se tornou um desafio e tanto. O sol estava perto do horizonte, pintando tudo de laranja e vermelho, mas o calor permanecia. Aproveite, Rose, eu disse para mim mesma. As cores. O gosto de chocolate. É claro, eu sempre amei chocolate. Minha vida não precisava estar por um fio para eu adorar sobremesa.

Nós chegamos no café e achamos Sydney sobre seu laptop, com um Danish mal comido e provavelmente seu quarto copo de café. Nós sentamos no banco na frente dela.

— Como foi — hey! Você esta jogando Campo Minado! — eu tentei olhar de perto sua tela, mas ela tirou ela de mim. — Você supostamente deveria estar procurando uma conexão com a amante de Eric.

— Eu já fiz isso. — ela disse simplesmente.

Dimitri e eu dividimos olhares atónitos.

— Mas eu não sei quão útil será.

— Qualquer coisa será útil, — eu proclamei. — O que você descobriu?

— Depois de ter rastreado todos aqueles registos e transações bancárias - e deixem-me dizer, isso não é nem um pouco divertido - eu finalmente achei uma pequena informação. A conta de banco que acham só é uma nova. Foi movida de um outro banco cinco anos atrás. A conta antiga ainda era de uma Joana Ninguém, mas ele fazia uma referencia a alguém próximo no caso de acontecer algo com o dono da conta.

Eu mal podia respirar. Não entendia nada de transações financeiras, mas estávamos prestes a conseguir algo sólido. — Um nome real?

Sydney assentiu. — Sonya Karp.

DOZE

DIMITRI E EU CONGELAMOS com o choque que aquele nome nos atingiu. Sydney, olhando para nós nos deu um sorriso seco.

— Acho que você sabe quem é?

— É claro... — eu exclamei — Ela foi minha professora. Ela enlouqueceu e se transformou em Strigoi.

Sydney assentiu

— Eu sei

Meus olhos se arregalaram ainda mais

— Ela não ... Ela não é quem teve um caso com o pai de Lissa, né? — Oh meu Deus isso seria um dos acontecimentos mais inesperados nessa montanha russa que foi minha vida. Eu nem poderia mesmo começar a processar os efeitos disso.

— Não é provável — disse ela — A conta foi aberta vários anos antes dela ser acrescentada como beneficiária — Que é direito dela quando fez dezoito anos — Então, se presumirmos que a conta foi criada próxima ao nascimento do bebê, ela seria muito jovem. Sonya provavelmente é um parente.

Meu espanto anterior foi dando lugar à excitação. Eu podia ver o mesmo acontecendo com Dimitri.

— Você deve ter registros sobre a família dela — ele disse. — Ou se não, alguns Moroi provavelmente tem. Quem é próximo a Sonya? Ela tem uma irmã?

Sydney sacudiu a cabeça — Não, embora essa seria uma escolha óbvia. Infelizmente ela tem outros parentes, toneladas deles. Ambos os pais dela vinham de famílias enormes, então ela tem muitos primos. Mesmo algumas de suas tias estão na idade certa.

— Podemos procurá-los, certo? — Eu perguntei. Um tremor de antecipação corria através de mim. Eu honestamente não havia esperado toda essa informação. É verdade, era pouco mas era algo.

Se Sonya Karp está relacionada com a amante de Eric, tinha que ser algo que pudéssemos seguir.

— Há um monte deles — Sydney encolheu os ombros. Quer dizer, sim, nós poderíamos. Iria demorar um bom tempo para encontrar a história de vida de todos e mesmo assim — especialmente se isso estava tão bem escondido. Nós teríamos dificuldades em descobrir se algum deles é a mulher que estamos procurando. Ou mesmo se algum deles sabe quem ela é.

A voz de Dimitri era baixa e pensativa quando ele falou — Uma pessoa sabe quem Jane Doe é — Sydney e eu olhamos para ele com expectativa. — Sonya Karp — ele respondeu.

Eu levantei minhas mãos. — Sim, mas não posso falar com ela. Ela é uma causa perdida. Mikhail Tanner passou mais de um ano a caça-la e não conseguiu encontra-la. Se ele não conseguiu nós não seremos capazes.

Dimitri se afastou de mim e olhou para fora da janela. Seus olhos castanhos cheios de tristeza, seus pensamentos momentaneamente longe de nós. Eu não compreendi muito bem o que estava acontecendo, mas esse momento de paz na biblioteca, onde Dimitri sorriu e compartilhada no sonho de uma vida normal, tinha desaparecido. E não apenas o momento. Que Dimitri havia desaparecido. Ele estava de volta a seu modo feroz, carregando o peso do mundo sobre seus ombros novamente.

Então, ele suspirou e olhou para mim. — Isso é porque Mikhail não tem as conexões certas.

— Mikhail era o namorado dela — eu disse. — Ele tinha mais conexões do que ninguém.

Dimitri não reconheceu o meu comentário. Em vez disso, ele ficou pensativo de novo. Eu podia ver turbulência atrás de seus olhos, uma nova guerra interna. Ao final houve uma decisão.

— Seu telefone tem sinal aqui fora? — ele perguntou a ela.

Ela assentiu com a cabeça, procurando em sua bolsa e lhe entregando o telefone. Ele segurou por um instante parecendo que lhe causou agonia ao toca-lo.

No fim, com outro suspiro, ele levantou e se dirigiu para a porta. Sydney e eu trocamos olhares de questionamento e então ambas o seguimos. Ela ficou atrás de mim, tendo de atirar dinheiro sobre a mesa e pegar seu laptop. Saí fora apenas quando Dimitri terminou de discar um número e colocar o telefone no ouvido. Sydney se juntou a nós, e um momento depois, a pessoa do outro lado da linha deve ter respondido.

— Boris? — perguntou Dimitri.

Isso era tudo que eu entendi porque o resto foi uma sequência rápida de russo.

Uma sensação estranha se espalhou por cima de mim enquanto ele falava. Eu estava confusa, perdida por causa da língua... mas havia mais do que isso.

Eu me senti gelar. Meu pulso correu com medo. Aquela voz ... eu conhecia aquela voz. Era a voz dele mas ao mesmo tempo não era. Era a voz dos meus pesadelos, uma voz de frieza e crueldade.

Dimitri estava jogando como Strigoi.

Bem — jogando — era uma palavra gentil. Fingindo é um modo melhor de descrever. Indiferente do que fosse, ele era perfeitamente convincente.

Ao meu lado, Sydney franziu a testa, mas eu não acho que ela estava experimentando o que eu estava. Ela nunca tinha o conhecido como Strigoi. Ela não tinha essas memórias horríveis. Sua mudança de atitude tinha de ser óbvio, eu olhei para o rosto dela, eu percebi que ela estava concentrado em seguir a conversa. Eu tinha esquecido que ela sabia russo.

— O que é que ele está dizendo? — Sussurrei.

Sua cara amarrada se aprofundou, ou da conversa ou eu a distraíndo. — Ele... ele soa como estivesse falando com alguém que não tenha falado há algum tempo. Dimitri está acusando essa pessoa de faltar quando ele foi embora. — Ela ficou em silêncio, continuando a sua própria tradução mental. Em um ponto, a voz de Dimitri levantou-se em raiva, Sidney e eu vacilamos. Eu virei para ela interrogativamente. — Ele está louco por ter sua autoridade questionada. Eu não posso dizer, mas agora... Parece que a outra pessoa está rastejando.

Eu queria saber todas as palavras, mas é difícil para ela traduzir para mim e ouvir ao mesmo tempo. A voz de Dimitri voltou a níveis normais, embora ainda preenchida com a terrível ameaça e entre a enxurrada de palavras, ouvi Sonya Karp e Montana.

Ele está perguntando sobre a Sra. Kar..-Sonya? Murmurei. Ela não tinha sido minha professora por um longo tempo. Eu poderia muito bem chamá-la de Sonya agora.

Sim, disse Sidney, os olhos ainda em Dimitri. — Ele está pedindo, dizendo a esta pessoa para encontrar alguém e ver se ele pode encontrar Sonya. Esta pessoa... Fez uma pausa para ouvir novamente. Esta pessoa que está perguntando sobre .. Parece que ele conhece muita gente na área que ela foi vista pela última vez.

Eu sabia que — pessoas — neste contexto significava — Strigois — . Dimitri subiu rapidamente no pódium deles, afirmando sua vontade e poder sobre os outros. A maioria dos Strigois trabalha sozinho, raramente trabalham em grupos, mas mesmo os solitários reconhecem um Strigois mais dominante e ameaçador.

Dimitri estava trabalhando seus contatos, assim como ele tinha dito anteriormente. Se algum Strigois tinha ouvido falar sobre sua transformação e acredita-se que não teria sido capaz de passar a notícia rapidamente, não com a desorganização deles.

Dimitri tinha que encontrar fontes que conheciam outras fontes que poderiam saber a localização de Sonya. Dimitri cresceu alto e com raiva novamente, a voz dele — se possível — mais sinistra. Eu de repente me senti encurralada, e até Sydney olhou assustada

agora. Ela engoliu em seco. — Ele esta dizendo ao cara que se ele não encontrar informações até amanhã a noite, Dimitri vai encontra-lo, corta-lo em pedaços e ... — Sydney nem se importou em terminar. Seus olhos estavam arregalados. — Use sua imaginação. É completamente terrível. — Eu decidi que era um prazer que eu não houvesse escutado toda a conversa em Inglês.

Quando Dimitri terminou a ligação devolveu o telefone para Sydney e a máscara de malícia derreteu de seu rosto. Mais uma vez ele era meu Dimitri, o Dimitri dhampir.

Desânimo e desespero irradiavam dele, e ele deslizou na parede da cafeteria olhando para o céu. Eu sabia o que ele estava fazendo. Estava tentando se acalmar, tomar o controle das emoções que tinha em conflito dentro dele. Ele apenas tinha feito algo que poderia nos dar pistas que precisavamos... mas tinha tido um custo terrível para si mesmo. Meus dedos tremeram. Eu queria colocar um braço reconfortante envolta dele ou pelo menos em seu ombro para que soubesse que não estava sozinho. Mas, eu me segurei, suspeitando que ele não fosse gostar disso.

Ao final, ele voltou a olhar para nós. Recuperou seu controle — ao menos por fora.

— Eu enviei alguém para perguntar sobre ela — disse ele cansado. — Pode não funcionar. Strigoi são dificilmente o tipo que mantém um banco de dado. Mas eventualmente mantém os olhos uns nos outros, mesmo que apenas para auto-preservação. Descobriremos em breve se houve algum sucesso.

— Eu ... wow, obrigada — eu disse, atrapalhada com as palavras. Sabia que não precisava agradecer mas senti que era necessário.

Ele balançou a cabeça — Nós devemos voltar aos Guardiões... ao menos você acha que este é um lugar seguro para ficar?

— Eu prefiro ficar longe do radar da civilização — disse Sydney se deslocando ao caminhão — Além disso quero as chaves do meu carro de volta.

A viagem de volta senti o caminho dez vezes mais longo. O humor de Dimitri preencheu a cabine, quase nos sufocando com seu desespero. Mesmo a Sydney podia sentir isso. Ela deixou ele dirigir novamente, e eu não conseguia decidir se isso era uma coisa boa ou ruim.

Será que a estrada iria distraí-lo de seu tormento Strigoi? Ou poderia sua agonia distraí-lo da estrada e nos colocar em uma vala?

Felizmente fizemos um retorno são e salvos, encontramos dois Guardiões no estacionamento, uma mulher Moroi e um cara humano. Ambos pareciam ferozes. Eu ainda não conseguia dispersar a estranheza de ambas as raças prontas para a batalha. Imaginei se esses dois formavam um casal.

De volta ao acampamento, encontramos a chama da fogueira e as pessoas sentadas em volta dela, alguns comendo e outros simplesmente socializando.

Eu tinha aprendido no café da manhã que o fogo estava sempre lá para aqueles que queriam se unir, mas que muitas famílias se mantinham com a sua própria família também.

Nós voltamos para a casa dos Raymonds, mas só Sarah e Joshua estavam lá. Ela estava limpando os pratos, e ele sentou-se sem descanso em uma cadeira. Tão logo ele me viu na porta, e saltou com um sorriso radiante novamente.

— Rose! Está de volta. Estávamos ficando preocupados. Quer dizer, não que alguma coisa tinha acontecido com você, e não com suas habilidades, mas que talvez você apenas nos deixou.

— Não sem o nosso carro, — disse Sidney, colocando as chaves do caminhão em cima da mesa.

O CR-V já estava ali, e o alívio inundou seu rosto enquanto ela agarrou as chaves.

Sarah nos ofereceu as sobras, que nós recusamos, pois, comemos um lanche no posto de gasolina de Rubysvilles.

— Bem — ela disse, — se você não está indo comer, você pode se juntar aos outros lá fora na fogueira. Jess McHale pode cantar esta noite, se puderem fazê-la beber o suficiente, bêbada ou sóbria, essa mulher tem a melhor voz que eu já ouvi.

Eu reuni brevemente com os olhos Dimitri e Sidney. Eu admito, fiquei um pouco curiosa para ver como esse grupo deserto festeja, apesar de que luar e canções populares não eram realmente a minha primeira escolha de entretenimento. Dimitri ainda usava aquele olhar assombrado do telefonema.

Eu tinha uma suspeita de que ele teria se contentado em se isolar em nossa sala, mas quando Sydney disse que ia para a fogueira, sua resposta veio automaticamente: — Eu vou também, — eu soube imediatamente que ele estava fazendo. Seus dias como Strigoi o atormentavam. Conversar como Strigoi o atormentava.

E talvez, não, certamente, ele queria esconder e tentar bloquear tudo, mas ele era Dimitri. Dimitri protege aqueles que dele necessitam, e mesmo ouvindo músicas na fogueira que não era exatamente por a vida em risco, ainda era uma situação semi-perigosa para um civil como Sydney.

Ele não podia permitir isso. Além disso, ele sabia que Sidney se sente mais segura conosco nas proximidades.

Comecei a dizer que eu ia me juntar a eles, mas Joshua falou antes que eu pudesse. — Você ainda quer ver minha caverna? Há um pouco de luz do lado de fora. Você vai ter uma visão melhor dessa maneira do que se tivermos que usar uma tocha.

Eu tinha esquecido minha última conversa com Joshua e comecei a recusar a oferta. Mas então, algo brilhou nos olhos de Dimitri, algo desaprovador. Então. Ele não queria me ver saindo com um cara jovem, de boa aparência. Foi preocupação legítima de Guardiã? Seria ciúmes? Não, certamente não o último. Nós tínhamos estipulado, muitas e muitas vezes, que Dimitri não queria nenhuma ligação romântica comigo. Ele tinha até se levantado pelo Adrian mais cedo. Seria algum tipo de coisa de ex-namorado? De volta a Rubysville, eu tinha acreditado que Dimitri e eu poderíamos ser

amigos, mas isso não aconteceria se ele achava que podia controlar a mim e a minha vida amorosa. Eu tinha conhecido meninas com ex's assim. Eu não seria uma delas. Eu podia sair com quem eu quisesse.

— Claro — eu disse. A expressão de Dimitri escureceu. — Eu adoraria.

Joshua e eu fomos embora, deixando os outros para trás. Eu sabia que parte da minha decisão foi para provar minha independência. Dimitri disse que nós éramos iguais, ele ainda não tinha feito uma enorme quantidade de decisões neste plano de fuga sem mim. Foi bom para sentir como se eu tivesse a vantagem de uma mudança e, além disso, eu gostava de Joshua e era uma espécie de curiosidade de saber mais sobre como o seu povo vivia. Eu não acho que Sydney queria que eu fosse embora, mas Dimitri iria cuidar dela.

Assim que Joshua e eu andamos, passamos por muitos Guardiões fora e próximos. Tal como anteriormente, eu recebi uma boa quantidade de olhares. Ao invés de nos levar para baixo da estrada onde seu pai morava, Joshua me levou ao redor de uma pequena montanha. Ainda estava de bom tamanho, mas depois de viver perto das Montanhas Rochosas, tudo nos Apalaches parecia pequeno para mim. Eu acho que eu era uma esnobe de montanha.

Ainda assim, a montanha se estendia de muitas maneiras, e fomos mais longe e mais longe do estabelecimento principal dos Guardiões. A floresta se adensava, a luz cada vez mais escassa, e o sol finalmente começou a sumir no horizonte.

— Eu sou tipo da periferia — Joshua disse se desculpando. — Nós continuamos crescendo e crescendo, e não há muito espaço no centro das cidades. — Pensei que cidade era um termo otimista, mas não disse isso. Sim. Eu era definitivamente uma esnobe. — Mas as cavernas continuavam, por isso ainda há espaço.

— Elas são naturais? — perguntei.

— Algumas são. Outras são cavernas de mineração abandonadas.

— É bem aqui — eu disse. Eu gostei de todas as árvores de folha caduca. Eu poderia estar com saudades de Montana, mas as folhas largas aqui davam um contraste elegante para as agulhas de pinheiro. — E hey, pelo menos você tem muita privacidade, certo?

— Verdade — Ele sorriu. — Achei que você iria pensar que era... Eu não sei. Muito rústico. Ou selvagem. Você provavelmente pensa que nós todos somos.

Sua observação me assustou. A maioria dos Guardiões tinham sido tão ferozmente defensivos em seu modo de vida que eu não tinha pensado que alguém pensaria mesmo que um estranho acharia isso, ou que qualquer Guardião se importaria se nós fizéssemos.

— É apenas diferente — eu disse diplomaticamente. — Muito diferente do que estou acostumada. — Senti um lampejo de saudade de todas as pessoas e lugares que eu estava separada agora. Lissa. Adrian. Nossos outros amigos. A Corte. St. Vladmir. Eu espantei a sensação rapidamente. Eu não tinha tempo para me lamentar e poderia, pelo menos, verificar Lissa mais tarde.

— Eu estive em cidades humanas — continuou Joshua. — E em outros lugares que impuros vivem. Eu posso ver porque você gosta deles — Ele virou um pouco acanhado. — Eu não me importaria com energia elétrica.

— Por que vocês não usam?

— Gostaríamos, se pudéssemos. Estamos muito longe e ninguém realmente sabe que estamos aqui. As pessoas dizem que é melhor para nos esconder.

Não me ocorreu que eles simplesmente suportaram essas condições porque foram obrigados a fim de esconder-se. Gostaria de saber quantas das suas escolhas vieram de apegos às formas antigas... e quanto foi influenciado pelos alquimistas.

— Aqui estamos — disse Joshua, puxando-me de minhas reflexões.

Ele apontou para um buraco escuro no chão. A abertura era grande o suficiente para um adulto entrar.

— Legal, — eu disse. Eu havia notado anteriormente que algumas das cavernas foram criadas mais para o alto das montanhas e tinham visto os seus residentes, escalar a rocha com a mão ou usando escadas caseiras. Uma porta de acesso fácil parecia luxuoso.

Joshua olhou surpreso com o meu louvor. — Sério?

— Sério!

Nós acabamos perdendo a luz do dia. Ele fez uma pausa para acender uma tocha, e então eu o segui para dentro. Tivemos que abaixar um pouco no início, mas quando fomos mais fundo na caverna, o teto lentamente expandiu e abriu-se em um amplo espaço arredondado. O chão estava sujo, as paredes de pedra áspera e irregular. Esta era uma caverna natural, mas eu poderia escolher os esforços feitos para civilizá-la. O chão foi limpo e nivelado, e eu vi algumas pedras e rochas em um canto que pareciam terem sido recolhidas para deixar espaço livre. Um par de peças de mobílias já haviam sido colocadas: uma cadeira de madeira estreitas e um colchão que parecia que mal conseguia aguentar uma pessoa.

— Você provavelmente pensa que é pequena — disse Joshua.

Era verdade, mas era realmente maior que o meu quarto no dormitório em St. Vladimir. — Bem... sim, mas eu quero dizer, quantos anos você tem?

— Dezoito.

— Igual a mim — eu disse. Isso pareceu fazê-lo muito feliz. — Ter sua própria, caverna, aos dezoito parece ser muito legal — Seria mais legal ainda com a eletricidade, Internet e encanamento, mas não houve necessidade de trazer isso.

Seus olhos azuis brilhavam. Eu não poderia deixar de notar um contraste bonito que eles fizeram contra sua pele bronzeada. Eu rejeitei o pensamento imediatamente. Eu não estava aqui para um namorado. Mas, aparentemente, eu era a única que acreditava nisso. Joshua de repente deu um passo adiante.

— Você pode ficar se quiser — disse ele. — O outro impuro nunca iria te encontrar aqui. Nós poderíamos nos casar, e então, quando nós tivermos filhos, poderíamos construir um loft, como meus pais e... — A palavra casar tinha me movido em direção à entrada tão chocada e apavorada como eu seria por um ataque Strigoi. Exceto, eu geralmente tinha o aviso antes desses acontecerem.

— Ei, ei, mais devagar. — Não. Eu não havia visto uma proposta vindo. — Acabamos de nos conhecer!

Felizmente, ele não se aproximou. — Eu sei, mas às vezes é assim que é.

— O que, os casamentos entre pessoas que mal se conhecem? — perguntei, incrédula.

— Claro que sim. Acontece o tempo todo. E a sério, só neste curto espaço de tempo, eu já sei eu gosto de você. Você é incrível. Você é bonita e, certamente, uma boa lutadora. E a maneira como você se comporta... — Ele balançou a cabeça, incrédulo. — Eu nunca vi nada parecido.

Eu desejava que ele não fosse tão bonito e agradável. Tendo caras assustadores confessar a sua adoração era muito mais fácil de lidar com aquele que você gostava. Lembrei-me de Sydney dizendo que eu era um produto quente aqui. Escaldante era o mais certo a dizer.

— Joshua, eu realmente gosto de você, mas... — acrescentei apressadamente, vendo esperança enchendo seu rosto. — eu sou muito jovem para casar.

Ele franziu a testa. — Você não disse que tinha dezoito anos?

Okay. Idade provavelmente não era um bom argumento por aqui. Eu tinha visto como os jovens tinham filhos cedo na cidade natal de Dimitri . Em um lugar como este, eles provavelmente tiveram casamentos de crianças. Eu tentei ir por um outro ângulo.

— Eu nem sei se quero casar.

Isso não perturbou ele. Ele balançou a cabeça em compreensão.

— Isso é inteligente. Nós poderíamos viver juntos em primeiro lugar, ver se nos damos bem. — Sua expressão séria transformou-se num sorriso. — Mas estou muito tranquilo. Eu vou deixar você ganhar todas as discussões.

Eu não poderia ajudar. Eu ri. — Bem, então, eu vou ter que ganhar esse e dizer eu não estou pronta para... nada disso. Além disso, já estou envolvida com alguém.

— Dimitri?

— Não. Outro cara. Ele voltou para a corte impura. — Eu não podia acreditar que eu estava dizendo isso.

Joshua fez uma careta. — Por isso que ele não está aqui protegendo você?

— Por que... isso não é como ele é. E eu posso cuidar de mim. E nunca gostei da ideia de que eu preciso de resgate. E olha, mesmo que ele não estivesse na jogada eu estou indo embora logo de qualquer maneira. Nunca daria certo entre nós.

— Eu entendo. — Joshua olhou desapontado, mas parecia estar levando bem a rejeição. — Talvez quando você estiver com tudo resolvido você volte.

Eu comecei a dizer para que não espere por mim e que ele deveria casar com outro alguém (apesar de quão ridículo era na sua idade), mas depois percebi que foi um comentário inútil.

Nas fantasias de Joshua, ele provavelmente poderia se casar com qualquer pessoa agora e, em seguida, me incluir no seu harém para mais tarde, como Sarah e Paulette. Então, eu simplesmente disse:

— Talvez — Procurando por uma mudança de assunto, eu tentei encontrar alguma coisa para nos distrair. Meus olhos caíram sobre a mesa e um padrão de folhas entalhadas nela. — Isso é muito legal.

— Obrigado — disse ele, caminhando. Para meu alívio, ele não voltou a procurar o tópico anterior. Ele passou a mão carinhosamente sobre a madeira esculpida. O projeto parecia o deixar trancado. — Eu mesmo fiz isto.

— Sério? — perguntei em verdadeira surpresa. — Isso... isso é incrível.

— Se você gosta dela... — Sua mão se moveu, e eu temia que havia um beijo ou abraço vindo. Em vez disso, ele enfiou a mão no bolso da camisa e puxou uma pulseira finamente esculpida em madeira. Foi um projeto simples, sinuoso, uma verdadeira maravilha sendo estreita e delicada como era para ser uma só peça. A madeira havia sido polida com brilho. — Aqui. — Ele me entregou a pulseira.

— É para mim? — Corri meus dedos ao longo da borda lisa.

— Se você quiser. — Eu fiz isso enquanto você estava fora hoje. — Assim você vai lembrar de mim depois que for embora.

Hesitei, sem saber se aceitar seria incentivá-lo. Não, eu decidi. Eu fiz a minha opinião sobre o casamento entre adolescentes clara, e mesmo assim, ele parecia tão nervoso, eu não poderia suportar a ideia de ferir seus sentimentos. Enfiar a pulseira em meu pulso.

— É claro que eu vou lembrar. Obrigada.

Do olhar feliz em seu rosto, levando a pulseira feita para minha recusa anterior. Ele me mostrou mais alguns detalhes em torno da caverna e depois seguiu a minha sugestão para se juntar aos outros perto do fogo. Podíamos ouvir a música ecoar por entre as árvores muito antes de nós voltarmos, e mesmo quando não era meu estilo, havia algo acolhedor e simpático sobre esta maneira de viver em comunidade. Eu nunca fui a um acampamento de verão, mas eu imaginei que isso era parecido.

Sydney e Dimitri sentaram perto do grupo. Estavam em silêncio e atentos, mas todo resto cantou, bateu palmas, e conversou. Mais

uma vez, fiquei impressionada com a facilidade com que dhampirs, humanos e Moroipoderiam estar envolvidos uns com os outros. Casais mistos estavam por toda parte, um humano e um Moroi estavam abertamente dando uns amassos. Todas vezes quando ele a beijou no pescoço, ele tinha também mordido e tomado um pouco de sangue. Eu tive que desviar o olhar.

Voltei para os meus amigos. Sydney reparou em mim e pareceu aliviada. A expressão de Dimitri estava ilegível. Como sempre, os olhos dos outros seguiram o meu movimento, e para minha surpresa, vi a inveja nas caras de alguns dos rapazes. Eu esperava que eles não estivessem achando que Joshua e eu havíamos ficado nus na caverna. Essa não era a fama que eu queria deixar para trás.

— Eu tenho que falar com a Sydney — eu disse a ele sobre o ruído. Decidi ser melhor manter distância antes que qualquer rumor começasse, e sinceramente, Sydney parecia que me queria ao seu lado. Joshua balançou a cabeça, e me afastei. Eu dei dois passos, quando de repente veio um punho direito ao meu rosto.

Eu não tinha defesas e tão pouco presença de espírito para virar minha cabeça e pegar o golpe no meu rosto para não acabar com um nariz quebrado. Após a surpresa inicial, toda a minha formação se acumulou e eu rapidamente contornei para fora da linha de ataque e coloquei meu corpo em uma posição de combate. A música e o canto pararam, e eu virei para encarar meu agressor.

Angeline.

Ela estava em uma forma semelhante à minha, punhos cerrados e os olhos completamente fixados em mim.

— Ok — ela disse. — É hora de descobrir o quão durona você realmente é.

Na verdade era hora de alguém digamos assim, um parente vir, arrastá-la e puni-la por socar um convidado. Surpreendentemente, ninguém se moveu ou tentou impedi-la. Não, não era bem verdade. Uma pessoa levantou. Dimitri tinha pulado para a ação no instante em que me viu em perigo. Eu esperava que ele viesse empurrar

Angeline para longe, mas um grupo de Guardiões apressadamente foram para seu lado, dizendo-lhe algo que eu não poderia ouvir. Eles não tentaram contê-lo fisicamente, mas o que eles disseram, fez ele ficar onde estava. Eu teria exigido saber o que eles falaram para ele, mas Angeline estava chegando em mim novamente. Parecia que eu estava sozinha.

Angeline era pequena, mesmo para uma Dhampir, mas todo o seu corpo estava cheio de força. Ela estava muito rápida também, embora não rápida o suficiente para conseguir me acertar pela segunda vez. Eu cuidadosamente a evitei e mantive minha distância, não querendo ir para a ofensiva com esta menina. Ela provavelmente poderia fazer um belo dano em uma luta, mas havia um erro, não, mais como uma ponta áspera para ela. Ela era avarenta, alguém que participou de um monte de brigas, mas sem nenhum treinamento formal.

— Você está louca? — Exclamei, saindo do caminho de outro assalto. — Pare com isso. Eu não quero te machucar.

— Claro — ela disse. — Isso é o que você quer que todos pensem, certo? Se você não tem realmente que lutar, então todos vão continuar acreditando que essas marcas são reais.

— Eles são reais! — A insinuação de que falsifiquei minhas tatuagens despertou meu temperamento, mas eu me recusei a ficar atraída por essa briga ridícula.

— Prove — disse ela, vindo em minha direção de novo. — Prove que você é quem diz que é.

Era como uma dança, me mantendo longe dela. Eu poderia ter feito isso durante toda a noite, e alguns gritos da multidão exigiam que eu lidasse com isso.

— Eu não tenho que provar nada — eu disse a ela.

— Mentira. — Sua respiração era pesada agora. Ela estava trabalhando muito mais duro do que eu. — Tudo o que você e os impuros fazem é uma mentira.

— Não é verdade — eu disse. Por que Dimitri deixava isso continuar? Com o canto do meu olho, eu o havia visto, e para me ajudar, ele estava sorrindo.

Enquanto isso, Angeline ainda continuava seu discurso, enquanto ela tentava me bater. — É tudo mentira. Você é tão fraca. Especialmente a sua *realeza*! — Eles são o pior de tudo

— Você não os conhece. Você não sabe nada sobre eles.

Ela podia ser capaz de manter uma conversa, mas eu podia vê-la cada vez mais frustrada. Se não fosse o fato de que eu tinha certeza de que ela me bateu nas costas, eu teria tomado uma abordagem nobre e simplesmente ido embora.

— Eu sei o suficiente — disse ela. — Eu sei que eles são egoístas e mimados e não fazem nada por si mesmos. Eles não se preocupam com ninguém. Eles estão todos iguais.

Na verdade, eu concordava com Angeline sobre alguns membros da realeza, mas não gostei da generalização. — Não fale sobre coisas que não entende, eu estalei. — Eles não são todos assim.

— Eles são — segundo ela, com prazer de me ver com raiva. — Eu gostaria que eles estivessem todos mortos.

Foi quase o suficiente para me empurrar para o modo de combate, mas o comentário formou nuvens sobre meus pensamentos o suficiente para que eu a deixasse passar a minha guarda, só um pouco. Eu nunca teria deixado isso acontecer com um Strigoi, mas eu subestimei essa garota selvagem. Sua perna serpenteou fora apenas o suficiente para bater o meu joelho, e foi como jogar gasolina em uma fagulha. Tudo explodiu.

Com esse golpe eu tropecei ligeiramente, e ela aplicou sua vantagem. Meus instintos de batalha assumiram, e eu não tinha escolha senão atacar antes que ela pudesse me bater. As pessoas começaram a aplaudir, agora que a luta estava realmente acontecendo. Eu estava no ataque, tentando subjugá-la, ou seja, o contato físico era eminente. Eu ainda era melhor do que ela, sem

dúvida, mas na tentativa de chegar a ela, eu me coloquei em seu alcance.

Ela tentou alguns golpes em mim, nada grave, antes que eu fosse capaz de jogar ela no chão. Eu esperava que fosse o fim, mas ela se jogou contra mim antes que eu pudesse impedi-la totalmente. Nós rolamos, e ela tentou tomar a posição dominante. Eu não podia permitir isso e consegui dar um soco no lado do seu rosto, que foi muito mais difícil do que o anterior.

Eu pensei que seria o fim da luta. Meu golpe a tirou de cima de mim, e eu comecei a me levantar, mas depois aquela 'vagaba' agarrou meu cabelo e me empurrou para baixo de novo. Eu me torci para fora de suas mãos, embora eu tinha certeza de que ela levou algum cabelo meu com ela, e desta vez consegui dominar completamente suas pernas, jogando todo meu peso e força sobre ela, pressionando. Eu sabia que tinha que ser doloroso mas não me importei realmente.

Ela começou a briga. Além disso, esse conflito tinha ido além da defesa. Puxar o cabelo de alguém era jogar sujo.

Angeline fez mais algumas tentativas de fugir, mas quando se tornou claro que ela não poderia, aqueles que nos rodearam começaram a assobiar e aplaudir. Alguns momentos depois, aquele olhar escuro e furioso desapareceu. O rosto de Angelina foi substituído por calma. Olhei para ela com cautela, não a ponto de baixar a minha guarda.

- Ótimo, disse ela. Eu acho que tudo bem. Vá em frente.
- Hã? O que esta tudo bem? — Eu exigia.
- Não tem problema se você se casar com meu irmão.

TREZE

— ISSO NÃO É ENGRAÇADO!

— Você esta certa. — concordou Sydney — Isto não é engraçado. É hilário.

Nós estávamos de volta a casa dos Raymond's, na privacidade do nosso quarto. Estes tinham nos levado para longe da festa das festividades da lareira, particularmente depois de aprender sobre um terrível fato de Guardião. Bem eu pensei que era terrível pelo menos.

Acontece que se alguém quer se casar com alguém daqui, a noiva e o noivo em perspectiva tinham que batalhar com um parente do mesmo sexo. Angeline tinha mostrado interesse em Joshua no momento que ele chegou, e quando ela olhou seu bracelete, ela assumiu que algum tipo de arranjo tinha sido feito. Por isso, caiu sobre ela, e a irmã dela, ter certeza que eu era digna. Ela ainda não gostava ou não confiava completamente em mim, mas me provando um lutador capaz, tinha aumentado minha estima com ela, permitindo assim nosso — compromisso. — Isto tinha levado levado a muito muito falatório, para convencer a todo mundo — incluindo Joshua — que não havia compromisso. Se tivesse, eu aprendi, Dimitri teria que estar de pé e lutar como meu — parente — e brigar com Joshua.

— Pare com isso. — eu castiguei. Dimitri, encostado em umas das paredes do quarto, braços cruzados, vendo como eu esfregava onde Angeline, tinha batido na minha bochecha. Não era a pior contusão que eu já tive, mas eu definitivamente teria uma contusão amanhã. Havia um pequeno sorriso no rosto dele.

— Eu disse para não encoraja-lo. — disse Dimitri calmo e responsável.

— Que seja. Você não viu isto vindo. Você apenas não quer... — eu morde minhas palavras. Eu não diria o que estava na minha mente: Dimitri estava com ciúmes. Ou possessivo. Ou algo assim. Eu sabia que ele estava irritado me vendo ser amigável com Joshua... e muito divertido com minha indignação com o ataque de Angeline. Eu virei abruptamente para Sydney que estava tão entretida quanto Dimitri. Na verdade, eu tinha certeza que eu nunca vi ela sorrir tanto.

— Será que você não sabe sobre esse costume?

— Não — ela admitiu — mas eu não estou surpresa, eu disse que eles são selvagens, muitos problemas são resolvidos com lutas como essa.

— É estúpido — não me preocupando que eu estava lamentando. Eu toquei o topo da minha cabeça, desejando ter um espelho para ver se Angeline tinha levado um notável e gooso pedaço do meu cabelo. — Embora... ela não esteja ruim. Rude mas não ruim. São todos tão difíceis? Os humanos e Moroi também?

— Este é meu entendimento

Eu ponderei isso. Eu fiquei chateada e embaraçada com o que tinha acontecido, mas eu tinha que admitir guardiões eram mais interessantes. Como é irônico que um grupo tão para trás tinha o discernimento para ensinar a todos a lutar, não importando sua raça. Enquanto isso, a minha própria cultura esclarecida ainda se recusava a ensinar defesa.

— É por isso que Strigoi não os aborrecem — eu murmurei, lembrando o café da manhã. Eu nem percebi o que disse até o sorriso de Dimitri cair. Ele olhou para janela, a face sombria.

— Eu deveria checar com Boris de novo e ver o que eles encontraram — ele retrocedeu para Sydney. — Ele não vai demorar muito. Nós não temos a necessidade de ir. Eu deveria levar seu carro já que eu tenho poucas formas de ir?

Ela encolheu os ombros e pegou suas chaves. Nós aprendemos mais cedo que o telefone Sydney poderia pegar um sinal de cerca de dez minutos a partir da vila.

Ele estava certo. Não havia realmente nenhuma razão para todos nós a ir para juntos para dar um rápido telefonema. Depois da minha luta, Sydney e eu estávamos razoavelmente seguras. Ninguém mexeria agora comigo. Ainda... eu não gostava da ideia de Dimitri reviver os dias de Strigoi sozinho.

— Você ainda deve ir, — eu disse a ela, pensando rápido. — Eu preciso checar Lissa. — Não era inteiramente mentira. O que meus amigos tinham ouvido falar de Joe, ainda estava pesando sobre mim — Eu normalmente poderia acompanhar o que está acontecendo ao meu redor, ao mesmo tempo, mas poderia ser melhor se você estivesse longe. Especialmente no caso de Alquimistas darem um show.

Minha lógica estava falha, entretanto os colegas dela ainda eram uma preocupação.

— Duvido eles venham enquanto esta escuro. — ela disse — mas eu realmente não queria sair, se você estiver indo só para olhar para o espaço. — Ela não admitiu, e ela não precisava dizer nada, mas eu suspeitava que ela não queria outra pessoa dirigindo seu carro de qualquer maneira.

Dimitri pensou que sua vinda foi desnecessária e disse isso, mas, aparentemente, ele não se sentia como se ele pudesse mandar em torno dela, tanto como eu. Assim, ambos foram embora, deixando-me sozinha no quarto. Eu os observava melancolicamente. Apesar de quão irritante a zombaria anterior tinha sido, eu estava preocupada com ele. Eu tinha visto o efeito da última chamada e desejei que eu pudesse estar lá para confortá-lo. Eu tive uma sensação de que ele não teria permitido, assim que eu aceitei como uma pequena vitória Sydney acompanha-lo. Com eles indo, eu decidi que eu realmente gostaria de verificar Lissa. Eu disse mais como uma desculpa, mas sinceramente, ela bateu — a alternativa de voltar e socialização. Eu não quero mais pessoas me dando parabéns, e, aparentemente, Joshua tinha lido meu e — talvez — e a aceitação da pulseira como um compromisso real. Eu ainda pensei

que ele era devastadoramente bonito, mas não conseguia lidar com sua adoração.

Sentando de pernas cruzadas na cama de Angeline, eu me abri para o vínculo que Lissa e eu experimentávamos. Ela estava andando através da salas de um prédio eu não o reconheci primeiro. Um momento depois, eu tive a minha orientação. Era um prédio no Corte que abrigava um grande spa e salão de beleza, bem como o esconderijo de Rhonda a cigana. Parecia estranho que Lissa estaria indo para obter a sua fortuna contando, mas uma vez eu adquiri um olhar rápido dos companheiros dela, eu sabia que ela estava fazendo alguma outra coisa.

Os suspeitos usuais estavam com ela: Adrian e Christian. Meu coração pulou ao ver Adrian novamente, especialmente após o incidente de Joshua. Meu último sonho com espírito foi muito breve. Christian estava segurando a mão Lissa enquanto caminhavam, seu aperto quente e reconfortante. Ele parecia confiante e determinado, embora com o normalmente irônico meio sorriso dele. Lissa se sentia nervosa e estava claramente se preparando para alguma coisa. Eu podia sentir ela temendo sua próxima tarefa, mesmo que ela acreditava ser necessária.

— É isto? — perguntou ela, vindo a parar na frente de uma porta.

— Acho que sim — disse Christian. — A recepcionista disse que era a vermelha.

Lissa hesitou só um momento e depois bateu na porta. Nada. Ou a sala estava vazia, ou que estava sendo ignorada. Ela levantou a mão de novo, e a porta se abriu. Ambrose estava ali, deslumbrante como sempre, mesmo em jeans e uma camiseta azul casual. As roupas abraçavam o corpo de uma forma que exibia todos os músculos. Ele poderia ter andado em linha reta fora a capa da GQ.

[\(Nota 10\)](#)

— Hey — ele disse, claramente surpreso.

— Hey — disse Lissa volta. — Ficamos pensando se poderíamos falar com você?

Ambrose ligeiramente inclinada com a cabeça em direção ao quarto.

— Estou tipo ocupado agora.

Além dele, Lissa podia ver uma mesa de massagem com uma mulher Moroi deitada de bruços. A metade inferior do seu corpo tinha uma toalha, mas suas costas estava nuas, brilhando na luz fraca com óleo. Velas perfumadas queimavam na sala, e uma espécie de calma música New Age tocava suavemente.

— Wow, — disse Adrian. — Você não perde tempo, não é? Ela está apenas em seu túmulo algumas horas, e voce já tem alguém novo. — Tatiana havia sido finalmente sepultada no início do dia, pouco antes do anoitecer. O enterro não teve alarde muito menos do que a tentativa original. Ambrose deu Adrian um olhar penetrante.

— Ela é minha cliente. Este é o meu trabalho. Você esquece que alguns de nós têm que trabalhar para viver.

— Por favor, — perguntou Lissa, às pressas pisando na frente de Adrian. — Ele não vai demorar muito.

Ambrose olhou para os meus amigos durante um momento e então suspirou. Ele olhou para trás. — Lorraine? Eu tenho que sair. É um mau estar, certo, daqui a pouco volto, ok?

— Okay — chamou a mulher. Ela mudou, de frente para ele. Ela era mais velha do eu estava esperado, quarenta anos mais ou menos. Eu acho que se você estivesse pagando por uma massagem, não havia nenhuma razão para não ter um massagista da sua idade. — Volte depressa.

Ele deu um sorriso deslumbrante quando ele fechou a porta, um sorriso que logo caiu uma vez que ele estava sozinho com meus amigos. — Ok, o que está acontecendo? Eu não gosto da expressão de seus rostos.

Ambrose tinha desviado radicalmente de uma vida normal de dhampir, mas ele tinha tido a mesma formação como qualquer guardião. Ele era observador. Ele estava sempre à procura de ameaças potenciais.

— Nós, uh, queríamos falar com você... — Lissa hesitou. Falando sobre as investigações e interrogatórios era uma coisa. Execução era outra. — Sobre o assassinato de Tatiana.

Ambrose levantou as sobrancelhas. — Ah. Eu vejo. Não é certo que há a dizer, exceto que eu não acho que Rose o fez. Eu não acho que você acredite, apesar de o que está acontecendo ao redor. Todo mundo falando sobre como chocada e perturbada que você esta. Você recebendo um monte de simpatia ao longo. Tendo sido enganado por um *amiga* tão perigosa e sinistra.

Lissa sentia o rubor nas bochechas dela. Me condenando publicamente e renunciando nossa amizade, Lissa estava mantendo-se longe de problemas. É tinha sido o conselho de Abe e Tasha e Lissa sabia que era só um rumor. No entanto, apesar de ter sido um ato, ela ainda se sentia culpada. Christian entrou a sua defesa.

— Cai fora. Não é disso que se trata...

— O que é, então? — Perguntou Ambrose.

Lissa saltou, preocupada que Christian e Adrian poderiam perturbar Ambrose e tornar difícil de obter respostas. — Abe Mazur disse que, no tribunal, que você disse ou, uh, fez alguma coisa para Rose.

Ambrose pareceu chocada, e eu tive que lhe dar pontos para ser convincente. — Alguma coisa? O que significa isso? Mazur acha que, eu como, bati nela na frente de todas essas pessoas?

— Eu não sei — admitiu Lissa. — Ele só viu algo, isso é tudo.

— Desejei-lhe boa sorte, — disse Ambrose, ainda a olhando ofendido. — Está bem assim?

— Yeah, yeah, — Lissa fez questão de falar com Ambrose, antes, temendo Abe que poderia, usar métodos que implicaria ameaças e

um monte de força física. Agora, ela estava se perguntando se ela estava fazendo um grande trabalho. — Olha, estava apenas tentando descobrir quem realmente matou a rainha. Você estava perto dela. Se há qualquer coisa, — qualquer coisa — tudo que você tem que pode nos ajudar, apreciaremos isto. Precisamos disso.

Ambrose olhou curiosamente entre eles. Então, de repente ele compreendeu.

— Você acha que eu fiz isso! Isso é o que se trata. — Nenhum deles disse nada. — Eu não posso acreditar nisso! Eu já tenho isso de guardiões... mas de você? Eu pensei que você me conhecesse melhor.

— Nós não sabemos de nada — disse Adrian categoricamente. — Tudo que sabemos é que tinha muita acesso à minha tia. — Ele apontou para a porta. — E obviamente, não demorou muito tempo para seguir em frente.

— Perdeu a parte onde eu disse que é o meu trabalho? Eu estou dando a ela uma massagem, é isso. Nem tudo é sórdido e sujo. — Ambrose sacudiu a cabeça, frustração e passou a mão pelos seus cabelos castanhos. — Minha relação com Tatiana não estava suja também. Eu me preocupava com ela. Eu nunca faria nada para machucá-la.

— Não... as estatísticas dizem que a maioria dos assassinatos ocorrem entre pessoas próximas? — perguntou Christian.

Lissa olhou para ele e Adrian. — Parem com isso. Ambos. — Ela olhou para Ambrose. — Não o acusamos de nada. Mas você estava muito ao seu redor. E Rose me disse que você estava chateado com a lei de idade.

— Quando eu ouvi pela primeira vez sobre isso, sim, — Ambrose disse. — E mesmo assim, eu disse a Rose que havia algum erro, que deve haver algo que não sabia. Tatiana nunca teria posto em perigo os dhampirs sem uma boa razão.

— Como tornar-se uma boa aparência na frente de todos os membros da realeza que estão apavorados? — perguntou Christian.

— Cuidado, — avisou Adrian. Lissa não conseguia decidir qual era mais chato: os dois caras se unindo contra Ambrose ou eles atirando farpas um com o outro.

— Não! — Ambrose a voz soou por todo o corredor estreito. — Ela não queria fazer isso. Mas se ela não fizesse, coisas piores estavam para acontecer. Há pessoas que queriam — e ainda querem — que de todos os dhampirs briguem ou vão obrigá-los. Tatiana passou a lei de idade como uma forma de parar isso.

Fez-se silêncio. Eu já aprendi isso da nota de Tatiana, mas foi uma notícia chocante para os meus amigos. Ambrose continuou, vendo que ele tinha ganhado terreno.

— Ela estava realmente aberta a muitas outras opções. Ela queria explorar espírito. Ela aprovou os Moroi aprenderem a lutar.

Isso veio de uma reação de Adrian. Ele ainda usava aquela expressão sarcástica, mas eu também podia ver linhas ténues de dor e tristeza em seu rosto.

O enterro anterior deve ter sido duro com ele e ouvir outros revelar informações de que não tinha conhecimento sobre um ente querido, e devia machucar.

— Bem, obviamente eu não estava dormindo com ela como se fosse, — disse Adrian, — mas eu a conhecia muito bem, também. Ela nunca disse uma palavra sobre, ou qualquer coisa assim.

— Não publicamente, — concordou Ambrose. — Nem mesmo reservadamente. Apenas algumas pessoas sabiam. Ela estava tendo um pequeno grupo de Moroi treinados em secreto — homens e mulheres, de diferentes idades. Ela queria ver como Moroi poderiam aprender. Se fosse possível para eles defenderem a si mesmos. Mas ela sabia que o povo ficaria chateado com ela, então ela fez o grupo e o seu treinador ficarem quietos.

Adrian não deu nenhuma resposta a isto, e eu podia ver seus pensamentos tinham se voltado para dentro. Ambrose não era a revelação das novas notícias ruim, exatamente, mas Adrian ainda estava magoado com o pensamento de que sua tia mantinha com

ele. Lissa, entretanto, estava comendo a notícia acima, agarrando e analisando cada pedaço de informação.

— Quem eram eles? Os Moroi sendo treinado?

— Eu não sei — disse Ambrose. — Tatiana ficou em silêncio sobre isso. Eu nunca descobri seu nome, apenas seu instrutor.

— Quem foi... ? — Solicitou Christian.

— Grant.

Christian e Lissa trocaram olhares assustados. — Meu Grant? — perguntou ela. — O que Tatiana designou para mim?

Ambrose concordou. — É por isso que ela lhe deu para você. Ela confiava nele. — Lissa não disse nada, mas eu ouvi seus pensamentos altos e claros. Ela ficou satisfeita e surpresa quando Grant e Serena —guardiões que tinham substituído Dimitri e eu — se ofereceram para ensinar Lissa e Christian movimentos de defesa básicos. Lissa tinha pensado, ela simplesmente tropeçou em um guardião de pensamento progressista, não percebendo que ela tinha um dos pioneiros no ensino de combate Moroi.

Alguma parte disso era importante, ela e eu estávamos certas, embora nenhum de nós poderia fazer a conexão. Lissa confundiu ele mais, e não protestou quando Adrian e Christian jogaram em algumas questões da sua própria autoria. Ambrose foi ainda claramente ofendido pela inquisição, mas ele respondeu a tudo com paciência forçada. Ele tinha álibi, e seu carinho e respeito por Tatiana nunca vacilou. Lissa acreditou nele, apesar de Christian e Adrian ainda pareciam céticos.

— Todo mundo foi em cima de mim sobre a sua morte, disse Ambrose — mas ninguém questionou Blake muito tempo.

— Blake? — perguntou Lissa.

— Blake Lazar. Alguém que ela era...

— Envolvida com...? — Sugeriu Christian, revirando os olhos.

— Ele? — Adrian exclamou com desgosto. — De jeito nenhum. Ela não iria tão baixo.

Lissa acumulou seu cérebro por meio da família Lazar, mas não poderia reconhecer o nome. Havia apenas muitos deles. — Quem é ele?

— Um idiota — disse Adrian. — Me faz ser visto como um membro íntegro da sociedade.

Isso realmente trouxe um sorriso ao rosto de Ambrose. — Eu concordo. Mas ele é um idiota bonito, e Tatiana gostava disso. — Ouvi carinho em sua voz quando ele falou o nome dela.

— Ela estava dormindo com ele também? — Lissa perguntou. Adrian fez uma careta ao falar da vida sexualidade sua tia-avó, mas um novo mundo de possibilidades se abriram. Mais amantes significava mais suspeitos. — Como você se sentia sobre isso?

A diversão de Ambrose desapareceu. Ele lhe deu um olhar afiado.

— Não ciumento o suficiente para matá-la, se isso for o onde você está querendo chegar. Tivemos uma compreensão. Ela e eu estávamos perto sim, — envolvidos — mas ambos víamos outras pessoas também.

— Espere — disse Christian. Tive a sensação de que ele estava realmente gostando disso agora. Tatiana assassinada não era brincadeira, mas foi uma telenovela definitivamente, que se desenrolava perante eles. — Você estava dormindo com outras pessoas também? Isso está ficando difícil de acompanhar.

Não para Lissa. Na verdade, ele estava se tornando cada vez mais claro que o assassinato de Tatiana poderia ter sido um crime passional, ao invés de política. Como Abe havia dito, alguém com acesso ao seu quarto era um provável suspeito. E uma mulher ciumenta mais partilhava de um amante com Tatiana? Esse foi talvez o motivo mais convincente até agora, — se soubéssemos as mulheres.

— Quem? — Lissa perguntou. — Quem mais você está vendo?

— Ninguém que queria matá-la, — disse Ambrose severamente. — Eu não estou dando-lhe nomes. Eu tenho direito a alguma

privacidade, — elas também tem.

— Não, se um deles estava com ciúmes e matou a minha tia — rosnou Adrian. Ambrose olhou para baixo, — Adrian pode não me proteger — mas naquele momento, defendendo o honra da tia dele, ele olhou tão feroz quanto qualquer guardião ou guerreiro. Era amável — sexy.

— Nenhum deles a matou, tenho certeza — disse Ambrose. — E tanto quanto eu o desprezo, eu não acho que foi Blake também . Ele não é inteligente suficiente para retirá-lo e armar para Rose. — Ambrose fez um gesto para a porta. Seus dentes estavam cerrados, e as linhas de frustração marcando sua rosto bonito. — Olha, eu não sei o que mais eu posso dizer para convencê-lo. Eu preciso voltar para lá. Eu desculpe se eu pareço difícil, mas isto foi um pouco difícil para mim, ok? Acredite em mim, eu adoraria se você pudesse descobrir quem fez isso com ela.

Dor brilhou através de seus olhos. Ele engoliu em seco e olhou para baixo por um momento, como se ele não quisesse que eles soubessem o quanto ele tinha se preocupado com Tatiana. Quando ele olhou para cima novamente, sua expressão era feroz e determinada de novo. — Eu quero e ajudarei se puder. Mas eu estou dizendo a você, procure alguém com motivos políticos. Não romance.

Lissa ainda tinha um milhão de perguntas. Ambrose poderia ser convencido de que o assassinato era livre de ciúmes e sexo, mas ela não estava. Ela teria realmente gostado do nome de sua outra mulher, mas não quis forçar muito. Por um momento, ela considerou compulsão como ela tinha feito com Joe. Mas não. Ela não ia cruzar alinha novamente, especialmente com alguém que ela considerava um amigo. Pelo menos ainda não.

— Okay. — disse ela com relutância. — Obrigado. Obrigada por nos ajudar. — Ambrose pareceu surpreso com sua delicadeza, e seu rosto suavizou.

— Vou ver se posso desenterrar qualquer coisa para ajudá-la. Eles estão mantendo seus quartos e bens bloqueados, mas eu

poderia ainda ser capaz de chegar lá. Vou deixar que você saiba.

Lissa sorriu verdadeiramente grata. — Obrigada. Isto seria ótimo.

Um toque no meu braço me trouxe de volta para a sala muito monótona em West Virginia. Sydney e Dimitri estavam olhando para mim.

— Rose? — perguntou Dimitri. Eu tive um sentimento que este não era a primeira vez que ele tinha tentado chamar a minha atenção.

— Hey, — eu disse. Pisquei algumas vezes, fixando-me de volta para esta realidade. — Vocês estão volta. Você chamou o Strigoi?

Ele não reagiu visivelmente com a palavra, mas eu sabia que ele detestava ouvi-la. — Sim. Eu tenho contato com Boris.

Sydney abraçou a si mesma. — Conversa louca. Alguma disso estava em inglês. Foi ainda mais assustador do que antes.

Estremeci involuntariamente, contente que eu perdi isto. — Mas você descobriu alguma coisa?

— Boris me deu o nome de um Strigoi que conhece Sonya e provavelmente sabe onde ela está — Dimitri disse. — Este alguém esta realmente satisfeito. Mas o telefone é o único que vai tão longe com Strigoi. Não há nenhuma maneira de contatá-lo, exceto para ir em pessoa. Boris tinha apenas seu endereço.

— Onde ele está? — Eu perguntei.

— Lexington, Kentucky — .

— Oh pelo amor de Deus, — eu gemia. — Por que não as Bahamas? Ou o Palácio de Milho?

Dimitri tentou esconder um sorriso. Poderia ter sido à minha custa, mas se eu atenuava o seu humor, eu estava grata. — Se sairmos agora, nós podemos alcançá-lo antes do amanhecer.

Olhei ao redor. — Escolha difícil. Deixar tudo isso para a electricidade e canalização?

Agora Sydney sorriu. — E não há mais propostas de casamento.

— E bem provavelmente terá de lutar contra Strigoi, — acrescentou Dimitri.

Eu pulei para os meus pés. — Quando podemos ir?

QUATORZE

Os Protectores tiveram reacções diferentes ao irmos embora. Eles estavam geralmente contentes de ver os estranhos a ir embora, especialmente desde que nós tivemos Sydney com a gente. Mas depois da luta, eles me mantinham como uma espécie de super-herói e ficaram encantados com a ideia de me casar na sua *família*. Vendo-me em acção significou que algumas mulheres estavam começando a andar de olho no Dimitri também. Eu não estava com vontade de vê-las paquerar com ele, principalmente porque, de acordo com suas regras de namoro, eu teria, aparentemente, que ser a única a batalhar com qualquer perspectiva noiva.

Naturalmente, nós não contamos aos Protectores nossos exactos planos, mas fizemos menção que nós tínhamos provavelmente encontrando Strigoi, contudo, causou uma reacção. A maior parte dessa reacção foi emoção e temor, que continuou a aumentar a nossa reputação como guerreiros ferozes. A resposta da Angeline, no entanto, foi totalmente inesperada.

— Me leve com você, — disse ela, agarrando meu braço, quando eu comecei a descer o caminho da floresta em direcção ao carro.

— Desculpe, — eu disse, ainda a estranhar um pouco depois de sua hostilidade anterior. — Temos que fazer isso sozinhos.

— Eu posso ajudar! Você me bateu... mas você viu o que eu posso fazer. Eu estou bem. Eu poderia pegar um Strigoi.

Por toda a ferocidade dela, eu sabia que Angeline não tinha uma pista sobre com o que ela enfrentaria de frente se ela encontrasse um Strigoi. Os poucos Protectores, que apresentavam marcas molnija falaram pouco sobre os encontros, rostos graves. Eles entendiam. Angeline não. Ela também não percebia que qualquer novato em St. Vladimir na escola secundária provavelmente poderia

levá-la para fora. Ela tinha potencial bruto, é verdade, mas era necessário muito trabalho.

— Você pode ser capaz, — eu disse, não querendo magoá-la. — Mas não é apenas possível para você vir conosco. — Gostaria de ter mentido e dar-lhe uma vaga. — Talvez algum dia, — mas desde que levaram Joshua a pensar que eram semi-contratados, eu decidi melhor não.

Eu esperava mais ostentação de suas proezas de batalha. Nós sabíamos que ela era considerada como uma das melhores lutadoras jovens no complexo, e com a beleza dela, tinha muitos admiradores também. Um lote de que tinha ido a sua cabeça, e ela gostava de falar sobre como ela poderia vencer qualquer um ou qualquer coisa. Mais uma vez, me lembrei de Jill. Jill também tinha muito a aprender sobre o verdadeiro significado da batalha, mas foi ainda ansiosa para saltar dentro. Ela era mais calma e mais cautelosa do que Angeline, embora, assim a próxima direcção da Angeline me pegou desprevenida.

— Por favor. Não é apenas Strigo! Eu quero ver o mundo. Eu preciso ver alguma coisa fora deste lugar! — Sua voz era aguda, mas baixa, fora do alcance dos outros. — Eu estive apenas em Rubysville duas vezes, e dizem que isso é nada em comparação com outras cidades.

— Não é, — eu concordei. Eu nem considerava uma cidade.

— Por favor, — ela pediu novamente, desta vez com a voz trémula. — Me leve com você.

De repente, senti-me triste por ela. Seu irmão também tinha mostrado um pouco de desejo para o mundo exterior, mas nada como isto. Ele tinha brincado que um pouco de electricidade seria bom, mas eu sabia que ele estava bastante feliz sem as regalias do mundo moderno. Mas para Angeline, a situação era muito mais desesperadora. Eu também sabia o que era me sentir presa na vida de alguém e foi legitimamente desculpa para o que eu tinha a dizer.

— Eu não posso, Angeline. Temos que ir por conta própria. Desculpa. A serio mesmo.

Seus olhos azuis brilharam, e ela correu para dentro da floresta antes que eu pudesse vê-la chorar. Eu me senti horrível e depois que não poderia parar de pensar nela quando fizemos a nossa despedida. Eu estava tão distraída, que até dei um abraço de despedida ao Joshua.

Voltar para a estrada era um alívio. Eu estava feliz de estar longe dos Protectores e estava pronta para entrar em acção e começar a ajudar Lissa.

Lexington foi o nosso primeiro passo. Tivemos uma viagem de seis horas à frente de nós, e Sydney, por costume, parecia inflexível que ninguém mais ia a conduzir o carro dela. Dimitri e eu fizemos protestos inúteis, finalmente desistimos quando percebemos que se iríamos estar a enfrentando Strigoi logo, era provavelmente melhor descansar e preservar a nossa força.

O endereço para Donovan — o Strigoi que supostamente sabia onde estava Sonya — era só onde ele poderia ser encontrado à noite. Isso significava que tínhamos de ir para Lexington antes do sol nascer, para não o perder quando ele for para sua toca durante o dia. Significa também que teríamos uma reunião com Strigoi no escuro. Certos de que pouco poderia acontecer na estrada — especialmente uma vez que estávamos fora da Virgínia Ocidental — Dimitri e eu concordamos que poderíamos dormir um pouco, visto que nenhum de nós teve totalmente noites de sono.

Mesmo que o embalo do carro fosse calmante, eu entrava e saía do sono agitado. Depois de algumas horas nisso, eu simplesmente fixei-me no estado de transe que me levou a Lissa. Foi uma coisa muito boa: Eu tinha tropeçado em um dos maiores eventos de adorno dos Moroi. O processo de nomeação para eleger o novo rei ou rainha estava prestes a começar. Foi o primeiro de muitos passos, e todo mundo estava animado, dado como as eleições monarca raras realmente eram. Este foi um evento de que nenhum dos meus amigos esperava ver tão cedo em nossas vidas, e considerando os

últimos acontecimentos... bem, todos nós tínhamos interesse especial. O futuro dos Moroi estava em jogo aqui.

Lissa estava sentada na borda de uma cadeira em um dos salões de baile real, um enorme espaço amplo com tectos abobadados e ouro detalhando todos os lugares. Eu tinha estado nesta sala deslumbrante antes, com seus murais e moldagem elaborada. Lustres brilharam acima. Tinham realizado o almoço de pós-graduação, onde os guardiões colocavam seus melhores rostos e esperavam com esperança de atrair uma atribuição boa.

Agora, a sala estava organizada como a sala do Conselho, com uma longa mesa de um lado da sala que foi criada com doze cadeiras. Oposto á mesa estavam fileiras e mais fileiras de cadeiras onde o público se sentava quando o Conselho estava em sessão. Excepto que, agora, havia cerca de quatro vezes mais cadeiras, do que o costume, o que provavelmente explica a necessidade desta sala. Cada cadeira estava cheia. Na verdade, as pessoas estavam até mesmo em pé, apinhando-se da melhor forma possível. Agitados guardiões andavam por entre a multidão, mantendo-os fora das portas e certificando-se que os espectadores estavam dispostos de modo a permitir uma maior segurança.

Christian se sentou em um lado de Lissa, e Adrian sentou ao lado de Christian. Para minha agradável surpresa, Eddie e Mia sentaram-se na mesa também. Mia era uma nossa amiga Moroi que tinha estado em St. Vladimir e foi quase tão hardcore, como Tasha sobre a necessidade dos Moroi se defenderem. Meu querido pai não estava à vista. Nenhum deles falou. A conversa teria sido difícil entre o zumbido e cantarolar de tantas pessoas e, além disso, meus amigos estavam muito impressionados com o que estava prestes a acontecer. Havia tanto para ver e experimentar, e nenhum deles havia percebido o quão grande seria a multidão. Abe disse que muitas coisas se moveriam rapidamente, uma vez o funeral da Tatiana, e certamente que foram.

— Você sabe quem eu sou?

Uma voz chamou a atenção da Lissa, num tom um pouco carregado acima do barulho. Lissa olhou para baixo da linha, alguns lugares longe de Adrian.

Dois Moroi, um homem e uma mulher, sentaram-se lado a lado e foram olhando para uma mulher com muita raiva. Suas mãos estavam na cintura, e o vestido de veludo cor-de-rosa que ela usava parecia estranho ao lado do casal de jeans e camisetas. Também não ia para segurar tão bem quando ela pisou fora do ar condicionado.

Um clarão torceu-lhe o rosto. — Eu sou Marcella Badica — . Quando isso não obteve uma reacção do casal, ela acrescentou, — Príncipe Badica é meu irmão e a nossa outra rainha era minha terceira prima de segundo grau. Não há lugares à esquerda, e alguém como eu, não pode estar contra a parede com o resto da multidão.

O casal trocou olhares. — Eu acho que você deveria ter chegado aqui mais cedo, Lady Badica, — disse o homem.

Marcella se abriu em indignação. — Não acabou de ouvir quem eu sou? Você não sabe quem são seus superiores? Eu insisto que você desista de seus lugares.

O casal ainda parecia imperturbável. — Esta sessão é aberta a todos, e lá não estavam atribuídos lugares, da última vez que verifiquei. — Disse a mulher. — Temos o direito ao nosso, tanto quanto você.

Marcella voltou-se para o guardião ao lado dela na indignação. Ele deu de ombros. Seu trabalho era protegê-la de ameaças. Ele não ia expulsar outras pessoas de suas cadeiras, especialmente quando eles não estavam quebrando todas as regras. Marcella deu um arrogante *humph* antes de se virar bruscamente e seguir afastando-se, sem dúvida, para perturbar outra pobre alma.

— Isto, — disse Adrian, — vai ser agradável.

Lissa sorriu e voltou a estudar o resto da sala. Como ela, eu me dei conta de algo surpreendente. Eu não poderia dizer exactamente

quem era quem, mas a multidão não era composta exclusivamente por membros da realeza, como a maioria das sessões do Conselho foram. Havia toneladas de plebeus, como o casal sentado perto de meus amigos. A maioria dos Moroi não se incomodava com a Corte. Eles estavam no mundo, vivendo suas vidas e tentando sobreviver, enquanto a realeza andava em torno da Corte e faziam leis. Mas não hoje. Um novo líder ia ser escolhido, e era de interesse para todos os Moroi.

O burburinho e caos continuaram por um tempo até que um dos guardiões declarou finalmente a sala de estar completa. Aqueles que estavam de fora ficaram indignados, mas seus gritos foram rapidamente silenciados quando os guardas fecharam as portas, lacrando o salão de baile. Pouco tempo depois, os onze membros do Conselho tomaram seus assentos, e para minha surpresa, o pai do Adrian, Nathan Ivashkov, assumiu a décima segunda cadeira. O arauto da Corte gritou e chamou a atenção de todos. Ele era alguém que foi escolhido por causa de sua voz marcante, embora eu sempre perguntei por que eles não usavam um microfone nestas situações. Mais tradições do mundo antigo, *supus*. Isso, e excelente acústica.

Nathan falou uma vez e a sala se acalmou. — Na ausência de nossa amada rainha... — Fez uma pausa olhando melancolicamente para oferecer um momento de respeito, antes de continuar.

Em qualquer outra pessoa, eu poderia ter suspeitado que seus sentimentos eram falsos, principalmente depois de vê-lo rastejar tanto na frente de Tatiana. Mas não. Nathan tinha amado a tia espinhosa quanto Adrian tinha.

— E na esteira dessa terrível tragédia, eu vou estar moderando o processo de eleições.

— O que eu te tinha dito? — Murmurou Adrian. Ele não tinha nenhum vago afecto pelo seu pai. — Agradável.

Nathan falou um pouco sobre a importância do que estava por vir e alguns outros pontos sobre a tradição Moroi. Era óbvio, no entanto, que como eu, todos na sala realmente queria chegar até o

evento principal: as nomeações. Ele pareceu perceber isso também e acelerou as formalidades. Finalmente, ele foi para as coisas boas.

— Cada família, se quiserem, podem ter um candidato para a coroa e que irão fazer os testes que todos os monarcas têm sofrido desde o início dos tempos. — Pensei que *desde o início dos tempos* era provavelmente um pouco ousado verificando exagero, mas enfim.

— A única exclusão é os Ivashkovs, uma vez que os monarcas consecutivos da mesma família não são permitidos. Para candidatura, três nomeações são exigidas aos Moroi de sangue real e idade adequada. — Ele então acrescentou algumas coisas sobre o que aconteceu no evento em mais de uma pessoa foi nomeada a partir de uma mesma família, mas mesmo eu sabia que as chances de isso acontecer eram inexistentes. Cada casa real queria obter a melhor vantagem aqui, e isso envolveria uma posição unificada por um candidato.

Satisfeito de que todos entendiam, Nathan balançou a cabeça e fez um gesto grandioso para o público.

— Vamos começar as nomeações.

Por um momento, nada aconteceu. É do gênero de quando eu andava na escola e um professor dizer algo como: — Quem gostaria de apresentar seu primeiro trabalho? — Tipo todos esperavam que alguém começasse as coisas, e finalmente, aconteceu.

Um homem que eu não reconheci levantou-se. — Nomeio Princesa Ariana Szelsky.

Ariana, como princesa, sentou-se ao Conselho e foi uma escolha esperada. Ela deu um aceno cortês para o homem. Um segundo homem, presumivelmente de sua família, também se levantou e deu a segunda nomeação. A terceira e última indicação veio de um outro Szelsky — e um muito inesperado. Ele era o irmão da Ariana, um viajante do mundo que quase nunca estava na Corte, e também o homem protegido da minha mãe. Janine Hathaway estava provavelmente nesta sala, percebi. Eu queria que Lissa olhasse em

volta e encontrá-la, mas era demasiado Lissa focada no processo. Após eu passar por tudo isto, de repente eu tinha um desejo desesperado de ver minha mãe.

Com três nomeações, declarou Nathan, — Princesa Ariana Szelsky está inscrita como candidata. — Ele rabiscou algo em um pedaço de papel na frente dele, com seus movimentos cheios de florescer.

— Continuem.

Depois disso, as nomeações vieram em rápida sucessão. Muitos eram príncipes e princesas, mas outros eram respeitados — e ainda altos-membros das famílias. O candidato Ozera, Ronald, não era o membro da família do Conselho, nem era alguém que eu conhecia. — Ele não é um dos candidatos ideais da tiaTasha, — Christian murmurou para Lissa. — Mas ela admite não ser um idiota.

Eu não sei muito sobre a maioria dos outros candidatos também. Um casal, como Ariana Szelsky, eu tive uma boa impressão. Houve também a identificação de um casal que sempre achei revoltante. O décimo candidato foi Rufus Tarus, primo da Daniella. Casada com um Ivashkovs ela pertencia á família Tarus e parecia muito contente por ver o seu primo declarado como nomeado.

— Eu não gosto dele, — disse Adrian, fazendo uma careta. — Ele está sempre me dizendo para fazer algo útil com minha vida.

Nathan escreveu por baixo o nome Rufus e depois enrolou o papel como um pergaminho. Apesar da aparência de costumes antigos, eu suspeitava de um secretário na audiência estava digitando tudo que está sendo dito aqui em um laptop.

— Bem, — declarou Nathan, — Conclui-se...

— Nomeio Princesa Vasilisa Dragomir.

Lissa sacudiu a cabeça para a esquerda, e através de seus olhos, eu reconheci uma figura familiar. Tasha Ozera. Ela se levantou e falou as palavras em voz alta e confiante, olhando ao redor com os olhos azul-gelo, como se alguém se atrever a discordar.

A sala gelou. Não sussurros, não mudando em cadeiras. Apenas o silêncio total e completo. A julgar pelas caras, a família do candidato Ozero foi o segundo mais admirado na sala por ouvir Tasha falar. O primeiro, naturalmente, foi Lissa.

Levou um momento para que a boca de Nathan trabalhar. — Isso não é...

Ao lado de Lissa, Christian, de repente levantou-se.

— Eu dou a segunda nomeação.

E antes que Christian tinha sequer sentado, Adrian estava em seus pés.

— Eu confirmo a nomeação.

Todos os olhos na sala estavam em Lissa e seus amigos, e então, como uma, a multidão voltou-se para Nathan Ivashkov. Mais uma vez, ele parecia ter problemas para encontrar sua voz.

— Isso, — ele conseguiu, finalmente, — não é uma nomeação legal. Devido à sua posição actual do Conselho, a linha de Dragomir é, lamentavelmente, não elegível a apresentar um candidato.

Tasha, que nunca tem medo de falar em uma multidão ou assumindo probabilidades impossíveis, pulou de volta. Eu poderia dizer que ela estava ansiosa para isso. Ela era boa a fazer discursos e a desafiar o sistema. — Nomeação para monarca não precisa de uma posição do Conselho ou de um quórum para concorrer ao trono.

— Isso não faz sentido, — disse Nathan. Houve murmúrios de concordância.

— Confira os livros da lei, Nate, quero dizer, Senhor Ivashkov. — Sim, lá estava ele finalmente. Meu pai cheio de tacto entrou na conversa. Abe estava encostado em uma parede perto da entrada, esplendidamente vestido em um terno preto com camisa e gravata que eram exactamente o mesmo tom de verde esmeralda. Minha mãe ficou ao lado dele, o menor indício de um sorriso em seu rosto. Por um momento, eu fascinei quando estudei-os lado a lado. Minha

mãe: perfeita imagem de excelência da guarda e decoro. Meu pai: sempre capaz de atingir seus objectivos, não importa o quanto significa a torcida.

Inquieta, comecei a entender como eu tinha herdado a minha personalidade bizarra.

— Os candidatos não têm nenhuma exigência em matéria de quantas pessoas estão na sua família, — prosseguiu Abe jovialmente. — Eles só precisam de três nomeações real a ser confirmada.

Nathan fez um gesto furioso em direcção a onde o seu próprio filho desobediente e Christian estavam. — Eles não são de sua família!

— Eles não precisam ser, — rebateu Abe. — Eles só precisam de ser de uma família real. Eles são. Sua candidatura está dentro da lei... desde que a princesa aceite.

Todas as cabeças giraram em direcção a Lissa agora, como se fossem de repente apenas a observando. Lissa tinha-se contraído desde que os acontecimentos surpreendentes começaram. Ela estava em choque. Seus pensamentos pareciam mover-se rápido e lentos. Parte dela não poderia mesmo começar a processar o que estava acontecendo ao seu redor. O resto de sua mente estava girando com perguntas.

O que estava acontecendo? Foi uma piada? Ou talvez um espírito de alucinação induzida? Se ela tivesse finalmente enlouquecido? Ela estava sonhando? Era um truque? Em caso afirmativo, por que seus amigos foram os únicos a fazê-lo? Por que fariam isso com ela? E pelo amor de Deus, todos iriam parar de olhar para ela?

Ela podia lidar com a atenção. Ela tinha nascido e sido criada com aquilo, e como Tasha, Lissa poderia abordar uma multidão e transformar em negritas declarações, quando ela apoiou e foi preparada. Nenhuma destas coisas se aplicava a esta situação. Aquilo era muito bonito e a última coisa no mundo que ela esperava ou desejava. E assim, ela não poderia trazer-se a reagir ou até

mesmo a considerar uma resposta. Ela permaneceu onde estava, em silêncio e em estado de choque.

Então, alguma coisa agarrou-a de seu transe. A mão de Christian. Ele tomou as suas, envolvendo seus dedos com os dela. Deu-lhe um aperto suave, e o calor e a energia que ele enviou a trouxe de volta à vida. Lentamente, ela olhou ao redor da sala, encontrando os olhos daqueles que estavam a olhar para ela. Ela viu o determinado olhar de Tasha, o olhar astuto do meu pai, e até mesmo a minha expectativa mãe. Essa última provou mais surpreendente de todos. Como poderia Janine Hathaway, que sempre fez o que era direito e mal podia contar uma piada, vai junto com isso? Como poderia qualquer um dos amigos da Lissa estar indo junto com isso? Ninguém a ama ou se preocupam com ela?

Rose, ela pensou. Eu queria que você estivesse aqui para me dizer o que fazer.

Eu também. Condenadas a uma ligação unidireccional.

Ela confiou em mim mais do que ninguém no mundo, mas ela percebeu então que ela confiava em todos estes amigos muito bem, excepto Abe, talvez, mas isso era compreensível. E se eles estavam fazendo isso, certamente, havia uma razão, certo?

Certo?

Não fazia sentido para ela, no entanto, Lissa sentiu suas pernas se moverem quando ela levantou-se. E apesar do medo e confusão ainda estar sendo executado, ela encontrou sua voz, inexplicavelmente, clara e confiante em que ecoou pela sala.

— Eu aceito a nomeação.

QUINZE

EU NÃO GOSTO DE VER Victor Dashkov estar certo. Mas, oh, ele sempre estava.

Com a proclamação de Lissa, a sala que estava segurando a respiração, de repente explodiu. Eu me perguntei se alguma vez, na história Moroi, já existiu uma sessão do Conselho pacífica, ou se por coincidência eu só entro nas que são controversas. O que estava acontecendo hoje me lembrou muito do dia em que o decreto sobre a idade dos dhampirs foi aprovado. Gritaria, argumentos, pessoas fora de suas cadeiras... Guardiões que normalmente cobriam as paredes e assistiam, estavam juntos com os outros, com olhar de preocupação em seus rostos enquanto eles se preparam para qualquer disputa que possa ir além de palavras.

Tão rápido quanto Lissa estava no centro de tudo, a sala pareceu se esquecer dela. Ela se sentou de novo, e Christian achou a sua mão novamente. Ela apertou a mão dele bem forte, tão forte que eu me perguntei se ela tinha cortado a circulação dele. Ela olhou diretamente para frente, ainda vacilando. A mente dela não estava focada em todo aquele caos, mas tudo que seus olhos e ouvidos percebiam vinha para mim. Sério, a única atenção que meus amigos receberam foi quando Daniella chegou e repreendeu Adrian por nomear alguém de fora de sua família. Ele deu de ombros em seu modo costumeiro, e ela bufou percebendo — como muitos de nós — que não tinha realmente uma razão em tentar argumentar com Adrian.

Você pensaria que em uma sala onde todo mundo estava brigando para impor vantagens para sua própria família, cada pessoa estaria argumentando que a nomeação de Lissa era inválida. Esse não era o caso, no entanto — particularmente por que nem todo mundo na sala era da realeza. Assim como eu notei mais cedo, Moroi de todo o mundo vieram para testemunhar os acontecimentos

que iriam determinar o seu futuro. E um bom número deles estava vendo essa garota Dragomir com interesse, essa princesa de uma linhagem que estava morrendo e que alegava fazer milagres. Eles não foram vorazmente entoando seu nome, mas muitos ficaram no meio dos argumentos, dizendo que ela tinha todo o direito de representar sua família. Parte de mim também suspeitou que alguns dos — suportes comuns — simplesmente gostavam da ideia de frustrar a agenda real.

O jovem casal que tinha sido assediado por Lady Badica não foram os únicos que foram diminuídos por seus — superiores. — Surpreendentemente, havia alguns membros da realeza apoiando Lissa também. Eles podem ser leais a suas próprias famílias, mas nem todos eram cúmplices sem coração e egoístas. Muitos tinham um senso de certo e errado — e se Lissa tinha a lei do lado dela, então ela estava certa. E muitos membros da realeza simplesmente gostavam e respeitavam ela. Ariana foi uma pessoa que advogou para a nomeação de Lissa, além de que a competição que isso criou. Ariana sabia bem a lei e sem dúvida percebeu que a mesma brecha que permitiu Lissa competir, também não deixaria acontecer quando a época de eleição chegar. Ainda assim, Ariana manteve sua posição, o que me fez gostar dela ainda mais. Quando a votação realmente chegar, eu espero que Ariana ganhe a coroa. Ela é inteligente e justa — exatamente o que os Moroi precisam.

Claro que Ariana não era a única que conhecia a lei. Outros perceberam a brecha e argumentaram a nomeação de um candidato que ninguém podia votar por se inútil. Normalmente, eu concordaria com eles. E o debate durou enquanto os meus amigos ficaram quietos sentados no olho do furacão. No final, o assunto foi resolvido da forma que a maioria das decisões devem ser tomadas: através do voto. Com Lissa ainda negando o seu lugar no Conselho, deixou apenas onze membros para determinar o seu futuro. Seis deles aprovaram a sua candidatura, fazendo isso oficial. Ela poderia concorrer. Eu suspeitei que alguns daqueles que votaram a favor, não queria que ela realmente concorresse, mas os respeito deles pela lei prevaleceu.

Muitos Moroi não ligavam para o que o Concelho dizia. Eles deixaram claro que consideraram o assunto longe do fim, provando o que Victor havia dito: isso iria fazer eles ficarem furiosos por um tempo, e iria piorar se ela realmente passar nos testes e chegar à fase de votação. Por agora, a multidão se dispersou, parecendo aliviada — não só por que eles queriam escapar da gritaria, mas também por que eles queriam espalhar as notícias sensacionais.

Lissa continuou falando pouco enquanto ela e nossos amigos saiam. Passando pelos curiosos ela era o modelo de realeza e calma, como se ela já tivesse sido declarada rainha. Mas quando ela finalmente escapou de tudo aquilo e estava de volta no quanto dela com os outros, um olhando para o outro, sentimentos congelados explodiram.

Junto com Adrian, Christian e Eddie, o resto dos conspiradores se mostrou: Tasha, Abe e minha mãe. Todos eles estavam tão aturdidos por essa reação vindo da doce Lissa que nenhum deles poderia responder agora. Lissa tomou vantagem do silêncio deles.

— Você armou para mim! Você me colocou no meio de um pesadelo político! Você acha que eu quero isso? Você realmente acha que eu quero ser rainha?

Abe se recuperou primeiro, naturalmente.

— Você não será rainha — ele disse, com a voz estranhamente calma. — As pessoas discutindo sobre a outra parte da lei estão certas: ninguém pode realmente votar em você. Você precisa de uma família para isso.

— Então qual é o ponto? — ela exclamou. Ela estava furiosa. Ela tinha todo o direito de estar. Mas aquela indignação, aquela raiva... isso foi alimentado por alguma coisa pior do que essa situação sozinha. Espírito estava vindo para reclamar o seu preço e torná-la ainda mais chateada do que ela estaria.

— O ponto — disse Tasha — é toda aquela loucura que você viu na sala do Conselho. Para cada argumento, para cada vez que

alguém arrasta um dos livros de direito para fora novamente, temos mais tempo para salvar Rose e descobrir quem matou Tatiana.

— Quem quer que tenha feito isto, tem que ter algum interesse no trono — explicou Christian. Ele colocou a mão no ombro de Lissa e ela se afastou. — Ou para eles mesmos ou para alguém que eles conhecem. Quanto mais nós atrasarmos o plano deles, mais tempo nós vamos ter para descobrir quem é.

Lissa passou as mãos pelos seus longos cabelos em frustração. Tentei puxar o rolo de fúria dela, pegá-lo para mim. Eu consegui um pouco, o bastante para ela deixar as mãos caírem ao lado do corpo. Mas ela ainda estava brava.

— Como que eu posso procurar pelo assassino se eu vou estar lá fazendo todos aqueles testes estúpidos? — ela exigiu.

— Você não vai estar procurando. — Abe disse. — Nós vamos.

Os olhos dela se alargaram. — Isso nunca foi parte do plano! Eu não vou pular nos aros reais enquanto a Rose precisa de mim. Eu quero ajudá-la!

Isso foi quase cômico. Quase. Nem Lissa nem eu podemos — ficar quietas — quando nós pensamos que a outra precisa de nossa ajuda. Nós queremos estar lá fora, ativamente fazendo o que podemos para consertar a situação.

— Você está a ajudando, — disse Christian, sua mão se contraiu, mas ele não tentou a tocar de novo. — é de um jeito diferente daquele que você esperava, mas no final, vai acabar ajudando-a.

O mesmo argumento que todo mundo estava usando comigo. Também a fez ficar tão nervosa quanto eu fiquei, e eu desesperadamente puxei a onde de instabilidade de espírito que ficava passando por ela.

Lissa olhou em volta da sala, um olhar acusatório em seu rosto.

— Quem no mundo pensou nessa ideia? — Mais silêncio incomodo encheu a sala.

— Foi a Rose, — disse Adrian afinal.

Lissa se virou e o encarou.

— Ela não fez! Ela não faria isso comigo!

— Ela fez, — ele disse. — Eu falei com ela num sonho. Foi ideia dela, e... foi uma muito boa. — Eu realmente não gostei de como isso pareceu ser uma surpresa para ele. — Além disso, você meio que a colocou numa situação ruim também. Ela continua falando em quanto a cidade que ela esta é uma droga.

— Okay, — estalou Lissa, ignorando a parte sobre minha situação. — Supondo que seja verdade, que Rose passou essa ideia — brilhante — para você, então porque ninguém se incomodou em contar para mim? Vocês não acham que um pequeno aviso iria ajudar? — de novo, isso era exatamente como eu fiquei reclamando sobre o meu resgate ter sido mantido sobre segredo para mim.

— Não realmente, — disse Adrian. — Nós imaginamos que você agiria exatamente assim e que planejaría uma recusa. Nós meio que imaginamos que se você fosse pega desprevenida, você aceitaria.

— Isso foi um pouco arriscado, — ela disse.

— Mas funcionou, — foi a resposta dura de Tasha. — Nós sabíamos que você iria nos ajudar. — Ela piscou. — E pelo que importa, eu acho que você daria uma ótima Rainha.

Lissa deu um olhar afiado para ela, e eu fiz mais um esforço para tirar um pouco da escuridão. Eu me concentrei naqueles sentimentos agitados, imaginando eles em mim em vez dela. Eu não tirei tudo mas administrei o suficiente para tirar a luta dela. Raiva subitamente cresceu em mim, me cegando momentaneamente, mas eu fui capaz de socar em um canto da minha mente. Ela subitamente se sentiu exausta. Eu meio que me senti também.

— O primeiro teste é amanhã, — ela disse calmamente. — Se eu falhar, estou fora. O plano vai por água abaixo.

Christian fez uma outra tentativa de colocar os braços ao redor dela, e desta vez, ela deixou. — Voce não vai.

Lissa não disse mais nada, e eu pude sentir o alívio no rosto de todo mundo. Ninguém acreditou nem por um segundo que ela gostou disso, mas eles pareceram achar que ela não iria retirar sua nomeação, o que era o máximo que eles podiam esperar.

Minha mãe e Eddie não tinham dito nada esse tempo todo. Como era comum para os guardiões, eles ficaram em segundo plano, ficando nas sombras enquanto os negócios dos Moroi eram conduzidos. Com a tempestade inicial acabada, minha mãe tomou a dianteira. Ela acenou para Eddie. — Um de nós vai tentar ficar com você o tempo todo.

— Porque? — perguntou Lissa, assustada.

— Porque nós sabemos que há alguém lá fora que não se importa de matar para conseguir o que quer, — disse Tasha. Ela acenou para minha mãe e Eddie. — Esses dois e Mikhail são realmente os únicos guardiões que podemos confiar.

— Você tem certeza? — Abe deu a ela um olhar astuto. — Estou surpreso que você não colocou seu guardião — amigo — especial a bordo.

— Que amigo especial? — ordenou Christian, instantaneamente pegando a insinuação. Tasha, para minha surpresa geral, ficou vermelha.

— Só um cara que eu conheço.

— Que segue você com cara de cachorro molhado, — continuou Abe. — Qual é o nome dele? Evan?

— Ethan, — ela corrigiu.

Minha mãe, parecendo exasperada com uma conversa tão ridícula, prontamente deu um fim nisso — o que deu certo desde que Christian parecia ter coisas a dizer.

— Deixe-a em paz, — ela avisou Abe. — Nós não temos tempo para isso. Ethan é um cara legal, mas quanto menos pessoas souberem sobre isso, melhor. Já que Mikhail tem um posto permanente, Eddie e eu faremos a segurança.

Eu concordei com tudo que ela tinha acabado de falar, mas pareceu-me que para ter minha mãe dentro disso, alguém — provavelmente Abe — a tinha enchido com toda aquela atividade ilícita que estava acontecendo recentemente. Ou ele era mesmo muito convincente ou ela me ama muito. De má vontade, eu suspeitava que os dois eram verdade. Quando os Moroi estavam na Corte, seus guardiões não precisavam acompanhar eles a todo lugar, o que significava que minha mãe ficaria meio que livre da sua tarefa com o Lord Szelsky enquanto ele ficasse aqui. Eddie ainda não tinha uma designação, o que também lhe dava flexibilidade.

Lissa começou a dizer algo quando uma sacudida na minha própria realidade me jogou para fora da dela.

— Desculpe, — disse Sydney. O aperto nos freios foi o que me trouxe de volta. — Aquela idiota me botou para fora.

Não era culpa da Sydney, mas eu me sentia irritada sobre a interrupção e queria gritar com ela. Com um suspiro profundo, eu me lembrei que isso era simplesmente efeito das reações do espírito e que eu não podia permitir que isso me fizesse agir irracionalmente. Ela iria desaparecer, como sempre, mas alguma parte de mim sabia que não poderia continuar a tomar as trevas de Lissa sempre. Eu não poderia sempre ser capaz de controlá-lo.

Agora que eu estava de volta para mim mesma, eu olhei pela janela, percebendo nossos novos arredores. Nos estávamos numa área urbana, e enquanto o tráfego era dificilmente grande (vendo que ainda era o meio da noite para os humanos), havia definitivamente mais carros na estrada do que tínhamos visto em algum tempo.

— Onde nós estamos? — eu perguntei.

— Na periferia de Lexington, — Sydney disse. Ela parou num posto de gasolina próximo, para encher o tanque e para que pudéssemos colocar o endereço de Donovan no GPS. A casa dele era mais ou menos umas cinco milhas de distância.

— Não é uma parte muito boa da cidade, pelo que eu ouvi, — Dimitri disse. — Donovan tem um estúdio de tatuagem que só abre de noite. Alguns outros Strigois trabalham com ele. Eles pegam garotos bêbados e que festejam... o tipo de pessoas que pode facilmente desaparecer. O tipo que os Strigois amam.

— parece que a policia vai eventualmente notar que toda vez que alguém vai fazer uma tatuagem, desaparece. — Eu aponte.

Dimitri deu uma risada forçada. — Bem, a coisa — engraçada — é que eles não matam todo mundo que vai lá. Eles na verdade até tatuam alguns deles e os deixam ir. Eles contrabandeiam drogas lá também.

Eu considerei ele curiosamente, assim que a Sydney se enfiou de volta no carro. — Você certamente sabe bastante.

— Eu fiz disso meu trabalho, saber muito, e os Strigois tem que manter um teto sobre suas cabeças também. Eu na verdade me encontrei com Donovan uma vez, e peguei a maior parte disso direto da fonte. Eu apenas não sabia onde exatamente ele trabalhava até agora.

— Okay, então, nós temos informação sobre ele. O que fazemos com isso?

— Atraímos ele para fora. Mandamos um — cliente — com uma mensagem minha precisando encontrar com ele. Eu não sou exatamente o tipo de pessoa que possa ser ignorada — bom, que ele não poderia — deixa pra lá. Um vez ele fora, nós levamos ele para um lugar que nós escolhermos.

Eu assenti. — Eu posso fazer isso.

— Não, — disse Dimitri. — Você não pode.

— Por que não? — Eu perguntei, imaginando se ele achava que era perigoso demais para mim.

— Porque eles vão saber que tu és uma damphir no preciso momento que te virem. Eles provavelmente vão sentir primeiro teu

cheiro. Nenhum Strigoi teve um damphir a trabalhar para eles — só humanos.

Houve um silêncio desconfortável no carro.

— Não! — Disse Sidney. — Eu não vou fazer isso!

Dimitri balançou a cabeça. — Eu também não gosto disso, mas nós não temos muitas opções. Se ele pensar que você trabalha para mim, ele não vai te machucar.

— Sim? E o que acontece se ele não acreditar em mim? — Ela exigiu.

— Eu não acho que ele vá fazer isso. Ele provavelmente irá com você para procurar as coisas, com a ideia de que se você está mentindo, então depois disso eles vão te matar.

Isso não parecia fazer com que ela se sentisse melhor. Ela gemeu.

— Você não pode mandá-la ir, — eu disse. — Saberão que ela é um alquimista. Um deles nunca trabalhou com qualquer Strigoi.

Surpreendentemente, Dimitri não havia considerado isso. O silêncio cresceu novamente sobre nós, e foi Sydney que inesperadamente surgiu com uma solução.

— Quando eu estava dentro do posto de gasolina, — ela disse lentamente, — eles tinham, assim, um kit de maquilhagem. Nós provavelmente poderíamos cobrir a maior parte da minha tatuagem com pó.

E nós fizemos. O único frasco de base que estava á venda não era exactamente da cor do seu tom de pele, mas nós solidificamos o suficiente para obscurecer o lírio dourado em seu rosto. Escovar os cabelos para frente ajudou um pouco. Satisfeitos nós tínhamos feito tudo o que podíamos, nós partimos para Donovan.

É verdade que estava em uma parte degradada da cidade. A poucas quadras da loja de tatuagens, que eu vi o que parecia ser uma discoteca, mas caso contrário, o bairro parecia deserto. Eu não

estava enganada, porém. Este não era o lugar que eu queria andar sozinha à noite. Ali gritava — assalto. — Ou pior.

Nós verificamos a área até Dimitri encontrar o local, ele sentia-se bem consigo. Era um beco, dois prédios de distância do salão. A cerca com fios retorcidos ficava de um lado, enquanto um prédio de tijolos de baixa ladeado do outro. Dimitri instruiu Sydney sobre como conduzir o Strigoi para nós. Ela tomou tudo, balançando a cabeça junto, mas eu podia ver o medo nos olhos dela.

— Você tem que olhar admirada, — disse ele. — Seres humanos que servem culto aos Strigoi — estão ansiosos por agradar. Desde que eles não andem tanto em torno dos Strigoi, eles não são tão assustadores ou terríveis. Colocar um pouco de medo, claro, mas não tanto como você olha agora.

Ela engoliu em seco. — Eu realmente não posso ajudar nisto.

Eu me senti mal por ela. Ela acreditava firmemente que todos os vampiros eram maus, e nós estávamos mandando-a para um ninho da pior espécie, colocando-a em grande risco. Eu também sabia que ela só vi tinha visto um Strigoi vivo, e apesar das advertências de Dimitri, ver mais deles ela iria se chocar completamente. Se ela congelasse na frente de Donovan, tudo podia desmoronar. Num impulso, dei-lhe um abraço. Para minha surpresa, ela não resistiu.

— Você pode fazer isso, — eu disse. — Você é forte e eles estão com muito medo de Dimitri. Ok?

Após algumas respirações profundas, Sydney assentiu. Nós demos-lhe mais algumas palavras encorajadoras, e então ela virou a esquina do edifício, em direção à rua, e desapareceu de nossa vista. Olhei para Dimitri.

— Podemos tê-la apenas mandado para a sua morte.

Seu rosto estava sombrio.

— Eu sei, mas não podemos fazer nada agora. É melhor se colocar na posição.

Com sua ajuda, eu consegui subir para o telhado do edifício baixo. Não havia nada de íntimo na maneira como ele içou-me, mas eu não poderia evitar, ter o mesmo sentimento eléctrico a qualquer contacto dele causava uma facilidade marcante com que nós trabalhávamos juntos. Uma vez que eu estava posicionada de forma segura, Dimitri seguiu para o lado oposto do edifício que Sydney tinha dado a volta. Ele espreitou ao virar da esquina, e então não havia nada a fazer senão esperar.

Foi angustiante, e não apenas porque estávamos à beira de uma luta. Fiquei pensando sobre Sydney, o que lhe pedimos para fazer. Meu trabalho era proteger os inocentes do mal não os lançar para o meio dela. E se o nosso plano falhou? Vários minutos se passaram, e eu finalmente ouvi passos e vozes murmurou ao mesmo tempo, uma onda de náusea familiar passou por mim. Nós puxaríamos o Strigoi para fora.

Três deles caminhavam em torno do canto do edifício, Sydney na liderança. Eles chegaram a um impasse, e vi Donovan. Ele era o mais alto, um ex-Moroi com cabelos escuros e uma barba que me lembrou a de Abe. Dimitri tinha me dado a sua descrição para que (espero) eu o matasse. O capanga de Donovan pairava por trás dele, todos eles de alerta e em guarda. Eu estaquei, minha estaca firmemente agarrada na minha mão direita.

— Belikov? — Exigiu Donovan com voz rouca. — Onde você está?

— Eu estou aqui, — veio a resposta de Dimitri — em uma voz fria e terrível de Strigoi. Ele apareceu no canto oposto do arredor do edifício, mantendo-se nas sombras.

Donovan relaxou um pouco, reconhecendo Dimitri, mas mesmo na escuridão, a verdadeira aparência de Dimitri se materializou. Donovan ficou rígido — de repente vê a ameaça, mesmo que fosse uma que o confundia e o desafiava do que sabia. No mesmo momento, uma das cabeças de seus caras girou.

— Dhampirs! — Exclamou. Não foi as características de Dimitri que o avisou. Foi o nosso cheiro, e eu respirei uma oração silenciosa de agradecimento que havia levado tanto tempo para perceber.

Então, eu pulei fora do telhado. Não era uma distância fácil de saltar, mas não iria me matar. Além disso, a minha queda foi amparada por um Strigoi.

Caí em cima de um dos caras de Donovan, batendo-o no chão. Eu apontei minha estaca em seu coração, mas seus reflexos foram rápidos. Com o meu peso leve, eu era fácil de empurrar. Eu tinha esperado aquilo e consegui manter o equilíbrio. Pelo canto do meu olho, eu vi Sydney correndo por ali fora, por nossas instruções. Nós queríamos ela longe do fogo cruzado e lhe disse para ir para o carro, preparando-se para partir, se as coisas corressem mal.

Claro que, com Strigoi, as coisas eram sempre ruins. Donovan e seu outro cara tinha ido para Dimitri, avaliando-o como maior ameaça. Meu adversário, a julgar pelo seu sorriso com presas, não parecia considerar-me como uma ameaça de todo. Lançou-se para mim, e me esquivei distanciando, mas não antes de serpentear e lhe dar um chute no joelho. Meu pontapé não pareceu prejudicá-lo, mas danificou o seu equilíbrio. Fiz outra grande aposta e foi jogado fora novamente, batendo no chão duro. Minhas pernas descobertas roçaram no cimento bruto, rasgando a pele. Porque o meu jeans estava muito sujo e rasgado, eu fui forçada a usar um par de shorts da mochila que Sydney tinha trazido para mim. Eu ignorei a dor, atirando para trás com a velocidade que o Strigoi não esperava. Minha estaca encontrou seu coração. O processo não foi tão duro quanto eu teria gostado, mas foi o suficiente para coloca-lo fora, em seguida, conduzi a estaca na maior e acabei com ele. Nem mesmo fiquei á espera de vê-lo cair, eu retirei a minha estaca e me virei para os outros.

Eu não tinha hesitado nem uma vez nas batalhas que travei, mas agora, eu paralisei pelo que estava vendo. O rosto de Dimitri. Era... aterrorizante. Feroz. Ele tinha um olhar parecido quando tinha me defendido na minha prisão — aquela expressão de Deus Guerreiro Foda que dizia que ele podia fazer tudo sozinho. O jeito que ele parecia agora... bem, levou aquela ferocidade para um outro nível. Isso era pessoal, eu percebi. Lutar contra esses Strigoi não era somente sobre encontrar a Sonya e ajudar a Lissa. Era sobre

redenção, uma tentativa de apagar seu passado destruindo o mal diretamente em seu caminho.

Eu me movi para me juntar a ele, assim que ele cravou sua estaca no segundo cara. Havia poder naquele golpe, muito mais poder do que Dimitri precisaria para jogar o Strigoi contra a parede e acertar o coração dele. Isso era impossível, mas eu podia imaginar a estaca passando pelo corpo e indo direto para a parede. Dimitri colocou mais atenção e esforço naquela luta do que deveria. Ele deveria ter agido como eu e imediatamente ter se virado para outra ameaça, uma vez que o Strigoi estivesse morto. Em vez disso, Dimitri estava tão focado em sua vítima que ele nem notou Donovan tomando vantagem da situação.

Felizmente para Dimitri, eu estava lá para ajuda-lo.

Eu joguei meu corpo em Donovan, tirando ele de perto de Dimitri. Assi quem fiz isso, eu vi Dimitri tirar sua estaca e então jogar o corpo do Strigoi contra a parede de novo. Enquanto isso, eu consegui a atenção de Donovan e agora estava tendo dificuldades em o lubridiar sem o matar.

— Dimitri — eu gritei. — Venha me ajudar. Preciso de você!

Eu não podia ver o que Dimitri estava fazendo, mas alguns segundos depois ele estava do meu lado. Com o que parecia ser um rugido, ele correu para Donovan, com a estaca, e jogou o Strigoi no chão. Eu dei um suspiro de alívio e me movi para ajuda-lo com a retenção. Então, eu vi Dimitri alinhar sua estaca com o coração de Donovan.

— Não — eu me joguei no chão, tentando tanto segurar Donovan quanto botar o braço de Dimitri para longe. — Nós precisamos dele! Não o mate!

Pelo olhar no rosto de Dimitri, não estava claro se ele mesmo tinha me ouvido. Havia morte em seus olhos. Ele queria matar Donovan. O desejo tinha subitamente tomado prioridade.

Ainda tentando segurar Donovan com um braço, eu dei um soco na cara de Dimitri com minha outra — indo para o outro lado

daquele que eu tinha acertado na outra noite. Eu não acho que ele sentiu a dor no ápice da adrenalina, mas o soco chamou sua atenção. — Não o mate! — eu repeti.

O comando chegou ao Dimitri. Nossa briga infelizmente, deu a Donovan uma margem de manobra. Ele começou a se soltar de nós, mas então, como um só, Dimitri e eu nos juntamos para segurar ele.

Isso me lembrou o tempo em que eu interrogava os Strigoi na Rússia. Foi preciso todo um grupo de Damphirs para imobilizar uma Strigoi. Mas Dimitri parecia ter uma força não-natural.

— Quando nós estávamos interrogando, nós costumávamos...

Minhas palavras foram interrompidas quando Dimitri resolveu usar seu próprio método de interrogação. Ele pegou Donovan pelos cotovelos e o sacudiu forte, fazendo o Strigoi bater a cabeça no cimento varias vezes.

— Onde esta Sonya Karp? — berrou Dimitri.

— Eu não... — começou Donovan. Mas Dimitri não tinha paciência para as evasivas do Strigoi.

— Onde esta ela? Eu sei que você a conhece!

— Eu...

Eu vi algo no rosto de Donovan que eu nunca tinha visto num Strigoi antes: medo. Eu achei que fosse uma emoção que eles simplesmente não possuíam. Ou, se possuísem, fosse apenas em lutas um contra o outro.

Eles não iriam perder tempo com medo de miseráveis damphirs.

Mas oh! Donovan estava com medo de Dimitri.

E para ser honesta, eu também.

Aqueles olhos vermelhos estavam arregalados — arregalados, desesperados e aterrorizados.

Quando Donovan disse suas palavras, algo me disse que eram verdadeiras. Ele estava muito chocado e despreparado para tudo isso.

— Paris, — ele cuspiu. — Ela esta em Paris!

— Cristo — eu exclamei. — Nós não podemos viajar para Paris

Donovan balançou sua cabeça — o tanto que conseguia com Dimitri ainda sacudindo ele.

— É uma pequena cidade — a uma hora daqui. Tem um pequeno lago. Dificilmente alguém vai lá. Casa azul. — direções muito vagas. Precisávamos de mais.

— Você tem um fim.

Dimitri aparentemente não dividia minha necessidade por mais informações. Antes que eu pudesse terminar de falar, sua estaca estava fora — no coração de Donovan. O Strigoi deu um horrível grito, cheio de sangue que diminuía enquanto a morte o levava. Estremeci. Quanto tempo até alguém que ouviu tudo isso e chamar a policia? Dimitri arrancou sua estaca — então a enfiou de novo. E de novo. Eu encarava com descrença e horror, paralisada por alguns segundos. Então, eu agarrei o braço de Dimitri e comecei a chacoalha-lo, apesar de eu achar que faria mais efeito chocalhando o prédio atrás de mim.

— Ele está morto, Dimitri! Ele está morto! Pare com isso. Por favor.

O rosto de Dimitri ainda estava com uma terrível expressão — raiva, agora marcado com um pouco de desespero. Desespero que dizia para ele que se ele pudesse aniquilar Donovan, talvez ele pudesse aniquilar tudo de ruim na vida dele.

Eu não sabia o que fazer. Precisávamos dar o fora daqui. Precisávamos que a Sydney desintegrasse os corpos. O tempo estava passando, e continuava repetindo para mim mesma.

— Ele esta morto! Solte isso. Por favor. Ele esta morto.

Então, em algum lugar, de alguma forma, eu cheguei até Dimitri. Seus movimentos diminuíram e finalmente pararam. A mão que segurava a estaca caia lentamente de lado enquanto ele olhava para o que sobrava de Donovan — o que não era bonito. A raiva no rosto

do Dimitri deu lugar completamente para a desesperança... então deu lugar ao desespero.

Eu puxei gentilmente seu braço. — Acabou. Você fez o bastante.

— Nunca é o bastante, Roza. — Ele sussurrou. A dor em sua voz me matava. — Nunca vai ser o bastante.

— É por agora — eu disse. Eu e o puxei para mim. Sem resistir, ele largou sua estaca e escondeu seu rosto no meu ombro. Eu larguei minha estaca também e abracei ele, puxando ele para mais perto. Ele envolveu seus braços ao meu redor em retorno, procurando o contato com outro ser vivo, o contato que eu há muito tempo sabia que ele precisava.

— Você é a única. — Ele agarrou-se mais firmemente em mim. — A única que entende. A única que viu como eu era. Eu nunca poderia explicar para ninguém... você é a única. A única que eu posso dizer isso...

Fechei os olhos por um instante, dominada por aquilo que ele estava dizendo. Ele poderia ter jurado lealdade a Lissa, mas não significava que ele revelasse tudo que estava e seu coração para ela. Por muito tempo, ele e eu estávamos em perfeita sincronia, sempre entendendo um ao outro. Esse era o caso, não importava se nós estivamos juntos, não importava se eu estava com Adrian. Dimitri sempre mantivera o coração e os sentimentos guardados até me encontrar. Eu pensei que ele tinha o bloqueado de volta, mas, aparentemente, ele ainda confiava em mim o suficiente para revelar o que o estava matando por dentro.

Abri os olhos e encontrei em sua escuridão, um olhar sério.

— Tudo bem, — eu disse. — Tudo bem agora. Eu estou aqui. Eu sempre estarei aqui para você.

— Eu sonho com eles, você sabe. Todos os inocentes que eu matei. — Seus olhos se voltaram para o corpo de Donovan. — Eu fico pensando... talvez se eu destruir Strigoi o suficiente, os pesadelos vão embora. Só assim estarei certo de que não sou com eles.

Toquei seu queixo, virando seu rosto para perto do meu e longe de Donovan.

— Não. Você tem que destruir Strigoi porque eles são monstros. Porque isso é o que fazemos. Se quiser que o pesadelo vá embora, você tem que viver. Esse é o único caminho. Nós poderíamos ter morrido há pouco. Mas não morremos. Talvez morreremos amanhã. Eu não sei. O que importa é que estamos vivos agora.

Eu estava divagando neste momento. Eu nunca tinha visto Dimitri tão cabisbaixo, não desde a sua volta. Ele alegou que virar Strigoi tivesse matado todas suas emoções. E não o fez. Elas estavam lá, eu percebi. Tudo o que ele tinha sido ainda estava dentro dele, só saindo em momento de raiva e desespero como esse. Ou quando ele tinha me defendido dos guardiões que iriam me prender. O velho Dimitri não estava desaparecido. Ele só foi trancado, e eu não sei como deixá-lo sair. Isto não foi o que eu fiz. Ele sempre foi o que tinha palavras de sabedoria e discernimento. Não eu. Ainda assim, ele estava ouvindo agora. Eu tinha a sua atenção. O que eu poderia dizer? Como eu poderia chegar até ele?

— Lembra-se do que você disse antes? — perguntei. De volta a Rubysville? Viver é um detalhe. Você tem que começar a apreciar os detalhes. Esta é a única maneira de derrotar o que ser Strigoi fez com você. A única maneira de trazer de volta quem você realmente é. Você mesmo disse: você fugiu comigo para poder de sentir o mundo novamente. Sua beleza.

Dimitri começou a voltar-se para Donovan novamente, mas eu não ia deixá-lo.

— Não há nada de bonito aqui. Apenas a morte.

— Isso só é verdade se você deixá-los se tornar realidade, — eu disse desesperadamente, ainda sentindo a pressão do tempo. — Procure alguma coisa. Uma coisa que seja bonita. Qualquer coisa. Tudo o que mostra que você não é um deles.

Seus olhos estavam de volta em mim, estudando meu rosto em silêncio. Pânico correu através de mim. Ele não estava trabalhando.

Eu não poderia fazer isso. Nós tínhamos que sair daqui, independentemente do estado em que ele estava. Eu sabia que ele tinha que deixar, também. Se aprendi alguma coisa, foi que os instintos de guerreiro do Dimitri ainda funcionavam. Se eu dissesse que o perigo estava chegando, ele iria responder instantaneamente, não importava o quão atormentado ele sentia. Eu não queria, no entanto. Eu não queria que ele saísse em desespero. Eu queria que ele deixasse aqui um passo mais para perto de ser o homem que eu sabia que ele poderia ser. Eu queria que ele tivesse menos um pesadelo. Era além da minha capacidade, no entanto. Eu não era terapeuta. Eu estava prestes a dizer-lhe que tínhamos de sair por aí, prestes a fazer os seus reflexos de soldado ascenderem, quando de repente ele falou. Sua voz era quase um sussurro.

— Seu cabelo.

— O quê? — Por um segundo, eu me perguntei se ele estava pegando fogo ou algo assim. Toquei uma mecha. Não, nada de errado, exceto que ele estava uma bagunça. Eu o tinha usado num coque na batalha para impedir o Strigoi o usasse como uma forma de arma, assim como Angeline tinha feito. Muito do qual havia sido desfeito na luta, no entanto.

— Seu cabelo, — repetiu Dimitri. Seus olhos estavam arregalados, quase aterrorizado. — Seu cabelo é lindo.

Eu não pensava assim, e não em seu estado atual. Naturalmente, considerando que estávamos em um beco escuro cheio de corpos, as escolhas eram muito limitadas.

— Você vê? Você não é um deles. Strigoi não vê a beleza. Não apenas a morte. Encontrou algo bonito. Uma coisa que é bonita.

Hesitante, nervoso, ele correu os dedos ao longo das mechas que eu havia tocado anteriormente. — Mas isso é suficiente?

— É sim, por agora — Pressionei um beijo na testa e o ajudei a levantar. — É por agora.

DEZESSEIS

CONSIDERANDO QUE SYDNEY DESTRUÍA corpos em uma base regular, era uma espécie de surpresa que ela ficou tão chocada com a nossa aparição pós-luta. Talvez Strigoi mortos eram apenas objetos com ela. Dimitri e eu éramos pessoas reais, e nós estávamos uma bagunça.

— Espero que vocês não manchem o carro. — disse ela, uma vez que os corpos foram eliminados, e nós estávamos em nosso caminho. Acho que foi a sua melhor tentativa de uma piada, em um esforço para encobrir o seu desconforto sobre as nossas roupas rasgadas e sangrentas.

— Vamos para Paris? — Eu perguntei, virando-me para olhar para trás, para Dimitri.

— Paris? — Sydney perguntou, assustada.

— Ainda não. — Dimitri disse, inclinando a cabeça para trás contra o assento. Ele estava de volta ao olhar como um guardião controlado. Todos os sinais de sua discriminação anterior tinham ido embora, e eu não tinha a intenção de doar o que tinha acontecido antes de nós buscarmos Sydney. Tão pequeno... ainda tão monumental. E muito particular. Por enquanto, ele praticamente parecia cansado. — Devemos esperar até o dia. Temos que ir para Donovan agora, mas se Sonya tiver uma casa, provavelmente ela está lá o tempo todo. É mais seguro para nós a luz do dia.

— Como você sabe que ele não está mentindo? — perguntou Sydney. Ela estava dirigindo sem destino real, simplesmente nos tirando do bairro o mais rápido possível, antes que as pessoas relatem gritos e sons de luta.

Eu pensei novamente no terror do rosto de Donovan e estremei.

— Eu não acho que ele estava mentido — .

Sydney não fez mais perguntas, exceto sobre a direção que ela deveria dirigir. Dimitri sugeriu encontrar um outro hotel de modo que poderíamos limpar e descansar um pouco antes da tarefa de amanhã. Felizmente, Lexington tinha uma seleção muito mais ampla de hotéis do que a nossa última cidade. Não ligávamos para o luxo, mas o local, amplo e moderno para o futuro que escolhemos fazia parte de uma cadeia limpa e elegante. Sydney nos registou e depois nos levou para dentro por uma porta lateral, de modo a não assustar qualquer hóspede que pudesse estar lá no meio da noite.

O quarto tinha duas camas de casal. Ninguém comentou sobre isso, mas eu acho que todos partilhavam a necessidade de ficar juntos depois do nosso encontro Strigoio anterior.

Dimitri estava muito pior do que eu, graças a sua mutilação de Donovan, então eu mandei ele tomar banho primeiro.

— Você foi ótima. — Eu disse a Sydney, enquanto esperávamos. Eu sentei no chão — que era muito mais limpo do que o antigo.) — para que eu não manchasse de sangue nossas camas. — Isso foi muito corajoso da sua parte.

Ela me deu um sorriso torto. — Típico. Você espancada e quase morta, mas está me elogiando?

— Ei, eu faço isso o tempo todo. Ir lá sozinha, como você fez... bem, foi muito corajoso. E eu não fui espancada!

Eu estava escondendo a minha lesão, assim como Dimitri. Sydney, olhando para mim, também sabia. Minhas pernas estavam raspadas, a pele rasgada e sangrando, onde eu caí no cimento. Um dos meus tornozelos estava reclamando sobre o salto do telhado, e eu tinha um bom número de cortes e hematomas espalhados pelo resto de mim. Eu não tinha ideia de onde a maioria tinha vindo.

Sydney abanou a cabeça.. — Como você não pega os caras mais vezes está além de mim.

Nós duas sabíamos que isso, porém. Era parte da minha resistência natural por ter nascido como uma dhampir, tirando as melhores características de ambas as raças. Moroi eram realmente

muito saudáveis também, embora às vezes pegavam doenças únicas de sua raça. Victor foi um exemplo. Ele tinha uma doença crónica e já havia forçado Lissa para curá-lo. Sua magia tinha lhe restituído a saúde integral no momento, mas a doença foi lentamente voltando.

Tomei banho depois de Dimitri terminar, e em seguida, Sydney usou o kit de primeiros socorros em nós dois. Quando estávamos enfaixados e desinfectados o suficiente, ela saiu com seu laptop e puxou um mapa de Kentucky, Paris. Nós três nos reunimos ao redor da tela.

— Montes de córregos e rios. —ela meditou, observando o mapa. Não existem lagos...

Eu apontei. — Que você acha disso? — Era um pequeno corpo de água, marcado Lago Applewood .

— Talvez. Ah, aqui tem outro lago. Isso poderia ser um suspeito demais. Oh! Bem aqui! — Ela bateu a tela em um outro corpo de água, um pouco maior que as lagoas: Martin Lake.

Dimitri sentou-se e passou a mão sobre os olhos enquanto bocejava. — Aquilo parece a opção mais provável. Se não, eu acho que não vai demorar muito tempo para nos movimentarmos ao redor dos outros ..

— Qual é seu plano? — perguntou Sydney. — Basta dirigir ao redor e procurar uma casa azul?

Troquei um olhar com Dimitri e encolhi os ombros. Sydney pode estar mostrando sua bravura nessa viagem, mas eu sabia que sua ideia de um plano era um pouco diferente da nossa. Os dela eram estruturados, bem pensados, e tinham um propósito claro. Além disso, mais detalhes.

— É mais sólido do que a maioria dos nossos planos. — Eu disse no passado.

O sol ia nascer em algumas horas. Eu estava impaciente para ir atrás de Sonya, mas Dimitri insistiu em dormir até meio-dia. Ele pegou uma cama, e Sydney e eu compartilhamos a outra. Eu

realmente não achava que eu precisava descansar, mas meu corpo discordou.

Adormeci quase que instantaneamente.

E como sempre, ultimamente, eu finalmente fui retirada de meu sonho e fui para outro criado pelo Espírito. Eu esperava que fosse Adrian, vindo a terminar nossa última conversa.

Em vez disso, o conservatório se materializou em torno de mim, com harpa e mobiliário almofadado. Eu suspirei e enfrentei os Irmãos Dashkov.

— Ótimo — Eu disse... — Chamada para outra conferência. Eu realmente tenho que começar a bloquear vocês.

Victor deu-me um pequeno sorriso. — Sempre um prazer, Rose... — Robert apenas olhou para o espaço novamente. Bom saber que algumas coisas nunca mudam.

— O que você quer? — Exigi.

— Você sabe o que queremos. Nós estamos aqui para ajudar você a ajudar Vasilisa. — Eu não acreditei por um instante. Victor tinha algum esquema em mente, mas a minha esperança era capturá-lo antes que ele pudesse fazer mais danos. Ele me estudou com expectativa. — Você já encontrou o outro Dragomir?

Fiquei olhando, incrédula. Tinha passado apenas um dia!. Eu quase tive que refazer minha matemática para confirmar. Parecia mais de dez anos. Nope. Apenas um dia desde eu falei pela última vez com Victor.

— E então? — Victor perguntou.

— E, bom, como você acha que nós estamos?

Ele considerou. — Muito bom.

— Bem, obrigada pelo voto de confiança, mas isso não é tão fácil como parece. E, na verdade... considerando que é não temos nenhuma pista, isso realmente não parece fácil...

— Mas você encontrou algo? — Victor pressionou.

Eu não respondi.

Um clarão iluminou os olhos ávidos, e ele deu um passo adiante. Eu prontamente dei um para trás. — Você encontrou alguma coisa.

— Talvez — Mais uma vez, tive a mesma indecisão quanto antes. Será que Victor, com todas as suas intrigas e manipulações, poderia os ajudar? Da última vez, ele não me deu nada, mas agora tínhamos mais informações. O que ele disse? Se encontrássemos um fio, ele poderia desvendá-lo?

— Rose — Victor estava falando comigo como se eu fosse uma criança, como ele sempre fazia para Robert. Isso me fez ficar com uma cara feia. — Eu lhe disse antes: Não importa se você se você confia em mim ou em minhas intenções. Por agora, nós estamos ambos interessados no mesmo objetivo de curto prazo. Não deixe arruinar o seu futuro, se preocupe com essa chance.

Foi engraçado, mas isso foi semelhante ao princípio operado para a maioria da minha vida. Viver no agora. Ir direto e se preocupar com as consequências mais tarde. Agora, eu hesitei e tentei pensar sobre as coisas antes de tomar uma decisão. Enfim, optei por assumir o risco, mais uma vez esperando que Victor fosse capaz de me ajudar.

— Acreditamos que a mãe... a mãe do irmão ou irmã de Lissa... esteja relacionada com Sonya Karp — As sobrancelhas de Victor subiram. — Sabe quem ela é?

— Claro. Ela virou Strigoi porque ela ficou louca. Mas ambos sabemos que era um pouco mais complicado que isso

Concordei com relutância. — Ela era uma usuária de espírito. Ninguém sabia...

A cabeça de Robert chicoteado em torno de si de tão rápido que eu quase pulei. . — Quem é um usuário de espírito? — .

— Um antigo usuário de espírito — disse Victor, instantaneamente alternando para o modo calmante. — Ela se tornou uma Strigoi para fugir dele. —

O foco certo de Robert tinha voltado para nós e sua voz se misturou com o devaneio mole mais uma vez. — Sim.. . sempre é uma atração fazer isso... matar para viver, viver para matar. Imortalidade e liberdade de essas cadeias, mas, oh, uma perda...

Ele estava em seus loucos devaneios, mas eles tinham uma estranha semelhança com algumas das coisas que disse Adrian, às vezes. Eu não acho que é assim em tudo.

Tentando fingir que Robert não estava na sala, voltei para Victor. — Sabe alguma coisa sobre ela? Quem ela está relacionada?

Ele balançou a cabeça. — Ela tem uma grande família.

Eu joguei as minhas mãos em exasperação. — Poderia ser mais inútil? Você continua agindo como se sabe tanto, mas apenas dizendo o que nós já descobrimos? Você não está ajudando!

— Ajuda vem de muitas formas, Rose. Você encontrou Sonya?

— Sim, eu encontrei. Bem, não exatamente. Nós sabemos onde ela está. Nós vamos vê-la amanhã e questioná-la.

O olhar na cara de Victor dizia sobre o quão ridículo ele pensava que isso era. — E eu tenho certeza que ela está louca para ser ajudada.

Eu encolhi os ombros. Dimitri. Muito convincente.

— Eu ouvi... — disse Victor. — Sonya Karp não era uma adolescente impressionável.

Eu queria dar-lhe um soco, mas fiquei preocupada que Robert pudesse ter seu campo de força novamente.

Victor parecia indiferente a minha raiva.

— Diga-me onde você está. Nós vamos para você...

Mais uma vez, um dilema. Eu não achava que tivesse muito para os irmãos fazerem. Mas isso poderia representar uma oportunidade para recapturá-lo. Além disso, se tivéssemos ele em pessoa, talvez ele parasse de interromper os meus sonhos.

— Nós estamos em Kentucky, Paris. — Eu dei-lhe as outras informações que tínhamos sobre a casa azul.

— Nós vamos estar lá amanhã. — Victor disse.

— Então, onde está você agora? — .

E, assim como da última vez, Robert acabou com o sonho de repente, me deixando pendurada. Por que eu fui me meter com eles? Antes que eu poderia considerar, fui imediatamente levada para um outro sonho de espírito. Bom Senhor. Realmente todo mundo queria falar comigo em meu sono. Felizmente, como da última vez, a minha segunda visita foi a de Adrian.

Este foi no salão de baile, quando o Conselho se reuniu. Não havia cadeiras ou pessoas, e meus passos ecoavam na madeira dura do chão. A sala, que parecia tão grande e poderosa, quando em uso agora tinha uma sensação de solidão sinistra.

Adrian ficou perto de uma das janelas altas e arqueadas, dando-me um de seus sorrisos malandros quando o abracei. Comparado com o quão sujo e sangrento ele parecia no mundo real, ele parecia puro e perfeito.

— Você fez isso — Eu dei-lhe um rápido beijo nos lábios. — Você tem que nomear Lissa. — Depois da nossa visita no último sonho, quando percebeu que eu poderia estar a algum mérito à sugestão de Victor, eu tive que trabalhar duro para convencer Adrian de que a ideia de nomeação seria uma boa escolha, especialmente desde que eu não tinha certeza.

— Sim, manter o grupo a bordo foi fácil — Ele parecia gostar de minha admiração, mas seu rosto tornou-se mais sombrio quando ele ponderava sobre as minhas palavras — Ela não está contente com isso. Cara, nós estamos ferrados.

— Eu vi. Você está certo de que ela não gosta disso, mas foi mais do que isso. Eram trevas do espírito. Eu peguei um pouco dela, mas sim... Ela está mal.

Lembrei-me de como levá-la a raiva que tinha causado a incendiar-se brevemente em mim. O Espírito não me bateu tão duro

quanto faz com você, mas foi apenas temporário. Eventualmente, se eu puxasse o suficiente ao longo dos anos, ele assumiria. Eu peguei a mão de Adrian e dei-lhe o olhar mais suplicante que consegui.

— Você vê, tenho que cuidar dela. Eu faço o que posso, mas você sabe tão bem quanto eu como o estresse e a ansiedade podem agitar o espírito. Eu tenho medo de ela voltar a ser como era antes. Eu gostaria de poder estar lá para cuidar dela. Por favor, ajude-a.

Ele enfiou um pedaço de cabelo solto atrás da minha orelha, a preocupação em seus profundos olhos verdes. No início, eu achava que sua preocupação era apenas para Lissa. — Eu vou. — disse ele. — Eu vou fazer o que posso. Mas Rose... será que vai acontecer comigo? Isso que ela se tornou? Como ela e os outros?

Adrian nunca tinha mostrado os efeitos colaterais extremos de Lissa, principalmente porque ele não usava muito espírito e porque ele fazia muita auto-medicação com álcool. Eu não sei quanto tempo isso duraria, no entanto. Pelo que eu sabia, havia apenas algumas coisas para atrasar a loucura: a auto-disciplina, anti-depressivos, e ligação com alguém shadow-kissed ([Nota 11](#)). Adrian não parecia interessado em qualquer uma dessas opções.

Foi estranho, mas neste momento de vulnerabilidade, lembrei-me do que tinha acontecido com Dimitri. Ambos os homens, tão fortes e confiantes em seus caminhos, mas cada um necessitando me apoiar. Você é forte, Rose. Uma voz sussurrou dentro da minha cabeça.

Adrian olhou ao redor. — Às vezes... às vezes eu acredito que a loucura é tudo imaginação, sabe? Eu nunca a senti como os outros. Como Lissa ou o velho Vlad. Mas de vez em quando... — ele fez uma pausa. — Eu não sei. Eu me sinto tão próximo, Rose. Tão próximo da borda. Como se eu permitisse um pequeno passo em falso, Eu fosse mergulhar para longe e nunca mais voltar. É como se eu fosse me perder...

Eu já o ouvi dizer coisas como essa antes, quando ele saía pela tangente, e dizia coisas estranhas onde apenas metade fazia sentido. Foi o mais próximo que nunca, veio para mostrar que o

espírito pode estar brincando com a sua mente também. Eu nunca percebi que ele estava ciente desses momentos ou que eu poderia perceber também.

Ele olhou novamente para mim. — Quando eu bebo... Eu não me preocupo com isso. Eu não me preocupo com a loucura. Mas então eu penso... talvez eu já seja louco. Talvez eu seja, mas ninguém pode dizer a diferença quando estou bêbado

— Você não é louco — Eu disse ferozmente, puxando-o para mim. Adorei o seu carinho e da maneira como ele sentiu a minha pele. — Você foi aprovado. Você é forte.

Ele pressionou sua bochecha na minha testa. — Eu não sei. — Disse ele. — Você pensa que eu sou forte..

Foi uma declaração doce e romântica, mas alguma coisa me incomodava.

— Isso não deu muito certo. — Eu disse, perguntando como eu poderia colocar meus sentimentos em palavras. Eu sabia que podia ajudar alguém em um relacionamento. Você poderia fortalecê-los e apoiá-los. Mas você não podia realmente fazer tudo por eles. Você não podia resolver todos seus problemas. — Você tem que encontrá-lo dentro de você.

O despertador do quarto soou e me acordou, deixando-me frustrada porque eu sentia tanta falta de Adrian e não tinha sido capaz de dizer tudo que eu queria. Bem, não havia nada que eu pudesse fazer por ele agora. Eu só podia esperar ele cuidar de tudo sozinho.

Sydney e eu estávamos ambas cansadas e de olhos estrábicos. Fazia sentido que ela estivesse esgotado, dado o seu horário de dormir todo dia quando ela realmente tinha sono e que tinha sido jogado fora. Eu? Minha fadiga mental. Assim como muitas pessoas, pensei. Assim, muitas pessoas precisam de mim... mas era tão difícil ajudar todos eles.

Naturalmente, Dimitri se levantou pronto para ir. Ele tinha acordado antes de nós. O final da noite de ontem nunca podia ter

acontecido. Ele acabou perdendo o café e esperou pacientemente por nós, não querendo nos deixar indefesas. Eu o enxotei para fora do quarto, e vinte minutos depois, ele voltou com o café e uma caixa de donuts. Ele também tinha comprado uma corrente de força industrial em uma loja de ferragens na rua. Para quando encontrarmos Sonya. O que me deixou inquieta. Até então Sydney e eu estávamos prontas para ir, e eu decidi adiar as minhas perguntas. Eu não estava louca, vestindo shorts de novo, não com as pernas nessa condição, mas eu estava muito ansiosa para chegar a Sonya e insistir que nós parássemos em um shopping.

Eu, entretanto, decidi que era hora de colocar as novidades em dia com meus companheiros.

— Assim — Comecei casualmente. — Victor Dashkov pode se juntar a nós em breve.

Graças a Deus era Sydney que estava dirigindo o carro.

— O quê? Aquele cara que escapou?

Eu podia ver nos olhos de Dimitri que ele ficou tão chocado quanto ela, mas ele continuou frio e sob controle, como sempre. — Por quê — . começou lentamente. — Victor Dashkov vai se juntar a nós? — .

— Bem, é uma história engraçada...

E com essa introdução, eu dei-lhes a mais breve e completa recapitulação como eu poderia, a partir da base sobre Robert Doru e terminando com as recentes visitas em sonhos dos irmãos. Eu achava misterioso Victor escapar algumas semanas atrás, mas algo me dizia que Dimitri, dessa forma misteriosa que tínhamos de adivinhar os pensamentos de cada um, provavelmente tinha juntado as peças. Ambos Lissa e eu tínhamos dito para Dimitri que nós tínhamos passado por muitas coisas para aprender a restaurá-lo, mas nunca explicado o que. Especialmente a parte de ajudar Victor a escapar da prisão para que ele pudesse nos ajudar a encontrar seu irmão.

— Olha, se ele pode ajudar ou não, esta é a nossa chance de pegá-lo — Acrescentei apressadamente. — É uma coisa boa, né?

— É como se nós fossemos lidar com o problema mais tarde. — Eu reconheci o tom de voz de Dimitri. Ele tinha usado várias vezes em St. Vladimir. E normalmente significava que haveria uma conversa particular no futuro, onde discutiríamos os detalhes.

Kentucky acabou por ser muito bonito como nós dirigimos até Paris. A terra estava bonita e verde, quando fomos para da cidade, e era fácil imaginar que, desejava viver em uma pequena casa ali. Eu me perguntei vagamente se tivesse sido a motivação de Sonya e depois pegou a mim mesma. Eu apenas disse que o Dimitri Strigoï não via beleza. Eu estava errada? Será que importa o cenário lindo para ela?

Eu encontrei a minha resposta quando o GPS nos levou a Martin Lake. Havia apenas umas poucas casas espalhadas ao redor dele, e entre essas, apenas uma era azul. Interrompendo uma distância razoável de distância da casa, Sydney estacionou o carro para o lado da estrada, tanto quanto podia. Era estreita, os lados cobertos de árvores e grama alta. Todos nós saímos do carro e caminhamos um pouco, ainda mantendo a nossa distância.

— Bom. É uma casa azul. — declarou Sydney pragmaticamente. — Mas é dela? Eu não vejo nenhuma caixa de correio ou qualquer coisa...

Olhei mais de perto o quintal. As roseiras, cheias de flores rosa e vermelha, cresciam na frente da varanda. Cestas espessas com flores brancas que eu não saberia dizer os nomes, estavam penduradas no teto e glórias da manhã subiam em uma treliça. Ao redor da casa, eu poderia simplesmente ver uma cerca malfeita de madeira. Uma videira com flores laranjas em formato de trombetas envolviam-na.

Em seguida, a imagem piscou na minha mente, foi tão rápido quanto havia chegado.

Nos potes de flores na sala de aula da Sra. Karp, as flores pareciam crescer incrivelmente rápidas e altas. Como uma adolescente mais interessada em fugir de casa, eu não tinha pensado muito sobre elas.

Foi somente mais tarde, depois de assistir Lissa tornar as plantas crescerem e florescerem durante as experiências do espírito, que eu entendi o que tinha acontecido na sala de aula da Sra. Karp. E agora, mesmo privada de espírito e possuída pelo mal, Sonya Karp ainda estava criando flores.

— Sim — Eu disse. — Esta é a sua casa — Dimitri se aproximou da varanda da frente, estudando cada detalhe. Comecei a segui-lo, lentamente. — O que você está fazendo? — Eu mantive minha voz baixa. — Ela pode vê-lo!

Ele retornou ao meu lado. — Essas cortinas são black-out. Eles não deixam a luz do sol entrar, então ela não vai ver nada. Isso também significa que ela provavelmente gasta seu tempo na sala principal, ao invés de um esconderijo...

Eu poderia facilmente seguir sua linha de pensamento. — Isso é uma notícia boa para nós — Quando fui capturada por Strigoi no passado, meus amigos e eu tivemos que ficar em um porão. Não só era conveniente para Strigoi querendo evitar o sol, isso também significava menos opções de espiar e opções de entrada.

Foi fácil para Strigoi nos manter presos no porão. Quanto mais portas e janelas tiver no local, melhor para nós.

— Eu vou dar uma olhada no outro lado. — disse ele, indo para o quintal.

Corri até ele e peguei seu braço.

— Deixe eu ir. Tenho sentidos anti-Strigoi, ela não vai estar lá fora, mas apenas por precaução...

Ele hesitou, e eu fiquei brava, pensando que ele não acredite que eu fosse capaz. Então, ele disse. — Razoável. Tenha cuidado — Eu percebi que ele estava apenas preocupado comigo.

Mudei o mais suave e silenciosamente como eu poderia ao redor da casa, logo descobrindo a cerca de madeira que ia criar dificuldade para ver o quintal. Temi que a escalar pudesse alertar Sonya sobre a minha presença e refleti sobre o que fazer. Minha solução veio na forma de uma grande rocha situada perto da borda da cerca. Eu arrastei a pedra e fiquei no topo dela. Não era o suficiente para me dar uma boa visão, mas eu era capaz de facilmente colocar minhas mãos em cima do muro e pula-lo para dar uma espiada com o mínimo ruído.

Era como olhar para o Jardim do Éden. As flores na frente foi apenas o ato de aquecimento. Mais rosas, magnólias e macieiras, íris, e um bilhão de outras flores que eu não pude reconhecer. O quintal de Sonya era um paraíso de cores exuberantes. Eu observei o que achei necessário, e corri de volta para Dimitri. Sydney ainda estava junto ao carro.

— A porta do pátio e duas janelas. — Eu relatei. — Todas com as cortinas. Tem também uma espreguiçadeira de madeira, uma pá e um carrinho de mão...

— Qualquer entrada?

— Infelizmente, não, mas pela pedra tem como chegarmos ao quintal. Vai ser difícil, no entanto. Seria melhor usa-lo para nos ajudar a subir mais. Não usar como portão. Ela fez uma fortaleza...

Ele balançou a cabeça em compreensão, e sem qualquer conversa, eu sabia o que fazer. Pegamos a corrente do carro e confiamos ele a Sydney. Nós dissemos-lhe para esperar por nós fora do carro com as instruções rigorosas para sair se nós não estivéssemos de volta em cerca de 30 minutos. Eu odiava dizer esse tipo de coisa, e o rosto de Sydney indicava que ela não gostava de ouvir isso, também. Mas foi inevitável. Se não tivéssemos subjugado Sonya em um determinado tempo, nós não conseguiríamos dominá-la de modo de todos saírem vivos. Se nós conseguimos alcançá-la, nós iríamos dar algum sinal para que Sydney viesse trazer a corrente.

Os olhos castanho-ambar de Sydney estavam cheios de ansiedade, enquanto nos observava caminhar ao redor da casa. Eu quase brinquei com ela sobre vigiar criaturas malignas da noite, mas me interrompi na hora certa. Ela podia odiar todos os outros dhampir e Moroi no mundo, mas em alguma hora, ela começou a gostar de Dimitri e eu. E isso não é algo para zombar.

Dimitri estava sobre a rocha e examinou o quintal. Ele murmurou algumas instruções de última hora para mim antes de segurar minhas mãos e impulsionar-me por cima do muro. Sua altura foi um longo caminho a fazer a manobra era fácil e tranquila, embora não tão silenciosa.

Ele me seguiu logo em seguida, caindo ao meu lado com um leve ruído.

Depois disso, pulou para a frente sem demora. Se Sonya nos tinha ouvido, não havia nenhum ponto em desperdiçar tempo. Precisávamos de cada vantagem que poderíamos obter. Dimitri pegou a pá e a bateu com força no vidro duas vezes. A primeira foi um barulho alto na minha cabeça, mas o segundo foi mais baixo. O vidro quebrava mais com cada impacto. Certa sobre o sucesso da segunda batida, fui na frente e empurrei o carrinho de mão para a porta. Levantá-la e jogá-la contra o vidro teria sido muito mais frio, mas era muito pesado para levantar e muito alto. Quando o carrinho de mão atingiu o vidro já enfraquecido, as áreas rachadas quebraram e desmoronaram completamente, criando um grande buraco suficiente para nós dois passarmos. Nós tivemos que nos abaixar, especialmente Dimitri.

Um ataque simultâneo por ambos os lados da casa teria sido o ideal, mas não tinha como Sonya correr pela porta da frente.

Náusea começou a rastejar em cima de mim, logo que estávamos perto do pátio, ea sensação me atingiu com força total quando entramos numa sala. Eu ignorei meu estômago de uma maneira aperfeiçoada e me preparei para o que estava por vir. Nós tínhamos entrado muito rapidamente, mas não o suficiente para realmente escaparmos dos reflexos Strigoi.

Sonya Karp estava ali, pronta para nós, fazendo tudo o que podia para evitar a luz do sol que se derramava na sala. Quando eu tinha visto pela primeira vez Dimitri como Strigoi, a identificação me chocou tanto que congelei. Eu havia dado a ele a chance para me capturar, assim me preparei mentalmente dessa vez, mesmo sabendo que iria sentir o mesmo choque quando visse minha ex-professora como Strigoi. E foi chocante.

Assim como com Dimitri, muitas das características de Sonya eram as mesmas: o cabelo ruivo e ossos altos na face. Mas a sua beleza foi distorcida por todas as outras condições terríveis: a pele esbranquiçada, olhos vermelhos e a expressão de crueldade que todos os Strigoi pareciam ter.

Se ela nos reconheceu, ela não deu nenhum sinal e correu em direção de Dimitri com um rosnado. Foi uma tática comum dos Strigoi para tirar a maior primeira ameaça, e isso me irrita, já que sempre achavam que era Dimitri.

Ele empurrou sua cintura a fim de a empalar com a pá. Ela não mataria um Strigoi, mas com bastante força, iria manter os Sonya dormentes.

Ele a golpeou com a pá no ombro depois de sua primeira tentativa, e enquanto ela não caiu, ela definitivamente esperou antes de tentar outro ataque.

Eles circularam entre si, como os lobos, se preparando para uma batalha, como se dimensionando suas chances. Uma pessoa maior e com mais força a derrubaria, com pá ou não.

Tudo isso aconteceu em questão de segundos, e os cálculos de Sonya me deixou fora da equação. Eu fiz meu próprio trabalho, batendo em seu outro lado, mas ela me viu saindo com canto dos olhos e respondeu de imediato, me jogando para baixo, enquanto nunca tirava os olhos de Dimitri. Eu queria estar com a pá e poder bater em suas costas a uma distância segura. Tudo o que eu carregava era a minha estaca, e eu tinha que tomar cuidado com ela, desde que a estaca poderia matar Sonya. Eu fiz uma rápida

análise do seu quarto assustadoramente normal de vida e não podia ver qualquer outra arma em potencial.

Ela atacou, e Dimitri foi para ela. Ele apenas corrigiu-se mal quando ela saltou para a frente para tirar proveito da situação. Ela o empurrou contra a parede, prendendo-o lá e e tirando a pá de suas mãos. Ele lutou contra ela, tentando se libertar quando as mãos de Sonya encontraram a sua garganta. Se eu tentei puxá-la para fora, a minha força combinada com a de Dimitri provavelmente o libertaria. Eu queria fazer isso o mais rapidamente possível, mas no entanto, decidi fazer um jogo de poder.

Corri em sua direção com a estaca na mão, e mergulhei-a através de seu ombro direito, esperando que eu não estivesse nem perto do seu coração.

O encanto na prata, tão angustiante para a pele Strigoi, fez ela gritar. Desesperada, ela me empurrou para longe, com uma força surpreendente até mesmo para um Strigoi. Eu caí para trás, tropeçando, e acabei batendo a cabeça contra uma mesa de café. Minha visão esmaeceu ligeiramente, mas o instinto e adrenalina me dirigia de volta a luta.

Meu ataque deu a Dimitri a fração de segundo que ele precisava. Ele jogou Sonya no chão e agarrou minha estaca, empurrando-a contra a garganta dela. Ela gritava e batia, e me mudei para a frente para ajudá-lo, sabendo o quão difícil era manter um Strigoi preso.

— Traga Sydney — ele resmungou — Corrente...

Saí o mais rápido que pude, estrelas e sombras dançando na minha frente. Abri a porta da frente e chutei-a aberta como um sinal, e em seguida, corri de volta para Dimitri. Sonya estava fazendo bons progressos na luta contra ele. Caí de joelhos, trabalhando com Dimitri para mantê-la contida. Ele tinha aquele desejo de batalha em seus olhos novamente, um olhar que disse que queria destruí-la aqui e agora. Não, mas havia outra coisa, também. Algo que me fez pensar que ele tinha mais controle, que as minhas palavras no beco realmente tinham tido um impacto.

Ainda assim, eu soltei um alerta.

— Precisamos dela... Lembre-se que precisamos dela.

Ele me deu um leve aceno de cabeça, assim que Sydney apareceu carregando a corrente. Ela olhou para a cena de olhos arregalados, parando apenas um momento antes de correr para nós. Nós ainda vamos torná-la uma guerreira, pensei.

Dimitri e eu mudamos para a nossa próxima tarefa. Nós já tínhamos visto o melhor local para vincular Sonya: Uma poltrona reclinável pesada no canto.

A erguer já era perigoso, já que ela ainda estava se debatendo loucamente enquanto nós a empurrávamos contra a cadeira. Em seguida, mantendo a estaca em seu pescoço, Dimitri tentou segurá-la enquanto eu agarrei a corrente.

Não houve tempo para pensar em um sistema preciso. Eu só comecei a envolvê-la, em primeiro lugar em suas pernas e então o melhor que pude ao seu redor do torso, tentando bloquear os braços dela. Dimitri tinha comprado várias correntes, felizmente, e eu rapidamente envolvia-a em volta da cadeira em uma forma louca, fazendo tudo o que pude para mantê-la presa.

Quando finalmente parei, Sonya estava muito bem presa no lugar. Era algo de onde ela pudesse sair? Absolutamente. Mas com uma estaca de prata contra ela? Não é tão fácil. Com tantos lugares... bem, tínhamos nossa presa por agora. Foi o melhor que podíamos fazer.

Dimitri e eu trocamos breves olhares cansados. Senti-me tonta, mas lutei por ela, sabendo que a nossa tarefa estava longe de terminar.

— Tempo para o interrogatório. — Eu disse severamente.

DEZESSETE

O INTERROGATÓRIO NÃO foi tão bem.

Ah, claro, nós fizemos muitos truques e usamos as estacas como instrumentos de tortura, mas não obtemos muita coisa. Dimitri ainda era assustador quanto lidando com Sonya, mas depois de seu surto com Donovan, ele foi cuidadoso em não cair naquela fúria cega novamente. Isso era mais saudável para ele a longo prazo, mas nem tão bom para arrancar respostas da Sonya. Não ajudou também o fato de não termos exatamente uma pergunta concreta para perguntar a ela. Tínhamos uma série para jogar sobre ela. Ela sabia sobre outro Dragomir? Ela tinha alguma relação com a mãe? Onde estavam a mãe a criança? As coisas ficaram ruins quando Sonya percebeu que precisávamos demais dela para matá-la, não importa quanta tortura com estaca de prata fizéssemos.

Ficamos nisso por quase uma hora e estávamos ficando exaustos. Pelo menos, eu estava. Encostei-me numa parede perto de Sonya, e mesmo que estivesse com minha estaca pronta, eu estava relaxando na parede um pouco mais do que eu gostaria de admitir para me manter de pé. Nenhum de nós falou por um tempo. Até Sonya havia desistido de seus rosnados. Ela simplesmente esperava e ficava atenta, indubitavelmente planejando escapar, provavelmente achando que nos cansaríamos antes dela. Aquele silêncio era mais assustador do que qualquer ameaça no mundo. Estava acostumada com Strigoi usando palavras para me intimidar. Eu nunca esperei o poder que simplesmente ficar quieto e encarar ameaçadoramente poderia ter.

— O que aconteceu com a sua cabeça? — perguntou Dimitri, de repente tendo um vislumbre.

Eu estava um pouco desligada e percebi que ele estava falando comigo. — Huh? — eu penteei meu cabelo, na parte que estava

escondendo parte da minha testa. Meus dedos se afastaram melados com sangue, trazendo vagas memórias de quando bati contra a mesa. Dei de ombros, ignorando a tontura que estava sentindo. — Estou bem.

Dimitri deu a Sydney um dos mais rápidos dos olhares. — Vá deitá-la e limpá-la. Não a deixe dormir até descobrirmos se é uma concussão.

— Não, não posso, — argumentei. — Não posso te deixar sozinho com ela...

— Estou bem, — ele disse. — Descanse para que possa me ajudar depois. Você não serve se for simplesmente cair.

Ainda protestei, mas quando Sydney gentilmente pegou meu braço, meu cambalear me entregou. Ela me guiou para o quarto da casa, para meu receio. Havia algo estranho em saber que estava na cama de um Strigoi — mesmo que estivesse coberta por uma colcha floral azul e branca.

— Cara, — eu disse, deitando contra o travesseiro depois que Sydney limpou minha testa. Mesmo com a minha negação mais cedo, foi muito bom descansar. — Eu não consigo me acostumar com a estranheza de um Strigoi vivendo num lugar tão... normal. Como você está conseguindo?

— Melhor do que vocês, — disse Sydney. Ela me envolveu em seus braços e olhou para o quarto, desconfortável. — Estar entre os Strigoi está fazendo com que vocês não pareçam tão ruins.

— Bom, pelo menos algo bom sai disso, — lembrei. Apesar de sua piada, eu sabia que ela tinha que estar aterrorizada. Comecei a fechar meus olhos e fui acordada bruscamente quando Sydney cutucou meu braço.

— Nada de dormir, — ela brigou. — Fique acordada e converse comigo.

— Não é uma concussão, — murmurei. — Mas suponho que possamos bolar planos para fazer a Sonya falar.

Sydney sentou nos pés da cama e fez uma careta. — Sem querer ofender, mas não acho que ela vá soltar.

— Ela vai depois de ficar alguns dias sem sangue.

Sydney empalideceu. — Alguns dias?

— Bem, o que for preciso para... — um pico de emoção passou pelo laço, e eu congelei. Sydney pulou, seus olhos correndo ao redor de nós como se pensasse que um grupo de Strigoi fossem invadir o quarto.

— Qual é o problema? — ela exclamou.

— Eu tenho que ir até a Lissa.

— Mas você não deveria dormir...

— Não é dormir, — eu disse bruscamente. E com isso, pulei do quarto de Sonya para a perspectiva da Lissa.

Ela estava andando numa van com outras cinco pessoas que eu imediatamente reconheci como outros nomeados reais. Era uma van de oito pessoas que também incluía um motorista guardião com outro no banco do passageiro que estava olhando para Lissa e os companheiros dela.

— Cada um de vocês será deixado num local separado nos arredores de uma floresta, receberão um mapa e uma bússola. A meta maior é vocês atingirem o destino no mapa e esperar na luz do sol até chegarmos em vocês.

Lissa e os outros nomeados trocaram olhares e, quase juntos, olharam para o exterior das janelas da van. Era quase meio-dia, e o sol estava caindo. — Esperar pela luz do sol — não seria prazeroso, mas não soava impossível. Tolamente, ela arranhou uma pequena bandagem em seu braço, mas rapidamente parou. Li em seus pensamentos o que era aquilo: um ponto pequeno e pouco notável tatuado em sua pele. Na verdade, era similar ao da Sydney: sangue e terra, misturado com compulsão. Compulsão pode até ser uma tabu entre os Moroi, mas essa era uma situação especial. O feitiço na tatuagem prevenia os candidatos de revelar os testes para

monarcas para outros que não estavam envolvidos no processo. Esse era o primeiro teste.

— A que tipo de terreno vocês estão nos mandando? — exigiu Marcus Lazar. — Não estamos todo na mesma forma física. Não é justo quando alguns de nós estão em desvantagem. — Seus olhos estavam em Lissa enquanto falava.

— Existe muita caminhada, — disse o guardião, expressão séria. — Mas não é nada que nenhum candidato — de qualquer idade — não deveria ser capaz de aguentar. E, para ser honesto, parte dos requerimentos para um rei ou rainha é certamente ter muita energia. Idade traz sabedoria, mas um monarca precisa ser saudável. Não um atleta, — completou o guardião rapidamente, vendo Marcus começar a abrir sua boca.

— Mas não é bom para os Moroi terem um monarca doente eleito que morra dentro de um ano. Duro, mas é a verdade. E você também precisa ser capaz de passar por situações desconfortáveis. Se você não puder lidar com um dia no sol, você não poderá lidar com uma reunião com o Conselho. — Acho que ele pretendia que isso fosse uma piada, mas era difícil de dizer já que ele não sorria. — Não é uma corrida, no entanto. Leve o tempo que precisar para chegar até o final. Marcados ao longo do mapa existem pontos onde certos itens estão escondidos — itens que farão isso mais aturável, se você puder decifrar as pistas.

— Podemos usar nossa mágica? — perguntou Ariana Szelsky. Ela também não era nova, mas parecia durona e pronta para aceitar um desafio de resistência.

— Sim, vocês podem, — disse o guardião solenemente.

— Nós corremos perigo lá? — perguntou outro candidato, Ronald Ozero. — Além do sol?

— Isso, — disse o guardião misteriosamente, — é algo que vocês vão compreender sozinhos. Mas, se quiserem sair a qualquer momento... — Ele pegou uma bolsa com celulares e os distribuiu.

Mapas e bússolas em seguida. — Chame o número programado, e nós iremos até você.

Ninguém precisou perguntar sobre a mensagem subliminar por trás disso. Chamar o número te tiraria do longo dia de resistência. Isso também significaria que você falhou no teste e estava fora da corrida para o trono. Lissa olhou para o telefone, meio surpresa de que existia sinal. Eles deixaram a corte fazia mais ou menos uma hora e estavam bem no interior. Uma linha de árvores fez Lissa pensar que estavam próximos do destino deles.

Então. Um teste de resistência física. Não era exatamente o que ela esperava. As provas pelas quais um monarca passava há tempo ficavam no mistério, ganhando quase uma reputação mística. Essa era bem prática, e Lissa podia entender a razão, mesmo que Marcus não pudesse. Isso realmente não era uma competição atlética, e o guardião estava certo ao dizer que o futuro monarca deveria possuir um certo nível de forma física. Olhando para a parte de trás de seu mapa, que listava as dicas, Lissa percebeu que isso também testaria suas habilidades de raciocínio. Tudo muito básico — mas essencial para governar uma nação.

A van os deixou um a um em pontos de partida diferentes. Com cada candidato afastado, a ansiedade de Lissa aumentou. Não há nada para se preocupar, ela pensou. Eu só preciso ficar sentada durante um dia ensolarado. Ela foi a próxima a última pessoa a ser deixada, com apenas Ariana ficando atrás. Ariana bateu de leve no braço de Lissa quando a porta se abriu.

— Boa sorte, querida.

Lissa deu-lhe um sorriso rápido. Esses testes podem até ser artimanhas por parte da Lissa, mas Ariana era o verdadeiro problema, e Lissa rezou para que a mulher mais velha pudesse passar por isso com sucesso.

Deixada sozinha enquanto a van se afastava, mal-estar tomou conta de Lissa. O simples teste de resistência de repente parecia muito mais intimidador e difícil. Ela estava sozinha, algo que não acontecia com muita frequência. Eu estive lá a maior parte da vida

dela, e mesmo quando eu parti, ela tinha amigos ao seu redor. Mas agora? Era apenas ela, o mapa, e o celular. E o celular era seu inimigo.

Ela andou para o limite da floresta e estudou seu mapa. Um desenho de uma grande árvore de carvalho marcava o começo, com direções para ir à nordeste. Analisando as árvores, Lissa viu três carvalhos silvestres, um abeto — e um carvalho. Andando até elas, não pôde conter um sorriso. Se mais alguém tivesse marcos botânicos e não conhecesse suas plantas e árvores, poderia perder a candidatura agora mesmo.

A bússola era do estilo clássico. Nenhum GPS digital aqui. Lissa nunca usou uma bússola como essa, e a minha parte protetora desejou que eu pudesse aparecer lá e ajudar. Eu deveria ter adivinhado, porém. Lissa era inteligente e rapidamente adivinhou. Andando para o nordeste, ela entrou no bosque. Enquanto não havia um pátio limpo, o chão da floresta não está tão coberto de plantas ou obstáculos.

A parte legal em estar numa floresta era que as árvores bloqueavam um pouco do sol. Ainda não era uma condição ideal para um Moroi, mas era melhor do que ser largada num deserto. Pássaros cantavam, e o cenário era exuberante e verde. Prestando atenção no próximo marco, Lissa tentou relaxar e fingir que estava simplesmente num passeio agradável.

Ainda assim... era difícil fazer isso com tanta coisa em sua cabeça. Abe e nossos outros amigos estavam agora encarregados de trabalhar e fazer perguntas sobre o assassinato. Todos eles estavam dormindo agora — era o meio da noite Moroi — mas Lissa não sabia quando voltaria e não podia evitar ressentir esse teste por tomar seu tempo. Não, desperdiçar seu tempo. Ela finalmente aceitou a lógica por trás da nomeação de seus amigos — mas ela ainda não gostava disso. Ela queria ajudá-los ativamente.

Seus pensamentos agitados quase a fizeram passar direto pelo próximo marco: uma árvore que havia caído era atrás. Musgo a cobria, e muito da madeira estava podre. Uma estrela no mapa

marcava esse lugar como um lugar com uma pista. Ela sacudiu o mapa e leu:

Eu cresci e eu encolhi. Eu corri e eu rastejei.

Siga minha voz, mesmo que não tenha alguma.

Eu nunca deixei esse lugar, mas eu viajei por aí

Eu flutuei através do céu e eu rastejei através do chão.

Eu mantenho meu esconderijo num cofre mesmo que eu não tenha riquezas,

Procure por minha ruína para guardar sua saúde em segurança.

Um.

Minha mente ficou vazia logo em seguida, mas a da Lissa rodava. Ela lia de novo e de novo, examinando as palavras individualmente e como cada linha se encaixava com a outra. Eu nunca deixei esse lugar. Esse era o ponto inicial, decidiu. Algo permanente. Ela olhou ao redor, considerando as árvores, então as deixou. Elas sempre poderiam ser cortadas ou removidas. Cuidadosamente para não ir para muito longe da árvore caída, ela rondou a área procurando por mais. Tudo era teoricamente passageiro. O que persistia?

Siga minha voz. Ela chegou a um impasse e fechou os olhos, absorvendo os sons ao seu redor. A maioria eram pássaros. Ali. Um pequeno afluente corria pelo bosque, difícil de ser notado. De fato parecia muito pequeno para o barulho ao redor.

— Mas eu aposto que você aumenta quando chove, — ela murmurou, não se importando de estar falando com o riacho. Ela olhou novamente para a pista, e eu senti sua mente esperta rapidamente juntar todos os pedaços. O afluente era permanente — mas viajava. Mudava o tamanho. Tinha uma voz. Corria em partes profundas, rastejava quando havia obstáculos. E quando evaporava, flutuava no ar. Ela franziu o cenho, ainda tentando encaixar o enigma em voz alta. — Mas você não tem ruínas.

Lissa estudou a área uma vez mais, desconfortavelmente pensando que ruína poderia se aplicar para qualquer planta. Seu

olhar percorreu uma grande árvore de carvalho silvestre e então se esticou para trás. Na sua base crescia uma moita de cogumelos marrons e brancos, muitos murchando e ficando pretos. Ela se apressou e se ajoelhou, e foi quando ela viu: um pequeno buraco cavado na terra nas proximidades. Aproximando-se, ela viu um flash de cor: Uma bolsa com a alça roxa.

Triunfantemente, Lissa a pegou e ficou em pé. A bolsa era feita de lona e tinha alças longas que permitiriam que Lissa a carregasse sobre seu ombro enquanto andava. Ela abriu a bolsa e olhou dentro. Ali, guardada dentro de um forro macio e vago, estava a melhor coisa de todas: uma garrafa de água. Até agora, Lissa não tinha percebido quão quente e desidratada ela tinha se tornado — ou quão escaldante o sol estava. Os candidatos haviam sido avisados para vestirem sapatos firmes e roupas práticas, mas nenhum outro suprimento foi permitido. Encontrar essa garrafa não tinha preço.

Sentada no tronco, ela fez uma pausa, tomando cuidado para conservar a água dela. Enquanto o mapa indicava mais algumas pistas e — recompensas — ela sabia que não podia necessariamente contar com nada mais útil na sua bolsa. Então, depois de alguns minutos de descanso, ela colocou a água de lado e pendurou a sacola um pouco mais acima do seu ombro. O mapa a direcionou para o oeste, então foi este caminho que ela fez.

O calor batia nela enquanto ela continuava sua caminhada, a forçando a tirar mais algumas pausas (conservadoras) para água. Ela continuou se lembrando de que não era uma corrida e que ela deveria ir com calma. Depois de mais algumas pistas, ela descobriu que o mapa não era totalmente escala, por isso não foi sempre óbvio quanto tempo cada etapa da caminhada levou. No entanto, ela ficou satisfeita com o sucesso em resolver cada pista, embora as recompensas se tornarem cada vez mais e mais desconcertantes.

Um deles era um monte de varetas em uma pedra, algo que ela teria jurado que era um engano, mas alguém civilizado tinha claramente vinculado o pacote em conjunto. Ela o colocou em sua bolsa, junto com uma lona verde de plástico dobrada. Até agora, o

suor escorria por ela, e arregaçar as mangas de sua camisa de algodão de abotoar ajudou um pouco. Ela tomou pausas mais frequentes. O sol quente tornou-se uma preocupação séria, então foi um alívio enorme quando a sua próxima pista levou a um frasco de bloqueador solar.

Depois de algumas horas de luta contra o intenso calor do verão, Lissa ficou tão quente e cansada que não tinha mais a energia mental para estar irritada por perder o que estava acontecendo na Corte. Tudo o que importava era chegar ao final deste teste. O mapa mostrou mais duas pistas, o que ela entendeu como um sinal promissor. Ela iria chegar ao fim em breve e, em seguida, poderia simplesmente esperar por alguém buscá-la. Um flash de realização bateu nela. A lona. A lona era um bloqueador solar, ela decidiu. Ela poderia usá-lo no final.

Isto a animou, assim como fez o prêmio seguinte: mais água e um chapéu mole de aba larga que ajudou a afastar a luz solar de sua face.

Infelizmente, depois disso, o que parecia ser uma jornada de caminhada curta, acabou por ser o dobro do tempo que ela esperava. No momento que ela finalmente chegou à pista seguinte, ela estava mais interessada em fazer uma pausa para água do que cavar o que os guardiões tinham deixado. Meu coração saiu com ela. Eu desejei tanto, tanto que eu pudesse ajudar. Esse era meu trabalho, de protegê-la. Ela não deveria estar sozinha. Ou deveria? Aquilo também era parte do teste? Em um mundo onde a realeza era quase sempre cercada por guardiões, esse isolamento tinha que ser um choque total. Moroi eram resistentes e tinham sentidos excelentes, mas eles não foram feitos para calor extremo e um terreno desafiador. Eu poderia ter, provavelmente, caminhar o curso facilmente. Evidentemente, eu não tinha certeza se eu teria habilidades de dedução Lissa para descobrir as pistas.

A última recompensa de Lissa era de pedra e aço, que não tinha nenhuma ideia do que eram. Eu os reconheci imediatamente como as ferramentas de um kit de fazer fogo, mas não poderia o mundo

imaginar o porque ela precisaria de fogo em um dia como este. Com um encolher de ombros, acrescentou os itens para sua mochila e continuou.

E isso foi quando as coisas começaram a ficar frias. Muito frias.

Ela não processou inteiramente no início, principalmente porque o sol ainda radiava tão brilhantemente. O cérebro dela disse que o que ela sentia era impossível, mas seus arrepios e o bater de dentes diziam o contrário. Ela revirou os mangas para baixo e apressou o passo, desejando que o frio repentino tinha pelo menos vindo com cobertura de nuvens. Andando mais rápido e se esforçando mais ajudou o calor de seu corpo.

Até começar a chover.

Começou como uma névoa, em seguida, começou a chuveirar, e finalmente se transformou em uma cortina de água constante. Seus cabelos e roupas ficaram saturados, fazendo com que a temperatura fria ficasse muito pior. Ainda... o sol ainda brilhava, a luz era um incômodo para a pele sensível dela, mas não oferecia calor em compensação.

Magica, ela percebeu. Este tempo é mágico. Fazia parte do teste. De alguma forma, Moroi usuários de água e ar tinham unido sua mágica para desafiar o tempo quente e ensolarado. Foi por isso que ela tinha uma lona para bloquear o sol e a chuva. Ela considerou começá-lo agora e usá-lo como um manto, mas rapidamente decidiu esperar até que ela chegasse ao ponto final. Ela não tinha ideia do quão longe isso realmente foi, no entanto.

Vinte pés? Vinte milhas? O frio da chuva arrastou em cima dela, penetrando em sua pele. Foi infeliz. O telefone celular na bolsa era sua passagem e volta. Foi apenas no final da tarde. Ela tinha um longo tempo de espera antes de terminado este teste. Tudo o que ela tinha a fazer era fazer uma chamada... Uma chamada, e ela ficaria fora dessa bagunça e voltar a trabalhar no que ela devia estar na Corte. Não. Um núcleo de determinação deflagrou dentro dela. Este desafio não era mais sobre o trono Moroi ou assassinato de Tatiana. Era um teste que ela teria de

assumir para si mesma. Ela levava uma vida fácil e abrigada, deixando os outros protegê-la. Ela iria suportar esta sozinha e que ela iria passar.

Essa determinação levou-a para o fim do mapa, uma clareira cercada de árvores. Duas das árvores eram pequenas e perto o suficiente para que Lissa pensasse que ela poderia ser capaz de armar a lona em uma espécie de abrigo razoável. Com muito frio, mexendo os dedos, ela conseguiu tirá-lo da bolsa e abri-lo ao seu tamanho total, que era — que era felizmente muito maior do que ela suspeitava. Seu humor começou a levantar, ela trabalhou com a lona e descobriu como criar uma pequena cobertura. Ela rastejou para dentro, uma vez que isso foi feito, feliz por estar fora da chuva caindo. Mas isso não muda o fato de que ela estava molhada. Ou que o chão estava molhado também lamacento e. A lona também a protegia contra o frio. Ela sentiu um lampejo de amargura, recordando os guardiões dizendo magia era permitido para este teste. Ela não tinha pensado em nada mágico que seria útil no momento, mas agora, ela certamente poderia ver as vantagens de ser um usuário de água para controlar a chuva e mantê-lo fora de si.

Ou, melhor ainda: sendo um usuário de fogo. Ela desejou que Christian estivesse com ela. Ela teria recebido o calor da magia dele e de seu abraço. Para este tipo de situação, o espírito era seriamente uma merda. — a menos que ela tivesse hipotermia necessária para tentar curar a si mesma (o que nunca funcionou tão bem como faz em outras pessoas). Não, ela decidiu. Não poderia haver nenhuma dúvida: os usuários de água e fogo tinha a vantagem neste teste.

Foi quando isso atingiu ela.

Fogo!

Lissa ergueu-se de onde tinha se derramado amontoada. Ela não tinha reconhecido para o que era o ferro e a pedra, mas agora, lembranças vagas de fogo, destacaram-se para ela. Ela nunca tinha aprendido as habilidades diretamente, mas tinha certeza, golpear as

pedras juntas, fazer uma faísca. - se ela só tivesse uma madeira seca. Tudo lá fora, estava encharcado...

Exceto para o monte de varetas em sua bolsa. Rindo alto, ela desatou os pedaços de pau e os colocou em um lugar protegido da chuva.

Ela tentou mais três vezes, e sua excitação deu lugar a frustração obscura do espírito. Eu puxei um pouco dela, mantendo ela concentrada.

Na Quarta tentativa, uma faísca voou e desapareceu - mas foi o que ela precisava para entender o princípio. Depois de um tempo ela poderia fazer faíscas facilmente, mas eles não faziam nada quando pousavam sobre a madeira. Para cima e para baixo, seu humor era uma montanha-russa de esperança e desapontamento. Não desista, eu queria dizer como eu extraia mais negatividade. Não desista. Eu também queria dá-la uma lição sobre gravetos, mas isso estava forçando meus limites.

Olhando ela, comecei a perceber o quanto eu subestimava a inteligência da Lissa. Eu sabia que ela era brilhante, mas eu sempre imaginava ela como inútil nessas situações. Ela não era. Ela podia resolver isso. Aquela pequena faísca não podia penetrar na madeira dos gravetos. Ela precisava de um fogo maior. Ela precisava de algo onde as faíscas pudessem incendiar. Mas o quê? Certamente não era nada nessa floresta alagadiça.

Seus olhos saltaram para o mapa que caía de sua bolsa. Ela hesitou apenas um segundo antes de rasgar e triturar o papel em uma pilha em cima dos galhos.

Supostamente ela havia chegado ao final da caminhada e não precisava do mapa. Supostamente. Mas era tarde demais agora, e Lissa seguiu seu plano.

Primeiro, ela pegou um pouco do linho macio de sua bolsa, adicionando os pedaços de papel picado. Então ela pegou a pederneira e o ferro de novo.

Uma faísca saltou e imediatamente acertou um pedaço de papel. Queimou laranja antes de desaparecer, deixando um fio de fumaça. Ela tentou novamente,

inclinando-se para gentilmente soprar o papel quando a faísca tocá-lo. Uma pequena chama apareceu, pegou no papel vizinho, e entaum desapareceu.

Ajeitando-se, Lissa tentou a última vez.

— Vamos, vamos — ela murmurou, como se pudesse convencer o fogo a atear-se.

Dessa vez, a faísca pegou e ficou, se tornando uma pequena chama, então uma grande labareda que logo consumiu seus gravetos, eu rezei para que pegasse na madeira, ou então ela não teria masi sorte. Maior e mais viva a chama cresceu, consumindo o resto do papel e dos fiapos... e então se espalhando pelos galhos. Lissa soprou devagar para que continuasse, e depois de um tempo, a fogueira estava a toda.

O fogo não podia mudar o frio congelante, mas até onde ela sabia, ela tinha o calor de todo o sol em suas mãos. Ela sorriu, e um senso de orgulho que ela não sentia fazia um tempo percorreu ela inteira. Finalmente podendo relaxar, ela olhou para a floresta molhada e viu alguns flashes de luz a uma distância. Canalizando o espírito, ela usou sua magia para intensicar sua habilidade de ver auras. Como ela ja suspeitava — escondidos longe, longe entre um monte de árvores, ela pode ver duas auras cheias de fortes, firmes cores. Seus donos pararam, ficando quietos e encobertos. O sorriso de Lissa cresceu. Guardiões. Ou talvez usuários de água e ar controlando o tempo. Nenhum dos candidatos estava sozinho lá. Ronald Ozero não tinha porque se preocupar — mas enfim, ele não sabia disso. Somente ela sabia. Talvez espírito não fosse tão inútil quanto parecia.

A chuva começou a dar um tempo, e o calor do fogo continuou a acalmar ela. Ela não podia saber a hora olhando o céu, mas de algum jeito, ela sabia que não teria problemas para esperar o dia e -

— Rose? — uma voz a convocou para fora da experiência de sobrevivência de Lissa. — Rose, acorde ou... tanto faz

Eu pisquei, me focando no rosto de Sydney, que estava a alguns centímetros do meu. — O que? — eu exigi. — Porque você está me incomodando?

Ela vacilou e foi para trás, momentaneamente sem fala. Pegando a escuridão do espírito da Lissa não tinha me afetado até agora, mas agora, consciente no meu corpo, eu senti irritação e raiva correr pelo meu corpo. Não é você, não é a Sydney. eu me disse. É o espírito. Se acalme. Eu respirei fundo, me recusando a deixar o espírito tomar conta de mim. Eu sou mais forte que ele. Eu espero.

Enquanto eu lutava para colocar aqueles sentimentos de lado, eu olhei em volta e me lembrei de que estava no quarto de Sonya Karp. Todos os meus problemas vieram de encontro a mim. Havia um Strigoi amarrado na outra sala, um que mal estava contido e que não aprecia que nos daria respostas tão cedo.

Eu olhei de volta para Sydney, que ainda parecia com medo de mim. — Me desculpe... eu não queria descontar em você. Eu só fiquei meio assustada. — Ela hesitou alguns segundos então assentiu, aceitando minhas desculpas. Assim que o medo saiu de seu rosto, eu pude ver que outra coisa a estava incomodando. — Qual o problema? — eu perguntei. Enquanto estivéssemos vivos e Sonya continuasse presa, as coisas não poderiam estar tão mal, certo?

Sydney foi para trás e cruzou seus braços. — Victor Dashkov e seu irmão estão aqui.

DEZOITO

Eu pulei da cama, aliviada por não ter caído. Minha cabeça ainda doía, mas eu já não sentia tanto, o que significava que eu realmente tinha tido uma concussão. Olhando para um despertador que deixei no quarto da Sonya, vi que tinha estado na cabeça da Lissa por algumas horas.

O teste dela foi muito mais extenso do que do que eu tinha idealizado.

Na sala, encontrei uma cena quase cómica. Victor e Robert estavam ali, em carne e osso, tendo detalhes ao seu redor. Mesmo Robert parecia estar com a gente mentalmente neste momento. Só que, enquanto Victor estava estudando tudo em seu caminho, a atenção de Robert estava fixada em Sonya. Seus olhos saltaram de espanto. Dimitri, entretanto, não haviam alterado a sua posição perto Sonya ou afastado a estaca de sua garganta. Ficou claro desde a sua postura e olhar atento, porém, que ele considerava os irmãos como uma nova ameaça, tentando — impossível — ficar de guarda em tudo. Ele pareceu aliviado ao ver-me e ter alguma segurança.

Sonya tinha estado perfeitamente quieta dentro de sua cadeia, coisa que eu não gostei nada. Isso me fez pensar que ela estava planejando algo. Seus olhos vermelhos estreitaram.

Toda a situação era tensa e perigosa, mas uma pequena parte de mim sentia satisfação presumida, quando estudei Victor mais de perto. Tal como eu podia modificar a minha aparência em sonho, Victor se fez parecer mais forte e saudável nas visitas que ele fazia do que realmente era na vida real. Idade, doença, e uma vida de fugas estavam a tomar posição. Sombras escuras alinhavam seus olhos e os cabelos já grisalhos pareciam mais finos do que tinha há um mês. Ele parecia pálido e cansado, mas eu sabia que ele ainda era perigoso.

— Então, — eu disse com as mãos nos quadris. — Vocês conseguiram nos encontrar.

— Só há um lago nesta cidade, — disse Victor. — Uma casa azul. Talvez você teve problemas com os sentidos, mas para o resto de nós, não era tão difícil.

— Bem, se você é tão inteligente, qual é seu plano agora? — Eu perguntei. Eu estava tentando ficar calma enquanto eu pensava qual era o meu plano. Eu queria capturar Victor e Robert, mas não sabia como. Uma vez que tivemos que dividir nossa atenção entre eles e Sonya, Dimitri e eu não podíamos formar equipa. Eu queria que tivéssemos uma cadeia a sobrar. Além de dominar fisicamente os irmãos, gostaria especificamente a necessidade de restringir as suas mãos para reduzir a sua capacidade de usar magia.

— Uma vez que você é tão inteligente, — contrapôs Victor, — eu assumi que já tivesses obtido as informações necessárias.

Fiz um gesto na direcção de Sonya.

— Ela não é exactamente próxima.

Vitoriosos olhos caíram sobre ela.

— Sonya Karp. Você mudou desde a última vez que te vi.

— Eu vou matar todos vocês, — Sonya rosou. — E vos consumir um por um. Normalmente, eu começo por humanos e trabalho até o Moroi, mas... — Ela olhou para mim e Dimitri, com o rosto cheio de raiva.

— Eu acho que eu vou salvar vocês dois no fim e os arrastar para fora de vossos sofrimentos. — Parou e quase comicamente acrescentou, — Vocês me irritam mais.

— Será que todos os Strigoi passam por algum acampamento e aprendem as mesmas tretas? É uma maravilha que você não cacareja também.

Voltei-me para Victor.

— Veja? Não é fácil. Tentamos de tudo. Batendo, torturando. Sydney passou os nomes de todos os seus parentes. Nenhuma

reação.

Victor estudou Sydney pela primeira vez.

— Então. Sua Alquimista de estimação.

Sydney não se moveu. Eu sabia que ela estava com medo de enfrentar alguém que era um vampiro e um criminoso perigoso. Eu tive que dar-lhe pontos de reconsideração por seu firme olhar.

— Jovem, — Victor meditou. — Mas é claro que ela seria. Imagino que foi o único jeito que você pode manipulá-la para esta pequena aventura.

— Estou aqui por opção — respondeu Sydney. Sua expressão era calma e confiante. — Ninguém me manipulou. — A chantagem de Abe não era realmente relevante no momento.

— Olha, se você queria continuar me torturando com seus comentários não engraçados, você poderia apenas ter mantido a invasão nos meus sonhos, — eu estalei.

— Se você não tem nada de útil para oferecer, então saia daqui e nos deixe esperar até que a fome enfraquece Sonya. — E por sair daqui, eu queria dizer: tolamente pense que você está indo sair para que eu possa bater suas cabeças juntas e arrastá-lo de volta para os guardiões.

— Nós podemos ajudar, — disse Victor. Ele tocou seu irmão levemente no braço. Robert hesitou, virando os olhos de Sonya para Victor. — Seus métodos foram destinados ao fracasso. Se você quer respostas, há só uma maneira de...

Sonya fez sua jogada. Dimitri ainda estava ao lado dela, mas ele tinha estado também a manter um olho sobre o resto de nós. E, claro, eu tinha estado completamente focada no drama de Victor também. Foi provavelmente a melhor abertura que Sonya poderia ter esperado.

Com a força louca de Strigoi, ela pulou da cadeira. A corrente que estava em volta dela várias vezes, mas seu rápido movimento e força foram o suficiente para tirar da cadeira em dois lugares. O resto

ainda cercava dela, mas eu sabia perfeitamente bem, mesmo uma abertura era suficiente para que ela eventualmente golpeasse. Distraídos ou não, Dimitri estava em cima dela em um flash, e um segundo depois, eu também fui. Ela estava batendo na cadeira, usando todos os bits de sua força e velocidade para se livrar das correntes. Se ela se soltasse, eu sabia que ela colocaria a sua luta feroz. Dimitri e eu olhamo-nos brevemente, e eu sabia que nós estávamos pensando a mesma coisa. Em primeiro lugar, como iríamos voltar a contê-la?

A cadeia provavelmente poderia ser retomada, mas precisaria de a arranjar e começar de novo, o que seria quase impossível. Nos dois também sabíamos que não conseguiríamos detê-la uma segunda vez, e agora nós tínhamos á volta inocentes. Eles não podiam lutar, mas Sonya podia ser capaz de usá-los para seu proveito de alguma forma.

Tudo o que podíamos fazer era tentar mantê-la. Segurando-a contra uma superfície plana tal como o chão teria sido muito mais fácil do que a cadeira pesada. Isto sacudiu enquanto ela lutava contra nós, e nós lutamos para conseguir uma boa posição na cadeira. Dimitri tirou a sua estaca — tinha estado para baixo mais cedo e ele limpou-a contra a pele, dando-nos alguma vantagem na luta. Ela gritou de raiva, e me agarrei á esperança de que poderíamos cansa-la. Provavelmente não. Nós tivemos a nossa primeira pausa. Minha dor de cabeça era prova suficiente de que eu não estava em boas condições.

Eu vi um lampejo de movimento na minha periferia, disparando alarmes novos. Robert Doru estava indo em direcção a nós, e ele tinha uma estaca de prata na mão. A visão era tão bizarra e inesperada que eu fui lenta para alertar Dimitri. Quando minha mente chutou fraco, de repente de volta a vida, já era tarde demais.

— Não, — eu gritei, vendo aumentar a participação de Robert. — Não a mate!

Dimitri se virou e viu Robert então, mas não havia nada que pudesse fazer. Dimitri e eu tínhamos criado a oportunidade perfeita.

Estávamos segurando Sonya ainda, e com o peito vulnerável, Robert tinha um tiro limpo. Freneticamente, eu me perguntava o que fazer. Se eu parasse ele, eu libertava Sonya. Se eu não parasse, ele podia matar a nossa única chance de descobrir quem...

Tarde demais. A estaca caiu para baixo com uma força que me surpreendeu. Lissa tinha tido uma fase muito difícil para estacar Dimitri, e eu assumi que o mesmo seria verdade para alguém como Robert, que era mais velho e parecia tão frágil. Mas, não. Ele ainda teve de usar as duas mãos, mas a estaca continuou firme no peito de Sonya, perfurando seu coração.

Sónia soltou um grito intenso. Uma brilhante luz branca ofuscou de repente e encheu a sala, assim como uma força invisível empurrou-me para trás. Eu bati em uma parede, e o meu cérebro apenas registou a dor. A pequena casa tremeu, e com uma mão, tentei pegar alguma coisa e me puxei. Apertei os meus olhos, mas ainda podia ver estrelas colorido. O tempo parou. Meu batimento cardíaco abrandou.

Então... tudo parou. Tudo. A luz. Os tremores. Eu respirava normalmente. Tudo estava quieto e imóvel, quando pensei eu imaginava o que tinha acontecido. Pisquei, tentando trazer meus olhos de volta ao foco e avaliar a situação. Eu fiz o meu melhor para não embaralhar desajeitadamente em meus pés e vi que Dimitri estava fazendo o mesmo. Ele parecia que tinha também sido derrubado, mas ele não apanhou a parede como suporte, ao invés de despedaçar-se nele.

Robert estava deitado no chão, e Victor correu para ajudá-lo. Sydney só ficou congelada.

E Sonya?

— Inacreditável, — eu sussurrei.

Sonya ainda estava na poltrona, e do jeito que ela estava sentada para atrás, era óbvio que ela foi soprada pela mesma força que havia atingido o resto de nós. As correntes estavam ainda em torno dela, mas ela tinha parado de lutar. Em seu colo estava a

estaca de prata que Robert tinha mantido apenas uns momentos atrás. Sonya conseguiu mexer a mão para fora da cadeia, apenas o suficiente para os dedos roçar a superfície da estaca. Seus olhos se arregalaram de espanto, olhos que eram de um azul, rico azul.

Robert tinha trazido Sonya Karp de volta à vida. Ela não era mais Strigoi.

Quando Lissa tinha salvado Dimitri, eu tinha sentido o poder da magia através da ligação, dando-me a experiência completa e avassaladora de tudo.

Testemunhá-lo agora, sem o conhecimento de primeira mão através da Lissa, ainda era tão incrível. Victor estava preocupado com Robert, mas o resto de nós não conseguia parar de olhar para Sonya com espanto. Fiquei olhando para qualquer coisa, qualquer coisa que pudesse dar o menor indício de sua existência anterior.

Não havia nenhum. Sua pele tinha a típica palidez Moroi, mas ainda assim foi preenchida com o calor da vida, com uma leve tonalidade de cor.

Não como o Strigoi, que eram completamente desprovidos de pigmento. Seus olhos estavam vermelhos, mas foi a partir de suas lágrimas que rapidamente se formava.

Não havia nenhum anel vermelho em torno de sua íris. E o olhar nos olhos... não havia crueldade ou maldade. Eles não eram os olhos de alguém que tinha acabado de ameaçar matar todos nós. Seus olhos estavam em estado de choque, medo e confusão. Eu não conseguia desviar o meu olhar dela.

Um milagre. Outro milagre. Mesmo depois de ver Lissa restaurar Dimitri, alguma parte de mim tivesse acreditado secretamente que eu nunca iria testemunhar nada como isto novamente. Era assim que funcionavam os milagres. Uma vez na vida. Tinha havido muita conversa sobre o uso de espírito para salvar Strigoi em toda parte, falar de que se tinha desaparecido quando outro drama - como o assassinato de uma rainha — teve precedência na Corte. A falta de usuários de espírito também fizeram a ideia impopular e, além disso,

todos sabiam das dificuldades de um Moroi estacar um Strigoi. Se treinados guardiões morrem lutando Strigoi, como poderia um Moroi estacar? Bem, aqui ia a resposta: um Strigoi dominado. Um Moroi conseguia estacar um com as duas mãos, especialmente com apoio de guardiões. A possibilidade me fez cambalear. A magia de Robert era forte, mas ele era velho e frágil. No entanto, se ele ainda podia fazer isto, qualquer usuário de espírito poderia? Ele tinha feito quase parecer fácil. Adrian poderia fazê-lo? Poderia fazê-lo Lissa de novo?

Um milagre. Sonya Karp era um milagre vivo.

E de repente, ela começou a gritar.

Ela começou com uma espécie de baixo gemido e rapidamente cresceu em volume. O barulho agarrou-me a atenção, mas eu não sabia exactamente como responder. Dimitri o fez. Sua estaca caiu de sua mão, e ele correu para o lado de Sonya, onde ele começou a tentar livrá-la da cadeia.

Ela se debateu ao seu toque, mas seus esforços não se comparavam á força sobrenatural de um monstro morto-vivo em busca de vingança. Estes eram os movimentos de alguém com um desesperado medo terrível.

Eu tinha envolvido aquelas correntes muito segura, mas Dimitri tirou-os em segundos. Uma vez que Sonya estava livre, ele se sentou na cadeira e puxou-a para ele, deixando-a enterrar o rosto dela contra seu peito e soluçar. Engoli em seco. Dimitri também chorou quando ele tinha mudado de volta. Uma estranha imagem de recém-nascidos passou pela minha mente. Chorar era a reacção natural para quem nasce ou, neste caso renascer, para o mundo?

Um movimento repentino chamou a minha atenção. Sidney estava de olhos arregalados, e ela estava realmente se movendo em direcção a Dimitri para detê-lo.

— O que você está fazendo? — Ela chorou. — Não a liberte!

Dimitri ignorou Sydney, e eu a apanhei, puxando-a para trás.

— Tudo bem, está tudo bem —,eu disse. Sydney era o factor mais estável em toda esta operação. Eu não poderia tê-la em

pânico. — Ela não é mais Strigoi. Olha. Olha para ela. Ela é uma Moroi.

Sydney balançou a cabeça lentamente.

— Ela não pode ser. Eu a vi.

— Foi o que aconteceu com Dimitri. Exactamente o mesmo. Você não acha que ele é um Strigoi, não é? Você confia nele. — Lancei meu controle sobre ela, e ela ficou parada, o rosto desconfiado.

Olhando para os irmãos, percebi que a deles era uma situação mais grave do que eu tinha percebido. Robert, embora não seja um Strigoi, estava pálido o bastante para ser um. Seus olhos estavam vagos, baba fugindo de sua boca parcialmente aberta. Eu reavaliei a minha observação anterior sobre Robert fazendo o golpe da estaca no Strigoi parecer fácil. Ele tinha estacado ela como um profissional, mas obviamente, houve alguns efeitos colaterais. Victor foi tentando sustentar seu irmão e murmurou palavras suaves e de incentivo. E no rosto de Victor...bem, havia um olhar de compaixão e medo que eu nunca tinha visto antes. Meu cérebro não conseguia inteiramente saber como conciliar isso com a minha bem-definida imagem de vilão. Ele parecia uma pessoa real.

Victor olhou para mim, a torceu os lábios em um sorriso amargo.

— O quê, sem gracejos espirituosos agora? Você deve estar feliz. Nós demos o que você queria. Você precisa de respostas de Sonya Karp? — Ele acenou com a cabeça na direcção dela.

— Vai buscá-los. Eles certamente têm um preço elevado.

— Não! — Dimitri exclamou. Ele ainda tinha Sonya contra ele, mas sua expressão suave ficou dura com as palavras de Victor.

— Você está louco? Não viu o que aconteceu?

Victor arqueou uma sobrancelha.

— Sim. Eu notei.

— Ela está em condições de responder nada! Ela está em choque. Deixa ela sozinha.

— Não aja como se ela fosse aquele que está sofrendo aqui, — bateu Victor. Voltando-se para Robert, Victor ajudou o irmão a levantar e ir em direcção ao sofá. Robert mal conseguiu isso, as pernas a tremer e, em seguida, cedendo quando ele se sentou. Victor colocou um braço em torno de Robert.

— Você estará bem. Tudo estará bem.

— Será que ficará? — perguntei hesitante. Robert não tinha um aspecto de que estava tudo bem olhar. Meus pensamentos anteriores sobre os usuários espírito salvarem Strigoi continuou crescendo irrealista.

— Ele...ele fez isso antes e se recuperou, certo? E Lissa ficou bem.

— Robert era muito mais jovem, como é Vasilisa, — respondeu Victor, dando tapinhas no ombro de Robert.

— E este não é um feitiço simples. Fazê-lo uma vez é monumental. Duas vezes? Bem, você e eu sabemos como funciona o espírito, e como este efeito se coloca sobre o corpo e a mente. Robert fez um grande sacrifício para você.

Ele tinha, eu supunha.

— Obrigado Robert, — eu disse. As palavras vieram hesitante em meus lábios. Robert parecia não as ter ouvido.

Dimitri levantou-se, levantando Sonya facilmente em seus braços. Ela ainda estava chorando, mas os soluços eram mais calmos agora.

— Ela precisa descansar, — ele disse rispidamente. — Acredite, você não tem ideia do que está acontecendo dentro dela agora.

— Ah, eu acredito em você, — eu disse.

— Vocês são idiotas, — atirou Victor. — Vocês dois.

Foi uma maravilha o pino de brilho de Dimitri não ter colocado Victor no chão.

— Nenhum interrogatório ainda.

Eu balancei minha concordância, não sabendo mais o que fazer. Quando Lissa tinha mudado Dimitri, ela ganhou uma força, semelhante a uma atitude de protecção.

Ele pode não ter sido quem mudou Sonya, mas ele era o único aqui que tinha alguma ideia de como ela estava passando completamente. Eu sabia que ele tinha tido um ajuste duro e que os efeitos iniciais da restauração eram desorientados. Isso não era mesmo tendo em conta a depressão posterior.

Ele passou por todos nós, levando Sonya ao seu quarto. Sydney observou-os ir e, em seguida, olhou para o sofá, onde Victor ainda

tinha seu braço em volta do seu irmão. A Alquimista encontrou meus olhos maravilhados.

— Eu ouvi...mas eu não acredito.

— Às vezes, — eu lhe disse — nem eu. Isso vai contra todas as regras do universo.

Para minha surpresa, ela tocou na pequena cruz de ouro ao pescoço.

— Algumas regras são maiores que o universo.

Victor levantou-se do sofá, aparentemente satisfeito Robert estava descansando. Eu fiquei tensa. Milagres de lado, ele ainda era um criminoso, que eu destinava a captura. Ele deu um passo em minha direcção, lançando sua voz baixa.

— Desculpe interromper Metafísica 101, mas você precisa me escutar, — disse ele. — Tenha cuidado, Rose. Muito cuidado. Muitas dependem de você agora. Não deixe seu lobo de estimação mantê-la de descobrir o que Sonya sabe.

— Mas ele está certo, — eu exclamei. — Já faz cinco minutos! O que ela passou...o que ambos passaram...assim, é tipo uma grande coisa. Mudar de vida literalmente. Ele teve que recuperar e também ajustar a ser salvo. Uma vez que ela o faça, vai no ajudar.

— Você tem certeza? — Ele perguntou, estreitando os olhos.

— Será que ela pensa que foi salva? Você esquece: Belikov transformou-se contra sua vontade. Ela não.

— O-o que você está dizendo? Que ela está indo para tentar se tornar Strigoi novamente?

Ele deu de ombros.

— Eu estou dizendo para obter suas respostas em breve. E não deixá-la sozinha.

Com isso, Victor se virou e foi em direção à cozinha. Ele logo voltou com um copo de água. Robert bebeu sofregamente e depois caiu em um sono pesado. Eu suspirei e inclinei-me contra uma parede perto de Sydney, totalmente desgastado. Eu ainda estaca ferida da luta anterior.

— E agora? — Perguntou Sydney.

Eu balancei minha cabeça. — Eu não sei. Vamos esperar, eu acho.

Dimitri voltou um pouco mais tarde e poupou um pequeno olhar para Robert.

— Ela está dormindo também, — ele me disse. — A transformação... é difícil.

Eu podia ver um olhar assombrado em seus olhos e imaginava o que estava atormentando a memória agora. A memória de ser mudado? A memória de ser Strigoi?

— Eu não acho que devemos deixar Sonya sozinha, — eu disse. Pelo canto do olho, eu vi o sorriso de Victor. — Alguém deveria ficar com ela em caso de ela acordar. Ela não vai saber o que está acontecendo.

Dimitri não respondeu por alguns segundos, enquanto ele me examinava. Ele me conhecia bem o suficiente para sentir que podia haver algo mais sobre minha mente. Felizmente, ele não poderia encontrar uma falha na minha lógica.

— Você tem razão. Você se importa de ficar com ela? — Perguntou a Sydney.

Eu tateava para dizer alguma coisa. Não, não. Não Sydney. Se Sonya voltou para nós, nós precisávamos de alguém de guarda que pudesse revidar. Sydney, provavelmente adivinhando o meu problema, me salvou de mentir para Dimitri ou de lhe dizer a verdade sobre a minha preocupação.

— Ela não me conhece. Pode piorar as coisas, quando ela acordar. Além... — Sydney colocou uma expressão de nojo que destacava nos Alquimistas. — Eu realmente não me sinto confortável com alguém que era um monstro cinco minutos atrás.

— Ela não é Strigoi, — exclamou. — Ela é absolutamente, completamente Moroi novamente! — Até eu me senti um pouco intimidado pela dureza da sua voz, mas eu não estava completamente surpresa com sua reacção veemente. Ele tinha tido um tempo difícil para convencer os outros de que ele tinha mudado. Seu rosto suavizou-se um pouco.

— Eu sei que é difícil de acreditar, mas ela realmente mudou.

— Eu ficarei com ela então, — eu disse.

— Não, não — . Dimitri balançou a cabeça. — Sidney tem razão numa coisa: Sonya pode estar confusa. Melhor para ela se houver alguém que entenda o que é que aconteceu.

Comecei a dizer que eu era a única que Sonya realmente conhecia, mas depois preferi decidir ficar com os irmãos. Eles pareciam inofensivos agora, mas eu não confio neles. Dimitri aparentemente também não. Ele deu alguns passos para frente e inclinou-se, falando apenas centímetros de minha orelha.

— Fique de olho neles, — ele murmurou. — Robert pode estar até agora em baixo, mas pode se recuperar mais cedo do que pensamos.

— Eu sei.

Ele começou a virar, em seguida, olhou para mim. Seu rosto comandante tinha amolecido em algo pensativo e aterrado.

— Rose?

— Sim?

— Isto...foi como quando Lissa me mudou?

— Mais ou menos.

— Eu não percebia... que era... — Esforçou-se por palavras. Foi atípico. — A forma como a luz encheu a sala, a maneira como ela alterou. Vendo a vida emergir da morte...foi...

— Bonito?

Ele balançou a cabeça. — A vida assim... você não — não, você não a pode desperdiçar.

— Não, — eu concordei. — Você não pode.

Eu vi mudar alguma coisa nele, então. Era pequeno, assim como um beco, mas eu sabia que, em seguida, um outro pedaço do trauma Strigoi, tinha sido repelido.

Ele não disse mais nada, e vi como ele andou para baixo do corredor. Com nada mais a fazer, Sydney se sentou com as pernas cruzadas sobre o chão, segurando um livro no colo. Ele estava fechado, seus pensamentos claramente estavam em outro lugar. Enquanto isso, Victor sentou na poltrona e reclinou-se. Ele não aparentava estar tão mal como Robert, mas as linhas de fadiga notava -se nos dois irmãos. Boa. Quanto mais tempo eles estavam fora da comissão, melhor. Eu trouxe uma cadeira da cozinha para que eu pudesse sentar e examinar a sala. Tudo estava calmo.

Eu me senti como uma babá, que suponho que era isso . Tinha sido um longo dia, e a noite cedo transformou as janelas negras. Isso fez com que me preocupasse. Por tudo que eu sabia, Sonya tinha alguns amigos Strigoi que podiam parar. O facto de Donovan conhece-la certamente indicava que ela não era uma pária total entre eles. Isso me fez extra-vigilante, mas, ao mesmo tempo, eu estava exausta. Os irmãos já tinham adormecido. Sydney, talvez em uma tentativa de manter sua agenda humana, finalmente encontrou um cobertor e um travesseiro de sofá e enrolou-se em uma cama improvisada no chão.

E eu? Eu estava a meio caminho entre os horários de humanos e vampiros. Tive a sensação que Dimitri também. Realmente, nós estávamos em uma de-necessario-horário, em que o sono extensivo não era uma opção.

Um zumbido de excitação e espanto, de repente cantou durante a ligação. Eu não senti nenhum perigo ou ameaça, mas a curiosidade me fez decidir dar um check-in em Lissa de qualquer maneira. Mesmo se eu estivesse em sua mente, eu sabia que meu corpo ia ficar atento, e eu queria saber como o resto do teste de Lissa tinha ido.

Maravilhosamente, claro. Ela estava de volta a Corte, exausta, mas orgulhosa de si mesma. Ela não era a única. O resto de seus companheiros usava expressões semelhantes... todos, excepto para Ava Drozdov. Ela tinha sido a única a quebrar e usar o telefone celular para pedir ajuda.

Lissa ficou surpresa que Ava tivesse falhado. Após a sua putaria anterior, Marcus Lazar parecia o mais provável. Mas não, o velho homem conseguiu de alguma forma, significando que ele continuava nos ensaios monarca. Ava se recusou a fazer contacto visual com alguém, em vez olhando friamente para fora da janela enquanto viajavam de volta á Corte. Ela ainda espera um lugar no Conselho, mas sua chance de rainha se foi.

Lissa sentia-se mal por ela, mas não consegui poupar muita preocupação. Foi como um ensaio, a forma como determinavam os melhores candidatos.

Além disso, Lissa tinha suas próprias questões. Ficar fora durante o dia tinha corrido contrário ao horário normal vampírico. Agora, ela simplesmente queria voltar para a Corte, encontrar seu quarto e dormir por algumas horas. Ela queria um pouco de paz.

Em vez disso, ela encontrou uma multidão esperando por ela.

DEZENOVE

AS VANS ESTACIONARAM em uma parte semi-remota da corte, então ver a área cheia de Moroi ansiosos era um choque para Lissa.

Guardiões se moviam entre as pessoas como fantasmas, assim como eles fizeram na sessão de nomeação, mantendo o máximo de ordem possível. A Multidão continuou a entrar a maneira como os furgões tentaram alcançar as garagens olhando pelas janelas, tentando ter um vislumbre dos candidatos reais.

Lissa encarou a massa em choque, quase com medo de sair. Ariana deu a ela um sorriso reconfortante.

— Isso é normal. Todos eles querem conhecer quem faz parte e quem não faz. Eles especialmente querem saber — Ela inclinou sua cabeça para a frente da van. Olhando através dos pára-brisas, Lissa espiou os outros seis candidatos. Por que o curso da floresta só podia acomodar algumas pessoas, o grupo havia se dividido ao meio.

O resto dos candidatos terá o mesmo teste amanhã e sem dúvida curiosos sobre quais competidores passaram hoje.

Lissa estava acostumada com a ordem e decoro entre a realeza, então ela foi surpreendida ao ver tal avidez e frenesi entre eles agora.

E claro, os Moroi comuns que haviam chegado à corte estavam misturados entre a multidão também. Todos estavam empurrando, elevando suas cabeças sob os outros para descobrir o que estava acontecendo. Pessoas estavam gritando o nome de alguns candidatos, e eu estava meio surpresa deles não terem aparecido com musicas e banners.

Lissa e seus companheiros saíram da van e foram encontrados com uma onda de vivas que ondulou pela multidão, e se tornou

meio obvio muito rápido quem havia passado e quem não havia.

Isso deixou a multidão ainda mais alvoroçada. Lissa ficou presa ao chão, encarando ao redor e se sentindo perdida. Era uma total diferença discutir as vantagens de sua candidatura para rainha com seus amigos. Isso era uma questão totalmente diferente, ser empurrada de repente para o que as eleições realmente significavam.

Seu foco estava limitado a poucas coisas: Minha segurança, achar o assassino e sobreviver aos testes. Agora conforme ela olhava a multidão, ela percebeu que as eleições eram maiores que ela, maiores que qualquer coisa que ela podia ter imaginado. Para essas pessoas isso não era uma brincadeira. Isso não era uma farsa para mudar a lei e ganhar tempo. Suas Vidas estavam figurativamente na linha. Moroi e dhampirs viviam dentro de vários países e obedeciam a suas leis, mas eles também obedeciam a esse governo, o único que operava a partir da corte. Chegava ao redor do mundo e afetava todos Dhampirs e Moroi que escolherem ficar em nossa sociedade. Nós tínhamos algum voto, sim, mas o rei ou rainha moldava nossos futuros.

Os guardiões encarregados das multidões deram o OK para os membros das famílias avançarem através das massas e juntar-se aos seus candidatos.

Lissa não tinha ninguém. Ambos, Janine e Eddie — apesar das afirmações anteriores — foram por vezes, por tarefas temporárias, impedidos de estarem com Lissa 24x7, ([Nota 12](#)) e ela certamente não tinha família para ir por ela. À deriva, ela se sentiu tonta em meio ao caos, ainda atordoada pelo seu momento de clareza. Emoções conflitantes guerreando dentro dela.

Enganar todo mundo a fez se sentir indigna, como se devesse retirar sua candidatura imediatamente. Ao mesmo tempo, ela de repente quis ser digna das eleições. Ela queria cabeça erguida e andar para os testes orgulhosamente, mesmo que ela tivesse indo por outros motivos.

Uma mão agarrou forte o final de seu braço. Christian. — Venha, vamos sair daqui. —

Ele a puxou para fora, empurrando através dos espetadores. — Ei, ele chamou um casal de guardiões no canto das multidões. — Uma ajudinha aqui para a princesa? — Foi a primeira vez que eu tinha visto ele atuar como um real, jogando em torno da autoridade de sua linhagem. Para mim, ele era o sarcástico, cínico Christian. Na sociedade Moroi, aos dezoito anos, agora ele pode ser tecnicamente tratado como Senhor Ozero. Eu havia esquecido, os dois guardiões não. Eles correram para o lado de Lissa, ajudando Christian a afastar a multidão. Os rostos ao seu redor eram um borrão, o ruído de um rugido maçante. No entanto, as vezes, algo que vinha até ela. O chamado de seu nome. Declarações sobre o retorno do dragão, que era o símbolo da família Dragomir. Isso é real, ela não parava de pensar. Isso é real.

Os guardiões eficientemente a tiraram disso tudo e a levaram de volta ao edifício da Corte. Eles a liberaram, uma vez que a consideraram segura, e ela gentilmente agradeceu-lhes pela sua ajuda. Quando ela e Christian estava no quarto dela, ela caiu na cama, atordoada.

— Oh meu Deus — Ela disse. Isso é insano.

Christian sorriu. — Qual parte? Sua festa de boas vindas? Ou o teste por si mesmo? Você parece com você apenas... bem, eu não estou realmente certo do que você fez.

Lissa fez um breve levantamento de si mesma. Eles deram-lhe toalhas secas no caminho de volta para casa, mas suas roupas ainda estavam úmidas e enrugadas conforme secavam. Seus sapatos e jeans tinham lama em toda superfície, e ela nem quis pensar sobre como seu cabelo aparentava.

— Sim, nós...

As palavras ficaram presas na sua língua — e não por que de repente ela resolveu não contar a ele.

— Não consigo dizer, — ela sussurrou. — Realmente funcionou. O feitiço não vai me deixar.

— Que feitiço? — Ele perguntou.

Lissa subiu sua manga e retirou a bandagem para mostrar a ele um pontinho tatuado em seu braço. — Isso é um feitiço de compulsão, então eu não posso falar sobre o teste. Como a que os alquimistas tem.

— Wow... — ele disse, realmente impressionado. — Eu nunca realmente pensei que isso funcionasse.

— Eu acho que sim. Isso é realmente esquisito. Eu quero falar sobre isso, mas eu apenas... não posso.

— Está tudo bem — ele disse. Colocando um pouco do seu cabelo molhado para trás. — Você passou. Isso é o que importa. Apenas foque nisso.

— A única coisa que eu quero focar agora é em um banho — o que é algo irônico, considerando como ensopada eu estou. — Ela não se moveu, pensou e ao invés disso encarou a parede distante.

— Hey — disse Christian gentilmente. — O que está errado? — A multidão te assustou?

Ela virou para ele. — Não, esse é o ponto. Quero dizer, eles são intimidadores, sim.

Mas eu apenas percebi... Eu não sei. Eu percebi que eu sou parte de um processo maior, isso acontece desde...

— O início dos tempos? — brincou Christian, citando a declaração absurda de Nathan.

— Recentemente — ela respondeu, com um pequeno sorriso que logo sumiu. — Isso vai além da tradição, Christian. As eleições são uma parte central da nossa sociedade. Impregnada. Nós podemos falar de mudar leis de idade ou lutar ou o que for, mas isso é antigo. E de longo alcance. Essas pessoas lá fora? Não são todas americanas. Elas vieram de outros países.

Eu esqueço as vezes que mesmo que a Corte seja aqui, ela regula os Moroi em todos os lugares. O que acontece aqui afeta todo o mundo

— Onde estamos indo com isso? — ele perguntou. Ela estava perdida em seus próprios pensamentos e não pode ver Christian com a objetividade que eu pude. Ele conhecia Lissa. Ele a entendeu e a amou. Os dois tinham uma sincronia similar a que Dimitri e eu compartilhávamos. Às vezes, no entanto, os pensamentos de Lissa iam em direções que ele não podia adivinhar. Ele nunca admitiu isso, mas eu sabia que parte do por que ele a amava era isso — diferente de mim, que todos sabiam que era impetuosa — Lissa sempre parecia a imagem da calma e racionalidade. Então, ela faz algo totalmente inesperado. Esses momentos o encantaram — mas às vezes o assustavam, pois ele não sabia o quanto era influência do espírito direcionando seus atos. Agora era uma dessas horas. Ele sabia que as eleições estavam estressando ela, e como eu, ele sabia que podia trazer á tona o pior.

— Eu estou levando esses testes a sério — ela disse. Isso é — isso não é vergonhoso. Um insulto a nossa sociedade. Meu único objetivo é descobrir quem armou para a Rose, mas ao mesmo tempo? Eu estou me passando por alguém que realmente quer ser a rainha.

Christian hesitou antes de falar, uma raridade para ele. — Você quer ser a rainha? — Isso agarrou Lissa de seu filosófico sonho sobre tradição e honra.

— Não, é claro que não. Eu Tenho dezoito anos. Eu não posso nem beber ainda.

— Isso nunca te impediu de fazê-lo — ele apontou, se parecendo mais com ele mesmo.

— Eu falo sério! Eu quero ir para a faculdade. Eu quero a Rose de volta. Eu não quero governar a nação Moroi.

Um olhar astuto iluminou os olhos azuis de Christian. — Eu sei, Tia Tasha faz piadas sobre como você pode realmente ser melhor

Rainha do que os outros, exceto às vezes... Eu não acho que ela esteja brincando.

Lissa gemeu e estendeu-se na cama. — Eu a amo, mas nós devemos mantê-la em cheque. Se alguém conseguisse mudar a lei, seria ela e seus amigos ativistas. —

— Bem, não se preocupe — a coisa sobre ela e seus amigos ativistas tem muito protestos, eles costumam ficar atrás da mesma coisa por muito tempo. Christian esticando ao lado dela, puxou-a para perto. — Mas o que vale, é que eu acho que você seria uma grande rainha também, Princesa Dragomir.

— Você vai se sujar — ela avisou.

— Eu já estou. Oh você quer dizer das suas roupas? — Ele passou os braços ao redor dela, indiferente do seu estado úmido e lamacento.

— Eu gastei a maior parte da minha infância me escondendo num sótão empoeirado e exatamente com uma camisa. Você realmente acha que eu ligo para essa camisa?

Ela riu e o beijou, deixando sua mente livre de preocupações por um momento e apenas saboreando a sensação de seus lábios. Considerando, que eles estavam na cama, eu considerei que era minha hora de ir. Após alguns segundos, ela se afastou e suspirou satisfeita.

— Sabe,as vezes eu acho que eu amo você.

— Às vezes? — Ele perguntou em um falso ultraje.

Ela arrepiou seus cabelos. — O tempo todo. Mas eu tenho que manter seus pés nos chão. — Considerando-me conquistada.

Ele aproximou seus lábios dela novamente, mas parou quando uma batida soou na porta. Lissa se afastou do quase-beijo, mas nenhum dos dois quebrou o abraço.

— Não responda — Disse Christian.

Lissa fez uma careta, olhando através da sala de estar. Ela escorregou de seus braços, ficando de pé, e andou até a porta.

Quando estava a alguns passos da porta, ela assentiu com conhecimento de causa. — É o Adrian.

— Mais uma razão para não responder — disse Christian.

Lissa ignorou ele e abriu a porta, e com certeza, meu imprudente namorado estava lá. Por trás de Lissa eu ouvi Christian dizer — Pior momento sempre

Adrian estudou Lissa e então olhou para Christian estirado na cama no lado longe da suíte.

— Hum... — disse Adrian, entrando. — Então isso é o que você está fazendo para resolver seu problema de família. Pequenos Dragomirs. Boa ideia.

Christian sentou-se e caminhou em direção a eles. — Sim, é exatamente isso. Você está interrompendo um negócio oficial do conselho.

Adrian estava vestido casualmente para ele, jeans e uma camiseta preta, que ele fazia parecer feita por um estilista. Na verdade, provavelmente era. Deus, eu sentia sua falta, eu sentia falta de todos.

— O que está havendo? — perguntou Lissa. Enquanto Christian considerava a chegada de Adrian uma ofensa pessoal, Lissa sabia que Adrian não estaria aqui sem uma boa razão — especialmente tão cedo no dia Moroi. Embora ele tivesse seu sorriso preguiçoso normal, havia um brilho entusiasmado e excitado em sua aura. Ele tinha novidades.

— Eu o tenho. — disse Adrian — O tenho preso.

— Quem? — perguntou Lissa, assustada.

— Aquele idiota do Blake Lazar

— O que você quer dizer com preso? — perguntou Christian, tão perplexo quanto Lissa. — Você colocou uma armadilha de urso nas quadras de tennis ou algo assim?

— Eu gostaria. Ele está no Burning Arrow. Eu apenas paguei mais uma rodada, então ele ainda deve estar lá se nos apressarmos. Ele

pensa que eu saí para fumar.

Julgando pelo cheiro de Adrian, Lissa teve a sensação de que ele realmente saiu para fumar um cigarro. E provavelmente compartilhar a rodada.

— Você estava num bar tão cedo?

Adrian se encolheu. — Não é tão cedo para humanos

— Mas você não é...

— Vamos lá prima — A aura de Adrian não havia as cores apagadas de quem estava completamente bêbado, mas sim, ele definitivamente havia tomado algumas bebidas. — Se o belo rapaz Ambrose estiver certo sobre tia Tatiana, então ele pode nos contar os nomes de outras mulheres ciumentas.

— Por que não pergunta você mesmo? — perguntou Christian.

— Por que eu perguntando sobre a vida sexual da minha tia seria doentio e errado. — Disse Adrian. — Assim como Blake ficará mais do que feliz em falar com a nossa charmosa princesa aqui.

Lissa realmente queria sua cama, mas encontrar qualquer coisa que pudesse me ajudar, desencadeou uma nova corrente de energia dentro dela. — OK, me deixe ao menos trocar de roupas e escovar meus cabelos.

Enquanto ela se trocava no banheiro, ela ouviu Adrian dizer a Christian, — Você sabe, sua camiseta do tipo cara sujo. Parece-me que você está se esforçando mais desde que está namorando uma princesa.

Quinze minutos ou um pouco mais, o trio estava a caminho do bar escondido dentro do prédio administrativo da corte. Eu já estive lá e é originalmente um lugar estranho para ter um bar. Mas depois, da minha temporada de arquivamento eu decidi que fizesse esse trabalho para viver eu provavelmente iria querer uma fonte rápida de álcool também.

O bar estava mal iluminado tanto para o humor e conforto Moroi. Brincadeiras de Adrian a parte, era realmente cedo para os Moroi, e

apenas uns dois estavam lá. Adrian fez um pequeno gesto para a garçonete, o qual eu presumo que seja algum tipo de sinal de ordem por que imediatamente a mulher se virou e começou a servir um drink.

— Hey, Ivashkov! Onde você foi?

A voz chamou através de Lissa e os outros, e só depois de uns momentos, ela notou um rapaz solitário sentado no canto da mesa. Enquanto Adrian os aproximava, Lissa notou que era um rapaz jovem — na idade de Adrian — com seu cabelo preto enrolado e brilhantes olhos azul-petroleo, do tipo da gravata recente de Abe. Era como se alguém tivesse tomado as cores deslumbrantes dos olhos de Adrian e Christian e as misturado. Ele tinha um corpo magro e musculoso — em relação ao que um Moroi conseguia ter — e mesmo com um namorado, Lissa pode admirar o quão quente esse cara era.

— Obter uma companhia mais atraente — replicou Adrian, pulando da cadeira.

O Moroi então notou a companhia de Adrian e saltou. Ele pegou a mão de Lissa, inclinou-se, e a beijou. — Princesa Dragomir, é uma honra conhecê-la finalmente. Vê-la a distância é linda, Tão perto? Divina

— Esse — disse Adrian grandiosamente, — É Blake Lazar.

— É um prazer conhece-lo. — ela disse.

Blake sorriu radiante. — Posso chamá-la de Vasilisa?

— Você pode me chamar de Lissa.

— Você pode também, — adicionou Christian, — largar a mão dela agora.

Blake olhou para Christian, levando mais alguns momentos para soltar a mão de Lissa — parecendo bem orgulhoso pelos segundos extras. — Eu já vi você também, Ozero, Crispin, certo?

— Christian. — Corrigiu Lissa.

— Certo — Blake saiu da cadeira, ainda fazendo o tipo cavalheiro acima de tudo. — Por favor, se junte a nós — Ele não fez a oferta para Christian, o qual saiu de seu caminho para se sentar perto de Lissa. — O que você gostaria de beber? É por minha conta.

— Nada. — Disse Lissa

A garçonete apareceu no momento, trazendo o drink de Adrian e outro para Blake. — Nunca é muito cedo. Pergunte a Ivaskov. Você bebe logo que você rola para fora da cama, certo?

— Tenho uma garrafa de Scotch logo em cima da minha cabeceira. — Disse Adrian, ainda mantendo seu tom leve. Lissa abriu seus olhos para ver sua aura. Ainda estava com o brilho dourado que todos os usuários de espírito tinham ainda fraca e borrada pelo álcool. E também tinha tons de vermelho — não realmente irritado — mas definitivamente aborrecido. Lissa relembrou que nem Adrian e nem Ambrose tinham uma boa opinião sobre esse cara.

— Então o que traz você e Christopher aqui? — perguntou Blake. Ele terminou o copo de alguma coisa com cor de âmbar e colocou ao lado da nova bebida.

— Christian. — disse Christian.

— Nós estávamos falando sobre minha tia mais cedo — disse Adrian. Novamente, ele fez soar muito convencional, mas não importava o quanto ele queria limpar meu nome, investigar os detalhes do assassinato de Tatiana o incomodava. O sorriso de Blake diminuiu um pouco. — Que depressivo, para vocês dois. Isso é sobre Hathaway também, ele adicionou para Lissa sozinha. — Eu tenho ouvido o quanto chateada você tem estado. Quem poderia imaginar uma coisa dessas?

Lissa percebeu que ele estava se referindo como ela tem fingido estar irritada e machucada por mim. — Bem — ela disse amargamente. — Eu acho que você apenas não conhece as pessoas. Há um milhão de pistas de antemão, eu apenas não prestei atenção.

— Você deve estar chateado também — disse Christian. — Nós ouvimos falar que você e Tatiana eram bem próximos.

O sorriso de Blake voltou. — Sim nós nos conhecíamos muito bem. Eu vou sentir sua falta. Ela deve ter parecido muito fria para algumas pessoas, mas acredite em mim, ela sabia como ter um tempo proveitoso. — Blake olhou para Adrian. — Você deve saber disso.

— Não do jeito que você sabe. — Adrian pausou para dar um gole de seu drink. Eu acho que ele precisava conter todas as suas observações arrogantes, e honestamente, Eu não o invejo. Eu normalmente admirava seu autocontrole. Se fosse eu no seu lugar, eu teria um Blake perfurado. — Ou Ambrose.

O lindo sorriso de Blake se transformou em uma carranca.

— Ele? Aquele meretriz de sangue? Ele não merecia estar na presença dela. Eu nem consigo acreditar que eles o deixem viver na corte.

— Ele na verdade acha que você matou a rainha. — Lissa então adicionou as pressas. — o que é ridículo quando todas as evidências apontam que Rose fez isso. — Essas não foram exatamente as palavras de Ambrose, mas ele queria saber se ela conseguira alguma reação. Ela conseguiu.

— Ele pensa o que? — Sim, definitivamente sorrindo agora, fora isso, Blake de repente não parecia tão bem como antes. — Aquele bastardo mentiroso! Eu tenho um álibi, e ele sabe. Ele apenas está puto porque ela gostava mais de mim.

— Então por que ela o manteve por perto? Perguntou Christian, parecendo quase angelical. — Você não era o suficiente?

Blake fixou-o com um brilho terminando em um gole seu novo drink. E quase por mágica, a garçonete apareceu com outro.

Blake acenou em agradecimento antes de continuar. — Oh, eu era mais que o suficiente. Mais que o suficiente para uma dúzia de mulheres, mas eu não perdia meu tempo nas laterais como ele fazia.

A expressão de Adrian estava cada vez mais triste a cada menção da vida sexual de Tatiana. Ainda, ele desempenhou seu papel. — Eu suponho que você esteja falando das outras garotas de Ambrose?

— Sim, mas garotas é meio que extremo. Elas eram todas mais velhas, e honestamente, eu acho que elas o pagavam. Não que sua mãe precisasse pagar alguém. — Adicionou Blake. — Quero dizer, ela é realmente gostosa. Mas você sabe ela nunca poderia estar com ele realmente. — Pareceu que todos eles precisavam de um momento para seguir o que Blake estava dizendo. Adrian entendeu primeiro.

— O que você acabou de dizer?

— Oh. — Blake olhou legitimamente surpreso, mas era difícil dizer se estava atuando. — Eu pensei que você soubesse, Sua mãe e Ambrose... bem, quem pode culpa-la? Com seu pai? Apenas entre nós, eu acho que ela poderia ter feito melhor. — O tom de Blake implicava com quem realmente Daniella poderia ter feito melhor.

Na visão de Lissa, a aura de Adrian queimava em vermelho.

— Seu filho da puta — Adrian não era do tipo de brigar, mas sempre há uma primeira vez para tudo. — e Blake apenas atravessou uma linha crítica. — Minha mãe não está traindo meu pai. E mesmo que ela estivesse, é claro que ela não precisaria pagar por isso

Blake não parecia perturbado, mas as coisas poderiam ser diferentes se Adrian realmente tivesse batido nele. Lissa pousou sua mão no braço de Adrian e apertou-o delicadamente.

— Calma — ela sussurrou. Eu senti uma pequena coisa de compulsão calmante passando dela para ele.

Adrian reconheceu imediatamente, retirando seu braço, dando a ela um olhar que dizia que ele não apreciava a sua ajuda.

— Eu pensei que você não gostava de seu pai. — Disse Blake, completamente sem pistas que sua notícia devia ser preocupante. — E além do mais, não coloque toda sua raiva em mim. Eu não estava dormindo com ela. Eu apenas estava dizendo o que eu ouvi. Como eu disse, se você quer sair acusando alguém, vá atrás de alguém como Ambrose. —

Lissa pulou para manter Adrian calado. — Quantas mulheres? Você conhece mais alguém com quem ele estava envolvido?

— Três outras — Blake contou seus nomes em sua mão. — Marta Drozdov e Mirabel Conta. Espere. Essas duas, e contando com Daniella, são três. Mas então são quatro com a nossa rainha. Sim quatro.

Lissa não se preocupou com as habilidades matemáticas defeituosas de Blake, embora isso apoiaria as idiotas reivindicações anteriores de Adrian. Marta Drozdov era uma semi-notoria realista a qual resolveu viajar pelo mundo na sua velhice. Pela estimativa de Lissa Marta mal ficava nos EUA a maior parte do ano, quem dirá na Corte. Ela não parece suspeita o suficiente para assassinar Tatiana. Já Mirabel Conta ... ela era notória em um sentido diferente. Ela era conhecida por ter dormido com metade dos caras da Corte, casados ou não. Lissa não a conhecia bem, mas Mirabel nunca pareceu muito interessada em qualquer um desses caras.

— Dormir com outras mulheres não lhe daria realmente um motivo para matar a rainha — apontou Lissa.

— Não — concordou Blake. — Como eu disse, é óbvio que a garota Hathaway fez isso. — Ele pausou. — Uma droga também, ela era tão quente, Deus, aquele corpo, de qualquer forma, se Ambrose tivesse matado ela, ele teria feito isso por ciúmes de mim, por que Tatiana gostava mais de mim. Não por causa de todas essas outras mulheres que ela saía.

— Por que Ambrose, simplesmente não matou você? — perguntou Christian. — Faz mais sentido — Blake não teve tempo de responder por que Adrian ainda estava no tópico anterior, seus olhos piscando com raiva. — Minha mãe não estava dormindo com ninguém. Ela nem dorme com meu pai.

Blake continuou com seu jeito óbvio. — Hei, eu os vi. Eles estavam um sobre o outro. Eu já mencionei o quão quente sua...

— Pare com isso — avisou Lissa. — Isso não está ajudando.

Adrian agarrou seu copo. — Nada disso está ajudando. — Claramente as coisas não estavam, indo pelo caminho que ele esperava quando ele primeiramente convocou Lissa e Christian do quarto dela. — E eu não vou ficar sendo ouvido essa merda. — Adrian terminou seu drink e saiu da cadeira, virando-se abruptamente para a saída. Ele deixou algum dinheiro no bar e foi para a porta.

— Pobre rapaz. — disse Blake. Ele estava calmo novamente, arrogante. — Ele está passando por muita coisa, sua Tia, sua mãe, e sua namorada assassina. É por isso que no final do dia você não pode confiar em uma mulher — ele piscou para Lissa. — Excluindo a presente companhia, é claro.

Lissa se sentiu tão enjoada quanto Adrian, e olhando rapidamente para Christian podia ver que ele sentia o mesmo. Era hora de ir antes que alguém realmente soque Blake. — Bem, foi ótimo falar com você, mas precisamos ir.

Blake lançou um olhar de cão abandonado. — Mas você acabou de chegar. Eu estava esperando que pudéssemos nos conhecer melhor. — Passou sem ele dizer o que quis dizer com isso. — Oh e Kreskin também.

Christian não se importou em corrigi-lo dessa vez. Ele simplesmente segurou a mãe de Lissa. — Nós temos que ir.

— Sim. — Concordou Lissa.

Blake deu de ombros e acenou para outra bebida. — Bem, qualquer hora que quiser realmente experimentar o mundo, venha me encontrar.

Christian e Lissa seguiram para a porta, com Christian resmungando, — Eu realmente espero que a última parte seja para você não para mim.

— Aquele mundo eu não quero experimentar. — Disse Lissa com uma careta. Eles pisaram para fora, e olharam em volta, no caso de Adrian ter permanecido. Não. Ele se foi, e ela não o culpa. — Eu

posso ver agora por que Ambrose e Adrian não gostam dele. Ele é como um ...

— Canalha. — Forneceu Christian. Eles voltaram para frente do prédio dela.

— Eu suponho que sim.

— O suficiente para cometer um crime?

— Honestamente? Não. — Lissa suspirou. — Eu meio que concordo com Ambrose... Eu não acho que Blake seria inteligente o bastante para cometer um assassinato. Ou o motivo é exatamente isso. Eu não posso dizer se as pessoas estão mentindo ou não por suas auras, mas ele não revelou nada realmente desonesto. Você brincou, mas se alguém fosse cometer um assassinato por ciúme, por que os caras não querem matar um ao outro? Muito mais fácil

— Eles tinham fácil acesso a Tatiana. — Christian a lembrou.

— Eu sei, Mas há sexo e amor envolvido aqui... isso parece mais alguém com ciúmes da rainha. Uma mulher.

Um longo, significativo silêncio pairou entre eles, nenhum deles querendo dizer o que ambos estavam pensando. Finalmente Christian quebrou o silêncio.

— Diz, como, Daniela Ivashkov?

Lissa sacudiu sua cabeça. — Eu não acredito nisso. Ela não parece desse tipo.

— Assassinos nunca parecem ser do tipo. É por isso que nunca suspeitam deles

— Você anda estudando criminologia ou algo assim?

— Não — Eles chegaram a porta da frente do prédio dela, e ele a abriu para Lissa. — Apenas alguns fatos. Nos sabemos que a mãe de Adrian não gostava de Tatiana por razões pessoais. Agora nos descobrimos que elas estavam compartilhando o mesmo cara.

— Ela tem um álibi. — Disse Lissa secamente.

— Todos tem um álibi. — Ele lembrou a ela. — E nós já aprendemos, isso pode ser pago. Em fato Daniella já pagou por um.

— Eu ainda não posso acreditar nisso. Não sem mais provas. Ambrose jurou que isso era mais político que pessoal.

— Ambrose não está fora da lista também.

Eles foram ao quarto de Lissa. — Isso é mais difícil do que eu pensei que seria. — Eles entraram e Christian envolveu seus braços ao redor dela.

— Eu sei. Mas nós faremos isso juntos. Nós iremos descobrir. Mas... nós devemos manter um pouco disso para nós mesmos. Talvez eu esteja exagerando nisso, mas eu acho que será melhor se nós nunca, nunca contarmos a Adrian que a sua mãe tem um excelente motivo para ter matado sua Tia.

— Ah, você acha? — Ela descansou sua cabeça contra o peito dele e bocejou.

— Hora da soneca — disse Christian, levando-a direto para cama.

— Eu ainda preciso de um banho.

— Dormir primeiro, Banho depois. — Ele puxou as cobertas. — Eu irei dormir com você.

— Dormir, ou dormir? — ela perguntou secamente, deslizando gratamente para a cama.

— Realmente dormir. Você precisa disso. — Ele se arrastou para o lado dela, encostando nela e descansando sua face no ombro dela. — É claro que, mais tarde, se você quiser conduzir algum negócio oficial do conselho...

— Eu juro, se você disser pequenos Dragomirs, você pode dormir no hall.

Tenho certeza que tinha uma réplica patenteada de Adrian chegando, mas outra batida o parou. Ele olhou para cima em exasperação. — Não responda, de verdade dessa vez .

Mas Lissa não podia ajudar a si mesma. Ela quebrou seu abraço e se levantou da cama. — Não é o Adrian...

— Então provavelmente não é importante. — Disse Christian.

— Nós não sabemos disso. — Ela se levantou e foi abrir a porta, revelando — minha mãe. Janine Hathaway entrou no quarto tão casualmente como Adrian havia feito, seus olhos se afiaram enquanto ela estudava cada detalhe em volta dela para uma ameaça.

— Desculpe-me eu estava longe. — Ela contou a Lissa. — Eddie e eu gostaríamos de estabelecer um sistema de alternância, mas ambos fomos chamados a serviço mais cedo. — Ela olhou por toda a cama bagunçada, com Christian em cima, mas sendo quem ela era, ela chegou a uma conclusão pragmática e não romântica.

— Bem na hora, eu acho que você gostaria de dormir antes do teste. Não se preocupe — Eu irei vigiar e ter certeza que nada aconteça.

Christian e Lissa trocaram olhares tristes.

— Obrigada. — Disse Lissa.

VINTE

— Você deveria dormir.

Sidney disse com uma voz suave, quase me fez a minha alma pular para fora do meu corpo, provando que mesmo na mente de Lissa, eu poderia ainda ficar em alerta. Eu voltei para a sala escura de Sonya. À parte o susto de Sydney, estava tudo tranquilo e em paz.

— Você se parece com os mortos-vivos, — ela continuou. — E eu não digo que os de ânimo bom.

— Eu tenho que ficar de vigia, — eu disse.

— Eu vou ficar de vigia. Você dorme.

— Você não está treinada como eu, — apontei. — Você pode perder alguma coisa.

— Ainda não perderia um Strigoi batendo a porta, — ela respondeu. — Olha, eu sei que vocês são valentes. Você não tem que me convencer disso. Mas eu tenho uma impressão que as coisas vão ficar mais difíceis, e eu não quero que você desmaie em algum momento crucial. Se você dormir agora, você pode substituir Dimitri mais tarde para aliviá-lo.

Só a menção de Dimitri me fez ceder. Teríamos necessidade de substituir um ao outro eventualmente. Assim, com relutância, eu me arrastei para a cama de Sydney no chão, dando-lhe todos os tipos de instruções que eu acho que a fez revirar os olhos. Adormeci quase que instantaneamente e depois acordei rapidamente quando ouvi o som de uma porta se fechando.

Eu imediatamente me sentei, esperando ver algum Strigoi arrebatando a porta. Em vez disso, eu encontrei a luz solar se arrastando através das janelas e Sydney me olhando com diversão.

Na sala de estar, Robert estava sentado no sofá, esfregando os olhos. Victor se foi. Eu me virei para Sydney em alarme.

— Ele está no banheiro, — ela disse, antecipando-se à minha pergunta.

Esse foi o som que ouvi. Eu respirei e me levantei, surpresa de como algumas horas de sono tinha me excitado. Se eu tivesse me alimentado, estaria pronta para qualquer coisa. Sonya não tinha nada, é claro, mas me contentei com um copo de água na cozinha. Enquanto eu estava lá bebendo, notei o que os irmãos Dashkov tinham feito em casa: casacos pendurados nos ganchos, as chaves do carro no balcão. Eu silenciosamente agarrei as chaves e chamei Sydney.

Ela veio, e eu entreguei-lhe as chaves, tentando não deixá-las fazer barulho.

— Você ainda conhece sobre carros? — Murmurei.

Em um aspecto fino, ela me disse que era uma questão ridícula e ofensiva.

— Ok. Você pode ir fazer uma corrida até o supermercado? Nós vamos precisar de alimento. E talvez no seu caminho, você pode, hum, se certificar de que o carro deles tenha algum problema no motor ou algo assim? Qualquer coisa que o mantenha aqui. Mas não faça algo óbvio, como esvaziar os pneus.

Ela colocou as chaves no bolso. — Fácil. Tenho alguma lista de alimentos?

Eu pensei sobre isso. — Algo com açúcar. E café para Dimitri.

— Café é um detalhe, — ela disse.

Victor entrou na cozinha, a sua expressão tipicamente desinteressada me fez pensar que não haviam me ouvido instruindo Sydney para sabotar seu carro. — Sidney vai comprar alimentos, — eu disse, esperando distraí-lo antes que ele observasse a falta de chaves. — Necessita de alguma coisa?

— Um alimentador seria bom, mas tirando isso, Robert tem um gosto especial por Cheerios. Tipo maçã com canela. — Sorriu a Sydney. — Eu nunca pensei que veria o dia em que um Alquimista seria uma garota de recados. É encantador.

Sydney abriu a boca, sem dúvida, para fazer algum comentário mordaz, e eu balancei minha cabeça rapidamente.

— Basta ir, — eu disse.

Ela foi, e Victor voltou logo para o lado de Robert. Convencida de que os irmãos iriam para nenhum lugar em pleno dia, sem carro, eu decidi que era hora de verificar Dimitri. Para minha surpresa, Sonya estava acordada. Ela estava sentada com as pernas cruzadas na cama com ele, e os dois falavam em voz baixa. Seu cabelo estava desganhado do sono e da luta, mas por outro lado, ela não apresentava cortes ou contusões da batalha. Dimitri ficou o mesmo depois de sua mudança, se salvando das terríveis queimaduras. O poder de restauração dos Strigoi curava todas lesões. Entre as minhas pernas esfoladas e a pseudo-concussão, eu meio que queria que alguém me transformasse em um Strigoi.

Sonya se virou quando entrei. Uma sequência de emoções passou por seu rosto. Medo. Espanto. Reconhecimento.

— Rose? — Havia hesitação na palavra, como se ela me perguntasse se eu era uma alucinação.

Forcei um sorriso. — É bom ver você de novo. — Optei por não acrescentar, agora que você não está tentando sugar a vida para fora de mim.

Ela desviou os olhos para baixo para suas mãos, estudando os dedos como se fosse mágico e maravilhoso.

Claro que, depois de ser monstro, talvez com suas velhas mãos de volta era realmente maravilhoso. No dia depois de sua mudança, Dimitri não parecia tão frágil, mas ele estava certamente em estado de choque. Sua depressão tinha crescido também. Era ela? Ou ela queria virar Strigoi novamente, como Victor sugeriu?

Eu não sabia o que dizer. Era tudo tão estranho e embaraçoso. — Sydney foi comprar alimentos, eu disse a Dimitri sem jeito. — Ela também ficou acordada para que eu pudesse dormir na noite passada.

— Eu sei, — ele disse com um pequeno sorriso. — Levantei-me uma vez para verificar você.

Senti-me ruborizando, de algum modo envergonhada que eu tinha sido flagrada na fraqueza. — Você pode descansar também, — eu disse a ele. — Tome café da manhã, e depois eu vou manter um olho em tudo. Eu tenho autoridade para dizer que o carro de Victor vai estar com problemas. Também que Robert realmente gosta de Cheerios, por isso, se você quiser alguma coisa, você estará sem sorte. Ele não se parece com o tipo que partilha.

O sorriso de Dimitri cresceu. Sonya subitamente ergueu a cabeça.

— Tem outro usuário de espírito aqui, — ela disse, com voz desesperada. — Eu posso sentir isso. Lembro-me dele. — Ela olhou para Dimitri e eu. — Isso não é seguro. Não estamos seguros. Vocês não deveriam ficar perto de nós.

— Está tudo bem, — disse Dimitri, a voz tão, tão gentil. Esse tom era raro para ele, mas já tinha o ouvido antes. Ele tinha usado comigo em alguns dos meus momentos mais desesperados. — Não se preocupe.

Sonya abanou a cabeça. — Não. Você não entende. Nós... somos capazes de coisas terríveis. Para nós mesmos, e para os outros. Isso é o porque de eu ter me transformado, para deter a loucura. E assim foi, exceto que... isto foi pior. Neste caminho. As coisas que eu fiz...

Lá estava ele, o mesmo remorso que Dimitri sentia. Meio com medo ele ia começar a dizer que não havia redenção para ela também, então eu disse: — Aquela não era você. Você foi controlada por outra coisa.

Ela escondeu o rosto nas mãos. — Mas eu escolhi. Eu. Eu fiz isso acontecer.

— Isso foi o espírito, — eu disse. — Sua dificuldade para lutar. Como você disse, ele pode fazer você fazer coisas terríveis. Você pensava claramente. Lissa batalha com a mesma coisa o tempo todo.

— Vasilisa? — Sonya levantou os olhos e olhou para o nada. Acho que ela estava vasculhando memórias. Na verdade, apesar de suas divagações, agora eu não acreditava que ela não era tão instável como foi antes de se tornar Strigoi. Tínhamos ouvido que a cura poderia ajudar a controlar a loucura de espírito, e eu acho que com a transformação Robert tinha atenuado um pouco da escuridão dentro dela por agora.

— Sim, claro. Vasilisa tem também. — Ela se virou para mim em pânico. — Você quis ajudá-la? Você quis tirá-la de lá?

— Eu tirei, — eu disse, tentando imitar a gentileza de Dimitri. Lissa e eu fugimos de St. Vladimir por um tempo, em parte por causa das advertências de Sonya. — Saímos e, em seguida, voltamos e, uh, fomos capazes de parar o que estava no seu encaixe. — Eu não acho que era uma boa ideia para a Sonya sei que a coisa — ou melhor, a pessoa — que estava caçando Lissa estava agora sentada lá fora na sala. Dei um passo a frente. — E você pode ajudar Lissa também. Precisamos saber se...

— Não, — disse Dimitri. Não era gentil o aviso no olhar que ele me deu. — Ainda não.

— Mas...

— Ainda não.

— Eu atirei-lhe um olhar em troca, mas não disse mais nada. Eu estava dando para Sonya seu tempo de recuperação, mas nós não temos para sempre. O relógio ia passando, e nós tínhamos que descobrir o que Sonya sabia. Eu me senti como Dimitri teria sido capaz de nos dar essa informação imediatamente depois que ele tinha mudado de volta. Claro, ele não tinha sido previamente instável, assim ele tinha tido um tipo de espaço. Ainda. Nós não poderíamos folgar na casa em Kentucky para sempre.

— Posso ver as minhas flores? — Pediu Sonya. — Posso ir lá fora e ver as minhas flores?

Dimitri e eu trocamos olhares. — É claro, — disse ele.

Todos nós fomos até a porta, quando eu tive que perguntar. — Por que você fez crescer flores quando você era. . . ?

Ela fez uma pausa. — Eu sempre fiz flores crescer.

— Eu sei. Eu me lembro. Elas eram lindas. As daqui são lindas demais. É por isso... Quero dizer, você queria apenas um bonito jardim, mesmo como uma Strigoi?

A pergunta era inesperada e parecia deixá-la em devaneios. Eu estava prestes a desistir de uma resposta quando ela finalmente disse: — Não. Eu nunca pensei muito em beleza. Elas foram... Eu não sei. Algo a ver com a ideia de que eu sempre fiz flores crescerem. Eu tinha que ver se eu ainda podia. Era como... um teste de minhas habilidades, eu acho.

Eu entendi o olhar de Dimitri novamente. Então. Beleza não havia sido parte de seu mundo. Era exatamente como eu disse a ele. Strigoi eram notoriamente arrogantes, e parecia que as flores tinham sido simplesmente um show de talento. Cultivá-las também tinha sido um hábito familiar para ela, e lembrei-me como Dimitri tinha lido romances de faroeste enquanto era Strigoi. Ser Strigoi pode custar a alguém o seu sentido de bondade e moralidade, mas velhos comportamentos e hobbies permanecem.

Nós a levamos para a sala, interrompendo uma conversa entre Victor e Robert. Sonya e Robert, ambos congelaram, medindo um ao outro. Victor deu-nos um dos seus sorrisos.

— Sem delongas. Já descobrimos o que precisamos?

Dimitri lhe lançou um olhar semelhante ao que eu tinha recebido quando perguntei sobre os interrogatórios. — Ainda não.

Sonya arrastou o olhar de Robert e moveu-se rapidamente em direção à porta do pátio, parando quando ela viu o nosso malfeito concerto. — Vocês quebraram minha porta, — ela disse.

— Danos colaterais, — eu disse. Na minha visão periférica, eu acho que Dimitri revirou os olhos.

Não precisando de qualquer orientação nossa, Sonya abriu a porta e saiu. Com um suspiro, ela parou e olhou para cima.

O céu estava em um azul perfeito, sem nuvens, o sol se tinha cruzado o horizonte agora, iluminando tudo como ouro. Eu fui lá fora também, sentindo mais o calor do que luz na minha pele. A frieza da noite demorou para ir, mas poderia prever um dia quente de sol.

Todo mundo saiu também, mas Sonya estava alheio a isso. Ela levantou as mãos para cima, como se talvez ela pudesse agarrar o sol e envolvê-lo em seus braços.

— Lindo, — eu reiterei. Por alguma razão, me senti feliz e triste.

Ela deu a volta ao quintal dela, examinando todas as plantas e flores. Ela tocou nas pétalas e inalou a sua fragrância.

— Tão diferente... — Repetia ela para si mesma. — Tão diferentes ao sol... — Alguma especial chamou sua atenção. — Estas não abrem à noite! Você vê isso? Você vê as cores? Você pode cheirar isso?

As perguntas pareciam não ser para ninguém em particular. Nós assistíamos, todos nós meio hipnotizados. Por fim, ela se estabeleceu na cadeira do pátio, olhando ao redor feliz, perdida em sobrecarga sensorial — com a beleza que tinha sido negado a ela como um Strigoi. Quando se tornou óbvio que ela não sairia por um tempo, virei-me para Dimitri e repeti o conselho de Sydney sobre ele tirar um tempo para descansar, enquanto nós esperaríamos Sonya se recuperar. Para minha surpresa, ele concordou.

— Isso é inteligente. Depois que Sonya for capaz de falar, precisamos de nos mover. — Sorriu. — Sidney se transformou em um mestre de batalha.

— Ei, ela não está no comando aqui, — eu provoquei. — Ela é apenas um soldado.

— Certo. — Levemente ele roçou os dedos na minha bochecha.
— Desculpe, Capitão.

— General, — eu corriji, recuperando meu fôlego do toque breve.

Ele deu um tipo de adeus a Sonya antes de desaparecer dentro de casa. Ela concordou, mas eu não sei se ela realmente ouviu. Victor e Robert trouxeram duas cadeiras de madeira da cozinha e colocaram-nas á sombra. Eu escolhi um lugar no chão. Ninguém falou. Não era a coisa mais estranha que eu já tinha experimentado, mas era certamente estranho.

Sydney voltou mais tarde com mantimentos, e eu abandonei brevemente o grupo para verificar com ela. As chaves de Victor estavam deitados ao contrário, que eu tomei como um bom sinal. Sydney descarregou uma variedade de alimentos e me entregou uma caixa com uma dúzia de donuts.

— Espero que isso seja suficiente para você, — ela observou.

Eu fiz uma careta para sua presunção, mas tomei as rosquinhas de qualquer maneira.

— Vem para fora quando você acabar, — eu disse a ela. — É como um barbecue dos condenados. Excepto... não há nenhuma grelha.

Ela parecia confusa, mas quando ela se juntou a nós mais tarde, ela pareceu entender o que eu tinha dito. Robert trouxe uma tigela de Cheerios, mas nem Sydney nem Victor comiam. Eu dei um donut a Sonya, a primeira coisa que tirou a atenção do seu quintal. Ela o segurou nas mãos, e girou-o mais e mais.

— Eu não sei se posso. Eu não sei se posso comê-lo.

— Claro que você pode. — Recordei como Dimitri também havia considerado incerta a ingestão de alimentos. — É de chocolate-acetinado. Boa coisa.

Ela deu uma espécie de pequena mordida. Ela mastigou um bilhão de vezes e finalmente engoliu. Ela fechou os olhos por um

instante e suspirou.

— Que doçura. — Lentamente, ela continuou dando mais mordidas minúsculas. Levou uma eternidade para ela chegar á metade do Donut, e naquele ponto, ela finalmente parou. Eu tinha engolido três donuts até lá, e minha impaciência para realizar alguma coisa foi crescendo. Parte dela era a minha irritabilidade de espírito, e outra parte dele foi apenas a minha inquietação contínua para ajudar Lissa.

— Sonya, — eu disse agradavelmente, com plena consciência de como Dimitri ia ficar puto comigo por ter desafiado as suas instruções. — Queríamos falar contigo sobre algo.

— Hm-hmm, — disse ela, olhando para as abelhas pairando em torno de algumas madressilvas.

— Existe um parente seu... alguém que, hum, teve um bebé há algum tempo...?

— Claro, — ela disse. Uma das abelhas voou da madressilva para uma rosa, e ela nunca desviou o olhar. — Muitos.

— Article Rosemarie, — comentou Victor. — Deduza mais.

Eu mordi meu lábio, sabendo que uma explosão iria perturbar Sonya. E provavelmente Robert também.

— Este seria um bebé segredo, — eu disse a ela. — E você foi a beneficiária de cuidar duma conta bancária do bebé... uma conta paga por Eric Dragomir.

Sonya lançou a cabeça contra mim, e não havia nenhuma distração sonhadora em seus olhos azuis agora. Alguns segundos se passaram antes de ela falar. Sua voz era fria e dura, não a voz de um Strigoi, mas definitivamente um back- off.

— Não. Eu não sei nada sobre isso.

— Ela está mentindo, — disse Robert.

— Eu não preciso de poderes para descobrir isso, — zombou Sydney.

Ignorei os dois.

— Sonya, nós sabemos que você sabe, e é realmente importante, encontramos o bebê... ah, criança. Pessoa.

Nós tínhamos feito suposições sobre a idade, mas não estávamos 100 por cento certos.

— Você disse que estava preocupada com Lissa anteriormente. Isso irá ajudá-la. Ela precisa saber. Ela precisa saber que tem outro membro da família.

Sonya voltou sua atenção para as abelhas, mas eu sabia que ela já não estava a observá-las.

— Eu não sei nada. — Havia um tremor em sua voz, e algo me dizia que talvez eu não devia ter puxado isso afinal. Eu não poderia dizer se ela estava com medo ou em iminência de raiva.

— Então por que você estava na conta? — Isto veio de Victor.

— Eu não sei nada, — ela repetiu. A voz dela poderia ter feito formar gelo nas árvores. — Nada.

— Pare de mentir, — bateu Victor. — Você sabe algo, e você vai nos dizer.

— Ei! — eu exclamei. — Fique quieto. Você não tem direito de interrogação aqui.

— Você não parecia estar fazendo um trabalho muito bom.

— Só cale a boca, ok? — Olhei para Sonya, e substitui meu brilho com um sorriso.

— Por favor, — eu implorei. — Lissa está em apuros. Isso irá ajudá-la. Eu pensei que você disse antes que queria ajudá-la?

— Eu prometi... — Sonya disse. Sua voz era tão baixo, eu mal podia ouvi-la.

— Prometeu o quê? — perguntei. Paciência, paciência. Tinha que manter a calma. Eu não poderia arriscar um colapso.

Ela apertou os olhos fechados e passou as mãos pelos cabelos com violência, quase como uma criança prestes a fazer uma birra. —

Não contar. Prometi não contar a ninguém...

Eu tinha vontade de agarrar nela e sacudi-la. Paciência, paciência. Eu repeti para mim. Não a chateie.

— Nós não estaríamos a pedir para quebrar a promessa se não fosse importante. Talvez... talvez você possa entrar em contacto com essa pessoa... — A quem ela tinha prometido? A amante de Eric?

— E vê se não tem problema você nos contar?

— Ah pelo amor de Deus, — disse Victor irritado. — Isso é ridículo e não vamos nenhum a lugar. — Ele olhou para o irmão. — Robert?

Robert não haviam feito muito até hoje, mas ao comando de Victor, Robert se inclinou para frente.

— Sonya?

Ainda assim, obviamente perturbada, ela se virou para olhar para ele... e seu rosto ficou imóvel.

— Diga-nos o que precisamos saber, — disse Robert. Sua voz era uma espécie de suavidade e embaladora, com um toque levemente sinistro.

— Diga quem e onde esta criança está. Diga-nos quem é a mãe.

Desta vez, eu saltei para os meus pés. Robert estava usando compulsão sobre ela para obter as respostas. Os olhos de Sonya estavam fixados nele, mas seu corpo começou a tremer. Seus lábios se separaram, mas nenhum som saiu. Um emaranhado de pensamentos rodopiavam em minha mente. Compulsão nos levaria ao que precisávamos saber, mas algo me dizia, não era certo.

Sonya me impediu de mais reflexão. Ela atirou-se quase tão rápida como eu. Ela ainda estava olhando para Robert, mas já não da forma paralisada e hipnotizada. Ela tinha quebrado a compulsão, e agora... agora ela estava fudida. Os recursos que haviam sido assustados e frágeis, anteriormente, estavam cheios de fúria. Eu não tinha sentido mágico, mas depois de estar com Lissa, eu conhecia espírito furioso quando o via.

Sonya era uma bomba prestes a explodir.

— Como você se atreve... — Sibilou ela. — Como você se atreve a tentar obrigar-me?

Plantas e vinhas perto de Robert de repente ganharam vida, crescendo a alturas impossíveis. Eles chegaram para fora, enrolando-se em torno das pernas da cadeira dele, e puxou. A cadeira tombou, Robert junto com ela. Victor moveu-se para ajudar seu irmão, mas Robert já estava a tomar a matéria com suas próprias mãos. Recuperando-se notavelmente rápido, ele estreitou os olhos a Sonya, e ela saiu voando para trás, batendo contra o muro de madeira. Usuários de Ar poderiam fazer este truque algumas vezes, mas não era Ar que a estava empurrando. Esta foi telécinese, habilidade de Espírito. Ele aparentemente possuía-os fora dos sonhos também. Adorável.

Eu tinha visto usuários de espírito em batalha antes, quando Avery Lazar e Lissa tinham lutado um a um. Que não havia sido bonito, particularmente desde que era mais fenômenos psíquicos exteriores que tinham ocorrido. Avery tinha realmente escavado a mente de Lissa — e a minha. Eu não sabia as habilidades de Robert ou Sonya num conjunto completo, mas isto não acabaria bem.

— Dimitri! — Gritei, saltando na direção de Sonya. Eu não sei exactamente o que eu ia fazer, mas abordar ela parecia um bom plano.

Pelo que eu tinha observado, muito do espírito envolvido tinha contacto visual com o alvo. E com certeza, quando eu consegui coloca-la para o chão, ela lutou com desleixo, mas a maioria foi para manter seu olhar sobre Robert. Ele gritou de súbito alarme, olhando para seu próprio corpo com terror. Sonya estava plantando visões em sua cabeça. Sua expressão endureceu. Ele tinha que saber que era uma ilusão, e poucos momentos depois, ele olhou para cima, tendo quebrado o seu feitiço como ela tinha quebrado sua compulsão anteriormente.

Dimitri veio correndo para a porta naquele momento, assim como Robert usou sua mente para lançar uma das cadeiras na direção de

Sonya. Claro, eu estava em cima dela, a cadeira me bateu nas costas. Dimitri apanhou muito rapidamente o que estava acontecendo e correu para Robert, tentar a mesma tática que eu. Victor, pensando possivelmente seu irmão estava em perigo físico, tentou distanciar Dimitri, o que era inútil. Mais vinhas começaram a chegar a Robert, e eu percebi que aprisionar Sonya não era tão útil.

— Leva-o para dentro! — Gritei para Dimitri. — Pegue-o para longe dela!

Dimitri já tinha adivinhado e começou a arrastar Robert para a porta. Mesmo com interferência de Victor, a força de Dimitri foi suficiente para por Robert fora de lá e de volta para casa. Assim que seu alvo se foi, toda a energia parecia sumir de Sonya. Ela não fez mais esforços para lutar contra mim e desabou no chão. Fiquei aliviada, depois de ter temido que ela se vira-se a mim uma vez que Robert tinha ido embora. Timidamente, ainda em guarda, eu ajudei Sonya a sentar-se. Ela encostou-se a mim fraca, como uma boneca de pano, e chorou em meu ombro.

Outro colapso.

Depois disso, era uma questão de controle de danos. A fim de manter os usuários espírito distante, Dimitri tinha levado Robert para o quarto e deixou Victor com ele. Robert parecia tão desgastado como Sonya e Dimitri considerou os irmãos seguros o suficiente para os deixar sozinhos. Sonya se lançou no sofá, e depois de tanto eu e Dimitri tentar acalmá-la, nos afastamos enquanto Sidney pegou na mão da mulher Moroi.

Faço uma breve recapitulada do que tinha acontecido. O rosto de Dimitri foi ficando mais e mais incrédulo quanto eu.

— Eu disse-te que não era o momento! — Exclamou. — O que você estava pensando? Ela está muito fraca!

— Você chama isso de fraca? E hey, eu estava indo muito bem! Não foi até Victor e Robert se envolverem que as coisas foram para o inferno.

Dimitri deu um passo em direção a mim, a raiva irradiava fora dele. — Eles nunca deveriam ter se envolvido. Isto é você, agindo irracional, novamente, pulando loucamente sem pensar nas consequências.

Ultraje passou por mim em troca.

— Ei, eu estava tentando fazer progressos nesta área. Se ser racional é estar sentado ao redor e fazendo terapia, então eu estou feliz por saltar sobre a borda. Eu não tenho medo de entrar em jogo.

— Você não tem ideia do que você está dizendo, — ele rosnou. Nós estávamos mais perto agora, dificilmente havia qualquer espaço deixado entre nós, como estamos enredados em nossa batalha de vontades. — Isto pode ter-nos feito retroceder.

— Este rumo leva-nos para a frente. Descobrimos que ela sabe sobre Eric Dragomir. O problema é que ela prometeu não contar a ninguém sobre o bebê.

— Sim, eu prometi, — saltou Sonya. Dimitri e eu nos viramos como um só, percebendo que nossa discussão era totalmente visível e audível para Sonya e Sydney.

— Eu prometi. — Sua voz era muito pequena e fraca, articulado com a gente.

Sydney apertou a mão dela.

— Nós sabemos. Não tem problema. Não tem problema cumprir as promessas. Eu entendo.

Sonya olhou para ela com gratidão. — Obrigado. Obrigado.

— Mas, — disse Sydney com cuidado. — Ouvi dizer que você se preocupa com Lissa Dragomir.

— Eu não posso, — interrompeu Sonya, ficando com medo novamente.

— Eu sei, eu sei. Mas e se houvesse uma maneira de ajudá-la sem quebrar a sua promessa?

Sonya olhou para Sydney. Dimitri olhou para mim interrogativamente. Dei de ombros e olhei para Sydney também. Se alguém tivesse perguntado quem poderia ter a melhor intervenção com uma mulher louca, que tinha sido anteriormente um monstro morto-vivo, Sydney Sage teria sido a minha última hipótese.

Sonya franziu a testa, toda a atenção em Sydney.

— O... O que você quer dizer?

— Bem... o que você prometeu exactamente? Não dizer a ninguém que Eric Dragomir tinha uma amante e um bebé?

Sonya assentiu.

— E para não dizer quem eram?

Sonya assentiu com a cabeça novamente.

Sydney deu a Sonya o mais caloroso, sorriso amigável que eu jamais tinha visto na Alquimista.

— Você promete não contar a ninguém onde estão? — Sonya assentiu, e o sorriso de Sidney vacilou um pouco. Então, seus olhos se iluminaram.

— Você prometeu não levar alguém para onde eles estão?

Sonya hesitou, sem dúvida, transformando cada palavra em sua mente. Lentamente, ela balançou a cabeça.

— Não.

— Então...você poderia nos levar a eles. Mas não nos dizer onde elas realmente estão. Você não estaria quebrando a promessa de nenhuma maneira.

Isto foi a mais complicada, ridícula pedaço de lógica que eu tinha ouvido até ali. Foi a coisa que eu teria que por no alto.

— Talvez... — Sonya disse, ainda incerta.

— Você não ia quebrar a promessa, — repetia Sydney. — E realmente iria ajudar a Lissa.

Eu dei um passo à frente. — Ajudaria Mikhail também.

A boca de Sonya caiu aberta com a menção de seu ex-amante.
— Mikhail? Você o conhece?

— Ele é meu amigo. Ele é amigo de Lissa também. — Eu quase disse que se encontrássemos o Dragomir em falta, nós poderíamos então levar Sonya a Mikhail.

Lembrando dos sentimentos de indignidade de Dimitri, eu decidi evitar a tática agora. Eu não sei como Sonya reagiria a uma reunião com seu amado.

— E ele quer ajudar a Lissa. Mas ele não pode. Nenhum de nós pode. Nós não temos informação suficiente.

— Mikhail... — Sonya olhou para suas mãos novamente, pequenas lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Você não vai quebrar sua promessa. — Sydney foi tão convincente que ela poderia ter sido uma usuária de espírito. — Apenas nos levar. É o que Mikhail e Lissa desejam. É a coisa certa a fazer .

Eu não sei que argumento convenceu mais Sonya. Poderia ter sido a parte sobre o Mikhail. Ou poderia ter sido a ideia de fazer a coisa certa. Talvez, como Dimitri, Sonya queria a redenção para seus crimes Strigoi e viu isso como uma oportunidade. Olhando para cima, ela engoliu e encontrou os meus olhos.

— Eu vou leva-los lá. — Ela sussurrou.

— Estamos indo em outra viagem, — declarou Sydney. — Preparem-se.

Dimitri e eu ainda estávamos de pé um ao lado do outro, a raiva entre nós começava a ser difundida. Sydney olhou orgulhosa e continuou a tentar o seu melhor para acalmar Sonya.

Dimitri olhou para mim com um pequeno sorriso que mudou um pouco quando ele pareceu ter consciência de quão perto estávamos. Eu não poderia dizer com certeza, no entanto. Seu rosto estava um pouco distante. Quanto a mim, eu estava muito consciente da nossa proximidade e senti-me embriagada pelo seu corpo e perfume.

Maldição. Por que lutar com ele sempre aumenta a minha atracção por ele? Seu sorriso voltou quando ele inclinou a cabeça em direcção a Sydney.

— Você estava errada. Ela realmente é o novo general na cidade.

Eu sorri de volta, esperando que ele não estivesse consciente da minha reacção de nossos corpos tão perto.

— Talvez. Mas, não tem problema. Você ainda pode ser coronel.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Oh? Será que você vai se rebaixar a si mesma? Coronéis são logo abaixo do general. O que é que faz de você?

Enfiei a mão no bolso e as chaves do CR-V piscaram triunfante, eu tinha roubado quando tínhamos voltado para dentro.

— O motorista. — Eu disse.

VINTE E UM

EU NEM CHEGUEI A DIRIGIR.

Sydney também não, para sua indignação, apesar de que Dimitri fez algumas observações rápidas para explicar o porquê. Tudo começou quando Victor descobriu que seu carro estava com problemas no motor. Ele não estava muito feliz com isso mas também não fez nenhuma acusação. Mas acho que todos lá, inclusive Sonya e Robert poderiam adivinhar que o problema não era coincidência. Isso significava que todos tinham que se amontoar no CR-V, que não havia sido projetado para acomodar tantas pessoas, foi por isso que Dimitri traçou um plano de lugares bem criativo. Evidentemente um desses lugares acabou sendo no espaço do bagageiro. Foi de bom tamanho, mas quando Sydney descobriu que era o assento dela, ela acusou Dimitri de adicionar insulto ao ato de tomar as suas chaves.

Eu não ia dizer isso a ela, mas colocá-la lá atrás foi uma boa escolha. O mapa de assentos do Dimitri foi configurado para minimizar as ameaças dentro do carro. Dimitri dirigia, a espingarda ia com Robert, e eu entre Victor e Sonya no banco traseiro. Isso colocava um guardião em cada linha, separava os irmãos, e mantinha usuários de espírito separados também. Quando argumentei que ele e eu poderíamos trocar os pontos e ainda manter a mesma segurança.

Dimitri disse que eu dirigindo não iria ser seguro caso eu tivesse que de repente entrar na mente de Lissa. Foi uma argumentação justa.

Quanto a Sydney... bem ela não era nem uma ameaça, nem uma força de combate, então ela foi posta nos fundos. E por falar em peso morto.

— Temos que nos livrar de Victor e Robert agora — eu murmurei para Dimitri que carregava o CR-V com mantimentos e nossas bagagens — reduzindo ainda mais o espaço de Sydney, para sua indignação.

— Eles deram o que precisávamos. Mantê-los é perigoso. É hora de os entregar aos Guardiões. — Os irmãos queriam continuar conosco para encontrar o irmão de Lissa. Nós íamos deixá-los — mas não por generosidade — Nós simplesmente não poderíamos deixá-los fora de nossas vistas.

— Aprovado — disse Dimitri, franzindo ligeiramente a testa. — Mas não há nenhuma boa maneira para fazê-lo. Ainda não. Nós não podemos deixá-los amarrados na beira da estrada, eu não poderia deixar com que eles fugissem e pedissem carona. Também não posso transformar eles em um de nós, por razões óbvias

Eu joguei um saco dentro do carro e me encostei no pára-choques. — Sydney poderia transformar eles — assentiu Dimitri. — Isso é provavelmente a nossa melhor aposta, mas não quero a participação dela até chegarmos onde quer que nós vamos.

— Nós podemos precisar de ajuda

Eu suspirei. — E assim nós os arrastamos junto

— Temo que sim — disse ele. Ele me deu um olhar desconfiado. — Você sabe que enquanto eles estão sob custódia, há uma chance muito boa deles terem um história para contar sobre nós para as autoridades.

— Sim — Estive pensando sobre isso também. Acho que isso é um problema para mais tarde. Tenho que lidar com os problemas imediatos em primeiro lugar

Para minha surpresa Dimitri sorriu para mim. Eu esperava algum comentário, prudente, sábio. — Bem essa sempre foi nossa estratégia, não foi? — perguntou ele.

Eu sorri de volta, mas foi por uma curta duração, uma vez que estávamos pegando a estrada. Felizmente Victor não estava com seu costume chato de ficar falando, o que suspeitei ser porque ele

estava fraco por falta de sangue. Sonya e Robert deveriam estar sentindo a mesma coisa. Isso seria um problema se nós não encontrássemos um alimentador em breve, o que não sei como faríamos.

Tive a impressão que Sydney não tinha percebido nada disso, o que era bom. Ser um humana no meio de um grupo de vampiros me deixa nervosa.

Ela na verdade estava mais segura de todos estando sequestrada no bagageiro. As direções de Sonya eram vagas e muito necessárias. Ela só nos deu informação de curto prazo e muitas vezes nos avisava de uma curva só quando estávamos em cima dela. Não tínhamos ideias de onde iríamos ou quanto tempo isso levaria. Ela fuçou em um mapa e em seguida disse I-75. Quando perguntei quanto tempo levaria nossa viagem sua resposta foi: — Não muito, poucas horas. Talvez mais.

E com essa explicação misteriosa, ela se encostou na cadeira e não disse nada. Havia uma expressão pensativa e assombrada em seu rosto, tentei imaginar como ela se sentia.

Apenas um dia atrás que deixou de ser Strigoi. Ela ainda estava processando os acontecimentos? Ela vê os rostos de suas vítimas como Dimitri? Estaria se atormentando com a culpa? Ela quer voltar a ser Strigoi?

Deixei ela sozinha. Agora não era momento para terapia. Eu fui para trás me preparando para ser paciente. Um arrepio de consciência, de repente acendeu o vínculo, deslocando a minha atenção para dentro. Lissa estava acordada. Eu pisquei o olho e olhei para o relógio do painel. Tarde para os humanos. Os Moroí da Corte devem estar dormindo até agora. Mas ela não, algo tinha a despertado. Dois Guardiões estavam em sua porta, os rostos impassíveis. — Você tem que vir conosco — disse um deles. — É hora do próximo teste.

Lissa ficou assombrada. Ela sabia que o próximo teste seria em breve, mas não havia ouvido mais detalhes desde o retorno do teste de resistência. A viagem ocorreu durante a noite Moroí. Ela pelo

menos teve um aviso justo. Eddie ficou próximo ao seu quarto tendo substituído minha mãe como a proteção de Lissa a algumas horas atrás. Christian sentou-se na cama de Lissa bocejando. Eles não pegaram quente e pesado, mas Lissa gostava de ter ele por perto. Aconchegada com o namorado, enquanto Eddie estava na sala não parecia tão estranho como quando minha mãe estava lá. Eu não a culpo

— Eu posso me trocar? — Lissa perguntou.

— Seja rápida — disse o Guardião

Ela pegou a primeira roupa que pode e correu para o banheiro, sentindo-se confusa e nervosa. Quando ela saiu Christian já tinha colocado a calça e estava pegando a camiseta.

Eddie por enquanto avaliando os Guardiões, eu pude adivinhar seus pensamentos, porque eu teria compartilhado os mesmos. Essa chamada de despertar parecia oficial, mas ele não conhecia esses Guardiões e nem confiava neles.

— Posso acompanhar ela? — perguntou ele.

— Somente ao longo da área de testes — disse o segundo guardião

— E quanto a mim? — perguntou Christian.

— Somente ao longo da área de testes.

A resposta do Guardião me surpreendeu, mas depois percebi o quão comum era os candidatos a monarca irem com comitivas para os testes — mesmo os inesperados ao longo da noite. Ou talvez não tão inesperado. A área da Corte estava praticamente deserta, mas quando o grupo dela chegou ao seu destino - uma pequena e afastada seção de um edifício de tijolos vermelhos — ela teve de passar por vários grupos de Moroi alinhados nos corredores. Aparentemente, a palavra tinha saído.

Aqueles que estavam reunidos se afastaram respeitosamente. Alguns, provavelmente advogados das outras famílias, lhe fizeram cara feia. Mas muitas outras pessoas sorriram para ela e chamaram

de retorno dos Dragomir. Alguns até esfregaram as mãos em seus braços como se estivessem pegando sorte ou poder dela. A multidão era bem menor do que aquela que a cumprimentou após o primeiro teste. Isso melhorou a sua ansiedade, mas ela decidiu não tomar conclusões precipitadas e encarar seriamente os testes. Os rostos dos espectadores brilhavam com espanto e curiosidade, querendo saber se ela pode ser a próxima pessoa a governá-los.

Uma porta no fim do corredor marcou a conclusão de sua jornada. Não foi nem necessário dizer para Eddie e Christian que esse era o máximo que poderiam ir. Lissa olhou para os dois sobre os ombros antes de seguir o Guardião que estava lá dentro, levando o conforto e as faces de apoio de seus entes queridos.

Depois da aventura épica do primeiro teste, Lissa esperava algo igualmente intimidador. Mas o que ela encontrou foi uma velha Moroi sentada confortavelmente em uma cadeira em uma ala quase vazia. Suas mãos estavam cruzadas no colo, segurando algo que estava embrulhado em um pano.

A mulher cantarolava, parecendo muito contente. E quando digo velha quero dizer muito velha. Os Moroi poderiam viver perto de cem anos e aquela mulher definitivamente ultrapassou aquela marca.

Sua pele pálida era um labirinto de rugas, cabelos grisalhos e finos. Ela sorriu quando viu Lissa e acenou para uma cadeira vazia. Uma pequena mesa estava ao lado com uma jarra d'água. Os Guardiões deixaram a mulher sozinha. Lissa olhou ao seu redor. Não haviam outros móveis, embora houvesse uma porta no lado oposto da que ela entrou. Ela se sentou e virou para a mulher.

— Olá — disse Lissa. Tentando manter sua voz forte. Eu sou Vasilisa Dragomir.

A mulher deu um pequeno sorriso mostrando seus dentes amarelados. Um de seus dentes estava faltando. — Sempre boas maneiras na sua família — ela resmungou.

— A maioria das pessoas vem aqui e já começam falando de negócios. Mas me lembro de seu avô. Ele também foi educado durante o teste

— Você conheceu meu avô? — Lissa exclamou. Ele morreu quando ela era muito, muito jovem. Então ela pegou um outro significado nas palavras da mulher. — Ele concorreu para Rei?

A mulher assentiu com a cabeça. Passou em todos os testes. Acho que teria vencido a eleição se não tivesse se retirado no último momento. Depois foi um lance de moedas entre Tatiana Ivashkov e Tarus Jacob. Muito perto aquele. Tarus ainda guarda rancor.

Lissa nunca tinha ouvido nada disso. — Porque meu avô se retirou?

— Como seu irmão tinha acabado de nascer. Frederick decidiu que precisava dedicar a sua energia a sua jovem família em vez da nação.

Lissa conseguia entender isso. Quantos Dragomirs estavam lá naquela época? Seu avô, seu pai, André e sua mãe, mas apenas por casamento. Eric Dragomir não tinha irmãos ou irmãs. Lissa sabia pouco sobre seu avô, mas em seu lugar, ela decidiu que também teria gasto bastante tempo com seu filho e neto, ao invés de ouvir os discursos intermináveis que Tatiana tinha tido que lidar.

A mente de Lissa vagueou, e a mulher observava atentamente.

— Esse ... é o teste? — Perguntou Lissa, uma vez que o silêncio ficou muito longo. — É, tipo, uma entrevista?

A velha balançou a cabeça. — Não, não é

Ela desembrolhou o objeto em seu colo. Era um copo, um cálice ou uma taça, eu não tinha certeza qual. Mas era bonito, feito de prata e parecia brilhar com luz própria. Rubis vermelho sangue foram espalhados ao longo dos lados brilhando em cada volta do copo.

A mulher parecia afeiçãoada.

— Mais de mil anos e ainda brilha. — Ela pegou a jarra e encheu o cálice com água, enquanto Lissa e eu processávamos as palavras. Mil anos? Eu não era especialista em metal, mas mesmo eu sabia que a prata deveria ter manchado com o tempo.

A mulher estendeu o copo para Lissa. — Beba dele, e quando quiser parar, diga pare

Lissa pegou o copo, mais confusa do que nunca com as estranhas instruções. O que ela deveria parar? De beber? Assim que seus dedos tocaram o metal ela entendeu. Bem, mais ou menos. Um arrepio que ela conhecia bem percorreu seu corpo.

— Isso é encantado — disse ela.

A mulher balançou a cabeça — Infundido com todos os quatro elementos e uma magia há muito tempo esquecida — Encantado também com o espírito, pensou Lissa. Isso também deve ter sido esquecido e colocado de lado. Elementos encantados tem diferentes efeitos. Encantamentos da Terra — como a tatuagem que foi dada a ela — muitas vezes eram amarrados com magia da compulsão menores. A combinação de todos em uma estaca ou ward ([Nota 13](#)) resulta em uma explosão unificada de vida que bloqueia os mortos vivos. Mas o espírito bem, ela estava aprendendo rapidamente que os encantamentos de espírito abrangem uma vasta gama de efeitos imprevisíveis.

A água, sem dúvida ativou a magia, mas Lissa tinha a sensação de que o espírito era a peça chave. Mesmo que fosse o poder que queimava em seu sangue, isso ainda a assustava. A magia composta nesse cálice era complexa, muito além de suas habilidades, e ela temia o que ele faria. A mulher olhou sem pestanejar.

O mundo desapareceu, se materializando em algo completamente diferente. Nós reconhecemos o que era aquilo. Um sonho de espírito. Ela já não estava mais na sala. Estava ao ar livre, o vento chicoteando o seu longo cabelo na gente do rosto. Ela o afastou de lado o melhor que podia. Outras pessoas estavam ao seu redor, todas elas de preto, e ela logo reconheceu a igreja e o

cemitério da Corte. Lissa se vestia de preto junto a um casaco de lã para se proteger contra o frio. Eles estavam reunidos em volta de um túmulo, o padre ficou perto dele, suas vestes de trabalho oferecendo a única cor naquele dia cinzento. Lissa deu uns passos adiante, tentando ver de quem era o nome que estava na lápide. O que ela descobriu me chocou mais do que chocou ela:

ROSEMARIE HATHAWAY

Meu nome foi escrito no granito com letras elaboradas. Abaixo do meu nome havia uma estrela da batalha significando que matei mais Strigoi do que se podia contar. Abaixo haviam três linhas de texto em Russo, Romeno e Inglês. Eu não preciso da tradução em Inglês para saber cada linha porque esse era o padrão para uma sepultura de Guardião: Serviço Eterno.

O padre falou palavras habituais de funerais, me dando as bênçãos de uma religião que não tinha certeza se acreditava. Isso foi o menos estranho aqui já que eu estava vendo meu próprio funeral. Quando ele terminou Alberta tomou seu lugar. Louvar as realizações do falecido era normal em um funeral de Guardião, e Alberta tinha muito a dizer sobre mim. Se eu estivesse lá, eu teria chorado.

Ela concluiu descrevendo minha última batalha, como eu morri defendendo a Lissa.

Isso na verdade não me assustou tanto. Tipo, não me entenda errado. Tudo acontecendo nesse sonho era completamente louco. Mas, razoavelmente falando, se eu estivesse mesmo assistindo meu próprio funeral, faria sentido que tivesse morrido protegendo a Lissa.

Lissa não achava o mesmo que eu. Essas notícias foram um tapa em sua cara. De repente ela ficou com um súbito vazío em seu peito, como se uma parte dela tivesse ido embora. O laço só funcionava de um lado, ainda que Robert tenha jurado que perder seu parceiro de laço tenha deixado ele em agonia. Lissa entendia isso agora, aquela dor terrível e solitária. Ela estava perdendo algo que ela nem sabia que tinha. Lágrimas surgiram em seus olhos.

Isso é um sonho, ela disse para ela mesma. Isso é tudo. Mas ela nunca tece um sonho de espírito como esse. Suas experiências tinham sido sempre com Adrian, e os sonhos tinham sido parecidos com telefonemas.

Quando as pessoas dispersaram do cemitério, ela sentiu uma mão em seu ombro. Christian. Ela se jogou gratamente em seus braços, tentando muito segurar seus soluços. Ele parecia real e sólido. Seguro. — Como isso aconteceu? — ela perguntou. — Como isso pode ter acontecido?

Christian a soltou, seus olhos de um azul cristal mais sérios e tristes como ela nunca tinha visto. — Você sabe como. Aqueles Strigoi estavam tentando matar você. Ela se sacrificou para salvar você.

Lissa não conseguia se lembrar disso, mas não importava. — Eu não posso... eu não posso acreditar que isso esteja acontecendo. — Aquele agonizante vazio crescendo dentro dela.

— Eu tenho mais péssimas notícias. — disse Christian.

Ela o encarou com espanto. — Como isso pode ficar pior?

— Estou indo embora.

— Indo... o que? Da Corte?

— Sim. Deixando tudo. — a tristeza no rosto dele cresceu. — Deixando você.

Sua mandíbula caiu um pouco. — Qual... qual o problema? O que foi que eu fiz?

— Nada. — ele apertou a mão dela e a largou. — Eu amo você. Sempre irei amar você. Mas você é quem você é. Você é a última Dragomir. Sempre vai haver algo que você tenha que fazer... eu só fico no seu caminho. Você precisa refazer sua família. Eu não sou quem você precisa.

— É claro que você é! Você é o único! O único que eu quero construir meu futuro junto.

— Você diz isso agora, mas espere. Há escolhas melhores. Você ouviu a piada do Adrian. Pequenos Dragomirs? Quando você estiver pronta para crianças daqui a alguns anos, você vai precisar de um monte. Os Dragomir precisam ser muitos e sólidos de novo. E eu? Eu não sou responsável o suficiente para lidar com isso.

— Você será um ótimo pai. — ela argumentou.

— Yeah, — ele zombou. — E eu vou ser uma grande posse para você também — a princesa casada com o cara da Família de Strigoi.

— Eu não ligo para nada disso, e você sabe! — ela puxou sua camisa, o forçando a olhar para ela. Eu amo você. Quero que você faça parte da minha família. Nada disso faz sentido. Você está com medo? É isso? Você está com medo do peso do nome da minha família?

Ele desviou seus olhos. — Vamos só dizer que não é um nome fácil de se carregar.

Ela o chocalhou. — Eu não acredito em você! Você não tem medo de nada! Você nunca desistiu!

— Estou desistindo agora. — Ele gentilmente saiu de perto de dela. — Eu realmente amo você. É por isso que estou fazendo isso. É para o melhor.

— Mas você não pode... — Lissa apontou para meu túmulo, mas ele já estava indo embora. — Você não pode! Ela se foi. Se você se for também, não haverá ninguém...

Mas Christian tinha ido embora, desaparecendo numa névoa que não estava lá há alguns minutos. Lissa tinha sido deixada somente com minha lápide para fazer companhia. E pela primeira vez em sua vida, ela estava real e verdadeiramente sozinha. Ela tinha sido deixada sozinha quando sua família morreu, mas eu tinha sido sua âncora, sempre em suas costas, a protegendo. Quando Christian tinha vindo, ele também tinha mandado a solidão para longe, enchendo seu coração com amor.

Mas agora... agora nós dois tínhamos ido embora. Sua família tinha ido. O buraco dentro dela ameaçando a engolir, e era mais do

que a perda do laço. Ficar sozinha é uma terrível, terrível coisa. Não há ninguém para te socorrer, ninguém para se confiar, ninguém que se importa com o que acontece com você. Ela tinha estado sozinha na floresta, mas não era nada como isso. Realmente nada a ver.

Olhando em volta, ela desejou afundar no meu tumulto, e acabar com seu tormento. Não... espere. Ela realmente podia acabar com isso. Diga 'pare', tinha dito a mulher. Era só isso que precisava para acabar com essa dor. Isso era um sonho de espírito, certo? Verdade, esse era mais o mais realístico que ela já tinha enfrentado, mas no final, todos os sonhos acabavam. Uma palavra, e isso se tornaria um pesadelo que acabaria.

Olhando em volta da Corte agora vazia, ela quase disse a palavra. Mas... ela queria acabar com isso? Ela prometeu passar por essas provas. Ela iria desistir por causa de um sonho? Um sonho sobre estar sozinha? Isso parecia uma coisa pequena, mas essa verdade gelada a atingiu o rosto: Eu nunca estive sozinha. Ela não sabia se podia se virar sozinha, mas então, ela percebeu que se isso não fosse um sonho - e, Santo Deus, parecia real - não uma magia que — parasse — a vida. Se ela não pudesse lidar com a solidão num sonho, era nunca seria capaz de o fazer na vida real. E por mais que isso a assustasse, ela decidiu que não daria para trás nisso. Alguma coisa a impeliu pela névoa, e ela andou entre ela - sozinha.

A névoa deveria ter a levado para o jardim da Igreja. Em vez disso, o mundo se re-materializou a ela se encontrou numa sessão do Conselho. Era uma aberta, com uma audiência Moroi assistindo. Diferente do usual, ela não estava sentada com a audiência. Ela estava na mesa do Conselho, com suas treze cadeiras. Ela estava sentada na carteira dos Dragomirs. A cadeira do meio, a cadeira do Monarca, estava ocupada pela Ariana Szelsky. Definitivamente um sonho, alguma parte irónica dela pensou. Ela tinha um lugar no Conselho e Ariana era a Rainha. Bom demais para ser verdade.

Como sempre, o Conselho estava num acalorado debate, e o tópico era familiar: o decreto da idade. Alguns membros do Conselho

disseram que era imoral. Outros diziam que a ameaça Strigoi era muito grande. Tempos desesperados pediam ações desesperadas, aquelas pessoas diziam.

Ariana olhou para baixo na mesa para Lissa. — O que a família Dragomir pensa? — Ariana não estava sendo tão gentil quanto foi na van nem tão hostil quanto Tatiana tinha sido. Ariana era neutra, uma Rainha administrando um Conselho e pegando a informação de que precisava. Todos os olhos na sala se viraram e pararam em Lissa.

Por alguma razão, toda ideia coerente saiu de sua mente. Sua língua parecia densa em sua boca. O que ela achava? Qual era sua opinião sobre o decreto da idade? Ela desesperadamente tentava desenterrar uma resposta.

— Eu... eu acho que é ruim.

Lee Szelsky, que deve ter pego o lugar da família quando Ariana se tornou rainha, bufou em desgosto. — Você poderia explicar, princesa?

Lissa engoliu em seco. — Diminuir a idade dos guardiões não é um jeito de nos proteger. Precisamos... precisamos aprender a nos proteger, também.

As palavras dela foram recebidas com mais desdém e choque.

— Por favor diga, — disse Howard Zeklos, — como você planeja fazer isso? Qual é sua proposta? Treino obrigatório para todas as idades? Começar um programa nas escolas?

Novamente Lissa procurou pelas palavras. Qual era o plano? Ela e Tasha tinham discutido isso muitas vezes, fazendo estratégias sobre esse problema de como implementar o treino. Tasha tinha praticamente grudado esses detalhes na cabeça dela na esperança de que Lissa pudesse se fazer ouvir. Cá estava ela agora, representando sua família no Conselho, com a chance de mudar as coisas e melhorar a vida Moroi. Tudo o que ela tinha que fazer era se explicar. Tantos estavam contando com ela, tantos estavam esperando para ouvir essas palavras pelas quais ela se sentia tão passional. Mas quais eram elas? Por que Lissa não podia se lembrar?

Ela deveria ter demorado muito para responder porque Howard levantou sua mão em desgosto.

— Eu sabia. Nós fomos idiotas em deixar essa garotinha participar desse Conselho. Ela não tem nada de útil a oferecer. Os Dragomirs se foram. Eles morreram com ela, e precisamos aceitar isso.

Eles morreram com ela. A pressão de ser a última de sua linhagem tem pesado sobre Lisa desde o momento em que o doutor disse que seus pais e irmão tinham morrido. A última de uma linhagem que tinha dado mais poder aos Moroi e produzido alguns dos maiores reis e rainhas. Ela tinha jurado a si mesma de novo e de novo que ela não desapontaria sua linhagem, que ela veria o orgulho de sua família recuperado. E agora isso estava indo à baixo.

Até mesmo Ariana, de quem Lissa considerava ter apoio, parecia desapontada. A audiência começou a zombar, ecoando o chamado de remover esta chamada criança do Conselho. Eles gritaram para ela se retirar. O pior, ainda: — O dragão está morto! O dragão está morto!

Lissa quase tentou fazer outro discurso, mas estão algo a fez olhar para trás. Ali, os selos das doze famílias estavam pendurados. Um homem apareceu do nada e estava tirando o elmo do dragão e a inscrição da Roménia. O coração da Lissa afundou enquanto os gritos na sala se tornavam mais altos e sua humilhação aumentava. Ela se levantou, querendo correr dali e se esconder da desgraça. Ao invés disso, seus pés a levaram para a parede com os selos. Com mais força do que ela esperava ter, ela arrancou o selo do dragão do homem.

— Não — Ela gritou. Virou seu olhar para a audiência e segurou o selo, desafiando qualquer um deles a ir e tirá-lo dela ou negar seu lugar de direito no Conselho. — Isso. É. Meu. Vocês me ouviram? Isso é meu!

Ela nunca saberia se eles ouviram porque eles sumiram, assim como o cemitério. O silêncio caiu. Ela agora estava sentada em uma das salas para exames na St. Vladimir. Os detalhes familiares eram

estranhamente reconfortantes: a mesa com seu sabonete laranja de mãos, armários e gavetas nitidamente marcados, e até mesmo os postes com informativos de saúde nas paredes. ESTUDANTES: PRATIQUEM SEXO SEGURO!

Igualmente bem-vinda era a médica residente da escola: Dr^a Olendzki. A doutora não estava sozinha. Ao redor de Lissa — que estava sentada na ponta da cama de exame — estava uma terapeuta chamada Deidre e... eu. Vendo-me ali era bem excêntrico, mas depois do funeral, eu estava começando a aceitar tudo isso.

Um surpreso misto de sentimentos passou pelo rosto de Lissa, sentimentos fora de seu controle. Felicidade por nos ver. Desespero pela vida. Confusão. Desconfiança. Ela não parecia poder se prender a um único sentimento ou pensamento. Era um sentimento muito diferente do Conselho, quando ela apenas não pôde se explicar. Sua mente estava ordenada — ela apenas se perdeu. Ali, não havia nenhuma pista. Ela estava uma bagunça mental.

— Você entende? — perguntou Dr^a Olendzki. Lissa suspeitou que a doutora já havia feito essa pergunta. — Está além do que podemos controlar. Medicação já não funciona.

— Acredite em mim, nós te queremos se ferindo. Mas agora que outros estão correndo risco... bem, você entende porque nós temos que fazer algo. — Essa era Deidre. Eu sempre pensei nela como uma convencida, particularmente desde que seu método terapêutico envolvia responder perguntas com perguntas. Não havia humor astuto agora. Deidre estava muito séria.

Nenhuma daquelas palavras fez sentido para Lissa, mas a parte de não se machucar acordou algo nela. Ela olhou para seus braços. Eles estavam descobertos... e cobertos de cortes. Os cortes que ela costumava fazer quando a pressão do espírito ficava muito grande. Eles haviam sido sua única saída, um horrível tipo de libertação. Estudando-os agora, Lissa viu que os cortes eram maiores e mais fundos do que antes. Os tipos de cortes que combinavam com suicídio.

— Quem... quem eu machuquei?

— Você não se lembra? — perguntou Dr. Olendxki.

Lissa negou com a cabeça, parecendo completamente desesperada, procurando por respostas. Seu olhar caiu em mim, e meu rosto estava tão escuro e sombrio quanto o de Deirdre. — Está tudo bem, Liss, — eu disse. — Tudo vai ficar bem.

Não estava surpresa com isso. Naturalmente, isso era tudo o que eu diria. Eu sempre tranquilizaria Lissa. Eu sempre tomaria conta dela.

— Não importa, — disse Deirdre, a voz suave e verdadeira. — O que importa é que ninguém mais se machuque. Você não quer machucar alguém, quer?

É claro que Lissa não queria, mas sua mente estava confusa. — Não fale comigo como se eu fosse uma criança! — A altura de sua voz preencheu a sala.

— Eu não tive a intenção, — disse Deirdre, a modelo de paciência. — Nós só queremos te ajudar. Queremos que fique segura.

Paranóia cresceu e ficou em primeiro lugar nas emoções de Lissa. Nenhum lugar era seguro. Ela estava certa sobre isso... e nada mais. Exceto talvez alto sobre um sonho. Um sonho, um sonho...

— Eles serão capazes e cuidar de você em Tarasov, — explicou Dr^a Olendzki. — Eles vão se assegurar de que você está confortável.

— Tarasov? — Lissa e eu falamos em uníssono. Essa outra Rose cerrou os punhos e encarou. Novamente, uma reação típica de mim.

— Ela não vai para aquele lugar, — rosnou Rose.

— Você acha que queremos fazer isso? — perguntou Deirdre. Era a primeira vez que vi sua máscara fria desmoronar. — Não queremos. Mas o espírito... o que está fazendo... não temos escolha...

Imagens de nossa viagem à Tarasov passou pela mente de Lissa. Os corredores tão frios. Os gemidos. As pequenas celas. Ela se

lembrou de ver a ala psiquiátrica, a seção em que os outros usuários de espírito eram trancados. Trancados indefinidamente.

— Não! — ela gritou, pulando da mesa. — Não me mande para Tarasov! — ela procurou ao redor por uma saída. A mulher ficou entre ela e a porta. Lissa não podia correr. Que mágica ela poderia usar? Certamente havia algo. Sua mente tocou o espírito, enquanto ela procurava por um feitiço.

A outra-Rose segurou sua mão, provavelmente porque sentiu o espírito e queria pará-la. — Existe outro meio, — meu alter-ego disse a Deirdre e D^a. Olendzki. — Eu posso tirar isso dela. Posso tirar tudo isso dela, como Anna fez com St. Vladimir. Eu posso tirar a escuridão e instabilidade. Lissa ficará sã novamente.

Todos olharam para mim. Bem, para o outro eu.

— Mas então estará em você, certo? — perguntou Dr. Olendzki. — Não vai desaparecer.

— Não ligo, — eu disse teimosamente. — Irei para Tarasov. Não a mandem. Posso fazer isso enquanto ela precisar.

Lissa me assistia, mal acreditando no que ouvia. Seus pensamentos caóticos se tornaram alegres. Eba! Saída. Ela não ficaria louca. Ela não iria para Tarasov. Então, em algum lugar na confusão de suas memórias...

— Anna se suicidou, — murmurou Lissa. Sua compreensão da realidade ainda era tênua, mas aquele pensamento sóbrio foi o bastante para momentaneamente acalmar sua mente acelerada. — Ela ficou louca por ajudar St. Vladimir.

Meu outro eu se recusou a olhar para Lissa. — É apenas uma história. Tomarei conta de escuridão. Mande-me.

Lissa não sabia o que fazer ou falar. Ela não queria ir para Tarasov. Aquele prisão lhe dava pesadelos. E cá estava eu, oferecendo-a um saída, oferecendo-me para salvar sua vida como sempre. Lissa queria aquilo. Ela queria ser salva. Ela não queria ficar louca como todos os outros usuários de espírito. Se ela aceitasse a oferta, seria livre.

Ainda... na beira do sim ou não, ela ligava muito pra mim. Eu tinha feito muitos sacrifícios por ela. Como ela poderia me deixar fazer isso? Que tipo de amiga ela seria, condenando-me àquela vida? Tarasov assustava a Lissa. Uma vida numa jaula assustava Lissa. Mas eu encarando aquilo a assustava ainda mais.

Não havia bons resultados aqui. Ela queria que tudo pudesse simplesmente ir embora. Talvez se ela apenas fechasse os olhos... espera. Ela se lembrou novamente. O sonho. Ela estava num sonho de espírito. Tudo o que ela precisava era acordar.

Dizer — Pare.

Foi mais fácil dessa vez. Dizer aquela palavra foi uma saída simples, a solução perfeita. Nada de Tarasov para nenhuma de nós, certo? Então, ela sentiu uma leve pressão em sua mente, um silêncio daqueles sentimentos caóticos. Seus olhos se ampliaram quando ela percebeu que eu já tinha começado a sugar a escuridão. — Pare — foi esquecido.

— Não! — Espírito queimava dentro dela, e ela colocou uma parede no laço, bloqueando-me dela.

— O que você está fazendo? — meu outro eu perguntou.

— Salvando você, — disse Lissa. — Salvando a mim mesma. — Ela se virou para Dr^a Olendzki e Deirdre. — Eu entendo o que vocês têm que fazer. Está tudo bem. Levem-me para Tarasov. Levem-me para onde eu não for machucar mais alguém. — Tarasov. Um lugar onde verdadeiros pesadelos andavam nos corredores. Ela se abraçou enquanto o escritório sumia, pronta para a próxima parte do sonho: uma fria cela de pedra, com correntes nas paredes e pessoas gemendo nos corredores...

Mas quanto o mundo se recompôs, não havia mais Tarasov. Havia uma sala vazia com uma velha e um cálice prateado. Lissa olhou ao seu redor. Seu coração estava acelerado, e seu senso de tempo não estava funcionando. As coisas que ela viu duraram uma eternidade. Ainda, simultaneamente, parecia que apenas alguns

segundos tinham se passado desde que ela e a velha tinham conversado.

— O que... o que foi isso? — perguntou Lissa. Sua boca estava seca, e a água soava boa agora... mas o cálice estava vazio.

— Seu medo, — disse a velha, olhos brilhando. — Todos os seus medos, ordenadamente dispostos em uma fileira.

Lissa colocou o cálice na mesa com as mãos tremendo. — Foi terrível. Era o espírito, mas... mas não era como qualquer outra coisa que eu tenha visto antes. Invadiu minha mente. Foi tão real. Houve momentos em que achei que fosse real.

— Mas você não parou.

Lissa franziu o cenho, pensando em quão perto ela tinha ido. — Não.

A velha sorriu e nada disse.

— Eu... terminei? — perguntou Lissa, confusa. — Posso ir?

A velha assentiu. Lissa ficou de pé e olhou entre as duas portas, a que ela entrou e a comum no fundo. Ainda em choque, Lissa automaticamente se virou na direção da porta pela qual ela entrou. Ela realmente não queria ver aquelas pessoas alinhadas no corredor novamente, mas jurou que colocaria uma expressão de boa princesa. Além do mais, havia apenas uma fração aqui comparada ao grupo que a cumprimentou no último teste. Seus passos eram hesitantes quem a velha falou novamente e apontou para o fundo da sala.

— Não. Essa é para os que falham. Você vai por essa porta.

Lissa se virou e se aproximou da porta comum. Parecia que levava ao ar livre, o que provavelmente era bom. Paz e silêncio. Ela sentiu como se devesse dizer algo para sua companhia, mas não sabia o quê. Então, ela simplesmente girou a maçaneta e andou para fora...

Para a multidão que torcia pelo dragão.

VINTE E DOIS

VOCÊ É TERRIVELMENTE FELIZ.

Eu pisquei e encontrei o olhar de Sonya em mim. O CR-V e o alongamento suave da I-75 zumbiam em torno de nós, o exterior revelava pouco, exceto as árvores e planícies do centro-oeste. Sonya não parecia tão assustada e louca como ela tinha sido na volta a escola e em sua casa. Principalmente, ela ainda parecia dispersa e confusa, o que já era de se esperar. Hesitei antes de responder, mas finalmente decidi que não havia mais motivos para esperar.

— Lissa passou em seu segundo teste para monarca

— É claro que ela passou — disse Victor. Ele estava olhando para a janela para longe de mim. O tom de sua voz sugeriu que eu apenas o fiz perder seu tempo por dizer algo que já era certo.

— Ela está bem? — perguntou Dimitri — Ferida?

Um dia isso teria causado ciúmes em mim. Agora era apenas um sinal da preocupação por Lissa que dividíamos.

— Ela esta bem — eu disse, imaginando se isso era inteiramente verdade. Mas depois do que ela viu .. bem, aquilo teve que deixar cicatrizes de um tipo diferente. A porta dos fundos havia sido uma surpresa também. Quando ela viu uma pequena multidão pela primeira porta, achava que isso significava que apenas algumas pessoas foram até tarde para ver os candidatos. Não. Todos que estavam esperavam o retorno para ver os vencedores. Fiel a sua promessa, Lissa não ia deixar de cumpri-la. Ela saiu de cabeça erguida sorrindo para os curiosos e fãs como se ela já tivesse ganho a coroa.

Eu estava ficando com sono, mas o triunfo de Lissa me fez ficar sorrindo por muito tempo. Havia algo cansativo sobre um trecho interminável e desconhecido da rodovia. Victor tinha fechado os

olhos e estava encostado no vidro. Sydney, quando virei para verifica-la ou ela tinha decidido tirar uma soneca ou estava apenas deitada. Eu bocejei, imaginando se seria um risco dormir. Dimitri tinha me incentivado quando saímos da casa de Sonya, sabendo que eu poderia utilizar mais do que o par de horas que Sydney havia me dado.

Eu derrubei minha cabeça no encosto e fechei os olhos caindo no sono instantaneamente. A escuridão do sono foi dando lugar a sensação de um sonho de espírito e meu coração pulou de pânico e alegria. Depois de viver no meio dos testes de Lissa, sonhos de espírito de repente se transformaram em uma ideia sinistra. Ao mesmo tempo, essa poderia a chance de ver Adrian. E... era.

Só que aparecemos em um lugar totalmente inesperado: o jardim de Sonya. Olhei com espanto para o céu azul claro e as flores brilhantes, vendo Adrian no processo. Ele vestia um suéter de caxemira verde-escuro fazendo ele se misturar na paisagem. Para mim, ele estava muito mais bonito que as outras maravilhas do jardim.

— Adrian

Corri até ele, e ele me levantou facilmente, me girando ao redor. Quando me colocou de volta ao chão ele estudou o jardim e acenou com a cabeça em aprovação. — Eu deveria deixar você escolher o local mais frequentemente. Você tem bom gosto. Naturalmente desde que você começou a namorar comigo nós já sabíamos disso.

— O que você quer dizer com escolher o lugar? — eu perguntei cruzando minhas mãos atrás de seu pescoço.

Ele deu de ombros. — Quando eu cheguei e senti que você estava dormindo, eu convoquei o sonho mas não senti como pensar em um lugar. Então deixei a escolha para o seu subconsciente. — Irritado ele arrancou a caxemira. — Eu não estou vestido para a ocasião, no entanto. — O suéter foi substituído por uma camiseta cinza clara com um desenho abstrato na frente.

— Melhor?

— Muito

Ele sorriu e beijou o topo da minha testa. — Eu senti sua falta, pequena dhampir. Você pode espionar Lissa e nós o tempo todo e o máximo que recebo são esses sonhos, e honestamente, eu não consigo descobrir quando você está no cronograma.

Percebi que com a minha espionagem sabia mais do que estava acontecendo na Corte do que ele.

— Lissa teve seu segundo teste — disse a ele. Yup, sua expressão confirmava isso. Ele não tinha nenhum conhecimento sobre o teste, provavelmente porque ele havia dormido.

— Quando?

— Logo agora. Foi um pouco difícil mas ela passou

— Muito ao prazer dela, sem dúvida. Então ... isso nos ganha tempo para limpar seu nome e te trazer de volta para casa. Eu não teria certeza se queria voltar para casa se fosse você, no entanto. — Ele olhou em volta do jardim novamente. West Virginia é muito melhor do que eu pensava.

Eu ri. — Aqui não é West Virginia, que não é tão ruim por sinal. É de Sonya Karp- — Eu congelei, incapaz de acreditar no que eu quase disse. Eu estava tão feliz em vê-lo, tão a vontade ... eu ia estragar tudo. O rosto de Adrian ficou muito, muito sério.

— Você disse Sonya Karp?

Várias opções foram jogadas para fora da minha cabeça. Mentir era a mais fácil. Eu poderia dizer que era um lugar que fui há muito tempo atrás, como se talvez ela tivesse nos levado para uma viagem de campo até sua casa. Isso era bem fraco, mas. Além disso eu estava adivinhando que o olhar em minha cara gritava culpada. Eu fui pega. Uma bela mentira não enganaria Adrian.

— Sim — eu disse finalmente.

— Rose. Sonya Karp é um Strigoio

— Não mais.

Adrian suspirou. — Eu sabia que você ficar fora de problemas era bom para ser verdade. O que aconteceu?

— HUUU, Robert Doru restaurou ela.

— Robert. — os lábios de Adrian se enrolaram com desdém. Os dois usuários de espírito não haviam começado bem. — E só porque sinto que estamos marchando em pleno território de loucos — o que significa muito, vindo de mim — Eu vou supor que Victor Dashkov também está com você

Eu balancei a cabeça, desejando que desesperadamente que alguém me acorde e me afaste do interrogatório de Adrian. Droga como eu poderia ter dado um escorregão desses?

Adrian me soltou e andou em pequenos círculos.

— Ok, então. Você, Belikov, a Alquimista, Sonya Karp, Victor Dashkov e Robert Doru estão saindo juntos em West Virginia.

— Não. — eu disse.

— Não?

— Nós não ... hum ... estamos em West Virginia.

— Rose — Adrian interrompeu seu ritmo e voltou até mim. — Onde diabos você está então? Seu velho, Lissa, todos pensam que você está são e salva.

— Eu estou — eu disse arrogantemente — Só que não em West Virginia.

— Onde então?

— Eu não posso te dizer — Eu odiava dizer essas palavras para ele e ver o modo como elas saiam.

— Parte por segurança. Parte por eu... humm... não saber de verdade.

Ele pegou minhas mãos. — Você não pode fazer isso. Você não pode fugir por um louco capricho desta vez. Você não entendeu? Eles vão te matar se te encontrarem.

— Isso não é um capricho louco. Estamos fazendo algo importante. Isso vai ajudar a todos nós.

— Algo que você não pode me dizer. — ele adivinhou.

— É melhor que você não participe — eu disse apertando as mãos firmemente. — Melhor se você não souber de todos os detalhes.

— E nesse meio tempo, eu posso descansar fácil sabendo que você tem um time de elite atrás de você.

— Adrian, por favor! Por favor apenas confie em mim. Confie, pois, eu tenho uma boa razão. — eu implorei.

Ele soltou as minhas mãos. — Eu acredito em você, acho que você tem uma boa razão. Eu simplesmente não consigo imaginar um motivo que justificasse você estar arriscando a sua própria vida.

— É isso que eu faço. — eu disse surpresa com a seriedade como isso soou. — Algumas coisas valem a pena.

Pedaços de estática cintilaram na minha visão, como um sinal de TV que está ruim. O mundo começou a desvanecer. — O que está acontecendo? — eu perguntei.

Ele fez uma careta. — Alguém ou algo está me acordando. Provavelmente minha mãe me checando pela centésima vez.

Eu estendi minha mão mas ele foi desaparecendo. — Adrian! Por favor não diga a ninguém! Ninguém.

Eu não sei se ele ouviu meus argumentos ou não, porque o sonho desapareceu completamente. Eu acordei no carro. Minha reação imediata foi jurar, mas eu não queria contar a coisa idiota que eu fiz. Olhando por cima eu quase pulei do banco quando vi Sonya me observando atentamente.

— Você estava tendo um sonho de espírito — ela disse.

— Como você sabe?

— Sua aura.

Eu fiz uma careta. — Auras costumavam ser legal, mas agora elas estão só começando a ficar chatas.

Ela riu baixinho, a primeira vez que a ouvi isso desde que ela foi restaurada. — Eles estão muito informativos se você souber como lê-los. Você estava com Vasilisa?

— Não. Meu namorado. Ele é um usuário espírito também.

Seus olhos se arregalaram de surpresa. — Aquele com quem você estava?

— Yeah. Por quê? O que está errado?

Ela franziu a testa, perplexa. Alguns momentos depois, ela olhou para cima em direção ao banco da frente, onde Dimitri e Robert se sentavam, e depois estudou-me de uma forma investigadora que enviou calafrios pela minha espinha.

— Nada, — disse ela. — Nada de errado.

Eu tive que zombar disso. — Vamos, com certeza parece...

— Ali! — Sonya virou bruscamente de mim, se inclinou para frente, e apontou. — Tome essa saída.

Estávamos quase a passar *essa saída*, e Dimitri teve que fazer algum tipo de manobra extravagante — tipo como a nossa fuga na Pensilvânia — para o fazer. O carro sacudiu e balançou, e ouvi por detrás de mim um ganido de Sydney.

— Um pequeno aviso da próxima vez seria útil, — Dimitri observou.

Sonya não estava escutando. O olhar dela estava totalmente fixado na estrada que nós tínhamos entrado. Chegamos a uma luz vermelha, onde avistei um sinal animador: BEM VINDOS A ANN ARBOR, MICHIGAN. A centelha de vida que eu tinha visto momentos atrás tinha ido embora. Sonya tinha retornado o seu tenso, quase robótico ser. Apesar da negociação inteligente de Sidney, Sonya ainda parecia desconfortável com esta viagem. Ela ainda se sentia culpada e traidora.

— Estamos aqui? — Perguntei ansiosamente. — E quanto tempo estamos na estrada? — eu tinha dificilmente notado o caminho. Eu tinha ficado acordada a primeira parte dele, mas o resto tinha sido um borrão de Lissa e Adrian.

— Seis horas, — disse Dimitri.

— Vá para a esquerda nessa segunda luz, — disse Sonya. — Agora, vire na esquina.

Tensão crescia no carro. Todo mundo foi acordado agora, e meu coração disparou quando nós fomos levados mais e mais em subúrbios. Qual casa? Estávamos perto? Era uma destas? Era um movimento rápido, mas parecia se estender para sempre. Nós todos soltamos um suspiro colectivo quando Sonya de repente apontou.

— Ali.

Dimitri moveu-se para a entrada da garagem, de uma linda casa de tijolo com uma relva bonita e perfeitamente aparada.

— Você sabe se seus parentes ainda vivem aqui? — Perguntei a Sonya.

Ela não disse nada, e eu percebi que estávamos de volta a prometer território. Modo de bloqueio.

Tanto progresso. — Eu acho que há apenas uma maneira de descobrir isso, — eu disse, desafivelando meu cinto de segurança. — Mesmo plano?

Mais cedo, Dimitri e eu tínhamos discutido quem iria e quem ficaria para trás se Sonya nos levasse ao lugar certo. Deixando para trás os irmãos foi *sem-cerebro*. A questão era quem os protegeria, e decidimos que Dimitri ficaria enquanto Sidney e eu íamos com Sonya conhecer seus parentes — que era, sem dúvida, uma visita chocante.

— Mesmo plano, — acordou Dimitri. — Você vai para a casa. Você parece menos ameaçadora.

— Hey!

Ele sorriu. — Eu disse *parece*.

Mas seu raciocínio fazia sentido. Mesmo à vontade, havia algo de poderoso e intimidante sobre Dimitri. Três mulheres irem até a porta seria menos louco a essas pessoas — especialmente se os parentes de Sonya tivessem mudado. Inferno, se por tudo que eu sabia, ela nos tinha levado propositadamente à casa errada.

— Tenha cuidado, — disse Dimitri quando saímos do carro.

— Você também, — eu respondi. Isso me deu outro sorriso, um pouco mais quente e mais profundo.

Os sentimentos que despertaram em mim passaram longe, quando Sonya, Sydney, e eu caminhamos até a calçada. Meu peito apertava-se. Era isto. Ou não era? Estávamos prestes a chegar à conclusão de nossa jornada? Será que tínhamos realmente encontrado a última Dragomir, contra todas as probabilidades? Ou será que eu tinha de jogar desde o início?

Eu não era a única que estava nervosa. Eu podia sentir Sydney e Sonya crepitar de tensão também. Chegamos ao degrau da frente. Eu respirei fundo e toquei á campainha.

Alguns segundos depois, um homem atendeu e ele era Moroi. Um sinal promissor.

Ele olhou para cada um dos nossos rostos, sem dúvida imaginando o que um Moroi, uma damphir, e um ser humano estavam a fazer em sua porta. Parecia o começo de uma piada de mau gosto.

— Posso ajudar? — Perguntou ele.

De repente eu estava perdida. Nosso plano cobria as grandes coisas: encontrar a amante e a criança de Eric. O que nós dissemos uma vez que realmente nós chegar lá não era tão claro. Esperei que um dos meus companheiros falasse agora, mas não havia necessidade. A cabeça do Moroi de repente chicoteou ao meu lado enquanto ele assimilou.

— Sonya? — Ele engasgou. — É você?

Então, ouvi uma voz jovem atrás dele chamar.

— Hey, quem está aqui?

Alguém espremeu ao lado dele, alguém de altura e de alguém magro que eu conhecia. Minha respiração ofegou enquanto eu olhava para as ondas de luz de cabelo rebelde marrom e olhos verde claros, olhos que devia ter-me dado uma dica há muito tempo. Eu não podia falar.

— Rose, — exclamou Jill Mastrano. — O que você está fazendo aqui?

VINTE E TRÊS

Os poucos segundos de silêncio que se seguiu pareciam estender-se para a eternidade. Todos estavam confusos, cada um com razões totalmente diferentes. Jill inicialmente surpresa já havia sido atacados com seu entusiasmo, mas como ela olhou em torno dos rostos e rostos, seu sorriso enfraqueceu e desapareceu até que ela parecia tão perplexa quanto o resto de nós.

— O que está acontecendo? — Perguntou uma nova voz. Momentos depois, Emily Mastrano apareceu ao lado de sua filha. Emily olhou para mim e Sydney, com curiosidade e, em seguida, engasgou-se quando viu o terceiro membro do nosso grupo. — Sonya! — Emily empurrou Jill para trás, seu rosto cheio de pânico. Emily não era uma guardiã-rápido, mas eu admirava a responsabilidade dela.

— Emily... ? — A voz de Sonya era muito pequena, a ponto de rachar. — Isto... sou eu... realmente eu...

Emily tentou puxar o homem dentro também, mas parou quando ela de uma boa olhada em Sonya. Como qualquer pessoa, Emily tinha de reconhecer o óbvio. Sonya não tinha nenhuma característica Strigoi. Além disso, ela estava em plena luz do dia. Emily vacilou e abriu a boca para falar, mas seus lábios não podia administrar completamente. Ela finalmente se virou para mim.

— Rose... o que está acontecendo?

Eu fiquei surpresa que ela iria me considerar como uma autoridade, porque nos só vimos uma vez e porque eu honestamente não era certa do que estava acontecendo. Levei algumas tentativas para encontrar a minha voz. — Eu acho... Acho que devemos entrar...

Olhar de Emily caiu sobre Sonya. Jill tentou empurrar ela para a frente para ver o drama que estava acontecendo, mas Emily

continua bloqueando o porta, ainda não totalmente convencida de que era seguro. Eu não poderia culpá-la. No final, ela deu um aceno lento e se afastou para dar-nos acesso. Os olhos Sydney foram para o carro, onde Victor, Robert, e Dimitri estavam esperando. — E sobre eles? — Ela me perguntou.

Eu hesitei. Eu queria que Dimitri estivesse aqui para largar a bomba, mas Emily só poderia ser capaz de lidar com uma coisa de cada vez. Moroi não tinham que correr em círculos reais para saber quem foi Victor Dashkov ou o que parecia. Nossa viagem para Las Vegas foi a prova disso. Eu balancei a cabeça para Sydney. — Eles podem esperar.

Nós sentamos na sala de estar da família e o cara que atendeu a porta foi o marido de Emily, John Mastrano. Emily passou ha nos oferecer bebidas, como se esta fosse uma visita perfeitamente normal, mas o olhar no rosto dela confirmou que ela ainda estava em choque. Ela nos entregou copos de água como um robô, o rosto tão pálido que ela poderia ter sido um Strigoi.

John colocou a mão em Emily uma vez que ela se sentou. Ele continuou dando-nos um olhar desconfiado, mas para ela, ele foi todo o carinho e preocupação.

— O que está acontecendo? — Emily ainda olhava atordoada. — Eu... não sei. Meu primo está aqui... mas eu não entendo como... — Ela olhou para trás e para frente para mim, Sydney e Sonya. — Como isto é possível? — Sua voz tremeu.

— Foi Lissa, não foi? — Exclamou Jill, que, sem dúvida, sabia essa história sórdida de parentes. Ela estava compreensivelmente chocada e um pouco nervosa, excitada, mas estava começando a se mexer. — Eu ouvi o que aconteceu com Dimitri. É verdade, não é? Lissa pode curar Strigoi. Ela salvou. Ela salvou... — Jill virou na direção de Sonya, entusiasmada, oscilando um pouco. Eu me perguntei que tipo de histórias ela ouviu falar sobre Sonya.

— Ela salvou você.

— Lissa não fez isto. — eu disse. — Outro, hum, usuário de espírito fez. — A face de Jill se iluminou. — Adrian? — Eu esqueci sua paixão por ele.

— Não... alguém. Isso não é importante, — eu acrescentei apressadamente. — Sonya... bem, ela é um Moroi novamente. — Confusa, porém. Não é totalmente ela.

Sonya estava bebendo bem na visão de sua prima, mas agora se virou para mim um pouco irônica, sabendo sorrir. — Eu posso falar por mim, Rose.

— Desculpe. — eu disse.

Emily virou-se para Sydney e fez uma careta. Elas foram introduzidas, mas não mais. — Por que você está aqui? — Emily não tinha que dizer o que ela realmente significava. Ela quis saber por que um humano estava aqui. — Você é um alimentador?

— Não! — Sydney exclamou, pulando para cima do seu lugar ao meu lado no sofá duplo. Eu nunca tinha visto ela cheia de indignação e tal desgosto. — Diga isso de novo, e eu vou ficar bem longe daqui! Eu sou uma Alquimista.

Ela foi recebida com olhares estranhos, e eu puxei Sydney para sentar. — Calma, garota. Eu não acho que eles não sabem o que são Alquimistas.

Secretamente, eu estava contente. Quando eu descobri pela primeira vez os Alquimistas, eu senti que era a última pessoa no mundo a descobrir. Foi muito bom que os outros saibam que estavam fora do circuito também. Mantendo as coisas simples, por agora, eu expliquei a Emily, — Sidney está nos ajudado.

Lágrimas encheram até a borda nos olhos azuis de Emily quando ela retornou seu olhar para a prima dela. Emily Mastrano era uma das mulheres mais atordoantes eu já havia encontrado. Até mesmo lágrimas estavam bonitas nela.

— Realmente é você, não é? Eles a devolveram a mim. Oh Deus. — Emily se levantou e caminhou até sua prima segurando em um

profundo abraço. — Eu senti tanto sua falta. Eu não posso acreditar nisso.

Quase senti vontade de chorar também, mas com firmeza me lembrei que tinha vindo em uma missão. Eu sabia como isso tudo era surpreendente. Nós acabámos de fazer o mundo da família Mastrano de cabeça para baixo... e eu estava prestes a complicar as coisas ainda mais. Eu odiava fazer isso. Eu desejei que eles pudessem ter o tempo que era necessário para se ajustar, para celebrar o milagre de ter Sonya de volta. Mas o relógio na Corte — e minha vida — estava fazendo tique-taque.

— Nós a trouxemos... — Eu disse afinal. — Mas há outra razão estarmos aqui.

Eu não sei se o tom de minha voz transmitiu alguma coisa, mas Emily enrijeceu e se afastou Sonya, sentando ao lado do marido. De alguma forma, nesse momento, acho que ela sabia por que estávamos aqui. Eu podia ver nos olhos dela que ela estava com medo — como se temesse este tipo de visita durante anos, como se imaginava lançar uma centena de vezes.

Fui em frente. — Nós sabemos... sabemos sobre Eric Dragomir.

— Não — disse Emily, sua voz uma estranha mistura de brutalidade e desesperança. Sua maneira obstinada era notavelmente semelhante a recusa inicial de Sonya para nos ajudar. — Não. Nós não estamos fazendo isso.

No instante que eu vi Jill, instantânea identificação daqueles olhos, eu reconheci que estávamos no lugar certo. As palavras de Emily — mais importante, a falta de uma negação — confirmou isso.

— Nós temos — eu disse. — Isso é sério.

Emily virou-se para Sonya. — Você prometeu! Você prometeu que não ia contar!

— Eu não disse — disse Sonya, mas seu rosto tinha as suas dúvidas de antes.

— Ela não — eu disse com firmeza, na esperança de tranquilizar os dois. — É difícil de explicar... mas ela manteve a promessa.

— Não — repetiu Emily. — Isso não está acontecendo. Nós não podemos falar sobre isso.

— O que... o que está acontecendo? — exigiu John. A raiva acesa em seus olhos. Ele não gosta de ver estranhos perturbar sua esposa.

Eu dirigi minhas palavras a Emily. — Nós temos que falar sobre isso. Por favor. Nós precisamos de sua ajuda. Nós precisamos da ajuda dela. — Fiz um gesto para Jill.

— O que quer dizer? — perguntou Jill. A anterior faísca nos seus olhos ansiosos se foi, se afastando por reação a sua mãe.

— Isto é sobre seu... — eu parei. Eu corri para isso, pronta para encontrar o irmão de Lissa — que agora sabia, irmã — com um pensamento pequeno das implicações. Eu deveria ter imaginado que isso seria um segredo de todos — incluindo a criança em questão. Eu não tinha considerado que isto choque seria para ela. E isso não era apenas um estranho aleatório. Esta era Jill.

Jill.

Minha amiga. A menina que era como uma irmã mais nova para todos nós, aquele que olhava de fora. O que eu estava prestes a fazer com ela? Olhando para John, eu percebi as coisas estavam ainda pior. Jill pensava que ele era seu pai? Esta família estava prestes a ser abalada em sua essência. — e eu era responsável.

— Não! — Gritou Emily, pulando para cima novamente. — Saia! Todos vocês! Eu não quero você aqui!

— Sra. Mastrano... — Eu comecei. — Você não pode fingir que isto não é real. Você tem que o enfrentar.

— Não! — Ela apontou para a porta. — Saia! Saia, ou eu... eu vou chamar a polícia! Ou os guardiões! Você... — Realização brilhou sobre ela agora que o choque inicial de Sonya ver se tinha desvanecido. Victor não era o único Moroi criminoso procurado pela guarda. — Você é uma fugitiva! Uma assassina!

— Ela não é! — Disse Jill, inclinado-se para a frente. — Eu disse a você, mamãe. Eu disse antes que era um erro...

— Saia — repetiu Emily.

— Nos despachando para longe não vai mudar a verdade. — eu disse, me forçando a ficar calma.

— Bem, alguém por favor me diga o que diabos está acontecendo? — John estava corado e vermelho, irritado e defensivo. — Se eu não tiver uma resposta dentro de 30 segundos, estou chamando os guardiões e policiais.

Olhei para Jill e eu não poderia falar. Eu não sabia como dizer o que eu precisava, pelo menos não com tato. Sydney, no entanto não tinha esse problema.

— Ele não é seu pai. — ela disse sem rodeios, apontando para John.

Houve uma pequena pausa na sala. Jill quase parecia decepcionada, como se ela esperava uma notícia mais excitante.

— Eu sei disso. Ele é meu padrasto. Ou, bem, o meu pai até onde eu estou interessada.

Emily afundou no sofá, enterrando o rosto nas mãos. Ela parecia estar chorando, mas eu tinha certeza de que ela poderia saltar, e a qualquer momento e chamar as autoridades. Nós tínhamos que passar por isso rápido, não importa quão dolorosa seja.

— Certo. Ele não é seu pai biológico. — eu disse, olhando fixamente para Jill. Os olhos. Como é que eu nunca tinha notado os olhos? — Eric Dragomir é.

Emily fez um som baixo de lamento. — Não. — ela implorou. — Por favor, não faça isso.

A raiva de John se transformou de volta para a confusão que parecia estar tão na moda neste quarto. — O quê?

— Isso... não. — Jill balançou a cabeça lentamente. — Isso é impossível. Meu pai era apenas... só um cara que correu para fora.

Em alguns aspectos, não estava longe da verdade, eu supunha. — Era Eric Dragomir, — eu disse. — Você é parte dessa família. É irmã de Lissa.

— Você é... — Eu me assustei, percebendo que eu tinha de olhar para Jill de uma forma totalmente nova. — Você é da realeza.

Jill estava sempre cheia de energia e otimismo, que operava o mundo com uma esperança ingênua e charme. Mas agora seu rosto estava severo e sóbrio, fazendo-a parecer mais velha do que seus quinze anos. — Não. Isso é uma piada. Meu pai era um tipo mais modesto. Eu não... não. Rose, pare.

— Emily. — Eu vacilei ao som da voz Sonya, surpresa ao ouvi-la falar. Fiquei mais surpresa com sua expressão. Autoritária. Séria. Determinada. Sonya era mais jovem que Emily — O quê? Dez anos, se eu tivesse de adivinhar. Mas Sonya tinha fixado a sua prima com um olhar fixo que fez Emily parecer com uma criança malcriada. — Emily, é hora de desistir. Você tem que dizer a ela. Pelo amor de Deus, você tem que dizer a John. Você não pode mais manter isto enterrado.

Emily olhou para cima e encontrou os olhos de Sonya. — Eu não posso dizer. Você sabe o que acontecerá... Eu não posso fazer isso com ela.

— Nenhum de nós sabe o que vai acontecer — disse Sonya. — Mas as coisas vão piorar se você não assumir o controle agora.

Após um longo momento, Emily finalmente desviou o olhar, olhando para o chão. O olhar triste, no rosto dela quebrou meu coração. E não só o meu.

— Mãe? — Perguntou Jill, a voz trêmula. — O que está acontecendo? Isto é tudo uma grande confusão, certo?

Emily suspirou e olhou para a filha. — Não. Você é filha de Eric Dragomir. Rose está certa. — John fez um pequeno som estrangulado, mas não interrompeu sua esposa. Ela apertou sua mão novamente.

— O que eu contei a vocês ambos durante os anos... era verdade. Principalmente. Tivemos só tem um breve... relacionamento. Não é um barato, exatamente. Mas breve. — Fez uma pausa e olhou para John dessa vez, sua expressão amolecendo. — Eu te disse...

Ele balançou a cabeça. — E eu lhe disse que tinha passado, que não importa a mim. Nunca afetou como eu me sentia sobre você, sobre Jill. Mas eu nunca imaginei...

— Nem eu. — ela concordou. — Eu nem sabia quem ele era quando nos conhecemos. Foi quando eu morava em Las Vegas e tive meu primeiro emprego, dançando em um shows no Witching Hour.

Eu senti meus olhos ficarem largos. Ninguém parecia notar. The Witching Hour. Meus amigos e eu fomos ao casino enquanto procurávamos Robert, e um homem havia feito uma piada sobre o pai de Lissa estar interessado em showgirls. Eu sabia que Emily trabalhava em uma companhia de balé em Detroit agora, foi por isso que eles viviam em Michigan. Nunca que eu iria imaginar que começou como bailarina de penas-paetês-vestidos em um show em Las Vegas. Mas por que não? Ela teria de começar por algum lado, e seu quadro de alta e graciosa, se presta bem a qualquer tipo de dança.

— Ele foi tão doce... e tão triste. — Emily continuou. — O pai dele tinha acabado de morrer, e ele tinha vindo ao tipo de afogar as mágoas. Eu entendida como uma morte o devastaria, mas agora... bem, eu realmente entendo. Era outra perda para a família dele. Os números foram caindo. — Ela franziu a testa, pensativa e depois deu de ombros. — Ele era um homem bom, e acho que ele realmente amava sua esposa. Mas ele estava no escuro, lugar baixo. Eu não acho que ele estava me usando. Ele cuidou de mim, embora eu duvide que teria acontecido entre nós em outras circunstâncias. De qualquer maneira, eu estava bem com a forma como as coisas terminaram e estava disposta a seguir em frente com minha vida... até que Jill veio. Eu contactei Eric porque eu pensei que ele devia saber, embora eu deixei claro que eu não esperava nada dele. E

nesse ponto, sabendo quem ele era, eu não quero nada. Se eu deixasse, acho que ele teria reconhecido você, teve um papel em sua vida. — Os olhos de Emily estavam em Jill agora. — Mas eu já vi que aquele mundo é assim. A vida na Corte é a política e as mentiras e falsidades. No final, a identificação única coisa que aceitei dele era o dinheiro. Eu ainda não queria isso. Eu não queria sentir como se eu estivesse chantageando-o, — mas eu queria fazer o seu futuro seguro.

Falei sem pensar.

— Você realmente não vive como se estivesse usando esse dinheiro. — Arrependi-me as palavras, logo que disse. Sua casa era perfeitamente legal, dificilmente nas profundezas da pobreza. Mas também não coincidia com os fundos movimentados nas referidas contas bancárias.

— Eu não estou. — disse Emily. — Isso é só para emergências, é claro, mas na maior parte pus tudo de lado para Jill, para o seu futuro. Fazer tudo o que ela deseja.

— O que quer dizer? — perguntou Jill, horrorizada. Que tipo de dinheiro que você está falando?

— Você é uma herdeira. — eu disse. — E realeza.

— Eu não tenho nenhuma dessas coisas — disse ela. Ela estava desesperada agora, olhando em volta para todos nós. Ela me lembrou de um cervo, pronto para fugir.

— Há um engano. Vocês todos cometeram algum engano.

Emily levantou-se e caminhou até onde Jill estava, ajoelhada no chão antes disto. Emily apertou a mão da filha. — É tudo verdade. E eu estou arrependida que você tem que descobrir assim. Mas isso não muda nada. Nossas vidas não vão mudar. Bem, só como na maneira que tínhamos antes.

Uma variedade de emoções correu sobre as feições de Jill — especialmente o medo e a confusão, mas ela se inclinou para baixo e enterrou seu rosto contra ombro da mãe em aceitação.

— Okay.

Foi um momento comovente, e mais uma vez, quase me deu vontade de chorar. Eu tinha minha parcela de drama familiar e problemas de pais. Como antes, eu queria que os Mastranos não teriam este momento — mas eles não puderam.

— Você não pode, — eu disse a eles. — Você não pode continuar como antes. Jill... Jill tem que ir para Corte.

Emily se afastou de Jill e me encarou. Apenas um segundo atrás, Emily tinha sido cheia de tristeza e angústia. Agora, eu vi raiva intensa e ferocidade. Seus olhos azuis eram tempestuosos, fixando-me com um olhar afiado. — Não. Ela não está indo para lá. Ela nunca vai lá.

Jill já tinha visitado antes Corte, mas ambas Emily e eu sabíamos que não estava se referindo a alguma viagem de turismo casual. Jill teve de ir com a sua verdadeira identidade. Bem — não era verdade, talvez a palavra certa.

Realeza ilícita não era parte de sua natureza, pelo menos não ainda. Ela era, ela sempre tinha sido, mas seu nome tinha mudado. Aquela mudança tinha de ser reconhecida, e o Corte Moroí seria abalada.

— Ela tem que ir. — eu insisti. — A Corte foi corrompida, e a família Dragomir deve fazer a sua parte para ajudar a consertar as coisas. Lissa não tem poder sozinha, não sem um quórum familiar. Todos os outros membros da realeza... eles estão atropelando ela. Eles estão indo para empurrar as leis que não vai ajudar nenhum de nós.

Emily ainda se ajoelhou ao lado da cadeira, como se estivesse protegendo Jill de minhas palavras. — E isso é exatamente por que Jill não pode ir. Isto porque eu não ia deixar Eric reconhecê-la. Eu não quero Jill envolvida. Esse lugar é venenoso. O assassinato de Tatiana é uma prova. — Emily parou e me deu um olhar penetrante, lembrando-me que eu era o principal suspeito. Aparentemente, nós

não tínhamos passado disso ainda. — Todos os membros da realeza... eles são viciosos.

Eu não quero Jill se transformando em um deles. Eu não vou deixá-la se transformar em um deles.

— Nem todos os membros da realeza são assim — eu argumentei. — Lissa não é. Ela está tentando mudar o sistema.

Emily me deu um sorriso amargo. — E como você pensa que os outros se sentem sobre a reforma dela? Eu tenho certeza de que há membros da realeza que estão felizes e vê-la calar-membros da realeza que não iam gostar de vê-la ressurgir família. Eu lhe disse: Eric era um homem bom. Às vezes eu não acho que é uma coincidência que sua família morreu.

Eu abri a boca. — Isso é ridículo. — Mas de repente eu não estava tão segura.

— É? — Os olhos de Emily estavam em mim, como se adivinhando minhas dúvidas. O que você acha que eles fariam se outro Dragomir avançasse? As pessoas que se opõem a Vasilisa? O que você acha eles fariam se só uma pessoa estava entre eles e de poder da família?

As implicações estavam chocantes... Ainda, eu sabia que eles não estavam impossíveis. Olhando mais em Jill, eu senti um vazio, sentimento afundando no meu estômago. O que eu estaria sujeitando para ela? Doce, Jill inocente. Jill queria aventuras na vida e ainda mal podia falar de caras sem corar. O desejo de aprender a lutar era um impulso meio-juvenil e meio-instinto para defender as pessoas dela. Pisar no mundo real poderia ajudar tecnicamente as pessoas também — embora não de forma que ela jamais esperava. E isso significa envolver-se com a escuridão e a natureza sinistra que às vezes enchia a Corte.

Emily pareceu ler o meu silêncio como concordância. Uma mistura de triunfo e alívio atravessou o rosto dela, que desapareceu quando Jill de repente falou.

— Vou fazer isso.

Nós nos voltamos para olhar. Até agora, eu estava reconsiderando com pena, pensando nela como uma vítima. Agora, fiquei surpresa em como corajosa, parecia resolvida. Sua expressão, foi ainda sublinhada com um pouco de medo e choque, mas havia um aço nela que nunca vi antes.

— O quê? — Exclamou Emily.

— Vou fazer isso — disse Jill, firme de voz. — Eu vou ajudar e Lissa... e os Dragomirs. E vou com Rose de volta a Corte.

Eu decidi que citar as dificuldades para mim de chegar perto da Corte não eram importantes naquele momento. Honestamente, eu tinha chegado a um ponto onde eu estava improvisando tudo isso, porém, foi um alívio ver a fúria de Emily deslocada para longe de mim.

— Você não vai! Eu não vou deixar você se aproximar.

— Você não pode fazer essa escolha por mim! — chorou Jill. — Eu não sou uma criança.

— E você não é, certamente, uma adulta, — respondeu Emily.

As duas começaram a discutir de um lado para o outro, e logo John saltou para apoiar sua esposa. No meio da briga familiar, Sydney inclinou-se para mim e murmurou, — Eu aposto que você nunca pensou que a parte mais difícil de encontrar o seu *salvador* estaria conseguindo que sua mãe deixasse o toque de recolher, ficar de fora.

A parte triste sobre sua piada era que era uma espécie de verdade. Precisávamos de Jill, e eu certamente não havia pressentindo esta complicação.

E se Emily recusasse? Claramente, a mantendo a herança de Jill em segredo era algo aproximadamente muito inflexível sobre onde — digamos como, quinze anos. Eu tive a sensação de que Jill não estaria longe de fugir para a Corte no caso dela descer para isso. E eu não estaria longe para ajudá-la.

Mais uma vez, Sonya saltou para a conversa de forma inesperada. — Emily, você não me escutou? Isso tudo vai acontecer, eventualmente, com ou sem o seu consentimento. Se você não deixar Jill ir agora, ela irá na próxima semana. Ou no próximo ano. Ou, em cinco anos. A questão é que isso vai acontecer.

Emily afundou-se contra a cadeira, o rosto amassado. — Não. Eu não quero isso.

A bonita face de Sonya virou amarga. — A vida, infelizmente, não parece se importar com o que queremos. Aja agora, enquanto você pode realmente impedi-la de ser um desastre.

— Por favor, mãe, — implorou Jill. Seus olhos de jade Dragomir considerando Emily com carinho. Eu sabia que Jill podia realmente desobedecer e fugir — mas ela não quis, se não ela não precisa.

Emily fitou a distância, longos cílios e olhos vagos derrotado. E embora ela estava no caminho dos meus planos, eu sabia ela fazia isso por amor legítimo e respeito — os traços que provavelmente tinha elaborado Eric a ela.

— Okay, — disse Emily, finalmente. Ela suspirou. Jill pode ir — mas eu estou indo também. Você não está enfrentando esse lugar sem mim.

— Ou eu — disse John. Ele ainda parecia confuso, mas estava determinado a sustentar sua esposa e enteada. Jill os considerou a ambos com gratidão, lembrando-me de novo que só virou uma família disfuncional e funcional. Emily e John vindo com a gente não haviam sido parte dos meus planos, mas eu não poderia culpá-los e não via o porque de causar mais danos a eles. Nós precisávamos de Emily de qualquer maneira para contar a todos sobre Eric.

— Obrigado — eu disse. — Muito obrigado.

John me olhou. — Nós ainda não lidamos com o fato de que há um fugitivo em nossa casa.

— Rose não fez isso! — Aquela ferocidade ainda estava em Jill. — Era uma armadilha.

— Era. — Eu hesitei em falar minhas palavras a seguir. — Provavelmente pelas pessoas opostas a Lissa.

Emily empalideceu, mas sentia a necessidade de honestidade, mesmo que reafirmou seus medos. Ela respirou firme. — Eu acredito em você. Acredito que não fez isto. Eu não sei porque... mas eu faço. — Ela quase sorriu.

— Não, eu sei porquê. Isto é por causa do que eu disse antes, sobre aquelas víboras na Corte. Eles são os que fazem esse tipo de coisa. Não você.

— Você tem certeza? — Perguntou John, inquieto. — Essa bagunça com Jill são ruins o suficiente, sem um criminoso.

— Tenho certeza, — disse Emily. — Sonya e Jill confiam em Rose, e assim eu faço. Vocês todos são bem-vindos para ficar aqui esta noite, já que dificilmente podemos ir para Corte agora.

Abri a boca para dizer que certamente poderia sair agora, mas Sydney me deu uma cotovelada drasticamente. — Obrigado, Sra. Mastrano — ela disse, convocando-se na diplomacia Alquimista. — Isso seria ótimo.

Eu reprimi uma carranca. Tempo ainda estava me pressionando, mas eu sabia que os Mastrano tinham o direito de fazer alguns preparativos. Era provavelmente melhor para nós viajar durante o dia também. Um checagem bruta do meu mapa mental me fez pensar que poderíamos dirigir de volta ao Corte em um dia. Eu balancei a cabeça em acordo com Sidney, resignando-me a uma festa do pijama na casa Mastrano.

— Obrigado. Nós apreciamos isso. — Repente, algo me ocorreu, chamando de volta as palavras de John. Essa bagunça com Jill é ruim suficiente, sem nós, abrigando um criminoso. Eu dei a Emily um tão convincente e tranquilizador sorriso que pude reunir. — Nós, hum, também tem alguns amigos com a gente esperando no carro...

VINTE E QUATRO

Considerando o antagonismo deles dois mais cedo, eu estava um pouco surpreendida por ver Sonya e Robert combinarem seus poderes para criar uma ilusão para os irmãos Dashkov. Confundiram suas aparências, e com a adição de alguns nomes falsos, a família Mastrano apenas supôs que os indivíduos faziam parte de nosso séquito cada vez mais estranho. Considerando a aflição e agitação já sobre a casa, um pouco mais de pessoas parecia ser a menor das preocupações dos Mastrano.

A jogar bons anfitriões de Moroi, não bastou apenas cozinhar o jantar. Emily também conseguiu arranjar um alimentador — por uma sorte do — serviço de entrega de sangue. — Normalmente, Moroi que viviam na parte externa, protegiam a área e misturar-se entre os seres humanos era o segredo para obter alimentadores próximos. Geralmente, estes alimentadores tinham a sorte de ter um dono, um Moroi que fazia dinheiro fora do serviço. Era comum para os Moroi aparecerem simplesmente em casa dos — proprietários — dos alimentadores, mas neste caso, Emily tinha feito arranjos para que o alimentador fosse até á sua casa.

Fazia-o com uma cortesia, o mesmo tipo que fazia a todos os convidados Moroi — mesmo para aqueles que entregariam a notícia que mais temeu receber em toda a sua vida. Pouco ela sabia o quão desesperadamente o sangue era bem-vindo, para os Moroi que tínhamos trazido. Eu não fazia ideia que os irmãos sofriam uma pequena fraqueza, mas o sangue era definitivamente necessário para Sonya que estava a continuar sua recuperação.

Certamente, quando o alimentador e seu dono chegaram, Sonya foi a primeira a beber. Dimitri e eu tivemos que permanecer fora da vista. Sonya e Robert poderiam somente controlar pouco espírito-ilusão, e esconder a identidade de Robert e Victor do alimentador de Moroi e era necessário. Confundir ambos, eu e Dimitri, seria

demasiado, e levando em consideração o nosso estado de — os mais procurados — era essencial que não corrêssemos riscos.

Dimitri e eu ficamos nervosos por deixar os irmãos sem supervisão, mas os dois estavam tão desesperados por sangue para tentar qualquer coisa. Dimitri e eu quisemos nos limpar de qualquer maneira, uma vez que nós tínhamos tido tempo para duche esta manhã. Nós lançamos uma moeda, e eu consegui ir primeiro. Somente, quando eu terminei de vasculhar minhas roupas, descobri que eu tinha acabado meu suprimento de *roupa casual* e o vestido que Sydney tinha incluído na mochila era a única coisa.. Eu fiz caretas, mas calculando não faria mal vestir o vestido por uma noite. Nós não estaríamos a fazer muito mais do que esperar pela partida de amanhã, e talvez Emily me deixe usar a lavanderia antes de sairmos. Depois de arrumar o cabelo com o secador, eu me senti finalmente civilizada outra vez.

Sydney e eu tínhamos ocupado uma cama, e os irmãos ocuparam outra. Sonya iria ficar no quarto de Jill e Dimitri tinha se oferecido para ficar no sofá. Eu não duvidei por um segundo que ele iria espreitar os corredores, quando a família estivesse a dormir e eu teria de trocar com ele. Por agora, ele estava a tomar banho, e eu arrastei-me pelo corredor e espiei por baixo de um corrimão para verificar o primeiro andar.

Os Mastrano, Sonya, e os irmãos estavam reunidos com o alimentador e seu dono. Nada pareceu errado. Aliviada, eu retornei ao meu quarto e usei o tempo livre para verificar Lissa.

Após a excitação inicial de passar seu teste, eu senti ela se acalmar e assumir que precisava do já muito merecido sono. Mas não. Ela não tinha ido para cama. Ela tinha pegado Eddie e Christian até ao Adrian, e eu percebi que ela tinha sido a pessoa que o acordou do sonho que eu tinha compartilhado com ele no carro. Eu retirei dela, memórias recentes de uma repetição do que tinha acontecido desde o tempo que ele me deixou e a cambalear para a sua porta.

— O que se está a passar? — Perguntou-lhe, cara a cara. — Eu estava a ter um bom sonho.

— Eu preciso de você. — disse Lissa.

— Eu ouço muito isso das mulheres, — disse Adrian. Christian fez um som de engasgado, mas um reflexo fraco de um sorriso cruzou os lábios de Eddie, apesar de sua postura de guardião.

— Eu falo sério, — ela disse. — Agora mesmo eu recebi uma mensagem de Ambrose. Ele tem algo importante a dizer, e... Eu não sei. Eu ainda não estou certa de seu papel em tudo. Eu quero todos os olhos nele. Eu quero sua opinião.

— Isso — disse Adrian — Não é algo que eu ouço muito.

— Apenas apresse-se e se vista, OK? — ordenou Christian.

Honestamente, era uma maravilha não estarmos a dormir, considerando como nós éramos retirados frequentemente do sono. Adrian todavia se vestiu rapidamente, e apesar de seus comentários irreverentes, eu sabia que ele estava interessado em qualquer coisa relativo a limpar meu nome. O que eu estava incerta era se ele tinha contado a alguém sobre a bagunça em que me fui meter, agora eu tinha que revelar algumas das minhas verdadeiras actividades.

Meus amigos correram para o edifício que eles visitaram antes, aquele em que Ambrose vivia e trabalhava. A Corte tinha acordado, e as pessoas estavam andando por aí, sem dúvida, muitos querendo saber sobre o segundo teste monarca. Na verdade, algumas pessoas chamavam a atenção da Lissa e faziam saudações.

— Eu tive outra prova esta noite — Lissa disse a Adrian. Alguém acabara de lhe dar os parabéns. — Uma inesperada.

Adrian hesitou, e eu esperava que ele dissesse que já tinha ouvido isso de mim. Eu também esperava por ele dar a notícia chocante sobre a minha companhia actual e paradeiro.

— Como correu? — Ele perguntou em vez disso.

— Eu passei — ela respondeu. — Isso é tudo que importa.

Ela não conseguia se exprimir e contar a ele o povo aplaudindo, aqueles que simplesmente não a apoiavam por causa da lei, mas porque eles realmente acreditam nela. Tasha, Mia, e alguns amigos surpresa da escola tinha estado entre os espectadores, sorrindo para ela. Mesmo Daniella, que esperava por Rufus, de má vontade felicitou Lissa, parecendo surpreendida Lissa deixou passar. Toda a experiência foi surreal, e Lissa simplesmente queria sair de lá.

Eddie tinha sido chamado para assistir outros guardiões, apesar de seus protestos de que ele era a escolta de Lissa. Assim, Christian, e Tasha tinham acabado por ter que levar Lissa para casa sozinhos. Bem, quase sozinhos.

Um guardião chamado Ethan Moore se juntou a eles, aquele que Abe tinha brincado com Tasha. Abe exagera em algumas coisas, mas ele desta vez tinha razão. Ethan era como um qualquer guardião, mas a sua atitude forte ocasionalmente vacilava quando ele olhava para Tasha. Ele adorava-a. Ela claramente gostava dele também, flertando ao longo do caminho — muito desconforto para o Christian.

Eu pensei que ele era bonitinho. Alguns caras provavelmente não se chegavam perto de Tasha por causa das suas cicatrizes. Foi muito bom ver alguém que lhe apreciava o seu carácter, não importava o quão aborrecido Christian estava com o pensamento de que ninguém namorava com a sua tia. E eu meio que gostei de ver Christian tão obviamente atormentado. Foi bom para ele. Ethan e Tasha viraram a esquerda uma vez que Lissa estava segura de volta em seu quarto. Em poucos minutos, Eddie estava de volta, resmungando sobre como eles tinham retardado com alguma — tarefa de merda — quando eles sabiam que ele tinha coisas melhores para fazer. Ele aparentemente fez um escândalo que eles acabaram por o liberar, então ele voltou a correr de volta para o lado de Lissa. Ele fez isto em apenas dez minutos antes de Ambrose notar a chegada, aquilo foi sorte de tempo. Eddie teria se passado, se ele chegasse ao seu quarto e o encontrasse vazio. Ele teria pensado que um Strigoi tinha sequestrado seu cargo na sua ausência.

Esta foi a série de eventos que levaram ao que estava acontecendo agora: Lissa e os três indivíduos estavam indo para o encontro secreto de Ambrose.

— Veio cedo, — disse ele, deixando-os antes de Lissa poder bater uma segunda vez. Ficaram dentro do próprio quarto de Ambrose agora, não um salão de fantasia para os clientes. Assemelhava-se a um quarto normal - um muito agradável. Muito melhor do que aqueles que eu tinha suportado. A atenção de Lissa estava sobre Ambrose, então ela não percebeu, pelo canto do olho, Eddie rapidamente visualizar o quarto. Eu estava feliz por ele estar em seu dever e adivinhei que ele não confiava em Ambrose — ou em ninguém que fizesse parte de nosso círculo.

— O que esta acontecendo? — disse Lissa, logo que Ambrose fechou a porta. — Porquê a visita urgente?

— Porque eu tenho que te mostrar algo — ele disse. Em sua cama estava uma pilha de papéis, e ele pegou um. — Lembra quando eu disse que estavam a trancar os pertences da Tatiana? Bem, agora eles fazem o inventário e as eliminam. — Adrian se mexeu desconfortavelmente — novamente, algo que só eu notei. — Ela tinha um cofre onde guardava documentos importantes, obviamente secretos. E...

— E? — perguntou Lissa.

— E eu não quis que ninguém os encontrasse, — Ambrose continuou — Eu não sabia o que a maioria deles eram, mas se ela os queria secretos... Eu apenas senti que deveriam continuar assim. Eu sabia a combinação, e... roubei-os. — Culpa brilhou em seu rosto, mas não era culpa de assassino e sim culpa do roubo.

Lissa olhou para a pilha ansiosamente — E?

— Nenhum deles tem nada a ver com o que você está procurando... excepto talvez, este — E entregou-lhe o pedaço de papel.

Adrian e Christian se aglomeraram ao lado dela.

Querida Tatiana,

Eu estou um pouco surpreso de ver como estes últimos desenvolvimentos se têm desenrolado. Pensei que tínhamos um entendimento de que a segurança do nosso povo era necessário mais do que apenas trazer um exército de jovens guardiões. Nós temos desperdiçado muitos deles, em especial as mulheres. Se você tomar acções para forçá-los a voltar — e você sabe do que estou falando — as fileiras de guardas iriam aumentar. Esta lei actual é completamente inadequada, principalmente depois de ver como a sua experiência de "formação" falhou.

Eu fiquei igualmente em choque ao saber que você está considerando libertar Dimitri Belikov de seus guardas. E não entendo exactamente o que aconteceu, mas você não pode confiar apenas nas aparências. Você pode estar a desencadear um monstro — ou no mínimo, um espião — em nosso meio, e ele precisa de estar sob guarda muito mais rigorosa do que ela é actualmente. Na verdade, o seu apoio de continuar o estudo do espírito é completamente preocupante e sem dúvida levou esta situação ao anormal. Eu acredito que há uma razão, para este elemento estar perdido de nós por tanto tempo: os nossos antepassados perceberam o seu perigo e o carimbaram para fora. Avery Lazar serve como prova disso, e o seu prodígio, Vasilisa Dragomir, certamente o seguirá. Ao incentivar Vasilisa, você incentiva a degradação da linhagem Dragomir, uma linha que deve ser permitida desaparecer para a história com honra e não em desgraça da loucura. Seu apoio pode colocar também, o seu próprio sobrinho-neto em risco, algo que nenhum de nós gostaria de ver acontecer.

Eu estou arrependido de sobrecarregá-la com tanta condenação. Eu tenho você na mais alta consideração e não tenho nada além de respeito pela forma como você tem regido nosso povo com tanta habilidade estes longos anos. Eu tenho certeza de que em breve você chegará as decisões adequadas — embora eu tema que os outros não compartilham a minha confiança em você. Pessoas dizem que podem tentar tomar o assunto em suas próprias mãos, e eu temo que meio seguirão.

A carta foi digitada, sem assinatura. Por um momento, Lissa não conseguiu processá-la como um todo. Ela ficou totalmente consumida pela parte sobre a linha de Dragomir desaparecendo em desgraça. Ele bateu muito perto da visão que ela tinha visto no teste.

Foi Christian, que a puxou de volta. — Bem. Parece que Tatiana tinha inimigos. Mas eu acho que é meio óbvio neste momento do campeonato.

— De onde veio isto? — exigiu Adrian. Seu rosto estava escuro, furioso com a ameaça velada à sua tia.

— Eu não sei — disse Ambrose. — Foi exactamente como eu encontrei. Talvez ela nem sabia quem era o remetente.

Lissa balançou concordando. — Há certamente um anónimo a sentir isto... e ainda, ao mesmo tempo, eu sinto como se Tatiana soubesse.

Adrian deu um olhar desconfiado para Ambrose. — Como é que sei que você não está apenas nos deixando de fora?

— Adrian, — castigou Lissa. Ela não disse isso, mas estava esperando que Adrian sentisse a aura de Ambrose para qualquer coisa que ela não podia detectar.

— Isso é loucura — Disse Christian batendo no pedaço de papel. — A parte sobre reunir dhampirs e forçá-los a serem guardiões. O que você acha que isto significa — das *acções* que Tatiana conhece?

Eu sabia, porque eu tinha sido empurrada sobre um monte disso mais cedo. Compulsão. A nota de Tatiana tinha dito isso.

— Eu não tenho certeza, — disse Lissa. Ela releu a carta para ela mesma. — E sobre a parte da *experiência*? Você não acha que isso possa ser as sessões de formação que Grant fez com Moroi?

— Isso é o que eu pensava — disse Ambrose. — Mas eu não estou certo.

— Podemos ver o resto? — Adrian perguntou, apontando para a pilha de papéis. Eu não poderia dizer se sua suspeita era desconfiança legítima de Ambrose, ou apenas o resultado de como o assassinato de sua tia o chateara. Ambrose entregou os documentos, mas depois de verem as páginas, Lissa concordou: não havia nada de uso em si. Os documentos na sua maioria eram compostos por correspondência jurídica e pessoal. Ocorreu a Lissa — como a mim também — que Ambrose poderia não estar mostrando tudo que ele encontrou. Não havia maneira de provar agora. Reprimindo um bocejo, ela agradeceu e partiu com os outros.

Ela estava esperando para dormir, mas sua mente não podia deixar de analisar as possibilidades da carta. Se fosse legítima.

— Esta carta prova que alguém tinha motivos muito mais fortes para estar chateado com Tatiana do que a Rose — observou Christian enquanto eles faziam o caminho de volta para as escadas em direcção à saída dos edifícios. — Tia Tasha disse uma vez que a raiva com base na razão calculada é mais perigosa do que a raiva com base no ódio cego.

— Sua tia é uma boa filósofa — disse Adrian cansado. — Mas tudo que nós temos ainda é muito circunstancial.

Ambrose tinha deixado Lissa ficar com a carta, então ela a dobrou e colocou no bolso do jeans.

— Eu estou curiosa para saber o que Tasha terá a dizer sobre isso. E Abe também. — Ela suspirou. — Desejava tanto que Grant ainda estivesse vivo. Ele era um homem bom e poderia ter alguma opinião sobre tudo isso. — Eles chegaram a uma saída lateral no piso principal, e Eddie abriu a porta para eles. Christian olhou para Lissa enquanto ele saía. — Quão perto estavam Grant e Serena...

Eddie moveu-se em uma fracção de segundo antes de Lissa perceber o problema, mas é claro, Eddie estava prestando atenção para os problemas. Um homem — um Moroi, na verdade — estava esperando entre as árvores no pátio de Ambrose onde separava o edifício vizinho. Não era exactamente um lugar isolado, mas era

distante o suficiente fora dos caminhos principais que muitas vezes ficavam desertos.

O homem moveu-se para longe e olhou assustado quando viu que Eddie estava correndo na direcção dele. Eu era capaz de analisar a luta de uma forma que Lissa não podia. A julgar pelo ângulo do homem e do movimento, ele tinha se dirigido para Lissa — com uma faca na mão. Lissa congelou de medo, uma reacção completamente esperada por alguém que não tinha treinado para reagir nesta situação. Mas quando Christian a puxou de volta para a realidade, ela voltou à vida e rapidamente reagiu com ele e Adrian.

O atacante e Eddie ficaram num impasse por um momento, cada um tentando derrubar o outro. Ouvi Lissa gritar por ajuda, mas minha atenção era toda nos lutadores. O cara era forte para um Moroi e suas manobras sugeriram que ele tinha sido treinado para lutar. Eu duvidava, no entanto, que ele tinha sido treinado desde a escola primária, nem tinha um músculo que um dhampir tinha.

Com certeza, Eddie quebrou o impasse e obrigou o cara a ficar no chão. Eddie estendeu a mão do homem para o lado direito e tirou a faca da equação. Moroi ou não, o homem foi realmente muito habilidoso com a lâmina, especialmente quando eu — e provavelmente também Eddie — observamos cicatrizes que pareciam ser um dedo curvado em sua mão esquerda. O cara deve ter tido grandes trabalhos para aprimorar os seus reflexos de mãos com a faca. Mesmo contido, ele ainda foi capaz de se dobrar com a lâmina, sem hesitar, com o objectivo de atingir o pescoço de Eddie. Mas Eddie foi rápido demais para deixar que isso acontecesse e bloqueou o golpe com o braço, que teve alguns cortes devido as lâminas. O bloqueio de Eddie deu ao Moroi um pouco mais de espaço para se mover, e ele empinou-se, jogando Eddie para fora. Sem perder o ritmo — realmente, esse cara era impressionante — o Moroi oscilou em Eddie novamente. Não poderia haver dúvida sobre as intenções do homem. Ele não estava se segurando. Ele estava lá para matar. Essa lâmina estava em busca de sangue. Guardiões sabem como dominar e tomar prisioneiros, mas nós também fomos treinados para que quando as coisas estavam indo rápido demais, quando se

tratava de uma situação nós-ou-eles — bem, temos a certeza que eram eles. Eddie foi mais rápido que seu adversário e estava sendo dirigido por instintos que foram ensinados a nós por anos: parar o que estava tentando matá-lo. Eddie não tinha nenhuma arma ou uma faca, não na Corte. Quando o homem se atirou a ele uma segunda vez, com a faca de novo apontada para o pescoço dele, Eddie usou a arma que ele podia ter a certeza que salvaria a sua vida.

Eddie estacou o Moroi.

Dimitri já havia comentado brincando que você não tem que ser Strigoi para ser ferido por uma estaca em seu coração. E, vamos encarar isso, uma estaca no coração não machuca realmente. Isso mata. Tatiana era a prova. A faca do homem realmente fez contacto com o pescoço de Eddie — e, em seguida, caiu antes de perfurar a pele. Os olhos do homem se arregalaram de choque e dor, e então não viu mais nada. Ele estava morto. Eddie inclinou-se nos calcanhares, olhando para sua vítima com o desejo de batalha carregada de adrenalina — que se seguiu nesta situação. Gritos de repente chamou a sua atenção, e ele pulou de pé, pronto para a próxima ameaça.

O que ele encontrou foi um grupo de guardiões, aqueles que tinham respondido aos anteriores gritos de socorro de Lissa. Eles deram uma olhada na cena e imediatamente agiram com as conclusões do seu treino. Havia um Moroi morto e alguém segurando uma sangrenta arma. Os guardiões foram para Eddie, lançando-o contra a parede e confiscaram a sua estaca. Lissa gritou-lhes que eles tinham tudo errado, que Eddie tinha salvado a sua vida e...

— Rose! — A voz frenética de Dimitri surpreendeu-me e trouxe-me de volta à casa Mastrano. Eu estava sentada na cama, e ele se ajoelhou antes de mim, com a cara cheia do medo agarrando os meus ombros. — Rose, o que há de errado? Você está bem?

— Não! — afastei-o com a mão e movi-me em direcção à porta.

— Eu tenho que... Tenho de voltar á Corte. Agora. Lissa está em perigo. Ela precisa de mim. — Rose. Roza. Devagar. — Ele pegou no meu braço, e não houve como escapar daquele aperto. Virou-me para assim o enfrentar. O seu o cabelo ainda estava húmido do banho, e o odor limpo de sabão e pele molhada rodeou-nos.

— Me diga o que aconteceu. — Rapidamente repeti o que havia visto.

— Alguém tentou a matar, Dimitri! E eu não estava lá!

— Mas Eddie estava —,disse Dimitri calmamente. — Ela está bem. Ela está viva.

Ele me soltou, e inclinei-me cansada contra a parede. Meu coração estava disparando, e apesar de meus amigos estarem seguros, eu não podia esconder meu pânico.

— E agora ele está em apuros. Os guardiões foram idiotas...

— Só porque eles não sabem a história toda. Eles vêem um corpo morto e uma arma, é isso. Uma vez que começarem com os fatos e depoimentos, tudo ficará bem. Eddie salvou um Moroi. Este é o seu trabalho.

— Mas ele matou outro Moroi para fazê-lo, — eu apontei. — Ele não deveria fazer isso. — Souu como uma conclusão óbvia — e até mesmo estúpida — mas eu sabia que Dimitri entendeu o que eu quis dizer. O objectivo dos guardiões era proteger os Moroi. Eles vêm em primeiro lugar. Matar um era inimaginável.

— Esta não era uma situação normal —,afirmou Dimitri.

Eu derrubei a minha cabeça para trás. — Eu sei, eu sei. Eu apenas não posso deixá-la ficar indefesa. Eu quero tanto voltar e mantê-la segura. Agora. — Amanhã parecia anos de distância. — E se isso acontecer novamente?

— Outras pessoas estão lá para protegê-la. — Dimitri andou até mim, e fiquei surpresa ao ver um sorriso nos lábios, à luz destes sinistros eventos. — acredite em mim, eu quero protegê-la também, mas nós arriscaríamos nossas vidas para nada se voltarmos agora.

Espera um pouco mais para pelo menos arriscar sua vida por algo importante.

Um pouco do pânico desapareceu. — E Jill é importante, não é?

— Muito. — Eu me ajeitei. Parte do meu cérebro ficava tentando me acalmar sobre o ataque de Lissa, enquanto a outra estava processando o que nós tínhamos realizado aqui.

— Nós fizemos isso — eu disse, sentindo um sorriso lentamente se espalhar para meus lábios. — Contra toda a razão...de alguma forma, encontramos a irmã perdida de Lissa. Você percebe o que isso significa? Lissa pode ter agora tudo o que era dela por direito. Eles não podem negar-lhe qualquer coisa. Inferno, ela poderia ser a rainha se ela quisesse. E Jill... — Eu hesitei. — Bem, ela é parte de uma antiga família real. Isso tem que ser uma coisa boa, né?

— Eu acho que depende da Jill, — disse Dimitri. — E quais as consequências de tudo isso.

Culpa por potencialmente arruinar a vida de Jill voltou, e eu olhava para os meus pés.

— Ei, não tem problema, — disse ele, inclinando meu queixo de volta. Seus olhos castanhos eram mornos e afectuosos. — Você fez a coisa certa. Ninguém mais teria tentado algo impossível. Apenas Rose Hathaway. Você fez uma aposta para encontrar Jill. Você arriscou sua vida por quebrar as regras de Abe — e valeu a pena. Valeu a pena.

— Espero que Adrian pensa assim, — eu pensei. — Ele acha que deixar a nossa — casa segura — foi a coisa mais estúpida de sempre.

A mão de Dimitri caiu. — Você contou a ele sobre tudo isso?

— Não sobre Jill. Mas eu disse a ele que acidentalmente não estávamos mais em West Virginia. Ele mantém em segredo, porém, — acrescentei apressadamente. — Ninguém mais sabe.

— Não posso acreditar, — disse Dimitri, porém ele tinha perdido um pouco de seu calor anterior. Foi uma coisa passageira. — Ele...ele

parece bastante fiel a você.

— Ele é. Eu confio nele totalmente.

— E ele faz você feliz? — Não era o tom áspero de Dimitri, mas houve uma intensidade com que ele colocou que mais parecia uma espécie de interrogatório policial..

Eu pensei sobre o meu tempo com Adrian: os gracejos, as festas, os jogos, e claro, os beijos.

— Yeah. Ele faz. Eu me divirto com ele. Quero dizer ele me irrita às vezes — tudo bem, um monte de tempo — mas não se deixe enganar por todos os vícios. Ele não é má pessoa.

— Eu sei que ele não está, — disse Dimitri. — Ele é um homem bom. Não é fácil para todo mundo ver, mas eu posso. Ele ainda está ficando com ele próprio, mas ele continua no seu caminho. Eu vi-o na fuga. E depois... — As palavras ficaram presas na língua de Dimitri. — Depois da Sibéria, ele estava lá para você? Ele te ajudou?

Eu balancei a cabeça, confusa com todas estas perguntas. Acontece que eles eram apenas o aquecimento para a grande pergunta.

— Você o ama?

Havia poucas pessoas no mundo que poderia me perguntar questões tão insanamente pessoais sem levar um murro. Dimitri era um deles. Com a gente, não havia muros, mas nosso relacionamento complicado fez este tópico surreal. Como eu poderia descrever o amor por uma pessoa para um homem que eu tinha uma vez amado? Um homem que ainda amo, uma voz sussurrou dentro da minha cabeça. Talvez. Provavelmente. Novamente, eu lembrei a mim mesma que era natural transportar pedaços de sentimentos por Dimitri. Eles iriam desaparecer. Eles tinham de desaparecer, tal como o seu tinha. Ele era passado. Adrian o meu futuro.

— Sim, — eu disse, levando mais tempo do que eu provavelmente deveria ter. — Eu... Eu o amo.

— Bom. Estou feliz. — A coisa era, o rosto de Dimitri não mostrava toda essa alegria, enquanto ele olhava fixamente para fora da janela. Minha confusão aumentou. Por que ele estava chateado? Suas ações e palavras não pareciam corresponder ultimamente.

Aproximei-me dele. — O que está de errado?

— Nada. Eu só quero ter certeza de que você está bem. Que você está feliz. — Voltou-se para mim, colocando um sorriso forçado. Ele tinha falado a verdade, mas não toda a verdade. — As coisas foram mudando, isso é tudo. Faz-me reconsiderar tudo. Desde Donovan...e Sonya... é estranho. Eu pensei que tudo mudou na noite que Lissa me salvou. Mas não. Ainda há muito mais, mais para a cura do que eu percebi.

Ele começou a deslizar em modo pensativo, mas se conteve. — Todo dia eu descobria algo novo. Algumas novas emoções eu tinha esquecido de sentir. Algumas revelações eu as perdi totalmente. Alguma beleza eu não consigo ver.

— Hey, meu cabelo no beco não vai para essa lista, ok? — Eu provoquei. — Você estava em choque.

O sorriso forçado cresceu natural.

— Não, Roza. Estava lindo. São belos agora.

— O vestido está simplesmente jogá-lo fora, — eu disse, tentando uma piada. Na realidade, eu me senti tonta sob o seu olhar.

Aqueles escuros, olhos escuros olharam para mim — realmente olhou para mim, eu pensei, pela primeira vez desde que ele tinha entrado no quarto. Uma mistura de expressões veio-lhe ao rosto e que não fazia sentido para mim. Eu poderia escolher para fora as emoções que ele continha, mas não o que lhes causou. Temor. Maravilha. Tristeza. Arrependimento.

— O quê? — Perguntei inquieta. — Por que você está me olhando assim?

Ele balançou a cabeça, o sorriso triste agora.

— Porque às vezes, uma pessoa pode ficar tão preso nos detalhes que perde o todo. Não é apenas o seu vestido ou o seu cabelo. É você. Você é linda. Tão linda, que até chega a doer.

Eu senti uma sensação estranha vibração no meu peito. Borboletas, parada cardíaca...era difícil dizer o quê exactamente. No entanto, naquele momento, eu já não estava em pé no quarto de hóspedes dos Mastrano. Ele tinha dito essas palavras antes, ou algo muito próximo. Tão linda, que até chega a doer.

Estava de volta á cabana em St.Vladimir, a primeira e única vez que tínhamos feito sexo. Ele tinha olhado para mim de uma maneira muito semelhante, também, só que lá tinha tido menos tristeza. No entanto, como eu ouvi essas palavras de novo, uma porta que eu tinha trancado em meu coração subitamente abriu, e com ela vieram todos os sentimentos e as experiências e o sentido de união que sempre tínhamos compartilhado. Olhando para ele, apenas num espaço de uma batida de coração, eu tive uma sensação surreal de lavagem sobre mim, como eu o conhecia desde sempre. Como estávamos ligados... mas não da mesma maneira que eu e Lissa, por um vínculo que nos foi imposto.

— Hey, caras, vocês, oh. — Sydney parou na porta semi-aberta e prontamente deu dois passos para trás. — Sinto muito. Eu... isto é...

Dimitri e eu imediatamente nos separamos. Senti-me quente e instável, e só então percebi o quão perto estávamos. Eu nem me lembrava de ter movido, mas apenas uma respiração se separava de nós. O que aconteceu? Foi como um transe. Um sonho.

Engoli em seco e tentei retardar o meu pulso.

— Nenhum problema. O que está acontecendo?

Sydney olhou entre nós, ainda parecendo desconfortável. Sua vida amorosa pode ser inexistente, mas mesmo ela sabia que tinha andado para a frente. Estava feliz por uma de nós ter feito.

— Eu... é isso... Eu só queria vir passear. Eu não posso lidar com o que está acontecendo lá em baixo.

Tentei um sorriso, ainda totalmente confusa com meus sentimentos. Por que Dimitri me olha assim? Por que ele disse isso? Ele não pode ainda me querer. Ele disse que ele não. Ele me disse para deixá-lo sozinho.

— Claro que sim. Nós estávamos apenas... falando, — eu disse. Ela obviamente não acreditava em mim. Eu tentei arduamente convencê-la...e a mim. — Estávamos falando de Jill. Você tem alguma ideia de como levá-la para a Corte — vendo que ainda somos todos bandidos?

Sydney pode não ser uma especialista em relações pessoais, mas os enigmas eram território familiar. Ela relaxou, centrando a sua atenção de dentro enquanto ela tentava entender o nosso problema de fora.

— Bem, você poderia sempre ter a sua mãe...

Um sonoro estrondo no andar de baixo abruptamente cortou-a. Como um, Dimitri e eu pulamos para a porta, prontos para combater qualquer confusão que Victor e Robert tinham causado. Nós dois fizemos uma parada brusca no topo da escada, quando ouvimos muitas mensagens para todos descerem.

— Guardiões, — Dimitri disse. — Guardiões estão a invadir a casa.

VINTE E CINCO

NÓS JÁ PODÍAMOS OUVIR os passos trovejando pela casa e sabíamos que estávamos a segundos do exercito lá em baixo, a subirem para o segundo andar. Nós os três recuamos, e para minha surpresa, foi Sydney quem reagiu primeiro.

— Saiam. Eu vou distraí-los.

Sua distração, provavelmente significava apenas momentaneamente bloquear o caminho, até que eles a empurrassem para o lado, mas os segundos extras poderiam fazer uma diferença enorme. Ainda assim, eu não poderia suportar a ideia de abandoná-la. Dimitri não tinha tais reservas, principalmente quando ouvimos passos na escada.

— Anda! — Ele gritou, agarrando o meu braço.

Corremos pelo corredor até a extremidade do quarto de Victor e Robert. Pouco antes de entrarmos, eu gritei de volta a Sydney.

— Leva a Jill a Corte!

Eu não sei se ouviu, porque pelos sons de lá, os guardiões tinham alcançado ela. Dimitri imediatamente abriu uma grande janela do quarto e olhou para mim com ar conhecedor. Como sempre, não precisávamos de comunicação vocal.

Ele pulou em primeiro lugar, sem dúvida, querendo tirar todo o peso de qualquer perigo que estivesse lá em baixo. Eu segui imediatamente. Primeiro cai em cima das telhas de um telhado, deslizando por ela, e depois fiz a maior queda ao chão. Dimitri apagou meus braços, estabilizando a minha aterragem, mas não antes de um dos meus tornozelos torcer pouco sobre si mesmo. Foi a mesma que havia tomado o peso na queda atrás de Donovan, e eu estremei quando a dor atingiu através de mim, a dor que eu prontamente ignorei.

Figuras escuras se moviam em direcção a nós, emergindo das sombras da noite e lugares escondidos ao redor do quintal. Claro. Guardiões não arrebentaram uma porta. Eles também delinearam o espaço á volta. Com o nosso ritmo natural, Dimitri e eu reagimos logo colocando-nos costas com costas contra os nossos atacantes. Como de costume, era difícil de incapacitar nossos inimigos sem matá-los. Difícil, mas necessário, se nós pudéssemos tratar disso. Eu não queria matar o meu próprio povo, pessoas que estavam apenas fazendo seu trabalho para prender fugitivos. O vestido comprido não me ajudou nada. Minhas pernas ficavam presas no tecido.

— Os outros chegam a qualquer minuto, — Dimitri grunhiu, batendo um guardião para o chão. — Precisamos nos mover, ali. Aquele portão.

Eu não podia responder, mas segui a sua liderança, enquanto nós fazíamos o nosso rumo até uma porta na cerca, ainda nós nos defendíamos. Tínhamos acabado com o pelotão no quintal, quando mais derramaram da casa. Entramos pelo portão, saindo para uma rua lateral tranquila, ao lado da casa Mastrano, e corremos. Logo, porém, ficou claro, que eu não podia acompanhar Dimitri. Minha mente podia ignorar a dor, mas a meu corpo não podia fazer o meu tornozelo ferido trabalhar correctamente.

Sem perder o ritmo, Dimitri deslizou o braço em volta de mim, ajudando-me a correr e retirando o peso do tornozelo. Nós viramos para fora da estrada, cortando os quintais que tornaria mais difícil — mas não impossível — eles nos seguir.

— Nós não conseguimos passar á frente deles, — eu disse. — Eu estou nos atrasando. Você precisa...

— Não digas deixar-te, — ele me interrompeu. — Nós estamos a fazer isto junto.

Snif, snif. Um vaso de flores perto de nós, de repente explodiu em um monte de sujeira e barro.

— Eles estão atirando em nós, — eu disse, incrédula. — Eles estão realmente atirando em nós! — Com tanto treino mão-a-mão,

eu sempre considere as armas batota. Mas quando era para caçar um assassino-de rainhas e seu cúmplice? Honra não era o problema. Resultados eram.

Outra bala zumbiu perto, perigosamente perto.

— Com um silenciador, — disse Dimitri. — Mesmo assim, eles estão a ser cautelosos. Eles não querem que o bairro pense que estão a atacá-los. Precisamos de cobertura. Rápido. — Nós literalmente estávamos a desviar-nos das balas, mas meu tornozelo não continuaria por muito mais tempo.

Ele fez outra curva acentuada, mergulhando nos quintais dos subúrbios. Eu não poderia olhar para trás, mas eu ouvi vozes gritando o que me disse que nós ainda não estávamos livres.

— Ali, — disse Dimitri.

À nossa frente estava uma casa escura, com um grande pátio de vidro que fazia lembrar o de Sonya. A porta de vidro estava aberta, apesar de uma tela bloquear o caminho para dentro. Dimitri puxou o trinco. Trancado. Mas a tela era quase um impedimento para nós. Pobre, família confiante. Tirou a estaca e cortou uma longa linha vertical, e nós escapamos às pressas. Imediatamente, ele me puxou para o lado, fora da vista. Ele colocou um dedo nos lábios, segurando-me junto ao seu corpo, esmagando-me com seu calor.

Segundos depois, vimos guardiões atravessando e procurando nos quintais. Alguns continuaram caminhando no caso de nos termos corrido mais. Outros demoraram-se, investigando locais que poderiam fazer de esconderijos bons, enquanto a noite crescia mais e mais escura. Eu olhei para a tela. O corte havia sido limpo, não um buraco óbvio, mas ainda era algo que nossos perseguidores podiam notar.

Sentindo isso também, Dimitri moveu-se cuidadosamente para dentro da sala de estar, fazendo o seu melhor para evitar as janelas e manter fora da vista. Cortamos até a cozinha e encontrou uma porta que dava para a garagem. Na garagem estava um Ford Mustang vermelho.

— Dois carros da família, — ele murmurou. — Eu estava esperando por isso.

— Ou eles foram caminhar e prestes a voltar para casa quando percebem que uma equipe da SWAT está no seu bairro, — eu sussurrei.

— Os guardiões não vão se deixar ser vistos. — Começamos à procura de locais óbvios para a chave. Finalmente, eu encontrei um conjunto suspenso ao lado de um armário e peguei-as.

— Tenho-as, — eu disse. Desde que eu tinha as chaves, eu acho que na verdade Dimitri teria de deixar-me saltar para o assento do motorista. Graças ao meu tornozelo direito, no entanto, eu tive que atirar-lhe as chaves. O universo tinha um sentido de humor.

— Eles não nos marcaram nisso? — perguntei, enquanto Dimitri abria a porta da garagem e voltava para trás. — Isto, hã, é um pouco chamativo do que os nossos carros roubados habitualmente são. — Também foi impressionante. Sydney, carro desajeitado que ela tinha, teria adorado. Eu mordi meu lábio, ainda que culpada por a termos deixado para trás. Eu tentei empurrar o pensamento da minha cabeça agora.

— É, — concordou Dimitri. — Mas outros carros estarão dirigindo pela rua. Alguns guardiões estarão ainda procurando nos quintais, e outros a guardar os Mastranos. Eles não têm um número infinito. Eles não podem ver tudo de uma só vez, embora eles possam certamente tentar.

Eu segurei o fôlego de qualquer maneira quando nós dirigimos para fora da subdivisão. Por duas vezes, eu pensei que vi figuras furtivas à beira da estrada, mas Dimitri estava certo: eles não podiam verificar cada carro em um subúrbio movimentado. A escuridão também não revelava nossos rostos.

Dimitri lembrou o caminho que tínhamos tomado para a casa depois de algumas voltas mais tarde, estávamos a emergir para a auto-estrada. Eu sabia que ele não tinha um destino em mente, excepto para longe. Sem indicações óbvias para onde nós estávamos

a seguir, eu mudei o meu corpo e estendi a minha latejante perna. Meu peito tinha aquela luz, sentimento nebuloso que você tem quando também muita adrenalina bombeia através de você.

— Eles se voltaram para nós, não foi? — perguntei. — Victor e Robert nos chamou e, em seguida saíram. Eu deveria ter mantido a vista.

— Eu não sei, — disse Dimitri. — É possível. Eu os vi antes eu falei com você, e tudo parecia bem. Eles queriam ir conosco encontrar Jill, mas eles sabiam que era apenas uma questão de tempo antes que os entregasse às autoridades. Eu não estou surpreso se surgiu com um plano de fuga. Eles poderiam ter usado a alimentação como uma distração para chamar os guardiões e se livrar de nós.

— Merda. — Suspirei e empurrei meu cabelo para trás, desejando ter um rabo-de-cavalo. — Nós devíamos ter nos livrado deles, quando tivemos a hipótese. O que vai acontecer agora?

Dimitri ficou em silêncio por alguns segundos.

— Os Mastrano serão interrogados... extensivamente. Bem, todos eles, realmente. Eles irão trancar Sonya para investigação, como eu, e Sydney será enviada de volta para os Alquimistas.

— E o que vão fazer com ela?

— Eu não sei. Mas eu adivinho que ela ao ajudar vampiros fugitivos não é muito bem visto aos seus superiores.

— Merda, — eu repeti. Tudo tinha desmoronado. — E o que vamos fazer?

— Por um pouco de distância entre nós e aqueles guardiões. Esconder em algum lugar. Envolver seu tornozelo.

Eu dei-lhe um olhar de soslaio. — Uau. Você tem tudo planejado.

— Nem por isso, — ele disse, com uma pequena carranca no rosto. — Isso é a parte fácil. O que acontece depois é que é a parte mais difícil.

Meu coração se afundou. Ele estava certo. Desde que os Mastrano não indicassem às autoridades Moroí que ajudaram criminosos, Emily não tinha que reconhecer o património de Jill. Se Sydney fosse transportada de volta para seu próprio povo — bem. Ela não poderia ajudar também. Eu tinha que contar para alguém, eu percebi. A próxima vez que fizer contacto com Adrian, eu tinha de divulgar a verdade para que meus amigos pudessem fazer algo sobre Jill. Nós não poderíamos guardar esse segredo por mais tempo.

Dimitri tomou a próxima saída, e voltei a sintonizar o mundo.

— Hotel? — Eu perguntei.

— Não é bem assim, — disse ele. Nós estávamos em uma área comercial movimentada, não longe de Ann Arbor, pensei. Um dos subúrbios de Detroit. Restaurantes e as lojas se alinhavam na estrada, e ele virou-nos para uma loja 24 horas, que *prometia* ter tudo. Ele estacionou e abriu a porta.

— Fique aqui.

— Mas...

Dimitri olhou significativamente para mim, e eu olhei para baixo. Eu notei que sai da nossa luta mais arranhada do que eu imaginei, e o vestido tinha-se rasgado. Minha aparência horrível iria atrair a atenção, tal como o meu mancar. Concordei, e ele saiu.

Passei o tempo a virar os nossos problemas, me xingando por não ter encontrado uma maneira de entregar os irmãos quando Robert tinha restaurado Sonya. Eu tinha-me preparando para a traição na forma de um ataque mágico. Eu não tinha esperado algo tão simples como uma chamada para os guardiões.

Dimitri, o cliente sempre eficiente, voltou logo com duas malas grandes e uma coisa a tiracolo. Ele jogou tudo no banco de trás, e eu olhei para trás, curiosa.

— O que é isso? — Era longo e cilíndrico, coberto de lona.

— Uma tenda.

— Por que... — eu gemi. — Nenhum hotel, né?

— Bem mais difícil de encontrar em um acampamento. O carro será particularmente difícil de encontrar. Nós não podemos livrar-nos dele completamente ainda, não com o seu pé.

— Aquelas pobres pessoas, — eu disse. — Espero que o seu seguro automóvel cubra roubo.

De volta à estrada, logo deixamos a expansão urbana, e não muito antes nós vimos propagandas para acampamentos e parques trailers. Dimitri parou em um lugar chamado Pinheiros Pacíficos. Ele negociou com o homem que trabalhava no escritório e produziu um número de contas. Essa foi outra razão pela qual não podíamos estar num hotel, eu percebi. A maioria pedia cartões de crédito, e Sydney tinha todos eles —em nomes falsos, é claro. — Estávamos vivendo de dinheiro agora.

O secretário nos deu instruções ao longo de uma estrada de terra que levou a um ponto no extremo oposto do acampamento. O local estava ocupado com famílias em férias, mas ninguém deu muita atenção a nós. Dimitri fez questão de estacionar o mais próximo possível a um aglomerado de árvores, a fim de ocultar o carro e sua matrícula. Apesar dos meus protestos, ele não me deixou ajudar com a tenda. Ele alegou que ele poderia fazê-lo mais rápido sem mim e que eu deveria ficar longe dos meus pés. Eu comecei a discutir, até que ele começou a montar a tenda. Meu queixo caiu um pouco quando eu assisti quão rapidamente ele juntou tudo. Ele nem precisou de instruções. Aquilo tinha que ser algum tipo de recorde.

A tenda era pequena e resistente, mas tinha espaço para sentar e deitar, embora ele tinha tido um pouco a intuição, quando estávamos sentados. Uma vez dentro, eu pude ver o resto de suas compras. Muito do que foi os primeiros socorros. Havia também uma lanterna que ele apoiou, uma espécie de lâmpada improvisada.

— Deixe-me ver o tornozelo, — ele ordenou.

Eu estendi a minha perna, e ele empurrou a saia do vestido até o joelho, com leve dedos na minha pele. Eu tremi quando a sensação de déjà vu varreu em mim. Parecia estar a acontecer-me muito ultimamente. Lembrei-me de todas as vezes que ele tinha me ajudado com outras lesões. Poderíamos estar no ginásio em St.Vladimir. Ele cuidadosamente testou a mobilidade do tornozelo e cutucando um pouco apertando. Seus dedos nunca deixaram de me surpreender. Eles poderiam quebrar o pescoço do homem, um curativo em um ferimento, e deslizar através da pele nua sensualmente.

— Eu não acho que esteja partido, — disse por fim. Ele ergueu as mãos, e eu notei como eu tinha estado quente quando ele me tocou. — Apenas uma lesão.

— Este tipo de coisa acontece quando você continua pulando telhados, — eu disse. Piadas eram a minha velha forma de esconder o desconforto. — Você sabe, nós nunca praticamos nos treinos.

Ele sorriu e tirou tiras de bandagens, envolvendo o tornozelo, até que ficou apertada e firme. Depois disso, ele retirou...

— Um saco de ervilhas congeladas?

Dimitri encolheu os ombros e descansou o saco no meu tornozelo. O frescor imediato, me fez sentir melhor.

— Mais fácil do que comprar um saco cheio de gelo.

— Você é muito talentoso, Belikov. O que mais você tem escondido?

O restante do conteúdo do saco acabou por ser cobertores e comida. Eu dei-lhe um grande sorriso quando vi que ele tinha me trazido um pacote de batatas fritas e uma barra de chocolate. Eu adorava por ele se lembrar de pequenos detalhes sobre mim. Meu sorriso sumiu quando um outro problema rapidamente apareceu.

— Você não comprou qualquer roupa, não é?

— Roupas? — perguntou ele, como se fosse uma palavra estrangeira.

Fiz um gesto para o meu vestido rasgado.

— Eu não posso usar isto por muito tempo. O que eu vou fazer? Fazer uma toga de um cobertor? Você é um cara, nunca pensa nessas coisas.

— Eu estava pensando em lesão e sobrevivência. Roupas frescas é um luxo, não uma necessidade.

— Nem mesmo um sobretudo? — Perguntei maliciosamente.

Dimitri congelou por um momento e depois soltou um palavrão. Ele não tinha necessidade de vestir o casaco dentro de casa dos Mastrano — honestamente, ele não precisava para o exterior — e tinha deixado lá na luta que se seguiu.

— Não se preocupe, camarada, — eu provoquei. — Tem muito mais de onde isso veio.

Ele estendeu cobertores no chão da tenda e descontraiu sobre eles. Havia uma expressão de consternação em seu rosto que era quase cómica. Invasões, balas, criminosos... não há problema. Um sobretudo faltando? Crise.

— Bem que você pode ter outro, — eu disse. — Você sabe, uma vez que encontramos Jill, limpar o meu nome, e salvar o mundo.

— Apenas essas coisas, hum? — Ele perguntou, fazendo com que nós dois ríssemos. Mas quando eu estendi-me ao lado dele, ambos os nossos rostos acalmaram.

— O que vamos fazer? — eu perguntei. Pergunta da noite mais popular.

— Dormir, — disse ele, clicando na lanterna para desligar. — Assim amanhã pedimos assistência de Abe ou Tasha ou... alguém. Bem, nós vamos eles lidar com isso e levar a Jill ao lugar onde ela pertence.

Fiquei surpresa como a minha voz pareceu tão pequena quando falei.

— Eu sinto que nós falhamos. Eu estava tão feliz lá. Eu pensei que tínhamos feito o impossível, mas para nada. Todo este trabalho

para nada.

— Nada? — perguntou ele com espanto. — O que nós fizemos... isto é enorme. Você encontrou a irmã da Lissa. Outra Dragomir. Eu não acho que você realmente ainda compreenda o peso disso. Nós tínhamos quase nada para continuar, ainda assim você empurrou para a frente e fez acontecer.

— E eu perdi Victor Dashkov. Mais uma vez.

— Bem, a coisa sobre ele é que ele não pode ficar escondido por muito tempo. Ele é uma daquelas pessoas que sempre tem que estar no controle. Ele terá que fazer um movimento e quando finalmente ele o fizer — bem, nós vamos apanhá-lo.

O sorriso voltou aos meus lábios, mas eu sabia que ele não poderia vê-lo.

— E eu pensei que eu era a única otimista aqui.

— É contagiante, — ele respondeu. Então, para minha surpresa, ele encontrou a minha mão no escuro. Entrelaçamos os dedos. — Você fez bem, Roza. Muito bem. Agora dorme.

Nós tocamos de nenhuma outra maneira, mas sua mão era todo o calor do mundo. Isto não foi um momento perfeito, como na biblioteca, mas nossa ligação familiar e o entendimento entre nós queimaram mais brilhante do que nunca, e me senti bem. Certo. Natural. Eu não queria dormir. Eu só queria ficar lá e saborear estar com ele. Não foi engano, eu decidi, pensando em Adrian. Foi apenas desfrutando desta proximidade.

Ainda assim, o sono era essencial. Nós elaboramos um horário, onde cada um de nós teve mudanças. Ele iria ficar acordado agora, enquanto eu descansava, e eu tive um sentimento se eu não dormir, ele não iria querer trocar quando chegasse a altura. Fechei os olhos, e não era meu coração que eu tinha para abrandar

por esse tempo. Foi a minha mente, a roda de hamster que não deu em nada tentando descobrir o que fazer a seguir. Basta levar Jill á Corte. Basta levar Jill á Corte. Isso era tudo que importava. Nós

tínhamos de contactar alguém que pudesse chegar a Jill. Dimitri e eu ficaríamos tranquilos, tudo logo se iria fixar...

— Graças a Deus.

Eu me virei, nem sequer percebendo eu tinha caído em um sonho do espírito. Eu estava de volta ao jardim de Sonya com todo o sol e sua cor, e ela sentou-se numa cadeira, olhando expectante.

— Eu estava com medo que estivesse acordada a noite toda, vendo a sua volta, — ela continuou.

— Eu faria se fosse minha escolha, — eu respondi, caminhando até ela. Ela não era quem eu estava esperando ver nos meus sonhos, mas pelo menos eu tinha contacto com o mundo exterior. Eu usava o vestido preto e branco aqui, mas, ao contrário da realidade, estava limpo e intacto.

— Dimitri pensa que estamos em um local seguro, embora ele esteja acordado, é claro.

— Claro que sim. — Havia um brilho de diversão nos olhos dela, mas foi breve.

— Onde você está? — Eu perguntei. — Os guardiões colocaram-te para exploração?

— Eles não ficaram comigo, — ela disse satisfeita. — Você era a prioridade, e um pouco de compulsão vez a certeza de que não me viram. Eu tive... eu odiei ter deixado Emily, no entanto.

Eu simpatizei, mas estava muito animada com o escape de Sonya. Boa notícia, enfim.

— Mas você pode levar a Jill á Corte. Você é livre.

Sónia olhou para mim como se eu tivesse apenas falado francês. — Eu não posso levar a Jill.

Eu fiz uma careta. — Ela está sob tanta segurança assim?

— Rose, — disse Sonya. — Jill não está com os guardiões de todo. Victor e Robert a levaram.

VINTE E SEIS

— Ela o que? — Eu exclamei. Os pássaros que cantavam no sonho no jardim se silenciaram. — Com eles? É por isso que eles chamaram os guardiões?

Sonya continuou calma, porém ela franziu ligeiramente o cenho.

— Victor e Robert não chamaram os guardiões. Por que chamariam?

— Por causa... porque eles queriam se livrar de Dimitri e eu...

— Talvez, — disse Sonya. — Mas não enquanto eles ainda estavam na casa. Victor é tão procurado quanto você. Foi só a magia de Robert que os levou para fora.

— Então quem...? — A resposta me atingiu. Eu gemi. — John e Emily. Eu deveria saber que isso não seria tão fácil assim. Eles foram muito rápidos para aceitar fugitivos em sua casa.

— Eu realmente acho que foi apenas John. Emily realmente pareceu acreditar que vocês eram inocentes... até mesmo se ela não gostasse do por que você estava lá. Também suspeito de que se ela se preocupasse em chamar os guardiões isso chamaria mais atenção para a identidade de Jill. Não me surpreenderia se John os chamasse nem mesmo advertindo-a sobre os chamar. Ele provavelmente pensou que ele estava fazendo um favor a todos.

— E em vez disso, ele perdeu sua enteada — eu disse. — Mas por que Victor e Robert tinham que levá-la? E como diabos dois homens velhos subjugaram uma menina adolescente, de qualquer maneira?

Sonya encolheu os ombros. — Eles estão, provavelmente, mais forte do que parecem. Compulsão também, provavelmente, fez um papel nisso. E, para quê? Difícil dizer. Mas Victor quer poder e

controle. Mantendo um Dragomir perdido com ele é uma boa maneira de possuir isso.

Eu me encostei em uma árvore. — Bem, nós nunca conseguiremos levá-la a Corte.

— Nós só temos que encontrá-la, — disse Sonya. Eu poderia fazer alguma coisa se ela dormisse.

— Mais sonho ambulante, — eu disse. Minha esperança começou a reacender.

— Você deveria ir até ela agora. Descobrir...

— Eu tentei. Ela não está dormindo. E eu estou disposta a apostar que eles vão mantê-la acordada justamente por isso, para que eles possam colocar alguma distância entre nós. Eu vou continuar tentando, no entanto. — Isto não era o ideal, mas era o melhor que poderíamos esperar até agora.

— E Sydney e os Mastrano?

— Enfrentando um monte de perguntas. — Sonya deixou a cabeça cair. Eu sabia que ela ainda se sentia mal em abandonar o seu primo, assim como eu me senti mal sobre Sydney.

Eu gentilmente toquei o braço de Sonya. — Não tem problema. Eles estarão bem. O que você fez vai ajudar Jill.

Ela assentiu com a cabeça. — Como vamos manter contato? Eu não posso esperar sempre até que você durma.

Silêncio. Excelente ponto.

— Talvez pudéssemos obter um telefone celular hoje em dia... Deus sabe quanto precisamos de um. E bem... Por que você não vem até nós? Onde você está de qualquer maneira?

Eu me perguntava se eu estava cometendo um erro em convidá-la a se juntar a nós. Dimitri e eu tínhamos tido um grande esforço para manter o segredo sobre qual era nossa localização e o confronto com os guardiões já havia sido um pouco mais próximo que eu gostaria. Além dos problemas óbvios de prisão, execução, etc, ser capturado nos levaria para fora do quadro de ajudar Lissa.

No entanto, eu tinha certeza de que Sonya era uma de nossos aliados, e neste momento, ela poderia ser nossa única ligação a Jill.

Eu tinha feito uma aposta semelhante ao revelar onde estávamos para Victor. E quando ele tinha tecnicamente nos ajudado, a ajuda, obviamente, saiu pela culatra. No entanto, eu disse para Sonya o nome do nosso acampamento e as melhores direções que eu podia.

Ela disse que viria —Eu não sabia como ela trataria disso, mas suspeitava que ela era engenhoso o suficiente e continuaria tentando chegar a Jill.

— Sonya... — Hesitei em falar, sabendo que eu deveria deixá-la terminar o sonho. Tivemos importantes problemas mais graves do que eu estava prestes a perguntar. Além disso, este era um assunto pessoal. — O que quis dizer no carro... quando eu disse que eu tinha compartilhado um sonho com o meu namorado? Você parecia surpresa.

Sonya me estudou por um longo momento, aqueles olhos azuis olhando para dentro de mim mais do que eu gostaria. Às vezes ela parecia mais segura sendo louca. — Auras dizem muita coisa, Rose, e eu sou muito boa em lê-las.

Muito melhor do que seus amigos provavelmente são. Um sonho de espírito envolve sua própria aura de ouro, que é como eu soube. Sua aura é exclusiva para você, embora ela varie com seus sentimentos e alma. Quando as pessoas se amam, isso é evidente. Suas auras brilham. Quando você estava sonhando, a sua estava brilhante. As cores eram brilhantes... mas não o que eu esperava para um namorado. É claro que nem todo relacionamento é o mesmo. As pessoas estão em diferentes fases. Eu teria deixado para lá, exceto...

— Exceto o quê?

— Exceto, que quando você está com Dimitri, sua aura é como o sol. Então é dele. — Ela sorriu quando eu simplesmente olhava em silêncio atordoada.

— Você está surpresa com isso?

— Eu... isto é, terminamos. Costumávamos ficar juntos, mas após sua mudança, ele não me quer mais. Eu segui em frente. Onde seguir em frente aparentemente, significava dar as mãos e o ter perto, em momentos quentes.

— É por isso que estou com Adrian. Eu estou feliz com Adrian. — Esta última frase soou quase na defensiva. Quem era que eu estava tentando convencer? Ela ou a mim?

— Comportamentos e sentimentos raramente se alinham, — ela disse, parecendo muito com o Dimitri zen. — Não leve a mal, mas você começou algumas questões para se resolver.

Ótimo. Terapia de uma mulher louca.

— Ok, vamos supor que há algo nisso. Eu só realmente desisti de Dimitri há algumas semanas atrás. É possível que eu provavelmente esteja ainda agarrada a alguns sentimentos. — Possível? Eu pensei sobre como eu sempre estava extremamente consciente de sua presença física no carro, a harmonia despreocupada na biblioteca, como era bom trabalhar com ele da nossa forma, os dois sempre determinados e quase nunca adivinhar o outro. E poucas horas atrás, no quarto...

Sonya teve a audácia de rir. — É possível? Depois de apenas duas semanas? — Rose, você é tão sábia em tantas maneiras... e tão jovem em outras.

Eu odiava ser julgada pela minha idade, mas não tinha tempo para as birras.

— Ok, sei lá. Eu ainda tenho sentimentos. Mas não ele. Você não o viu depois que ele mudou. Foi horrível. Ele estava deprimido. Ele disse que queria me evitar a todo custo, que ele não podia amar alguém novamente. Não era até essa loucura da fuga que ele mesmo começou a agir como o velho Dimitri.

— Ele e eu conversamos sobre isso, — disse ela, o rosto sério de novo. — Sobre a depressão. Eu entendo isso. Depois de ser Strigoi... fazer o que fizemos... você não se sente digno de ter uma vida. São

apenas culpa e escuridão e as memórias de esmagamento desse mal. — Ela estremeceu.

— Você... você agiu de forma diferente dele. Quero dizer, você parece tão triste às vezes, mas em outras... é como se nada tivesse acontecido. Você já está de volta ao seu antigo eu. Na maioria das vezes. Por que a diferença de vocês dois?

— Ah, Eu ainda tenho a culpa, acredite em mim. Depois que Robert me mudou... — Havia veneno quando ela falou seu nome. Bem, eu não queria sair da minha casa, minha cama. Eu me odiava por aquilo que eu tinha feito.

Eu queria ter sido estacada até a morte. Então Dimitri falou comigo... Ele disse: que a culpa era inevitável. O fato de que eu posso sentir isso prova que eu não sou mais Strigoi. Mas ele me disse que eu não posso deixar que me impeça de abraçar a vida novamente. Que tinha sido dada a nós uma segunda chance, ele e eu não podemos jogá-la fora. Ele também disse que levou algum tempo para realizá-lo e que ele não queria que eu cometesse os mesmos erros. Ele me disse para abraçar a vida e sua beleza e as pessoas que eu amo antes que fosse tarde demais. Embora isso possa ser difícil. Deixar o passado de Strigoi... é como um peso, sempre pressionando a mim. Ele jurou que não ia deixá-lo controlá-lo mais, que, acredite em mim, soa nobre, mas é muito difícil de fazer e que ele não ia deixar sua vida ser inútil. Ele já tinha perdido algumas coisas para sempre, mas se recusou a perder o resto.

— Ele disse tudo isso? Eu... Eu não tenho certeza do significado de metade disso.

— Disse-me para abraçar a vida e a sua beleza e as pessoas que eu amo antes que fosse tarde demais. — Às vezes eu não quero. Como eu disse, é muito mais fácil dizer do que fazer. Ainda assim, acho que ele tem me ajudado a recuperar mais rapidamente do que eu faria por mim mesma. Eu sou grata. E quanto a você e sua aura... — Aquele pequeno sorriso voltou. — Bem, você começou a descobrir. Eu não acredito em almas gêmeas, não exatamente. Eu acho que é ridículo pensar que há somente uma pessoa lá fora para

nós. E se a sua — alma gêmea — vive no Zimbabué? E se ele morrer jovem? Eu também acho que — duas almas se tornar um só, — é ridículo. Você tem necessidade de agarrar-se. Mas eu acredito em almas estarem em sincronia, as almas que refletem uns aos outros. Eu vejo a sincronia em auras. Eu posso ver o amor também. E eu vejo tudo isso na aura dele e na sua. Só você pode escolher o que fazer com essa informação, se você ainda acredita nela.

— Sem pressão, — eu murmurei.

Ela parecia que estava prestes a terminar o sonho, mas depois parou e deume um olhar penetrante.

— Um coisa para se ter cuidado, Rose. Suas auras combinam, mas elas não são idênticas. Dimitri é enriquecido com pedaços de escuridão, que ficaram de seu trauma. Mas a escuridão desaparece um pouco a cada dia. Você carrega a escuridão também, mas não o seu desaparecimento.

Eu tremi. — Lissa. É a escuridão que eu estou absorvendo dela, não é?

— Sim. Eu não sei muito sobre os vínculos, mas o que você está fazendo — mesmo que para ajudá-la — é muito perigoso. Prantos de espírito nos separaram, sem questionar, mas em alguns aspectos... Eu acho que nós usuários espírito encaramos isso um pouco melhor. Não que isso seja óbvio, — ela acrescentou com ironia. Mas você? Não. E se você tomar muito, eu não sei o que vai acontecer. Estou com medo de esta adaptação. Eu tenho medo apenas que este curso poderá tornar uma faísca — um catalisador — que explodirá dentro de você.

— O que acontece, então? — Sussurrei.

Ela balançou a cabeça lentamente. — Eu não sei.

Com isso, o sonho desvaneceu.

Eu caí no sono sem sonhos, apesar de meu corpo, como se soubesse que era hora de tomar o meu turno, acordou por ele mesmo poucas horas depois.

A escuridão da noite me cercou mais uma vez, e perto, eu ainda podia ouvir Dimitri, respirar firme e sentir seu calor.

Tudo o que eu tinha acabado de discutir com Sonya se despejou de volta para mim. Muito, muito. Eu não sabia por onde começar a processá-lo. E não, eu não sabia se eu podia acreditar, não com o que tinha visto na vida real. Comportamentos e sentimentos raramente se alinham. Respirando fundo, eu me obriguei a ser uma guardiã, não uma garota emocionalmente abalada.

— Seu tempo de sono, camarada.

Sua voz veio a mim como a luz na escuridão, suave e baixa. — Você pode descansar mais, se você precisar.

— Não, bem, eu estou bem, — eu disse a ele. — E lembre-se, você não é...

— Eu sei, eu sei, ele riu. Eu não sou o general. Oh senhor. Nós acabamos de fazer piada um ao outro. Eu acredito em almas que estão em sincronia.

Severamente me lembrei que Sonya não visitou meu sonho para falar da minha vida amorosa, contei o resto do sonho para Dimitri, descrevendo a traição de John e o sequestro de Jill. — Será que eu... eu fiz a coisa certa dizer para Sonya onde estamos?

Alguns minutos se passaram antes que ele respondesse. — Sim. Você está certa de precisarmos de sua ajuda e ela pode encontrar Jill. O problema é que Victor e Robert tem como saber disso também. — Suspirou. — E você está certa que seria melhor descansar para o que está por vir.

Então, dessa forma eficiente dele, ele não disse mais nada. Logo, sua respiração mudou quando ele caiu de volta no sono. Foi incrível como ele fez isso com tão pouco esforço. Claro, isso era algo que era ensinado para guardiões: aproveitar o sono quando você pode, porque você não sabe quando você será capaz de fazê-lo novamente. Era um truque que eu nunca peguei. Olhando para a escuridão, eu mantive meus sentidos aguçados, para ouvir qualquer som que pode indicar perigo.

Eu não poderia ter um talento para adormecer imediatamente, mas eu poderia manter meu corpo alerta e acordado enquanto verificava Lissa. Jill e nossa fuga ocupou-me hoje, mas os acontecimentos na Corte ainda pesava sobre mim. Alguém tinha tentado matar Lissa, e um grupo de responsáveis tinha apenas arrastado Eddie.

Quando eu olhei através dos olhos dela, não foi nenhuma surpresa encontrar a maioria dos meus amigos juntos. Eles estavam em uma sala, completamente intimidante semelhante ao QG que foi questionado sobre minha fuga, só que era maior.

E com boa razão. Ele estava lotado com todos os tipos de pessoas. Adrian e Christian ficaram por Lissa, e eu não precisava saber ler a aura para ver que eles estavam tão desconfortáveis quanto ela. Hans estava atrás de uma mesa, as mãos apertadas sobre ele quando ele se inclinou para frente e olhou para todos. Oposto a Lissa, contra a parede mais distante, Eddie sentou-se imóvel em uma cadeira com um guarda de cada lado dele. Ambos os guardas estavam tensos, preparando para entrar em ação. Eles pensaram que Eddie era uma ameaça, eu percebi que era ridículo. No entanto, Hans pareceu compartilhar suas ideias.

Ele apontou o dedo para uma fotografia em cima da mesa. Dando um passo à frente, Lissa viu que a imagem era do cara que a atacou -uma foto tirada após a sua morte. Seus olhos estavam fechados, sua pele pálida, mas ela forneceu uma visão detalhada das características de seu rosto, calma como estava.

— Você matou um Moroi! — Hans exclamou. Eu estava aparentemente sintonizada com o meio da conversa. — Como é que não é um problema? Você é treinado para protegê-los!

— Eu protegi, — disse Eddie. Ele estava tão calmo, tão sério que a parte de mim que ainda poderia reunir uma sensação de humor, achava que ele era como um Dimitri Junior. — Eu a protegi. Que diferença faz se as ameaças são de Moroi ou Strigoi?

— Nós não temos nenhuma prova de qualquer um dos detalhes deste ataque, — rosnou Hans.

— Você tem três testemunhas! — rebateu Christian. — Você está dizendo que os nossos relatórios são inúteis?

— Eu estou dizendo que vocês são amigos dele, o que torna seus relatórios questionáveis. Eu teria gostado se tivesse um guardião por perto para verificar isso.

Agora o temperamento de Lissa inflamou. — Você fez! Eddie estava lá.

— E não havia nenhuma maneira que você poderia tê-la protegido, sem matá-lo?

Perguntou Hans.

Eddie respondeu, e eu sabia que ele estava ponderando seriamente a pergunta, perguntando se ele poderia realmente ter cometido um erro. No último, ele sacudiu a cabeça. — Se eu não tivesse o matado, ele teria me matado.

Hans suspirou, seus olhos cansados. Foi fácil para mim ficar zangada com ele agora, e eu tive que lembrar que ele estava apenas fazendo seu trabalho.

Ele pegou a foto. — E nenhum de vocês, nenhum de vocês, reconhece este homem?

Lissa estudou o rosto mais uma vez, reprimindo um tremor. Não, ela não tinha reconhecido ele durante o ataque e iria reconhecê-lo agora. Não havia nada memorável nele - nenhum aspecto notável que você poderia apontar.

Nossos outros amigos balançaram a cabeça, mas Lissa sentiu-se franzindo o cenho.

— Sim,? perguntou Hans, imediatamente em alerta sobre essa mudança sutil.

— Eu não o conheço... — Disse ela lentamente. A conversa com Joe, o zelador, veio à sua mente.

— Como ele era? — ela tinha perguntado a Joe.

— Pano, Comum. Excepto a mão...

Lissa olhou para a foto mais um momento, que por pouco mostrou uma mão cicatrizada com um par de dedos dobrados. Eu também tinha isso notado na luta. Ela levantou os olhos para Hans. — Eu não o conheço, — ela repetiu. — Mas eu acho que conheço alguém que conhece. Há um faxineiro... bem, um ex-zelador.

A pessoa que testemunhou sobre Rose. Eu acho que ele viu esse cara antes. Eles têm um interessante relacionamento. Mikhail estava indo ter certeza de que ele não deixaria a Corte.

Adrian não parecia feliz em ter tudo sobre Joe à tona, visto que implicava a sua mãe por causa do suborno.

— Eles terão uma dificuldade para fazê-lo falar.

Hans estreitou os olhos. — Ah, se ele sabe alguma coisa, bem vamos fazê-lo falar. Ele deu um aceno de cabeça afirmativa em direção à porta, e um dos responsáveis por Eddie se mudou para ele. — Encontre esse cara. E mande-o com nossos 'convidados. O guardião assentiu e saiu da sala.

— Qual convidados? — Perguntou Lissa.

— Bem, — disse Hans, — é engraçado você mencionar Hathaway. Porque nós só tivemos um avistamento dela.

Lissa enrijeceu, pânico passou por ela. Eles acharam Rose. Mas como? Abe havia garantido a ela que eu estava segura naquela cidade no oeste Virgínia.

— Ela e Belikov foram vistos fora de Detroit, onde uma menina foi raptada.

— Eles nunca fariam... — Lissa parou. — Você quis dizer Detroit? Foi com grande contenção que ela não atirou um olhar questionador na direção de Christian e Adrian.

Hans balançou a cabeça, e embora ele deu a aparência de apenas estar transmitindo informações, eu sabia que ele estava contando por algum tipo de reação dos meus amigos. — Eles tinham algumas outras pessoas com eles. Alguns deles fugiram, mas nós pegamos um.

— Quem é que eles sequestram? — Perguntou Christian. Sua surpresa não era falsificada também. Ele também tinha pensado estavam seguramente escondidos.

— Mastrano, — disse Hans. — Alguma coisa Mastrano.

— Jill Mastrano?! — Exclamou Lissa.

— Jailbait? — Perguntou Adrian.

Hans claramente não tinha se informado sobre este apelido, mas não teve a oportunidade de questioná-los porque então, a porta se abriu. Três guardiães entraram, e com eles veio Sydney.

VINTE E SETE

Eu poderia ter ficado de boca aberta se eu estivesse lá. Tanto pelo choque de ver Sydney quanto por ser uma humana á vista na Cortel.

Humanos, na verdade, porque tinha dois outros com ela, um homem e uma mulher. O homem era jovem, só um pouco mais velho do que Sydney, com cabelos e olhos marrons escuro. A mulher era mais velha, com olhar duro e experiente que eu associei á Alberta. A mulher tinha a pele escura, mas eu pude ver a tatuagem dourada que ela e os outros alquimistas tinham. Todos Alquimistas. E era óbvio que esses alquimistas não estavam felizes. A mulher estava colocando em um bom show, mas seus olhos dardejantes deixaram claro que ela preferia estar em algum outro lugar, qualquer outro lugar. Sydney e o cara não ocultaram totalmente seu medo. Sydney podia ter se acostumado com Dimitri e eu, mas ela e seus associados tinham entrado em um covil do mal na medida em que foram provavelmente a causa.

Os Alquimistas não estavam sozinhos em seu desconforto. Assim que eles tinham entrado, os guardiões não mais consideraram Eddie como a ameaça da sala. Seus olhos estavam todos nos humanos, investigando-os como se fossem Strigoi. Meus amigos pareciam mais curiosos do que com medo. Lissa e eu vivemos entre humanos, mas Christian e Adrian tiveram muito pouca exposição, mais que alimentadores. Ver os Alquimistas no *nosso território* acrescentou um elemento extra de intriga.

Eu estava certamente admirada de ver Sydney lá tão rápido. Ou será que foi realmente rápido? Horas tinham passado desde que escapamos da casa de Jill. Não tempo suficiente para dirigir até a Corte, mas com certeza suficiente para voar. Sydney não tinha mudado de roupa desde a última vez em que eu a havia visto, e tinha sombras embaixo de seus olhos. Eu tive a impressão de que

ela estava ferrada desde o fim de sua captura. O mistério era, por que trazer trazer os Alquimistas aqui para reunião sobre Eddie ter matado o Moroí desconhecido? Havia duas questões completamente diferentes em jogo.

Lissa estava pensando a mesma coisa. — Quem são esses caras? — ela perguntou, apesar de ela ter uma boa ideia sobre quem era Sydney. Ela ouviu descrição suficiente de mim. Sydney deu a Lissa mais uma olhada, e eu suspeitei que ela tinha adivinhado a identidade de Lissa também.

— Alquimistas. — Hans disse grosseiramente — Vocês sabem o que isso significa?

Lissa e meus amigos balançaram a cabeça — O que eles têm que fazer com Eddie e o cara que me atacou? — ela perguntou.

— Talvez alguma coisa, talvez nada — Hans encolheu os ombros — Mas eu sei que tem alguma coisa estranha acontecendo, alguma coisa em que todos vocês estão envolvidos, e eu preciso descobrir o que é. — Ela — Hans apontou para Sydney — estava com Hathaway em Detroit, e eu ainda tenho problema em acreditar que nenhum de vocês sabe nada sobre isso — .

Adrian cruzou os braços e se encostou na parede, a perfeita figura da indiferença.

— Continue acreditando nisso, mas eu não conheço nenhuma dessas pessoas. Os Alquimistas não odeiam a gente? Por que eles estão aqui? — Adrian, ironicamente, era o único dos meus amigos que sabia que eu não estive em West Virgínia, mas você nunca diria por seu comportamento.

— Porque nós temos uma assassina foragida para lidar e precisamos questionar seu cúmplice em pessoa. — era a responsabilidade decidida de Hans.

Uma negação da minha culpa estava nos lábios de Lissa, mas o outro Alquimista pulou primeiro. — Você não tem prova de que a Senhorita Sage é cúmplice da sua criminosa. E eu ainda acho

ridículo que você não vai nos deixar fazer nosso próprio questionamento e deixar por isso mesmo.

— Em outra situação, poderíamos, Senhorita Stanton, — replicou Hans. Gelo estava se formando entre dois deles. — Mas essa, como você pode imaginar, é um pouco mais séria que outras. Nossa Rainha foi assassinada.

Tensão se fez ainda mais entre os guardiões e os Alquimistas. Seu relacionamento profissional não era um feliz, eu percebi. Também me ocorreu, que mesmo se os superiores de Sydney pensassem que ela cometeu um crime, eles nunca admitiriam ainda mais para o meu povo — o que significou que a paranóia de Hans não era completamente infundada. Quando nenhum dos Alquimistas respondeu, Hans leu isso como uma aprovação para começar a interrogar Sydney.

— Você conhece esses três? — Ele gesticulou para meus amigos e Sydney balançou a cabeça — Já se comunicou com eles?

— Não.

Ele fez uma pausa, como se esperasse que ela fosse mudar a resposta. Ela não o fez. — Então como você se envolveu com Hathaway?

Ela o estudou atentamente, medo em seus olhos castanhos. Eu não estava certa de que era por causa dele exatamente. Na verdade, ela tinha muitas coisas para estar nervosa agora, como estar aqui agora e a eventual punição que os Alquimistas podiam lhe aplicar. Depois, é claro, tinha Abe. Tecnicamente, ele era a razão pela qual ela estava enredada nessa bagunça. Tudo o que ela tinha que fazer era falar nele, dizer que ele a tinha chantageado. Isso talvez a livrasse dessa — mas provocaria sua ira. Sydney engoliu em seco e forçou um olhar desafiador.

— Eu encontrei Rose na Sibéria.

— Sim, sim. — disse Hans — Mas como você terminou a ajudando a escapar daqui?

— Eu não tive nada a ver com a fuga dela desse lugar! — disse Sydney. Isso era uma meia-verdade, eu supus — Ela me contatou alguns dias depois e me pediu para ajudá-la a chegar até uma casa em Detroit. Ela afirmou que era inocente e que isso a ajudaria a provar isso.

— Os Alquimistas sabiam até então que ela era uma fugitiva — Hans pontuou — Todos tinham ordens de procurá-la. Você poderia ter entrado na dela

— Quando eu encontrei Rose pela primeira vez, ela não parecia ser do tipo que mataria — eu quero dizer, exceto por matar Strigoi. O que não é assassinato de verdade — .

Sydney atirou em um desdém Alquimista. Isso foi um toque legal. — Então, quando ela disse que era inocente e podia provar isso, eu decidi ajudá-la. Eu dei a ela uma carona.

— Nós acabamos de perguntar isso a ela, — Stanton disse irritada — E nós já dissemos isso para você. O que ela fez foi idiota — um ingênuo lapso de julgamento. Isso é algo para nós cuidarmos, não você. Você se preocupa com seu demônio assassino. — Suas palavras eram leves, como se eles fossem levar Sydney pra casa e castigar uma criança birrenta. Eu duvidei que isso fosse ser tão simples.

— Quem eram as pessoas com ela? — Hans perguntou, ignorando Stanton.

O desprezo de Sydney cresceu — Um era o cara... Dimitri Belikov. O que vocês disseram que estava — curado — Eu não sei quem eram os outros. Dois caras e uma mulher. Eles nunca se apresentaram. — Isso era uma mentira bem feita, seu falso desgosto por Dimitri mascarando o seu conhecimento sobre o resto de nossas associações.

Lissa inclinou-se ansiosamente, falando apenas antes que Hans pudesse — O que era em Detroit? Como Rose estava indo limpar seu nome? Especialmente com Jill?

Hans não pareceu feliz com a interrupção, mas eu sabia que ele tinha que estar curioso sobre Jill e Detroit também. Ele não disse nada, talvez esperando que alguém fosse escorregar e revelar a peça chave do conhecimento. Sydney, porém, continuou jogando distante e fria — Eu não faço ideia. Aquela garota Jill não parece saber também. Rose apenas disse que tínhamos que chegar até ela, então eu a ajudei.

— Cegamente? — Hans perguntou. — Você realmente espera que eu acredite que você apenas acreditou nela desse jeito?

— Ela era minha... — Sidney apenas bateu os lábios no que eu suspeitei que era — amiga. — Ela mudou para seu modo profissional — Tinha alguma coisa creditável sobre ela, e eu achei que seria um desperdício de recursos se os Alquimistas estivessem ajudando vocês a caçar o assassino errado. Se eu decidisse que ela era culpada, eu poderia simplesmente denunciá-la. E pensei... E pensei que se eu fosse a pessoa a resolver isso, eu teria o crédito e a promoção. — Essa foi uma boa, boa mentira. Uma garota ambiciosa tentando levantar sua carreira? Muito bom. Bem, não para todo mundo.

Hans balançou a cabeça — Eu não acredito em nada de você.

O cara alquimista deu um passo a frente que fez cada guardião se sentir tenso para pular nele. — Se ela diz que foi dessa maneira que aconteceu, então foi dessa maneira que aconteceu. — Ele tinha a mesma fúria e desconfiança que Stanton, mas aquela parecia ser maior. Um tipo de proteção por Sydney que era tanto pessoal quanto profissional. Lissa foi nessa também.

— Fácil, Ian — disse Stanton, ainda com os olhos em Hans. Sua postura me lembrou mais e mais de Alberta. Ela não podia estar confortável em uma sala cheia de guardiões, mas não estava mostrando isso. — Não importa se você acredita nela ou não. O ponto é que: Senhorita Sage respondeu suas perguntas. Nós terminamos.

— Os pais da Jill sabem de alguma coisa? — Lissa perguntou. Ela ainda estava chocada com todos esses desenvolvimentos — sem

mencionar preocupada sobre eu estar longe da minha segura cidade na Montanha — mas esse misterioso tiro de limpar meu nome era poderoso. Ela não podia deixar passar.

Sydney mudou para Lissa, e eu podia praticamente ler os pensamentos dos Alquimistas. Ela sabia o quão próximas Lissa e eu éramos e teria gostado de dar a Lissa algum conforto. Mas não havia maneira de Sydney fazer isso com aquelas pessoas naquela sala. Ela apenas tinha que estar ciente do fato de que eu mesma não tinha dito nada a Lissa sobre Jill.

— Não, — disse Sydney — Nós apenas fomos lá, e Rose disse que Jill tinha que ir com ela. Os Mastrano não sabem o porquê. E depois — e depois Rose a levou. Ou Jill foi com ela. Eu não estou certa do que aconteceu. Tudo ficou um caos.

Nem os Alquimistas nem os Guardiões duvidaram de eu levando Jill, o que me fez pensar que foi uma história que eles pegaram — e aceitaram dos pais de Jill e de Sydney. Isso apenas tinha o suficiente para ser plausível — e explicar o desaparecimento de Jill. Isso não mencionou o segredo Dragomir, que por sinal, era o que provavelmente Emily estava mais feliz em deixar quieto por agora.

— Lá, — disse Stanton — Isso é exatamente o que dissemos a você antes. Nós precisamos ir agora — Ele foi em direção a porta, mas os guardiões bloquearam a passagem.

— Impossível, — disse Hans — Isso é um assunto sério, e a Senhorita Sage é a única ligação que nós temos para uma assassina — uma assassina de um membro da realeza. E um sequestro.

Stanton zombou, e eu me lembrei de Sydney uma vez falando sobre o pensamento dos Alquimistas de que o sistema real Moroi era bobagem. — Ela não parece ser de muito uso para você. Mas não se preocupe — nós estaremos segurando ela. Contate-nos se tiver mais perguntas.

— Inaceitável, — disse Hans — Ela fica aqui.

Ian, o outro alquimista, juntou o argumento, movendo-se protetoramente para a frente de Sydney — Nós não vamos deixar

um de nós aqui! — . De novo, eu tive aquele sentimento engraçado sobre ele. Uma queda, era isso. Ele tinha uma queda por ela e estava tratando isso como mais do que apenas negócios. Stanton deu a ele um olhar que disse que ela iria lidar com esse assunto. Ele ficou silencioso.

— Vocês todos podem ficar aqui também — disse Hans — Não faz diferença para mim. Nós lhe daremos quartos.

— Isso é inaceitável — De lá, ela e Hans foram para uma discussão furiosa. Eu não pensei que isso fosse para os golpes, mas os outros guardiões se fecharam em ligeira precaução.

Os olhos de Ian disparavam entre Stanton e Sydney, mas ele não entrou na briga. Uma vez que, seu olhar passou pela mesa onde Hans se inclinou e, de repente Ian fez um dobro ao tomar a fotografia. Isso foi apenas uma breve pausa. Um aumento ligeiro dos olhos, mas Lissa pegou.

Ela deu um passo em direção de Ian e Sydney. Um dos guardiões olhou para o movimento, considerando Lissa segura, e retornaram para olhar Stanton. — Você conhece ele — Lissa murmurou, mantendo sua voz abaixo das mensagens. De fato, estava baixo demais porque ela recebeu olhares em branco de Sydney e Ian. Seus ouvidos não podiam escutar o que um Moroi ou dhampir teriam.

Lissa olhou inquieta em volta, não querendo atrair atenção. Ela levantou um pouco o volume — Você o conhece. O cara na foto.

Ian olhou para Lissa. Um pouco de admiração e desconfiança em seu rosto. Ele, sem dúvida, deu essa mesma atitude arrogante para os vampiros, mas as palavras dela o pegaram de guarda baixa. E, mesmo ela sendo uma criatura demoníaca da noite, ela era uma muito bonita.

— Ian? — disse Sidney suavemente — O que é isso? — Tinha uma nota de urgência em sua voz, uma que inadvertidamente brincou com sua queda, eu acho.

Ele abriu a boca para falar, mas depois, a *conversa* entre os outros embrulhou. Sydney novamente se tornou o centro das atenções. E Ian afastou-se de Lissa.

O compromisso que Stanton e Hans alcançaram era exatamente isso — um compromisso. Nem ao menos estavam felizes com isso. Tinham uma pequena cidade, menos de quarenta e cinco minutos de distância da Corte, e os Alquimistas poderiam ficar lá — com severos guardiões á mão. Isso soou como prisão domiciliar para mim, e a expressão de Stanton parecia concordar. Acho que ela só consentiu porque era uma cidade humana.

Antes de deixar todos irem, Hans perguntou aos meus amigos um último momento, seus olhos estudando cada rosto cuidadosamente.

— E nenhum de vocês — nenhum de vocês conhece essa garota Alquimista ou teve algum contato com ela? Ou sabem sobre seu envolvimento com Hathaway?

De novo, Lissa e os outros negaram isso, e de novo, Hans não teve escolha senão aceitar relutantemente as respostas. Todo mundo se moveu para a porta, mas Hans não iria deixar Eddie ir. — Você não, Castile. Você vai ficar aqui até outras questões serem resolvidas.

Lissa engasgou — O que? Mas ele...

— Não se preocupe com isso — disse Eddie, com um pequeno sorriso — Tudo vai ficar bem, apenas cuide-se.

Lissa hesitou, apesar de Christian puxar seu braço para que ela fosse. Apesar do fato de Eddie ter defendido a vida de Lissa, ele ainda tinha matado um Moroi. Isso seria impossível de ser tomado de forma leve. Os guardiões tinham que estar cem por cento convencidos de que ele não teve escolha antes de liberar ele. Vendo a força, o olhar calmo em seu rosto, Lissa soube que ele estava preparado para lidar com o que viesse.

— Obrigada — disse ela passando por ele — Obrigado por me salvar.

Sua resposta foi um ligeiro aceno, e Lissa entrou no corredor, para se achar em mais caos.

— Onde estão eles? — eu insisti em... Ah

Meus amigos e os Alquimistas se dirigiam para a saída, enquanto um grupo de guardiões os escoltava. Enquanto isso, alguém tinha entrado no hall e agora estava sendo parado e questionado pelos guardiões. Era Abe.

Ele juntou todas as peças do cenário bizarro em menos de um piscar de olhos, seus olhos passando por Sydney e os Alquimistas como se nunca os tivesse visto antes. Pelos olhos de Lissa, eu vi Sydney empalidecer, mas ninguém mais percebeu. Abe sorriu para Lissa e se esgueirou para sair com ela.

— Aqui está você. Eles te querem para o último teste de monarca.

— E eles mandaram você? — perguntou Christian cético.

— Bem, eu me voluntariei, — replicou Abe — Eu escutei que tinha alguma, er.. excitação. Assassinato, humanos fanáticos religiosos, interrogatórios. Todas as coisas nas quais estou interessado, vocês sabem.

Lissa rolou os olhos mas não disse nada até que o grupo tivesse emergido para o prédio. Os Alquimistas e sua não-bem-vinda escolta foram para um lado enquanto Lissa e seus amigos foram para outro. Lissa desejava olhar para Sydney e Ian — e eu também — mas sabia que era melhor continuar seguindo em frente com Abe, particularmente, quando outros guardiões estavam olhando mais do que apenas os Alquimistas.

Assim que o grupo de Lissa estava longe o bastante das autoridades, o sorriso amigável de Abe desapareceu, e ele se virou para meus amigos.

— Que inferno aconteceu? Eu escutei todo tipo de histórias loucas. Alguém disse que você estava morta.

— Quase — disse Lissa, ela contou a ele sobre o ataque, expressando seu medo por Eddie.

— Ele vai ficar bem — Abe disse despreocupadamente — Eles não tem nada para segurá-lo. O pior que ele vai ter é uma marca em seu recorde.

Lissa ficou alivada com a fácil garantia de Abe, mas ainda sentia culpa. Graças a mim, o recorde de Eddie estava estragado. Sua esterlina reputação estava declinando em uma base diária.

— Aquela era Sydney Sage — disse Lissa — Eu pensei que eles estavam em West Virginia. Por que ela não está com Rose?

— Isso — disse Abe sombrio — é uma pergunta excelente.

— Porque eles estavam aparentemente sequestrando Jill Mastrano em Detroit — disse Christian — O que é estranho. Mas não a coisa mais maluca que posse imaginar Rose fazendo — Eu apreciei seu apoio.

Abe recapitulou esse novo desenvolvimento também, pelo menos o quanto meus amigos sabiam sobre isso — que era apenas uma fração da história toda.

Abe percebeu imediatamente que tinha sido deixado de lado, e era óbvio pela sua expressão de raiva que ele não gostava de ser deixado no escuro. Bem-vindo ao clube, pai, eu pensei com pequena satisfação. Eu ainda não tinha esquecido de como ninguém tinha me colocado a par sobre o plano de fuga. Minha presunção foi de curta duração, porque eu estava preocupada sobre o que poderia acontecer com Sydney, agora que Abe estava com ela.

— Aquela garota estava mentindo para mim, — ele rosnou — Todos os dias, todos aqueles relatórios sobre como era calmo e chato em West Virginia. Eu me pergunto se foram mesmo para aquela cidade. Eu tenho que ir falar com ela.

— Boa sorte — disse Adrian enquanto pegava um cigarro e acendia. Aparentemente, na minha ausência, o contrato de namoro que ele de brincadeira fez que dizia que ia — parar — seus vícios

não se aplicava. — Eu não acho que seus comparsas ou os guardiões vão deixar você se aproximar dela.

— Oh, eu vou chegar nela, — disse Abe — Ela tem um monte de respostas. Se ela escondeu daqueles idiotas, bom para ela. Mas ela vai me contar.

Um pensamento súbito se acendeu na mente de Lissa. — Você tem que falar com o Ian. Aquele cara com os Alquimistas. Ele conhece o homem na foto — aa... eu quero dizer, o cara que Eddie matou.

— Você tem certeza? — perguntou Abe.

— Sim — disse Adrian surpreendendo todos — Ian definitivamente teve uma reação. E ele também tem uma queda por aquela garota Sydney.

— Eu vi isso também — disse Lissa

— Ela parecia meio tensa — Adrian fez uma careta — Mas talvez seu tipo seja aquele.

— Essa queda pode realmente ser útil — Abe meditou — Vocês mulheres não sabem o poder que exercem. Vocês viram aquele guardião com quem sua tia está saindo? Ethan Moore?

— Sim. — gemeu Christian — Não me lembre.

— Tasha é bem quente — notou Adrian.

— Isso não é legal — disse Christian.

— Não fique tão ofendido — disse Abe — Ethan é um guarda do palácio. Ele estava lá na noite do assassinato — o que pode ser muito útil para nós se ela puder mantê-lo interessado.

Christian balançou a cabeça — Aqueles guardas já testemunharam. Isso não faz diferença. Ethan disse o que sabia

— Eu não estou certo — disse Abe — Tem sempre coisas que ocorrem no registro oficial, e eu estou certo de que os guardas foram informados com ordens estritas sobre o que podem revelar e o que não podem revelar. Sua tia talvez seja charmosa o suficiente

para descobrir algumas coisas pra nós. — Abe suspirou, ainda parecendo muito chateado com o súbito desapontamento sobre seus planos. — Se apenas Sydney tivesse sido charmosa o suficiente para sair ela mesma de seu interrogatório de forma que eu pudesse interrogá-la. Agora eu tenho que entrar no meio dos Alquimistas e Guardiões para chegar até ela e descobrir onde está Rose. Oh, e você agora tem que ir para o seu teste, princesa.

— Eu pensei que fosse apenas uma frase que você usou para me encontrar. — Lissa disse.

— Não, eles querem você — Ele deu a ela as direções do teste. Isso era no prédio onde ela teve o segundo teste. — Todos vocês vão juntos e depois arranjam um guardião para acompanhar vocês de volta. Não deixem a sala até que Janine ou Tad tenham chegado. — Tad era um dos capangas de Abe — Sem mais ataques surpresa.

Lissa quis argumentar que certamente não ia se colocar sob prisão domiciliar, mas decidiu que era melhor apenas deixar Abe ir por agora. Ele se apressou, ainda irradiando agitação, e os caras se voltaram para o local do teste.

— Cara, ele está putó — disse Adrian

— Você culpa ele? — Perguntou Christian — Ele só perdeu sua filiação no clube mandante do mal. Seu plano brilhante foi pelos ares e agora a filha dele está desaparecida quando ele pensou que ela estava em algum lugar seguro.

Adrian ficou claramente em silêncio.

— Eu espero que ela esteja bem — suspirou Lissa, um nó formando-se em seu estômago — E o que nesse mundo Jill tem a ver alguma coisa disso?

Ninguém tinha uma resposta para isso. Quando eles chegaram ao local do teste, Lissa encontrou uma situação quase idêntica à anterior. Muitos espectadores enchendo o hall. Guardiões bloqueando a porta. Mais do que nunca as pessoas estavam gritando o nome dela enquanto ela se aproximava, alguns eram Moroi — comuns — e outros que eram Moroi da realeza cujos

candidatos estavam fora da corrida. Um número de candidatos não haviam passado no teste de medo, então suas famílias estavam mudando de lado na torcida.

Novamente, Lissa foi levada sozinha para a sala. Seu coração começou a bater mais forte quando viu a mesma mulher velha. Que terríveis imagens viriam? Lissa não podia ver o cálice, mas não havia garantia de segurança. Não tinha uma cadeira extra, de forma que Lissa simplesmente ficou em frente a mulher velha.

— Olá — Lissa disse respeitosamente — É bom te ver de novo.

A mulher sorriu, mostrando aqueles dentes faltando — Eu duvido disso, mas você diz de forma muito convincente. Você tem política no sangue.

— Obrigado... — disse Lissa, incerta se estava sendo elogiada ou não. — O que você gostaria que eu fizesse para o teste?

— Apenas escute, isso é tudo. Esse é um fácil.

Um brilho nos olhos da mulher fez Lissa pensar que não seria fácil.

— Tudo o que você tem que fazer é responder uma pergunta para mim. Responda corretamente, e poderá ir para a votação. E isso não será divertido. — A mulher pareceu estar dizendo aquelas palavras mais para si mesma do que para Lissa.

— Certo, — disse Lissa — Eu estou pronta.

A mulher olhou Lissa de cima a baixo e pareceu gostar do que viu. — Aqui está. O que uma rainha deve possuir para governar corretamente seu povo?

A mente de Lissa ficou em branco por um momento, mas depois um amontoado de palavras surgiu na sua cabeça. Integridade? Sabedoria? Sanidade?

— Não, não. Não responda, — disse a mulher olhando Lissa cuidadosamente — Não ainda, você tem até amanhã, nessa mesma hora, para pensar sobre isso. Volte com a resposta certa, e você terá

passado no teste. E... — Ela piscou — Não é nem preciso dizer que você não contará sobre isso a ninguém.

Lissa balançou a cabeça, esfregando o pequeno local tatuado em seu braço. Ela não teria ajuda de ninguém com a resposta. Lissa saiu da sala repassando a pergunta de novo e de novo em sua mente. Tinha tantas respostas para uma pergunta como aquela, ela pensou. Alguma delas poderiam

Um movimento na minha realidade me tirou de imediato da cabeça de Lissa. Eu meio que esperava Sonya explodindo em nossa barraca, mas não, não era isso que tinha me chamado a atenção. Isso era um movimento muito menor... e uma coisa infinitamente mais poderosa.

Dimitri estava nos meus braços.

VINTE E OITO

Eu parei de respirar. Cada um tinha o nosso próprio cobertor, mas no meio do verão, a temperatura caiu durante a noite. Dimitri, em seu sono, tinha rolado contra mim, fundindo nossos cobertores em uma pilha e descansando a cabeça no meu peito. Seu corpo era quente e familiar, e ele mesmo se aconchegou um pouco mais perto.

Ele estava mais exausto do que eu perceberia se ele não estivesse fazendo isso em seu sono. Afinal, esse era o cara que dormia com um olho aberto. Mas sua guarda estava baixa agora, seu corpo, inconscientemente, procurando... o quê? Um simples calor? Eu? Maldição. Por que eu perguntei aquilo para Sonya? Por que eu não poderia continuar com o meu papel fácil de namorada de Adrian e amiga de Dimitri? Porque, honestamente, eu não estava fazendo um trabalho muito bom em qualquer um deles agora.

Provisoriamente, com medo, eu mudei um pouco para que eu pudesse colocar um braço em torno de Dimitri e atraí-lo para mais perto. Eu sabia que era um risco, que poderia acordá-lo e quebrar esse feitiço. Mas não. De qualquer coisa, ele parecia mais relaxado. Sentindo-o daquele jeito... segurá-lo... ele agitava um enxame de emoções dentro de mim. A dor que eu sentia desde a sua perda queimava dentro de mim. Ao mesmo tempo, segurando-o desse jeito também pareceu preencher aquela dor, como se um pedaço de mim que faltava era agora restaurado. Eu não tinha sequer percebido que a peça fazia falta. Eu bloqueei tudo, até que as palavras de Sonya haviam abalado a aceitação da minha vida nova e frágil.

Eu não sei quanto tempo fiquei assim com Dimitri. Foi tempo suficiente para que o sol nascente começou a iluminar as tendas translúcidas de tecido. Isso era tudo à luz dos meus olhos que precisavam ver Dimitri agora, para ver as linhas finamente esculpidas do seu rosto e a suavidade de seu cabelo como ele estava inclinado contra mim. Eu queria tanto tocar seu cabelo, para ver se

ele se sentiria como costumava. Esse foi um sentimento bobo, é claro. Seu cabelo não mudou. O desejo... ainda estava lá, e eu finalmente cedi, gentilmente correndo os dedos sobre alguns fios. Eles eram lisos e sedosos, e calafrios correram através de mim. Ele também acordou.

Ele abriu os olhos, instantaneamente alerta. Eu esperava que ele saltasse para longe de mim, mas ao invés disso, ele só avaliou a situação e não se movimentou.

Deixei minha mão quando estava do lado do seu rosto, ainda acariciando seus cabelos. Nossos olhares bloqueados, tanto da sua passagem entre nós. Nesse momento, eu não estava em uma tenda com ele, a correr a partir daqueles que nos consideravam como bandidos. Não havia nenhum assassino para pegar, sem Strigoí para superar o trauma. Havia apenas ele e eu e os sentimentos que tinham queimado entre nós por muito tempo.

Quando ele se mexia, não era para fugir. Em vez disso, ele levantou a cabeça para que olhasse para mim. Apenas alguns centímetros nos separavam, e os seus olhos me atraíam. Ele quis me beijar e eu queria que ele fizesse isso. Ele se inclinou sobre mim, uma mão pousada na minha bochecha. Eu me preparei para seus lábios, eu precisava deles e, em seguida, ele congelou. Ele recuou e sentou-se, exalando em frustração quando ele desviou o olhar de mim. Sentei-me bem, minha respiração rápida e superficial.

— O qu-e que está errado? — perguntei.

Ele olhou para mim. — Merda. Há muitas escolhas.

Eu corri um dedo ao longo dos meus lábios. Tão perto. Assim, tão perto. — Eu sei... Eu sei que as coisas mudaram. Sei que estava errado. Eu sei que você pode sentir o amor novamente.

Sua máscara estava de volta quando ele formulou sua resposta.

— Isto não é sobre o amor.

O último minuto se repetiu na minha cabeça, essa conexão perfeita, a forma como ele tinha me olhou e fez meu coração

martelar. Então, Sonya alegou que ainda tínhamos alguma ligação mística. — Se isso não é amor, então o que é isso? — Eu exclamei.

— É sobre fazer a coisa certa — ele disse calmamente.

A coisa certa? O certo e o errado foram temas pendentes em St. Vladimir. Eu não tinha dezoito anos. Ele era meu professor. Estávamos destinados a sermos guardiões de Lissa e teríamos que dar a ela a nossa atenção plena. Todos esses argumentos eram o porque de ficarmos distantes. Mas esses há muito haviam caído no esquecimento.

Eu teria perguntado a ele mais, se alguém não tivesse arranhado nossa porta.

Nós saltamos alcançando nossas estacas que estavam próximas. Agarrando a minha por instinto, mesmo sabendo que não havia como um Strigoi estar lá.

Mas, ultimamente, Strigoi haviam sido a menor das nossas preocupações.

— Rose? Dimitri?

A voz era quase inaudível, mas familiar. Relaxando um pouco, eu abri a entrada da tenda e vi Sonya ajoelhada em frente a ela. Como nós, ela usava a mesma roupa de antes, e seu cabelo ruivo era confuso. Caso contrário, ela parecia ter escapado de seus perseguidores ilesa. Eu me movi para o lado de modo que ela pudesse entrar.

— Aconchegante — disse ela, olhando ao redor. — Você começou a ficar mais distante do ponto do acampamento. Levei uma eternidade para encontrar o carro que vocês tinham descrito.

— Como você chegou aqui? — perguntei.

Ela piscou. — Você não é a única que pode roubar carros. Ou, no meu caso, levar as pessoas a emprestar eles de — bom grado. —

— Você foi seguida? — Perguntou Dimitri. Toda a seriedade voltou novamente, sem nenhum sinal do que tinha passado momentos antes.

— Não é como se eu pudesse dizer. — ela disse, mudando para uma posição de pernas cruzadas. — Um casal de guardiões me seguiu de volta ao bairro, mas os despisei a algum tempo. A maioria deles parece mais interessado em vocês dois.

— Imagino porque. — Eu murmurei. — Victor também foi muito longe, ele poderia ter tido prioridade.

— Ele não matou uma rainha. — ela disse tristemente. Eu teria eventualmente que lhe dizer por que Victor estava sendo procurado e que ele tinha abusado do Espírito de Lissa enquanto estávamos em St. Vladimir. — Mas a boa notícia é que eu sei onde eles estão agora.

— Onde? — Perguntou Dimitri e eu em uníssono.

Um sorriso pequeno, sábio veio aos lábios com isso.

— West Michigan — disse ela. — Eles saíram na direção oposta da Corte.

— Porra, — eu murmurei. Dimitri e eu tínhamos ido ao sudeste de Ann Arbor, olhado nos subúrbios de Detroit e apenas de passagem em Ohio. Nós tínhamos pego a direção errada. — Mas você viu Jill? Ela está bem?

Sonya assentiu. — Bem. Assustada, mas bem. — Ela descreveu marcos o suficiente de modo que eu penso que podemos encontrar o seu motel. Encontrei-os em um sonho há um par de horas, eles tinham que descansar. Victor não estava se sentindo bem. Eles podem ainda estar lá.

— Então nós precisamos ir embora agora, — disse Dimitri, imediatamente em ação. — Uma vez que nós estivermos em movimento, Jill acordará e perderá o contato.

Nós arrumamos o nosso acampamento com velocidade surpreendente. Meu tornozelo estava melhor, mas ainda estava dolorido. Percebendo minha cara, Sonya pediu a suspensão apenas antes de chegarmos em seu carro.

— Segurem-se.

Ela se ajoelhou diante de mim, examinando o inchaço no tornozelo, que foi facilmente exposto pelo meu vestido rasgado. Respirando fundo, ela descansou as mãos em mim, e uma onda de tiro de electricidade através de minha perna, seguido por ondas de calor e frio. Quando tudo acabou e ela se levantou, a dor e o inchaço se foram, como os arranhões nas pernas. Provavelmente, os cortes na minha cabeça também. Usuários de Espírito já tinham me curado antes, mas ainda era um pouco surpreendente.

— Obrigado, — eu disse. — Mas você não devia ter feito isso... Não devia ter usado a magia...

— Você precisa estar nas melhores condições. — ela disse. Seu olhar desviou-se de mim, olhando para as árvores. — E a magia... bem, é difícil ficar longe dela.

De fato era, e me sentia culpada que ela estava usando em mim e se aproximando da insanidade. A restauração de Robert tinha curado sua mente um pouco, e ela precisava tirar proveito disso. Não era hora para uma palestra, no entanto, e a expressão de Dimitri dizia o mesmo.

Fomos para onde Sonya disse que Jill estaria, e dessa vez, suas instruções eram tão específicas quanto ela poderia. Sem mais dúvidas. Paramos uma vez para adquirir um carro novo e obter um mapa. A informação que Sonya tinha recolhido a partir de Jill levou-nos para uma cidade chamada Sturgis. Enquanto ele estava na metade ocidental de Michigan, estava também no sul — o que significava que a distância não era tão longa como pensávamos.

No entanto, Dimitri estava a pelo menos dez quilômetros por hora acima da velocidade limite o tempo todo.

— Lá — disse Sonya, quando chegamos a Sturgis, que não era muito bem de uma cidade. Estávamos perto de um motel de aparência modesta em uma rua lateral. Isso é o que ela descreveu. O Motel Sunshine.

Dimitri puxou para o lote de trás do prédio, e todos nós ali sentados, olhando para o motel, que era tão alegre como o seu

nome. Em minha opinião, presumi que meus companheiros estavam tentando descobrir como abordar esse assunto. A informação de sonho de Jill dizia que eles estavam aqui, mas não disse mais nada para ajudar Sonya a encontrar seu quarto, se eles realmente ainda estivessem aqui. Eles certamente não teriam dito seus nomes reais. Eu estava pronta para sugerir para seguir adiante das portas da esperança que Sonya visse Robert quando ela apontou.

— É o carro deles. — ela disse. — Eles estão aqui.

Com certeza. Havia o CR-V que nós levamos para a casa de Jill. Discutimos sobre o carma e Victor pegou nossas chaves. Nenhum de nós tinha pensado muito sobre o seu veículo de fuga em meio ao caos que se seguiu.

— Desleixado — murmurou Dimitri, os olhos apertados, pensativo. — Eles devem ter um segundo carro.

— Esse é de Sidney — eu apontei. — O seu não é tecnicamente roubado, então não está em qualquer lista de polícia. Além disso, algo me diz que Victor e Robert não fazem ligação direta como algumas pessoas. Nós deixamos uma série de carros roubados em todo o Midwest.

Dimitri assentiu com a cabeça, como um simples cumprimento. Seja qual for o motivo, ajudava.

— Como é que vamos encontrá-los? — Pediu Sonya.

Eu estava prestes a sugerir o plano de aura, mas me impedi rapidamente. Robert teria sentido Sonya no mesmo momento, dando-lhe breve aviso.

Além disso, quando encontrarmos os irmãos, provavelmente ocorreria uma luta. Fazer isso no motel iria atrair a atenção. Isso teria que ser loge da estrada principal.

— Vamos esperar — eu disse. — É surpreendente eles terem ficado no mesmo lugar por tanto tempo. Se eles têm qualquer motivo, eles vão sair em breve.

— Aprovado, — disse Dimitri, pegando meus olhos. Almas em sincronia. A lembrança daquele beijo quase voltou, e eu desviei o olhar, temendo que minha face iria me trair. O lugar era fácil de defender também. Não tinha muito espaço para escapar. Era verdade. O motel era ladeado de um lado, e tinha um muro de concreto do outro. Não observamos muitos outros edifícios próximos também.

Mudamos nosso carro para o local mais distante possível, no monte, fornecendo-nos uma visão completa da entrada e saída do motel, mas mantendo-nos semiescondidos.

Consideramos ficar no carro, mas Dimitri e eu decidimos que deveríamos esperar lá fora, nos dando mais mobilidade. Saímos e Sonya ficou. Esta não era a sua luta.

Em pé atrás do carro com Dimitri, na sombra de um plátano frondoso, fiquei ciente de sua proximidade e postura de guerreiro feroz.

Poderia estar faltando o seu sobretudo, mas eu tinha que admitir que eu gostei dele desse jeito, sem o casaco.

— Eu não acho — eu disse suavemente, — Que vamos falar algo sobre essa manhã?

Os olhos de Dimitri estavam fixos e tão duros no CR-V que ele poderia ter tentado fazer Jill e os irmãos aparecerem dentro dele. Eu não estava enganada. Ele estava apenas evitando olhar para mim. — Não há nada para falar.

— Eu sabia que você ia dizer isso. Na verdade, foi uma disputa acirrada entre isso e... eu não sei o que você está falando. —

Dimitri suspirou.

— Mas — continuei, — Há algo para falar. Como quando você quase me beijou. E o que você quis dizer sobre — a coisa certa?

Silêncio.

— Você queria me beijar! — Foi difícil manter minha voz baixa. —
Eu vi.

— Só porque queremos algo não significa que é correto.

— O que eu disse... é verdade, não é? Você pode amar, você não pode? Percebo agora que, logo após a transformação, você realmente não achava que você podia. E você provavelmente não poderia. Mas as coisas mudaram. Você está ficando sozinho para trás.

Dimitri me deu um olhar de soslaio. — Sim. As coisas mudaram...
E algumas não.

— Ok, Sr. Enigma. Isso não ajuda a explicar o comentário sobre a
— coisa certa.

Frustração o preencheu. — Rose, eu fiz um monte de coisas ruins, a maioria das quais eu nunca posso corrigir ou encontrar a redenção. Minha única opção, agora, se eu quero recuperar minha vida, é seguir em frente, parar o mal e fazer o que é certo. E o que não é certo é tomar uma mulher de outro homem, um homem que eu gosto e respeito. Eu roubei carros. Eu invadi casas. Mas há linhas que não vão se apagar, não importa o que eu...

A abertura da porta traseira do Motel chamou nossa atenção. Não era de admirar que a minha vida amorosa era tão confusa, já que os momentos íntimos eram sempre interrompidos por situações terríveis. Foi tão bem porque eu nunca tinha visto essa frase saindo da boca de Dimitri:

— O que não é certo é tomar uma mulher de outro homem, um homem que eu gosto e respeito.

O novo drama tomou precedência. Victor saiu, com Robert e Jill caminhando atrás dele. Eu meio que esperava ver ela amarrada e fiquei surpresa que ela acompanhou com tanta calma. Muito calmamente, percebi logo. Não era natural. Seus movimentos eram quase robóticos: ela estava sendo obrigada a docilidade.

— Compulsão, — disse Dimitri, também reconhecendo os sinais.
— Vá para Victor. O problema é Robert.

Eu balancei a cabeça. — Jill será executada logo que a compulsão acabar. Eu espero. Eu não iria passar por ela de modo que ela se junte a nossa luta, o que poderia trazer mais problemas. Vamos descobrir em breve.

Felizmente, ninguém mais estava por perto. Era ainda bem cedo pela manhã. Dimitri e eu pulei fora dos pontos o nosso esconderijo, atravessando a distância do estacionamento em questão de momentos. Dois dhampirs saudáveis poderiam ganhar de dois Moroi antigo em qualquer dia. E como astuto como eles pode ser, os irmãos não haviam esperado por nós.

No meio da luta, eu eu mal vi Dimitri chutando em modo deus-guerreiro, feroz e incontrolável. Depois, concentrei-me inteiramente em Victor, jogando meu peso para ele e derrubando-o ao chão. Ele bateu com força contra o asfalto, e preguei-o para baixo, batendo o meu punho em seu rosto e fazendo seu nariz sangrar.

— Bem feito — ele disse ofegante.

— Eu andava querendo fazer isso faz muito tempo. — eu rosnei.

Victor sorri através da dor e do sangue. — Claro que você queria. Eu costumava pensar que Belikov era o selvagem, mas parece que é você, não é? Você é o animal sem controle, sem maior fundamentação, vontade excessiva para lutar e matar.

Eu apertava a camisa dele e me inclinei sobre ele. — Eu? Eu não sou a pessoa que torturou Lissa para o meu próprio bem-estar. Eu não sou o único que pedi para a minha filha se transformar em Strigoi. E eu com certeza não sou o único que usou compulsão para sequestrar uma menina de quinze anos!

Para meu desgosto, ele manteve o sorriso enlouquecedor no rosto.

— Ela é valiosa, Rose. Assim, tão valioso. Você não tem ideia de quanto.

— Ela é não é um objeto para você manipular! — Eu chorei. — Ela é uma ahh!

O chão de repente se enrolou embaixo de mim, um mini-terremoto centrado em torno de nós. O asfalto subiu acima, dando a Victor a oportunidade para me empurrar para fora. Não foi um empurrão forte, e eu poderia facilmente ter recuperado o meu saldo, se o chão não parecesse de ondular e me cercar, rolando como ondas do mar a bater-me. Victor estava usando sua magia de terra para controlar a área onde eu estava. Os gritos de surpresa me disseram que os outros estavam sentindo um pouco também, mas a magia foi claramente dirigida a mim.

Não sem custo, no entanto. Victor era um velho homem, um homem velho que me empurrou para o asfalto perfurado. Dor e fadiga foram todos sobre ele, e sua respiração difícil me disse que essa coisa poderosa de um usuário de Terra roubou cada grama de força que lhe restava.

Um bom soco. Isso era tudo que eu precisava. Um bom soco que o derrubaria e o tiraria da luta. Só que, eu era a única sendo levada para baixo. Literalmente. Por mais que tentasse, o meu terremoto pessoal tirou o melhor de mim, batendo-me aos meus joelhos. Eu ainda estava no mesmo vestido demasiado estúpido, ou seja, minhas pernas recém-curadas ficaram raspando novamente. E uma vez que eu estava lá embaixo, o asfalto aumentou em torno de mim. Percebi que Victor estava tentando me iludir, criando uma prisão de pedra. Eu não poderia deixar isso acontecer.

— Os músculos não servem para nada. — Victor disse ofegante, suor escorrendo de seu rosto. — Eles não são bons no final. O verdadeiro poder está na mente. A astúcia. Controlando Jillan, eu controlo Vasilisa. Com Vasilisa, eu controlo os Dragomir, e a partir daí, os Moroi. Isso é poder. Isso é força.

A maior parte de seu discurso foi soberbo em cima de mim. Mas essa parte: Controlando Jillian, eu controlo Vasilisa. Lissa. Eu não poderia magoá-la, nem poderia deixá-lo usá-la. Na verdade, eu nem poderia deixar ele usar Jill. Lissa tinha me dado uma chotki, que era uma espécie de cruzamento entre uma pulseira e um rosário. Era uma relíquia dos Dragomir, concedido àqueles que protegiam a

família. Esse era o meu dever: proteger todos os Dragomir. O velho mantra guardião tocou minha mente: Eles vêm em primeiro lugar.

Com uma habilidade que eu não sabia que tinha, esperei até o chão parar de tremer e tentei ficar de pé novamente. Eu fiz isso praticamente dançando na medida em que o chão parava. E enquanto eu olhava para Victor, eu senti o que Sonya avisou sobre o catalisador. A faísca que iria incendiar o a escuridão coletada e reunida a partir de Lissa. Ao olhar para ele, vi todos os males da minha vida em um homem. Isso era inteiramente verdade? Não, não exatamente. Mas ele tinha machucado a minha melhor amiga, e quase a matou. Ele tinha brincado com com Dimitri e eu, complicando o que já era uma porcaria de um relacionamento. Ele estava agora tentando controlar os outros. Quando é que vai acabar? Quando é que seu mal vai acabar? Vermelho e preto tingiram minha visão. Eu ouvi uma voz chamar meu nome, Sonya, eu acho. Mas naquele momento, não havia mais nada no mundo, só Victor e meu ódio por ele.

Saltei para ele, alimentada pela raiva e adrenalina, pulando para fora do epicentro do tremor do solo que ameaçou prender-me. Mais uma vez, atirei-me para ele, mas nós não batemos no chão, que mudou ligeiramente de posição, e em vez disso, nós batemos no concreto da parede com tanta força que e eu jogaria um Strigoi. Sua cabeça se inclinou para trás com o impacto. Eu ouvi um som estranho, e Victor caiu no chão. Eu imediatamente me abaixei, agarrando seus braços e sacudindo-o.

— Levante-se! — Eu gritei. — Levante e lute comigo! — Mas não importava o quanto eu o sacudia e gritava, Victor não iria levantar. Ele não queria se mover por conta própria.

As mãos agarraram-me, tentando inutilmente me afastar. — Rose-Rose! Pare! Pare com isso.

Eu ignorei a voz, ignorei as mãos. Eu era toda a raiva e poder, querendo, não, necessitando que Victor me encarasse de uma vez por todas.

De repente, uma sensação estranha arrastava-me, como dedos em minha pele. Deixei-o ir. Eu não queria, mas por meio segundo, isso me parecia uma ideia razoável. Eu afrouxei meu aperto um pouco, apenas o suficiente para as mãos me puxarem para longe. Assim, saí da neblina e percebi o que tinha acontecido. A pessoa que me puxou foi Sonya e ela tinha usado compulsão em mim para que eu saísse e largasse Victor. Ela foi forte o suficiente para não precisar de contato visual. Ela me segurou, mesmo sabendo que era um esforço inútil.

— Tenho que detê-lo — eu disse, me contorcendo em seu alcance. — Ele tem que pagar. — Estendi a mão para ele novamente.

Sonya desistiu de contenção física, apelando para as palavras. — Rose, ele já pagou! Ele está morto! Você não vê? Morto!

Não, eu não vi em primeiro lugar. Tudo o que eu vi foi minha obsessão cega, a minha necessidade de chegar a Victor. Mas, então, suas palavras romperam por mim. Como eu agarrei Victor, senti a fraqueza em seu corpo. Eu vi os olhos que olhavam inexpressivamente... Nada. Essa emoção louca estava desaparecendo, transformando-se em choque. Meu aperto afrouxou enquanto eu olhava para ele e realmente entendi o que ela dissera.

Entendi o que eu tinha feito.

Em seguida, ouvi um barulho terrível. Um choro baixo rompeu o horror congelado em minha mente. Olhei para trás Dimitri alarmado com Robert. Os braços de Robert estavam presos atrás das costas e Dimitri os segurava, mas o Moroi estava fazendo tudo em seu poder e para se libertar. Jill ficou perto, olhando inquieta para todos nós, confusa e com medo.

— Victor! Victor!

Os fundamentos de Robert foram abafados por seus próprios soluços que eram tão inúteis quanto a tentativa de chegar até Victor. Eu arrastei o meu olhar de volta para o corpo abaixo, mal acreditando no que eu tinha acabado de fazer. O pensamento dos guardiões seria uma loucura em relação a Eddie matando um Moroi,

mas agora, eu estava começando a entender. Um monstro como um Strigoi era uma coisa. Mas a vida de uma pessoa, mesmo uma pessoa que-

— Tirem-no daqui!

Sonya estava tão perto de mim que a exclamação inesperada fez-me estremecer. Ela estava ajoelhada também, mas voltou a ficar de pé, olhando para Dimitri. — Tirem-no daqui! O mais rápido e longe que você puder!

Dimitri olhou surpreso, mas o comando poderoso em sua voz levou-o a ação imediata. Robert começou a ser arrastado para longe. Depois de alguns momentos, Dimitri simplesmente optou por jogar o homem por cima do ombro e o colocou no carro. Eu esperava gritos de protesto, mas Robert havia se calado. Seus olhos estavam sobre o corpo de Victor, seu olhar tão afiado, tão concentrado que parecia que poderia causar um furo através de alguém. Sonya, não tendo a minha impressão fantasiosa, encostou-se entre os irmãos e caiu no chão novamente, cobrindo o corpo de Victor com o dela.

— Tirem-no daqui! — Chamou novamente. Ele está tentando trazer Victor de volta! Tentando o fazer um shadow-kissed!

Eu ainda estava confusa e chateada, ainda chocada com o que eu tinha feito, mas mas o perigo do que ela disse me atingiu duramente. Robert não poderia ser permitido para trazer Victor de volta. Os irmãos eram perigosos o suficiente, sem ser ligados. Victor não poderia ser autorizado a convocar fantasmas do jeito que eu podia. Victor tinha que ficar morto.

— Ele não tem que tocar o corpo? — Perguntei.

— Para finalizar a ligação, sim. Mas ele estava empunhando toneladas de espírito neste momento, chamando a alma de Victor de volta e a mantendo por perto. — ela explicou.

Quando Dimitri e Robert foram embora, Sonya disse-me para ajudá-la a tirar o corpo de lá. O que fez muito barulho, e foi uma maravilha que ninguém tinha saído ainda. Jill se juntou a nós, e eu

continuei sem realmente estar ciente do que eu estava fazendo. Sonya encontrou as chaves do CR-V e achatou Victor no banco traseiro, para aumentar o espaço de carga.

Nós o escondemos, deixando-o fora de vista.

Logo ouvi vozes, pessoas que tinham vindo para ver o que tinha acontecido. Eu não sabia se eles estavam no estacionamento, mas eles misericordiosamente não olharam os automóveis. Honestamente? Eu tinha alguns pensamentos coerentes em tudo. A raiva se foi, mas minha mente estava uma bagunça. Eu não poderia parecer obter um porão de concreto nem nada. Senti-me doente e apenas obedeci as ordens de Sonya, ficando baixa enquanto tentava não olhar para o corpo de Victor.

Mesmo após as vozes pararem, ela manteve-nos no carro. Depois, ela soltou uma respiração profunda e se focou em mim. — Rose? — Eu não respondi de imediato. — Rose?

— Sim? — Perguntei, a voz embargada.

Sua voz era suave e persuasiva. Senti o formigamento na minha pele novamente e a necessidade de agradá-la. — Eu preciso de você olhe para o morto. Abra os olhos para ele.

O morto? Não. Minha mente sentia fora de controle, e eu tinha bom senso suficiente para saber que trazer fantasmas aqui seria uma má ideia. — Eu não posso.

— É possível — disse ela. Eu vou te ajudar. Por favor.

Eu não poderia recusar a sua compulsão. Expandindo os meus sentidos, eu abaixei as paredes que mantinha a minha volta. Essas paredes eram as que me bloqueavam do mundo dos mortos e dos fantasmas que me seguiam por aí. Dentro de instantes, rostos translúcidos apareceram diante de mim, alguns parecendo pessoas normais e outras terríveis e medonhas. Suas bocas abertas, querendo falar, mas não conseguindo.

— O que você vê? — Pediu Sonya.

— Espíritos — eu sussurrei.

— Você vê o Victor?

Eu olhei para a multidão de rostos, procurando alguém familiar.
— Não.

— Empurre-os para trás — ela disse. — Coloque suas paredes de volta.

Eu tentei fazer o que ela disse, mas era difícil. Eu não tinha vontade. Senti-me incentivada e percebi que Sonya ainda estava usando compulsão em mim. Ela não poderia fazer os fantasmas desaparecerem, mas os sentimentos de apoio e determinação me fortaleceram. Bloqueei os mortos sem descanso.

— Ele se foi, então. — Sonya disse. Ele foi consumido completamente para o mundo dos mortos ou está vagando por aí como um espírito inquieto. Independentemente disso, qualquer tópico remanescente à vida já se foi. Ele não pode voltar à vida. — Voltou-se para Jill. — Vá buscar Dimitri.

— Eu não sei onde ele está, — disse Jill, assustada.

Sonya sorriu, mas o sorriso não atingiu os olhos. — Escondido, tenho certeza. E assistindo. Caminhe ao redor do motel, da área, o que quiser. Apenas o encontre.

Jill saiu, não necessitando de compulsão. Quando ela se foi, eu enterrei meu rosto em minhas mãos. Oh Deus. Oh Deus. Todo esse tempo, eu neguei, mas eis a verdade: eu sou uma assassina.

— Não pense nisso, no entanto. — disse Sonya. Sua atitude era quase reconfortante. Quase. Era mais fácil tomar decisões que cuidar de si mesma. — Lide com a culpa depois. Agora, temos que tirar o corpo daqui.

Eu abri meus olhos e me forcei a olhar para Victor. Náusea brotou dentro de mim, e esses sentimentos loucos ficaram ainda mais fora de controle. Eu dei uma risada áspera. — Sim. O corpo. Gostaria que Sydney estivesse aqui. Mas nós não temos qualquer coisa mágica. O sol vai destruir ele. Estranho, não é? Strigoi são mais difíceis de matar. Mais difíceis de matar, mais fáceis de limpar. — Eu ri de novo, porque havia algo familiar sobre o meu humor. Era

como Adrian em um de seus momentos estranhos. Ou quando o espírito de Lissa a empurrava para a borda.

— É isso, né? — perguntei a Sonya. — A enchente... a inundação sobre a qual me alertou. Lissa escapou do espírito, mas ele finalmente me venceu... Assim como Anna... assim como um sonho... Oh, Deus. Isso é um sonho, não é? Mas eu não vou acordar...

Sonya estava olhando para mim, os olhos azuis arregalados, com... Medo? Zombaria? Alarme? Ela estendeu o braço e pegou na minha mão. — Fique comigo, Rose. Empurre-o bem de volta.

Uma batida na janela surpreendeu a nós duas, e deixei Jill e Dimitri entrarem.

— E Robert? — Pediu Sonya.

Dimitri olhou para Victor e imediatamente desviou o olhar. — Inconsciente, escondido em uns arbustos ao virar da esquina.

— Maravilha — disse Sonya. — Você acha que isso é inteligente? Deixar ele sozinho?

Ele deu de ombros. — Achei que não devia ser visto carregando um cara inconsciente em meus braços. De fato... Sim, eu acho que nós deveríamos deixá-lo ali, para ele acordar no Inferno. Ele não é um fugitivo. E sem Victor, ele é... Bem, ele não é inofensivo. Mas é menos nocivo. Nós não podemos continuar arrastando-o com a gente, mesmo.

Eu ri de novo, aquela risada que parecia transtornada e histérica até para mim. — Ele está inconsciente. Claro que sim. Claro que sim. Você pode fazer isso. Eu não.

Olhei para Victor. — Um animal, disse ele. Ele estava certo. Eu não raciocino... Eu...

Meus braços em volta de mim, cavando as unhas em minha pele com tanta força que arrancou sangue. A dor física para fazer a dor mental ir embora. Não era isso que Lissa sempre dizia?

Dimitri olhou para mim e, em seguida, virou-se para Sonya. — O que está errado? — Perguntou ele. — Eu já vi ela correndo risco de vida mais e mais, mas nunca, até agora, ela realmente parecia com medo.

— Espírito — disse Sonya. — Ela o puxou e puxou por tanto tempo... e conseguiu detê-lo. O espírito esperou. Sempre esperou. — Ela pranzou a testa um pouco, talvez percebendo que ela estava começando a soar como eu. Ela virou-se para Jill. — Isso é de prata?

Jill olhou para o medalhão em forma de coração no pescoço. — Acho que sim.

— Posso ficar com ele?

Jill soltou o fecho e passou-o. Sonya segurou-o entre as palmas das mãos e fechou os olhos por um instante, franzindo os lábios. Alguns segundos depois, seus olhos se abriram, e ela me entregou o medalhão.

— Coloque isso.

Bastou tocá-la e tive uma estrana sensação em minha pele. O coração... Olhei para Dimitri quando coloquei a fivela. — Você se lembra disso? Onde está o coração? Você pediu. E aqui está ele. Aqui está ele...

Eu parei. O mundo de repente se tornou mais nítido. Meus pensamentos desordenados lentamente começaram a desaparecer, formando um simulacro da racionalidade. Olhei para meus companheiros, os vivos, aqueles que eu realmente via agora. Eu toquei o medalhão.

— Este é um amuleto de cura.

Sonya assentiu. — Eu não sabia se o trabalho poderia acalmar a mente. Eu não acho que vai ser para sempre... mas entre ela e sua própria vontade, você estará bem por um tempo.

Eu tentei não incidir sobre as últimas palavras. Por um tempo. Em vez disso, eu tentei fazer o sentido do mundo ao meu redor. Do corpo na frente de mim.

— O que eu fiz? — Sussurrei.

Jill colocou o braço em volta de mim, mas foi Dimitri quem falou.

— O que você tinha que fazer.

VINTE E NOVE

Os eventos que se seguiram foram um borrão. Sonya poderia ter mantido contato com os espíritos na baía, mas aquilo não importava. Eu ainda estava em choque, ainda incapaz de pensar. Eles me colocaram no banco da frente, tão longe de Victor quanto era possível. Dimitri levou-nos para algum lugar, eu não prestava muita atenção onde ele e Sonya se livraram do corpo. Eles não disseram o que eles fizeram, só que — cuidaram dele. — Eu não pedi detalhes.

Depois disso, estávamos dirigindo de volta para a Corte. Sonya e Dimitri lançando opções sobre o que fazer quando chegarmos lá.

Tendo em vista que ninguém tinha limpado meu nome ainda, o plano atual era o que Sonya teria que escotar Jill até a Corte. Jill perguntou se podia ligar para os pais para que eles soubessem que ela estava bem, mas Dimitri sentia que era um risco de segurança. Sonya disse que tentaria chegar a Emily num sonho, o que fez Jill se sentir um pouco melhor.

Eu cuidei de Lissa durante a viagem, verificando-a pela nossa ligação.

Focando-me em Lissa esqueci a culpa horrível e o vazio que sentia, e o horror pelo que havia feito a Victor. Quando eu estava com Lissa, eu não era eu, e isso, isso era o meu maior desejo. Eu não queria ser eu.

Mas as coisas não estavam perfeitas para ela também. Como sempre, uma série de questões estavam a preocupando. Sentia-se tão perto, tão perto de desvendar quem matou Tatiana. A resposta parecia ao seu alcance, se ela pudesse chegar um pouco mais longe.

Os guardiões tinham arrastado o faxineiro Joe e, depois de uma boa quantidade de coerção — que tinham métodos que não exigiam compulsão — ele admitiu ter visto o Moroi com a mão torcida no meu prédio, na noite do assassinato. Nenhuma quantidade de

pressão faria com que Joe admitisse que tinha sido pago por algum homem ou por Daniella. O que ele admitiu foi que ele pode ter saído um pouco de seu tempo naquela noite. Não era a prova concreta que precisava para me salvar.

Lissa também tinha a carta de Ambrose, que havia sutilmente uma ameaça a Tatiana. O escritor havia se oposto à lei de idade por ser flexível, desaprovou o aval sobre o Espírito de Tatiana, e ressentiu-se sobre as sessões de treino secreto. A carta poderia ter sido perfeitamente polida, mas quem escreveu tinha tido um grave ressentimento contra a rainha. Que apoiaram as teorias de motivação política.

Claro, ainda havia muitos motivos pessoais para o assassinato também. A confusão sórdida com Ambrose, Blake, e as mulheres envolvidas marcavam qualquer um deles como o assassino. Daniella Ivashkov estar nessa lista foi um constante ponto de estresse para Lissa, e ela não ousava falar uma palavra com Adrian. A certeza de que houve um suborno de Daniella para que Adrian não tivesse problemas — não solidificava a minha culpa. Os Moroi desconheciam que tinham financiado um suborno. Certamente, se ela tivesse matado Tatiana, Daniella teria pago para ambas as mentiras de Joe.

E, claro, não era o último teste pressionando a mente de Lissa. O enigma. O enigma que parecia não ter muitas respostas.

E ainda, nenhuma. O que deve possuir uma rainha, a fim de realmente governar seu povo? Em alguns aspectos, foi mais difícil do que os outros testes. Aqueles tiveram uma mão no componente, por assim dizer. Este? Este era o seu próprio intelecto. Nenhum fogo a construir. Sem medo de olhar olho no olho.

Ela odiava ter tomado o enigma tão a sério também. Ela não precisava de seu esforço, não com tudo que estava acontecendo. A vida teria sido mais simples se ela não tivesse que tratar os ensaios simplesmente como uma farsa para nos dar tempo. A Corte estava constantemente lotada com aqueles que tinham ido ver a eleição, e cada vez mais deles, muito à sua incredulidade, foram dando o seu apoio às suas costas. Ela tinha dificuldade para andar em qualquer

lugar sem pessoas gritando sobre o — Dragão — ou — o renascimento de Alexandra. — O discurso dela sobre o ataque foi muito bom, o que parecia ter alimentado seus partidários ainda mais.

Mas, é claro, Lissa ainda tinha muita oposição.

O maior processo legal contra ela era o mesmo: que ela não seria elegível para os votos, quando chegasse a hora. Outro ponto contra ela era a idade dela. Ela era muito jovem, seus adversários diziam. Quem iria querer uma criança no trono? Mas, os admiradores de Lissa não queriam ouvir nada disso. Eles continuaram citando como Alexandra era jovem e os milagres que Lissa fizera com a sua cura. A idade foi irrelevante. Os Moroi precisavam de sangue novo, imploravam. Eles também exigiram que as leis de voto fossem alteradas.

Não é novidade, seus oponentes também trouxeram à tona o fato de que ela estava ligada a assassina da rainha. Eu pensei que isso seria a maior edição de sua candidatura, mas ela não era tão convincente quanto os outros, que se sentiam chocados e traídos, sobre o que havia acontecido com a rainha. Ela usava um pouco de compulsão sempre que o tema vinha à tona, o que também foi um longo caminho para fazer com que os outros pensassem que ela estava agora completamente dissociada de mim.

— Estou tão cansada disso, — Lissa disse para Christian, de volta a seu quarto. Ela tinha procurado escapar para lá e estava deitada em sua cama nos braços dele. Minha mãe estava ali, de guarda. — Essa coisa de rainha foi uma ideia terrível.

Christian acariciava seus cabelos. — Não foi. Abe disse que a eleição será adiada por causa do tumulto. E não importa o quanto você reclame, eu sei que você está orgulhosa de ter chegado até aqui.

Era verdade. O teste do cálice tinha cortado os indicados ao meio. Apenas cinco permaneceram. Ariana Szelsky era um deles, como estava o primo de Daniella, Rufus Tarus. Lissa era a terceira,

com Marcus Lazar e Marie Conta para fechar o grupo. Ronald Ozera não o tinha feito completamente.

Minha mãe falou. — Eu nunca vi nada como isso, é incrível o quanto você está recebendo apoio. O Conselho e outros da realeza não estão sob nenhuma obrigação de mudar a lei. Mas a maioria dos plebeus sim... e ganhar o amor dos *plebeus* poderia beneficiar determinada realeza. Amparar o seu pedido de candidatura certamente refletiu bem sobre algumas famílias que estão fora do favor. O que os mantém de volta é o pensamento de que você pode realmente ganhar. Então se manterão apenas discutindo e argumentando.

Lissa enrijeceu. — Vencer... isso não é realmente possível, não é? Ariana conseguiu isso em segredo... certo? — Ganhar nunca tinha sido uma parte deste plano de louco, e agora, com tão poucos candidatos, a pressão era ainda maior para Ariana obter o trono. Enquanto Lissa estava preocupada, os outros candidatos não apresentaram a promessa de melhorar a vida Moroi. Ariana tinha que ganhar.

— Eu digo assim, — disse Janine. Havia orgulho na voz dela, tendo em vista como ela estava próxima à família Szelsky. Ariana é brilhante e competente. E a maioria das pessoas sabem disso. Ela cuida bastante dos dhampirs, mais do que alguns dos outros candidatos. Ela já até falou sobre a inversão da lei de idade.

O pensamento sobre as leis opressoras para prejudicar os dhampirs fez o estomago de Lissa afundar. — Deus, eu espero que ela ganhe. Nós não precisamos que outra coisa dê errado.

Uma batida na porta tirou minha mãe para o modo de guarda integral até Lissa dizer: — É o Adrian.

— Bem, — murmurou Christian, — pelo menos seu horário está melhor que o horário habitual.

E então, meu namorado entrou, envolto em seu cheiro agora habitual de fumo e bebidas alcoólicas. É verdade, seus vícios eram a menor das minhas preocupações, mas sempre me chateava que ele

precisasse de mim para estar lá em pessoa para impor seu bom comportamento. Isso me lembrou de quando ele disse que eu era sua força.

— Levantem-se, pessoas, — disse ele. Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo. — Nós temos uma visita a fazer.

Lissa sentou-se, perplexa. — Do que você está falando?

— Eu não vou sair com Blake Lazar novamente, — alertou Christian.

— Você e eu, — disse Adrian. — Eu consegui alguém melhor. E mais atraente. Lembra como você estava querendo saber o quão perto Serena estava de Grant? Bem, parece que você pode perguntar e ela mesma. Eu a encontrei. E sim, você é bem-vinda. — Uma carranca cruzou o rosto da minha mãe.

— Da última vez que ouvi, Serena tinha sido mandada embora para ensinar em uma escola. Um na costa leste, eu acho.

Após o ataque Strigoi que tinha matado Grant e vários outros, os responsáveis decidiram tirar Serena das atividades de guardiã para a de imposto ativos por um tempo. Ela tinha sido a única guardiã que sobreviveu.

— Ela está, mas desde o verão, foi trazida de volta para ajudar com o controle da multidão na eleição. Ela está trabalhando nos portões da frente.

Lissa e Christian trocaram olhares. — Temos que falar com ela, — disse Lissa animadamente. — Ela poderia saber quem Grant estava secretamente ensinando.

— Isso não significa que um deles matou Tatiana, — avisou a minha mãe.

Lissa balançou a cabeça. — Não, mas existe uma conexão, se a carta de Ambrose estiver certa. Ela está lá agora? Nas portas?

— Sim, — disse Adrian. — E nós provavelmente não precisamos mesmo comprar uma bebida para ela.

— Então vamos lá. — Lissa se levantou e estendeu a mão para seus sapatos.

— Você tem certeza? — Perguntou Christian. — Você sabe o que está esperando lá fora.

Lissa hesitou. Era tarde da noite para os Moroi, mas não significava que todos estavam na cama, especialmente às portas, que estavam sempre cheias de pessoas recentemente. Limpar o meu nome era muito importante, Lissa decidiu. — Yeah. Vamos fazer isso.

Com a minha mãe à frente, meus amigos fizeram o seu caminho para a entrada da Corte. — A porta que Abe tinha feito tinha sido remendada. — A Corte foi cercada no alto, paredes de pedra multicolorida que favorecia ainda mais a imagem do homem que era realmente uma escola de elite. Portões de ferro forjado na entrada estavam abertos, mas um grupo de guardiões bloqueavam a estrada que conduzia aos arredores da Corte.

Normalmente, apenas dois guardas teriam lotado o estande no portão. O número suplementar foi maior tanto para interrogatório de carros e para controlar a multidão. Espectadores alinhados nas laterais das estradas, observavam os carros que chegavam como se estivessem em uma premier de tapete vermelho.

Janine sabia uma forma indireta que evitava algumas pessoas, mas não todas.

— Não se aflija, — Christian disse a Lissa enquanto passavam por grupo particularmente falante, que a tinha notado. — Você é uma das pessoas nomeadas para ser rainha. Você merece isso. Você é a última Dragomir. Uma filha da realeza. — Lissa lhe deu um olhar breve, atônito, surpresa ao ouvir a fúria na voz dele e que ele acreditava claramente em suas palavras.

Endireitou-se e se virou para seus fãs, sorrindo e acenando de volta, o que animou eles muito mais. Leve isto a sério, ela lembrou a si mesma. Não desgrace nossa história.

No final, ficar no meio da multidão indo para o portão se mostrou ser mais fácil do que ficar um tempo sozinha com Serena. Os

guardiões estavam inundados e insistiam em manter Serena para o rastreio, mas minha mãe teve uma conversa rápida com o tutor responsável. Ela lembrou-lhe da importância de Lissa e se ofereceu para ficar no lugar de Serena por alguns minutos.

Serena tinha se curado do ataque Strigoi. Ela tinha a minha idade, de cabelos loiros e bonitos. Ela estava claramente surpresa ao ver sua antiga protegida. — Princesa, — disse ela, mantendo as formalidades. — Como posso ajudá-la?

Lissa puxou Serena para longe do grupo de guardiões que controlavam os Moroi alinhados no portão. — Você pode me chamar de Lissa. Você sabe disso. Afinal, você me ensinou a dar facadas em travesseiros.

Serena deu um sorriso pequeno. — As coisas mudaram. Você pode ser a nossa próxima rainha.

Lissa fez uma careta. — Improvável. — Especialmente porque eu não tenho ideia de como resolver esse mistério, ela pensou. — Mas eu preciso de sua ajuda. Você e Grant passaram muito tempo juntos... ele nunca fez menção de treinar Moroi para Tatiana? Como, sessões de combate em segredo? — O rosto de Serena deu a resposta, e ela desviou os olhos.

— Eu não deveria falar sobre isso. Ele não estava sequer disposto a me contar.

Lissa agarrou o braço da jovem guardiã com emoção, fazendo com que Serena recuasse. — Você tem que me dizer o que você sabe. Qualquer coisa. Quem ele estava treinando... como se sentiam a respeito... se foi bem sucedido. Qualquer coisa.

Serena empalideceu. — Eu não posso, — ela sussurrou. — Era em segredo. Sob as ordens da rainha.

— Minha tia está morta, — disse Adrian sem rodeios. — E você mesmo disse que você pode estar falando com a futura rainha. — Este ganhou um brilho de Lissa.

Serena hesitou, depois respirou fundo. — Eu posso reunir uma lista de nomes. Eu não posso lembrar de todos eles, no entanto. E

eu não tenho ideia do quão bem eles estavam fazendo, só que muitos sofriam com isso. Grant dizia que Tatiana tinha escolhido propositadamente os mais relutantes.

Lissa apertou a mão dela. — Obrigada. Muito obrigada.

Serena ainda estava se sentindo mal por ter dado as informações secretas. Eles vêm em primeiro lugar nem sempre funciona quando suas lealdades são divididas. Vou ter que fazê-lo mais tarde, no entanto. Eles precisam de mim aqui. Serena voltou ao seu posto, trazendo a minha mãe de volta para Lissa. Quanto a mim, voltei a minha própria realidade dentro do carro, que tinha chegado a uma nova parada. Pisquei para limpar os olhos e me situar. Outro hotel. Devemos ter o status de membro de ouro até agora.

— O que está acontecendo?

— Nós estamos parando, — disse Dimitri. — Você precisa descansar.

— Não, eu não preciso. Precisamos ir para a Corte agora. Precisamos levar Jill a tempo para as eleições. — Nosso objetivo inicial de encontrar Jill era para dar a Lissa poder de voto. Nos ocorreu uma vez que com Lissa concorrendo nas eleições, o aparecimento de uma irmã iria gerar surpresa e descrença. Um teste genético poderia esclarecer as dúvidas e dar a Lissa seu poder de voto, mas a confusão inicial nos daria o tempo necessário para encontrar o assassino. Apesar das provas aleatórias que meus amigos continuavam encontrando, eles ainda não tinham teorias substanciais sobre um culpado.

Dimitri me deu um olhar que dizia que eu estava mentindo. — Você estava com Lissa. As eleições realmente ainda estão acontecendo?

— Não, — eu admiti.

— Então você pode receber algum descanso.

— Eu estou bem, — eu rebati.

Mas os tolos não iam me ouvir. O check-in foi complicado, porque nenhum de nós tinha um cartão de crédito, e não era um dos hotéis com políticas que aceitavam depósitos em numerário. Sonya obrigou o recepcionista a pensar que era a sua política, e em pouco tempo, tínhamos reservado duas salas contíguas.

— Deixe-me falar com ela sozinho, — Dimitri murmurou para Sonya. — Eu posso lidar com isso.

— Tenha cuidado, — Sonya avisou. — Ela está frágil.

— Hey, vocês, eu estou aqui! — Exclamei.

Sonya pegou o braço de Jill e a guiou para um dos quartos. — Vamos lá, vamos pedir serviço de quarto.

Dimitri abriu a outra porta e olhou para mim com expectativa. Com um suspiro, eu segui e sentei na cama, com os braços cruzados. O quarto era cem vezes mais agradável do que aquele em West Virginia.

— Podemos pedir serviço de quarto?

Ele puxou uma cadeira e sentou-se à minha frente, apenas a dois passos. — Precisamos conversar sobre o que aconteceu com Victor.

— Não há nada para falar, — eu disse friamente. O meus sentimentos obscuros que estavam empurrados para trás durante um bom tempo de repente caíram sobre mim. Eles sufocaram-me. Eu me senti mais claustrofóbica do que quando eu estava na cela. A culpa era minha maior prisão. — Eu realmente sou a assassina que todos dizem que eu sou. Não importa o que Victor era. Eu o matei a sangue frio.

— Não foi a sangue frio.

— O inferno que não foi! — Eu chorava, sentindo o rio de lágrimas nos meus olhos. — O plano era para dominar ele e Robert para que pudéssemos libertar Jill. Subjugado. Victor não era uma ameaça para mim. Ele era um homem velho, pelo amor de Deus.

— Ele parecia ser uma ameaça, — disse Dimitri. Sua calma era o contador para a minha histeria crescente, como de costume. — Ele

estava usando sua magia.

Eu balancei minha cabeça, enterrando meu rosto em minhas mãos. — Ele não ia me matar. Ele provavelmente não poderia mesmo se manter muito mais tempo. Eu poderia ter esperado ou fugido. Diabos, eu escaparia! Mas ao invés de capturá-lo, eu o bati contra uma parede de concreto! Ele não era páreo para mim. Um homem velho. Eu matei um homem velho. Sim, talvez ele era um intriguento homem velho e corrupto, mas eu não queria vê-lo morto. Eu queria que ele fosse preso novamente. Eu queria que ele passasse o resto da vida dele na prisão, vivendo com seus crimes. Vida, Dimitri. — Parecia estranho que eu me sentisse assim, considerando o quanto eu odiava Victor. Mas era verdade: não havia sido uma luta justa. Eu agi sem pensar. Minha formação sempre foi sobre me defender e atacar monstros. Honra realmente nunca tinha vindo a tona, mas de repente, significava muito para mim. Não havia honra no que eu fiz para ele.

— Sonya disse que não era sua culpa. — A voz de Dimitri ainda era gentil, e isso de alguma forma me fez sentir pior. Eu queria ele tinha me castigasse, confirmando a culpa que eu sentia. Eu queria que ele fosse o meu instrutor crítico. — Ela disse que era uma reação do espírito.

— Foi... — Fiz uma pausa, recordando a névoa durante a luta o melhor que eu podia. — Eu nunca entendi realmente o que Lissa experimentava no seu pior momento até então. Eu olhei para o Victor... e eu vi todo o mal, um mal que eu tinha que parar. Ele era mau, mas ele não merecia isso. Ele nunca teve uma chance. — Honra, eu fiquei pensando. Que honra há em tudo isto?

— Você não está escutando, Rose. Não foi culpa sua. O Espírito tem uma poderosa magia que mal podemos entender. E o seu lado obscuro... Bem, nós sabemos a capacidade que ele tem de fazer coisas terríveis. Coisas que não podem ser controladas.

Ergui os olhos para ele. — Eu deveria ter sido mais forte do que ele. — Lá estava ele. A ideia por trás de toda a minha culpa, todas

essas emoções horríveis. — Eu deveria ter sido mais forte do que ele. Eu estava fraca.

As palavras tranquilizadoras de Dimitri não chegavam a tempo. — Você não é invencível, — ele disse finalmente. — Ninguém espera que você seja.

— Eu espero. O que eu fiz... — Engoli em seco. — O que fiz foi imperdoável.

Seus olhos se arregalaram em choque. — Isso... isso é loucura, Rose. Você não pode se punir por algo que você não tinha controle.

— É? Então por que você ainda... — Parei porque eu iria acusar Dimitri de continuar a punir-se. Salvo... ele já não estava. Será que ele sente culpa pelo o que ele tinha feito como um Strigoi? Eu tinha certeza disso. Sonya tinha admitido isso. Mas em algum momento desta jornada, ele tinha tomado o controle de sua vida novamente, pouco a pouco. Ele me disse isso, mas só agora eu realmente compreendi.

— Quando? — perguntei. — Quando isso mudou? Quando você percebeu que poderia continuar vivendo, mesmo depois de toda a culpa disso?

— Eu não tenho certeza. — Se a pergunta o surpreendeu, ele escondeu isso. Seus olhos estavam firmes nos meus, mas eles não estavam muito focado em mim. O enigma o ocupava. — Aos poucos, de verdade. Quando Lissa e Abe vieram até pela primeira vez para falar sobre libertar você, eu estava pronto para fazê-lo, porque ela me pediu. Então, quanto mais eu pensava nisso, mais eu percebi que era muito mais pessoal. Eu não poderia suportar a ideia de que você ficasse trancada em uma cela, sendo privada do mundo. Não era certo. Ninguém deve viver assim, e me ocorreu que eu estava fazendo o mesmo por escolha. Eu estava me privando do mundo com a culpa e a autopunição. Eu tive uma segunda chance de viver, e eu estava jogando fora. Eu ainda estava em crise, continuava violento e cheio de dor, mas sua história me manteve calmo e paralisado.

Ouvi-lo abrindo seu coração era uma oportunidade rara.

— Você me ouviu falar sobre isso antes, — ele continuou. — Sobre o meu objetivo de apreciar os pequenos detalhes da vida. E quanto mais nós continuamos nossa jornada, mais eu me lembro quem eu era. Não apenas um lutador. A luta é fácil. O porque da sua luta é que importa, e, no beco naquela noite com Donovan... — Ele estremeceu. — Aquele foi o momento em que eu poderia ter me transformado em alguém que luta apenas para matar cruelmente, mas você me puxou de volta, Rose. Esse foi o ponto de mudança. Você me salvou... assim como Lissa me salvou com a estaca. Eu soube então que, para deixar a parte Strigoi de mim para trás, eu tinha que lutar para ser o que eles não são. Eu tive que aceitar o que eles rejeitam: — beleza, amor, honra. — Logo em seguida, eu era duas pessoas. Uma delas foi muito feliz.

Ao ouvi-lo falar assim, percebendo que ele estava lutando contra seus demônios e perto da vitória... bem, eu quase chorei de alegria. Era o que eu queria para ele por tanto tempo. Ao mesmo tempo, suas palavras inspiradoras só me lembravam o quanto tinha caído. Minha tristeza e auto-piedade me levaram mais uma vez.

— Então você deve compreender, — eu disse amargamente. — Você acabou de dizer isso: a honra. É importante. Ambos sabemos que ela é. Eu perdi a minha. Eu perdi lá fora no estacionamento quando eu matei um inocente.

— Eu matei centenas de pessoas, — afirmou categoricamente. — Pessoas muito mais inocentes do que Victor Dashkov.

— Isso não é o mesmo! Você não poderia ajudá-las! — Meus sentimentos vieram à tona novamente. — Por que estamos repetindo as mesmas coisas mais e mais?

— Porque elas não estão funcionando! Você não poderia ajudá-lo também. — Sua paciência estava acabando. — Sinta-se culpada. Lamente isso. Mas siga em frente. Não deixe que isso te destrua. Perdoe-se.

Eu saltei sobre meus pés, pegando-o de surpresa. Inclinei-me para baixo, colocando-nos face a face. — Me perdoar? Isso é o que você quer? Você de todas as pessoas?

As palavras pareciam escapar dele. Eu acho que tinha a ver com a minha proximidade. Ele conseguiu um aceno de cabeça.

— Então me diga isso. Você diz que passou pela culpa, resolveu se divertir com a vida e tudo mais. Eu entendi. Mas você, no seu coração, de verdade perdoou a si mesmo? Eu disse que há muito tempo que eu tinha te perdoado por tudo na Sibéria, mas e você? Já fez isso?

— Eu apenas disse...

— Não. Isso não é o mesmo. Você está me dizendo para eu me perdoar e seguir em frente. Mas você não fará isso com você mesmo. Você é um hipócrita, camarada. Nós somos tanto culpados quanto inocentes. Escolha.

Ele se levantou, olhando para mim de cima. — Isso não é tão simples assim.

Eu cruzei meus braços sobre o peito, recusando-me a ser intimidada. — É simples assim. Nós somos iguais! Sonya disse que nós somos. Nós sempre seremos iguais, e ambos estamos agindo de forma estúpida agora. Nós possuímos um nível superior aos outros.

Dimitri franziu o cenho. — Eu... Sonya? O que ela tem a ver com isso?

— Ela disse que nossas auras são iguais. Ela disse que acendem em torno de si. Ela diz que isso significa que você ainda me ama e que nós estamos em sincronia, e... — Suspirei e me afastei, andando pela sala. — Eu não sei. Eu não devia ter mencionado isso. Nós não levamos em conta essas coisas sobre auras quando se trata de usuários de espírito que já estão meio loucos. — Cheguei à janela e encostei a cabeça contra o vidro frio, tentando decidir o que fazer. Perdoar-me. Eu poderia? Uma pequena cidade se esparramava diante de mim, embora eu tenha perdido a noção de onde estávamos. Carros e pessoas se moviam, as almas vivendo suas

vidas. Eu tomei uma respiração profunda. A imagem de Victor sobre o asfalto ia ficar comigo por um longo, longo tempo. Eu tinha feito uma coisa horrível, mesmo que minhas intenções fossem boas, mas todo mundo estava certo: eu não tinha sido eu. Sabia como mudar o que tinha acontecido? Teria como trazer Victor de volta? Não. E, honestamente, eu não sabia como eu iria me mover após o que eu tinha feito, como eu tiraria as imagens sangrentas da minha cabeça. Eu só sabia que eu tinha que seguir em frente.

— Se eu deixar isso me parar, — eu murmurei, — se eu não fizer nada... então esse mal ficará maior. Vou fazer mais sobrevivendo. Ao continuar a luta e proteger os outros.

— O que você está dizendo? — Perguntou Dimitri.

— Eu estou dizendo... Eu me perdôo. Isso não faz tudo perfeito, mas é um começo. — Meu dedo traçou a linha de uma pequena rachadura na superfície do vidro. — Quem sabe? Talvez essa explosão no estacionamento deixou escapar um pouco da escuridão que Sonya disse que está em minha aura. Cética como eu sou, eu tenho que lhe dar alguns pontos. Ela estava certa de que eu estava em um ponto de ruptura, que tudo que eu precisava era de uma faísca.

— Ela estava certa sobre outra coisa também, — Dimitri disse depois de uma longa pausa. Eu estava de costas para ele, mas havia um jeito estranho em sua voz que me fez virar.

— Como o que? — Eu perguntei.

— Que eu ainda te amo.

Com essa frase, tudo no universo se alterou.

O tempo parou para em um piscar de olhos. O mundo se tornou os olhos dele, a voz dele. Isso não estava acontecendo. Não era real. Nada disso poderia ser real. Parecia um sonho com espírito. Eu resisti à vontade de fechar os olhos e ver se eu acordava momentos depois. Não. Não importa o quão incrível que tudo parecia, não era um sonho. Isso era real. Esta era a vida. Em carne e osso.

— Desde... desde quando? — eu finalmente consegui perguntar.

— Desde... sempre. — O tom dele implicava que a resposta era óbvia. — Eu neguei isso quando eu fui restaurado. Eu não tinha espaço para nada no meu coração, exceto culpa. Eu particularmente me senti culpado por você, pelo que eu fiz, e eu a afastei. Eu coloquei um muro para te manter segura. Funcionou por um tempo até que meu coração finalmente começou a aceitar outras emoções. E tudo isso voltou. Tudo o que eu sentia por você. Ele nunca tinha saído, foi apenas escondido de mim até que eu estivesse pronto. E mais uma vez... o beco que foi o ponto de viragem. Eu olhei para você... vi a sua bondade, sua esperança, e sua fé. Isso é o que te faz linda. Assim, tão linda.

— Então não era o meu cabelo, — eu disse, sem saber como eu era mesmo capaz de fazer uma piada em um momento como este.

— Não, — ele disse gentilmente. — Seu cabelo estava lindo demais. Você toda. Você estava incrível quando nos conhecemos, e de alguma forma, inexplicavelmente, Você está ainda mais. Você sempre foi energia pura, crua, e agora você a controla. Você é a mulher mais incrível que eu já conheci, e estou contente de ter tido esse amor por você em minha vida. Lamento perder. — Ele ficou pensativo. — Eu daria qualquer coisa, qualquer coisa no mundo para voltar atrás e mudar a história. Para ter corrido para os seus braços quando Lissa me trouxe de volta. Para ter uma vida com você. É tarde demais, é claro, mas eu aceito isso.

— Porquê... porque é tarde demais?

Os olhos de Dimitri ficaram tristes. — Por causa do Adrian. Por que você mudou. Não, escute, — ele disse, cortando meus protestos. — Você estava certa por fazer isso depois da forma como eu te tratei. E mais do que qualquer outra coisa, eu quero que você seja feliz, uma vez que limpar o seu nome e fizer Jill ser reconhecida. Você mesmo disse que Adrian lhe faz feliz. Você disse que o ama.

— Mas... você acabou de dizer que me ama. Que você quer ficar comigo. — Minhas palavras soavam desajeitadas, sem nenhuma eloquência.

— E eu lhe disse: Eu não ficarei com a mulher de outro homem. Você quer falar de honra? Aí está ela na sua forma mais pura.

Eu andei em direção a ele, cada passo incrementando a tensão em torno de nós. Dimitri dizia que o beco era o seu ponto de mudança. Para mim? Tinha sido agora. Eu estava à beira de algo que mudaria minha vida. Na última semana, eu tinha feito um trabalho muito bom de me afastar de qualquer coisa romântica com Dimitri. E eu ainda tinha esse trabalho? O que era amor, realmente? Flores, chocolates e poesia? Ou era algo mais? Era ser capaz de terminar as piadas de alguém? Era ter fé absoluta que alguém estava lá por você? Era conhecer alguém tão bem, a ponto de saber o motivo do outro fazer o que fazia e ainda compartilhar as mesmas opiniões?

Todas as semanas, eu tinha alegado que o meu amor por Dimitri estava desaparecendo. Na realidade, ele vinha crescendo mais e mais. Eu não tinha sequer percebido que estava acontecendo. Eu tinha re-estabelecido o nosso relacionamento antigo, reforçado nossa ligação. Reafirmando que de todas as pessoas no mundo — incluindo Lissa — Dimitri era o único que realmente me compreendia.

Eu quero dizer: eu amava Adrian. Era difícil imaginar a vida sem ele, Mas as minhas palavras na casa dos Mastrano haviam me traído: Eu me divirto com ele. Agora, você deveria se divertir com a pessoa que você ama, mas que não deveria ter sido o que primeiro me veio à mente. Eu deveria ter dito, nós fortalecemos um ao outro. Ou, Ele me faz querer ser uma pessoa melhor. Talvez o mais importante: ele me entende perfeitamente.

Mas nada disso era verdade, então eu não tinha dito aquelas coisas. Eu procurei Adrian pelo conforto. Sua familiaridade e humor eram uma importante parte do meu mundo. E se ele estivesse em perigo? Eu jogaria minha vida antes dele, como eu faria por Lissa. No entanto, eu não lhe sugeriria isso, não realmente. Ele estava tentando. Ele queria ser uma pessoa melhor, mas neste momento em sua vida, suas motivações eram mais para impressionar os

outros — Para me impressionar. Não era para si. Isso não faz com que ele seja ruim ou fraco, mas me faz seu suporte. Ele iria passar por isso, eu estava certa. Ele poderia por ele mesmo se tornar um homem incrível, mas ele não estava naquele momento de auto-descoberta ainda. Eu estava.

Eu estava na frente de Dimitri agora, olhando para aqueles olhos escuros, novamente, os olhos que eu tanto amava. Eu coloquei minhas mãos em seu peito, sentindo seu coração batendo forte e estável, e talvez um pouco mais rápido que o normal. O calor se espalhou pelas pontas dos meus dedos. Ele estendeu a mão e agarrou os meus pulsos, mas não me afastou. As linhas daquele rosto lindo pareciam tensas como se ele estivesse tendo um conflito interno, mas agora que eu sabia, agora que eu sabia com certeza, eu podia ver o seu amor por mim. Amor misturado com desejo. Estava assim, tão óbvio.

— Você deveria ter me dito, — eu disse. — Você deveria ter me dito isso há muito tempo atrás. Eu te amo. Eu nunca deixei de te amar. Você tem que saber disso.

Ele prendeu a respiração quando eu disse eu te amo, e eu podia ver a sua luta interna para se controlar se tornar uma guerra total.

— Isso não faria diferença. Não com Adrian envolvido, — disse ele. Meus dedos se apertaram um pouco, como se ele pudesse me afastar dessa vez. E ele não iria. — Eu quero dizer. Eu não vou ser aquele cara, Rose. Eu não serei aquele homem que toma a mulher de alguém. Agora, por favor. Deixe-me ir. Não torne isso mais difícil.

Eu ignorei o pedido. Se ele queria ficar longe de mim, ele poderia fazer isso. Eu desloquei meus dedos, tocando mais em seu peito, bebendo a sensação da identificação do contato quente que eu tinha perdido por tanto tempo.

— Eu não pertencço a ele, — eu disse em voz baixa, me empurrando para mais perto de Dimitri e inclinando a cabeça para trás para que eu pudesse ver seu rosto claramente. Tanta emoção, tanto conflito enquanto o seu coração tentava decidir o que era certo e errado. Sendo pressionada contra ele eu sentia... que ele

havia chegado a uma conclusão. Sonya disse nenhum casal poderia compartilhar uma aura ou uma alma, mas as nossas não estavam destinadas a ficar separadas. Elas se encaixavam como um quebra-cabeças, dois indivíduos que fazem algo maior que eles. — Eu não pertencço a ninguém. Eu faço minhas próprias escolhas.

— E você está com o Adrian, — disse Dimitri.

— Mas, é por que eu não significava nada para você.

E foi isso. Qualquer pretensão de controle ou razão que qualquer um de nós possuía derreteu. As paredes desmoronaram, e tudo que estávamos segurando a tempos veio a tona. Estendi a mão, nos empurrando para um beijo — um beijo que ele não deixou passar desta vez. Um beijo que eu não finalizei com impeto. Seus braços me cercaram enquanto ele me sustentou na cama, uma mão logo se deslizou do meu quadril para baixo, para minha perna, já semi-nua, graças a esse pobre vestido esfarrapado.

Cada nervo do meu corpo se iluminou, e eu senti que o desejo o ganhou — e então mais. Depois de um mundo de morte, ele pareceu apreciar mais o amor. Não só isso, ele precisava. Ele precisava de vida. Ele precisava de mim, não apenas fisicamente, mas da mesma forma que meu coração e minha alma sempre clamaram por ele. O que fizemos então, quando as nossas roupas saíram e trouxemos os nossos corpos juntos se tornou mais do que apenas a luxúria — Mesmo que houvesse muito disso também.

Estar com ele depois de tanto tempo, depois de tudo que nos resistimos... era como voltar para casa. Como, finalmente, estar onde, com quem — Eu pertencia. Meu mundo, meu coração... se quebraram quando eu o perdi. Mas quando ele olhou para mim, quando seus lábios pronunciaram meu nome e correram ao longo da minha pele... Eu sabia que essas partes poderiam voltar a estar juntas. E eu sabia, com absoluta certeza, que ter esperado por isto — pela minha segunda transa — era a coisa certa a se fazer. Qualquer pessoa, qualquer outro momento... teria sido errado.

Quando terminamos, era como se nós ainda não conseguíssemos chegar perto o suficiente. Nos abraçamos com força, nossos

membros entrelaçados, como se talvez diminuindo a distância agora seria compensar a distância que tinha estado entre nós por muito tempo. Eu fechei meus olhos, meus sentidos inundados com ele, e suspirei sonhadora.

— Estou feliz que você fez isso. Feliz pelo seu auto-controle não ser tão forte quanto o meu. — Isso o fez rir, e eu senti seu peito ressoar.

— Roza, meu auto-controle é dez vezes mais forte que o seu.

Abri os olhos, passando a olhar para ele. Eu escovei o cabelo dele para trás e sorri, meu coração certo de que iria expandir mais e mais até que não houvesse mais nada de mim.

— Ah, é? Isso não é a impressão que eu tive.

— Espere até a próxima vez, — alertou. — Farei coisas que farão com que você perca o controle em questão de segundos.

Esse comentário foi apenas para pedir uma engenhosa observação sarcástica de Rose Hathaway. Ele também fez o meu sangue queimar, razão pela qual nós dois ficamos surpresos quando abruptamente eu disse, — não podemos ter uma próxima vez.

A mão de Dimitri, que estava seguindo a forma do meu ombro, congelou. — O quê? Por quê?

— Nós temos muitas coisas a fazer antes que isso aconteça novamente.

— Adrian, — ele adivinhou.

Eu balancei a cabeça. — É o meu problema, então coloque seus pensamentos sobre honra de lado. Eu tenho que enfrentá-lo e responder por isso. Eu vou. E você... — Eu não podia acreditar no que estava prestes a dizer. Eu não poderia acreditar que eu queria dizer isso.

— Você ainda tem que perdoar a si mesmo se vamos ficar juntos.

Sua expressão confusa se tornou dolorida. — Rose...

— Isso é sério. — Eu encontrei os olhos com firmeza. — Você tem que perdoar a si mesmo. De verdade. Todo mundo tem. Se você não puder, então você não pode seguir em frente com ninguém. Nós não podemos.

Foi uma das maiores apostas da minha vida. Uma vez, eu teria que correr para ele, sem dúvida, ignorando os nossos problemas, feliz apenas por estar com ele. Agora... depois de tudo que eu passei, eu mudei. Eu o amava. Eu o amava muito, e eu queria estar com ele. Mas era por causa da força do amor que eu tinha que fazer isso. Se íamos ficar juntos, tínhamos de fazê-lo da maneira certa. Sexo tinha sido incrível, mas não era uma cura mágica para tudo. Maldição. Em algum lugar ao longo do caminho, eu encontrei o senso comum. Eu ainda tinha que enfrentar Adrian. E se Dimitri não pudesse fazer o que eu pedi, eu realmente caminharia para longe. Eu perderia os dois homens, mas era melhor ficar sozinha com minha auto-estima do que estar no relacionamento errado.

— Eu não sei, — Dimitri disse afinal. — Eu não sei se posso... se estou pronto.

— Então decida logo, — eu disse. — Você não tem direito a esta segunda chance, mas eventualmente... — Eu não continuei com o assunto. Por agora, eu deveria deixá-lo ir, embora eu sabia que ele ia manter o comentário e compreender sua importância. Eu sabia que estava certa em apoiá-lo também. Ele não conseguiria ser feliz comigo, se ele não estivesse feliz com ele. Ocorreu-me então, o que eu precisava, que os nossos velhos papéis professor-aluno se fossem para sempre. Agora nós realmente eramos iguais.

Eu descansei minha cabeça no peito dele e senti-o relaxar. Nos aquecemos neste momento um pouco mais. Sonya disse que precisávamos descansar, fazendo-me pensar que ainda tinha algum tempo aqui antes do relógio nos levar de volta à Corte. Como Dimitri e eu continuamos próximos um do outro, encontrei-me realmente querendo dormir. Eu estava exausta da luta, o que, eu percebi, tinha tomado um rumo inesperado. Minha culpa e o desespero sobre Victor e a consequente explosão do espírito tinham feito as suas

vítimas também, não importa o medalhão de cura ainda ao redor do meu pescoço. E sim, eu pensei que com um pequeno sorriso, eu estava simplesmente exausta devido ao que Dimitri e eu tínhamos acabado de fazer. Era uma espécie de mudança agradável usar meu corpo para algo que não resultou em ferimentos graves.

Adormeci nos braços dele, que estavam envoltos em torno de mim calorosamente. Deveria ter sido assim tão simples. Deveria ter sido um descanso pacífico e feliz. Mas como de costume, eu não era tão afortunada.

Um sonho induzido pelo espírito me tirou do fundo envolvente do sono, e por meio segundo, eu pensei que talvez Robert Doru tinha vindo até mim para vingar a morte de seu irmão.

Mas, não. Não era o Dashkov vingativo. Em vez disso, eu me vi olhando para um par de olhos verde-esmeralda.

Adrian.

TRINTA

EU NÃO PODIA CORRER PARA os seus braços como eu sempre fazia. Como eu poderia? Depois de tudo o que eu tinha feito? Não. Eu não podia brincar, não mais. Eu ainda não tinha total certeza sobre o que o futuro reservava para Dimitri e eu, não até que ele respondesse ao meu intímato. Eu sabia, no entanto, o quanto era difícil deixar Adrian. Meus sentimentos por ele ainda eram fortes, me perguntei se ainda existia alguma possibilidade de sermos amigos. Independentemente disso, eu não poderia continuar com ele depois de dormir com Dimitri. Podia não ser assassina, não, mas certamente seria desonrosa.

Porém... eu percebi que não podia falar nada disso para o Adrian, não agora. Eu não podia terminar com ele em um sonho. Isso seria quase tão ruim quanto uma separação por mensagem de texto. Além disso, eu tinha a sensação de que... bem, eu provavelmente precisaria da ajuda dele. Demais para honra. Logo, eu jurei. Logo contarei para ele. Ele não pareceu notar a falta do meu abraço. Mas ele percebeu outra coisa.

— Uau

Nós ficamos em todos os lugares da biblioteca do St. Vladimir's, lancei-lhe um olhar perplexo através das mesas de estudos na nossa frente.

— Uau, o quê?

— Sua... sua aura. Ela está... incrível. Está brilhando. Quero dizer, ela sempre brilha, mas hoje... bem, eu nunca vi nada como isso. Eu não esperava depois de tudo o que aconteceu

Eu me mexi desconfortavelmente. Se eu normalmente acendo perto do Dimitri, o que diabos aconteceu com a minha aura pós-sexo?

— Depois do que aconteceu?

Perguntei. Repelindo o comentário. Ele riu e se aproximou de mim. Sua mão procurando inconscientemente pelo cigarro, uma pausa, e depois caiu para o lado dele.

— Ah, vamos lá. Todo mundo está falando sobre isso. Como você e o Belikov sequestraram Jailbait - Como fizeram isso afinal? - E como coagiram A Alquimista. São as notícias mais quentes por aqui. Bem, com exceção das eleições. O último teste está chegando.

— Isso é certo... — Murmurei. Ele estava aqui há quase 24 horas, desde que Lissa tinha recebido o enigma. Tinha pouco tempo, da última vez que eu soube de alguma coisa, ela não tinha nenhuma resposta ainda.

— Afinal, por que você está dormindo no meio do dia? — Ele perguntou. — Eu não esperava pegar você. Simboliza que você estaria com um cronograma humano.

— É... foi uma espécie de noite difícil, da qual você tem que escapar de uma legião de guardiões e de todos os outros.

Adrian pegou a minha mão, franzindo a testa quando eu não retribuí. Mas dispersou-se logo com o seu sorriso.

— Bem, eu me preocupo mais com o seu velho do que com eles. Ele está chateado por você não ficar parada. E que ele não pode entrar para ver os alquimistas. Acredite em mim, ele está tentando.

Isso quase me fez rir, só não era exatamente o efeito que eu queria. . — Então, ele não é o todo-poderoso, afinal — suspirei. — Isso é o que precisamos. Sydney. E, também, o cara que está com ela. Aquele que supostamente sabe alguma coisa. — Recordei, mais uma vez de ver o reconhecendo em seu rosto. Ele conhece o homem que atacou a Lissa e subornou o Joe. — Nós precisamos dele

— Pelo que eu percebi, — falou Adrian — os guardiões são apenas uma espécie de remanescente ao redor do hotel, mais preocupados com os Alquimistas saindo. Porém, eles estão controlando quem entra. Eles não vão deixar qualquer um de nós -

ou outros alquimistas- passarem. Há uns grupos de visitantes humanos, desconfio que Abe tentou se disfarçar e falhou.

Pobre Zmey. — Ele deveria ter tido mais fé nos seus guardiões. Eles não deixarão ninguém entrar, mas eles mesmos podem entrar e sair. — Minhas próprias palavras me levaram a um impasse. — É isso...

Adrian me olhou desconfiado. — Ah, não. Eu conheço esse olhar. Alguma coisa louca está prestes a acontecer. —

Eu segurei sua mão, agora com excitação, em vez de amor. — Induza Mikhail. Ele tem que nos encontrar... — foquei. — Eu visitei Alquimistas na cidade que estavam hospedados lá dentro. Como é perto da Corte nós poderemos dirigir até lá. Quebrarei a cabeça, tentando pensar em alguns detalhes. — naquele restaurante com o sinal vermelho. Sobre o outro lado. Sempre anunciando buffets.

— Mais fácil dizer do que fazer, pequena dhampir. Eles estão usando cada guardião da Corte para manter as eleições sob controle. Se a Lissa não tivesse sido atacada, eles não deixariam sua mãe ficar com ela. Eu não acho que Mikhail pode sair.

— Ele encontrará uma maneira — eu disse com confiança. — Diga-lhe que é isso — essa é a chave para o assassinato. A resposta. Ele é criativo. — Adrian olhou cético, mas era difícil para ele recusar-me qualquer coisa.

— Quando?

Quando, na verdade? Era quase meio-dia, e eu não tinha prestado muita atenção ao local onde paramos. Quanto tempo levaríamos para chegar à Corte? Pelo que eu sabia sobre as eleições, aqueles que passaram por essa última prova discursariam quando o dia dos Moroi começasse. Em teoria, eles iriam direto para a votação, exceto, se o nosso plano funcionasse, o envolvimento de Lissa reduziria o ritmo por alguns dias. Aprovada.

— Meia-noite — falei. Se eu estivesse correta, a Corte estaria completamente envolvida no drama da eleição, tornando mais fácil para Mikhail sair. Eu esperava. — Você vai dizer a ele?

— Qualquer coisa por você. — Adrian varreu-me um arco galante. — Embora, eu ainda ache que é perigoso para você estar envolvida diretamente com isso.

— Eu mesma tenho que fazer isso, — falei. — Eu não posso esconder.

Ele balançou a cabeça, como se ele entendesse. Mas eu não tinha certeza sobre isso.

— Obrigado — eu disse a ele. — Muito obrigado por tudo. Agora, vá.

Adrian me deu um sorriso torto. — Rapaz, você não perde tempo chutando um cara para fora da cama, né?

Eu vacilei, a brincadeira souu um pouco verdadeira para mim. — Eu quero que Mikhail fique preparado. E eu também preciso assistir Lissa no último teste.

Este sóbrio Adrian disse. — Será que ela tem uma chance? Será que ela vai passar?

— Eu não sei, eu admiti. — Esta é uma pergunta difícil.

— Okay. Bom ver o que podemos fazer. — Ele me deu um pequeno beijo. Meus lábios responderam automaticamente, mas não era dele o meu coração. — E Rose? Eu quero dizer. Tenha cuidado. Você estará próxima da Corte. Sem mencionar um bando de guardiões que te tem na lista dos mais procurados e que provavelmente querem matar você.

— Eu sei — respondi, optando por não mencionar que não tinha — problema — com isso.

Com isso, ele desapareceu, e eu acordei. Estranhamente, o que eu encontrei em meu próprio mundo parecia quase mais fantasioso do que eu experimentei com Adrian. Dimitri e eu ainda estávamos na cama, aconchegado sob as cobertas, os nossos corpos e membros ainda envoltos em torno um do outro. Ele dormiu com aquele olhar pacífico raro e quase parecia sorrir. Por meio segundo, eu considerei acordá-lo e dizer a ele que tínhamos que pegar a

estrada. Um olhar para o relógio feliz esmagou esse pensamento. Ainda tínhamos tempo, mais ele foi se aproximando do teste. Eu tinha que ir até Lissa e confiar que Sonya viria se dormíssemos demais.

Certeza o bastante, calculei o teste corretamente. Lissa estava cortando a grama da Corte, marchando como quem vai a um funeral.

O sol, as flores e os pássaros se perderam nela. Mesmo sua companhia fez pouco para animá-la: Christian, minha mãe, e Tasha.

— Eu não posso fazer isso — ela disse, olhando em frente ao edifício que detinha o seu destino. — Eu não posso fazer este teste. — A tatuagem a impedia de dar mais informações.

— Você é inteligente. Brilhante. — Os braços de Christian estavam em torno de sua cintura, e nesse momento, eu o amava por sua confiança nela. — Você pode

— Você não entende — ela disse, com um suspiro. Ela estava indo sem nenhuma resposta para o enigma, ou seja, o plano estava em jogo e seu desejo de provar a si mesma.

— Pela primeira vez ele entenderá — disse Tasha, um tom leve de provocação em sua voz. — Você pode fazê-lo. Você tem que fazê-lo. Temos tanta fé nisso.

Sua confiança não fez Lissa sentir-se melhor. E isso ainda adicionou mais pressão sobre ela. Ela seria um fracasso, exatamente como no sonho, o Conselho tinha lhe mostrado o cálice. Ela não tinha resposta nenhuma.

— Lissa!

Uma voz levou a um impasse, e Lissa se virou para ver Serena correndo em direção a eles, suas longas pernas atléticas cobrindo rapidamente a distância entre eles. — Oi Serena — disse Lissa. — Nós não podemos parar. O teste...

— Eu sei, eu sei. — Serena estava vermelha, e não com o esforço, mas com a ansiedade. Ela oferecia um pedaço de papel. —

Fiz sua lista. Com todos os que eu conseguia lembrar.

— Que lista? — Perguntou Tasha.

— Morois que a rainha estava treinando, para ver como eles poderiam aprender a lutar.

As sobrancelhas de Tasha subiram em surpresa. Ela não estava por perto quando eles discutiram isso na última vez.

— Tatiana estava treinando lutadores? Eu nunca ouvi falar sobre nada parecido.

Tive uma sensação de que ela teria gostado de ser um dos que ajudavam com a instrução.

— A maioria não concordava — acrescentou Lissa, endireitando o pedaço de papel. — Era um grande segredo.

O grupo se aglomerou ao redor para ler os nomes, listados com a bonita caligrafia da Serena. Christian soltou um assobio. — Tatiana podia concordar com a ideia de defesa, mas apenas para certas pessoas.

— Sim, — concordou Tasha. — Esta é definitivamente uma lista A.

Todos os nomes eram da realeza. Tatiana não havia trazido plebeus para sua experiência. Esta era a elite da elite, mas como Ambrose havia notado, Tatiana tinha saído de sua maneira de obter uma variedade de idades e sexos.

— Camille Conta? — Lissa perguntou, surpresa. Nunca vi isso. Ela sempre foi muito ruim em P.E.

— E há outro de nossos primos, — Christian acrescentou, apontando para Lia Ozera. Ele olhou para Tasha, que ainda estava incrédula. — Você sabia disso?

— Não. Eu não teria imaginado ela também.

— Metade dos candidatos também, — pensou Lissa. Rufus Tarus, Ava Drozdov, e Ellis Badica. — Pena que eles, oh meu Deus. A mãe do Adrian?

Com certeza: Daniella Ivashkov.

— Whoa, — disse Christian. Isso resumiu a minha reação também. — Adrian com certeza não sabia sobre isso.

— Será que ela era uma Moroi de apoio ao combate? — perguntou a minha mãe, surpresa também.

Lissa balançou a cabeça. — Não. Pelo que eu sei sobre ela, ela é definitivamente a favor de deixar a defesa para os dhampirs. — Nenhum de nós poderia imaginar que a bonita e boa Daniella Ivashkov entraria em uma luta.

— Ela já odiava Tatiana, — observou Tasha. — Tenho certeza que isso fez coisas lindas para seu relacionamento. Essas duas brigavam o tempo todo a portas fechadas.

Um silêncio desconfortável caiu.

Lissa olhou para Serena. — Será que essas pessoas vêm muito a rainha? Será que eles tiveram acesso a ela?

— Sim, — disse Serena, inquieta. — De acordo com Grant, Tatiana assistiu a todos os treinos. Depois que ele morreu... ela começou um interrogatório com os alunos individualmente, para ver como eles aprenderam. — Fez uma pausa. — Eu acho... Eu acho que ela poderia ter se reunido com alguns na noite em que ela morreu.

— Eles tinham progredido o suficiente para usar uma estaca? — perguntou Lissa.

Serena fez uma careta. — Sim. Alguns melhores que outros.

Lissa olhou para a lista, sentindo-se doente. Tanta oportunidade. Tanta motivação. Estava a resposta aqui neste pedaço de papel?

Estava o verdadeiro assassino diante dela? Serena tinha dito anteriormente que Tatiana tinha propositalmente escolhido as pessoas resistentes à formação, provavelmente a ver se o obstinado ainda podia aprender. Se ela tivesse ido longe demais com alguém? Um nome na rolagem era mantido em particular, na mente de Lissa.

— Eu odeio interromper, — disse minha mãe. Seu tom de voz e postura indicavam que o tempo de detetive tinha acabado, ela

estava de volta aos negócios. — Nós temos que ir, ou você chegará atrasada.

Lissa percebeu que minha mãe estava certa e enfiou o pedaço de papel em seu bolso. Estar atrasado para o teste significaria um fracasso. Lissa agradeceu Serena, tranquilizando-lhe que esta tinha sido a coisa certa a fazer. Então, meus amigos se afastaram rapidamente, sentindo a pressão do tempo enquanto corriam em direção ao prédio de testes.

— Maldição, — murmurou Lissa, em um raro espetáculo de palavrões. — Eu não acho que aquela velha senhora tolerará qualquer atraso.

— Velha senhora? — Minha mãe riu, surpreendendo a todos nós. Ela poderia se mover mais rápido que todos e estava, obviamente, restringindo seu ritmo ao deles. — A que faz a maioria dos testes? Você não sabe quem ela é?

— Como eu iria saber? — perguntou Lissa. — Eu achava que ela era apenas alguém que recrutava.

— Não apenas alguém. Ela é Ekaterina Zeklos.

— O quê? — Lissa quase parou, mas ainda tinha a sua falta de tempo na mente. — Ela foi... ela foi a rainha antes de Tatiana, certo?

— Eu pensei que ela se havia retirado para uma ilha, — disse Christian, tão surpreso.

— Não tenho certeza se era uma ilha, — disse Tasha, — mas ela fez demitir-se quando ela pensou que era demasiado velha e partiu para viver no luxo.

E longe da política, uma vez que Tatiana estava no trono.

Demasiado velha? Isso tinha sido 20 anos atrás. Não me admira que ela parecia antiga. — Se ela estava feliz em sair da política, então por que é que ela está de volta? — perguntou Lissa.

Minha mãe abriu a porta para todos eles quando chegaram ao prédio, após a primeira troca de tráfego dentro de todas as ameaças. Isso era tão instintivo para ela que continuou a conversa,

sem perder uma batida. — Como de costume o último monarca testa o novo monarca, se possível. Neste caso, é óbvio que não era, por ser assim Ekaterina saiu da aposentadoria para fazer o seu dever.

Lissa mal podia acreditar que esteve conversando casualmente com a Moroi que havia sido a última rainha, uma rainha muito poderosa e amada.

Assim que seu grupo entrou no corredor, Lissa foi escoltado por guardas e correu para a sala de testes. Seus rostos mostravam que eles não haviam pensado que ela faria isso. Vários espectadores, também, aparentemente preocupados, aplaudiram a sua aparência usual dando mensagens sobre Alexandra e os dragões. Lissa não tinha nenhuma chance de reagir ou mesmo de dizer adeus a seus amigos antes que ela fosse praticamente empurrada para o quarto. Os guardiões pareciam aliviados.

A porta se fechou, e Lissa encontrou-se olhando mais uma vez Ekaterina Zeklos. Ver a velha tinha sido intimidante antes, mas agora... Ansiedade de Lissa duplicou. Ekaterina deu um sorriso torto.

— Eu estava com medo que você não fizesse isso, — ela disse. — Deveria ter conhecido você melhor. Você não é o tipo que recua.

Lissa ainda estava chocada e quase sentiu a necessidade de divagar fora uma desculpa, explicando sobre a lista de Serena. Mas, não. Ekaterina não se importaria com isso agora, e ela não daria desculpas para alguém como ela, Lissa decidiu. Se você errou, você se desculpa.

— Me desculpe, — disse Lissa.

— Não há necessidade disso, — disse Ekaterina. — Você fez isso. Você sabe a resposta? O que deve possuir uma rainha, a fim de realmente governar seu povo?

A língua de Lissa se sentiu grossa em sua boca. Ela não sabia a resposta. Realmente era como o sonho do Conselho. Investigar o assassinato de Tatiana havia tomado tanto tempo. Por um momento estranho, o coração de Lissa queimou com simpatia pela rainha irritadiça. Ela não fez o que tinha sido melhor para os Moroi e tinha

morrido por eles. Lissa ainda se sentia mal agora, olhando para Ekaterina. Esta ex-rainha provavelmente nunca deveria ter sido retirada de sua *ilha*? — Aposentadoria e forçada a voltar à vida na corte. No entanto, ela veio, quando necessário.

E foi assim que, de repente, Lissa sabia a resposta.

— Nada, — disse ela baixinho. — A rainha não deve ter nenhuma regra, porque ela tem que dar tudo o que ela tem para o seu povo. Incluindo a sua vida.

O alargamento do sorriso desdentado de Ekaterinas disse que Lissa tinha respondido corretamente. — Parabéns, minha querida. Vejo você amanhã na votação. Espero que tenho um discurso pronto para conquistar o Conselho. Você tem que mostrá-lo na parte da manhã.

Lissa balançou um pouco, sem certeza que fazer agora, sem falar em um discurso formal. Ekaterina pareceu sentir Lissa estava em estado de choque, e o sorriso que sempre me pareceu tão malicioso virou gentil.

— Você será muito bem. Você chegou até aqui. O discurso é a parte fácil. Seu pai ficaria orgulhoso. Todos os Dragomirs antes que você estariam.

Isso quase trouxe lágrimas aos olhos de Lissa, e ela balançou a cabeça. — Eu não sei sobre isso. Nós todos sabemos que eu não sou uma candidata real. Isso era apenas... bem, um tipo de ato. — De alguma maneira, ela não se sentia mal de admitir isso na frente de Ekaterina. — Ariana é aquela que merece a coroa.

Os olhos antigos de Ekaterina olharam entediados para Lissa, e deu um sorriso desvanecido. — Você não ouviu então. Não, claro que você não teria um jeito de saber rapidamente tudo que está acontecendo.

— Ouvir o quê?

Simpatia lavou a cara de Ekaterinas e, posteriormente, eu me perguntei se era a compaixão por causa da mensagem que ela ia entregar ou por causa da reação de Lissa.

— Ariana Szelsky não passou neste teste... ela não poderia resolver o enigma...

— Rose, Rose.

Dimitri estava me sacudindo, e demorou alguns segundos para eu deixar de estar em choque por Lissa e assustada por mim.

— Temos que... — ele começou.

— Oh meu Deus, — eu interrompi. — Você não vai acreditar o que eu vi.

Ele ficou rígido. — Lissa está ok?

— Sim, tudo bem, mas,

— Então, vamos nos preocupar com isso depois. Agora, temos que sair.

Notei então que ele estava completamente vestido quando eu ainda estava nua. — O que está acontecendo?

— Sonya veio — Não se preocupe. — O choque que meu rosto deve ter mostrado o fez sorrir. Eu me vesti e não a deixei entrar. Mas ela disse que a recepção estava chamando. Eles estão começando a perceber que o check-in não é válido. Precisamos sair daqui.

Meia-noite. Nós tínhamos que encontrar Mikhail à meia-noite e começar a última parte do mistério que nos consumiu. — Não tem problema, — eu disse, lançando os lençóis de cima de mim. Quando eu fiz, eu vi os olhos de Dimitri em mim, e eu fiquei meio surpresa com a admiração e com a fome que eu vi lá. De alguma forma, mesmo após o sexo, eu esperava que fosse imparcial e fosse usar seu rosto de guardião, especialmente considerando a nossa urgência repentina de sair.

— Você vê algo que você gosta? — eu perguntei, repetindo algo que eu lhe disse há muito tempo atrás, quando ele tinha me pegado em uma posição comprometedor na escola.

— Muitas coisas, — disse ele.

A emoção que queimou nos olhos dele foi demais para mim. Eu desviei o olhar, o meu coração batendo no meu peito enquanto eu puxei as minhas roupas.

— Não se esqueça, — eu disse suavemente. — Não esqueça... — Eu não consegui terminar, mas não havia necessidade.

— Eu sei, Roza. Eu ainda não esqueci.

Eu escorreguei em meus sapatos, desejando ser fraca e deixar meu ultimato de lado. Eu não poderia, no entanto. Não importa o que passou

entre nós verbalmente e fisicamente, não importa quão perto estávamos terminando o nosso conto de fadas... não havia nenhum futuro até que ele pudesse perdoar si mesmo.

Sonya e Jill estavam prontos e esperando quando saímos do nosso quarto, e algo me disse que Sonya sabia o que tinha acontecido entre Dimitri e eu. Malditas auras. Ou talvez você não precisasse de poderes mágicos para ver esse tipo de coisa. Talvez apenas o brilho natural mostrado no rosto de alguém.

— Eu preciso de você para fazer um feitiço, — eu disse a Sonya, uma vez que estávamos na estrada. — E nós temos que parar em Greenston.

— Greenston? — perguntou Dimitri. — Para quê?

— É onde os alquimistas estão sendo mantidos. — Eu já tinha começado a tirar as peças. Quem odiava Tatiana, tanto por causa da sua personalidade e por ter Ambrose? Quem se ressentia dos Moroi querendo lutar contra os Strigoi? Quem temia que seu espírito acabasse tendo efeitos perigosos para as pessoas, digamos, como Adrian? Quem gostaria de ver uma família diferente sobre o trono para apoiar novas crenças? E quem ficaria feliz de ter me trancado para fora do quadro? Eu tomei uma respiração profunda, mal acreditando no que estava prestes a dizer.

— E é onde estamos indo para encontrar provas de que Daniella Ivashkov assassinou Tatiana.

TRINTA E UM

Eu não era a única que tinha chegado a essa brilhante conclusão. Quando a Corte Moroí acordou nós estávamos a várias horas em nossa viagem, Lissa também estava a juntar todos os pedaços no quarto dela, enquanto se preparava para dar o seu discurso pré-eleitoral. Ela tinha pensado em todos os argumentos que eu tinha, e mais alguns — como a forma frenética que Daniella havia estado de que Adrian poderia estar implicado comigo, o que sem dúvida, desvendou um plano cuidadosamente planejado. Havia também a oferta de Daniella de seu primo advogado, Damon Tarus, me defender.

Será que realmente ajudou? Ou será que Damon subtilmente trabalhou para diminuir a minha defesa? O envolvimento brusco de Abe poderia ter sido uma bênção.

O coração de Lissa batia rapidamente enquanto ela torcia o cabelo em um coque. Ela preferia usar esticado, mas pensou que para o próximo evento, ela devia colocar uma aparência mais digna. Seu vestido era de seda marfim fosco, de mangas compridas e com pregas, o comprimento era até ao joelho. Alguns podiam pensar que o vestido daquela cor aparentavam ser de uma noiva, mas quando eu vi ela no espelho, eu sabia que ninguém iria cometer esse erro. Ela parecia luminosa. Radiante. Majestosa.

— Não pode ser verdade, — disse ela, completando a sua aparência com brincos de pérolas que pertenceram a sua mãe. Ela compartilhou sua teoria com Christian e Janine, que estavam com ela agora, e tive uma pequena esperança de que eles lhe dissessem que ela era louca. Eles não fizeram isso.

— Faz sentido, — disse Christian, com nenhum de seus sarcasmos habituais.

— Não há qualquer prova concreta ainda, — minha mãe disse, sempre prática. — Muitas coisas circunstanciais.

— Tia Tasha verificou com Ethan para ver se Daniella estava lá na noite do assassinato, — disse Christian. Ele fez uma ligeira careta, ainda não estava contente por sua tia ter um namorado. — Daniella não estava nas listas oficiais, mas a tia Tasha preocupa-se por algumas coisas poderem ter sido alteradas.

— Isso não me surpreende. Mesmo assim, colocando Daniella lá na hora certa constrói o caso, mas ainda não é uma prova concreta. — Minha mãe deveria ter sido uma advogada. Ela e Abe poderiam ter aberto um escritório de advocacia em conjunto.

— São mais provas do que as que eles têm sobre a Rose! — Lissa exclamou.

— Além da estaca, — Janine lembrou. — E as pessoas estão mais dispostas a acreditar nas evidências claras sobre Rose, do que a senhora Daniella Ivashkov.

Lissa suspirou, sabendo que era tudo verdade. — Se apenas Abe pode falar com os alquimistas. Nós precisamos saber o que eles sabem.

— Ele irá fazer isso, — disse minha mãe com confiança. — Isto pode apenas levar tempo.

— Nós não temos tempo! — A virada dramática dos acontecimentos deu ao espírito uma boa oportunidade de escurecer a sua cabeça e, como sempre, tentei puxar a escuridão de Lissa. Você pode achar que eu aprendi a lição depois de Victor, mas bem... velhos hábitos. Eles vêm em primeiro lugar.

— Marie Conta e Rufus Tarus são os únicos candidatos à esquerda! Se ele vencer, Daniella vai continuar a ter muita influência. Nós nunca poderemos provar a inocência de Rose então.

Ariana falhou no último teste e veio como um grande golpe para todos, esmagando um futuro que Lissa tinha pensado na pedra. Sem Ariana, os resultados não pareciam bons. Marie Conta não era pessoa favorita da Lissa, mas Lissa sentiu que iria ser um

governante muito melhor do que Rufus. Infelizmente, a família Conta tinha ficado quieta na política nos últimos anos, dando-lhes menos aliados e amigos. Os números estavam se inclinando perigosamente para o Rufus. Foi frustrante. Se conseguíssemos levar Jill lá, Lissa podia votar, e um Conselho de doze, mesmo um voto podia ser poderoso.

— Temos tempo, — minha mãe disse, calmamente. — Não haverá votação hoje, não com a controvérsia que você colocou. E para cada dia da eleição está atrasado, temos uma outra hipótese de construir o nosso caso. Estamos próximos. Podemos fazê-lo.

— Nós não podemos dizer a Adrian sobre isso, — advertiu Lissa, que se deslocava em direção à porta. Era hora de ir.

O sorriso de Christian voltou. — Isso, — ele disse, — é algo que todos podemos concordar.

O elaborado salão de baile — mais uma vez fez-se de sala do Conselho, por razões de tamanho — parecia um show de rock. As pessoas estavam lutando por lugares no interior. Alguns, percebendo que era inútil, haviam acampado em frente ao prédio, estilo piquenique. Alguém felizmente teve a brilhante ideia de ligar um sistema de som com alto-falantes ao ar livre para que aqueles que não estavam ainda podiam ouvir o processo. Guardiões atravessaram a multidão, tentando conter o caos piquenique em especial quando os candidatos chegaram.

Marie Conta tinha aparecido um pouco antes de Lissa, e mesmo se ela era o candidato menos provável, ainda havia rugidos e ondas de entusiasmo na multidão. Guardiões apressadamente — e grosseiramente, se necessário — afastar a gentalha para trás de modo que ela pudesse passar. Esta atenção teve de ser assustadora, mas Marie não o mostrou. Ela caminhou orgulhosamente, sorrindo para os adeptos e não adeptos também. Ambas, Lissa e eu, recordamos as palavras de Christian: Você é uma candidata a rainha. Age como tal. Você merece isso. Você é a última Dragomir. Uma filha da realeza.

E isso foi exactamente como ela se comportou. Era mais do que Christian tinha pedido também. Agora que ela passou nos três testes, a gravidade dos procedimentos antigos que ela estava entrando continuou a crescer. Lissa entrou, de cabeça erguida. Eu não pude ver seu corpo todo, mas eu reconheci a sensação de sua caminhada: graciosa, majestosa. A plateia adorou, e ocorreu-me que este particular grupo verbal era porque muitos não eram da realeza. Os que estavam reunidos lá fora, eram Moroi comuns, aqueles que vieram realmente por a amar.

— Herdeira de Alexandra!

— Traz de volta o dragão! — Para alguns, simplesmente era o suficiente gritar o nome dela, adicionando títulos de uma heroína de um velho conto popular russo, que compartilhava o mesmo nome: — Vasilisa a Brava! Vasilisa a Bela!

Eu sabia que ninguém poderia adivinhar o medo que ela sentia por dentro. Ela era muito boa. Christian e minha mãe, que tinham inicialmente ladeado ela, saindo como um só, deixando Lissa andar alguns passos à frente. Não havia dúvida da posição e autoridade de Lissa. Ela pegou cada etapa com confiança, lembrando que seu avô também tinha andado neste caminho. Ela tentou dar um sorriso a multidão que foi ao mesmo tempo digna, mas verdadeiro. Deve ter funcionado, porque ele se tornaram mais selvagens. E quando ela fez uma pausa para comentar sobre uma bandeira de um dragão, que um homem havia pintado de apoio, o artista quase desmaiou por alguém como ela ter notar e elogiado ele.

— Isto é sem precedentes, — observou minha mãe, uma vez que eles tinham entrado com segurança. — Nunca houve este tipo de participação. Nem certamente, durante a última eleição.

— Porquê tão grande desta vez? — perguntou Lissa, que estava tentando conseguir controlar sua respiração.

— Porque há muitas sensações, entre o assassinato e você atrapalhar a lei. Isso e... bem, e a maneira como você consegue ganhar os corações de todos os não-reais lá fora. Os dhampirs também. Há um sinal de um dragão em uma das nossas salas de

café, você sabe. Eu até acho que alguns da realeza te amam, embora talvez seja apenas para ofender a família com quem estão brigando. Mas falando sério? Se isto fosse até a totalidade das pessoas e não só o Conselho — e bem, se fosse uma votação que tu estavas elegível — eu acho que você ganharia.

Lissa fez uma careta, mas depois acrescentou com relutância...

— Honestamente? Eu acho que nós deveríamos ter votos populares para os nossos líderes. Todos os Moroi devem votar, e não apenas um punhado de famílias da elite.

— Cuidado aí, princesa, — brincou Christian, abraçando a cintura dela. — Isso é o tipo de fala para iniciar outra revolução. Uma coisa de cada vez, ok?

A multidão do salão não era tão louca quanto o exterior — mas foi muito perto. Os guardiões estavam prontos para os números desta vez e tinham a certeza de manter um controle rigoroso desde o início.

Mantiveram-se numa contagem apertada de quantos eram permitidos na sala e pararam disputas de reais e não reais. Ainda era assustador, e Lissa se lembrou várias vezes que estava neste papel para me ajudar. Por mim, ela iria suportar tudo, até a fanfarra. Desta vez, felizmente, Lissa foi levada muito rapidamente para o quarto à frente, onde três cadeiras de frente para a multidão haviam sido colocadas para os candidatos. Rufus e Marie já estavam sentados, falando em voz baixa com alguns membros de sua família. Guardiões estavam ao seu redor. Lissa sentou-se sozinha, é claro, mas acenou para os guardas de perto quando Tasha se aproximou.

Tasha estava agachada ao lado de Lissa, falando baixo e mantendo um olhar atento sobre Rufus, enquanto este falava com alguém.

— Más notícias. Bem, dependendo do ponto de vista. Ethan diz que Daniella estava lá naquela noite. Ela e Tatiana se encontraram sozinhas. Ele não percebe que não haviam sido colocado nos

registos. Alguém escreveu até o nome de todos os guardiões de plantão, mas ele jura que viu Daniella mesmo.

Lissa estremeceu. Secretamente, ela esperou — até orou — de que ela tinha cometido um erro, que certamente a mãe de Adrian não poderia ter feito isso. Ela deu um aceno rápido para mostrar que compreendeu.

— Me desculpe, — disse Tasha. — Eu sei que você gostava dela.

— Acho que estou mais preocupada com Adrian. Eu não sei como ele vai lidar com isto.

— Difícil, — disse Tasha sem rodeios. Depois do que ela passou com os pais de Christian, ela sabia melhor do que ninguém o que era ter a família te traindo.

— Mas ele irá passar por isso. E assim que nós pudermos colocar toda essa evidência para a frente, poderemos ter Dimitri e Rose de volta.

Estas palavras encheram Lissa de esperança, fortalecendo-a.

— Eu sinto muita falta dela, — ela disse. — Eu queria que ela já estivesse aqui.

Tasha lhe deu um sorriso simpático e deu um tapinha no ombro dela.

— Em breve. Eles estarão de volta em breve. Basta passar por isto por agora. Você pode fazer isso. Você pode mudar tudo.

Lissa não estava muito certa sobre isso, mas Tasha correu para se juntar aos seus — amigos activistas — e foi substituída por — Daniella.

Ela veio conversar com Rufus, oferecendo apoio e amor familiar. Lissa não pode suportar olhar para a mulher e se sentiu ainda pior quando Daniella falou com ela.

— Eu não tem certeza de como você se envolveu com isto, querida, mas boa sorte. — O sorriso de Daniella pareceu sincero, mas não havia nenhuma questão que candidata apoiava. Sua expressão doce se virou para preocupação.

— Você já viu Adrian? Pensei que ele estaria aqui. Eu sei que os guardiões o deixariam entrar.

Excelente pergunta. Lissa não o havia visto nos últimos dias ou algo assim.

— Eu também não. Talvez ele tenha apenas se atrasado. Fazendo seu cabelo ou algo assim. — Esperemos que não se passou da cabeça em algum lugar.

Daniella suspirou. — Espero que sim.

Ela saiu, se sentando na plateia. Mais uma vez, o pai de Adrian direccionou a sessão, e após várias falsas partidas, a sala se aquietou.

— Na última semana, — Nathan começou, falando em um microfone, — muitos candidatos dignos tomaram os testes necessários para governar o nosso povo. Antes de nos sentar os três finalistas: Rufus Tarus, Marie Conta e Vasilisa Dragomir. — O tom de Nathan soou mais de desagrado no último nome, mas, até agora, a lei iria deixá-la dar-lhe o discurso. Depois disso, a inconsistência da lei iria chutar, e todo o inferno iria ser solto.

— Estes três têm mostrado que eles têm a capacidade de governar, e como seu último acto, antes da votação, cada um falará sobre seus planos para o nosso povo.

Rufus foi primeiro, oferecendo exactamente o tipo de discurso que eu tinha esperado. Ele jogou com os medos Moroi, prometendo formas extremas de protecção — mais do que envolver dhampirs porém não entrou em muitos detalhes.

— Nossa segurança deve ser a nossa prioridade, — ele proclamou. — Com todo o custo. Será que vai ser difícil? Sim. Haverá sacrifícios? Sim. Mas as nossas crianças não valeram a pena? Não nos preocupamos com elas?

Trazer o tema dos filhos era apenas baixo, eu decidi. Pelo menos ele tinha deixado de fora os filhotes. Ele também usou truques políticos sujos, difamar seus rivais. Marie foi principalmente por a falta de actividade da família. Lissa, no entanto, foi um grande alvo.

Ele empurrou sua idade, o perigo de espírito, e o facto de ela estar lá, foi em primeiro lugar uma violação da lei.

O discurso de Marie era muito mais profundo e detalhado. Ela expôs planos muito explícitos em todos os tipos de questões, a maioria dos quais eram razoáveis. Eu não concordei com tudo que ela disse, mas ela era claramente competente e não se baixaria a ela própria para zombar de seus rivais.

Infelizmente, ela não era tão carismática como Rufus, e era uma triste verdade que isso poderia fazer uma grande diferença. Seu monótono fecho se resumiu não só ao discurso dela, mas também sua personalidade.

— Essas são as razões pelas quais eu deveria ser rainha. Espero que tenham gostado desta conversa e de votar em mim quando chegar a hora. Obrigada.

Ela sentou-se abruptamente. A vez de Lissa finalmente chegou. De pé diante de seu microfone, de repente ela viu o sonho do cálice, onde ela vacilaria na frente do Conselho. Mas não, esta era a realidade. Ela não ia falhar. Ela seguiria em frente.

— Somos um povo em guerra, — ela começou, a voz alta e clara. — Fomos atacados constantemente, mas não apenas por Strigoi. Por um outro. Fomos divididos. Nós lutamos uns com os outros. Família contra a família. Realeza contra não-realeza. Moroi contra dhampir. É claro que os Strigoi estão a apanhar-nos. Eles estão menos unidos atrás de um objectivo: matar.

Se eu estivesse sentada lá, na audiência, eu teria sido inclinada para a frente, de boca aberta. Como tal, havia muita gente lá para fazer isso por mim. Suas palavras foram voláteis. Chocante. E absolutamente cativante.

— Nós somos um povo, — ela continuou. — Moroi e dhampir iguais. — Sim, teve alguns suspiros também. — E a impossibilidade para cada única pessoa conseguir o que quer, ninguém vai fazer nada se nós não nos unirmos e encontrar formas de centrar no meio meio, mesmo se ele significa fazer escolhas difíceis.

Então, extraordinariamente, ela explicou como isso poderia ser feito. É verdade, ela não tinha tempo para dar detalhes sobre cada problema em nosso mundo, mas falou dos grandes. E ela conseguiu fazer isso de uma maneira a não ofender ninguém tão mal. Afinal, ela estava certa em dizer nem todos podem conseguir o que querem. Ainda, ela disse sobre como os damphirs eram nossos melhores gerreiros — e seria melhor com uma voz mais forte. Ela falou sobre como os não-reais precisavam de uma voz melhor também — mas não em custar a perda da exaltação na linha real que definia nosso povo. Finalmente, ao entrar no assunto de treinar os morois a se defenderem sozinhos, ela enfatizou a importância — mas não como uma obrigação nem como o único método que precisava ser explorado.

Sim, ela deu algo a todos e fez isso lindamente e carismaticamente.

Era o tipo de discurso que poderia fazer as pessoas segui-la em qualquer lugar. Ela concluiu — Nós temos sempre que misturar o velho com o novo. Nós temos mantido magia ao lado de tecnologia. Realizamos estas sessões com pergaminhos e com isto.

Ela sorriu e bateu em seu microfone. — Isso é como nós sobrevivemos. Nos agarramos a nosso passado e abraçamos o nosso presente. Levamos o melhor de tudo isso e crescemos mais fortes. Isso é como nós sobrevivemos. Isso é como vamos sobreviver.

Silencio encontrou sua conclusão — e em seguida, os gritos começaram. Na verdade, eu ouvi o barulho de fora no gramado, antes de começar dentro.

Pessoas que eu teria jurado que apoiavam outras estavam praticamente em lágrimas, e eu não tinha esquecido que a maioria das pessoas que eu tinha visto nesta sala eram reais. Lissa queria se explodir em lágrimas, mas ao invés ela levou bravamente. Quando ela sentou-se finamente, e a multidão silenciou, Nathan retomou o seu papel.

— Bem — ele disse. — Esse foi um discurso muito bonito, um que todos nós gostamos. Mas agora, chegou o momento de o

Conselho votar no nosso próximo líder e, por lei somente dois candidatos estão prontos para essa posição: Rufus Tarus e Marie Conta.

Dois Moroi, cada uma das famílias Tarus e Conta, veio para a frente para se juntar seus respectivos candidatos. O olhar de Nathan caiu sobre Lissa, que havia subido, como os outros, mas ficou sozinho. — De acordo com as leis eleitorais — leis estabelecidas desde o início do tempo — cada candidato deve dirigir ao Conselho, acompanhado por alguém de sua linhagem, a fim de mostrar a força da família e da unidade. Você tem alguma dessas pessoas?

Lissa encontrou seus olhos com firmeza. — Não, Sr. Ivashkov.

— Então eu temo que sua parte neste jogo está acabada, Princesa Dragomir. — sorriu. — Você pode sentar-se agora.

Yup. Isso foi quando o mundo desabou.

Eu sempre ouvi a expressão — E a multidão vai à loucura! — Agora, eu vi isso na carne. Metade do tempo, eu não poderia sequer acompanhar quem estava gritando ou apoiando o que. As pessoas discutiam em grupos e um a um. Um par de jeans Moroi desafiou qualquer pessoa bem-vestida que poderiam encontrar, operando sob as premissas irracionais que ninguém na roupa bonita deve ser real e que todos os membros da realeza odiavam Lissa. A devoção a ela era admirável. Arrepiante, mas admirável. Um grupo da família Tarus ficou cara a cara com um grupo de Conta, olhando preparado para qualquer uma gangue de luta ou uma dança. Essa foi uma das duplas mais bizarra de todas, pois aquelas duas famílias foram os únicos que devem estar em total acordo sobre qualquer coisa.

Sem para isso foi. As pessoas lutaram sobre se Lissa devia ser elegível para a votação. Eles lutaram por ter uma sessão para alterar a lei livros direito naquele momento. Alguns disputavam coisas que eu nunca sequer ouvi falar antes. A pressa dos guardiões da porta me fez pensar a multidão lá fora estava tentando quebrar para entrar. Minha mãe estava entre a defesa, e eu sabia que ela estava certa: não haveria votação hoje, não com esta anarquia. Eles têm que fechar a sessão e tentar outra vez amanhã. Lissa olhou para a

multidão, sentindo-se insensível e incapaz de acompanhar toda a atividade. Seu estômago torcia como algo claro para ela. Todo esse tempo, ela jurou que ia respeitar a dignidade da tradição da eleição. Contudo, foi por causa dela tudo o que as coisas estavam agora, nada mas dignas. Foi tudo culpa dela. Então, seus olhos caíram sobre uma pessoa sentada em um canto de trás, longe da confusão. Ekaterina Zeklos. A ex-rainha velha chamou a atenção de Lissa — e piscou.

Eu desapareci da sala, não necessitando de ver mais da discussão. Voltei para o carro de passeio, um novo pensamento na minha cabeça. As palavras de Lissa queimavam em minha alma. Elas tinham mexido meu coração. E mesmo se derramou dado o seu discurso como um chamariz, não havia paixão nele — ardente crença. Se ela tivesse sido elegível para ser rainha, ela teria permanecido por trás dessas palavras.

E isso é quando eu soube. Ela seria a rainha.

Decidi então e ali que eu iria fazer isso acontecer. Nós não vamos levar Jill simplesmente para dar a Lissa seu voto no Conselho. Jill daria o status de Lissa, que permitiria Moroi a votarem nela. E Lissa ganharia.

Naturalmente, eu mantive esses pensamentos para mim mesma.

— Esse é um olhar perigoso — disse Dimitri, me dando um breve olhar antes de voltar seus olhos para a estrada.

— Que olhar? — Eu perguntei inocente.

— O único que diz que você tem apenas alguma ideia.

— Eu não tenho só uma ideia. Eu tenho uma ótima ideia.

Piadas como essas usadas para fazer Jill rir, mas me virando para olhar para ela no banco de trás, me mostrou que ela não encontrou muita diversão nisso.

— Hey, você está bem? — Eu perguntei.

Aqueles olhos jade se focaram em mim. — Eu não tenho certeza. Um monte de coisas acontecendo. E eu não sei o que vai acontecer

a seguir. Eu sinto como... como algum tipo de objeto que vai ser usado em um grande plano de alguém. Como um peão.

Um pouco de culpa caiu em mim. Victor sempre usava pessoas como parte de um jogo. Eu era diferente? Não. Eu me preocupava com Jill. — Você não é um objeto ou um peão — eu disse a ela. — Mas você é muito, muito importante, e por causa de você, um monte de coisas boas vão acontecer.

— Não será assim tão simples, porém, vai? — Ela parecia sábia além de seus anos. — As coisas vão piorar antes de melhorar, não vão?

Eu não poderia mentir para ela. — Yeah. Mas então você vai poder manter contato com sua mãe... e bem, como eu disse, as coisas boas vão acontecer. Guardiões sempre dizem *Eles vêm em primeiro lugar* quando estamos falando sobre Moroi. Não é exatamente o mesmo por você, mas ao fazer isso... bem...

Ela me deu um sorriso que não parecia muito feliz. — Sim, eu entendi. É para o bem maior, certo?

Sonya tinha gasto muito do passeio trabalhando em um encanto para mim, usando uma pulseira de prata que nós compramos em uma loja de rua. Era brega, mas com aparência de prata real, que era o que contava. Quando estávamos a cerca de meia hora de Greenston, ela julgou como terminado e entregou. Coloquei e olhei para os outros.

— Bem?

— Eu não vejo nada — disse Sonya, — mas então, eu não deveria.

Jill apertou os olhos. — Você parece um pouco embaçada... como se eu apenas precisasse piscar algumas vezes.

— O mesmo aqui — disse Dimitri.

Sonya parecia satisfeita. — Isso é como deve parecer para pessoas que sabem que ela está encantada. Felizmente, para os

outros guardiões ela estará vestida com outra face. — Era uma variação do que Lissa tinha feito quando nós resgatamos Victor para fora da prisão. Só que, para isso, exigia menos mágica porque Sonya tinha apenas que alterar um pouco minhas características e não precisava obscurecer a minha raça. Ela também tinha mais prática do que Lissa.

O restaurante que eu escolhi em Greenston há muito havia fechado quando era um pouco menos de onze e meia. O estacionamento estava quase preto, mas eu poderia colocar para fora um carro no canto traseiro. Felizmente, era Mikhail que tinha chegado lá cedo, e não um pelotão de guardiões. Mas, quando estava estacionado perto dali, vi que era realmente Mikhail, que saiu do carro junto com Adrian.

Ele sorriu quando me viu, satisfeito com a surpresa. Realmente, eu deveria ter visto isso quando eu disse-lhe para passar a mensagem para Mikhail. Adrian teria encontrado uma maneira de vir. Meu estômago rolou. Não, não. Isso não. Eu não tinha tempo para lidar com minha vida amorosa.

Agora não. Eu nem sabia o que dizer para Adrian. Felizmente, eu não tive a oportunidade de falar. Mikhail veio caminhando em nossa direção com a eficiência de guardião, pronto para descobrir que tarefa que eu tinha em mente. Ele veio a uma parada brusca quando viu Sonya sair do nosso carro. Então ela fez. Os dois ficaram paralisados, olhos maiores do que parecia fisicamente possível. Soube então que o resto de nós tinha deixado de existir, tal como tinha todas as nossas intrigas, missões e... bem, o mundo. Naquele momento, apenas os dois existiam.

Sonya deu um grito abafado e depois correu para a frente. Isso sacudiu-o acordando, a tempo de envolvê-la em seus braços enquanto ela se jogou contra ele. Ela começou a chorar, e eu pude ver lágrimas no rosto dele também. Ele escovou os cabelos para trás e cobriu seu rosto, olhando para ela e repetindo várias vezes — É você... é você... é você...

Sonya tentou enxugar os olhos, mas não fez muita coisa boa.

— Mikhail... — Me desculpe... Me desculpe mesmo.

— Isso não importa. — Ele a beijou e se afastou apenas o suficiente para olhar em seus olhos. — Isso não importa. Nada importa, exceto que estamos juntos de novo.

Isso a fez chorar mais. Ela escondeu o rosto contra o peito e os braços esticados mais ferozmente à sua volta. O resto de nós estava congelado e como os amantes tinham estado anteriormente. Senti-me mal testemunhar isso. Foi muito privado, nós não devemos ter estado lá. Ainda... ao mesmo tempo, eu só ficava pensando que era assim que eu imaginei que o meu reencontro com Dimitri seria quando Lissa tinha restaurado ele. Amor. Perdão. Aceitação.

Dimitri e eu brevemente fechando os olhos, e uma sensação estranha me disse que estava recordando as minhas palavras: Você tem que perdoar a si mesmo. Se você não puder, então você não pode nenhum dos dois. Nós não podemos. Olhei para longe dele, olhando para o casal feliz para que ele não me visse rasgar. Deus, eu queria o que Mikhail e Sonya tinham. Um final feliz. O perdão do passado. Um futuro brilhante pela frente.

Jill fungou junto de mim, e eu coloquei um braço em torno dela. Aquele som pequeno, pareceu desenhar Mikhail de volta ao nosso mundo. Ainda segurando Sonya, ele olhou para mim.

— Obrigado. Obrigado por isso. Qualquer coisa que você precisa. Nada...

— Pare, pare — eu disse, com medo de engasgar. Eu só agora consegui piscar lágrimas traidoras. — Estou feliz... feliz em tê-lo feito, e bem... isso não era realmente de mim.

— Ainda... — Mikhail olhou para Sonya, que lhe sorria em meio às lágrimas. — Você deu-me o meu mundo de volta.

— Estou tão feliz por você... e eu quero que você tenha isso, para desfrutar desse momento. Mas eu tenho um favor. Mais um favor.

Sonya e Mikhail trocaram olhares de um jeito sábio. Você nunca teria imaginado que eles estavam separados por três anos. Ela

assentiu, e voltou seu olhar para mim.

— Eu percebi isso porque ele me trouxe aqui. — Ele inclinou a cabeça para Adrian.

— Eu preciso de você para me levar para o hotel onde os alquimistas estão hospedados.

O pequeno sorriso no rosto de Mikhail caiu.

— Rose... Eu não posso te colocar em nenhum lugar. Você estar perto da Corte é bastante perigoso.

Eu puxei a pulseira do meu bolso. — Eu tenho um disfarce. Eles não sabem que sou eu. Existe algum motivo você teria para ver os Alquimistas?

Sonya ficou nos braços dele, mas seus olhos eram escuros com o pensamento. — Eles terão guardiões perto de suas salas. Nós provavelmente poderíamos passar com alívio

Dimitri assentiu com a cabeça em concordância. — Se é muito diferente da sua mudança de turno programado, isso vai levantar as sobranças... mas espero que você terá tempo suficiente para entrar e descobrir o que você precisa. Os guardiões estão provavelmente mais preocupados com os alquimistas saindo do que outros guardiões entrarem.

— Absolutamente — disse Mikhail. — Então é só você e eu, Rose?

— Sim, — eu disse. — Quanto menos, melhor. Apenas o suficiente para questionar Sydney e Ian. Eu acho que toda a gente espera aqui.

Sonya beijou sua bochecha. — Eu não estou indo a lugar algum.

Adrian deu uma volta por agora e deu Jill um fraterno de um soco no braço. — E eu estou indo para ficar e ouvir como na terra você se envolveu com isso, Jailbait.

Jill reuniu um sorriso para ele. Ela tinha uma queda muito grave sobre ele, e era um sinal do seu stress que ela corou e ficou com os

joelhos bambos. Eles começaram uma conversa, e Dimitri fez um gesto para eu segui-lo ao redor do carro, fora da vista.

— Isso é perigoso, — ele disse calmamente. — Se esse encanto falhar, você provavelmente não vai sair desse hotel. — Havia uma preocupação silenciosa no final de suas palavras.

— Ele não vai falhar. Sonya é boa. Além disso, se nós formos pegos, talvez eles me levem de volta a Corte e me matem. Imagine o quanto isso irá atrasar as eleições.

— Rose, eu estou falando sério.

Eu peguei a sua mão.

— Eu sei, eu sei. Isso vai ser fácil. Nós vamos entrar e sair em menos de uma hora, mas se nós não... — Cara, eu odiava contingências sombrias. — Se nós não... Então mande na Corte Adrian com Jill, e você e Sonya se escondem em algum lugar, até... Eu não sei.

— Não se preocupe conosco — ele disse. — Você só precisa ser cuidadosa. — Ele se inclinou e me deu um beijo na testa.

— Pequena damphir, você...

Adrian deu a volta em torno do carro, apenas a tempo de ver aquele pequeno beijo. Deixei minha mão da de Dimitri. Nenhum de nós disse nada, mas, nesse momento, os olhos do Adrian... bem, eu vi todo o seu mundo se despedaçar. Senti-me mais doente do que se uma frota de Strigoi estivesse ao redor. Eu me senti pior do que um Strigoi. Honra, pensei. Para real: os guardiões deveriam ter ensinado isso. Porque eu não tinha aprendido.

— Vamos nos apressar, — disse Mikhail, andando em volta, alheio ao drama que acabava de explodir ao lado dele. — Sonya disse que vocês têm um relógio batendo na Corte também.

Engoli em seco, arrastando os meus olhos para os de Adrian. Meu coração torcia dentro do meu peito. — É...

— Vá — disse Dimitri.

— Lembre-se — eu murmurei para ele. — Falar com ele é minha responsabilidade, não sua.

Eu segui Mikhail até o carro dele, colocando a pulseira encantada. Antes de entrar eu lancei um olhar rápido para trás. Jill e Sonya conversavam. Dimitri estava sozinho, Adrian estava acendendo um cigarro de costas para todos eles.

— Eu sou uma merda — Eu disse tristemente enquanto Mikhail ligava o carro. Foi inconveniente, mas praticamente resumia meus sentimentos. Ele não respondeu, provavelmente porque isso não era relevante para a nossa tarefa. Ou isso, ou ele ainda estava muito envolvido na renovação de sua própria vida amorosa. Bastardo sortudo.

Não demorou muito para chegar ao hotel. Havia guardiões em volta, secretamente colocados de modo a não chamar a atenção humana. Nenhum deles nos parou enquanto nós caminhávamos para dentro. Um deles até deu Mikhail um gesto de reconhecimento. Todos olharam para mim como... bem, como eles não me reconheceram. Que era bom. Com tantos guardiões ajudando na Corte, novos rostos eram de se esperar, e o meu não parecia o de Rose Hathaway. Ninguém estava preocupado

— Em que quarto eles estão? — Mikhail perguntou a um guarda que estava no lobby. — Nós estamos aqui para fazer a troca.

A forma de Mikhail estava perfeitamente segura de si, suficiente para que o guardião, enquanto um pouco surpreso, parecia achar que isso deveria ser bom.

— Só vocês dois? Há quatro lá em cima.

Salvei-nos sobre isso. — Eles querem mais de volta a Corte. As coisas estão ficando fora de controle, de modo a apenas dois estão sendo atribuídos aqui agora.

— Provavelmente tudo o que precisamos está lá em cima — concordou o guardião. — Terceiro andar.

— Raciocínio rápido — Mikhail me disse no elevador.

— Isso não foi nada. Eu disse a mim mesma que havia coisas piores.

Os quartos eram fáceis de identificar porque um guarda ficava do lado de fora deles. O restante está no interior, eu percebi, me perguntando se isso seria um problema. Mas, com a mesma atitude autoritária, Mikhail disse ao cara que ele e os outros haviam sido chamados para a Corte. O guardião convocou seus colegas — um de cada quarto dos Alquimistas, embora nós não poderíamos dizer quem era de quem — e eles deram-nos um breve relatório da situação antes de sair, inclusive quem estava em qual quarto.

Quando eles foram embora, Mikhail olhou para mim.

— Sydney — eu disse.

Nós pegamos a chave e caminhamos para o quarto de Sidney. Ela se sentou com as pernas cruzadas em sua cama, lendo um livro e parecendo miserável. Ela suspirou quando nos viu.

— Bem, o que é agora?

Eu tirei a pulseira, deixando minha ilusão desaparecer. Não foi de cair o queixo ou sobranceiras levantadas de Sydney. Apenas um olhar de conhecimento. — Eu devia ter adivinhado. Você está aqui para me libertar? — Havia uma nota de esperança na voz dela.

— Hum, não exatamente. — Odiava que Sydney ia ser punida, mas tira-la não fazia parte do plano agora.

— Precisamos conversar com Ian, e provavelmente seria melhor se você estiver lá. Ele sabe que algo importante. Algo que precisamos.

Isso teve a sobranceira levantada. Ela apontou para a porta. — Eles não nos deixam falar uns aos outros.

— Eles não estão lá fora — eu disse, satisfeita.

Sydney abanou a cabeça pesarosamente. — Rose, você realmente me assusta às vezes. Só não pelas razões que eu pensava que seriam. Vamos. Ele está na porta ao lado, mas você terá um tempo difícil para fazê-lo falar.

— É ai que você ajuda — eu disse, enquanto caminhávamos para o corredor. Coloquei a pulseira de volta. — Ele está totalmente na sua. Ele vai ajudar se você pedir.

Como eu tinha adivinhado, Sydney estava completamente alheia a paixonite de Ian.

— O quê! Ele não...

Ela fechou a boca como assim que entrou no quarto de Ian. Ele estava assistindo TV, mas levantou-se quando nos viu. — Sydney! Você está bem?

Eu dei um olhar significativo. Ela me deu um doloroso em troca e, em seguida, voltou sua atenção para Ian. — Eles precisam de sua ajuda com alguma coisa. Algumas informações.

Ele virou seu olhar sobre nós, e foi imediatamente inferior. — Respondemos às suas perguntas de uma centena de vezes.

— Nem todas — eu disse. — Quando você estava na Corte, que viu uma foto sobre a mesa. De um homem morto. Quem era?

Os lábios de Ian ficaram em uma linha reta. — Eu não sei.

— Eu vi — er, isto é, nós sabemos que você o reconheceu. — Eu argumentei. — Você reagiu.

— Na verdade, eu vi isso também. — admitiu Sydney.

Seu tom de voz ficou suplicante. — Vamos lá, nós não precisamos ajudá-los mais. Toda essa coisa de prisão-hotel já é muito ruim. Eu estou farto dos jogos deles.

Eu não o culpo, realmente, mas precisamos muito dele. Olhei para Sydney suplicante, dizendo-lhe que só ela poderia nos fazer passar por isso.

Ela voltou-se para Ian. — Qual é o negócio com o cara da foto? Isso é... é realmente horrível? Algo secreto?

Ele deu de ombros. — Não. Eu só não quero ajudar mais. Isto é irrelevante.

— Você pode fazer isso por mim? — Perguntou ela docemente. — Por favor? Pode me ajudar a sair de apuros. — Sidney não era um mestre de flertar, mas acho que só o fato de que ela chegou perto o surpreendeu. Ele hesitou por alguns instantes, olhou para nós e depois voltou para ela. Ela sorriu para ele.

Ian desabou. — Eu quis dizer o que eu disse. Eu não sei quem ele é. Ele estava com uma mulher Moroí na instalação de St. Louis, um dia.

— Espere — eu disse, descarrilhada. — Moroí vão a seus lugares?

— Às vezes, — disse Sidney. — Assim como viemos ao seu. Algumas reuniões acontecem em pessoa. Nós geralmente não fazemos o seu povo prisioneiro, no entanto.

— Eu acho que esse cara era como seu guarda-costas ou algo assim, — disse Ian. — Ela era a única em negócios. Ele apenas a seguiu e ficou quieto.

— Um guarda-costas Moroí?

— Não é incomum para aqueles que não podem ter guardiões. — disse Mikhail. — Abe Mazur é prova disso. Ele começou seu próprio exército.

— Eu penso neles mais como uma máfia. — Minha piada a parte, eu estava ficando confusa. Apesar do desdém generalizado sobre aprender a lutar, às vezes Moroí tinham que contratar seguranças Moroí, porque eles simplesmente não poderiam obter um guardião. Alguém como Daniella Ivashkov não teria esse problema. Na verdade, eu tinha certeza que ela ficaria com direito a dois guardiões se ela pisasse fora das fronteiras de proteção — e ela deixou claro que não acha que Moroí devem lutar. Por que ela viajar com proteção Moroí quando poderia ter guardiões melhores e treinados? Não fazia sentido. Ainda... Se você matou uma rainha, você provavelmente fez todo tipo de coisas ortodoxas. Eles não tinham de fazer sentido.

— Quem era ela? — Eu perguntei. — A mulher?

— Eu não a conheço também — disse Ian. — Eu passei por eles enquanto eles estavam a caminho de alguma coisa. Uma reunião, talvez.

— Você se lembra de como ela era? — Algo. Precisávamos de alguma coisa. Isso estava à beira de desmoronar, mas se Ian pudesse identificar Daniella, nós poderíamos apenas estabelecer.

— Claro — Ele disse. — Ela é fácil de lembrar.

O silêncio me irritava.

— Então — perguntei. — Como ela se parece?

Ele me disse.

A descrição não era a que eu esperava.

TRINTA E DOIS

SYDNEY E SEUS AMIGOS não estavam felizes por não estarmos indo a levá-los conosco.

— Eu faria, — eu disse a ela, ainda me recuperando com Ian. — Mas, levando-nos dentro e fora tem sido bastante difícil! Se sair com você, todos seremos presos. Além disso, em breve, não importará. Uma vez que dissermos a todos na Corte o que sabemos e limpar meu nome, os guardiões não vão precisar mais de você.

— Não são seus guardiões que me preocupa. — respondeu ela. Ela usou esse tom blasé dela, mas eu podia ver um brilho de medo legítimo em seus olhos, e eu perguntei quem ela estava se referindo. Os Alquimistas? Ou mais alguém?

— Sydney —, eu disse hesitante, apesar de saber que eu e Mikhail precisávamos sair de lá. — O que realmente Abe fez para você? Deve ter sido mais que uma transferência. — Sydney me deu um sorriso, um triste sorriso.

— Isso não importa Rose, eu iriei lidar com o que vier. Apenas vá agora, OK? Vá ajudar seus amigos.

Eu queria dizer mais... para descobrir mais. Mas a expressão de Mikhail me disse que ele concordava com ela, e então, com breve despedida, nós a deixamos. Quando nós voltamos onde os outros estavam esperando no estacionamento, eu vi que a situação não havia mudado muito. Dimitri estava passeando, sem dúvida inquieto por estar fora de ação. Jill estava perto de Sonya, como que buscando proteção com a mulher mais velha, e Adrian ficou longe de todos, poupando apenas um piscar de olhos quando o carro de Mikhail parou.

Quando disse ao grupo o que nós tínhamos aprendido, porém, isso teve uma reação de Adrian.

— Impossível. Eu não posso acreditar nisso. — Bateu um cigarro.
— Seus amigos Alquimistas estão errados.

Eu mal podia acreditar nisso também, mas eu não tinha nenhuma razão para pensar que Ian iria mentir. E sinceramente, se Adrian estava tendo uma má reação com isso, não haveria palavras do que ele iria pensar se caso nós dissessemos quem era o nosso anterior era suspeito.

Olhei para dentro da noite, tentando chegar a termos com o assassino de Tatiana e armado para mim. Era difícil até mesmo para mim acreditar. Traição foi dura.

— Os motivos estão lá... — eu disse relutante. Desde que Ian tinha dito quem ele viu, uma dúzia de razões para o assassinato se encaixaram. — E eles são políticos. Ambrose estava certo.

— A identificação de Ian é uma dura evidência, — disse Dimitri, tão chocado como o resto de nós. — Mas há muitos outros buracos, um monte de pedaços que não se encaixam.

— Sim — Um em particular estava me incomodando. — Como, por que EU fui colocada nisso.

Ninguém tinha a resposta para isso.

— Nós precisamos voltar para a Corte — disse Mikhail por último.
— Ou vão notar minha falta.

Lancei a Jill o que eu esperava que fosse um sorriso encorajador.
— E você tem que fazer sua estréia.

— Eu não sei o que é mais louco — disse Adrian. — A identidade do assassino ou Jailbait ser um Dragomir. — Suas palavras para mim eram frias, mas o olhar que ele deu a ela foi gentil. Louca como a notícia era, Adrian não teve muito tempo para acreditar no parentesco de Jill. Ele estava cansado o suficiente para acreditar na infidelidade de Eric, e aqueles olhos reveladores selou o acordo. Eu acho que ouvir o que Ian tinha-nos dito estava machucando mais Adrian do que ele mostrava. Descobrir que a pessoa responsável pelo assassinato da sua tia era alguém que ele conhecia intensificava a dor. E descobrir sobre mim e Dimitri não ia ajudar muito também.

Para o desânimo de Mikhail, Sonya ofereceu-se para ficar para trás enquanto o resto de nós ia para a Corte. Não poderíamos trazer ambos os carros, e nesse único cabia cinco. Ela se considerava o menos útil nessa empreitada. Com muitos abraços, beijos, e lágrimas, ela prometeu que eles que se veriam outra vez, uma vez que esta confusão fosse resolvida. Eu esperava que ela estivesse certa.

Meu encanto obscureceu meu rosto o suficiente para me passar através do portão. Mas Jill era um problema mais complicado. O seu sequestro foi notícia quente Moroi, e se ela for reconhecida por qualquer um dos guardiões do portão, seria parada ali mesmo. Estávamos apostando que os guardas estariam demasiadamente apressados para percebê-la como teriam com Dimitri e eu. Isso levou Dimitri a dar mais prioridade no disfarce — querendo a ajuda de Adrian. Adrian não era tão hábil com a ilusão como Sonya era, mas entendia o suficiente para fazer a aparência de Dimitri ser alterada aos olhos dos outros. Era semelhante à forma como ele tinha usado o espírito durante a minha fuga da prisão. A questão era se iria ou não Adrian realmente fazê-lo por nós. Ele não tinha dito uma palavra a ninguém sobre o que ele tinha visto entre mim e Dimitri, mas os outros devem ter sentido o aumento repentino da tensão.

— Nós temos que ajudar Lissa — eu disse a ele, quando ele não respondeu ao meu pedido. — O tempo está correndo, por favor nos ajude. — Eu não estava rastejando, se era isso que ele esperava. Felizmente, não era. Adrian respirou profundamente e fechou seus olhos num breve momento. Eu estava certa que ele desejava algo mais forte que cigarros. Finalmente, ele acenou.

— Vamos.

Deixamos Sonya com as chaves para o segundo carro, e ela ficou ali com os olhos brilhando, vendo como nós dirigimos para fora. Dimitri, Mikhail, e eu passamos a maior jornada analisando a nossa coleta de dados. A mulher que Ian havia descrito não poderia ser tudo o que nós tínhamos ficado para o assassino.

Eu estava sentada no banco de trás com Adrian e Jill, inclinado para a frente e verificando as coisas fora de meus dedos.

— Motivo? Sim. Habilidade? Sim. Pagando Joe? Sim. O acesso a câmara de Tatiana... — Eu fiz uma careta, de repente, pensando no que tinha ouvido enquanto estava com Lissa. — Sim.

Isso rendeu-me um olhar surpreso de Dimitri. — Sério? Essa foi uma parte que eu não consegui descobrir.

— Certeza que eu sei como ela fez isso — eu disse. — Mas a carta anônima para Tatiana não faz sentido. Sem mencionar obscurecer a família de Lissa ou tentar matá-la. Ou tentando me acusar.

— Podemos estar lidando com mais de uma pessoa, — disse Dimitri.

— Como uma conspiração? — Eu perguntei, assustada.

Ele balançou a cabeça. — Não, quero dizer, alguém tinha um ressentimento contra a rainha. Mas não alguém que iria tão longe a ponto de matá-la. Duas pessoas, duas agendas. Provavelmente nem sequer tinham conhecimento um do outro. Estavam misturando as provas.

Eu me calei, revirando as suas palavras. Fazia sentido, e eu peguei na nuance que por alguém, ele quis dizer Daniella. Nós estávamos certos sobre os motivos, ela não gostava de Tatiana — os treinamentos, a lei de idade não sendo dura o suficiente, encorajando o espírito...Mas que não haviam sido suficientes para o assassinato. Uma carta furiosa, suborno pela segurança de seu filho? Estes foram os tipos de ações que a Senhora Daniella Ivashkov tomou. Não estacamento.

No silêncio que se seguiu, ouvi palavras suaves entre Jill e Adrian, que tinham uma conversa enquanto o resto de nós montávamos a estratégia.

— O que eu faço? — Jill perguntou-lhe em voz baixa.

Sua resposta foi rápida e certa. — Aja como se você merecesse estar lá. Não os deixe intimidá-la.

— E quanto a Lissa? O que ela vai pensar de mim?

Adrian hesitou só um momento. — Não importa. Basta agir do jeito que eu te disse.

Meu estômago afundou, ouvindo-o dar-lhe sérios conselhos desse tipo. Desordeiro, presunçoso e petulante... ele era todas essas coisas. Mas seu coração era bom. O coração que eu acabei de quebrar. Eu sabia que eu estava certa sobre o grande potencial de Adrian. Ele poderia fazer grandes coisas. Eu só esperava que eu não tivesse regredido isso. Pelo menos eu não teria que lhe dizer que sua mãe era um assassina... mas ainda...

Todos nós ficamos em silêncio quando chegamos ao portão. A fila de carros ainda estava lá, e nós nos tornamos mais e mais nervoso à medida que avançávamos. Um giro à mente Lissa me disse que não estávamos perdendo nada no Conselho. A situação caótica foi praticamente a mesma antes, embora o olhar exasperado na cara de Nathan me fez pensar que ele iria pedir o fechamento do processo em breve e continuar amanhã. Eu não tinha certeza se era bom ou ruim.

Os guardiões reconheceram Mikhail, é claro, e ainda vigilante, seus instintos iniciais não suspeitaram dele e de atos abomináveis. Ele disse vagamente que ele foi enviado para pegar algumas pessoas. O guardião olhou no carro analisando Dimitri, eu, e felizmente, Jill.

Adrian, uma figura bem conhecida, nos adicionou respeito. Após uma verificação obrigatória da mala, fomos enviados para dentro.

— Oh meu Deus. Funcionou, — eu respirei, conforme Mikhail dirigia-se à área de estacionamento dos guardiões.

— E agora? — Perguntou Jill.

— Agora vamos restabelecer a linha Dragomir e chamar o assassino — eu disse.

— Oh, isso é tudo? — O sarcasmo do Adrian era palpável.

— Você sabe — observou Mikhail, — que no instante em que suas ilusões forem descartadas, vocês dois vão ser atingidos pelos guardiões e devolvidos á cadeia. Ou pior.

Dimitri e eu trocamos olhares.

— Nós sabemos, — eu disse, tentando ignorar as memórias dessa experiência terrível, claustrofóbica. — Mas se tudo der certo... nós não vamos ter que ficar lá por muito tempo. Eles irão usar o que nós descobrimos e, eventualmente, nos libertar. — Eu soei mais otimista do que eu me sentia.

Depois de estacionado, o nosso grupo foi em direção ao prédio dos salões de baile, que poderia ser visto a milhas de distância com todas as pessoas ao seu redor. Que estranho. Não muito tempo atrás, eu fiz esta mesma viagem, com quase o mesmo povo, apressando-nos para nos afastarmos da Corte. Nós tínhamos o espírito nos disfarçando então, também, e foi uma louca escapada. Agora estávamos conscientemente caminhando em perigo. Eu estava convencida de que se eu pudesse fazê-lo sem ser detectada e entregar a minha notícia, tudo daria certo. Se o encanto de Sonya funcionou perfeitamente, quando vi os alquimistas. Eu não tinha nenhuma razão para duvidar dele, mas o medo ainda se escondia no fundo da minha mente: e se ele parou de funcionar? E se o disfarce for descoberto antes mesmo de entrar no prédio? Será que eles vão me prender? Ou será que eles simplesmente vão atirar primeiro?

As portas foram barrados para os espectadores, mas os guardiões tinham acesso, por isso, mais uma vez Mikhail nos colocou pra dentro, usando Adrian como razão. O sobrinho da última rainha não poderia ser recusado, e com o caos interior, mais guardiões, - que Dimitri e eu parecíamos ser- eram bem-vindos. Adrian mantinha um braço em volta de Jill enquanto eles entravam, e os guardiões deixam-na passar.

Entramos no salão, completamente despercebidos. Eu tinha visto a discussão pelos olhos Lissas, mas era totalmente diferente em pessoa.

Mais barulhento. Mais irritante. Meus amigos e eu trocamos olhares. Eu tinha me preparado para um grande confronto com o público - inferno, não seria a primeira vez, - mas este foi um teste além das minhas habilidades.

— Nós precisamos de alguém para chamar a atenção do salão —, eu disse. — Alguém que não tem medo de fazer um espetáculo - quero dizer, além de mim, claro.

— Mikhail? Onde você esteve?

Viramos e vimos Abe diante de nós.

— Bem, falando do diabo — eu disse. — Exatamente o que precisamos.

Abe olhou para mim e franziu a testa. Encantos podem ser vistos através de outros, quando sabiam que um estava sendo usado. Encantos também eram menos eficazes se os outros conhecessem bem o usuário. Foi como Victor tinha me reconhecido em Tarasov. O de Sonya era forte demais para Abe quebrar plenamente, mas ele poderia dizer que algo não estava certo.

— O que está acontecendo? — Perguntou ele.

— O mesmo velho homem — eu respondi alegremente. — Perigo, os planos insanos... você sabe, as coisas que correm em nossa família.

Ele piscou os olhos novamente, ainda totalmente incapaz de ver através do encanto. Eu provavelmente estava embaçada.

— Rose? É você? Onde você esteve?

— Precisamos da atenção do salão — eu disse. Eu me perguntei se isso era o que sentia quando os pais pegavam seus filhos presos por violar o toque de recolher. Ele parecia muito desaprovador. — Nós temos uma maneira de resolver todo esse argumento. —

— Bem — observou secamente Adrian, — Nós temos, pelo menos, uma maneira de iniciar um outro. —

— Eu confiei em você no meu plano —, disse a Abe. — Você não pode confiar em mim agora?

A expressão de Abe foi irônica. — Aparentemente você não confiou em mim o suficiente para permanecer em West Virginia. —

— Questões de ordem técnica, — eu disse. — Por favor. Nós precisamos disso.

— E nós temos um curto tempo, — adicionou Dimitri.

Abe estudou-o também. — Deixe-me adivinhar. Belikov? — Houve incerteza na voz de meu pai — Adrian estava fazendo um bom trabalho em manter a ilusão por cima de Dimitri, mas Abe era inteligente o suficiente para deduzir que estaria comigo.

— Pai, temos de nos apressar. Nós temos o assassino e nós temos a.... — Como eu explico isto? — Uma chance de mudar a vida de Lissa.

Nada surpreendia muito Abe, mas acho que o meu uso sério do — pai — o fez. Varrendo a sala, seus olhos pousaram em alguém, e ele deu um empurrão pequeno de sua cabeça. Alguns segundos depois, minha mãe apertou seu caminho através de nós. Ótimo. Ele chamou, ela veio. Eles estão muito sociáveis ultimamente. Eu esperava que Lissa fosse a única com um irmão surpresa.

— Quem são essas pessoas? — Perguntou minha mãe.

— Advinhe — Abe respondeu categoricamente. — Quem seria tolo o suficiente para invadir uma Corte, depois de escapar dela?

Os olhos de mamãe ampliaram. — Como ...

— Sem tempo — disse Abe. O olhar aguçado, que ele recebeu em troca disse que ela não gostava de ser interrompida. Talvez sem irmãos, afinal.

— Tenho a sensação de metade dos guardiões nesta sala vão estar em cima de nós em breve. Você está pronta para isso?

Minha pobre mãe cumpridora da lei parecia aflita, percebendo o que estava sendo solicitado dela. — Sim.

— Eu também, — acrescentou Mikhail.

Abe estudou todos nós. — Eu acho que há chances piores.

Dirigiu-se até onde Nathan Ivashkov estava encostado em seu pódio. Ele parecia cansado e derrotado, e totalmente perdido sobre o que fazer com a bagunça diante dele. Com a nossa abordagem, os candidatos a monarca olharam com curiosidade, e eu senti um choque súbito de surpresa pelo vínculo. Lissa podia ver através dos encantos do espírito. Senti segurar sua respiração com a nossa visão. O medo, choque e alívio passando por ela. E confusão, é claro. Ela estava tão feliz de nos ver que ela esqueceu tudo sobre as eleições e começou a ir em nosso encontro. Eu dei-lhe um rápido aceno negando com a cabeça, pedindo a ela para manter a nossa capa, e depois de um momento de hesitação, ela sentou-se. Ela estava preocupada e perplexa, mas confiava em mim.

Nathan veio à vida quando nos viu, principalmente quando Abe simplesmente empurrou para fora do caminho e agarrou o microfone.

— Ei, o que está...

Eu esperava Abe gritar para todo mundo calar a boca ou algo assim. É claro que Nathan tinha tentado isso por um tempo, sem resultados. Então, eu estava muito chocada, como todos os outros, quando Abe colocou os dedos em seus lábios e soltou o assobio mais estridente que eu já tinha ouvido. Um assobio através de um microfone? — Yeah. Ele machucou meus ouvidos. Tinha que ser pior para os Moroi, e os comentários gritando para nós não ajudaram.

A sala se acalmou o suficiente para ele ser ouvido.

— Agora que vocês tem o bom senso de manter suas bocas fechadas — disse Abe, — nós temos... algumas coisas a dizer. — Ele estava usando sua confiança, a voz de quem — eu controlo o mundo — mas eu sabia que ele estava tomando um monte de fé aqui.

— Aja rápido — ele murmurou, estendendo o microfone para nós.

Eu limpei a garganta.

— Estamos aqui para, hum, resolver este debate uma vez por todas. — Isso trouxe resmungos, e me apressei em voz alta antes do salão estourar novamente. — As leis podem ficar do jeito que são. Vasilisa Dragomir tem direito ao seu lugar no Conselho e de votos elegíveis para ser um candidato completo para o trono. Existe um outro membro de sua família. Ela não é a última Dragomir.

Murmúrios e sussurros eclodiram, e no entanto não era nada como o rugido anterior, provavelmente porque os Moroí amavam intrigas, e eles tinham que saber como isso iria se desenrolar. Na minha visão periférica, eu poderia ver guardiões formando um perímetro muito frouxo em torno de nós. Sua preocupação era a segurança, não o escândalo.

Eu acenava para a frente de Jill. Por um instante, ela congelou, então eu perguntei se ela recordou as palavras do Adrian no carro. Ela saiu do meu lado, tão pálida que eu me preocupava que ela pudesse desmaiar. Eu quase me senti como se eu pudesse também. A tensão e a pressão foram avassaladoras. Eu tinha ido tão longe.

— Esta é Jillian Mastrano Dragomir. Ela é a filha ilegítima de Eric Dragomir, mas ela é sua filha e oficialmente parte da linhagem. — Odiava usar ilegítima, mas, neste caso, era um fato necessário.

O silêncio se seguiu por uma batida de coração, Jill precipitadamente, se inclinou para mim e para o microfone. — Eu sou uma Dragomir, — disse claramente, apesar de suas mãos trêmulas. — Nossa família tem seu quorum, e minha irmã tem todos os seus direitos.

Eu pude ver outra explosão do efifício, e Abe saltou entre Jill e eu, agarrando o microfone. — Para aqueles que não acreditam nisso, um teste de DNA vai esclarecer todas as dúvidas sobre sua linhagem. — Tive de admirar a audácia de Abe. Ele só tinha sabido desta informação sessenta segundos atrás, e já estava defendendo

com certeza, como se ele mesmo tivesse realizado os testes necessários anteriormente em seu laboratório de genética em casa. Mais fé, e uma vantagem que ele não poderia deixar passar. Meu velho amava segredos.

A notícia provocou a reação que eu tinha esperado. Uma vez que o público tinha processado a informação, uma enxurrada gritante de comentários começou.

- Eric Dragomir não teve outros filhos, ilegítimos ou não!
- Isto é um engano!
- Mostra-nos a prova! Onde estão os testes?
- Bem... ele era um flertador.
- Ele tinha uma outra filha.

Este último calou a multidão, tanto porque foi falado com autoridade e porque veio de Daniella Ivashkov. Ela se levantou, e mesmo sem microfone, ela tinha uma voz que poderia ser ouvida por todo salão. Ela também era uma pessoa bastante importante na nossa sociedade para chamar a atenção. Muitos dentre os membros da família real foram praticamente condicionados a ouvi-la. Na sala de agora quieta, Daniella continuou falando.

— Eric Dragomir teve uma filha ilegítima com uma mulher chamada Emily Mastrano — uma dançarina, se bem me lembro. Ele queria ela mantida em segredo e precisava de fazer certas coisas, coisas que ele não poderia fazer sem ajuda com isso. Eu era um dos poucos que ajudaram. — Um não característico sorriso amargo apareceu nos lábios. — E honestamente, eu não teria mencionado se isso permanecesse secreto.

Pedaços clicaram na minha cabeça. Eu já sabia quem tinha quebrado os registros alquimistas. E porquê. No salão quieto, eu não precisei de um microfone para responder, também.

- O suficiente para fazer certos papéis desaparecer?

Daniella fixou aquele sorriso em mim. — Sim.

— Porque se os Dragomir acabassem, o espírito também iria. E Adrian estaria seguro. Espírito estava recebendo muita atenção muito rápido, e você precisava para se livrar de qualquer evidência sobre Jill para matar a credibilidade de Vasilisa. — A expressão de Daniella confirmava muito. Eu deveria ter deixado isso assim, mas minha curiosidade não ia permitir isso. — Então, por que admiti-lo agora?

Daniella deu de ombros. — Porque você está certa. Um teste de DNA vai mostrar a verdade. — Havia suspiros de espanto de quem tomou a palavra dela como um evangelho e me perguntei o que isso significava. Outras pessoas se recusaram a acreditar e usavam olhares de desprezo. Daniella, certamente decepcionada de que a verdade havia vazado, no entanto parecia resignada e disposta a aceitá-la. Mas seu sorriso logo caiu enquanto ela me estudava mais de perto. — O que eu gostaria de saber é: quem no mundo é você?

Uma boa parte da platéia pareceu querer saber isso também. Eu hesitei. O encanto de Sonya tinha conseguido disfarçar-me muito bem neste momento. Tivemos uma aceitação frágil de Jill e da linha de Dragomir. Se deixarmos o sistema de seu curso, e se Lissa ganhou como eu queria — agora eu teria um majestoso advogado no caso, para limpar-me.

Mas olhando para a multidão, cheio de pessoas que havia conhecido e respeitado e que ainda tinham me condenado sem dúvida. — Eu senti raiva queimar dentro de mim. Induzida pelo espírito ou não, aquilo não importava. Eu ainda estava indignada com a facilidade com que fui acusada e jogada fora. Eu não queria esperar para que isso fosse resolvido em algum escritório dos guardiões em silêncio. Eu queria enfrentá-los. Eu queria que eles soubessem que eu era inocente, da morte da rainha, pelo menos.

E assim, superando meus próprios recordes para um comportamento perigoso e imprudente, eu arranquei a pulseira de Sonya.

— Eu sou Rose Hathaway.

TRINTA E TRÊS

Gritos e gritos da platéia me disseram que meu disfarce havia desaparecido.

Muitos olhos também foram para Dimitri. Adrian tinha deixado cair sua ilusão também, uma vez que ela tinha caído. E, como estava esperando, os guardiões foram gradualmente tomando posição em torno de nós e avançavam, armados com revólveres. Eu ainda pensei que era engano.

Felizmente, minha mãe e Mikhail moveram-se rapidamente no local para bloquear nossos atacantes e dissuadir qualquer tiro.

— Não — me virei para Dimitri, eu sabia que ele, provavelmente, estava prestes a se juntar aos nossos dois defensores. Mas era crucial que ele e eu ficássemos absolutamente imóveis, de modo que não poderíamos ser tomados como ameaça. Eu mesma fui tão longe a ponto de segurar meus braços e, com relutância, eu suspeitava que Dimitri também o fez. — Esperem. Por favor, ouçam-nos primeiro. —

O círculo da guarda estava apertado, sem falhas. Eu tinha certeza que a minha mãe e Mikhail eram a única coisa impedindo-os de atirar. Guardiões sempre evitavam o combate com outros guardiões, se possível. Dois bloqueadores eram fáceis de derrubar, e também, esses guardiões não pretendiam esperar para sempre. Jill e Abe de repente avançaram, tomando posições ao nosso lado. Mais escudos. Eu vi em um dos guardiões iminente careta. Civis complicavam as coisas. Adrian não se moveu, mas o fato de que ele foi incluído no círculo de todos ainda fez um obstáculo.

— Leve-nos mais tarde, se você quiser, — eu disse. — Nós não vamos resistir. Mas você tem que nos deixar falar primeiro. Nós sabemos quem matou a rainha. —

— Nós vamos — disse um dos guardiões. — Agora, o resto de vocês... afastem-se antes que sejam feridos. Estes são fugitivos perigosos. —

— Eles precisam falar, — disse Abe. — Eles têm provas.

Mais uma vez, ele avançou com seu caso, agindo com confiança sobre as coisas que ele não tinha nenhuma pista sobre. Ele estava apostando tudo em mim. Eu estava começando a gostar dele. Era uma pena que a nossa prova não era 100 por cento sólida como eu esperava, mas como disse anteriormente... apenas questões técnicas.

— Deixe-os falar. —

Era uma nova voz, uma voz que eu conhecia de cor. Lissa abriu caminho através de dois dos responsáveis. Eles mantiveram a sua posição firme, a preocupação imediata é que não poderíamos escapar. Isso permitiu-lhe passar por entre eles, mas só até que eles pegassem seu braço, impedindo-a de chegar até nós.

— Eles chegaram até aqui. Eles estavam certos sobre... Jill. — Rapaz, isso não foi fácil para ela dizer com uma cara séria, visto que ela não tinha inteiramente chegado a termos com o problema. Minha morte iminente era provavelmente a única coisa na terra a distraí-la da brusca experiência de saber que ela tinha uma irmã em potencial. Ela também estava tomando um monte de fé aqui, confiante que eu estava dizendo a verdade. — Você os tem. Eles não podem ir lugar nenhum. Basta deixá-los falar. Eu também tenho provas para apoiar o caso. —

— Eu tenho que segurar sua partilha, Liss — eu disse em voz baixa. Lissa ainda acreditava que Daniella era o assassino e não ia gostar de ouvir a verdade. Lissa me lançou um olhar confuso, mas não poderia protestar contra.

— Vamos ouvi-los — disse um dos guardiões — e não era qualquer um: Hans. — Depois de serem levados a fugir, realmente gostaria de saber o que os trouxe de volta. — Hans estava nos ajudando?

— Mas, — continuou ele, — tenho certeza que vocês dois vão entender muito bem que tenho que detê-los antes de fazer sua grande revelação. —

Olhei para Dimitri que se virou para mim. Nós sabíamos onde estávamos nos metendo, e honestamente, este foi um cenário melhor do que eu havia imaginado.

— Está bem — disse Dimitri. Ele olhou para os nossos nobres protetores. — Não tem problema. Deixe-os passar. —

Minha mãe e os outros não se moveram direito para se afastar. — Façam — eu disse. — Ou vão acabar como nossos companheiros de cela.

Eu tinha certeza que aqueles adoráveis tolos não tinham me ouvido. Mas Mikhail recuou primeiro, e depois os outros fizeram também, praticamente em sincronia. Num piscar de olhos, guardiões se apoderaram de todos, levando-os embora. Dimitri e eu fomos colocados, entre quatro guardiões, dois para Dimitri e dois para mim. Adrian tinha recuado com os outros, mas Lissa ainda estava a poucos metros de nós, toda sua confiança em mim.

— Vamos em frente com isso — disse Hans. Ele segurou o meu braço direito com força.

Eu conheci os olhos de Lissa, odiando o que eu tinha a dizer. Mas, não. Não era com ela que eu estava preocupada em machucar mais. Olhando para o público, eu encontrei Christian, que estava compreensivelmente a ver este drama com atenção ávida. Eu tive que virar as costas e olhar para a multidão como um todo, recusando-me a ver os rostos individuais. Apenas um borrão.

— Eu não matei Tatiana Ivashkov — eu disse. Várias pessoas resmungaram em dúvida. — Eu não gostava dela. Mas eu não a matei. — Olhei para Hans. — Você questionou o porteiro que testemunhou sobre onde eu estava durante o assassinato, certo? E ele disse que foi o homem que atacou Lissa que lhe pagou para mentir sobre onde eu estava? — Eu soube com Mikhail que Joe tinha

finalmente admitido ter recebido dinheiro de um Moroi misterioso, uma vez que os guardiões o tinham encurralado com a imagem.

Hans fez uma careta, hesitou, e depois acenou para eu continuar.

— Não há registro de sua existência... — pelo menos não com os guardiões. Mas os alquimistas sabem quem ele é. Viram-no em uma das suas instalações, na qualidade de guarda-costas de alguém. — Meus olhos caíram sobre Ethan Moore, que ficou com os guardiões perto da porta. — Um guarda-costas de alguém que se deixou ver na noite que Tatiana morreu: Tasha Ozero. —

Não houve necessidade de qualquer alvoroço do público, neste momento, porque Tasha mais do que compensava isso com ela própria. Ela estava sentada ao lado de Christian e saltou de sua cadeira.

— Que diabos você está dizendo, Rose? — Ela exclamou. — Você está fora de si?

Quando estive lá, estava desafiadoramente pronta para enfrentar a justiça, a multidão e o problema, a identificação seria cheia de triunfo e poder. Mas agora... agora eu estava apenas triste, quando olhava eu sempre via alguém de confiança, alguém que estava olhando para mim com choque e tanta dor.

— Eu queria estar... mas é verdade. Ambos sabemos que é. Você matou Tatiana. — Descrença crescendo em Tasha, agora tingida com um pouco de raiva, embora ela ainda parecia estar me dando o benefício da dúvida. — Eu nunca, nunca acreditei que a matou e eu lutei por você sobre isso. Por que você está fazendo isso? Você está jogando com a mácula Strigoi em nossa família? Pensei que você estava acima desse tipo de preconceito. —

Engoli em seco. Eu pensei que juntar provas seria a parte mais difícil. Mas não foi nada comparado a revelá-las. — O que estou dizendo não tem nada a ver com os Strigoi. Foi por outro motivo que você o fez. Você odiava Tatiana, por causa da lei da idade e a recusa em deixar a luta dos Moroi. — Outra lembrança veio para mim, quando Tasha havia aprendido sobre as sessões de treino secreto.

Tasha estava horrorizada com o que eu já suspeitava ter sido culpa de seu desprezo a Rainha.

A multidão estava atenta e atordoada, mas uma pessoa entrou na discussão: uma Ozero eu não sei, mas que aparentemente tinham a solidariedade da família em sua mente. Levantou-se, cruzando os braços em desafio. — Metade deste Tribunal odiava Tatiana por causa daquela lei. E você era um deles. —

— Eu não tinha o meu guarda-costas subornando uma testemunha para atacar Lis-princesa Dragomir. E não finja que você não sabia quem era o cara, eu avisei a ela. Ele era o seu guarda-costas. Vocês foram vistos juntos. — A descrição de quando ela visitou St. Louis tinha sido perfeitamente clara: longos cabelos negros, olhos azuis, e as cicatrizes de um lado do rosto.

— Rose, eu não posso mesmo acreditar que isso está acontecendo, mas se James — que era o seu nome - fez tudo o que você está falando, então, ele atuou sozinho. Ele sempre teve ideias radicais. Eu sabia disso quando eu o contratei como proteção externa, mas eu nunca pensei que ele era capaz de matar. —

Ela olhou em volta, procurando por algum guardião e, finalmente, voltou-se para o Conselho. — Eu sempre acreditei que Rose era inocente. Se James é o único responsável por isso, então estou mais que feliz em lhes dizer tudo o que eu sei a favor da Rose claro. —

Assim, tão fácil. O mistério Moroi-James — quase tudo sempre tinha sido Tasha. Ele porém, sempre foi avistado em situações suspeita em que ela não tinha sido, como o suborno a Joe e o ataque a Lissa. Eu poderia salvar Tasha e apenas colocar a culpa nele. Ele já estava morto. Tasha e eu poderíamos ser amigas. Ela não agiu em princípio, certo? O que havia de errado com isso?

Christian ficou de pé ao lado dela, olhando para mim como se eu fosse um estranho. — Rose, como você pode dizer isso? Você a conhece. Você sabe que ela não faria isso. Pare de fazer uma cena e vamos descobrir como aquele cara James matou a rainha.

Assim, tão fácil. Culpar um homem morto.

— James não poderia ter estacado Tatiana, — eu disse. — Ele tinha uma lesão na mão. Precisaria das duas mãos para alguém estacar um Moroi. Eu já vi isso acontecer duas vezes agora. E eu aposto que se você puder tirar uma resposta direta de Ethan Moore... — Olhei para o guarda que estava pálido. Ele provavelmente poderia saltar para uma luta e matar sem hesitar. Mas este tipo de exame? E eventual interrogatório por seus colegas? Eu não acho que ele aguentaria. Foi provavelmente a razão de Tasha ter sido capaz de manipulá-lo. — James não estava lá na noite que Tatiana morreu, era ela? E eu não acho que foi Daniella Ivashkov, apesar de que foi dito a princesa Dragomir anteriormente. Mas Tasha foi. Ela foi no quarto da rainha e ele não relatou. —

Ethan olhou como se quisesse fugir, mas suas chances de escapar eram quase tão boas quanto as minhas e as de Dimitri. Ele abanou a cabeça lentamente.

— Tasha não ia matar ninguém. — Não era exatamente a confirmação de sua localização, mas eu queria fechar. Os guardiões iriam se focar nele mais tarde.

— Rose! — Christian estava chateado agora. Vendo ele me olhar com indignação, doía ainda mais do que a expressão de Tasha. — Pare com isso!

Lissa deu alguns passos hesitantes em frente. Eu podia sentir em sua mente que ela não queria acreditar no que estava dizendo também... ainda assim ela confiava em mim. Ela pensou em uma solução controversa. — Eu sei que é errado... mas, se usada coerção sobre os suspeitos...

— Não chegue a sugerir isso! — Exclamou Tasha, virando os olhos afiados em Lissa. — Fique fora disso. É seu futuro na linhagem aqui. Um futuro que poderia torná-la grande e conseguir as coisas que nosso povo precisa. — Um futuro que você poderia manipular, — eu percebi. — Lissa acredita em um monte de reformas que você representa... e você acha que poderia convencê-la daquelas que não representa. Especialmente se ela está com o seu sobrinho. Foi por

isso que você lutou tanto para mudar a lei quorum. Você queria que ela fosse rainha.

Christian começou a dar um passo adiante, mas Tasha colocou a mão em seu ombro como forma de restrição. Aquilo não o impediu de falar.

— Isso é idiota. Se Lissa deveria ser rainha, por que fazer esse cara James atacá-la? — Isso foi um mistério para mim também, uma das brechas no meu plano. Mas Dimitri. Consciente de seus dois guardas, deslocou-se para perto de mim.

— Porque ninguém deveria morrer. — Dimitri disse baixo, sua voz ressonante soou maravilhosa com a acústica do lugar. Ele não precisava de microfone, ele dirigiu suas palavras a Tasha. — Você não esperava que um guardião estivesse com ela.

Ele estava certo, eu percebi. Eddie havia sido designado a noite em circunstâncias estranhas e praticamente só fez voltar no tempo para ver Ambrose com Lissa. — James, provavelmente, foi apenas fingir um ataque e acabou executado... suficiente para gerar simpatia e mais apoio para Vasilisa. O que certamente aconteceu de forma mais severa. —

A indignação em Tasha, seu rosto transformado em algo que eu não poderia mensurar imediatamente. Ela não pareceu ofendida com as minhas acusações, mas então, depois de Dimitri. Ela olhou legitimamente ferida. Esmagada. Eu sabia que olhar era aquele. Tinha visto no rosto de Adrian horas atrás.

— Dimka, você também não — disse ela.

Através dos olhos de Lissa, vi as cores da aura de Tasha mudando, queimava um pouco mais clara quando ela olhou para Dimitri. Eu podia ver exatamente o que Sonya tinha explicado para mim, como a aura mostrava afeto.

— E foi por isso que eu tomei a queda, — eu murmurei baixinho. Ninguém além de Dimitri e nossos guardiões me ouviu.

— Hmm? — Dimitri perguntou.

Eu apenas balancei a cabeça. Todo esse tempo, Tasha ainda amava Dimitri. Eu sabia que ela tinha no ano passado, quando ela fez uma oferta para ele se unir a ela e ter filhos — não era algo que os homens dhampir tinham a chance de conseguir. Ele tinha recusado, e eu pensei que ela tinha aceitado simplesmente a amizade dele. Ela não tinha. Ela ainda o amava. Quando Lissa tinha revelado a minha relação com Dimitri a Hans, Tasha já sabia. Mas por quanto tempo? Eu não tinha certeza. Ela certamente sabia sobre nossa relação antes de matar Tatiana, e colocando o assassinato em mim, deixava Tasha livre e limpa para voltar suas chances com Dimitri.

Não havia nenhum objetivo em trazer seus motivos pessoais para me culpar. O assassinato de Tatiana foi a verdadeira questão em jogo. Eu olhei para Hans. — Você pode me prender, — eu quis dizer isso. — Mas você não acha que tem o suficiente para levar ela e Ethan também?

Hans tinha uma face ilegível. Seus sentimentos em relação a mim eram sempre cheios de idas e vindas, desde o dia que nos conhecemos. Às vezes, eu era uma encenqueira sem futuro. Outras vezes, eu tinha potencial para ser uma líder. Ele acreditava que eu era uma assassina, mas ele ainda tinha me permitido enfrentar a multidão. Na realidade ele não gostava dos meus amigos também. O que ele faria agora?

Ele levantou os olhos do meu rosto e olhou para onde estavam sentados vários guardiões na platéia, prontos para qualquer ação. Ele deu um breve aceno de cabeça. — Levem a Senhora Ozero. E Moore. Nós vamos interrogá-los. —

Vendo como Tasha estava sentada no meio de outras pessoas, houve um pouco de medo e pânico, quando quatro guardiões se moveram em direção a dela. Eles evitavam ferir outras pessoas da platéia, tanto quanto possível, mas ainda havia muitos puxões e empurrões. O que veio como uma total surpresa era como ferozmente Tasha revidava. Ela foi treinada, eu me lembrava. Não na mesma forma, que foram os guardiões, mas o suficiente para torná-

lo difícil de obter o domínio dela. Ela poderia chutar e socar — estacar a rainha — e, ainda conseguiu colocar um guardião abaixo.

Ela poderia realmente tentar lutar da sua maneira fora daqui, — eu imaginei — embora eu não acreditei nem por um instante que tentaria. Foi muito lotado e caótico. Guardiões estavam indo em direção a batalha. Apavorados os Moroi estavam tentando fugir da luta. Todo mundo parecia estar ficando no caminho de todos eles. De repente, um estalo alto ecoou pela sala. Uma arma de fogo. A maioria dos Moroi caiu no chão, embora guardiões iam chegando. Segurando um revólver, ela deve ter confiscado do guardião que ela havia derrubado, Tasha agarrou o primeiro Moroi que pôde com a mão livre. Para ajudá-la, foi Mia Rinaldi. Ela estava sentada perto de Christian. Eu não acho mesmo que Tasha tinha notado a sua escolha como refém.

— Não se mexam! — Tasha gritou com os guardiões da invasão. A arma estava na cabeça de Mia, e eu senti meu coração parar. Como as coisas tinham encaminhado a este ponto? Eu não tinha, nunca, previsto isso. Minha tarefa era para ser limpa e arrumada. Revelar Tasha. Repudiá-la. Feito.

Os guardiões congelaram, menos por causa de seu comando e mais porque eles estavam avaliando como lidar totalmente com a ameaça.

Enquanto isso, Tasha começou lentamente, muito lentamente, a fazer o seu caminho em direção à saída, arrastando Mia junto. Seu progresso foi lento e pesado, graças a todas as cadeiras e as pessoas no caminho. O atraso deu tempo aos guardiões para resolver esse arriscado dilema. Vêm em primeiro lugar. A vida de Mia, a vida de um Moroi estava na linha. Os guardiões não queriam Mia morta, mas uma arma em punho de uma guerreira Moroi também não poderia sair livre.

A coisa era, Tasha não era o único guerreiro Moroi na sala. Ela provavelmente pegou o pior refém possível, e eu poderia dizer pelo brilho nos olhos Mia que ela não estava indo calmamente. Lissa percebeu isso também. Um ou dois deles estavam indo para serem

mortos, e Lissa não poderia deixar isso acontecer. Se ela pudesse fazer Tasha olhar para ela, ela poderia obrigá-la à submissão.

Não, não, não, eu pensei. Eu não preciso de outro amigo envolvido.

Ambos, Lissa e eu, vimos Mia enrijeceu e saiu tentando quebrar a posse de Tasha. Lissa percebeu que ela tinha que agir agora. Eu podia sentir através do vínculo. Eu podia sentir seus pensamentos, a decisão, até a forma de como seu corpo, músculos e nervos avançaram para chamar a atenção de Tasha. Senti tudo tão claramente, como se nós compartilhamos o mesmo corpo. Eu sabia onde Lissa iria pisar, antes que se movesse.

— Tasha, por favor não.

Lissa saltou para a frente, seu grito triste interrompido por Mia que chutou de volta para Tasha e afastou-se, escorregando para fora do alcance da arma. Tasha, assustada com as duas na sua frente, ainda tinha a arma apontada para fora. Com Mia fora de seu alcance e tudo acontecendo tão rápido, Tasha freneticamente disparou dois tiros na primeira ameaça que se deslocou em direção a ela, que não eram os guardiões que se aproximavam rapidamente. Foi uma esguia figura de branco que tinha gritado com Tasha.

Ou, assim, que teria sido. Como eu disse, eu sabia exatamente onde Lissa pisaria e o que ela faria. E naqueles preciosos segundos antes que ela agisse, eu me soltei de meus captores, antes de segurarem, e me joguei na frente de Lissa. Alguém pulou atrás de mim, mas já era muito tarde. Isso foi quando a pistola de Tasha tinha ido. Eu senti uma picada e ardor no peito, e então não havia nada além da dor, a dor de uma forma completa e tão intensa que era quase além da compreensão.

Senti-me cair, senti Lissa me pegando e gritando algo, talvez para mim, talvez a outra pessoa. Havia tanta coisa, e uma comoção na sala que eu não sabia o que tinha acontecido com Tasha. Não era só eu, e a dor que minha mente estava tentando deixar de fora. O mundo parecia ficar mais silencioso. Vi Lissa olhando para mim, gritando algo que eu não conseguia ouvir. Ela estava linda. Brilhante.

Coroadada em luz... mas tudo foi se fechando e escurecendo em torno dela. E naquela escuridão, eu vi os rostos... fantasmas e espíritos que sempre me acompanharam. No fim eles se espalhavam e cresciam. Acenando.

Uma pistola. Eu tinha sido derrubada por uma arma. Era quase cômico. — Trapacearam — pensei. Eu tinha passado a minha vida com foco no mano-a-mano, combate, aprender a esquivar de mãos presas e poderosas que poderia agarrar meu pescoço. Uma arma? Foi assim... assim tão fácil. Deve ser um insulto? Eu não sabia. Será que isso importa? Eu não sei o que queria. Tudo que eu sabia naquele momento era que eu ia morrer, independentemente.

Minha visão estava ficando escura, da escuridão os fantasmas, e no fim eu jurei, era como se eu pudesse ouvir Robert sussurrando em meu ouvido: O mundo dos mortos não vai desistir de você uma segunda vez. Pouco antes da luz desaparecer completamente, eu vi o rosto de Dimitri junto a Lissa. Eu queria sorrir. Decidi então que se as duas pessoas que eu mais amava estavam a salvo, eu poderia deixar este mundo. Os mortos podem finalmente me ter. Eu tinha cumprido o meu propósito, não é? Para lhe proteger? Eu tinha feito isso. Eu tinha protegido Lissa, como eu tinha jurado que eu sempre faria. Eu estava morrendo na batalha. Nenhum livro de nomeação para mim. O rosto de Lissa brilhava em lágrimas, e eu esperava que tivesse transmitido o quanto eu a amava. Com a última centelha de vida que eu tinha deixado, eu tentei falar, tentei deixar Dimitri saber que eu o amava muito e que ele tinha que protegê-la agora. Eu não acho que ele entendeu, mas as palavras do código dos guardiões foram meu último pensamento consciente.

— Eles vêm em primeiro lugar.

TRINTA E QUATRO

EU NÃO ACORDEI NO mundo dos mortos.

Eu nem acordei em um hospital ou algum outro centro médico, que acreditem, eu fiz muitas vezes. Não, eu acordei no luxo, em um quarto grande com móveis dourados. Céu? Provavelmente não com o meu comportamento. Minha cama com dossel tinha um cobertor de veludo vermelho e dourado grosso o suficiente para ser um colchão.

Velas tremeluziam sobre uma pequena mesa contra a parede mais distante e encheram a sala com o aroma de jasmim. Eu não tinha ideia de onde eu estava ou como eu tinha chego aqui, mas como as minhas memórias passadas de dor e escuridão foram saindo da minha mente, eu decidi que o fato de que eu estava realmente respirando já era bom o suficiente.

— Bela Adormecida acordou.

Aquela voz... aquela voz maravilhosa, como mel com o seu sotaque macio. Me envolveu, e com ele veio a verdade impossível e seu impacto: eu estava viva. Eu estava viva. E Dimitri estava aqui. Eu não podia vê-lo, mas senti um sorriso vindo aos meus lábios.

— Você é meu enfermeiro? — Ouvi ele levantar de uma cadeira e caminhar mais. Vendo-o ficar em pé perto de mim me lembrei de quão alto ele realmente era. Ele olhou para mim com um sorriso que era dele, um daqueles completos e raros sorrisos. Ele tinha se limpado desde a última vez que o vi, seu cabelo marrom amarrado ordenadamente para trás do pescoço, embora ele não tenha feito a barba por uns dias. Eu tentei sentar, mas ele me empurrou de volta.

— Não, não, você precisa de se deitar. — A dor em meu peito me disse que ele estava certo. Minha mente poderia estar acordada, mas o resto de mim estava esgotado. Eu não tinha ideia de quanto tempo tinha passado, mas algo me disse que meu corpo estava

lutando uma batalha, não com um Strigoi ou com outra coisa, mas com ele mesmo. Uma batalha para permanecer vivo.

— Então vêm mais perto — eu disse a ele. — Eu quero ver você.
— Ele considerou por um momento e então tirou os sapatos. Voltando ao meu lado, que me fez estremecer, eu consegui me mexer mais um pouco para trazer o quarto próximo da borda da cama. Ele enrolado ao meu lado. Nossos rostos repousavam sobre o mesmo travesseiro, apenas um par de centímetros distante enquanto olhávamos um para o outro.

— Assim é melhor? — Perguntou ele.

— Muito.

Com seus dedos longos e graciosos, ele estendeu a mão e tirou o cabelo do meu rosto antes de traçar a borda da minha bochecha.

— Como você está?

— Com fome.

Ele riu baixinho e cautelosamente deslizou sua mão para descansar nas minhas costas, em uma espécie de semi-abraço. — É claro que você está. Eu acho que eles só conseguiram te dar sopa. Bem, isso e fluidos IV mais cedo. E você provavelmente está afastada de açúcar. Eu me encolhi. Eu não gosto de agulhas ou tubos e fiquei feliz eu não tinha sido acordada para vê-las. — Agulhas de tatuagem eram uma questão diferente.

— Quanto tempo eu estive fora?

— Alguns dias.

— Alguns dias... — Eu tremi, e ele puxou o cobertor até eu, pensando que estava com frio.

— Eu não deveria estar viva, — eu sussurrei. Tiros como esse... eles estavam muito rápido, muito perto do meu coração. Ou no meu coração? Eu coloquei minha mão em meu peito. Eu não sabia exatamente onde eu havia sido atingida. Tudo doía. — Oh Senhor. Lissa me curou, não foi? O espírito tomaria tudo dela. Ela não

deveria ter feito isso. Ela não poderia se dar ao luxo. — Exceto... por que eu ainda sinto dor? Se ela me curou, ela teria ido até o fim.

— Não, ela não curou você.

— Não? — Eu fiz uma careta, incapaz de processar isso. — De que outra forma eu teria sobrevivido?

Uma resposta surpreendente veio à minha mente.

— Então... Adrian? Ele nunca... depois como eu o tratei... não. Ele não poderia ter...

— O que, você acha que ele ia te deixar morrer?

Eu não respondi. As balas podem ter ido longe, mas pensar em Adrian faz meu coração — figurativamente — doer. — Não importa como ele se sente... — Dimitri hesitou. Esse era um tema delicado, afinal de contas. — Bem, ele não teria te deixado morrer. Ele queria curar você. Mas ele não o fez também

Eu me senti mal por pensar tão pouco de Adrian. Dimitri estava certo. Adrian nunca teria me abandonado por maldade, mas eu fui rapidamente ficando sem opções. — Então, quem? Sonya?

— Ninguém —,ele disse simplesmente. — Bem, você, eu suponho.

— Eu... o quê?

— As pessoas podem se curar sem magia agora e depois, Rose. — Havia diversão em sua voz, embora seu rosto estava sério. — E as suas feridas... eles eram sérias. Ninguém pensou que você fosse sobreviver. Você entrou em cirurgia, e então todos nós esperamos.

— Mas por quê... — Eu me senti muito arrogante fazendo a próxima pergunta. — Porque Adrian ou Lissa não me curaram?

— Oh, eles queriam, acredite em mim. Mas, depois, em meio ao caos... a corte foi selada. Ambos foram levados e colocados sob proteção pesada antes que pudessem agir. Ninguém iria deixá-los perto de você, não quando eles ainda achavam que você poderia ser uma assassina. Em primeiro lugar eles tinham que ter certeza sobre Tasha, apesar de que as suas ações foram bastante convincentes.

Levei um momento para começar acreditar na ideia que a medicina moderna e minha própria resistência do corpo haviam me curado. Eu cresci usando muito o espírito. Isso não parecia possível. Quando tentei envolver minha mente em torno do conceito, o resto da expressão de Dimitri me atingiu. — E Tasha... continua viva?

Seu rosto ficou ainda sério.

— Sim. Eles pegaram ela logo depois que ela atirou em você, antes de mais alguém se machucar. Ela está detida, e muito mais evidências estão aparecendo

— Acusar ela foi uma das coisas mais difíceis que eu já fiz —, eu disse. — Lutar com Strigoi é mais fácil do que isso.

— Eu sei. Foi difícil para eu ver, difícil para acreditar. — Havia um olhar distante em seus olhos, me lembrando que Dimitri havia conhecido ela mais do que ele tinha me conhecido. — Mas ela fez suas escolhas, e todas as acusações que lhe fizeram foram retiradas. Você é uma mulher livre agora. Mais do que isso. Uma heroína. Abe está se gabando de tudo que fez. — Isso trouxe de volta o meu sorriso.

— É claro que ele está. Eu provavelmente vou receber uma conta dele em breve. — Me senti tonta com alegria e espanto. Uma mulher livre.

Dimitri sorriu, e eu desejei ficar assim para sempre, somente nós dois, doce e sem defesas. Bem — talvez não exatamente assim. Podia ser sem a dor e as bandagens que eu sentia em meu peito. Ele e eu tínhamos tão poucos momentos juntos, momentos que nós podíamos realmente relaxar e admitir estarmos apaixonados abertamente. As coisas só começaram a se acertar entre nós no final... e foi quase tarde demais. Ainda podia ser.

— Então e agora? — eu perguntei.

— Não tenho certeza — ele encostou sua bochecha em minha testa. — Eu estou apenas tão feliz... tão feliz que você esteja viva. Eu tenho estado tão perto de perder você tantas vezes. Quando eu te vi no chão, e lá havia tanto tumulto e confusão... eu me senti

desamparado. Eu percebi que você estava certa. Nós desperdiçamos nossas vidas com culpa e aversão por nós mesmos. Quando você me olhou lá no final... eu vi. Que você realmente me ama.

— Você duvidava? — eu quis dizer de brincadeira, mas elas saíram como se me sentisse ofendida. Talvez eu estivesse, um pouco. Eu disse que o amava muitas vezes.

— Não, eu digo, eu percebi que você não só me amava. Eu compreendi que você tinha me perdoado.

— Não havia nada a perdoar, não realmente. — Eu tinha dito isso para ele também.

— Eu sempre acreditei que havia. — Ele foi para trás e olhou para mim de novo. — E era isso que estava me impedindo. Não importa o que você disse, eu não conseguia acreditar... não conseguia acreditar que você tivesse perdoado todas as coisas que fiz a você na Sibéria e depois que a Lissa me trouxe de volta. Eu pensei que você estivesse se iludindo.

— Bom. Não seria a primeira vez que eu faria isso. Mas não, desta vez eu não estava.

— Eu sei, a com essa revelação... naquela fração de segundo que eu percebi que você tinha me perdoado e que eu realmente tinha seu amor, eu finalmente fui capaz de me perdoar também. Todos aqueles encargos, aqueles laços com o passado... eles sumiram. Foi como...

— Estar livre? Voando?

— Sim. Exceto... isso veio tarde demais. Parece loucura, mas enquanto eu estava olhando para você, tendo todos esses pensamentos juntos na minha cabeça, foi como... como se eu pudesse ver a mão da morte vindo por você. E não havia nada que eu pudesse fazer. Eu estava impotente. Não podia ajudar.

— Você ajudou, — eu disse para ele. — As últimas pessoas que eu vi antes de apagar foram você e Lissa. — Bem, tirando os rostos esqueléticos, mas mencionar isso teria matado o momento romântico. — Eu não sei como eu sobrevivi ao tiro, como eu

sobrepus as probabilidades... mas tenho quase certeza que seu amor — dos dois — me deram força para lutar. Eu precisava voltar para vocês. Só Deus sabe em quantos problemas você se meteriam sem mim.

Dimitri não tinha resposta e em vez disso me respondeu trazendo sua boca para a minha. Nos beijamos, devagar no começo, e a doçura do momento sobrepôs qualquer dor que eu sentia. A intensidade do beijo tinha acabado de aumentar quando ele saiu fora.

— Hey, por que isso? — Perguntei.

— Você ainda esta se recuperando, — ele repreendeu. — Você pode achar que está normal, mas não está.

— Isso é normal para mim. E você sabe, eu achei que com todas essas coisas de liberdade e auto-descobrimto e expressão do nosso amor nós podíamos finalmente parar com a sabedoria master Zen e porcaria de conselhos práticos.

Isso me proporcionou um sorriso.

— Roza, isso não vai acontecer. É pegar ou largar.

Eu dei um beijo em seus lábios. — Se isso significa ficar com você, eu pego. — Eu queria o beijar de novo e provar quem realmente tinha o maior auto-controle, mas essa coisa maldita trouxe a realidade á tona.

— Dimitri... sério, o que acontece conosco?

— Vida, — ele disse facilmente. — Ela continua. Nós vamos em frente. Somos guardiões. Nós protegemos e talvez mudamos nosso mundo.

— Sem pressão, — eu comentei. — Mas qual é a parte do-nós-e-guardiões? Tinha praticamente certeza de que estávamos fora do caminho dessa carreira.

— Mmm. — Ele colocou as mãos em meu rosto, como se fosse me beijar de novo. Eu esperava que sim. — Junto com nossos perdões, não recebemos nosso estatus de Guardiã de volta.

— Até você? Eles acreditam que você não é um Strigoi? —
Exclamei.

Ele acenou.

— Hum hum. Mesmo que eu tenha limpado meu nome, meu futuro ideal é aquele que nós conseguimos um trabalho perto um do outro.

Dimitri veio para mais perto de mim, seus olhos brilhando com um segredo. — Fica ainda melhor: você é a Guardiã de Lissa.

— O que? — quase cai para trás. — Isso é impossível. Eles nunca...

— Eles fizeram. Ela terá outros, então eles provavelmente acharam que deixar você com outros iria te deixar na linha, — ele brincou.

— Você não... — Um caroço se formou no meu estomago, um lembrete de um problema que tem nos atormentado há um tempo. — Você não é um dos guardiões dela, é? — isso tem sido uma preocupação constante, um conflito de interesses. Eu queria ele perto de mim. Sempre. Mas como poderíamos cuidar de Lissa e colocar a segurança dela primeiro se estivéssemos preocupados um com o outro? O passado estava voltando para nos atormentar.

— Não, eu tive uma outra designação.

— Oh, — por alguma razão, isso me deixou um pouco triste também, mesmo eu sabendo que era a escolha mais esperta.

— Eu sou o Guardiã de Christian.

Desta vez eu realmente me sentei, ordens do doutor ou não. Os pontos puxaram no meu peito, mas eu ignorei o forte desconforto. — Mas isso... isso é praticamente a mesma coisa!

Dimitri sentou também parecendo estar gostando do meu choque, o que é realmente cruel, vendo como eu quase morri e tudo mais.

— Um pouco. Mas não estarão juntos a todo momento, especialmente com ela indo para Lehigh. Ele não vai... mas eles

continuarão se vendo. E quando eles se verem, nós também nos veremos. É uma boa mistura. Além disso... — ele ficou sério de novo. — E acho que você provou para todo mundo que você está disposta a colocar a vida dela em primeiro.

Eu balancei minha cabeça.

— Yeah, mas ninguém estava atirando em você. Só nela. — Eu disse isso despreocupadamente: mas me fez pensar: o que eu faria se os dois estivessem em encrenca? Confie nele, uma voz em minha cabeça me disse. Confie que ele tomará conta dele mesmo. Ele fará o mesmo por você. Eu olhei Dimitri, recordando de uma sombra lá no Salão de Baile. — Você me seguiu quando eu pulei na frente da Lissa, não seguiu? Por quem você estava indo? Eu ou ela?

Ele me estudou por vários longos segundos. Ele podia ter mentido. Ele poderia ter dado a resposta fácil que seria que ele pretendia tirar nós duas do caminho — como se isso fosse possível, o que eu não achava. Mas Dimitri não mentiu. — Eu não sei, Roza. Eu não sei.

Eu suspirei. — Isso não vai ser fácil.

— Nunca é, — disse ele, puxando-me em seus braços. Debrucei-me contra seu peito e fechei os olhos. Não, não seria fácil, mas iria valer a pena. Enquanto estivéssimos juntos, ele valeria a pena. Nos sentamo, por um longo tempo, até que uma batida discreta na porta semi-aberta nos separou.

Lissa estava na porta.

— Desculpe, — disse ela, com o rosto brilhando de alegria quando me viu. — Deveria ter colocado uma meia na porta. Não percebi que as coisas estavam ficando quentes e pesadas.

— Não se engane, — eu disse levemente, apertando a mão de Dimitri. — As coisas estão sempre quentes com ele por perto. — Dimitri olhou escandalizado. Ele nunca se deteve quando estávamos juntos na cama, mas sua natureza privada não iria deixá-lo dar uma sugestão sobre esses assuntos para os outros. Foi mau, mas eu ri e

beijei sua bochecha. — Ah, isso vai ser divertido, — eu disse. — Agora que todos sabem.

— Sim, — ele disse. — Eu consegui um olhar muito divertido de seu pai no outro dia. — Ele deu uma rápida olhada para Lissa, e entendeu, em seguida, levantou-se. Inclinando-se para baixo, ele beijou o topo da minha cabeça. — Eu deveria ir e deixar vocês duas conversando.

— Você voltará logo? — perguntei quando ele se encaminhou para a porta. Ele parou e sorriu para mim, e aqueles olhos escuros responderam às minhas perguntas e muito mais.

— Claro que sim.

Lissa tomou seu lugar, sentado na beira da cama. Ela me abraçou cuidadosamente, sem dúvida, preocupada com a minha lesão. Em seguida, ela me repreendeu por estar sentada, mas eu não me importei. A felicidade me percorreu. Eu estava tão feliz que ela estava bem, tão aliviada, e... E eu não tinha ideia de como ela se sentia. O vínculo havia desaparecido. E não como durante a fuga da cadeia, quando ela colocou uma parede. Simplesmente não havia nada ali, entre nós. Eu estava comigo mesma, completamente e totalmente sozinha, como eu estive há anos atrás. Meus olhos se arregalaram, e ela riu.

— Gostaria de saber quando você percebeu, — disse ela.

— Como... Como isso é possível?

Eu estava congelada e paralisada. O vínculo. O vínculo havia desaparecido. Eu senti como se meu braço houvesse sido amputado.

— E como você sabe?

Ela franziu o cenho. — Parte disso é instinto... Mas, Adrian viu. Que as nossas auras não estão mais conectadas.

— Mas como? Como isso pôde acontecer? — Eu soava louca e desesperada. O vínculo não poderia ter ido embora. Não poderia.

— Eu não estou totalmente certa, — ela admitiu, sua carranca se aprofundando. — Eu conversei muito sobre isso com Sonya e, hum,

Adrian. Achamos que quando eu trouxe você de volta pela primeira vez, era apenas espírito que a afastava da terra dos mortos e que a manteve presa a mim. Desta vez... você quase morreu de novo. Ou talvez você morreu por um momento. Só que, você e seu corpo lutaram o caminho de volta. Foi você quem saiu, sem nenhuma ajuda do espírito. E uma vez que isso aconteceu...

Ela encolheu os ombros. — Como eu disse, são apenas especulações. Mas Sonya pensa que uma vez que você voltou com sua própria força, que você não precisou de qualquer ajuda para ser puxada de volta da morte. Você fez isso do seu próprio jeito. E quando você se libertou do espírito, você se libertou de mim. Você não precisou mais de uma ligação para mantê-la com os vivos. — Isso era uma loucura. Impossível.

— Mas se... Se você está dizendo que eu escapei da terra dos mortos, Eu não sou, como imortal, nem nada, sou?

Lissa riu de novo.

— Não, estamos certos disso. Sonya explicou, dizendo que qualquer coisa viva pode morrer, e enquanto você tiver uma aura, você está viva. Strigoi são imortais, mas não vivos, por isso eles não têm auras e...

O mundo girou. — Vou levar em conta seu conselho. Eu acho que talvez eu precise me deitar.

— Isso é provavelmente uma boa ideia. — Eu gentilmente me ajeitei na cama. Desesperadamente precisando de distração do que eu tinha aprendido, porque ainda era muito surreal, ainda era impossível processar — Olhei ao meu redor. O quarto exuberante era maior do que eu pensava anteriormente. E continuava crescendo, se ramificando em outras salas. Era uma suíte. Talvez um apartamento. Eu poderia apenas dispor de uma sala com mobiliário de couro e um apartamento com Tv de tela plana.

— Onde é que estamos?

— No abrigo do palácio, — respondeu ela.

— No palácio? Como viemos parar aqui?

— Como você acha? — perguntou ela secamente.

— Eu... — Eu não conseguia falar por um momento. Eu não precisava de nenhuma ligação para perceber o que tinha acontecido. Outra impossibilidade havia ocorrido enquanto eu estive fora. — Merda. Eles fizeram a eleição, não é? Eles te elegeram a rainha, uma vez que Jill estava lá para substituir sua família.

Ela balançou a cabeça e quase riu.

— Minha reação foi um pouco mais forte do que merda, Rose. Você tem alguma ideia do que você fez? — Ela olhou ansiosa, estressada e totalmente sobrecarregada. Eu queria ser séria e reconfortante por causa dela... mas eu podia sentir um pateta sorriso se espalhando sobre o meu rosto. Ela gemeu.

— Você está feliz.

— Liss, você foi feita para isso! É melhor do que qualquer dos outros candidatos.

— Rose! — Ela chorou. — Concorrer para ser a rainha era suposto ser uma diversão. Eu tenho apenas dezoito anos.

— Como tinha Alexandra. — Lissa balançou a cabeça em desespero.

— Estou tão farta de ouvir falar dela! Ela viveu há séculos atrás, você sabe. Acho que as pessoas morriam quando eles tinham trinta naquela época. Então, ela era praticamente de meia-idade. — Eu peguei a mão dela.

— Você vai ser grande. Não importa quantos anos você tenha. E não é que você tenha que convocar as sessões e analisar todos os livros de direito em seu próprio país, você sabe. Quero dizer, eu não estou certa se você vai fazer nada disso, mas há outras pessoas inteligentes. Ariana Szelsky não fez o último teste, mas você sabe que ela vai ajudar se você pedir para ela. Ela é ainda do Conselho, e há outros que você pode confiar. Nós só temos que encontrá-los. Eu acredito em você.

Lissa suspirou e olhou para baixo, seu cabelo pendurado em frente como uma cortina.

— Eu sei. E parte de mim está animada, em como isso vai restaurar a honra da minha família. Eu acho que isso é o que está me salvando de um colapso total. Eu não queria ser rainha, mas se tenho que ser... então eu vou fazer isso direito. Sinto-me como... como se eu tivesse o mundo na ponta dos dedos, como se pudesse fazer isso muito bem. Mas estou com tanto medo de bagunçar tudo.

Ela olhou bruscamente.

— E eu não estou desistindo do resto da minha vida também. Acho que vou ser a primeira rainha na faculdade.

— Legal, — eu disse. — Você pode IM com o Conselho do campus. Talvez você possa mandar as pessoas fazerem seu dever de casa. — Ela aparentemente não achou que a piada era tão engraçada como eu achei.

— Voltando à minha família. Rose... quanto tempo você sabia sobre Jill? — Maldição. Eu sabia que esta parte da conversa acabaria por vir. Desviei os meus olhos.

— Não é assim tanto tempo. Nós não queríamos estressar você até saber se era real, — eu acrescentei apressadamente.

— Eu não posso acreditar... — Sacudiu a cabeça. — Eu só não posso acreditar.

Eu tive que ir pelo seu tom, não pelo vínculo. Era tão estranho, como perder um dos meus sentidos fundamentais. Vista. Audição. — Você está chateado?

— É claro que eu estou! Como você pode estar surpreendida?

— Achei que você ficaria feliz...

— Feliz por saber que meu pai traiu a minha mãe? Feliz por ter uma irmã que eu mal conheço? Eu tentei falar com ela, mas... — Lissa suspirou novamente. — Foi tão estranho. Quase mais estranho do que de repente ser rainha. Eu não sei o que fazer. Eu não sei o

que pensar do meu pai. E eu com certeza não sei o que fazer com ela.

— Ame ambos, — eu disse suavemente. — Eles são a sua família. Jill é ótima, você sabe. Tente conhecê-la. Se anime.

— Eu não sei se posso. Eu acho que você é mais uma irmã para mim do que ela jamais vai ser. — Lissa olhou para o nada. — E de todas as pessoas... Eu estava convencida por tanto tempo que algo estava acontecendo entre ela e Christian.

— Bem, de todas as preocupações em seu mundo, isso é que você pode deixar de se preocupar porque não é verdade. — Mas, dentro de seu comentário tinha algo escuro e triste.

— Como está Christian?

Ela se virou para mim, os olhos cheios de dor. — Ele está tendo um tempo ruim. Eu também estou. Ele a visita. Tasha. Ele odeia o que ela fez, mas... mesmo assim, ela é ainda a sua família. Dói, mas ele tenta esconder isso. Você sabe como ele é.

— Yeah. — Christian passou boa parte de sua vida mascarando sentimentos obscuros com ironia e sarcasmo. Ele era um profissional em enganar os outros sobre como ele realmente se sentia.

— Eu sei que ficará melhor com o tempo... Eu só espero que eu possa estar lá para ele e isso baste. Muita coisa está acontecendo. Faculdade, ser rainha... e sempre, sempre, há espírito lá, me pressionando para baixo. Me sufocando.

Alarme passou por mim. E pânico. Pânico sobre algo muito pior do que não saber o que Lissa estava sentindo ou onde ela estava. Espírito. Eu tinha medo de espírito e o fato de que eu não poderia lutar por ela. — A escuridão... Eu não consigo absorver mais. O que vamos fazer? — Um sorriso torcido cruzou seus lábios.

— Quer dizer, o que vou fazer. Isso é problema meu agora, Rose. Como sempre deveria ter sido.

— Mas, não... você não pode. St. Vladimir...

— Não comigo. E você pode me proteger de algumas coisas, mas não de todas.

Eu balancei minha cabeça. — Não, não. Eu não posso deixar você sozinha encarar espírito.

— Eu não estou exatamente sozinha. Eu conversei com Sonya. Ela é realmente boa em feitiços de cura e pensa que há uma maneira de me manter em equilíbrio.

— Oksana disse a mesma coisa, — lembrei-me, sentindo-se pouco sossegada.

— E... há sempre os antidepressivos. Eu não gosto deles, mas eu sou a rainha agora. Eu tenho responsabilidades. Vou fazer o que for preciso. A rainha desiste de tudo, certo?

— Eu acho. — Eu não poderia deixar de sentir medo. Inútil. — Eu estou tão preocupada com você, e eu não sei como ajudá-la mais.

— Eu lhe disse: você não precisa. Eu vou proteger minha mente. Seu emprego é proteger meu corpo, certo? E Dimitri estará por perto também. Tudo vai ficar bem.

A conversa com o Dimitri voltou para mim. Com quem você irá? Comigo ou com ela? Eu dei-lhe o melhor sorriso que pude.

— Yeah. Tudo ficará bem. — Sua mão apertou a minha. — Estou tão feliz por você está de volta, Rose. Você sempre será parte de mim, não importa como. E honestamente... Estou feliz que você não pode mais ver a minha vida sexual.

— Isso faz nós duas feliz. — Eu ri. Nenhum vínculo. Nenhum acessório mágico. Isso ia ser tão estranho, mas realmente... eu precisaria dele? Na vida real, as pessoas formam laços de outra natureza. Laços de amor e lealdade. Poderíamos passar por isso. — Eu sempre estarei lá por você, você sabe. Qualquer coisa que você precisar.

— Eu sei, — ela disse. — E, na verdade... Eu preciso de você para alguma coisa agora...

— Diga o que, — eu disse. E ela disse.

TRINTA E CINCO

Eu desejei que Lissa — precisasse — de mim para ir tirar um exército de Strigoi. Eu teria me sentido mais à vontade com isso do que o que ela precisava fazer agora: encontrar-se com Jill para discutir a coroação. Lissa me queria lá para apoio, como uma espécie de intermediário. Eu não era capaz de andar muito bem ainda, por isso esperamos um dia. Lissa parecia feliz com a demora.

Jill estava esperando por nós em uma pequena sala que eu nunca esperava ver novamente: a sala, onde Tatiana me havia repreendido por andar com Adrian. Tinha sido uma experiência muito estranha, no momento, já que Adrian e eu não estávamos efectivamente envolvidos na época. Agora, depois de tudo o que tinha ocorrido entre ele e eu, apenas senti... estranho. Confuso. Eu ainda não sabia o que tinha acontecido com ele desde a prisão de Tasha. Andar ali, também me senti terrivelmente... sozinha.

Não, não sozinha. Desinformada. Vulnerável.

Jill estava sentada numa cadeira, com as mãos cruzadas sobre o colo. Ela olhava para a frente com um rosto ilegível. Ao meu lado, as características da própria Lissa eram igualmente brancas. Ela sentiu... bem, essa era a coisa. Eu não sei. Eu não sei. Quer dizer, eu poderia dizer que ela estava desconfortável, mas não houve pensamentos na minha cabeça a apontar-me para fora. Eu tinha detalhes. Novamente, eu me lembrei que o resto do mundo funcionava assim. Você funcionava sozinha. Você fazia o melhor para administrar situações estranhas, sem a visão mágica de uma outra pessoa.

Eu nunca me tinha apercebido como eu tinha admitido tomar muito o pensamento de apenas uma outra pessoa. A única coisa que eu tinha a certeza era que ambas, Lissa e Jill, estavam assustadas com a outra — mas não por mim. Foi por isso que eu estava aqui.

— Hey, Jill, — eu disse, sorrindo. — Como você está? — Ela bateu fora qualquer pensamento que estava a ocupá-la e saltou da cadeira. Eu pensei que aquilo era estranho, mas depois fez sentido. Lissa. Você se levanta quando a rainha entra num quarto.

— Tudo bem, — disse Lissa, tropeçando nas suas palavras um pouco. — Sente-se.

Ela se sentou em frente de Jill. Na maior cadeira na sala — a cadeira que Tatiana sempre se sentava. Jill hesitou um instante, depois mudou o seu olhar de volta para mim. Devo ter algum incentivo, porque ela voltou para a sua cadeira. Eu me sentei numa ao lado da Lissa, encolhendo-me com uma pequena dor apertada no peito. Preocupação por mim, momentaneamente distrair Jill de Lissa.

— Como você está se sentindo? Você está bem? Deve mesmo estar fora da cama? — A brincadeira divagou naturalmente. Eu fiquei contente de ver isso novamente.

— Bem, — eu menti. — Como nova.

— Eu estava preocupada. Quando eu vi o que aconteceu...Quer dizer, havia muito sangue e muita loucura e ninguém sabia se você ia sobreviver... — Jill franziu o cenho. — Eu não sei. Foi tudo muito assustador. Estou tão feliz por você estar bem.

Eu sorri, na esperança de tranquilizá-la. O silêncio caiu em seguida. A sala ficou tensa. Em situações políticas, Lissa era o perito, sempre capaz de suavizar tudo com as palavras certas. Eu era a única que falava em situações desconfortáveis, dizendo as coisas que chocavam os outros. As coisas que ninguém queria ouvir. Esta situação parecia que exigia a sua diplomacia, mas eu sabia que sobrou para mim assumir o comando.

— Jill, — eu disse — nós queríamos saber se você estaria disposta a, bem, fazer parte na cerimônia de coroação.

Os olhos de Jill agitaram-se brevemente para Lissa — ainda face-de-pedra — e de volta para mim de seguida.

— O que significa exactamente — fazer parte — ? O que eu teria de fazer?

— Nada difícil, — eu assegurei-lhe. — São apenas algumas formalidades que normalmente são feitos por membros da família. Coisas cerimoniais. Como você fez com a votação. — Eu não tinha presenciado isso, mas Jill tinha, aparentemente, apenas que ficar ao lado de Lissa para mostrar a força da família. Uma coisa tão pequena que girava em torno da lei. — Basicamente, é sobre estar em exibição e colocar uma boa cara.

— Bem, — pensou Jill, — Eu tenho estado a fazer isso há mais de semana.

— Eu tenho estado a fazer isso a minha vida toda, — disse Lissa. Jill olhou assustada. Mais uma vez, me senti perdida, sem o vínculo. O tom de Lissa não fazia um sentido claro. Foi um desafio para Jill — que a menina não havia enfrentado isto quase como Lissa? Ou era suposto ser simpática para a Jill por falta de experiência?

— Você vai... você vai se acostumar com isso, — eu disse. — Com o tempo. — Jill balançou a cabeça, com um pequeno sorriso e amargo no rosto.

— Eu não sei sobre isso.

— Nem eu. Eu não estava certa quanto ao tipo de situação do tratado ela iria cair. Minha mente percorreu rapidamente uma lista com mais sentido, que tipo de coisas que eu poderia dizer, mas Lissa finalmente assumiu.

— Eu sei como isso é estranho, — disse ela. Sua determinação encontrou os olhos verdes de Jill — a única característica comum nas irmãs, eu percebi. Jill tinha traços de uma futura Emily. Lissa carregava uma mistura de traços de seus pais.

— Isso é estranho para mim também. Eu não sei o que fazer.

— O que você quer? — Jill perguntou calmamente. Eu ouvi a verdadeira questão. Jill queria saber se Lissa a queria. Lissa tinha sido devastada pela morte de seu irmão... mas um irmão ilegítimo surpresa, não era nenhum substituto para André. Tentei imaginar o que seria estar em qualquer lugar de garotas. Eu tentei e falhei.

— Eu não sei, — admitiu Lissa. — Eu não sei o que quero.

Jill concordou com a cabeça, deixando cair seu olhar, mas não antes de eu vislumbrar a emoção tocar em seu rosto. Decepção — ainda, Lissa não havia dito totalmente uma resposta inesperada. Jill perguntou a próxima melhor coisa.

— Você quer... você quer que eu esteja nas cerimônias?

A pergunta pairava no ar. Era uma boa. Foi a razão pela qual nós tínhamos vindo aqui, mas Lissa realmente queria isso? Estudando-a, eu ainda não tinha a certeza. Eu não sabia se ela estava apenas seguindo o protocolo, tentando fazer Jill a desempenhar um papel esperado entre a realeza. Neste caso, havia leis que diziam que Jill tinha de fazer nada. Ela simplesmente tinha que existir.

— Sim, — Lissa disse finalmente. Ouvi dizer a verdade em suas palavras, e algo dentro de mim iluminou. Lissa não queria Jill só para a parada da imagem. Uma parte de Lissa queria Jill em sua vida — mas, dirigir isso seria difícil. Ainda assim, foi um começo, e Jill pareceu reconhecer isso.

— Ok, — ela disse. — Apenas me diga o que eu preciso fazer. — Ocorreu-me que a juventude de Jill e o nervosismo eram enganosos. Houve faíscas de bravura e coragem dentro dela, faíscas que eu tinha certeza que iriam crescer. Ela realmente era uma Dragomir. Lissa parecia aliviada, mas eu acho que foi porque fez derramar um pequeno passo de progresso com a irmã. Não tinha nada a ver com a coroação.

— Alguém vai explicar tudo. Eu não estou realmente certa do que você faz, para ser honesta. Mas Rose está certa. Isto costuma ser difícil.

Jill simplesmente assentiu.

— Obrigada, — disse Lissa. Ela se levantou e ambas, Jill e eu, levantamo-nos com ela.

— Eu...Eu realmente aprecio isso. — A estranheza voltou quando nós as três ficamos ali. Teria sido um bom momento para as irmãs se abraçarem, mas mesmo ambas pareciam satisfeitas com o progresso, nem estavam preparadas para isso. Quando Lissa olhou

para Jill, ela ainda via seu pai com outra mulher. Quando Jill olhou para Lissa, ela viu sua vida completamente de cabeça para baixo — a vida uma vez tímida e privada, agora exposta para o mundo para se embasbacar. Eu não podia mudar seu destino, mas abraçar eu poderia fazer. Desatenta dos meus pontos, eu coloquei meus braços em torno da jovem.

— Obrigada, — eu disse, repetindo Lissa. — Isto vai correr bem. Você verá. — Jill concordou com a cabeça mais uma vez, e sem mais para discutir, Lissa e eu, nos movemos para a porta. A voz de Jill nos trouxe a um impasse.

— Hey...o que acontecerá depois da coroação? A mim? A nós? — Olhei para Lissa. Outra boa pergunta. Lissa se virou para Jill, mas ainda sem fazer contacto visual directo.

— Bem...nós vamos nos conhecer uma á outra. As coisas irão ficar melhor. — O sorriso que apareceu no rosto de Jill era genuíno — pequeno, mas verdadeiro.

— Ok, — ela disse. Havia esperança em seu sorriso também. Esperança e alívio. — Eu vou gostar.

Quanto a mim, eu tinha que esconder uma careta. Eu aparentemente podia funcionar sem o vínculo, porque eu poderia dizer, com absoluta confiança, que Lissa não estava exactamente a dizer toda a verdade.

O que ela não queria dizer a Jill?

Lissa queria que as coisas ficassem melhores, eu estava certa, mesmo se ela não estivesse certa como. Mas havia algo....algo pequeno que Lissa não queria revelar a qualquer um de nós, algo que me fez achar que Lissa não acreditava que as coisas realmente iriam melhorar.

Do nada, um eco estranho de Victor Dashkov tocou em minha mente sobre Jill. Se ela tem algum sentido, Vasilisa irá enviá-la para distante.

Eu não sei porque me lembrei, mas enviou um frio através de mim. As irmãs foram ambas reunindo sorrisos, e eu fiz às pressas,

bem como, não querendo nem saber de minhas preocupações.

Lissa e eu saímos, depois disso, voltando para o meu quarto. Meu passeio pouco tinha sido mais cansativo do que eu esperava, e tanto quanto eu odiava admitir, eu não poderia esperar para me deitar novamente. Quando chegamos ao meu quarto, eu ainda não havia decidido se eu deveria perguntar a Lissa sobre Jill ou esperar para obter a opinião de Dimitri. A decisão foi tirada de mim quando nós encontramos um visitante inesperado á espera: Adrian. Ele sentou na minha cama, cabeça inclinada para trás como se estivesse completamente consumido pelo estudo do teto. Eu o conhecia bem. Ele tinha sabido no instante em que nos aproximamos — ou, pelo menos quando Lissa se aproximou. Paramos na porta, e ele finalmente se virou para nós. Ele parecia que não havia dormido há algum tempo. Sombras escuras penduravam sob seus olhos, e seu rosto bonito era temperado com linhas de fadiga. Se era a fadiga mental ou física, eu não poderia dizer. No entanto, seu sorriso preguiçoso foi o mesmo de sempre.

— Sua Majestade, — ele disse solenemente.

— Para — zombou Lissa. — Você deve saber bem.

— Eu nunca sei bem, — ele respondeu. — Você deve saber disso.

Eu vi Lissa começar a sorrir, então ela olhou para mim e ficou séria, percebendo que este não era o tempo vamos-nos-divertir-com-Adrian.

— Bem, — ela disse, inquieta, não parecendo muito uma rainha. — Eu tenho algumas coisas para fazer. — Ela estava fugindo, eu percebi. Eu tinha ido com ela para um bate-papo com sua família, mas ela ia me abandonar agora. Ainda bem, no entanto. Esta conversa com Adrian tinha sido inevitável, e eu trouxe-a para mim mesma. Eu tinha que terminar isso por mim própria, assim como eu disse a Dimitri.

— Tenho certeza que tem, — eu disse. O rosto dela ficou hesitante, como se ela de repente estava reconsiderando. Sentia-se

culpada. Ela estava preocupada comigo e queria ficar. Eu toquei levemente seu braço.

— Tudo bem, Liss. Vai ficar tudo bem. Vai. — Ela apertou minha mão em troca, os olhos dela me desejando boa sorte. Ela disse adeus a Adrian e saiu, fechando a porta atrás dela. Era só ele e eu agora. Ele ficou na minha cama, me olhando com cuidado. Ele ainda usava o sorriso que tinha dado a Lissa, como se isto não fosse grande coisa. Eu sabia outra forma e não fiz nenhuma tentativa de esconder meus sentimentos. Ficar parada me cansou, então eu me sentei em uma cadeira próxima, nervosa querendo saber o que dizer.

— Adrian...

— Vamos começar com isto, pequena damphir, — ele disse cordialmente. — Estava indo antes de você deixar a Corte? — Levei um momento para seguir o formato de conversa abrupta de Adrian. Ele estava perguntando se Dimitri e eu tínhamos ficado juntos antes da minha prisão. Eu balancei minha cabeça lentamente.

— Não. Eu estava com você. Só você. — Verdade, eu tinha tido uma confusão de emoções, mas as minhas intenções foram firmes.

— Bem. Já é alguma coisa, — disse ele. Alguns de seus prazeres estavam a começar a cair. Eu o senti, então, cada vez mais fraco: álcool e fumo. — Melhor algum reacender de faíscas no calor da batalha ou missão ou qualquer trapaça na minha frente. — Eu balancei minha cabeça mais urgente agora.

— Não, eu juro. Eu não — nada aconteceu depois... não antes

— Eu hesitei sobre a forma como dizer as próximas palavras. — Mais tarde?

Ele adivinhou. — O que faz tudo bem?

— Não! Claro que não. Eu... — Maldição. Eu estraguei tudo. Só porque eu não tinha traído Adrian na Corte não queria dizer que eu não o tinha traído mais tarde. Você pode fazer uma frase, contudo que você queria, mas vamos enfrentar isto: dormir com outro cara no quarto do hotel era muito bem trair se você tivesse um namorado. Não importava se o cara era o amor da sua vida ou não.

— Desculpa, — eu disse. Foi a coisa mais simples e mais adequada que eu poderia dizer. — Desculpa. O que eu fiz foi errado. Eu não queria que isto acontecesse. Eu pensava... Eu realmente pensei que ele e eu estávamos acabados. Eu estava com você. Eu queria estar com você. E então, percebi que...

— Não, não, pára. — Adrian levantou a mão, a sua voz era firme agora, com sua fachada legal a continuar a desmoronar. — Eu realmente não quero ouvir sobre a grande revelação sobre como vocês foram sempre feitos para estarem juntos ou o que quer que fosse. — Eu permaneci em silêncio porque, bem, isso tipo tinha sido a minha revelação. Adrian passou a mão pelo cabelo.

— Realmente, a culpa é minha. Estava lá. Cem vezes lá. Quantas vezes eu vi isso? Eu sabia. Sempre acontecendo. Mais e mais, falando que você estava meio com ele... e mais e mais, eu acreditava que... não importava o que meus olhos me mostravam. Não importava o que meu coração me dizia. Minha. Falha.

Era um divagar pouco desequilibrado — não esse tipo de nervos da Jill, mas o tipo instável, que me deixou preocupada sobre como ele estava chegando perto do limite da insanidade. Uma aresta para que eu poderia muito bem, o estar empurrando. Eu queria ir até ele, mas tive o bom senso de ficar sentada. — Adrian, eu...

— EU TE AMEI! — Ele gritou. Ele pulou da cadeira com tanta rapidez que eu nunca vi isso chegar. — Eu amei você, e você me destruiu. Você tomou meu coração e rasgou-o. Você pode também ter-me estacado! — A mudança de suas características também me pegaram de surpresa. Sua voz encheu o quarto. Tanta dor, tanta raiva. Tão, ao contrário do habitual de Adrian. Ele chegou perto de mim, e bateu com a mão sobre o peito.

— Eu. Amei. Você. E você me usou o tempo todo.

— Não, não. Não é verdade. — Eu não estava com medo de Adrian, mas face a estas emoções, encontrei-me encolhendo. — Eu não estava usando você. Eu te amei. Eu ainda amo, mas... — Ele me olhou com nojo.

— Rose, vamos lá.

— Quero dizer isso! Eu te amo. — Agora eu me levantei, dor ou não, tentando olhar nos olhos dele. — Eu sempre amei, mas não foram... eu não acho que nós funcionamos como um casal.

— Isso é uma linha de separação de merda, e você sabe disso.

Ele tinha uma espécie de direito, mas eu lembrei-me de momentos com Dimitri... quão bem nós trabalhamos em sincronia, como ele sempre pareceu adivinhar exactamente o que eu sentia. Eu quis dizer o que disse: eu amei Adrian. Ele foi maravilhoso, apesar de todas as suas falhas. Porque, realmente, quem não tem falhas? Ele e eu nos divertimos juntos. Houve afecto, mas nós não combinávamos da mesma forma que Dimitri e eu estávamos. — Eu não... Eu não sou a tal para você, — eu disse fracamente.

— Porque você está com outro cara?

— Não, Adrian. Por causa... Eu não. Eu não sei. Eu não... — eu estava desajeitada, mal. Eu não sabia como explicar o que sentia, como você podia se preocupar com alguém e gostar de sair com ele, mas ainda não funcionar como um casal.

— Eu não balanço como você precisa.

— Que diabos isso significa? — Exclamou. Meu coração doeu por ele, e eu estava muito arrependida pelo que eu fiz... mas esta era a verdade de tudo.

— O facto de você ter perguntado isso diz tudo. Quando você encontrar aquela pessoa... você saberá. — Eu não acrescentei que, com a história que ele tinha, provavelmente teria uma série de falsos começos, antes de encontrar aquela pessoa. — E eu sei que isso soa como uma outra linha de separação de merda, mas eu realmente gostaria de ser sua amiga.

Ele olhou para mim por vários pesados segundos e depois riu, embora não havia lá muito humor nele.

— Você sabe o que é óptimo? Tua seriedade. Olhe para seu rosto. — Ele fez um gesto, como se eu realmente pudesse me

examinar. — Você realmente acha que isso é tão fácil, que eu possa sentar aqui e ver o seu final feliz. Que eu possa ver você conseguir tudo que você quer como você vive a sua vida encantada.

— Encantada! — A culpa e compaixão em conflito dentro de mim deu um chute pequeno de raiva. — Dificilmente. Você sabe o que eu tive de passar no ano passado? — Eu tinha visto Mason morrer, lutei no ataque de St.Vladimir, fui capturada por Strigoi na Rússia, e depois vivi a correr como uma assassina. Aquilo não soava como encantado.

— E ainda, você está aqui, triunfante depois de tudo isso. Você sobreviveu à morte e libertou-se do vínculo. Lissa é rainha. Você tem o cara e vive feliz para sempre.

Virei as costas para ele e afastei-me.

— Adrian, o que você quer que eu diga? Eu posso sempre pedir desculpas, mas não há nada mais que eu possa fazer aqui. Eu nunca quis te machucar, eu não posso dizer que é suficiente. Mas o resto? Você realmente espera que eu esteja triste com tudo o resto a dar para o torto? Devo desejar ser ainda acusada de assassinato?

— Não, — ele disse. — Eu não quero que você sofra. Muito. Mas a próxima vez que você estiver na cama com Belikov, pare um instante e lembre-se que nem todos fizeram tão bem como você. — Eu me virei para encará-lo.

— Adrian, eu nunca...

— Não só eu, pequena dhampir, — ele acrescentou calmamente. — Deve haver um monte de danos colaterais ao longo do caminho, enquanto você lutou contra o mundo. Eu era uma vítima, obviamente. Mas e quanto a Jill? O que acontece com ela agora que você a abandonou aos lobos reais? E Eddie? Você já pensou sobre ele? E onde está a sua Alquimista? — Cada palavra que ele atirou em mim foi uma seta, perfurando meu coração mais do que as balas tinham. O fato de ele ter referido Jill pelo seu nome em vez de Jailbait fez uma ferida extra. Eu já estava carregando muita culpa sobre ela, mas os outros... bem, eles eram um mistério. Eu tinha

ouvido boatos sobre o Eddie, mas não havia visto ele desde o meu retorno. Ele foi claro da morte de James — mas matar um Moroi, quando outros ainda pensavam que ele poderia ter sido trazido vivo — carregava um pesado estigma. A anterior insubordinação de Eddie, graças a mim, também ele foi condenado, mesmo se tudo tivesse sido para o bem maior. Como Rainha, Lissa só podia fazer muito. Os guardiões serviam Moroi, mas era habitual para os Moroi recuar e deixar os guardiões lidar com seu próprio povo. Eddie não estava sendo demitido ou preso... mas que atribuição lhe dariam? Difícil dizer.

Sydney... ela era um mistério ainda maior. Onde está a sua Alquimista? Os acontecimentos que o nosso grupo teve além de mim, estavam além do meu mundo. Lembrei-me de seu rosto que eu tinha visto pela última vez, de volta ao hotel — forte, mas triste. Eu sabia que ela e os outros alquimistas tinham sido liberados desde então, mas a sua expressão tinha dito que ela não estava fora de perigo ainda. E Victor Dashkov? Onde ele se encaixa? Eu não tinha certeza. Mau ou não, ele ainda era alguém que tinha sofrido com o resultado das minhas acções, e os acontecimentos que rodearam a sua morte iriam ficar comigo para sempre. Danos colaterais. Eu tinha derrubado um monte de gente comigo, intencionalmente ou não. Mas, como as palavras de Adrian continuavam a afundar em mim, uma delas de repente me deu uma pausa.

— Vítima, — eu disse devagar. — Isso é a diferença entre você e eu.

— Huh? — Ele tinha-me vigiado de perto, enquanto eu estava considerando o destino dos meus amigos e foi pego de surpresa agora. — Do que você está falando?

— Você disse que era uma vítima. É por isso... é por isso que, em última análise, eu e você não combinamos. Apesar de tudo isso foi o que aconteceu, eu nunca pensei em mim dessa forma. Ser vítima significa que você está impotente. Você não pega em nenhuma acção. Sempre... sempre eu tive de fazer alguma coisa para lutar por

mim... para os outros. Não importa o quê. — Eu nunca tinha visto tal ultraje na cara do Adrian.

— Isso é o que você pensa de mim? Que sou preguiçoso? Impotente?

Não exactamente. Mas eu tinha a sensação de que depois desta conversa, ele iria fugir para o conforto dos seus cigarros e álcool, e talvez independentemente da companhia do sexo feminino que ele poderia encontrar.

— Não, — eu disse. — Eu acho que você é incrível. Eu acho que você é forte. Mas eu não acho que você não percebeu — ou não aprendeu a usar nada disso. — E, eu queria acrescentar, que eu não era a pessoa que poderia inspirar isso nele.

— Isso, — ele disse, se movendo em direcção à porta, — era a última coisa que eu esperava. Você destrói minha vida e depois me alimenta de inspiração filosófica.

Eu me senti horrível, e foi um daqueles momentos em que eu não queria que minha boca apenas deixasse escapar a primeira coisa em minha mente. Eu tinha aprendido um monte de controle, mas não o bastante.

— Estou apenas dizendo a verdade. Você é melhor do que este... melhor do que seja o que for que você está indo fazer agora. — Adrian colocou a mão na maçaneta da porta e me deu um olhar triste.

— Rose, eu sou um viciado sem ética de trabalho, que provavelmente vai passar a insano. Eu não sou como você. Eu não sou um super-herói.

— Ainda não, — disse eu. Ele zombou, balançou a cabeça, e abriu a porta. Pouco antes de sair, ele se virou e me olhou. — O contrato está nulo e sem efeito, já agora. — Eu me senti como se eu tivesse levado um tapa na cara. E num desses raros momentos, Rose Hathaway foi rendida sem palavras. Eu não tinha um gracejo espirituoso, sem explicações elaboradas, e nenhum zen profundo. Adrian partiu, e eu me perguntava se eu o veria novamente

TRINTA E SEIS

Eu frequentemente sonhava que estava acordando com Dimitri, acordando de uma forma que era... maravilhosa. Doce. Não é porque estávamos às pressas tentando pegar no sono antes de lutar contra o nosso próximo inimigo. Não é porque estávamos nos recuperando do sexo que fizemos, um sexo carregado de bagagens e complicações inumeráveis. Eu só queria acordar junto, nos braços, e que esse seja um bom dia. Hoje foi aquele dia.

— Há quanto tempo você está acordado? — Perguntei sonolenta. Minha cabeça estava sobre seu peito, e eu estava enrolada nele da melhor forma que pude. Minhas feridas estão cicatrizando rapidamente, mas eu ainda tinha de ser mimada. Nós encontramos algumas soluções criativas na noite passada. A luz do sol agora entrava através das janelas, enchendo o meu quarto com ouro. Ele estava me observando, daquela sua forma silenciosa, com aqueles olhos escuros que eram tão fáceis de se perder.

— A pouco de tempo, — ele admitiu, levantando seu olhar para a janela repleta de sol. — Eu acho que ainda estou com uma programação humana. Ou isso, ou o meu corpo só quer estar de pé quando o sol também estiver. Vê-lo ainda é surpreendente para mim.

Eu segurei um bocejo. — Você deveria ter se levantado.

— Eu não queria incomodar você.

Corri meus dedos sobre seu peito, suspirando de contentamento.

— Esta é a perfeição, — eu disse. — E todo dia vai ser assim?

Dimitri descansou a mão no meu rosto e depois virou para baixo, levantando meu queixo.

— Não todos os dias, mas na maioria deles. — Nossos lábios se encontraram, o calor e a luz da sala empalideceram comparado com

o que queimou dentro de mim.

— Eu estava errada, eu murmurei quando nós finalmente quebramos o longo beijo. — Esta é a perfeição.

Ele sorriu, algo que ele estava fazendo muito ultimamente. Eu adorei. As coisas provavelmente mudariam assim que estivessemos de volta ao mundo. Mesmo que estivéssemos juntos agora, o lado Guardião de Dimitri estaria sempre lá, pronto e vigilante. Mas não agora. Não neste momento.

— Qual é o problema? — Ele me perguntou. No começo, percebi que ele começou a olhar sério. Tentei relaxar meu rosto. Do nada, as palavras de Adrian voltaram para mim, que a próxima vez que eu estivesse na cama com Dimitri, eu deveria pensar em outros que não estavam tão felizes.

— Você acha que arruino vidas? — Eu perguntei.

— O quê? Claro que não. — O sorriso mudou para choque. — De onde é que você tirou essa ideia?

Eu encolhi os ombros.

— Há apenas um monte de pessoas cujas vidas ainda estão em uma espécie de confusão. Meus amigos quero dizer.

— Na verdade, — ele disse. — E deixe-me adivinhar. Você quer arrumar os problemas de todos. — Eu não respondi e Dimitri me beijou novamente. — Roza — disse ele, — É normal querer ajudar as pessoas que você ama. Mas você não pode consertar tudo.

— É o que eu faço, — eu falei, me sentindo um pouco petulante. — Eu protejo as pessoas.

— Eu sei, e isso é uma das razões que eu amo você. Mas, agora, você só tem que se preocupar sobre como proteger uma pessoa: Lissa.

Deitei-me contra ele, percebendo que meus ferimentos foram realmente melhorando constantemente. O meu corpo seria capaz de fazer todos os tipos de coisas em breve.

— Suponho que isso significa que não podemos ficar na cama o dia todo? — Perguntei esperançosa.

— Acho que não, — disse ele, correndo levemente as pontas dos dedos ao longo da curva do meu quadril. Ele não parecia se cansar nunca de estudar o meu corpo.

— Eles vêm em primeiro lugar. — Eu trouxe a minha boca na direção dele. — Mas não por pouco tempo.

— Não, — ele concordou. Sua mão deslizou até a parte de trás do meu pescoço, pendurada no meu cabelo enquanto ele me aproximou dele. — Não por pouco tempo.

Eu nunca tinha assistido a uma coroação real antes, e honestamente, eu esperava que nunca mais assistisse. Eu só queria que houvesse uma única votação para rainha em toda a minha vida. Misteriosamente, a coroação era uma espécie de oposto do funeral de Tatiana.

Qual era o velho ditado? A rainha está morta. Vida longa a rainha.

É costume o próximo monarca passar a primeira parte do dia de coroação na igreja, provavelmente para orar por orientação, força, e todas essas coisas espirituais. Eu não tinha certeza o que o costume fazia no caso dos monarcas ateus. Provavelmente eles fingiam.

Já Lissa, que era bastante devota, eu sabia que não era um problema e que ela provavelmente estava orando de verdade, ela vai fazer um bom trabalho como rainha. Após a vigília, Lissa e uma enorme procissão caminharam de volta através da Corte para o prédio do palácio, onde a coroação ocorreu.

Representantes de todas as famílias reais se juntaram a ela, junto com os músicos que tocavam músicas muito mais alegres do que tinham tocado para a procissão de Tatiana. Os Guardiões de Lissa, — ela tinha uma frota agora — andavam com ela. Eu estava entre eles, usando o meu melhor em preto e em branco, inclusive a gola vermelha me marcando como uma Guardiã Real. Aqui, pelo menos, havia uma diferença notável em relação ao funeral. Tatiana

estava morta, seus Guardiões foram para o show. Lissa estava muito viva, e mesmo que ela ganhou a votação do Conselho, ela ainda tinha inimigos. Meus colegas e eu estávamos em estado de alerta. Não que você pensaria que precisávamos estar, não com a forma como os espectadores aplaudiram. Todos aqueles que tinham acampado durante os testes e eleição haviam ficado para esta fanfarra, e ainda tinham aparecido mais.

Eu não estava certa se já houve tantos Moroi em um só lugar. Depois da caminhada longa e sinuosa que Lissa fez para o prédio do palácio, eles esperaram em uma pequena antecâmara adjacente ao que servia como a sala do trono Moroi. A sala do trono quase nunca era utilizada para os negócios modernos, mas de vez em quando, — como uma nova rainha tomando posse, — os Moroi gostavam de retirar as antigas tradições. O quarto era pequeno e não caberiam todas as testemunhas que estavam do lado de fora. Ele não conseguia se quer suportar a procissão inteira. Mas, o Conselho e a mais alta patente de membros da realeza estavam lá, juntamente com alguns seletos convidados de Lissa.

Eu fiquei fora, ao lado, observando o glamour ostentado. Lissa ainda não fez sua entrada triunfal, então havia um zumbido baixo de conversa. A sala estava toda verde e ouro, foi dada uma remodelada profunda e rápida nos últimos dias, o costume diz que as cores da família que governa dominam a sala do trono. O próprio trono sobre o alto contra a parede mais distante, acessível por degraus. Esculpido de madeira que eu não podia identificar, eu sabia que o trono havia sido carregado por todo o mundo pelos monarcas Moroi por séculos. As pessoas estavam se alinhando em posições cuidadosamente atribuídas, se preparando para quando Lissa entrasse.

Eu estava observando um dos novos lustres, admirando o quão real as — velas — pareciam. Eu sabia que elas eram elétricas, mas os artesãos tinham feito um trabalho incrível. Tecnologia misturada com a glória do velho mundo, do jeito que os Moroi gostam. Um pequeno empurrão chamou minha atenção.

— Bem, bem, bem, — eu disse. — Se não são as pessoas responsáveis por soltar Rose Hathaway no mundo. Vocês têm um bocado a explicar.

Meus pais diante de mim em suas roupas típicas e descontroladamente contrastantes. Minha mãe usava a mesma roupa de guardião que eu, uma camisa branca com calça preta e jaqueta. Abe foi... bem, Abe. Ele usava um conjunto preto de risca de giz, com uma camisa preta por baixo. Contrastando com a escuridão estava uma brilhante gravata amarelo-limão. Um lenço saía de um dos bolsos do paletó. Junto com seus brincos de ouro e correntes, ele também usava um chapéu preto, que era uma nova adição ao seu guarda-roupa estranho. Eu acho que ele queria ir com tudo para um evento como este, e pelo menos aquele não era um chapéu de pirata.

— Não nos culpe, — disse minha mãe. — Nós não explodimos metade da Corte, não roubamos uma dúzia de carros, não entregamos um assassino no meio de uma multidão, ou fizemos nossa amiga adolescente ser coroada rainha.

— Na verdade, — disse Abe, — eu fiz explodir metade da Corte.

Minha mãe ignorou-o, suavizando sua expressão quando ela me estudou com seus olhos de guardião. — Sério mesmo... Como você está se sentindo? — Eu só os vi rapidamente desde que eu melhorei, apenas o suficiente para vermos se todos estávamos bem. — Você está fazendo muita coisa de pé hoje. E eu já disse para o Hans não colocá-la na ativa por um tempo. — Foi uma das coisas mais maternais que eu já tinha ouvido ela dizer.

— Eu... Eu estou bem. Muito melhor. Eu poderia voltar à ativa agora mesmo.

— Você não vai fazer nada — ela disse, exatamente no tom que ela usava para dar ordens a um bando de guardiões.

— Pare de mimá-la, Janine.

— Eu não estou mimando ela! Eu estou cuidando dela. Você é que a está estragando.

Olhei para um e para outro com espanto. Eu não sabia se eu estava assistindo a uma luta ou as preliminares. Eu não estava animada com nenhuma dessas opções.

— Ok, ok, acalmem-se. Eu sobrevivi, certo? Isso é o que conta.

— É, — disse Abe. De repente, ele parecia muito paternal, o que me pareceu mais estranho do que o comportamento de minha mãe. — E, apesar dos danos materiais e a sequência de leis quebradas deixadas na sua fuga, estou orgulhoso de você. — Suspeitei que secretamente, ele estava orgulhoso de mim por causa dessas coisas. Meu comentário cínico interior foi levado a um impasse quando minha mãe concordou.

— Eu também estou muito orgulhosa. Seus métodos foram... não o ideal, mas você fez uma grande coisa. Grandes coisas, realmente. Encontrando tanto o assassino quanto Jill. — Eu notei o seu cuidado ao falar — assassino — Eu acho que ainda era difícil para todos nós, aceitar a verdade sobre a Tasha. — Muita coisa vai mudar por causa de Jill.

Todos nós olhamos para o trono. Ekaterina estava de um lado, com o livro dos votos Reais. O outro lado era onde estavam os membros da família da Monarquia, mas apenas uma pessoa solitária estava lá. Jill. Alguém tinha feito um grande trabalho de beleza nela. Os cabelos cacheados haviam sido presos com estilo, e ela usava um vestido na altura do joelho com um decote ombro a ombro. O corte do vestido valorizava sua figura esguia e o cetim verde escuro combinava bem com a cor de sua pele. Ela estava de pé, postura correta, queixo erguido, mas havia uma ansiedade nela, que se agravava obviamente por ela estar tão em um lugar de destaque e sozinha.

Olhei novamente para Abe, que encontrou meus olhos de expectativa. Eu tinha um monte de perguntas para ele, e ele era um dos poucos que podia me dizer a verdade. A questão era: qual pergunta a fazer? Era como ter um gênio. Era como se eu tivesse um gênio. Só que eu tinha muitos desejos.

— O que acontecerá com Jill? — perguntei por fim. — Será que ela vai simplesmente voltar para a escola? Eles irão treiná-la para ser uma princesa? — Lissa não poderia ser ao mesmo tempo princesa e rainha, então o seu antigo título iria para o próximo membro mais velho de sua família.

Abe não respondeu por um longo momento.

— Até que Lissa consiga mudar a lei — e esperamos, ela irá — Jill é tudo o que lhe permite manter seu trono. Se algo acontecer com Jill, Lissa não será mais rainha. Então, o que você faria?

— Eu iria mantê-la segura.

— Então você já tem sua resposta.

— Isso tem um sentido muito amplo, — eu disse. — Estar segura significa um monte de coisas.

— Ibrahim — avisou a minha mãe. — Já basta. Essa não é a hora ou lugar.

Abe me olhou por mais um tempo e, em seguida, abriu um sorriso fácil. — Claro, claro. Esta é uma reunião de família. Uma celebração. E olhe: aqui está o nosso mais novo membro.

Dimitri tinha se juntado a nós e se vestia de preto e branco como a minha mãe e eu. Ele ficou ao meu lado, obviamente sem me tocar.

— Sr. Mazur, — disse ele formalmente, acenando com a cabeça uma saudação para os dois. — Guardiã Hathaway. — Dimitri era sete anos mais velho que eu, mas nesse momento, de frente para os meus pais, parecia que ele tinha dezesseis anos e estava prestes a me buscar para um encontro.

— Ah, Belikov — disse Abe, apertando a mão de Dimitri. — Eu estava esperando que nós nos encontrássemos. Eu realmente gostaria de conhecê-lo melhor. Talvez possamos reservar algum tempo para conversar, saber mais sobre vida, amor, etc. Você gosta de caçar? Você parece um homem de caça. Isso é o que devemos fazer em algum momento. Eu conheço um ótimo local na floresta. Longe, muito longe. Nós poderíamos fazer isto algum dia. Eu

certamente tenho várias coisas a lhe perguntar e várias coisas que gostaria de lhe dizer também.

Eu lancei um olhar de pânico para minha mãe, em silêncio, pedindo-lhe para parar com aquilo. Abe passou um bom tempo conversando com Adrian quando nós saíamos, explicando em detalhes vívidos e terríveis exatamente como Abe esperava que sua filha fosse tratada. Eu não queria que Abe fosse sozinho com Dimitri para o deserto, especialmente se armas estivessem envolvidas.

— Na verdade — minha mãe disse casualmente, — eu gostaria de ir junto. Eu também tenho uma série de perguntas, especialmente sobre quando vocês dois voltaram para St. Vladimir.

— Vocês não têm algum lugar para ir? — perguntei rapidamente. — Nós já vamos começar.

Isso, pelo menos, era verdade. Quase todos estavam em formação, e a multidão foi acalmando.

— Claro —, disse Abe. Para meu espanto, deu um beijo na minha testa antes de sair. — Eu estou feliz que você está de volta. — E então, com uma piscada, ele disse para Dimitri: — Espero pelo nosso encontro.

— Corra —, eu disse quando eles foram embora. — Se você fugir agora, talvez eles não notem. Volte para a Sibéria.

— Na verdade, — disse Dimitri, — eu tenho certeza que Abe notaria. Não se preocupe, Roza. Eu não estou com medo. Eu aguento qualquer coisa se for para estar com você. Vale a pena.

— Você realmente é o homem mais corajoso que eu conheço — eu lhe disse.

Ele sorriu, seus olhos caindo em um pequeno tumulto na entrada do estacionamento. — Parece que ela está pronta, — ele murmurou.

— Espero que eu também, — eu sussurrei de volta

De uma forma realmente grandiosa, um arauto chamou a atenção de todos. Houve um silêncio total. Você não conseguia ouvir nem eles respirando. O arauto se afastou da porta.

— Princesa Vasilisa Sabina Rhea Dragomir.

Lissa entrou e, apesar de eu a tê-la visto a menos de meia hora atrás, eu ainda assim perdi o fôlego. Ela estava usando um vestido formal, mas, mais uma vez, sem mangas. Sem dúvida, que o costureiro tinha feito esse ajuste. Ela vestia uma saia longa de seda e camadas de chiffon que se moviam e tremulavam em torno de Lissa enquanto ela caminhava para a frente. A cor de jade era a mesma dos olhos dela, assim como a parte superior da vestimenta, com uma gola coberta de esmeraldas, que davam a ilusão de um colar. Mais esmeraldas cobriam o cinto do vestido, e pulseiras completavam o visual. Seu cabelo estava longo, brilhante, a perfeição da platina, parecia uma aura.

Christian caminhou ao seu lado, um forte contraste com seu cabelo preto e terno escuro. Os costumes foram significativamente modificados hoje, uma vez que normalmente Lissa teria um membro da família a escoltando, mas... bem, ela estava meio que fugindo disso. Até eu tive que admitir que ele estava incrível, e seu orgulho e amor por ela brilhavam em seu rosto, — não importando os sentimentos perturbados que se agitavam dentro dele por causa de Tasha. Lord Ozero, eu lembrei. Tive a sensação de que o título se tornaria cada vez mais importante agora. Ele levou Lissa à base do trono e, em seguida, integrou a delegação Ozero no meio da multidão.

Ekaterina fez um pequeno gesto para uma almofada de cetim grande no chão em frente da escadaria. — Ajoelhe-se. — Houve um breve hesitação da parte de Lissa, que eu acho que só eu notei. Mesmo sem o laço, eu estava tão em sintonia com seu humor e menor ações que eu conseguia notar essas coisas. Os olhos dela tinham ido para Jill. A expressão de Lissa mudou e foi tão estranho não saber os seus sentimentos. Eu poderia fazer alguns palpites. Incerteza. Confusão.

Novamente — a pausa foi apenas um longo momento. Lissa, ajoelhou-se graciosamente espalhando a saia em torno dela, como ela fazia. Ekaterina sempre pareceu tão frágil e enrugada naquela

sala de teste, mas quando ela estava ali com o antigo livro de coroação Moroi, eu podia sentir um poder ainda dentro da ex-rainha.

O livro estava em romeno, mas Ekaterina traduzia facilmente enquanto lia em voz alta, começando com um discurso sobre o que se esperava de uma monarca e, em seguida, indo para os votos que Lissa tinha que jurar.

— Você irá servir? Você irá proteger o seu povo? Você será justa?
— Eram doze ao todo, e Lissa tinha que responder — Eu irei — três vezes para cada um: em Inglês, em russo e em romeno. Não ter o laço para confirmar os seus sentimentos ainda era tão estranho, mas eu podia ver no rosto dela que ela quis dizer cada palavra que ela disse. Quando essa parte acabou, Ekaterina chamou Jill à frente. Desde a última vez que eu a tinha visto, alguém lhe dera a coroa para segurar. Tinha sido ajustada para Lissa, uma obra-prima de ouro branco e amarelo entrelaçado com esmeraldas e diamantes. Ela complementou a sua roupa lindamente, e, notei com um espanto, a de Jill também.

Outra tradição era que o monarca era coroado por um membro da família, e era para isso que Jill tinha sido separada. Eu podia ver suas mãos tremerem enquanto ela colocava a maravilhosa coroa na cabeça de sua irmã, e seus olhares se encontraram por alguns instantes. Um flash de emoções perturbadoras passavam pelos olhos de Lissa mais uma vez, indo embora rapidamente assim que Jill deu um passo atrás e o resto da cerimônia teve precedência.

Ekaterina estendeu a mão para Lissa. — Levante-se, — disse ela. — Você nunca vai se ajoelhar para ninguém novamente. — Segurando as mãos de Lissa, Ekaterina virou de um jeito que ambas ficaram de frente para o resto de nós na sala. Com uma voz surpreendente para seu pequeno corpo, Ekaterina declarou, — Rainha Vasilisa Sabina Rhea Dragomir, primeira de sua família.

Todos na sala, exceto Ekaterina, caíram de joelhos, de cabeça baixa. Apenas alguns segundos se passaram antes que Lissa dissesse:

— Levantem-se. — Eu sabia que isso era deixado a critério dos monarcas. Alguns novos reis e rainhas gostavam de fazer os outros se ajoelharem por um longo tempo.

Em seguida foi a parte da papelada, que todos nós assistimos respeitosamente também. Basicamente, era Lissa assinando um papel que dizia que ela tinha sido feita rainha, enquanto Ekaterina e um casal de testemunhas assinavam um papel que dizia que eles tinham feito Lissa rainha. Três cópias foram feitas no papel ornado da tão amada realeza Moroi. Um deles foi timbrado branco liso, que iria para os alquimistas.

Quando a assinatura foi feita, Lissa tomou seu lugar no trono, e vê-la subir aquelas escadas foi de tirar o fôlego, uma imagem que iria ficar comigo para o resto da minha vida. A sala irrompeu em aplausos e palmas quando ela sentou no trono. Mesmo os guardiões, que normalmente ficavam tão mortalmente sérios, juntaram-se aos aplausos e comemorações. Lissa sorriu para todos, escondendo qualquer que fosse a ansiedade que sentia.

Ela procurou pelo salão, e seu sorriso ampliou quando ela viu Christian. Ela então me procurou. Seu sorriso para ele tinha sido afetuoso, o meu era com um pouco de humor. Eu sorri de volta, imaginando o que ela iria dizer para mim, se pudesse.

— O que é tão engraçado? — Perguntou Dimitri, olhando para mim com ar divertido.

— Eu estou apenas pensando no que Lissa diria se ainda tivéssemos o vínculo.

Em uma contra-ordenação muito ruim do protocolo dos guardiões, ele pegou minha mão e me puxou na direção dele. — E? — perguntou ele, envolvendo-me em um abraço.

— Eu acho que ela perguntaria: *Onde nós fomos nos meter?*

— E qual é a resposta? — Seu calor era tudo ao meu redor, assim como era seu amor, e mais uma vez, eu senti a completude. Eu tinha a peça que faltava em meu mundo novamente de volta. A alma que complementava a minha. Minha alma gêmea. Meu igual. Não só isso,

eu tive a minha vida de volta — minha própria vida. Eu gostaria de proteger Lissa, eu iria servir, mas eu era finalmente a minha própria dona.

— Eu não sei, — eu disse, inclinando-me contra seu peito. — Mas eu acho que vai ser bom.

FIM

[\(Nota 1\)](#) Explosivos.

[\(Nota 2\)](#) Lugar reservado para cadeira de rodas.

[\(Nota 3\)](#) Fedora, também chamado Borsalino, é um tipo de chapéu, ordinariamente em feltro, fabricado no formato do chapéu Panamá, e que fez grande sucesso no século XX, a partir dos anos 20, embora diga-se que tenha sido inventado em meados da década anterior.

[\(Nota 4\)](#) Ligação direta.

[\(Nota 5\)](#) No original, "Keepers".

[\(Nota 6\)](#) Quórum: palavra latina é o número requerido de assistentes a uma sessão de qualquer corpo de deliberação ou parlamentar para que seja possível adaptar uma decisão válida.

Termo latino a indicar o número mínimo de participantes de um determinado evento coletivo, exigência constitucional ou regimental de número mínimo de parlamentares que devem estar presentes para a prática de determinado ato ou que devam se manifestar, em um sentido, a respeito de determina da matéria.

[\(Nota 7\)](#) Amish é um grupo religioso cristão anabaptistas baseado nos Estados Unidos e Canadá. São conhecidos por seus costumes conservadores, como o uso restrito de equipamentos eletrônicos, inclusive telefones e automóveis.

[\(Nota 8\)](#) Loja de animais.

[\(Nota 9\)](#) A Classificação Decimal de Dewey (CDD ou DDC na sigla em inglês, também conhecido como Sistema Decimal de Dewey) é um sistema de classificação documentária desenvolvido por Melvil Dewey (1851–1931) em 1876, e desde então enormemente modificado e expandido ao longo de vinte e duas grandes revisões que ocorreram até 2004.

[\(Nota 10\)](#) Revista de moda.

[\(Nota 11\)](#) Beijado pela sombra, como Rose.

[\(Nota 12\)](#) Se refere a 24horas em 7 dias da semana, ou seja sempre.

[\(Nota 13\)](#) Proteções.